JEAN M. AUEL

OS FILHOS DA TERRA

O VALE DOS CAVALOS

Y

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

Jean M. Auel

Os Filhos da Terra – Vol.2

Digitalização de Digital Source
Formatação de LeYtor

RECORD

Título original norte-americano
THE VALLEY OF HORSES

Copyright (C) 1982 by Jean M. Auel
Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 -20921 Rio de Janeiro, RJ - Tel.: 580-3668 que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 - Rio de Janeiro, RJ 20922
Impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes, Ltda., Rua Frei Luis, 100 - Petrópolis, R.J, com filmes e papel fornecidos pelo editor.

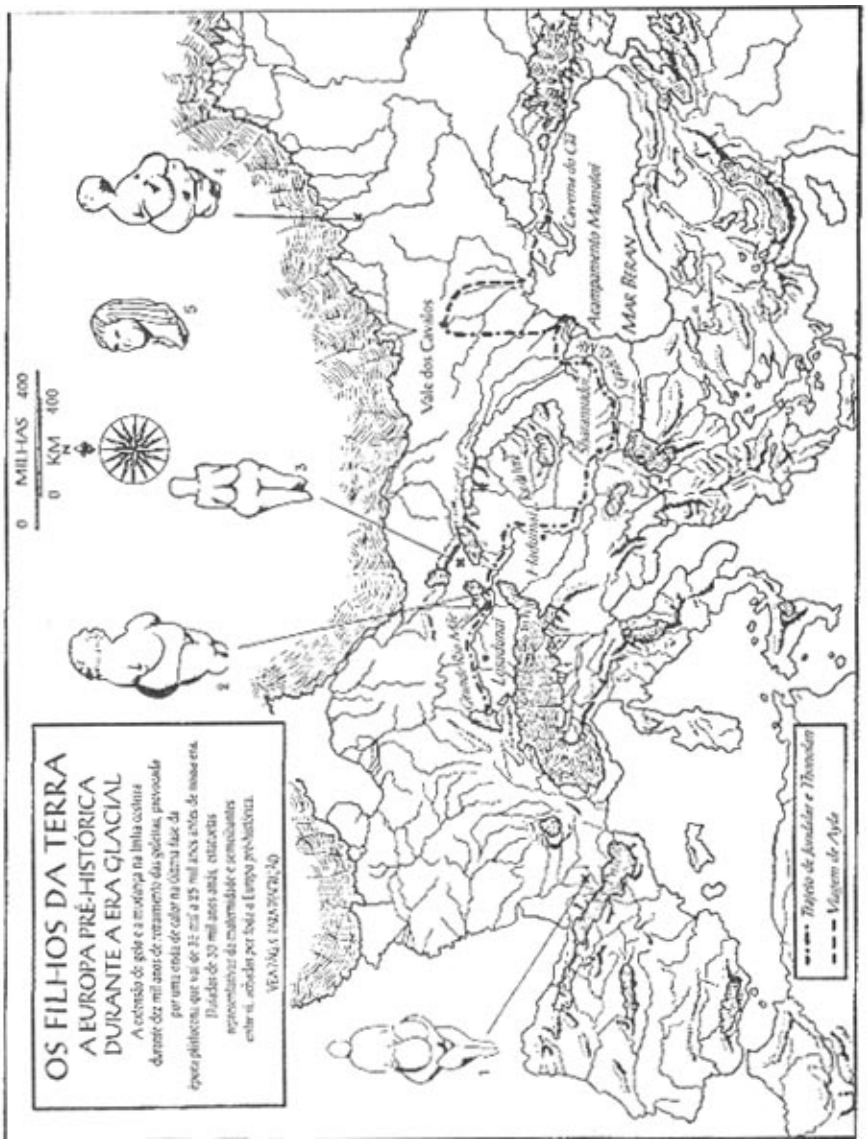
Para Karen,
a primeira a ler o esboço de meus dois livros,
e Àsher
com amor

Agradecimentos

Além dos que se acham citados em Ayla, A Filha das Cavernas, cujos préstimos continuaram sendo de grande valia para este novo volume da série Os Filhos Da Terra – e aos quais permaneço muito grata - devo ainda agradecer:

Ao Dr. Denzel Ferguson e a sua equipe do Malheur Field Station na alta e desértica região das estepes do Oregon central e mais especialmente a um Riggs. Este, dentre várias coisas, mostrou-me como se produz fogo, como se utilizam atiradores de lança, como são tecidas esteiras de palha e lascadas pedras para a fabricação de utensílios e também como comprimir o cérebro de um veado - quem imaginaria isto possível! - para tornar o seu couro numa pele macia e aveludada.

A Doreen Gandy, por sua leitura atenta, acompanhada de valiosos comentários que me fizeram crer na originalidade desta obra. E a Ray Auel, pelo apoio, incentivo e ajuda, para não falar nas pilhas de pratos que teve de lavar.



EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS MOSTRADAS NO MAPA

1. Vênus de Lespugue. Marfim (restaurado). Altura 14,7cm. Encontrada em Lespugue (Haute-Garonne)l, França. Musée de I'Homme, Paris.

2. Vênus de Willendorf. Calcário com traços de ocre vermelho. Altura 11cm. Encontrada em Willendorf, Wachau, Baixa Austria. Naturhistorisches Museum, Viena.

3. Vênus de Vestonice. Cerâmica (com osso). Altura 11,4cm. Encontrada em Doini, Vestonice, Mikulov, Morávia, Tchecoslováquia. Museu da Morávia.

4. Figura feminina. Marfim. Altura 5,8cm. Encontrada em Gagarino, Ucrânia, URSS. Instituto Etnográfico. Leningrado.

5. Dama de Brassempouy. Marfim (fragmento). Altura 3,2cm. Encontrada na Gruta do Papa. Brsssempouy (Landes), França. Musée des Antiquités Nationales, Saint-Germain-en-laye.

Capítulo 1

Ayla estava morta. Pouco importava se a chuva gelada fosse como agulhadas esfolando-lhe a pele. Rajadas violentas chicoteavam a capa de pele de urso contra as suas pernas, enquanto se dobrava sob o vento e apertava com força o capuz de carcaju sob o queixo.

Estariam aquelas árvores lá adiante? Ela se lembrava de ter visto, mais cedo, no horizonte,uma fileira irregular de densa vegetação e desejava ter prestado mais atenção ou que a sua memória fosse tão boa como a das pessoas dos clã Ainda se considerava como uma delas,embora nunca o tivesse sido e agora estivesse morta.

Curvou a cabeça e se inclinou à força do vento. A tempestade que viera ululando do lado norte se abatera de repente e ela procurava desesperadamente por um abrigo. A caverna já ficara bastante atrás e a região lhe era desconhecida. A lua havia completado todo um ciclo de fases desde que partira, mas ainda não tinha idéia para onde estava indo.

Para o norte, para o continente, além da península, era tudo que sabia. Iza dissera-lhe na noite em que morreu, que partisse, pois Broud ao se tornar chefe acharia um meio de feri-la. Iza tinha acertado. Broud conseguira atingi-la muito mais do que se poderia imaginar.

“Não era justo ele ter tirado Durc de mim”, pensou Ayla. “Durc é meu filho e tampouco tinha Broud razão para amaldiçoar-me. Foi ele quem colocou os espíritos enraivecidos e quem provocou o terremoto.” Bom, pelo me nos desta vez ela sabia o que a esperava. Mas tudo aconteceu tão rápido que até mesmo o clã levou algum tempo para compreender e fechar os olhos para ela. Só

não puderam impedir que Durc a visse, apesar de estar morta para todos.

Broud, num rompante de cólera, a amaldiçoara. Quando Brun pela primeira vez a amaldiçoou, havia preparado o espírito das pessoas e ele teve motivos para proceder assim. Era uma coisa que todos sabiam que precisava ser feita; além disso, Brun lhe dera uma chance de viver.

Ela levantou a cabeça e uma rajada gelada fustigou-lhe o rosto. Já anoitecia, dentro de pouco tempo estaria escuro. Sentia os pés dormentes. A neve derretida encharcava-lhe os calçados de couro, apesar de forrados com capim. A vista de um pinheiro baixo e retorcido lhe trouxe algum alívio.

As árvores eram raras nas estepes. Cresciam apenas em lugares com umidade bastante para sustentá-las. Uma fileira dupla de pinheiros, vidoeiros ou salgueiros, que o vento esculpia de forma atarracada e assimétrica, indicava freqüentemente algum curso d'água. Era uma visão agradável, em épocas de seca, numa região com poucos mananciais de água. Quando as tempestades, descendo das grandes geleiras setentrionais, rugiam pelas planícies descampadas, essas árvores ofereciam proteção, ainda que exígua.

Mais alguns passos levaram-na à beira de um rio, na verdade um estreito canal de água correndo entre as margens geladas. Ela se dirigiu para oeste, seguindo rio abaixo, à procura de vegetação mais densa, capaz de lhe oferecer melhor abrigo que os arbustos nas proximidades.

Caminhava devagar e penosamente com o capuz descido sobre o rosto. Subitamente o vento cessou e ela levantou os olhos. A margem oposta achava-se resguardada por uma pequena ribanceira. O capim forrando os calçados pouco adiantava para aquecer os pés quando a água gelada começou a infiltrar-se através

do couro, mas se sentiu contente por se ver livre do vento. O paredão de terra na margem fora cavado, deixando uma furna com uma saliência colmada de raízes entrelaçadas e uma vegetação velha e emaranhada, proporcionando, embaixo, um lugar razoavelmente seco.

Desatou as correias ensopadas que lhe prendiam o cesto às costas, encolheu os ombros deixando-o cair, e pegou em seguida um pesado couro de auroque e um galho forte desprovido de ramas. Armou uma tenda baixa, que fixou com pedras e toras de madeira e o galho na parte da frente sustentando a abertura.

Afrouxou com os dentes as tiras das luvas. Eram duas peças de couro, mais ou menos redondas, forradas de pelúcia e franzidas nos pulsos, com uma abertura na palma, de modo a permitir a passagem do polegar. Os abrigos para os pés eram feitos da mesma maneira, sem a abertura e, com esforço, ela desatou os cordões empapados que os amarravam em volta dos tornozelos. Ao removê-los, teve o cuidado de guardar a palha que se achava dentro.

Colocou a capa de pele de urso no chão dentro da tenda, com a parte molhada para baixo e, por cima, botou a palha úmida, o par de calçados e as luvas. Arrastou-se então para debaixo da barraca, enrolou-se na pele, puxou a cesta para tapar a abertura e ficou esfregando os pés gelados. Quando, por fim, sentiu o seu ninho de peles aquecido, enroscou o corpo e fechou os olhos.

O inverno estertorava os seus últimos bafos gelados, relutante, sem querer abrir caminho à primavera. Mas a nova estação era uma namorada caprichosa. Em meio às sobras do frio glacial, viam-se pequeninos indícios já prometendo apetitosamente o

calor do próximo verão. Uma mudança repentina no tempo trouxe durante a noite nova tempestade.

Ayla acordou com os reflexos de um sol deslumbrante, cintilando nas manchas de neve e gelo ao longo das margens e sob um radioso céu extremamente azul. Nesgas de nuvens corriam em direção ao sul. Arrastou-se para fora da tenda e correu descalça até a beirada da água, levando o odre. Ignorando o frio, encheu-o, tomou um grande gole e correu de volta. Depois de aliviar-se, tornou a meter-se dentro de sua pele para aquecer-se.

Mas não pôde permanecer quieta por muito tempo. Passado o perigo da tempestade, estava ansiosa para sair e ir ao encontro do sol. Vestiu os calçados, secos com o calor do corpo, e amarrou a pele de urso por cima da roupa de couro com que dormira. Retirou da cesta um pedaço de carne seca e guardou a tenda e as luvas, para então retomar a sua caminhada, mastigando o naco de carne.

O curso do riacho seguia quase reto, descendo suavemente por uma colina e era fácil o caminhar. Murmurava baixinho uma cantilena desafinada, enquanto olhava algumas manchas verdes nos arbustos próximos à margem. Vez ou outra, uma florzinha, metendo corajosamente a sua cara através dos flocos de neve, a fazia sorrir. Um bloco de gelo se desprendeu, caindo perto. Por algum tempo acompanhou-o com o olhar, até que ele sumisse, levado pela correnteza.

Quando ela saiu da caverna, a primavera já havia começado na extremidade sul da península, mas a temperatura lá era mais quente, fazendo com que a estação se iniciasse com certa antecedência. A cadeia de montanhas representava uma barreira para as ventanias inclementes, e as brisas, vindas do mar interno, além de aquecer, irrigavam a estreita faixa litorânea e as

vertentes voltadas para o sul, proporcionando à região um clima temperado.

O terreno na planície era mais frio. Havia contornado a extremidade oriental da cordilheira, mas na medida em que ia atravessando os descampados — rumo ao norte —, a estação também avançava no mesmo passo. Parecia que a temperatura era sempre aquela de um princípio de primavera, jamais esquentando-se.

Os gritos esganiçados das aves marinhas atraíram-lhe a atenção. Olhou para o alto, vendo uma quantidade de pássaros, parecidos com gaivotas, com as suas asas distendidas, num vôo de voltas doces e tranqüilas. “O mar deve estar perto”, pensou. “Está na época dos pássaros fazerem os seus ninhos... isso significa que vou ter alguns ovos. “Resolveu apressar o passo. “... E também bons mexilhões agarrados nas pedras... mariscos, lapas e algumas poças cheias de anêmonas.”

O sol se achava quase a prumo no céu, quando ela chegou a uma baía bem resguardada que era formada pela costa sul do continente e pelo flanco noroeste da península. Havia finalmente alcançado a larga passagem que ligava o pontal ao continente.

Desvencilhando-se da cesta, subiu por uma encosta escarpada que dominava a paisagem. Do lado do mar, as ressacas haviam esculpido blocos dentados no maciço paredão rochoso. Um bando de andorinhas e pombos estrilou raivoso quando ela roubou-lhe os ovos, quebrando-os e engolindo-os, ainda quentes do calor dos ninhos. Antes de descer, enfiou mais alguns numa dobra de sua roupa.

Na praia, retirou os calçados e foi até a rebentação para limpar a areia dos mexilhões apanhados nas pedras ao nível do mar. Em seguida, se dirigiu às poças, deixadas pelas vazantes das marés, para catar as anêmonas, que acolheram as suas pétalas de mentira ao se sentirem tocadas. As anêmonas da região, entretanto,

tinham cor e forma diferentes das que conhecia, por isso resolveu deixá-las e completar o seu almoço com alguns mariscos que se achavam na superfície, num ponto onde a praia fazia uma ligeira depressão. Não acendeu nenhuma fogueira, preferiu saborear ao natural as dádivas que o mar punha à sua disposição.

Depois de se ter fartado de ovos e frutos do mar, descansou por algum tempo no sopé do rochedo e voltou a escalá-lo novamente, querendo obter uma melhor visão da costa e da terra firme. Chegando ao topo, sentou-se, contornando os joelhos com os braços e se pôs a olhar a paisagem que se estendia para além da baía. O vento lhe batia no rosto, trazendo o aroma da vida copiosa desenvolvendo-se nas profundezas das águas.

A costa meridional do continente fazia uma curva suave que levava na direção oeste. Por trás de uma pequena fileira de árvores, ela pôde enxergar uma vasta planície que não apresentava muita diferença da fria pradaria da península, mas não percebeu o menor sinal de habitação humana.

“Bom, aí estão”, disse a si mesma, “as terras que se acham para além da península. E agora, Iza, para onde eu vou? Você disse que os Outros se encontravam aqui, mas não estou vendo qualquer indício de gente.” Enquanto observava a vastidão das terras inteiramente desabitadas, os seus pensamentos voltaram para a pavorosa noite em que Iza morreu, há três anos atrás.

- Você não é dos clãs, Ayla. Você nasceu dos Outros e pertence a eles. Você tem de ir embora, minha filha. Precisa encontrar o seu povo.

- Ir embora! Mas para onde eu iria, Iza? Eu não conheço ninguém dos Outros. Nem sei onde iria procurá-los.

- No norte, Ayla. Vá para o norte. Há muitos deles no norte daqui... no continente,passando a península. Você não pode ficar no clã. Broud vai achar um jeito de

fazer mal a você. Vá embora e encontre os Outros, menina. Encontre a sua gente e um companheiro para você.

Ela não fora embora naquela ocasião. Não conseguira. Bom, e agora era a única coisa que podia fazer. Precisava encontrar os Outros. Não havia ninguém mais e ela estava impedida para sempre de voltar. Nunca mais tornaria a ver o seu filho.

As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Até agora ainda não tinha chorado. Quando partiu, a sua vida estava em jogo e a dor era um luxo que não se podia permitir. Mas uma vez abarreira das lágrimas rompida, não conseguiu mais conter-se.

- Durc... meu bebê - soluçava com o rosto enterrado nas mãos. - Por que Broud foi tirá-lo de mim?

Ela chorava pelo filho, pelo clã que deixara para trás e por Iza, a única mãe que se lembrava de ter tido. E chorava também por se ver sozinha e com medo do mundo desconhecido que a aguardava. Mas não chorou por Creb que a amara como se ela lhe pertencesse. Ainda não chegara o tempo. A dor era muito recente e ela não estava pronta para suportá-la.

Quando as lágrimas se esgotaram, percebeu-se olhando fixamente para a rebentação muito lá embaixo, a uma grande distância. As ondas se quebravam, atirando ao alto jatos de espuma para depois fazer torvelinhos ao redor das pedras escarpadas.

Seria tão fácil...

“Não!”, pensou, pondo-se de pé. “Eu disse a Broud que ele poderia tirar o meu filho, que poderia obrigar-me a partir e a lançar sobre mim a maldição de morte, mas que jamais ele poderia me obrigar a morrer!”

Ela sentia na boca o gosto do sal e um meio sorriso passou-lhe pelo rosto. As suas lágrimas sempre haviam preocupado Iza e Creb. Os olhos das pessoas dos clãs

não vertiam água, anão ser que estivessem doentes. Os de Durc também não. Ele se parecia muito com ela, inclusive fazia os sons com a boca que ela podia emitir, mas os seus olhos castanhos eram da raça clânica.

Rapidamente tornou a descer, e enquanto suspendia a cesta nas costas, ainda pensava no problema de seus olhos. Seriam fracos? Ou os Outros teriam também olhos que aguavam? Depois um novo pensamento bateu-lhe na mente: precisava encontrar a sua gente, encontrar o seu companheiro.

Ela se pôs a seguir a costa que rumava para oeste, passando por diversos riachos e canais que iam ter no mar interno, até que por fim chegou às margens de um grande rio. Pegou, então, o rumo para o norte, passando a acompanhar aquele curso de água forte e caudaloso dirigindo-se para o interior do continente. Procurava por um ponto onde desse para atravessá-lo. No caminho, encontrou uma fileira de pinheiros e lanços de beira de praia, formando um bosque de árvores anãs, onde vez por outra surgia alguma de porte gigantesco, dominando as companheiras raquíticas.

Cada vez mais ansiosa com o passar dos dias, seguia todos os meandros do curso, acompanhando cada uma de suas curvas ou desvios. O no a estava trazendo de volta na direção do oriente, mais ou menos no rumo nordeste. Não queria ir naquela direção. Havia clãs que caçavam na parte oriental da península. Na sua jornada para o norte, o plano era pegar o rumo do oeste. Não queria correr o risco de encontrar alguém dos clãs, ainda mais com uma maldição de morte pesando sobre ela. Precisava achar uma maneira de cruzar aquelas águas.

Quando o rio repartiu-se em dois canais, separados por uma ilha, juncada de pedregulhos e com alguns arbustos colando-se às rochas da praia, resolveu arriscar

a travessia. Alguns grandes blocos de pedra no canal, do outro lado da ilha, lhe davam a esperança de que aquele ponto fosse suficiente mente raso para poder atravessar. Ela era boa nadadora, mas não queria ter a sua cesta e roupas molhadas. Levaria muito tempo depois para secar e as noites ainda estavam frias.

Andava de lá para cá na margem, observando a velocidade das correntezas. Por fim, achou que sabia onde era menor a profundidade. Tirou a roupa, empilhou tudo sobre o cesto, que suspendeu por cima da cabeça, e entrou na água. As pedras sob os pés eram escorregadias e a correnteza ameaçava o seu equilíbrio. A água batia-lhe pela cintura quando estava a meio caminho do primeiro canal, mas conseguiu sem maiores dificuldades alcançar a ilha. O segundo canal era mais largo. Não tinha muita certeza se conseguiria cruzá-lo. Já havia, no entanto, feito a metade da travessia e não desejava naquele ponto desistir.

Passou mais da metade, quando o rio se aprofundou e ela ficou com a água batendo à altura do pescoço e andando nas pontas dos pés. A cesta, ela a mantinha levantada por cima da cabeça.

Subitamente, faltou o chão, a cabeça balançou e ela, sem querer, engoliu um pouco de água. Logo depois, já não dava mais pé e teve de apoiar a cesta sobre a cabeça, segurando-a com uma das mãos, enquanto a outra procurava impulsionar o corpo na direção da margem oposta. Por um instante, a correnteza a arrastou, mas logo sentiu o fundo de pedras sob os pés, e momentos depois já estava caminhando na margem.

Deixando o rio para trás, Ayla pôs-se novamente a caminhar pelas estepes. Como os dias de sol eram em maior número que os de chuva, o verão acabou impondo-se e passando à frente dela na marcha rumo ao norte. Os brotos nas árvores e arbustos transformaram-se em folhas e os galhos e ramos nos pinheiros expunham

agora as suas folhas tenras, num tom ainda verde-claro. Enquanto caminhava ia apanhando-as para mastigar. Gostava de sentir o seu sabor ligeiramente amargo.

Ela caíra na rotina de viajar durante todo o dia, até o anoitecer, quando então procurava algum córrego ou riacho para acampar por perto. A água era ainda abundante na região.Tanto as chuvas de primavera como o degelo nos terrenos mais ao norte estavam fazendo os riachos transbordar, enchendo as bacias e valas que posteriormente seriam fossos secos ou, na melhor das hipóteses, pobres córregos lamacentos. A fartura de água era passageira. A umidade rapidamente seria absorvida, mas antes dando tempo para a planície florescer.

Praticamente da noite para o dia a terra cobria-se de flores nos tons mais variados: amarelo,branco, púrpura. O azulão e o vermelho forte existiam, mas em menor quantidade. Vistas a distância, as cores misturavam-se ao verde, predominantemente claro, da relva recém-brotada. Ayla se encantava com a beleza da estação; a primavera sempre fora a época do ano de que mais gostava.

Com a planície regurgitando de vida, ela passou a depender menos do parco suprimento que trouxera consigo, começando a retirar, cada vez mais, o seu sustento da terra. Isso em nada atrasava a sua marcha. Todas as mulheres dos clãs, quando em viagem, sabiam como coletar - folhas de sílex, ela limpou um galho forte de suas folhas e brotos e lhe aguçou uma das extremidades, de modo a usá-lo como pau para rapidamente cavar da terra as raízes e bulbos. Coletar era fácil. Não tinha ninguém para alimentar, a não ser ela própria.

Ayla, entretanto, levava uma vantagem sobre as outras mulheres dos clãs. Ela caçava. De fato, só com funda, mas até os homens - uma vez aceita a idéia de

uma mulher caçadora - eram unânimes em admitir não haver ninguém melhor do clã com uma funda do que ela. Aprendera a atirar sozinha e a sua destreza com a arma lhe custara caro.

Com o reverdecer da relva e o despontar dos brotos, os esquilos, hamsters gigantes,coelhos, lebres e grandes gerbos foram atraídos para fora de suas tocas de inverno. Ayla voltou novamente a usar a sua funda, guardada na correia que mantinha a roupa fechada em seu corpo. O pau de cavar também era trazido enfiado na mesma correia; já a sacola de remédios, ela a pendurava no cinto que amarrava a roupa interior.

A comida era farta, já a lenha e o fogo eram mais difíceis de ser obtidos. Contudo, dava para acender uma fogueira. Em geral, havia mato e pequenas árvores que conseguiram sobreviver ao longo dos riachos sazonais, onde quase sempre também se achavam galhos espalhados pelo chão. Quando acontecia de encontrar madeira seca ou estrume, ela os recolhia. Mas nem todas as noites acendia a fogueira. Muitas vezes não dispunha de material adequado, que estava verde ou molhado, ou porque se sentisse cansada e não quisesse se dar ao trabalho.

De qualquer modo, não gostava de dormir ao ar livre sem a proteção de uma fogueira. A imensa planície alimentava grande quantidade de animais de pastagem que, por sua vez, eram presas dos caçadores de quatro patas. Com o fogo, ela mantinha a bicharada a distância. Quando estavam em viagem, era costume nos clãs um homem de alta posição social carregar uma brasa, de modo a dar partida no fogo nos lugares em que paravam, mas não havia lhe ocorrido trazer o material necessário à fabricação de fogo e, agora, lembrando-se, perguntava-se por que não pensara nisso antes. Só com um pau e uma tábua para servir de base era difícil fazer fogo, sobretudo se as acendalhas estivessem verdes ou

úmidas. Quando encontrou um esqueleto de auroque, achou que os seus problemas estavam solucionados.

A lua havia passado por outro ciclo de fases e a primavera chuvosa começava a esquentar, já num clima de princípio de verão. Ela ainda continuava caminhando pela planície litorânea que fazia uma suave descida na direção do mar interno. Vasas levadas pelas enchentes da estação formavam freqüentemente vastos estuários, parcial ou completamente fechados por bancos de areia que os transformavam em lagos e lagunas salobras.

Ela havia acampado numa região seca. Ao retomar a caminhada na manhã seguinte, com o sol já alto no céu, deu com um lago. O aspecto era de água estagnada, insalubre, mas o seu odre estava quase vazio. Resolveu assim mesmo tentar. Mergulhou a mão, colheu uma amostra, mas logo cuspiu. A água estava podre e teve de tomar um gole de seu odre para lavar a boca.

“Imagino que aquele auroque tenha bebido dessa água”, disse para si mesma, olhando para a carcaça de ossos esbranquiçados e a caveira com chifres compridos e afunilados. Deixou então, para trás, a lagoa em meio à lúgubre paisagem, mas o pensamento continuou voltado para a ossada branca. A caveira com os seus chifres compridos não lhe saía da mente, aqueles cornos curvos e ocos...

Quase de tarde, fez uma parada perto de um riacho, resolvida a acender uma fogueira para assar o coelho que caçara. Sentada sob o sol quente e girando um pauzinho nas palmas das mãos contra uma tábua, pensava em Grod, desejando que ele surgisse ali com o seu carvão aceso.

De repente, ficou de pé, meteu o pauzinho, a tábua e o coelho no cesto e voltou correndo pelo caminho. Chegando ao lago, olhou para o crânio do auroque. Grod sempre levava um carvão aceso acondicionado em musgos e liquens dentro de um chifre de auroque. Se

tivesse um, ela também poderia carregar fogo para onde quer que fosse.

Dando puxões no chifre para arrancá-lo, sentia um certo peso na consciência. Às mulheres dos clãs não transportavam fogo. Isso não era permitido. “Mas, se não for eu, quem irá carregar fogo para mim?”, pensou, dando um safanão forte e desprendendo o chifre. Em seguida, foi embora depressa, como se o simples pensamento da coisa proibida fosse capaz de fazer surgir uma multidão de olhares reprovadores.

Houve épocas em que a sobrevivência dependera da adaptação a um modo de vida estranho à sua natureza. Agora, dependia de sua capacidade de superar os condicionamentos da infância e pensar por si mesma. O chifre de auroque foi apenas o primeiro passo na busca da sobrevivência.

No entanto, transportar fogo dava mais trabalho do que imaginara. Pela manhã, procurou por musgos secos para enrolar o carvão. Mas essa coisa, que não tinha a menor dificuldade em encontrar nos terrenos bem reflorestados da caverna, não existia nos campos abertos e secos. Por fim, resolveu que tinha de contentar-se com capim. Para sua tristeza, o carvão estava apagado quando foi novamente sentar o seu acampamento. Sabia que era possível reavivar uma brasa. Estava acostumada a abafar as fogueiras para que estas durassem a noite inteira. O conhecimento, ela o possuía, mas foram precisos muitos carvões apagado se muitas tentativas, até que descobrisse o jeito de preservar o fogo e carregá-lo de um acampamento para outro. O chifre de auroque também ia amarrado na correia em sua cintura.

Ayla sempre acabava descobrindo meios de cruzar a pé os riachos que lhe atravessavam pelo caminho. No entanto, o rio com que agora se defrontava era extremamente largo. Era preciso encontrar alguma

outra solução. Há dias o vinha seguindo na contracorrente. O curso, porém, dobrava, indo de volta para o nordeste e jamais a largura entre as margens diminuía.

Embora acreditasse estar fora dos territórios freqüentados pelos clã não desejava pegar o rumo do leste. Isso significava voltar para eles. Não podia regressar, não queria ir naquela direção e tampouco podia ficar acampa da ao lado do rio, em pleno campo aberto. Tinha de atravessar, não lhe restava nenhuma outra alternativa.

Achava que poderia conseguir - sempre fora boa nadadora - mas não com uma cesta sobre a cabeça, onde carregava todos os seus objetos neste mundo. Os seus preciosos bens, esse era o problema.

Havia armado uma pequena fogueira e se sentou ao lado, abrigada por uma árvore caída, cujos galhos desfolhados se banhavam na água. O sol da tarde cintilava no fluxo rápido e constante das correntezas. De vez em quando, passavam boiando alguns detritos. A cena fazia-a lembrar do riacho que corria perto da caverna e que ia desembocar no mar interno, onde faziam as suas pescarias de esturjões e salmões. Sentia prazer em nadar naquelas ocasiões, apesar de Iza ficar preocupada. Ela não se lembrava de como havia aprendido a nadar, parecia-lhe que era uma coisa que sempre soubera fazer.

“Não podia entender por que ninguém, a não ser eu, gostava de na dar”, disse consigo. “As pessoas me achavam esquisita por isso... bom, até o dia em que Ona quase morreu afogada.”

Lembrava-se de que todo mundo, então, tinha ficado agradecido a ela por ter salvo a vida da garota. Brun, inclusive, chegou a ajudá-la a sair da água. Naquele dia, teve a grata sensação de se ver acolhida como se de fato fizesse parte do clã. Então, não

importaram pernas longas e retas, corpo es guio, cabelos louros, olhos azuis e testa alta. Depois disso, algumas pessoas no clã resolveram aprender a nadar, mas não conseguiam boiar direito e ficavam com muito medo quando perdiam o pé dentro da água.

“Será que Durc conseguiria aprender? Ele nunca foi tão pesado como os bebês dos clãs. Também nunca será tão musculoso quanto a maioria dos homens. Acho que conseguirá.

“Mas, quem iria ensinar? Eu não estou lá e Uba não sabe. Ela cuidará de Durc e gosta tanto dele quanto eu, só que não sabe nadar. Brun também não. Caçar sim, isso ele pode ensinar. E também poderá protegê-lo. Não irá deixar Broud fazer mal ao meu filho. Ele prometeu... mesmo naquele mo mento em que era obrigado a não me enxergar. Brun foi um bom chefe, mui to diferente de Broud...

“Será que Durc começou a se formar dentro de mim por causa de Broud?” Ela estremeceu com a lembrança de Broud forçando-a. “Iza havia dito que os homens só faziam aquilo com mulheres de que gostavam, mas Broud fez comigo porque ele sabia o quanto eu detestava a coisa. Todo mundo diz que são os espíritos dos totens que geram os bebês. Mas nenhum homem tinha um totem com força bastante para derrotar o meu Leão da Caverna. Eu só fiquei grávida depois que Broud começou a me forçar e todos ficaram muito admirados. Ninguém podia imaginar que eu fosse ter um bebê...

“Gostaria de poder ver Durc crescido. Ele já é bem alto para a sua ida de. Nisso, me puxou. Irá ser o homem mais alto do clã. Tenho certeza de que.

- “Não! Não estou certa de nada. Só sei que jamais voltarei a ver Durc.

“Pare de pensar nele”, ordenou-se, enxugando uma lágrima. Em segui da, se levantou e caminhou até

abeirada da água. “De nada adianta pensar nele e não será isso que me vai ajudar a atravessar o rio.”

Achava-se tão distraída com os seus pensamentos que nem notara uma tora parecida a uma forquilha boiando perto da margem. Com os olhos fixos e indiferentes olhava os galhos da árvore caída aprisionarem no emaranhado de suas ramas o tronco que por longos momentos ficou dando encontrões e lutando para desvencilhar-se. Quando por fim teve a atenção despertada, as possibilidades de uma tora como aquela surgiram-lhe diante dos olhos.

Ela foi até o banco de areia e arrastou a tora para a margem. Era a par te de cima do tronco de uma árvore de porte avantajado que devia ter sido recentemente partido pela enchente do rio, em algum ponto perto da cabeceira. A madeira ainda não se achava muito encharcada.Com uma machadinha que guardava numa dobra de sua roupa, ela podou o galho maior da forquilha, de modo a igualá-lo com o outro, e depois limpou-os das ramas menores,deixando dois tocos relativamente compridos.

Após dar uma olhada rápida a sua volta, se dirigiu a um grupo de vidoeiros que tinham os seus galhos revestidos de cipós. Com um puxão forte, conseguiu desprender uma corda comprida e resistente. Enquanto voltava foi arrancando as folhas. Estendeu no chão o pano de couro que carregava na cesta. Já era tempo de fazer o inventário de seus pertences e dar uma nova arrumação na cesta.

Por baixo de tudo, botou as perneiras e as luvas, junto com a roupa forrada de pele, já que agora usava o traje de verão. Até a chegada do inverno não iria precisar dessas coisas. Por um momento, ficou parada. Onde será que ela estaria no inverno? perguntou-se. Bom, não iria preocupar-se com isso agora. Quando pegou a manta de couro macio que usava para firmar

Durc em seus quadris, ficou novamente parada por alguns instantes. Ela não precisava da manta. Não era uma peça necessária à sua sobrevivência. Só a trouxe porque era uma coisa que havia estado em íntimo contato com ele. Ela encostou o couro no rosto, depois dobrou-o com cuidado, tornando a guardá-lo na cesta. Por cima, botou as tiras de couro absorvente que trouxera para usar durante as menstruações. Em seguida, guardou o par extra de calçados. Estava andando descalça, mas quando chovia ou fazia frio, punha um outro, já velho e bastante gasto. Fora uma boa coisa ter trazido dois pares.

O próximo passo foi fazer o levantamento da comida de que dispunha. Ainda havia um pote com açúcar de ácer. Ela abriu e botou um torrão na boca. Será que algum dia ainda comeria açúcar quando este tivesse acabado? Era o que se perguntava.

Ainda dispunha de uma certa quantidade de bolos de viagem, daqueles que os homens levavam em suas caçadas e feitos de farinha de carne seca, misturada com gordura derretida e frutas secas. A lembrança de um bom toucinho gordo botou-lhe a boca cheia de água. Os animais que matava tinham poucas partes gordas. Se não fossem os legumes e verduras que colhia, acabaria aos poucos morrendo de fome com um regime quase exclusivamente à base de proteínas. Gordura e carboidratos são de certa forma necessários.

Meteu os bolos de viagem na cesta, resistindo à tentação de comer um. Ficariam para ocasiões mais prementes. Depois guardou algumas tiras de carne seca - duras como couro, mas nutritivas - umas tantas maçãs, um punhado de avelãs, algumas sacolas com cereais provindos das planícies perto da caverna, e atirou fora uma raiz podre. Por cima da comida, botou uma cuia e uma bacia, o capuz de carcaju e os calçados velhos.

Desatou da correia de sua cintura a sacola de remédios e esfregou-a, limpando o pêlo lustroso e impermeável do couro de lontra, sentindo sob os dedos os ossos do rabo e dos pés. O cordão que fechava a sacola era enfia do ao redor da abertura do pescoço, e a cabeça do bicho, singularmente chata, fora deixada presa atrás do pescoço, como uma aba que servia de tampa. A sacola tinha sido feita por Iza, que lhe deu quando ela se tornou a curandeira do clã. Era um legado de mãe para filha.

Pela primeira vez, então, depois de muitos anos, Ayla recordou-se de outra sacola de medicamentos, também feita por Iza, a que Creb queimou quando ela recebeu a sua primeira maldição. Brun fora, naquela ocasião, obrigado a amaldiçoá-la. As mulheres são proibidas de pegar em armas e ela, já há tempos, vinha atirando com uma funda. Brun, no entanto, havia permitido a sua volta. Era uma chance que ele lhe dava no caso de que ela sobrevivesse. "Talvez ele tenha me dado muito mais chance do que imagina", pensou. "Não sei se ainda estaria viva se não tivesse aprendido o quanto uma maldição de morte faz a pessoa ter vontade de realmente viver. Se não fosse por Durc, acho que da primeira vez foi mais duro. Quando vi Creb queimando tudo que era meu, a minha vontade era de morrer."

Até então, ela ainda não tinha podido pensar em Creb. A dor era muito recente e o sofrimento ainda bastante vivo. Havia amado igualmente os dois: o velho feiticeiro e Iza. Creb e Brun eram ambos germanos de Iza. Como tivera um braço amputado e possuísse só um olho, Creb jamais caçara em sua vida, mas assim mesmo foi o homem mais reverenciado de todos os clãs. Ele era o Mogur, temido e respeitado - com o seu rosto marcado por cicatrizes e a falta do olho - capaz de inspirar medo ao mais corajoso dos caçadores. Ayla, entretanto, conhecia o lado gentil de sua natureza.

Creb a tinha protegido, olhado por ela e a amado como a filha da companheira que nunca teve. No caso de Iza, ela tivera tempo para acostumar-se com a idéia de sua morte, acontecida há três anos atrás, e quanto a Durc, embora sofresse com a separação, sabia que ele estava vivo. Mas por Creb ainda não chorara. Subitamente, toda a dor que vinha guardando no peito, desde o terremoto que o matara, explodiu e gritou alto o seu nome.

- Creb! Oh, Creb, por que você foi entrar na caverna? Por que teve de morrer?

Era um soluçar forte que abafava com a sacola de pele de lontra. Então, vindo lá do fundo de seu ser, subiu-lhe à garganta uma lamúria aguda e sentida que a ninava, embalando-lhe a angústia, a dor e o desespero. Mas, ali, não havia uma pessoa querida para se juntar ao seu pranto e solidarizar-se com a sua desgraça. Sofria sozinha e sofria por estar só.

Quando, por fim, cessaram os lamentos, se sentia esgotada, mas aliviada. Passado algum tempo, foi até o rio e lavou o rosto. Em seguida, meteu a sacola de medicamentos na cesta. Não precisava vistoriar o seu conteúdo, pois sabia exatamente o que havia dentro.

Passou a mão na madeira de cavar, mas subitamente a atirou longe. No lugar da dor surgiu a raiva que fortalecia o seu espírito de determinação. “Não! Broud não me fará morrer.”

Respirou fundo e se obrigou a continuar a arrumar a cesta. Jogou no seu interior o chifre de auroque e os materiais que usava como acendalhas. A medida seguinte foi esvaziar as dobras da sua roupa, retirando uma série de ferramentas e pedras que lá guardava. De uma das dobras, sacou uma pedra redonda que atirou ao alto e tomou a pegar. Qualquer pedra de certo tamanho servia para ser lançada com funda, mas a

pontaria se fazia com maior precisão quando as pedras eram redondas e lisas. Guardou as poucas que tinha.

O próximo objeto foi a funda, uma tira de couro de veado, com um bojo no meio, onde se firmava a pedra e com as extremidades em ponta que, no caso, estavam já retorcidas pelo uso. Guardou-a, pois isso estava fora de qual quer cogitação. Por fim, desatou um comprido cordão de couro que se enredava pela sua vestimenta de pele de camurça, de modo a produzir as muitas dobras onde carregava coisas. A roupa se desmontou e ela ficou nua, apenas com um saquinho pendurando-se num cordão passado ao redor do pescoço. Era o seu amuleto. Com um ligeiro calafrio, ela o retirou pela cabeça. Sentia-se mais nua sem o amuleto do que sem a roupa. Os pequeninos objetos duros que levava dentro do saquinho lhe davam confiança.

Bom, ali se achava a soma total de seus bens. Tudo quanto precisava para sobreviver: os seus utensílios e mais conhecimento, capacidade, experiência, força de vontade, inteligência e coragem.

Rapidamente, enrolou na roupa o amuleto e as ferramentas, colocando tudo dentro da cesta,

que embrulhou na pele de urso e amarrou com o cordão comprido tirado da vestimenta. Para completar, envolveu a trouxa com o couro de auroque da barraca, a qual, com o cipó, atou à tora em forma de for quilha.

Por alguns momentos, ficou olhando para o rio, pensando no seu totem, depois chutou areia para cima da fogueira e meteu a tora, com o seu precioso patrimônio no rio, a jusante da galhada da árvore. Alojando-se na extremidade da forquilha, ela agarrou os dois tocos da frente e se lançou com a sua jangada às águas, ainda geladas do degelo. Ofegando, quase sem poder respirar, o seu corpo foi ficando insensível, à medida que se acostumava com a temperatura. A correnteza apoderou-se da tora, tentando cumprir a sua

missão de levá-la ao mar. As ondas a sacudiam, mas os dois galhos da forquilha não a deixavam virar. Batendo vigorosamente com os pés, Ayla valia-se de todas as suas forças na tentativa de varar as correntezas e dirigir-se para a margem oposta.

O avanço era de uma lentidão angustiante. Cada vez que ela olhava para o outro lado do rio, estava mais distante do que supunha. A sua velocidade era muito maior no sentido do rio abaixo do que no da margem pretendida. O rio a carregava para um ponto muito distante daquele que pensava iria aportar. Sentia-se cansada e o frio abaixava perigosamente a temperatura de seu corpo. Ela tremia. Os músculos doíam. Era como se fosse ficar eternamente batendo pernas com pedras atadas aos seus pés.

Exausta, ela acabou se rendendo à força inexorável da correnteza. O rio passou, então a ter o comando das ações, arrastando-a de volta na direção da corrente, com ela desesperada, agarrando-se aos dois tocos, sem conseguir manter o controle de seu arremedo de jangada.

À frente, o curso do rio mudava. Deixava de seguir na direção sul para fazer uma curva abrupta e pegar o rumo oeste, contornando uma ponta de terra. Ela já havia percorrido três quartos do percurso, através da torrente vertiginosa, até que se deixou vencer pelo cansaço. Mas, então, avistando a praia rochosa do outro lado, numa atitude de firme determinação, voltou outra vez a ter o controle da situação.

Lutava para continuar batendo as pernas e chegar em terra, antes que o curso fizesse a volta. Ia com os olhos fechados, inteiramente concentrada nas batidas, até que, de repente, foi despertada por um solavanco e sentiu que o tronco raspava contra o chão, parando.

Ela não conseguia mexer-se. Meio submersa, deixou-se ficar deitada, com as mãos agarradas aos dois tocos. Nisso, uma violenta onda veio desprender a tora das pedras, enchendo-a de pânico. Foi, então, que se obrigou a ficar de joelhos e a empurrar o tronco, até conseguir encalhá-lo na praia. Feito isso, voltou ao rio.

Era-lhe impossível permanecer dentro da água por muito tempo. Tremendo convulsivamente, engatinhou até o banco de areia para tentar desatar os nós do cipó que, depois de muita peleja, acabaram soltando-se. Com as mãos tremendo, arrastou a trouxa na direção da praia. Os nós da correia ainda mostravam-se mais difíceis de serem desatados.

A providência veio em seu socorro. A tira de couro desgastara-se num determinado ponto, permitindo que ela a arrebentasse e pusesse a cesta de lado. Apanhou então a pele de urso, enrolando-a no corpo. Quando final mente parou de tremer, já estava dormindo.

Após a perigosa travessia, ela tomou a direção norte, desviando-se ligeiramente para o ocidente. Os dias de verão iam esquentando, enquanto ela batia os terrenos das estepes à procura de algum indício de vida humana. As flores que haviam abrilhantado a curta primavera murcharam e o pasto, agora, chegava à altura da cintura.

A sua alimentação se viu acrescida de alfafa, trevo e o amendoim, ligeiramente adocicado e rico em amido, que encontrava seguindo o rastro de suas ramas espalhadas pela superfície. Os astrágalos, além das raízes, a presenteavam com as vagens cheias de suas sementes verdes e ovaladas, e ela não tinha a menor dificuldade em distinguir as variedades comestíveis das outras venenosas. O tempo do florescimento dos hemerocales passou, mas as suas raízes continuavam tenras e suculentas. Algumas groselhas baixas

amadurecidas precocemente, começavam a mudar de cor e havia sempre verduras frescas; mostardas, urtigas e diferentes variedades de quenopódios.

Não faltavam alvos para a sua funda. A planície estava repleta de castores, esquilos, grandes gerbos, lebres marrons - no inverno brancas - e ocasionalmente algum hamster gigante, um animal onívoro, caçador de ratos. Os galináceos de vôo rasteiro e as perdizes constituíam-se num banquete especial. Ayla, entretanto, jamais conseguia comer uma ptármiga sem se lembrar de que essa ave gorducha, de plumagem nos pés, era a favorita de Creb.

Mas esses eram animais pequenos. Havia outros que também se regalavam com a magnificência da planície no verão. Ela via extensas manadas de cervos: gamos vermelhos, renas e os gigantescos veados de enormes galhadas; bandos compactos de cavalos e de onagros - um e outro muito parecidos; imensos bisões e, de vez em quando, uma família inteira de antílopes-saigas cruzava-lhe o caminho. O gado selvagem de couro marrom-avermelhado - com touros atingindo dois metros de altura - vinha acompanhado dos bezerros, nascidos na primavera e mamando nos volumosos úberes das vacas. A boca de Ayla enchia-se de água pensando no gosto da carne tenra dos bichinhos ainda alimentados a leite. Mas a sua funda não era arma para matar auroques. Um bando de mamutes lanosos passou na sua habitual romaria ao norte e uma falange de bois almiscarados, com as crias na retaguarda, enfrentava galhardamente uma alcatéia de lobos. Muito cautelosamente, ela evitou uma família mal-encarada de rinocerontes lanosos. “O totem de Broud”, pensou, e muito apropriadamente.

O terreno, à medida que ela caminhava cada vez mais para o norte, começou a apresentar mudanças. Passou a ficar mais seco e estéril. Ela havia atingido os

bem definidos limites no nordeste, das úmidas e nevoentas estepes continentais. Para além, seguida sempre dos íngremes paredões das colossais geleiras, ficava a árida planície de loesse, uma paisagem que existiu ao tempo das grandes massas de gelo sobre a Terra, durante o período glaciário.

As geleiras, vastos lençóis de gelo que atravessavam o continente de lado a lado, se difundiam pelo hemisfério norte. Quase um quarto da superfície da Terra achava-se soterrado sob o peso incomensurável e esmagador do gelo. A água, então fechada em prisões, fazia com que se abaixasse o nível nos oceanos, ampliando as costas e modificando a forma da Terra. Nenhum rincão do globo estava isento da influência das geleiras. As chuvas inundavam as regiões equatoriais e os desertos se encolhiam, mas era na orla do gelo que os efeitos se faziam mais sentir.

Toda essa imensa vastidão gelada necessariamente tinha de esfriar o ar, tornando a atmosfera úmida que se condensava e caía na forma de neve. Entretanto, mais para perto do centro, a alta pressão se estabilizava, criando uma temperatura extremamente fria e seca que empurrava a nevasca para os bordos, onde se expandiam as monumentais geleiras. O gelo se fazia praticamente unânime em toda a sua extensão, um verdadeiro lençol com espessura que chegava a atingir bem mais de um quilômetro e meio.

Com a neve caindo sobre o gelo e alimentando as geleiras, a terra, imediatamente ao sul delas, era seca e gélida. A pressão alta e constante sobre o centro causava a queda atmosférica, canalizando o ar frio e seco para pressões mais baixas. O vento soprando do norte jamais parava nas estepes. Apenas a sua intensidade variava. No seu caminho, ele levantava o pó das rochas pulverizadas nos limites variáveis das geleiras trituradoras. As partículas vindas no ar iam

sendo peneiradas até chegar a uma textura pouquinha coisa mais grossa do que a poeira da argila. Isso era o loesse que se depositava por várias centenas de quilômetros e adquiria uma profundidade de muitos metros, até que se transformava no próprio solo.

No inverno, as ventanias ululantes açoitavam espalhando a pouca neve que caía nessas paragens frias e desoladas. A Terra, contudo, prosseguia girando em torno de seu eixo inclinado e as estações continuavam se revezando. Bastava uma média anual de temperatura, apenas alguns graus mais baixos, para desencadear a formação de uma geleira. Poucos dias de calor de nada adiantavam, se não fossem suficientes para alterar a média.

Na primavera, a crosta da geleira esquentava e a parca neve que caía se derretia, filtrando-se livremente pelas estepes. A água amaciava suficientemente o solo, acima da camada de permafrost, para que nele brotassem gramíneas e plantas de raízes pouco profundas. O pasto crescia rápido, como se no seu coração as sementes soubessem que a vida seria curta. Quando o vergo chegasse pela metade, o feno já estaria alto e seco, era uma pradaria sem fim, com uns poucos bolsões de tundra e floresta boreal, espalhados nas cercanias dos oceanos.

Nas regiões próximas à orla do gelo, onde a cobertura de neve era pequena, havia forragem no ano inteiro para milhares de animais de pastagem que se haviam adaptado às temperaturas glaciais e também para os carnívoros que se adaptam a qualquer clima, contanto que não lhes faltem presas. Assim é que se podia ver um mamute pastando ao pé de um parede de gelo, alçando o seu brilho azulado a quase dois mil metros de altura.

Os rios e córregos alimentados pelo degelo cortavam a espessa camada de loesse ou de rocha

sedimentária, resultante dos cristais da plataforma granítica no do continente. Profundas ravinas e desfiladeiros cortados por rios eram comuns naqueles descampados. Os rios supriam de umidade e os desfiladeiros eram uma proteção contra os ventos. Até mesmo na planície de loesse existiam vales verdes.

A estação esquentava, e, à medida que os dias se sucediam, Ayla cada vez mais ia ficando cansada de sua vida itinerante, da monotonia da planície, do sol impiedoso e do vento constante. A sua pele estava grossa, rachada e descascando. Os lábios gretados, os olhos ardendo e a garganta sempre em poeirada. Vez por outra, ela encontrava algum vale, atravessado por um rio, mais verde e arborizado do que as estepes, nenhum porém a prendendo por muito tempo. Todos estavam vazios de vida humana.

Embora o céu quase sempre estivesse claro, a busca infrutífera a deixava temerosa e preocupada. A terra era governada pelo inverno. Mesmo nos dias mais quentes de verão, a lembrança do frio glacial estava presente no espírito. Era preciso que a comida fosse armazenada e um abrigo encontrado para que pudesse sobreviver à longa e cruel estação Desde o princípio da primavera que vinha caminhando, e começava a imaginar se não estaria fadada a ficar eternamente rodando pelas estepes, ou então quem sabe, acabar morrendo apesar de todos os esforços.

No fim de um dia exatamente igual ao de todos os outros, ela acampara numa região sem água. Havia matado um animal, mas o carvão estava apagado e a lenha era cada vez mais rara. Sem se dar ao trabalho de acender uma fogueira, deu algumas dentadas na carne crua. Estava sem apetite. Jogou fora o resto da marmota, apesar da caça também rarear. Talvez não tivesse reparado ainda nesse fato. A coleta também se mostrava

difícil. O solo estava duro, coberto por uma vegetação velha e emaranhada. O vento era uma constante.

Dormiu mal, assediada por pesadelos, e acordou inquieta. Não tinha nada para comer. Até mesmo a marmota que atirara fora havia desaparecido. Tomou um gole de água que tinha gosto insípido, parecendo choca. Arrumou a cesta e se pôs a caminho, rumando para o norte.

Por volta do meio do dia, encontrou o leito de um rio com algumas poças d'água. O seu sabor era acre, mas encheu assim mesmo o odre. Desenterrou algumas raízes de taboa, viscosas e molengas, e foi mastigando-as, enquanto caminhava com passos cansados. Não tinha vontade de prosseguir, mas não sabia o que mais poderia fazer. Sem ânimo, inteiramente apática, não se dava muito conta da direção por que estava indo. Só reparou num bando de leões esquentando-se ao sol, quando ouviu um rugido ameaçador.

O medo se apossou dela, despertando a sua consciência. Retrocedeu no caminho e tomou o rumo do leste, evitando o território dos leões. Já havia caminhado o suficiente na direção norte. Era o espírito do Leão da Caverna que a protegia e não o animal na sua forma concreta. Só pelo fato dele ser o seu totem, não significava isso que ela estivesse a salvo de seus ataques.

Na verdade, fora justamente por causa do ataque de um leão que Creb descobriu o seu totem. Ela ainda conservava na coxa esquerda a cicatriz na forma de quatro riscas paralelas e, volta e meia, tinha pesadelos com uma gigantesca garra de leão tentando infiltrar-se por uma fenda, onde ela se havia escondido, quando era uma menina de cinco anos. Lembrava-se de ter sonhado com aquela pata na noite anterior. Creb lhe dissera que ela fora posta à prova para que soubesse se era digna ou não de seu totem e que fora marcada pelo animal para

provar que ele a escolhera. Instintivamente, ela levou a mão à perna, sentindo o sinal na pele. “Uma coisa que eu gostaria de saber é por que o Leão da Caverna me escolheu”, pensou.

A luz do sol ofuscava-lhe a vista, enquanto vagarosamente subia por um aclive, à procura de um lugar onde pudesse instalar-se. Outra vez, terras secas. Em todo caso, sentia-se satisfeita por ter o odre cheio, Mas, dentro de pouco tempo, teria de encontrar água. Estava cansada e com fome, e também aborrecida por causa de seu descuido. Não deveria ter chegado tão perto dos leões da caverna.

Seria um aviso? Um modo de dizer que é apenas uma questão de tempo? Que no fim acabaria morrendo? Com que direito pensou que poderia escapar de uma maldição de morte?

A luz no horizonte era tão brilhante que ela por pouco não viu a descida repentina que fazia o platô onde se achava. De pé sobre a beirada e abrigando os olhos com a mão, viu embaixo uma ravina. Era um pequeno rio de águas luminosas e flanqueado por árvores e plantas de porte médio. Passada uma garganta de paredões rochosos, estendia-se um vale verde, fresco e bem abrigado. Lá embaixo, a uma certa distância, no meio do campo, os últimos raios de sol incidiam sobre uma manada de cavalos pacificamente pastando.

Capítulo 2

- Mas então, Jondalar, por que você resolveu vir comigo? - perguntou um rapaz de cabelos castanhos, enquanto desmontava uma barraca feita de diversos panos de couro amarrados uns aos outros. - Você disse a Marona que ia apenas visitar Dalanar e me mostrar o caminho. A sua intenção era só a de fazer uma pequena viagem, antes de instalar-se na sua casa. Esperava-se que você fosse à Reunião de Verão com os Lanzadonii e chegasse a tempo ainda para o matrimônio. Ela vai ficar furiosa e n sou eu quem gostaria de ter a raiva daquela mulher voltada contra mim. Tem certeza de que não está simplesmente querendo fugir dela? - o tom de Thonolan era despreocupado, mas a expressão séria de seus olhos estava carregada de intenções.

- O que faz você pensar, meu irmão, que seja o único na família com vontade de viajar? Não estava imaginando que eu iria deixá-lo ir sozinho, não é? Isso nunca. Alguém tem de ir junto, porque senão quem na sua volta iria vigiar as lorotas e o mundo de histórias que iria contar? Além do mais, alguém tem de ir para livrá-lo das encrencas - falou um homem alto e louro, enquanto abaixava-se para entrar na barraca.

Dentro, havia altura suficiente para se ficar confortavelmente sentado, ou de joelhos, mas não de pé. O espaço também era suficientemente grande para acomodar os sacos de dormir e a tralha que carregavam. A barraca era sustentada por três paus enfileirados no centro e, no meio, próximo do varão mais alto, havia um buraco com uma aba que podia ser fechada quando chovesse ou aberta para deixar escapar a fumaça, se quisessem armar uma fogueira. Jondalar arrancou os

paus e saiu de rastro pela abertura, trazendo-os para fora.

- Ora, você me livrar de encrencas... - disse Thonolan. - Eu é que vou precisar de quatro olhos, dois na frente e dois atrás para ver o que vem vindo por aí no seu encalço. Espere e verá o que vai acontecer quando Marona descobrir que você não foi com Dalanar e os Lanzadonii à Reunião de Verão. Para agarrá-lo, Jondalar, essa mulher é capaz até de transformar-se numa donii de asas e sair voando por cima das geleiras - os dois juntos começaram a dobrar a barraca. - Não é de hoje que aquela ali anda de olho em você. E logo agora que pensava que conseguira pegá-lo, você arruma uma viagem para fazer, Jondalar? Está me parecendo que arranjou essa desculpa só para não enfiar a mão no laço que o zelandoni iria apertar. Será que o meu irmão é daqueles que têm medo de matrimônio? - eles puseram a barraca junto dos dois baús que carregavam às costas. - A maioria dos homens de sua idade já está com casa e um ou dois filhos - acrescentou Thonolan, esquivando-se do soco que o irmão fingia querer-lhe dar. Ele agora se abriu num amplo sorriso que lhe iluminava os olhos cinzas.

- A maioria dos homens de minha idade! Olha quem fala. Eu sou só três anos mais velho do que você - falou Jondalar, fingindo raiva. Então, de modo inteiramente inesperado, por isso mesmo ainda mais surpreendente, ele soltou uma sonora gargalhada, franca, cheia de espontaneidade. Ver os dois irmãos era como ver a noite e o dia. Thonolan, o mais baixo e de cabelos castanhos, era de temperamento mais afável. Tinha natureza calo rosa e um riso fácil e contagioso que rapidamente o tomava numa pessoa que rida. Já Jondalar, mais sério, estava freqüentemente com a testa franzida, nu ma atitude de concentração, ou talvez na de um homem preocupado. O seu riso era também fácil, principalmente

se perto do irmão, só que poucas vezes ria em voz alta, mas quando o fazia, o abandono era total e de forma completamente inesperada.

- E como você pode garantir que a Marona já não tem um filho para levar à minha casa quando voltarmos? - perguntou Jondalar, enquanto os dois enrolavam um pano de couro que tanto servia para forrar o chão como para armar uma barraca menor, só de um varal.

- E como você pode garantir que ela não tenha resolvido que o meu esquivo irmão seja o único homem digno de seus encantos? A Marona realmente sabe agradar um homem... isto é, quando ela quer. Mas aquele seu gênio... Até agora você foi o único que já conseguiu manobrá-la. Bem sabe Dom que há uma quantidade de homens por aí que gostaria de apanhá-la, com mau gênio e tudo - os dois achavam-se de frente um para o outro, com o pano de couro entre eles. - Por que você não pega Marona para companheira, Jondalar? Há anos que todo mundo espera por isso.

Thonolan falava sério. Os olhos muito azuis de Jondalar ficaram confusos e ele franziu a testa.

- Talvez seja porque todo mundo esteja esperando - respondeu. - Eu não sei, Thonolan. Para ser franco, eu também espero que isso um dia aconteça. Quem mais poderia eu ter para companheira?

- Quem? Ora, Jondalar, qualquer mulher que você quisesse. Em todas as cavernas não há uma só mulher sem companheiro. Não existem muitas, mas qualquer uma, ao primeiro aceno seu, sairia correndo para atar o nó com Jondalar dos Zelandonii, irmão de Joharran, chefe da Noria Caverna, para não mencionar que é irmão de Thonolan, o ousado e corajoso aventureiro.

- Você esqueceu de dizer filho de Marthona, a chefe anterior da Noria Caverna, e irmão de Folara, a bela filha de Marthona, ou que ainda o será quando crescer - Jondalar deu um sorriso. - Se você pretende citar todas

as minhas relações, não se esqueça também de falar nos abençoados de Doni.

- E quem poderia se esquecer deles? - disse Thonolan, pegando os sacos de dormir. Eram feitos de duas peles cortadas de modo a servir para uru homem adulto, e amarradas dos lados e no pé com um cordão na abertura para ser puxado. - De que estávamos mesmo falando? Até Joplaya, eu acho que gostaria de você para companheiro, Jondalar.

Os dois começaram a arrumar os baús. Era como se fossem caixotes duros, com a parte superior mais estreita, feitos de couro cru, preso em ripas de madeira e seguros por correias que se ajustavam ao ombro através de uma fileira de botões esculpidos em marfim. Os botões eram presos passando uma tira de couro por um único buraco central e se atando a urna outra tira com um nó na frente que tornava a passar pelo mesmo buraco e a entrar no seguinte.

- Você sabe que dela eu não posso ser companheiro. Joplaya é minha prima. E além do mais, você não devia levá-la muito a sério. Joplaya gosta muito de provocar. Ficamos bons amigos quando fui viver com Dalanar para aprender o meu ofício. Ele ensinava a nós dois ao mesmo tempo. Ela é uma das melhores talhadoras de pedra que conheço. Mas nunca lhe diga que fiz esse elogio. Nós estamos sempre competindo e ela me iria jogar isto na cara.

Jondalar apanhou uma pesada sacola onde guardava a suas ferramentas e alguns pedaços de sílex. O seu pensamento estava em Dalanar e na Caverna que ele havia fundado. Os Lanzadonii estavam aumentando. Cada vez mais gente se unia a eles e as famílias começavam a expandir-se. “Dentro de pouco tempo já existirá uma Segunda Caverna de Lanzadonil”, pensou, guardando a sacola dentro do seu baú e botando por cima os utensílios de cozinha, comi das e outros objetos.

O rolo de dormir e a barraca foram postos em seguida. Dois dos paus seriam levados num suporte do lado esquerdo do baú. Thonolan carregaria o couro para cobrir o chão e o terceiro pau. Do lado direito dos baús havia suportes especiais, onde levavam diversas lanças. Thonolan foi encher o seu odre, que era feito do estômago de um animal e revestido com couro. Quando fazia muito frio, como no platô das geleiras por onde haviam acabado de passar, eles carregavam os odres por dentro das parkas, junto da pele, para que o calor do corpo derretesse a neve. Numa geleira não havia combustíveis para fogueira. No momento, era onde se encontravam, e ainda não tinham descido bastante no terreno para acharem água corrente.

- Pois eu lhe digo, Jondalar - falou Thonolan, levantando os olhos. - Fico satisfeito por Joplaya não ser minha prima. Acho que desistiria da viagem para ter aquela mulher como companheira. Você nunca me contou que ela era tão bonita. Nunca vi ninguém como Joplaya. Nenhum homem consegue vê-la, sem se apaixonar por ela. Dou graças por ter nascido de Marthona depois de sua união com Willomar e não enquanto ela ainda era companheira de Dalanar. Pelo menos, isso me dá alguma chance.

- É, Joplaya é bem bonita. Isso não se discute. Há uns três anos que não a vejo. Esperava que ela já tivesse por esse tempo arrumado um companheiro. Fico contente por Dalanar ter resolvido levar os Lanzadonli à Reunião dos Zelandonii, neste verão. Somente com uma Caverna não há muito o que escolher. Isso dará oportunidade a Joplaya para encontrar-se com outros homens.

- E também deixará Marona com ciúmes. Chego a lamentar não assistir o encontro das duas. Marona está muito mal-acostumada. Ela é sempre a beldade das Reuniões. Ela vai odiar Joplaya. E agora, sem você lá,

tenho a impressão de que a Reunião não vai ter nenhuma graça para Marona.

- É verdade, Thonolan. Ela vai se sentir atingida. Vai ficar furiosa e eu lhe dou razão. Marona tem um péssimo gênio, mas é boa mulher. Tudo que está precisando é de arrumar o companheiro certo. Mas ela sabe como agradar um homem. Quando fico perto dela, estou pronto para atar o nó, mas depois, longe... não sei não, Thonolan - ele tinha a testa franzida, enquanto passava o cinto ao redor de sua parka, já com o odre colocado por dentro.

- Diga uma coisa - perguntou Thonolan, novamente com expressivo séria - como você se sentiria se ela resolvesse tomar um outro para companheiro, enquanto estamos fora? Você deve saber.

Jondalar atava o cinto, pensando na resposta.

Eu ficaria sentido, ou o meu orgulho ficaria... bom, não sei direito. Mas não iria culpá-la por isso. Ela merece alguém melhor do que eu. Alguém que não fosse largá-la no último momento para fazer uma viagem. E se ela for feliz, ficarei feliz por ela.

- Foi o que pensei - disse Thonolan, abrindo-se num sorriso. - Bom, meu irmão, se é para manter a dianteira dessa donil que está vindo aí atrás de você, é melhor nos pormos logo a caminho.

Thonolan terminou de arrumar o baú e levantou a parka, desvestindo o braço de uma das mangas, de modo a pendurar o odre a tiracolo, sob o agasalho.

As parkas tinham um modelo simples, fácil de ser cortado. A parte da frente e das costas eram duas peças mais ou menos retangulares, presas nos ombros e nos lados. Dois retângulos menores, dobrados e costurados na for ma de tubo e presos no corpo da roupa, faziam as mangas. Os capuzes também eram presos e tinham uma franja de pele de carcaju ao redor, de modo a não grudar nele o gelo formado com a umidade da respiração. As

parkas costumavam ser belamente ornamentadas com trabalhos de contas, feitas de ossos, marfim, conchas, dentes de animais e também com as pontas pretas dos rabos de arminhos. Vestiam-se pela cabeça, ficando como uma túnica solta, batendo na metade da coxa, que se ajustava na cintura com uma correia.

Debaixo das parkas eles vestiam camisas macias de pele de gamo, corta das de maneira semelhante, e calças de pele, cruzadas na frente e seguras por urna tira na cintura. As mitenes, forradas de pelúcia, estavam atadas a um comprido cordão que passava por dentro de uma alça nas costas da par/az, de modo que se pudesse retirá-las com rapidez, sem o risco de deixá-las cair ou perder. As botas, com solas grossas - como mocassins -, envolviam o pé inteiro e se prendiam a um tipo de couro mais macio que se ajustava à perna com dobras e correias enroladas. Dentro, havia um forro solto de feltro - fabricado com lã de carneiro úmida e batida até que resultasse um tecido de fibras emaranhadas. Em dias particularmente frios e úmidos, calçavam, por cima das botas, intestinos de animais, uma matéria impermeável e flexível. Era, no entanto, um material muito fino que rasgava com facilidade e, por isso, usado só em casos de necessidade.

- Thonolan, até onde mesmo você pretende ir? Você não estava falando sério quando disse que iria até a foz do Rio Mãe, não é? - perguntou Jondalar pegando uma machadinha de pedra com o cabo curto e grosso, que pendurou numa alça em seu cinto, onde já se achava uma faca de pedra com cabo de osso.

Thonolan, que estava calçando uma raqueta para neve, parou.

- Jondalar, foi exatamente o que eu quis dizer - respondeu, sem a menor sombra de estar brincando.

- Talvez não estejamos de volta nem para a Reunião de Verão do ano que vem.

- Está pensando em desistir? Não é obrigado a vir comigo, meu irmão. Falo sério. Não vou ficar zangado se você voltar daqui. Além de tudo, foi uma decisão impensada essa sua de querer viajar. Você sabe tanto quanto eu que talvez nunca mais voltemos para casa. Mas se quiser ir, decida logo, do contrário, só conseguirá atravessar de volta essa geleira depois do próximo inverno.

- Não. Não foi uma decisão impensada. Há muito tempo que venho querendo fazer uma viagem e chegou agora a ocasião - disse Jondalar de mo do categórico, mas, como pareceu a Thonolan, com um toque de indizível amargura. Então, como se querendo espantar esse sentimento, Jondalar passou a falar num tom mais despreocupado. - Jamais fiz de fato uma viagem para valer e, se não for desta vez, nunca mais será. Está resolvido, irmãozinho, daqui para frente vou ficar colado em você.

O céu estava claro e o sol, refletindo na brancura virginal que se estendia à frente deles, ofuscava-lhes a vista. Era primavera, mas na altitude em que se achavam a paisagem não dava nenhuma mostra da estação. Jondalar tirou um par de óculos escuros que trazia na sacola pendurada em seu cinto. Era uma peça de madeira, talhada de forma a cobrir os olhos e com apenas uma fenda cortada horizontalmente. Ele a amarrou ao redor da cabeça. Em seguida, fazendo rápido movimento de torcer o pé, enrolou o cordão do sapato de neve no engate na ponta do pé e no outro na altura do tornozelo. Prepara do para caminhar, foi buscar o baú.

Fora Thonolan quem havia feito os sapatos de neve, mas a sua verdadeira especialidade era a fabricação de lanças. Ele carregava consigo o seu nivela dor, um objeto feito do chifre de um veado, sem as pontas dos galhos e com um furo na extremidade. A ferramenta era

adornada com o intrincado desenho de uma cena primaveril, cheia de bichos e plantas. Em parte era para honrar a Grande Mac Terra, na intenção de persuadi-la a atrair os espíritos dos animais para as pontas das lanças produzidas com aquela ferramenta, e também porque Thonolan sentia prazer em esculpir. Seria inevitável que algumas lanças se perdessem durante as caçadas, e ele teria de fazer outras para reposição. O nivelador era principalmente usado na extremidade da lança, onde não era possível segurá-la. Enfiando a haste no furo, obtinha-se um ponto de apoio adicional. Thonolan sabia trabalhar a madeira, aquecendo-a no vapor ou com pedras quentes, de modo a desentortá-la para uma lança ou, ao contrário, curvá-la, quando era o caso de fabricar raquetas. Eram dois aspectos de uma mesma técnica.

Jondalar virou o corpo, querendo ver se o seu irmão estava pronto. Fazendo um sinal de concordância com a cabeça, os dois se puseram a caminho, descendo pela encosta que ia dar numa pequena floresta. À direita, para além das terras baixas, bem arborizadas, viram o promontório alpino coberto de neve e, muito ao longe, os picos irregulares e gelados das montanhas setentrionais da imponente cordilheira. Do lado sudeste, as refulgências de um dos picos pairava muito mais acima do que as dos vizinhos.

Comparativamente, os altiplanos por que eles haviam acabado de passar não eram mais do que uma pequena colina, um maciço sobrado da erosão de montanhas muito mais antigas do que os altos picos do sul. Mas, assim mesmo, eram bastante altos e bem próximos da acidentada cordilheira com as suas fantásticas geleiras - que coroavam e envolviam as montanhas até uma certa altura - para manter uma coberta de gelo durante o ano inteiro no seu cume relativamente enorme. Algum dia, quando a geleira continental retrocedesse ao seu habitat polar, aqueles

altiplanos seriam sombreados por urna floresta. Por enquanto, não passavam de uma geleira sobre um platô, uma ver são em miniatura dos imensos lençóis de gelo que faziam uma ponte ligando o norte com o resto da terra.

Quando os dois irmãos alcançaram a pequena floresta embaixo, retiraram os óculos que protegiam os olhos, mas diminuíam o campo de visão. Um pouco mais adiante, baixando mais na encosta, encontraram um pequeno riacho, originado do degelo que, vazando pelas fissuras da rocha, corria sob o solo, para depois emergir filtrado e limpo de impurezas numa fonte espumosa. Como muitos outros córregos igualmente nascidos de geleiras, este também corria entre margens cobertas de neve.

- O que você acha? - perguntou Thonolan, apontando na direção do riacho. - É por aqui que Dalanar disse que ele deveria estar.

- Se for o Danúbio, logo ficaremos sabendo. Iremos ter certeza de que estamos seguindo o Rio Mãe quando chegarmos a três rios pequenos que, de pois de se encontrarem, correm no rumo do leste Foi isto que ele disse. Tenho a impressão de que no fim qualquer um desses riachos acabará nos levando ao grande rio.

- Bom, vamos ficar ao lado esquerdo. Mais tarde, já não vai ser tão fácil cruzar de margem.

- Isso é verdade, mas os Losadunai vivem na margem direita e poderíamos dar uma parada numa de suas Cavernas. Dizem que do lado esquerdo é território dos cabeças-chatas.

- Jondalar, nós não vamos parar nos Losadunai - falou Thonolan, sorrindo, mas firme no seu intento. - Você sabe que eles vão querer obrigar-nos a ficar e já demoramos demais nos Lanzadonil. Se tivéssemos ficado lá um pouco mais, já não poderíamos atravessar a geleira. Teríamos de ter dado a volta e passar pelo

território dos cabeças-chatas que fica ao norte dali. Pretendo ir avançando, e quanto mais ao sul menos cabeças-chatas haverá. Bom, mas mesmo que haja, que importância tem? Você não está com medo de um punhado de cabeças-chatas, ou está? Sabe o que dizem? Que não há a menor diferença entre matar um cabeça-chata e um animal.

- Não sei não - falou Jondalar, franzindo a testa preocupado. - Não tenho muita certeza se gostaria de entrar neste momento em luta com um urso. Ouvi dizer que os cabeças-chatas têm inteligência e há pessoas que chegam a afirmar que eles são quase humanos.

- Inteligência, pode ser que tenham, mas não falam. Não passam de animais.

- O que está me preocupando, Thonolan, não são cabeças-chatas. Se estou querendo ir até os Losadunai, é porque eles conhecem bem esta região e poderiam botar-nos no caminho certo. Não precisamos ficar muito tempo com eles... apenas o suficiente para determinar a nossa posição e rumo. Eles podem nos dar alguns pontos de referência, dizer o que nos espera pela frente. E poderemos conversar com eles. Dalanar disse que alguns falam zelandonii. A idéia é essa. Se você concordar em parar agora, concordo em não fazer nenhuma outra parada, a não ser quando estivermos de volta.

- Já que faz tanta questão, tudo bem.

Os dois procuraram um lugar para atravessar. As margens cobertas de gelo, agora mais afastadas, não davam para que pulassem de um para outra. Ao verem uma árvore tombada fazendo uma ponte natural sobre o córrego, encaminharam-se na sua direção. Jondalar foi na frente. Segurou num galho e botou o pé numa das raízes descobertas. Thonolan olhava ao seu redor, esperando a vez.

- Jondalar! Cuidado! - gritou de repente.

Uma pedra passou zunindo pela cabeça de Jondalar. No mesmo momento em que ele se atirou no chão, alertado pelo grito, apanhou uma de suas lanças. Thonolan também já tinha uma na mão e se achava agachado, olhando na direção de onde partira a pedra. Ele percebeu movimentos atrás da galhada sem folhas de um arbusto e arremessou a sua lança. Enquanto apanhava outra lança, seis figuras surgiram do matagal próximo.

Eles estavam cercados.

- Cabeças-chatas! - gritou Thonolan, dando um passo para trás e fazendo pontaria.

- Espere, Thonolan! - gritou Jondalar. - Eles estão em maior número.

- O grandão parece que é o chefe do bando. Se eu conseguir pegá-lo, o resto talvez fuja - ele tornou a levantar o braço, botando-o na posição de atirar.

- Não! Eles podem nos atacar antes que a gente consiga pegar a segunda lança. Por enquanto estão mantendo-se à distância. Não fazem movimento. - Jondalar, devagar, levantou-se do chão, com a arma pronta para ser usada. - Não se mexa, Thonolan. Deixe que a iniciativa seja deles. Mas fique de olho no grandão. Ele está vendo que você faz pontaria na sua direção.

Jondalar, confuso, examinava o grandalhão dos cabeças-chatas, sentindo que os enormes olhos castanhos do outro também o examinavam. Até então, nunca estivera tão perto deles e se via surpreso. Aqueles cabeças-chatas não correspondiam às idéias preconceituosas que formara sobre eles. Os olhos do grandão se achavam meio escondidos pelos supercílios extremamente salientes que mais ressaltados ainda ficavam com as sobrancelhas, fortes e espessas. O nariz era grande, estreito, quase como um bico, contribuindo para que os olhos parecessem profundamente

enterrados no rosto. A barba cerrada, meio encaracolada, escondia a cara. Olhando para um outro mais jovem, com a barba apenas começando a despontar, Jondalar viu que eles não tinham queixo, apenas mandíbulas muito salientes. Os cabelos eram castanhos e fartos, como a barba, e era provável que fossem muito cabeludos também no corpo, sobretudo na parte superior das costas. Ele não sabia dizer ao certo porque as roupas de pele que usavam lhes cobriam o torso. Os braços e os ombros, apesar da temperatura gelada, estavam descobertos. Mas a pouca vesti menta não surpreendia tanto Jondalar como o fato de se acharem vestidos. Já mais algum animal foi visto usando roupas e carregando armas. E todos seguravam compridas lanças de madeira - feitas, sem dúvida, para serem estocadas e não atiradas - de pontas agudas, parecendo bem perigosas. Alguns dos outros, além de lanças, carregavam pesadas maças, feitas das patas dianteiras dos enormes animais de pastagem.

“Não são propriamente mandíbulas de animal”, pensou Jondalar. “Se riam só um pouco mais pronunciadas. Da mesma forma, o nariz... poderia ser considerado simplesmente como um nariz grande. A cabeça, aí que de fato está a diferença.”Ao invés de uma testa alta e bem formada como a dele ou a de Thonolan, os cabeças-chatas tinham-na baixa, que saía dos supercílios e escorregava para trás, dilatando-se na parte posterior. Era como se o alto da cabeça - que Jondalar enxergava por inteiro - tivesse sido amassado e puxado para trás. Quando ele se erguera, com o seu metro e noventa, se avantajou em mais de trinta centímetros sobre o mais alto dos cabeças-chatas. Mesmo o metro e oitenta de Thonolan fazia com que ele parecesse um gigante, perto daquele que aparentemente era o chefe. Mas só na altura.Jondalar e o seu irmão eram homens fortes, mas os dois se sentiam magricelas

ao lado dos cabeças-chatas, dotados de uma bem desenvolvida musculatura. Eles tinham o tórax em forma de barril, braços e pernas musculosos e arqueados, fazendo uma curvatura para fora, mas caminhavam eretos e com facilidade como qualquer ser humano. Quanto mais Jondalar os observava, mais eles lhe pareciam homens, só que diferentes de qualquer outro que já conhecera na vida.

Por um longo tempo, cheio de tensão, ninguém se mexeu. Thonolan, agachado, tinha a sua lança em posição de atirar. Jondalar, de pé, agarrava a sua, firme, pronto para seguir o lance do irmão. Os seis cabeças-chatas, cercando-os, estavam imóveis como pedra, mas Jondalar não duvidava da rapidez com que podiam a qualquer instante partir para o ataque. Chegara-se a um impasse, os dois lados guardando distância e a mente de Jondalar trabalhava rápido, tentando encontrar uma saída.

De repente, o grandão emitiu um grunhido e acenou com o braço. Thonolan por um triz não atirou a lança, percebendo ainda a tempo o gesto de Jondalar, detendo-o. O rapazinho dos cabeças-chatas saiu correndo na direção do matagal, de onde eles haviam surgido. Instantes depois, o garoto voltou, carregando a lança atirada por Thonolan que, muito espantado, recebeu-a de volta. Em seguida, o rapazinho se dirigiu ao tronco, servindo de ponte sobre o riacho, e apanhou lá uma pedra. Voltou e se encaminhou na direção do grandalhão, diante do qual pareceu respeitosamente inclinar a cabeça. Pouco depois, sem fazer o menor ruído, todos os seis desapareceram no meio do matagal.

Ao perceber que haviam ido embora, Thonolan soltou um suspiro de alívio.

- Pensei que não fossemos escapar desta! Mas pelo menos um deles eu levaria comigo. Só gostaria de saber o que significou isso tudo.

- Não tenho muita certeza - falou Jondalar - mas me dá a impressão de que o rapazinho começou uma coisa que o grandão não quis encampar e posso garantir a você que não foi por medo. Ele mostrou muito sangue-frio, parado ali enfrentando a sua lança, e depois ao fazer o movimento que fez.

- Talvez não soubesse que outra coisa poderia fazer.

- Não. Ele sabia muito bem. Viu perfeitamente quando você atirou a lança. Senão, não teria dito ao rapaz para pegar a arma e devolvê-la a você.

- Acha mesmo que ele disse ao garoto para fazer isso? Eles não falam.

- Não sei. Mas de algum modo o grandalhão disse ao rapazinho para lhe devolver a lança e buscar a pedra. Foi como se com isso eles nos quisessem dizer que os dois lados estavam quites. Como ninguém saiu ferido, imagino que foi isso o que aconteceu. Sabe de uma coisa? Não tenho muita certeza se os cabeças-chatas são de fato animais. Esses eram inteligentes. Eu não sabia que usassem roupas, carregassem armas e andassem igual a nós.

- Bom, mas porque s chamados de cabeças-chatas, agora eu sei. O bando todo era mal-encarado. Eu é que não gostaria de engalfinhar-me com um deles.

- Disso sei eu. Quebrariam o seu braço como se esse parecesse um simples galhinho de planta. Sempre pensei que fossem pequenos.

- Pequenos não, baixotes. De modo algum pequenos, meu irmão. Bom, devo admitir que você estava certo. Vamos fazer uma visita aos Losadunai. Eles vivem tão perto daqui, que devem saber mais coisas sobre os cabeças-chatas. Além disso, está parecendo que o Grande Rio Mãe é um marco de fronteira, talvez os cabeças-chatas não nos queiram invadindo o lado deles.

Durante vários dias, os dois caminharam à procura dos pontos de referência fornecidos por Dalanar, seguindo o riacho, cujas características, naquele estágio de formação, não diferiam dos outros córregos, riachos e canais que desciam pela encosta. Havia sido meramente por convenção que se escolhera um daqueles fluxos de água para berço do Grande Rio Mãe. A maioria dos cursos se juntavam para formar a cabeceira do grande rio que iria descer pelas colinas e serpentear através das planícies, percorrendo mais de três mil quilômetros, antes de despejar toda a carga de suas águas e detritos no mar inter no, situado longinquamente a sudoeste.

As rochas cristalinas do maciço, que davam origem ao caudaloso rio, estavam dentre as mais antigas da Terra e o seu largo leito fora formado pelas numerosas pressões que suspenderam e preguearam as montanhas de pródigas refulgências. Mais de trezentos tributários - muitos dos quais grandes rios - drenando as encostas e cordilheiras iam juntar-se ao volumoso caudal. Algum dia a fama deste rio ainda iria estender-se às mais longínquas paragens desse planeta e as suas águas barrentas e lodosas seriam vistas como azuis.

Embora atenuada pelos maciços e montanhas, a influência dos ambientes oceânico (a oeste) e continental (a leste) se fazia sentir. A vida animal e vegetal desenvolvia-se nas tundras e florestas de coníferas do lado ocidental, e nas estepes na parte oriental. Nas encostas montanhosas, viam-se íbices, camurças e carneiros selvagens, enquanto nas florestas o animal mais comum era o cervo. O tarpã, um cavalo selvagem que algum dia ainda seria domesticado, pastava nas baixadas e terrados ribeirinhos e, deslizando, furtiva e silenciosamente em meio às sombras, iam os lobos, linces e leopardos brancos. Também lá marcavam as suas presenças, acordando depois de longa hibernação, os ursos marrons, de regime onívoro. Já os colossais

ursos da caverna, vegetarianos, fariam a sua aparição um pouco mais tarde. Além desses, uma quantidade de pequenos mamíferos começavam a pôr os focinhos para fora de suas tocas de inverno.

Às encostas eram florestadas principalmente com pinheiros, embora servissem também os pinhos prateados, os abetos e vidoeiros. Os amieiros prevaleciam nas ribeiras e em geral apareciam misturados com salgueiros, choupos e, mais raramente, com as faias de folhas pubescentes e os carvalhos, reduzi dos a alguma coisa pouco mais que arbusto.

A margem esquerda gradualmente elevava-se no terreno. Jondalar e Thonolan escalaram a subida até atingirem o cume de uma alta colina. De lá, contemplando a paisagem, viram uma bela região selvagem e escarpada, cujas saliências e reentrâncias a neve aplainava. O disfarce, entretanto dificultava- lhes a viagem.

Não viam nenhum sinal de qualquer Caverna - isto é, um grupo de pes soas, socialmente organizadas, que não necessariamente viviam em cavernas - nada daqueles que se autodenominavam Losadunai. Jondalar começava a achar que não iriam encontrá-los.

- Olhe! - apontou Thonolan.

Jondalar olhou na direção indicada, vendo uma pequenina espiral de fumaça saindo do meio de um bosque. Puseram-se a correr e, logo, foram dar com um grupo de pessoas reunidas ao redor de uma fogueira. Os dois irmãos se introduziram no meio delas, com as mãos erguidas e as palmas voltadas para cima, na forma da saudação entendida como amistosa e bem-intencionada.

- Eu sou Thonolan dos Zelandonii. Esse é o meu irmão Jondalar. Esta mos em viagem. Alguém aqui fala a nossa língua?

Um homem de meia-idade deu um passo à frente com as mãos levanta das da mesma maneira.

- Eu sou Ladum dos Losadunai. Em nome de Duna, a Grande Mãe Terra, lhes damos as nossas boas-vindas - ele agarrou as duas mãos de Thonolan e, em seguida, fez o mesmo com Jondalar. - Venham se sentar perto do fogo. Daqui a pouco iremos comer, vocês aceitam?

- É muita generosidade de sua parte - respondeu Jondalar, cerimoniosamente.- Em minha viagem ao oeste, eu me hospedei numa das Cavernas dos Zelandonii. Isso foi há muitos anos, mas os Zelandonii são sempre bem-vindos - ele os conduziu para uma grande tora, perto da fogueira, sob uma construção que a abrigava dos ventos e mau tempo. - Bom, agora descansem. Tirem os seus baús das costas. Vocês devem ter saído da geleira há pouco tempo, não é?

- Já há alguns dias - respondeu Thonolan, livrando-se de sua tralha.

- Se fossem cruzá-la agora, já seria tarde. O xaroco chegará a qualquer momento.

- O xaroco? - perguntou Thonolan.

- Sim, o vento da primavera. Um vento quente e seco que sopra do sudoeste e com tanta força que chega a partir as árvores e arrancá-las pelas raízes. Mas é um vento que derrete a neve rapidamente. Dentro de alguns dias tu do isso aqui vai desaparecer e as plantas vão surgir - explicava Laduni, fazendo um amplo gesto com o braço, indicando a neve. - Se o xaroco pegar alguém durante a travessia da geleira, pode ser fatal. O gelo vai derretendo e as fendas imediatamente começam a aparecer. As pontes e as construções de gelo cedem, enquanto córregos e até mesmo rios passam a correr pelo gelo.

- E isso provoca esplim - acrescentou uma moça pegando o fio da conversa de Laduni.- Esplim? - perguntou Thonolan, dirigindo-se a ela.

- Sim, os espíritos maus que voam no vento. Por causa deles todo mundo fica nervoso. Pessoas que nunca

brigaram antes passam a discutir. Outras, que sempre foram felizes, ficam chorando o tempo todo. São espíritos que põem as pessoas doentes e as que já estavam ficam para morrer. Sempre ajuda um pouco se você estiver prevenido, mas o mau humor das pessoas é geral.

- Onde você aprendeu a falar zelandonil tão bem? - perguntou Thonolan, sorrindo e já um tanto encantado com a jovem que era uma moça atraente.

Ela lhe devolveu o olhar com a mesma franqueza, mas, ao invés de responder-lhe, olhou na direção de Laduni.

- Thonolan dos Zelandonii, esta é Filonia dos Losadunai e filha de minha casa – disse Laduni que, imediatamente, percebera a intenção do olhar da moça para ele: um pedido para que fosse formalmente apresentada. Com isso, Thonolan ficaria sabendo que ela era urna mulher que se tinha em alta conta e que não conversava com estranhos sem as devidas apresentações, ainda que esses estivessem só de viagem e fossem rapazes bonitos e interessantes.

Thonolan estendeu-lhe as mãos, cumprimentando-a na forma convencional. Os seus olhos mostravam admiração ao mesmo tempo que a avaliava criticamente. Por instante, ela hesitou, como se refletindo, depois pôs as mãos nas dele. Thonolan a puxou para mais perto de si.

- Filonia dos Losadunai, Thonolan dos Zelandonii se sente honrado por ter a Grande Mãe Terra o favorecido com a dádiva de sua presença - falou com um sorriso maroto.

Filonia enrubesceu com a insinuação atrevida. Ela sabia, embora as palavras fossem tão formais quanto o gesto, o que ele pretendia com a alusão à Mãe Terra e a sua dádiva. Um frêmito de gozo passou-lhe pelo corpo

quando ele a tocou e os seus olhos brilhavam convidativamente.

- Agora me diga - prosseguiu Thonolan - onde aprendeu zelandonii?

- Numa viagem que fiz com o meu primo. Nós cruzamos a geleira e durante algum tempo vivemos numa Caverna Zelandonil. Antes disso, Laduni já nos tinha ensinado um pouco. Muitas vezes, para não esquecer, ele conversa conosco na língua de vocês. De tanto em tantos anos, cruza a geleira a negócios. Ele fez questão que eu soubesse falar bem a sua língua.

Thonolan ainda lhe segurava as mãos e sorria para ela.

- Não é comum mulheres fazerem viagens longas e perigosas. E se acontecesse de Dom abençoá-la?

- Na verdade, não foi tão longa assim - respondeu, desvanecida com o visível encantamento de Thonolan. - Daria tempo para que eu soubesse e voltasse antes.

- Não - insistiu Thonolan - foi uma viagem longa. Uma viagem que só os homens costumam fazer.

Jondalar, que observava o jogo dos dois, voltou-se para Laduni.

- Lá está ele novamente fazendo das suas - disse rindo. - O meu irmão sempre escolhe a mulher mais bonita do lugar e quando menos se espera ela está caída por ele.

Laduni deu uma risadinha.

- Filonia ainda está muito jovem. Foi no verão passado que os seus ri tos de passagem se realizaram. Mas, desde então, não têm faltado admiradores para virar a sua cabeça. Ah, poder ser jovem!... Ah, poder voltar à juventude e gozar da dádiva dos prazeres que nos concede a nossa Grande Mãe Terra. Não que tenha deixado de ter os meus prazeres, mas eu vivo bem com a minha companheira e já não tenho muita vontade de sair por aí à cata de novidades - ele se virou para Jondalar. -

Somos aqui um pequeno grupo de caçadores e não temos muitas mulheres conosco, mas você não terá dificuldade em encontrar alguma que queira compartilhar com você das dádivas dos prazeres. Se não se agradar de nenhuma, temos urna grande Caverna e os visitantes são sempre motivo para um festival em honra da Mãe.

- Lamento, mas acho que não vamos poder ir com você para a sua Caverna. Estamos apenas começando e Thonolan está pretendendo fazer uma longa viagem. Ele está ansioso para se pôr a caminho. Talvez na volta, se você nos der as indicações necessárias.

- É uma pena que não possam visitar-nos. Ultimamente não temos tido muitos visitantes. Até onde vocês planejam ir?

- Thonolan está falando em seguir o Danúbio até o ponto onde ele ter mina. Mas no início todos falam em grandes viagens, isso é o que ainda veremos.

- Pensei que os Zelandonii vivessem perto das Grandes Águas. Pelo me nos viviam quando eu fiz a minha viagem. Nessa ocasião, percorri longo traje to para oeste e depois rumei para o sul. Você disse que estão apenas começando?

- Eu explico. Você tem razão. As Grandes Águas distam só alguns dias de nossa Caverna, mas Dalanar dos Lanzadonii era o companheiro de minha mãe quando eu nasci e a sua Caverna é como se fosse minha casa. Eu vivi lá durante três anos para aprender o meu ofício. O meu irmão e eu estávamos com eles. Por enquanto, a nossa viagem se resume na travessia da geleira e nos poucos dias que gastamos para chegar até aqui.

- Dalanar! Mas claro! Por isso você me pareceu conhecido. Você deve ser o filho de seu espírito. É muito parecido com ele. E é também talhador Dalanar é o melhor talhador que já conheci. Eu pretendo visitá-lo no

ano que vem para arrumar um pouco de sílex da mina dos Lanzadonji. São as melhores pedras que há.

As pessoas começavam a se reunir ao redor do fogo com gamelas de madeira, e o cheiro delicioso que vinha delas fez Jondalar lembrar-se da sua fome. Ele pegou o seu baú que atravancava o caminho. Então, ocorreu-lhe uma idéia.

- Laduni, eu trouxe comigo algumas pedras dos Lanzadonii. Tinha in tenção de ir substituindo as ferramentas que fossem quebrando durante a viagem, mas estão muito pesadas para carregar. Seria ótimo se eu pudesse ficar livre, pelo menos de uma parte deste peso.

Os olhos de Laduni se iluminaram.

- Eu aceito e fico muito agradecido, mas gostaria de lhe dar alguma coisa em troca. Não que me importe em levar o melhor num negócio, mas não gostaria de passar a perna num filho da casa de Dalanar.

Jondalar sorriu.

- Você já está me aliviando do peso e nos oferecendo essa apetitosa comida.

- Ainda não é o suficiente para pagar a qualidade das pedras dos Lanzadonii. Você está facilitando muito a transação, Jondalar, e isso fere o meu orgulho.

Jondalar soltou uma risada. Às pessoas ao redor, divertidas com toda aquela conversa, também riram.

- Está bem, Laduni. Nesse caso não vou facilitar o negócio. No momento, não há nada que eu queira. Só estava pensando em aliviar um pouco a minha carga, mas futuramente lhe direi qual será a minha reivindicação. Ainda está disposto a fechar o negócio?

- Agora é ele quem está querendo me passar para trás - disse Laduni, rindo para as pessoas à sua volta. - Pelo menos diga o que será.

- Como é que vou dizer? Mas na volta eu passo aqui para pegar, concorda?

-. E como é que posso saber se vou poder dar o que me vai pedir?

- Não vou pedir nada que você não me possa dar.

- Os seus termos são duros, Jondalar. Mas, podendo, darei o que me pedir. Está fechado.

Jondalar abriu o baú e, depois de retirar as coisas de cima, retirou a sua sacola e deu a Laduni dois nódulos de sílex já prontos para serem trabalhados.

- Foi Dalanar quem escolheu esses nódulos e fez o trabalho inicial - falou Jondalar.

Laduni se achava visivelmente encantado com a perspectiva de possuir dois nódulos de sílex, escolhidos e preparados por Dalanar para o filho de sua casa, mas ele murmurou bastante alto para que todos o ouvissem:

- Estou provavelmente nesse instante vendendo a minha vida por dois pedaços de pedra.

Ninguém mencionou a possibilidade de que talvez Jondalar jamais voltasse para pegar a sua parte no negócio.

- Jondalar, você pretende ficar aí conversando a vida toda? - falou Thonolan. - Fomos convidados para comer e essa vitela cheira deliciosamente - no seu rosto havia um largo sorriso e Filonia estava ao seu lado.

- A comida realmente está pronta - disse ela - e a caçada foi tão boa que quase não tivemos necessidade de usar a carne seca que trouxemos. Bom, agora que já não estão carregando tanta coisa e que sobrou espaço na bagagem, vocês podem levar alguma, não querem? - acrescentou, sorrindo timidamente para Laduni.

- Seria um prazer. Laduni, você ainda não me apresentou a essa encantadora filha de sua casa - falou Jondalar.

- É horrível ter a filha de sua própria casa pondo a perder os seus bons negócios - rosnou ele, sorrindo cheio de orgulho. - Jondalar dos Zelandonii, apresento Filonia dos Losadunai.

Ela se virou para olhar o rapaz e, de repente, se encontrou perdida num par de olhos muito azuis que lhe sorriam irresistivelmente. Então, tomada por um misto de emoções, corou ao sentir-se, agora, atraída pelo outro irmão. Embaraçada, abaixou a cabeça.

- Jondalar! Não pense que não enxerguei aquele brilho nos seus olhos. Lembre-se que eu a vi primeiro - pilheriou Thonolan. - Venha, Filonia, vou tirá-la daqui. Escute o meu conselho, mantenha-se afastada do meu irmão. Sei o que estou dizendo, não queira envolver-se com ele - e, virando-se para Laduni, disse, fingindo-se ofendido: - Ele está sempre me pregando dessas peças. Um olhar e é tudo que ele precisa fazer. Ah, se eu tivesse nascido com os predicados do meu irmão...

- Você está cheio de predicados, irmãozinho. Mais do que um homem precisa - falou Jondalar, soltando a sua gargalhada calorosa e contagiante.

Filonia voltou-se para Thonolan e pareceu aliviada por achá-lo ainda tão atraente quanto antes. Ele passou o braço ao redor do seu ombro e a conduziu para o outro lado da fogueira, mas ela voltou a cabeça para olhar, mais uma vez, Jondalar. Já com um sorriso mais confiante, disse:

- Sempre que recebemos visitantes na Caverna, realizamos um festival em honra de Duna.

- Eles não irão à Caverna, Filonia - falou Laduni.

Por momento, a moça pareceu decepcionada.

- Ah, poder ser jovem - repetiu Laduni, olhando para Thonolan e reprimindo uma risadinha. - Sabe? As mulheres que honram Duna, freqüente mente, são as que parecem ser mais abençoadas com filhos. A Grande Mãe sorri para aquelas que apreciam as suas dádivas.

Jondalar pôs o seu baú atrás do tronco e se aproximou da fogueira. Um ensopado de veado cozinhava num caldeirão de couro suspenso sobre a fogueira por uma armação feita de ossos. O líquido

fervendo, apesar de muito quente, conservava o recipiente numa temperatura relativamente baixa que não o deixava pegar fogo, pois o grau de combustão do couro era muito mais elevado do que o guisado fervente.

Uma mulher entregou-lhe uma cuja de madeira, servida com o ensopado cheirando deliciosamente. Usando a sua faca de pedra, ele comeu a carne seca e os legumes (raízes levadas para lá pelos caçadores), que espetava dentro da cuia; depois tomou o caldo restante. Quando terminou, a mulher lhe trouxe uma cuia menor contendo um chá de ervas. Ele deu um sorriso de agradecimento. Ela era mais velha do que ele, o número de anos suficiente para já ter trocado a beleza de sua juventude por uma outra mais verdadeira, a que só a maturidade dá. Ela lhe sorriu de volta e se sentou ao seu lado.

- Fala zelandonil? - perguntou Jondalar.

- Entendo melhor do que falo.

- Devo pedir a Laduni para nos apresentar, ou posso perguntar direta mente o seu nome?

Ela lhe sorriu com aquele algo de condescendência, próprio de mulheres mais velhas.

- Somente as mocinhas precisam de apresentações. Eu sou Lanalia. Você, Jondalar?

- Sim - respondeu ele. Os seus olhos revelavam a excitação que sentia com a proximidade da perna dela. Lanalia devolveu-lhe o olhar, fitando-o cheia de ardor. A mão dele escorregou-lhe pela coxa e ela inclinou o corpo, num movimento encorajador, prometendo outras intimidades. Ele balançou a cabeça aceitando o convite, desnecessariamente, aliás. Os seus olhos também a convidavam. Ela o olhou por cima do ombro e ele seguiu o olhar, vendo Laduni vindo na direção dos dois. Então ela relaxou, assumindo uma postura tranqüila ao seu lado. A promessa ficaria para mais tarde.

Instantes depois chegou Laduni. Thonolan, com Filonia, veio se juntar a eles perto da fogueira. Logo todos estavam amontoados ao redor dos dois visitantes, contando histórias e fazendo brincadeiras que iam sendo traduzidas para os que não entendiam. Por fim, Jondalar resolveu abordar assunto mais sério.

- Você sabe alguma coisa das pessoas que vivem na parte baixa do rio, Laduni?

- Nós costumávamos ser visitados por alguns dos Sarmunai. Eles vivem ao norte do rio, mas isso já foi há anos. Às vezes os jovens em suas viagens, depois de muito passarem pelo mesmo caminho, resolvem mudar o seu trajeto que já ficou conhecido demais e não tão interessante. Passada uma ou duas gerações, só os velhos irão lembrar do antigo trajeto que se transforma nova mente numa emocionante aventura. Todo jovem acha que a sua descoberta é única, pouco importa se os seus antepassados já fizeram a mesma coisa.

- Mas para ele é - falou Jondalar, sem querer prosseguir num assunto que dava margem para grandes digressões. Ele precisava obter informações concretas antes de se deixar levar por alguma discussão que poderia ser agradável, mas sem resultados práticos e imediatos. - Você poderia contar alguma coisa sobre os seus costumes? Você conhece a língua deles? Sabe como cumprimentam? O que devemos evitar e o que poderia ofendê-los?

- Não sei muito a respeito deles e o pouco que sei não é recente. Há alguns anos atrás, um homem foi para o leste e nunca mais voltou. Ninguém sabe o que aconteceu, talvez tenha até se decidido estabelecer em algum outro lugar - contou Laduni. - Dizem que eles fazem suas dunai de barro. Mas tudo isso não passa de conversa. Não posso entender por que alguém iria reproduzir em barro imagens sagradas da Mãe. As figuras se quebrariam depois de secas.

- Talvez porque o barro guarde intimidade com a terra. Há pessoas que gostam de pedra por essa razão.

Enquanto falava, inconscientemente, Jondalar levou a mão a um saquinho atado ao seu cinto, ali apalpando uma estatueta de pedra que representava uma mulher obesa. Uma figura de enormes seios, ventre grande e saliente, e volumosas nádegas e coxas. Os braços e pernas eram insignificantes, o que importava eram os aspectos da maternidade, por isso os membros mostravam-se apenas sugeridos. A cabeça era como um caroço com o rosto desfigurado, meio tapado por algo sugerindo uma cabeleira.

Doni, a Grande Mãe Terra, Velha Ancestral, a Primeira Mãe, a Criadora, o Sustento de toda a vida, Aquela que abençoava todas as mulheres com o seu poder de criar e produzir filhos, ninguém podia ver-lhe o rosto que inspirava pavor reverente. Nenhuma das pequeninas imagens portadoras de seu espírito jamais ousara sugerir-lhe o rosto. Até mesmo quando ela se revelava em sonhos, as suas feições em geral se mostravam indistintas, embora os homens vissem o seu corpo como o de uma jovem núbil. Havia mulheres que afirmavam poder assumir a forma de seu espírito e voar como os ventos para levar felicidade ou tirar vinganças. As vinganças da Mãe que podiam assumir pro porções terríveis.

Se zangada ou desrespeitada, era capaz de atos monstruosos. O mais ameaçador, porém, era a perda da dádiva do prazer, concedida quando uma mulher se dignava a entregar-se a um homem. A Grande Mie, diziam alguns daqueles que a serviam, podia dar ao homem o poder de usufruir de suas dá- clivas com tantas mulheres quanto ele o desejasse e tantas vezes quanto o quisesse, mas poderia também fazê-lo encolher de modo a não dar prazer a ninguém e tampouco para ele próprio.

Jondalar, distraído, acariciava os seios pendurados da donii dentro de sua sacolinha, pensando na viagem e desejando ser favorecido com a sorte. Era fato que havia os que jamais regressavam, mas isso também fazia parte da aventura. Thonolan fez uma pergunta a Laduni que trouxe a sua atenção de volta.

- O que você sabe sobre os cabeças-chatas que vivem aqui nas redondezas? Há alguns dias atrás nós topamos com um bando deles. Estava certo de que íamos terminar a nossa viagem ali mesmo, naquele lugar.

Todos imediatamente voltaram a atenção para Thonolan.

- O que aconteceu? - perguntou Laduni com a voz tensa.

Thonolan relatou o incidente que haviam tido com os cabeças-chatas.

- Charoli! - exclamou Laduni.

- Quem é Charoli? - perguntou Jondalar.

- Um rapaz da Caverna dos Tomasi e o mentor de um grupo de baderneiros que resolveu se divertir à custa dos cabeças-chatas. Nunca tivemos problemas com eles. Nós ficamos do nosso lado do rio e eles no seu. Quando cruzamos para o outro lado, se põem fora de nosso caminho, a não ser que nos demoremos muito por lá. Então eles deixam bem claro que estão nos vigiando. E é o bastante. Qualquer um fica nervoso sabendo que está sendo observa do por um bando de cabeças-chatas.

- Disso sei eu! - falou Thonolan. - Mas o que você quer dizer com se divertir às custas dos cabeças-chatas? Eu preferia não arrumar nenhuma espécie de encrenca com eles.

- Tudo começou como brincadeira. Era um desafio para ver quem corria e encostava a m num cabeça-chata. Eles podem ficar bem bravos quando incomodados. Depois, um grupo começou a reunir-se para provocar qualquer cabeça-chata que fosse

encontrado sozinho. Faziam roda em tomo dele e se punham a irritá-lo, tentando fazer com que saísse em perseguição. Os cabeças chatas têm muito fôlego e pernas curtas. Normalmente, um homem ganha na corrida, mas que ele trate de n parar de correr. Não tenho muita certeza de como começou realmente, mas parece que o grupo de Charoli passou a agredir fisicamente. Imagino que um daqueles cabeças-chatas que andavam provocando tenha conseguido pegar alguém e o bando pulou na defesa do amigo. O fato é que a coisa se tomou um hábito, mas mesmo sendo um só cabeça-chata contra todo o bando, eles nunca saíam sem levar uma boa surra.

- Não dá para acreditar - falou Thonolan.

- E o que fizeram depois foi pior - acrescentou Filonia.

- Filonia, isso é nojento! Não quero vê-la falando sobre essas coisas! - disse Laduni realmente zangado.

- Mas o que fizeram? - perguntou Jondalar. - Se na nossa viagem vamos ter de passar por territórios de cabeças-chatas, é melhor que fiquemos sabendo.

- É. Imagino que tenha razão, Jondalar. Apenas não gosto de conversar sobre esse assunto na frente de Filonia.

- Eu já sou uma mulher feita - declarou ela, mas sem convicção na voz.

Laduni a olhou, parecendo refletir. Depois resolveu-se.

- Os machos passaram a sair só aos pares ou em grupos e dessa forma não dava para o bando de Charoli enfrentá-los. Por isso, passaram a provocar as fêmeas dos cabeças-chatas que não lutam. Não havia graça no desafio. Elas se limitam a encolher-se de medo e depois fogem. Foi então que resolveram fazer um outro tipo de brincadeira com elas. Não sei quem desafiou quem

primeiro... provavelmente Charoli insuflou a turma. Isso é bem o tipo de coisa que ela faria.

- Insuflou para quê? - perguntou Jondalar.

- Começaram a violar as fêmeas dos cabeças-chatas e... - Laduni não conseguiu concluir. Ele pulou sobre os pés, vermelho de raiva. Estava inteira mente fora de si - É abominável! Um insulto à Mãe. É debochar de suas dá divas. Pior do que animais! Pior até do que os cabeças-chatas!

- Você está dizendo que eles obtiveram prazer com fêmeas de cabeças chatas? Que elas foram violadas? Uma fêmea de cabeça-chata? - falou Thonolan.

- E eles ainda se vangloriavam disso! - comentou Filonia. - Um homem que tivesse tido prazer com uma cabeça-chata não encostaria a m em mim.

- Filonia! Eu proíbo que fale dessas coisas! Não quero ouvir de sua boca algo tão sórdido e imundo - disse Laduni, furioso e com um olhar duro como pedra.

- Sim, Laduni - respondeu ela, abaixando a cabeça envergonhada.

- Não consigo imaginar o que devem ter sentido com uma coisa dessas - observou Jondalar. - Talvez fosse esse o motivo por que o rapaz deles tenha me atacado. Percebi na ocasião que estavam com raiva. Já ouvi dizer que talvez fossem humanos e se são...

- Também já ouvi esse tipo de conversa - falou Laduni, ainda procurando acalmar-se - mas não acredite nisso!

- O chefe do bando que encontramos era inteligente e eles caminhavam sobre as pernas, da mesma forma que nós.

- Os ursos também às vezes caminhavam sobre as suas patas traseiras. Não, os cabeças-chatas são animais. Animais inteligentes, mas animais - Laduni se esforçava para controlar-se, consciente do mal-estar reinante. - Em geral, são inofensivos, a não ser quando

incomodados. A raiva não deve ser por causa das fêmeas. Duvido que compreendam como urna coisa dessas possa ser um desrespeito para com a Mãe. Estão zangados por causa das provocações e das surras. Todas as vezes que se irrita um animal, ele se defende atacando.

- Acho que o bando de Charoli arrumou para nós alguns problemas - falou Thonolan. - Estávamos querendo ir pela margem direita para não ter mos o trabalho de cruzar quando o rio se toma no Grande Rio Mãe.

Laduni sorriu. Com a mudança do assunto, a sua raiva foi embora tão depressa quanto havia chegado.

- O Grande Rio Mãe tem tributários que são verdadeiros rios, Thonolan. Se vocês pretendem segui-lo até a foz, precisam ir acostumando-se a atravessar de uma margem para outra. Vou dar uma sugestão. Conservem-se deste lado até passarem pelo grande redemoinho. Nesse ponto, as águas se separam em canais que passam a correr por terras planas. Os afluentes menores são sempre mais fáceis de ser atravessados do que grandes rios. Além disso, o clima nessa ocasião já estará quente. Se quiserem visitar os Sarmunai, sigam para o norte, depois de fazerem a travessia.

- Qual é a distância daqui até o redemoinho? - perguntou Jondalar.

- Eu vou riscar um mapa para vocês - falou Laduni, pegando a sua faca de sílex. - Lanalia, me traga um pedaço de cortiça. Talvez alguém mais aqui possa fornecer outros pontos de referência. Calculando o tempo necessário para as travessias de rios e para as suas caçadas durante a viagem, deverão chegar no lugar onde o rio dobra em direção ao sul lá pelo verão.

- Verão - repetiu Jondalar com expressão pensativa. - Já estou tão cansado de gelo e neve que mal consigo

esperar pelo verão. Até que viria bem a calhar um pouco de calor - ele sentiu novamente a perna de Lanalia junto à sua e pôs a mão sobre a coxa dela.

Capítulo 3

Enquanto Ayla, com cuidado, ia escolhendo onde pôr os pés para descer a íngreme encosta rochosa da ravina, no céu começavam a despontar as primeiras estrelas. Mal ela havia saído da borda do platô, o vento cessou e por momento, ficou parada, saboreando a quietude. Os paredões, no entanto, reduziam a claridade começava a entrar em declínio. Ao atingir o sopé da encosta, a densa vegetação ao longo do peque no rio era uma massa confusa, fazendo uma silhueta recortada contra o reflexo faiscante de miríades de pontinhos no céu.

Depois de tomar no rio um bom e refrescante gole, tateando, infiltrou-se na densa escuridão projetada pelo paredão. Não se deu ao trabalho de ar mar a barraca, limitou-se a se enrolar na sua pele, sentindo-se mais segura com uma parede às costas do que dentro de uma barraca de couro em campo aberto. Antes de adormecer, ficou observando a lua rotunda que mostrava a sua face quase cheia sobre as bordas da ravina.

Acordou com os seus próprios gritos. Pulou sobre os pés e, tomada de terror com as têmporas latejando e o coração disparado, ficou a olhar as vagas formas no imenso vazio negro à sua frente. De repente, deu um salto. Um estrondo seco foi seguido de um clarão que por instante a cegou. Tremendo, viu um alto pinheiro ser atingido por um raio. A árvore partiu-se e, lentamente, querendo se segurar ainda na sua outra metade, foi tombando.

Era um espetáculo sinistro. A árvore em chamas que iluminava a cena de sua própria morte e sombreava grotescamente o paredão ao fundo.

A chuva chegou para pôr fim aos estalidos e ao crepitar do fogo. Ayla apertava-se contra a parede, alheia tanto às lágrimas quentes como aos pingos frios que lhe rolavam pelo rosto. Num distante passado, um outro trovão, reminiscência do rumor de um terremoto, havia animado das cinzas sepultadas na memória um sonho recorrente que nunca a largava. Era um pesadelo do qual sempre saía sem se lembrar e que a deixava nauseada e profundamente pesarosa. Outro relâmpago, acompanhado por um estrépito ensurdecedor, encheu momentaneamente o vazio negro com uma claridade lúgubre, dando-lhe a rápida visão dos paredões escarpados e da árvore despedaçada, como se fora um simples graveto, pelo assombroso facho de luz, surgido do céu.

Tiritando tanto de medo como pelo frio úmido e penetrante, ela agarrava o amuleto, buscando alguma coisa que oferecesse segurança. A sua reação não se devia somente ao medo que lhe inspiravam os raios e trovoadas. Não gostava muito de tempestades, mas era uma coisa com que estava habituada. Em geral, os aguaceiros mostravam-se mais úteis do que destrutivos. Eram ainda as seqüelas emocionais deixadas pelos seus pesadelos com terremotos. Cataclismos significavam desgraças. Eles sempre lhe trouxeram perdas monstruosas e sofridas mudanças de vida. Nada havia que ela mais temesse.

Por fim, se deu conta de que estava molhada e retirou da cesta o pano de couro da barraca. Botou-o sobre a pele de dormir, como um cobertor e enterrou a cabeça debaixo. Mesmo depois de ter o corpo aquecido, ainda tremia, mas à medida que a noite avançou, a tempestade foi amainando e ela acabou dormindo.

Os pássaros enchiam o ar da manhã com os seus trinados, gorjeios e grasnos estridentes. Deliciada, Ayla

afastou a coberta, olhando a sua volta. Um mundo verde, ainda molhado da chuva, resplandecia sob o sol matinal. Ela se encontrava numa larga praia rochosa, num ponto onde o pequeno no fazia uma virada para o leste, num dos seus muitos volteios que acabariam conduzindo-o para o sul.

Na margem oposta, o verde-escuro dos pinheiros fazia uma fileira que chegava até o topo do paredão. Não ultrapassava em altura. Toda tentativa de crescimento acima do rebordo da garganta do rio era ceifada pelas ventanias da planície no alto. Isso dava às árvores um aspecto peculiarmente rombudo, forçadas que estavam a expandir-se em amplas ramificações. Um imponente gigante - de simetria quase perfeita, n fosse o cume despontando em ângulos retos com o tronco - havia crescido junto de outro com o seu alto tronco chamuscado e irregular que se unia à sua copa de cabeça para baixo. As árvores haviam crescido numa estreita faixa do outro lado do rio, entre a margem e o paredão, algumas tão perto da água que ficaram com as suas raízes descobertas, expostas sobre a terra.

Do lado em que estava, à montanha do rio, os salgueiros flexíveis faziam arcos sobre as águas do riacho, chorando nelas lágrimas compridas e esverdeadas. As ramas achatadas nos altos pés de choupos punham um tremor nas folhas que vibravam com a suave brisa correndo. Os vidoeiros de cortiça branca cresciam em grupos, enquanto os seus primos, os amieiros, não passavam de arbustos altos. As lianas subiam, enredando-se nas árvores e, amontoando junto do riacho, touceiras formadas de espécies variadas estavam em pleno verdor.

Portanto tempo ela caminhara pelas estepes secas e estorricadas que n se lembrava mais do quanto era bela uma paisagem verde. O pequeno rio brilhava convidativamente e, já esquecida da tempestade e de

seus medos, saiu em disparada pela praia. Um bom gole de água foi o primeiro pensamento, depois, seguindo um impulso, desatou a comprida correia da roupa, retirou o amuleto e se esparramou na água. Logo o fundo do rio sumiu sob os pés. Ela mergulhou e, então nadou na direção da margem oposta, formada pelo íngreme paredão.

A água estava fria e revigorante. Era um prazer ficar livre da sujeira incrustada e da poeira das estepes. Nadava contra a correnteza, sentindo-se cada vez mais forte e a água esfriando à medida que os paredões a prumo se comprimiam, estreitando o rio. Virou-se de costas, pondo-se a boiar embalada pela água e se deixando arrastar de volta pela correnteza. Os seus olhos fitavam o azul forte que enchia o espaço compreendido entre os altos penhascos. Ent percebeu um buraco escuro no paredão em frente da praia, vista à montante do rio. Seria uma caverna?, perguntou-se já entusiasmada. O que não sabia é se seria difícil chegar lá.

Voltou à praia e sentou-se sobre as pedras quentes, deixando o sol secá-la. O seu olhar foi atraído pelos passarinhos que saltitavam no chão tremelicando com as suas cabecinhas, à cata dos vermes trazidos à superfície pela chuva da noite; outros, revoando de galho em galho, picavam as frutas nos arbustos.

Que framboesas! Estão enormes! A sua aproximação foi saudada por um burburinho de asas batendo em polvorosa, que saíram para pousar em outros galhos não muito distantes. Aos punhados, ela ia levando à boca as framboesas, doces e suculentas. Depois de se haver fartado bem, foi lavar-se. Pendurou novamente o amuleto no pescoço e fez uma careta reparando na sua roupa suada e suja. Ela n tinha outra. Quando, pouco antes de partir, entrara na caverna sacudida pelo terremoto, pensando em apanhar roupas,

ali mentos e abrigo, a sua preocupação era com a sobrevivência e n com trajes de verso para mudar.

E novamente estava pensando na sobrevivência. Os pensamentos pessimistas que a dominaram, enquanto atravessava as planícies secas e monótonas, se dispersaram diante da vista do vale fresco e frondoso. As framboesas ha viam estimulado o seu apetite ao invés de satisfazê-lo. Agora, queria alguma coisa mais substancial. Pensando em pegar a sua funda, foi até o lugar onde dormira. Estendeu o pano de couro molhado e a pele úmida sobre as pedras aquecidas pelo sol, depois vestiu-se com a sua roupa suja e começou a procurar por pedras lisas e redondas.

Um exame mais acurado da praia revelou que ali havia mais do que pe dras. Lá se achavam pedaços dispersos de madeira acinzentados e ossos alvacentos, muitos dos quais empilhados, fazendo um monte encostado numa ponta do penhasco. Os violentos aguaceiros da primavera tinham arrancado árvores e arrastado os animais desavisados, carregando-os através da estreita passagem rochosa e os atirando no cul-de-sac, perto do paredão que fechava as águas se revolvendo em redemoinhos. No meio da ossada, Ayla viu gigantescos galhos de veados, enormes chifres de bisões e diversas presas de mar fim, igualmente imensas e curvas. Nem mesmo os grandes mamutes escapavam da força das correntezas. Colossais blocos de pedras também apareciam misturados aos destroços. Os seus olhos se estreitaram, examinando umas pedras cinzentas e gredosas, de tamanho médio.

“Isso é sílex!”, disse para si mesma, depois de olhá-las mais de perto. “Tenho certeza de que é. Precisava de um martelo para quebrar uma e saber, mas tenho quase certeza de que é.” Animada, saiu esquadrinhando a praia à cata de uma pedia oval que fosse boa para empunhar. Quando encontrou, bateu quebrando o

revestimento gredoso do nódulo. Um pedaço do córtex esbranquiçado separou-se, revelando o interior opaco, num tom cinza-escuro.

“É sílex! Sabia que era!” Pela sua mente, desfilava toda uma variedade de ferramentas que poderia fabricar. “Posso até fazer algumas para ter de re serva. Daqui por diante, já não vou precisar de me preocupar quando tiver de quebrar alguma coisa.” Ela retirou do monte algumas outras pedras, saí das de depósitos calcários, localizados em paragens mais acima do rio e carregados pelas correntezas até o sopé do paredão rochoso. A descoberta a animou a prosseguir em suas investigações.

O paredão que, em épocas de enchentes, servia como barreira para as fortes correntezas, se projetava para dentro do rio, num ponto onde o curso fazia uma curva. Quando contido dentro de suas margens normais, o nível do rio era bastante baixo e, facilmente, se podia contornar o ponto do penhasco. De repente, ela parou, ao dirigir os olhos para mais além na paisagem. À sua frente estava o vale que avistara de cima.

Contornando a curva, o rio se alargava e espumava por cima das pedras descobertas pela água. Ele corria para leste, margeando o rochedo do lado oposto da garganta. À esquerda dela, para além da barreira de pedra, o pare dão do desfiladeiro se desviava e a sua encosta fazia uma descida gradual até fundir-se com as estepes ao norte e a leste. Em frente, o vale era um belo campo de feno maduro, ondulando com o vento vindo da direção das colinas ao norte. A meio caminho da encosta, pastava uma manada de cavalos.

Ayla, aspirando toda a beleza e tranqüilidade do cenário, quase não acreditava que tal lugar pudesse existir no meio das estepes ventosas e secas. O vale era um generoso oásis escondido numa fenda aberta nas áridas planícies. Um microcosmo de abundância e

riquezas, como se a natureza, compelida a uma economia utilitarista naquela região, prodigalizasse seus bens onde se lhe apresentou uma oportunidade.

Intrigada com os cavalos, Ayla os observava a distância. Eram animais compactos, vigorosos, de patas um pouco curtas, pescoços grossos e cabeças grandalhonas com focinhos compridos. Lembravam-lhe os narizes grandes e caídos de alguns homens dos clãs. Tinham o pêlo grosso, hirsuto, e crina curta e tesa. Alguns tendiam para o acinzentado, mas a maioria era em tons de amarelo que iam desde o bege-areia até a cor do feno quando maduro. Afasta do um pouco do grupo, estava um garanhão cor de palha e Ayla reparou que havia vários potros da mesma tonalidade. O garanhão levantou a cabeça, sacudiu a crina curta e relinchou.

- Orgulhoso de seu clã, hein? - disse ela por meio de gestos e sorrindo.Pôs-se, então, a caminhar pelo campo, perto da vegetação de arbustos que ladeava o rio. Inconscientemente, ia reparando nas plantas, notando-lhes as propriedades medicinais ou as suas qualidades alimentícias. Quando estava sendo treinada para curandeira, ela teve de aprender a coletar e a conhecer as plantas que serviam à fabricação de mágicas curativas e muito poucas não sabia ali identificar. Mas, naquele instante, o seu objetivo era comida.

Ela reparou nas folhas e nos talos com flores secas, umbeladas, sugerindo a existência de cenouras silvestres a alguns centímetros abaixo da terra, mas passou pela planta como se não a tivesse visto. O que não era verdade. Mais tarde, a planta estaria naquele mesmo local e ela se lembraria do lugar com tanta precisão, como se o tivesse marcado. Os seus olhos afiados haviam apanhado o rastro de uma lebre e era no que o seu pensamento se concentrava: conseguir uma boa carne para comer.

Furtiva e silenciosamente, como um experiente caçador, seguiu os excrementos frescos, a relva amassada e as marcas de pisadas, já quase apaga das. Logo percebeu, pouco mais à frente, a forma de um animal camuflando se no meio da vegetação. Ela retirou a funda de sua correia na cintura e pegou duas pedras guardadas numa dobra da roupa. No momento em que a lebre saltasse, ela já estaria a postos. Com uma graça natural, advinda de anos de prática, lançou uma pedra, e no instante seguinte uma outra, ouvindo o tunque-tunque desejado e gratificante. As duas deram em cheio no alvo.

Ayla pegou o animal, lembrando-se do tempo em que, sozinha, aprendera a técnica do lançamento de duas pedras. Havia sido por causa de uma tentativa, extremamente presunçosa de sua parte, de querer matar um lince com uma funda. Ela, então, compreendeu o quanto se achava vulnerável ao ataque das feras. Mas foi preciso muito treino até conseguir colocar a segunda pedra na funda após o primeiro lançamento, de modo a fazer dois disparos consecutivos.

No caminho de volta, cortou um galho de árvore, aguçou-lhe uma das extremidades e o usou para desenterrar as cenouras. Meteu-as dentro de uma dobra da roupa e, antes de regressar à praia, pegou ainda dois galhos bifurca dos. Ao chegar, botou a lebre e os legumes no chão e tirou de dentro da cesta o pauzinho e a tábua de fazer fogo. Em seguida foi catar, debaixo dos ossos empilhados, pedaços grandes e secos de madeira, e os galhos caídos sob as árvores. Com o mesmo instrumento que usou para aguçar a ponta do pau de cavar, uma ferramenta com entalhes na forma de V no lado da borda afiada, ela raspou os espinhos e os nódulos de um pau. Isso feito, dirigiu-se a um pé de artemísia para retirar-lhe a casca solta e aveludada e depois foi apanhar algumas fibras nas vagens de cardo.

Procurou um lugar confortável para sentar, separou a madeira de acordo com o tamanho e arrumou, ao redor dela, as acendalhas, os gravetos e a lenha maior. Examinou a plataforma - uma tábua de clematite - e fez, com um furador de sílex, um entalhe numa das beiradas e ajustou a extremidade do pau - um galho de espadana guardado da estação passada - no buraco para testar-lhe o tamanho. Ajuntou as fibras de cardo no meio das cascas pegajosas, fazendo uma espécie de ninho sob o entalhe na tábua que escorava com o pé. Por fim, meteu a ponta do pau no buraco e respirou fundo. Para fazer fogo era preciso muita concentração.

Pôs a parte superior do pau entre as palmas da mão e começou a girá-lo de lá para cá, ao mesmo tempo que pressionava-o para baixo. Enquanto rodava-o, as suas mãos escorregavam por ele, chegando quase a encostar na tábua. Se tivesse alguém para ajudá-la, nesse instante a outra pessoa pega ria o pau das mãos dela pela parte de cima, dando seqüência ao trabalho. Mas sozinha, tinha que chegar até embaixo e rapidamente voltar para a outra ponta, sem deixar cair o ritmo ou diminuir a pressão, do contrário o calor gerado pela fricção se dissiparia, antes de acumulai em quantidade suficiente para dar início ao processo de combustão da madeira. Era um trabalho duro que não permitia um momento de descanso.

Ayla se entregou ao ritmo do movimento, ignorando o suor formando-se na testa e pingando nos olhos. À medida que prosseguia, o buraco se aprofundava e a serragem da madeira acumulava-se. Ela sentia o cheiro de queimado, vendo o buraco enegrecer, até que, por fim, se desprendeu a primeira fumacinha, encorajando-a a continuar, apesar da dor nos braços. Uma peque nina brasa se formou na tábua e caiu sobre o ninho de acendalhas embaixo. O estágio seguinte era mais

decisivo ainda. Se a brasa apagasse, teria de começar tudo de novo, desde o princípio.

Ela se curvou, colocando o rosto muito perto do carvão, sentindo-lhe o calor enquanto ia soprando-o. Vigiava a brasa avivar-se com cada um de seus sopros e parecer apagar-se quando parava para retomar o fôlego. Pegou, então, as raspas de madeira e botou junto da pequenina brasa, vendo-as iluminar-se e escurecer, mas ainda sem pegar fogo. Finalmente, apareceu uma chama. Soprou com mais força, alimentou o fogo com mais raspas e quando teve uma pequena pilha ardendo, acrescentou os gravetos.

Descansou só depois que viu os grandes tocos de madeira em chamas, com o fogo realmente atiçado. Reuniu mais alguns pedaços de lenha e os deixou empilhados perto da fogueira. Em seguida, com uma ferramenta denta da, pouco maior do que a anterior, raspou a casca do galho verde que usara para desenterrar as cenouras. Fincou os galhos bifurcados no chão, um de cada lado da fogueira, de modo que o galho pontudo ficasse bem encaixado nas forquilhas. Agora, era a vez de tratar da lebre.

Quando o fogo estivesse reduzido a carvões incandescentes, era o tempo que o animal estaria sem a pele e pronto para ser assado. Ela estava começando a enrolar as entranhas na pele para jogar fora, como vinha fazendo durante a viagem, mas mudou de idéia.

Poderia aproveitar a pele, achou. Não iria demorar mais do que dois dias...

Ela foi até o rio limpar o sangue de suas mãos e lavar as cenouras que enrolou em folhas de tanchagem. Eram folhas grandes e fibrosas que, além de comestíveis, davam boas ataduras para machucados e ferimentos. Os embrulhos de cenouras foram colocados junto das brasas.

Por um momento, permitiu-se ficar recostada. Enquanto a comida cozinhava, aproveitou o tempo para limpar, do lado interno do couro, os vasos sanguíneos, membranas e folículos pilosos. O seu raspador estava quebrado e ela pensou em fazer um novo.

Com o pensamento perdido em conjecturas, ia trabalhando e cantarolando uma cantiga monótona e desafinada. “Talvez fique por aqui alguns dias para terminar de curtir esse couro. De qualquer modo, estou precisando mesmo de fazer algumas ferramentas. Gostaria de tentar chegar naquele buraco no paredão. - A lebre está começando a ter um cheirinho delicioso. Numa caverna estaria abrigada da chuva, mesmo que o lugar não sirva para morar.”

Ela se levantou e virou o espeto sobre o fogo. A sua cabeça agora trabalhava em outra direção.

“Eu não posso ficar muito tempo aqui. Preciso encontrar gente, antes que o inverno chegue.” De repente, parou de raspar a pele, deixando-se levar pelo seu tumulto interior, sempre pronto a aflorar ao nível da consciência. “Onde será que estão eles? Iza disse que havia uma quantidade deles no continente. Por que não consigo encontrá-los? O que é que vou fazer, Iza?” Sem que esperasse, as lágrimas lhe encheram os olhos, escorrendo pelas faces. “Oh, Iza, sinto tanto a sua falta. E de Creb e de Ura... e de Durc, o meu filhinho, o meu bebê. Eu queria tanto o meu filhinho... foi tão cruel. E ele não tem nada de deformado. É apenas diferente. Igual a mim.”

“Não. Igual a mim, não. Você será um homem dos clãs. Só que será mais alto e com a cabeça parecendo um pouco diferente. Algum dia, será um grande caçador, um grande atirador de funda também. E vai correr mais do que qualquer outro. Irá ganhar todas as corridas nas Reuniões de Clãs. Talvez não ganhe as lutas. Pode ser que não vá ter muita força, mas será um homem forte.

“Mas quem irá brincar com você de fazer sons com a boca? Aqueles sons tifo alegres?

“Tenho de parar de pensar nisso”, ralhou ela consigo, enxugando as lágrimas com as costas da mão. “Devia estar feliz por haver pessoas que gostam de você. E quando crescer, Ura virá para ser a sua companheira. Oda prometeu educá-la para ser uma boa mulher para você, Durc. Ura também não é deformada. Ela é só diferente, igual a você. Mas e eu? Será que algum dia encontrarei um companheiro?”

Ela se pôs de pé e foi ver como andava a comida, querendo movimentar-se para afastar os pensamentos da cabeça. A carne ainda não se achava no ponto de que gostava, mas achou que já assara bastante. As cenouras, pequeninas e amareladas, estavam macias e tinham um sabor adocicado e travoso. Sentia falta do sal de que ela dispunha quando estava nas cercanias do mar interno, mas a fome era bom tempero. Deixou que o resto da lebre assasse por mais algum tempo e voltou para terminar de raspar o couro, sentindo-se um pouco melhor, depois de alimentada.

O sol ia alto no céu, quando resolveu investigar o buraco no paredão. Tirou a roupa e atravessou o rio a nado, agarrando-se às raízes de uma árvore para poder sair da água, na outra margem. Era difícil escalar o paredão quase vertical e já começava a achar que a caverna não valia a pena, mesmo que a encontrasse. E, realmente, ficou desapontada quando atingiu um estreito ressalto no penhasco, em frente ao buraco escuro, na verdade pouca coisa mais do que uma depressão na rocha. Os excrementos de hiena num canto escuro a fizeram concluir que deveria haver outro caminho mais fácil para se chegar lá, mas de qualquer modo o espaço não servia para nenhuma outra coisa que fosse maior do que esse bicho.

Ela se virou para voltar, mas de repente parou. No paredão do outro lado do rio, na direção à jusante, numa situação um pouco mais baixa do que a que estava, enxergou o alto da pedreira que se projetava para dentro do rio. Era uma beirada larga, parecendo ter no fundo um outro buraco na face do penhasco e esse com aparência de ser bem mais profundo. De onde se encontrava, via um caminho íngreme, mas possível de ser escalado. O seu coração batia forte. Se fosse uma caverna, seja lá que tamanho tivesse, poderia contar com um lugar seco para passar a noite, n meio caminho da descida, saltou dentro da água, tamanha era a ansiedade para investigar de uma vez.

“Devo ter passado por aqui ontem de noite”, pensou, quando começava a fazer a subida. “Mas já estava muito escuro para poder enxergar. Lembrou-se, então, de que não se devia aproximar de uma caverna desconhecida sem antes tomar determinadas precauções e voltou para buscar a funda e algumas pedras.

Embora na noite anterior tivesse feito a descida tateando o caminho, à luz do dia viu que não precisava de pontos para apoiar-se. Ao longo de milênios, a margem oposta havia sido escarpada pelo rio, enquanto que aquela em que se achava já não era tão íngreme. Quando foi aproximando-se, passou a caminhar cautelosamente e com a funda pronta para ser posta em ação.

Todos os sentidos se achavam alertas. Tentava ouvir sons de respirarão ou de algum trotar furtivo, ao mesmo tempo que buscava por sinais que indicassem que o lugar fora recentemente habitado. Farejava o ar, querendo sentir o cheiro característico de uma determinada fera; abria a boca para que as papilas gustativas a ajudassem no faro; procurava detectar através da pele alguma sensação de calor que, porventura, viesse do lado da caverna e deixava que a

intuição a guiasse, enquanto silenciosamente se aproximava da boca de entrada. Pé ante pé, ia chegando perto, até que por fim olhou para o seu interior.

Não enxergou nada.

A abertura voltada para o sul era pequena. O teto, embora mais alto do que a sua cabeça, podia ser tocado com os braços estendidos. O chão abaixava na entrada e depois se nivelava. O loesse, soprado pelos ventos e misturado com detritos largados por animais que no passado tinham usado a caverna, formava uma camada de sujeira. Originalmente irregular e pedregoso, o chão se tornara com o tempo uma superfície de terra seca e dura.

Olhando à sua volta, não conseguia detectar qualquer sinal que revelasse ter sido a caverna usada nos últimos tempos. Sem fazer qualquer ruído, entrou reparando o quanto era fria em comparação com o patamar em frente, ensolarado e quente, e esperou que os olhos se acostumassem à penumbra. Havia mais luz no interior do que imaginara e, ao entrar um pouco mais, descobriu por quê. Sobre a entrada, havia uma abertura que deixava a luz o dia penetrar. Logo percebeu uma utilidade para aquele buraco. Por ele, a fumaça poderia sair, antes que se espalhasse pelo teto da caverna.

Uma vez que teve os olhos adaptados à escuridão, percebeu que podia perfeitamente enxergar lá dentro. A caverna não era nem grande nem pequena, e poder dispor de luz no seu interior era uma boa coisa. A partir da entrada, as paredes enviesavam, alargando-se até encontrar a do fundo, que se mostrava quase a prumo. A forma geral era mais ou menos a de um triângulo, com o ápice da boca e a parede leste mais alta e comprida do que a lateral do lado oeste. O lugar mais escuro era o canto do lado leste, o primeiro que ela começou a explorar.

Devagar, cautelosamente, se dirigiu para a parede leste, procurando por fendas ou passagens que pudessem levar a recônditos, guardando perigos ocultos. Próximo ao canto escuro, amontoavam-se pedras saídas de uma rachadura na rocha. Subiu sobre as pedras no chão e passou a mão, sentindo um parapeito, mas nada mais do que isso.

Pensou em ir buscar uma tocha, mas mudou de idéia. Afinal, havia cheirado, ouvido e sentido, e não encontrara qualquer sinal de vida, além de que já estava conseguindo enxergar um pouco. Segurou com uma das mãos as pedras e a funda, lamentando não estar vestida para ter onde pendurar as suas armas e se suspendeu por cima do parapeito. Era uma passagem baixa, onde tinha de curvar-se para locomover-se. Tratava-se no entanto, apenas de um pequenino ambiente, com o teto inclinando pouco mais adiante para encontrar o chão. No fundo, havia uma pilha de ossos. Depois de apanhar um, tornou a descer e seguiu novamente pela parede do fundo e do lado leste, voltando à entrada. A caverna só tinha uma boca. Exceto aquele nicho, não havia qualquer outro recinto ou túnel conduzindo a lugares secretos. Parecia confortável e segura.

Ao sair, protegendo os olhos contra a luz, encaminhou-se para a beirada do pequeno terraço em frente e olhou ao seu redor. Achava-se no alto do paredão, no lugar onde este se projetava fazendo a ponta.] Debaixo dela, à direita, estava a pilha de ossos misturados com o madeirame arrastado pelas enchentes e a praia rochosa. À esquerda, ao longe, avistava o vale. Para mais além, o rio virava para o sul, contornando a base do penhasco, enquanto o paredão à esquerda, do lado oposto, fundia-se com as estepes.

Ela examinou o osso na sua mão. Era a comprida titia de um gigantesco veado, já velha e seca, com marcas de dentes muito visíveis que chegavam até a

medula. A configuração da dentada, o modo como o osso estava roído, parecia algo já visto e, ao mesmo tempo, não. Que se tratava de um felino, disso não tinha dúvidas. Conhecia os animais carnívoros melhor do que qualquer pessoa. Fora com esses animais que aprendera a caçar, embora matasse só os de porte pequeno e médio. Mas aquelas marcas haviam sido deixadas por um bicho grande, na verdade enorme. Ela se virou, olhando de novo pan a caverna.

“Um leão! Isso já foi o covil de leões da caverna. O nicho seria um lugar perfeito para a leoa ter os seus filhotes”, pensou. “Talvez não deva passar a noite nela. Pode ser perigoso.” Ela tomou a olhar para o osso. “Mas isso está tão velho e a caverna há anos não é usada. Além do mais, uma fogueira perto da entrada manterá os animais afastados.”

“É uma boa caverna. Não existem tantas assim. Bastante espaçosa, bom chão de terra e acho que não entra água. As enchentes de primavera não vêm até cá em cima. Até buraco para saída de fumaça tem. Bom, acho que vou buscar a milita cesta e a minha pele... trazer o fogo para cá e um pouco de comida.

“Ela correu de volta à praia. Quando voltou, estendeu o couro da barraca e a pele sobre o chão de pedra do patamar em frente e pôs a cesta dentro da caverna. Em seguida, fez diversos carregamentos de lenha para cima. “Talvez traga também algumas pedras para pôr na fogueira”, pensou, quando se preparava para descer mais uma vez. Mas, de repente, parou.

“Para que vou querer pedras de cozinhar? Vou ficar só poucos dias. Preciso continuar procurando os Outros. Tenho de encontrar gente antes que venha o inverno.

“E se eu não achar ninguém?” Há muito tempo essa possibilidade rondava o seu espírito, mas evitava encarar o problema de frente. Às conseqüências eram aterrorizantes demais. “E se o inverno chegar e eu ainda

não tiver encontrado gente? Vou estar sem nenhuma comida armazenada e sem nenhum lugar para morar. Aqui é seco, quente e bem protegido contra a neve e o vento. Nenhuma caverna para...

Ela deu uma olhada para a caverna outra vez, depois para o belo vale bem protegido, com a manada de cavalos pastando ao longe, e novamente voltou a olhar para a caverna. “É o lugar perfeito para mim”, disse para si mesma. “Muito tempo vai passar até que eu tome a encontrar outro igual. E também o vale. Poderia coletar, caçar e fazer estoque de mantimentos. Há água e lenha com fartura... para muitos e muitos invernos. Até sílex há. E não existe vento. Tem tudo que preciso... menos gente.”

“Não sei se conseguirei agüentar um inverno inteiro sozinha. Mas, por outro lado, a estação já está muito adiantada e preciso começar a fazer os meus estoques de comida. Se até agora ainda não encontrei ninguém, quem garante que, daqui para diante, vou achar? Se encontrar os Outros, como vou saber que eles me deixarão ficar? Eu não sei quem são. Alguns deles são tão ruins quanto Broud. Veja o que aconteceu com Oda. Ela disse que foi violada por homens dos Outros, da mesma maneira como Broud me forçava a ter relações com ele... Oda disse que eles pareciam comigo. E se todos forem maus?” Ayla tornou a olhar para a caverna e depois para o vale. Pôs-se, então, a caminhar em volta do terraço, deu um pontapé numa pedra que estava solta na beirada do penhasco, olhou para os cavalos e tomou a decisão.

- Cavalos - disse ela - por algum tempo vocês vão ter-me aqui, dividindo este vale com vocês. Na primavera que vem, começo outra vez a procurar pelos Outros. Se não me preparar para o inverno desde agora, talvez na primavera já não esteja mais viva.

Esse discurso dirigido aos cavalos era expressado apenas por alguns poucos sons guturais e entrecortados. Os sons, ela os empregava somente para dizer nomes ou para enfatizar a língua rica e complexa, mas perfeitamente compreensiva, que falava com graciosos e fluídicos movimentos de mãos. Essa era a única língua de que se lembrava haver aprendido em sua vida.

Uma vez a decisão tomada, sentiu-se aliviada. Odiava a idéia de abandonar aquele belo vale e enfrentar novos dias de provação, caminhando pelas estepes ressequidas e ventosas. Abominava o pensamento de viajar, para qual quer parte que fosse. Desceu à praia e se abaixou para apanhar a roupa e o amuleto. No que foi pegar o saquinho de couro, reparou em algo, como um pedacinho de gelo brilhando ao sol.

“Gelo, em pleno verão? Como pode ser isso?” Perguntou-se apanhando a pedra. Mas então percebeu que não era fria. Tinha as bordas duras e bem definidas e as faces lisas e chatas. Ela a virava de um lado para outro, observando as suas facetas brilhando com a luz. Nisso, aconteceu de virar justamente na angulação em que o prisma separa a luz solar nas cores do espectro. Ao ver o arco-íris que se projetava no chão, parou de respirar. Aquela era a primeira vez que encontrava um cristal de quartzo em estado puro.

Esse cristal, como o sílex e muitas outras variedades de pedras existentes na praia, eram blocos erráticos, estranhos ao ambiente. A pedra brilhante fora arrancada de seu lugar de origem pelas forças do elemento com que se parecia - o gelo - e arrastada para os depósitos de aluvião da corrente glacial.

Subitamente, ela sentiu um frio, ainda mais gelado do que o próprio gelo, subir-lhe pela espinha. Sentou-se. Estava abalada demais com o seu pensa mento e o significado daquela pedra. Lembrava-se do que Creb lhe dissera, há muitos anos, quando era ainda uma menina.

Era inverno e o velho Dorv havia contado algumas histórias. Ela conjeturava sobre a lenda que acabara de ouvir, fazendo perguntas a Creb que o levaram a falar sobre a importância e o significado dos totens:

- Os totens querem um lugar para viver. Provavelmente, eles abandonam aqueles que ficam rondando por aí, sem ter onde morar. Você não gostaria de ser abandonada pelo seu totem, não é?

Ela pegou no seu amuleto.

- Mas quando ela estava sozinha e sem casa o meu totem não me abandonou.

- Isso era porque você estava sendo posta à prova por ele, O seu totem achou um lar para você, não é verdade? O Leão da Caverna é um totem forte, Ayla. Ele a escolheu. Talvez, por isso, ele tenha resolvido que você ficasse para sempre sob a sua proteção, mas todos os totens ficam mais felizes quando possuem uma moradia. Se você cuidar dele, terá a sua ajuda. Ele lhe dirá o que é melhor.

- E como é que vou saber, Creb? Nunca vi um espírito de Leão da Caverna. Como é que vou saber quando um totem está contando alguma coisa para agente?

- Você não pode ver o espírito de seu totem porque ele é parte de você. Mas mesmo assim ele fala com você. Apenas a pessoa tem de aprender a entendê-lo. Se você tiver de tomar uma decisão, ele a ajudará. Mandará um sinal para você, quando a sua escolha for acertada.

- Que tipo de sinal?

- É difícil dizer. Em geral, é alguma coisa muito particular ou fora do comum. Pode ser uma pedra que você nunca tenha visto antes, ou alguma raiz com uma forma especial que faça sentido para você. É preciso aprender a entendê-lo com o coração e com a mente, não com os olhos ou os ouvidos. Então, você saberá. Mas

quando chegar a ocasião e você encontrar o sinal que o seu totem lhe estiver dando, guarde a coisa no seu amuleto. Isso vai lhe trazer sorte.

"Ó Leão da Caverna, está você ainda me protegendo? É isso um sinal? Será que tomei a decisão correta? Está você me dizendo que devo ficar nesse vale?

"Segurando, com as mãos em concha, o faiscante cristal e de olhos fechados, ela tentava meditar à maneira de Creb, procurando ouvir com o coração e a mente, querendo acreditar que o seu poderoso totem não a havia abando nado. Pensava em como fora obrigada a partir, nos longos e cansativos dias passados caminhando à procura de seu povo, indo para o norte, como lhe tinha dito Iza. Indo sempre para o norte...

"Os leões da caverna. O meu totem colocou os leões no meu caminho pan que eu tomasse o rumo do oeste. Ele estava me guiando para este vale. Queria que eu encontrasse estas terras. Estava cansado de ficar viajando e desejava esse lugar para morar. Numa caverna que já foi habitada por leões. Num lugar onde ele se sente bem. Ele continua comigo. Ainda não me abandonou."

O alívio sentido com a revelação tornou-a consciente do estado de tensão em que vinha vivendo. Ela sorria e batia com as pálpebras para limpar as lágrimas, enquanto desatava os nós do cordão que fechava o saquinho. Despejou, então, os objetos que se achavam no seu interior e pegou-os um por um.

O primeiro foi um torrão de ocre vermelho. Todas as pessoas nos clãs traziam consigo um pedaço dessa sagrada pedra. Era a primeira coisa a entrar nos seus amuletos e dada pelo Mog-ur no dia que ele lhes revelava os totens. Normalmente, a designação do totem da pessoa se fazia quando esta ainda era criança de colo, mas no caso de Ayla, ela só veio a conhecer o seu

totem aos cinco anos de idade. Não muito depois dela ter sido encontrada por Iza, Creb fez a revelação, quando, então, o clã a aceitou. Ayla esfregava a cicatriz em sua perna na forma de quatro linhas paralelas, olhando, agora, o segundo objeto: o fóssil de um gastrópode.

Parecia a concha de algum bicho do mar, mas era uma pedra. Foi o primeiro sinal enviado pelo seu totem e ele sacramentava a sua decisão de caçar com funda. Ela, então, como não podia chegar na caverna trazendo animais cuja carne era usada para comer, resolveu matar somente os predadores que eram animais muito mais astutos e perigosos. No entanto, isso serviu para que desenvolvesse uma técnica extremamente apurada. O objeto seguinte que pegou foi o seu talismã de caçadora: um ovo de marfim tingido de vermelho e dado pelo próprio Brun na fascinante e assustadora cerimônia que a tomou na Mulher Caçadora. Ela passou a mão na minúscula cicatriz em sua garganta, onde Creb fizera um diminuto corte para sacrificar o seu sangue em honra dos antigos espíritos.

O próximo objeto tinha especial significado e quase trouxe novamente lágrimas aos seus olhos. Ela segurou, apertando na mão, os três nódulos de pirita de ferro, colados um no outro. Este lhe foi dado pelo seu totem para que ela soubesse que o seu filho iria viver, O último foi um pedaço preto de dióxido de manganês, dado pelo Mog-ur, quando ela foi feita curandeira e, portanto, portadora de uma parte do espírito de cada um dos membros do clã. De repente, atravessou-lhe um mau pensamento. “Será que o fato de Broud me amaldiçoar significa que o resto das pessoas estão também amaldiçoadas? Quando Iza morreu, Creb teve o cuidado de retirar dela os espíritos, para que eles não a acompanhassem ao outro mundo. E de mim, ninguém retirou espíritos.”

Uma sensação ruim, de mau agouro, apoderou-se dela. Desde a Reunião dos Clãs, onde de maneira inexplicável Creb passou a vê-la como alguém diferente, ela vez por outra se sentia estranhamente desorientada, como se ele a tivesse transformado. Era uma sensação de fraqueza que sobrevinha com náusea e formigamento da pele e um imenso pavor do que a sua morte pudesse significar para os clãs.

Ayla tentou afastar os maus pensamentos e pegou o saquinho de couro, guardando de volta a pequenina coleção de objetos, agora acrescida do cristal de quartzo. Enquanto amarrava de novo o amuleto, examinou o cordão, procurando por sinais de desgaste. Creb lhe tinha dito que ela morreria se o perdesse. Ao recolocá-lo, pendurado no pescoço, sentiu a diferença de peso.

Sozinha, sentada sobre a praia pedregosa, ela se perguntava o que teria acontecido antes de a terem encontrado. Não tinha a menor lembrança de sua vida anterior, mas era muito diferente de todo mundo que conhecia. Alta demais, extremamente pálida, com um rosto nada parecido com o das pessoas dos clãs. Ela tinha visto a sua imagem refletida nas águas paradas de um lago. Era feia. Broud o dissera muitas vezes e todo mundo achava. Era uma mulher grande e feia e nenhum homem iria querê-la.

“Também nunca quis saber de nenhum deles”, pensou. “Iza disse que eu precisava de um homem de minha própria raça, mas por que um homem dos Outros iria me querer mais do que um homem dos clãs? Talvez seja melhor mesmo eu ficar por aqui. Ainda que encontre os Outros, como vou saber que arranjarei um companheiro?

Capítulo 4

“Jondalar, agachado, observava a mana da através de uma cortina de relva dourada dobrando-se ao peso das espigas ainda por amadurecer. Um cheiro forte de cavalo, quente, morrinhento, impregnava o ar, trazido, não pelo vento quente, batendo-lhe no rosto, mas pelo esterco fresco que ele havia esfregado no corpo e nas axilas, com isso pretendendo disfarçar o próprio odor, caso o vento mudasse de direção

O sol quente brilhava nas suas costas suadas e morenas, e os fios de suor que lhe escorriam pelas têmporas enegreciam o cabelo descolorado e empastado na testa. No rosto, o vento soprava, incomodando uma mecha comprida, escapada do laço de couro amarrando a cabeleira na nuca. Vez por outra, as moscas zumbindo ao redor picavam-lhe a pele e a posição forçada, de cócoras, punha um início de cãibra na perna esquerda.

Eram incômodos pequenos que quase não reparava. A sua atenção estava toda voltada para um garanhão que empinava, bufando, estranhamente consciente do iminente perigo ameaçando o seu harém. As éguas pastavam, mas iam interpondo-se, aparentemente descuidadas, entre os seus potros e os homens.

Thonolan, a poucos metros adiante, estava agachado na mesma posição forçada. Tinha uma lança levantada sobre o ombro direito e outra que segurava com a mão esquerda. Ele olhou para o irmão. Jondalar levantou a cabeça e piscou os olhos na direção de uma égua acinzentada. Thonolan, remexendo a lança na mão para sentir-lhe o equilíbrio, fez sim com a cabeça e se preparou para saltar.

Como se já houvessem previamente combinado, os dois pularam ao mesmo tempo e foram em disparada na

direção da manada. O garanhão empinava, dando relinchos de aviso. Thonolan atirou a sua lança na égua, enquanto Jondalar, aos gritos e uivos, ia direto para o garanhão, tentando assustá-lo. A zoeira dava resultado. O animal não estava habituado a predadores barulhentos. Os caçadores de quatro patas eram furtivos e silenciosos em seus ataques. O garanhão, com relinchos lamuriosos, arremessou-se na direção do homem, mas acabou esquivando-se e galopou atrás da manada batendo em retirada.

Os dois irmãos correram em perseguição. O garanhão percebeu que a égua ia ficando para trás e mordiscava as suas ancas, querendo pressioná-la. Os homens agitaram os braços, gritando, mas desta vez o garanhão fincou pé no seu terreno. Atirando-se entre os homens e a égua, ele os mantinha a distância, enquanto cutucava a fêmea, procurando incentivá-la. A égua, cambaleando, deu mais uns poucos passos, depois parou com a cabeça pendurada. A lança de Thonolan estava cravada na ilharga, fazendo correr filetes de sangue que manchavam o couro acinzentado e pingavam da crina.

Jondalar veio para mais perto, fez pontaria e atirou a sua lança. O animal estremeceu, cambaleou e caiu. A segunda lança foi enterrar-se no pescoço, sob a espessa moita da crina. O garanhão aproximou-se e, delicadamente, lhe encostou o focinho, em seguida retrocedeu e, soltando um berro de desafio, correu atrás da manada. Só lhe restava proteger os vivos.

- Vou pegar os baús - falou Thonolan, enquanto, cansados, caminhavam na direção do animal tombado. - Será mais fácil trazer a água para cá do que levar o animal até o rio.

- Não vamos botar toda a sua carne para secar. Podemos levar só o que queremos até a margem do rio; assim, não precisamos trazer a água para cá.

Thonolan encolheu os ombros.

- Por que não? Vou apanhar um machado para partir ossos - falou, encaminhando-se para o rio.

Jondalar desembainhou a sua faca de cabo de osso e fez um talho pro fundo na garganta. Arrancou as lanças do corpo do animal e ficou observando a poça de sangue que ia formando-se ao redor da cabeça.

- Quando você regressar para a Grande Mãe Terra, agradeça a ela - falou, dirigindo-se ao animal.

Instintivamente, ele levou a mão à sua sacola, apalpando a estatueta de pedra da Mãe. “Zelandoni tem razão”, pensou. “Se os filhos da terra esquecerem daquela que os sustenta, talvez algum dia, quando acordarmos, vamos descobrir que estamos sem casa.” Agarrou, então, a faca, preparando para ofertar a Doni a sua parte.

- Na volta, vi uma hiena. Parece que além de nós dois vamos ter outros convidados - falou Thonolan.

- A Mãe não gosta de desperdícios - respondeu Jondalar, sujo de sangue até os cotovelos. - Dessa ou daquela maneira, tudo acaba voltando para ela. Bom, ajude-me aqui.

- É um risco e você sabe disso - dizia Jondalar, atirando mais lenha na fogueira. Algumas fagulhas flutuaram no ar, antes de desaparecerem junto com a fumaça na escuridão da noite. - Que faremos quando o inverno chegar?

- Até o inverno, ainda há muito tempo. Até lá, devemos encontrar gente.

- Se voltarmos agora, poderemos encontrar pessoas. Ainda dá tempo para chegar nos Losadunai, antes que o inverno aperte - ele se virou, olhando para o irmão. - Não sabemos como é o inverno do lado de cá das montanhas. Aqui é mais aberto, menos protegido e as árvores são poucas para lenha. Talvez seja melhor tentarmos achar os Sarmunai. Eles podem nos dar uma

idéia do que nos aguarda pela frente e também informações das pessoas que vivem por essas bandas.

- Você pode voltar se quiser, Jondalar. Desde o começo, a minha intenção era fazer essa viagem sozinho... não que não goste de sua companhia.

- Não sei... talvez devesse - respondeu Jondalar, virando-se para olhar o fogo. - Não fazia idéia da extensão deste rio. Olhe só para ele - falou, apontando para a água tremeluzindo sob o reflexo do luar. - Esse rio é a Mãe dos outros e tão imprevisível quanto ela. Quando começamos a segui-lo, ele ia na direção leste, agora está indo para o sul, dividido em diversos canais. Às vezes tenho dúvidas se estamos realmente seguindo o rio certo. Qualquer que fosse a distância, achava que não estava falando sério, quando disse que queria acompanhá-lo até o seu final. Além disso, mesmo que encontremos pessoas, como você poderá saber se é gente amiga?

- São nessas coisas que está a graça de uma viagem, Jondalar. Descobrir novos lugares, conhecer caras novas. Tem-se que confiar na sorte. Olhe aqui, meu irmão, se quiser, volte. Falo sério.

Jondalar encarava o fogo, batendo ritmicamente com o pau na palma da mão. De repente, saltou sobre os pés e atirou o pau no fogo, fazendo pular um mundo de fagulhas. Deu uns passos e se pôs a olhar as tiras de carne que secavam penduradas em cordas de fibras retorcidas e esticadas entre as estacas que fincaram no chão.

- E por que teria eu de voltar? Aliás, o que eu espero do futuro?

- A próxima curva do rio. Um outro nascer do sol e a pró a mulher com quem irá deitar-se - falou Thonolan.

- E isto é tudo? É só o que você quer da vida?

- E fora isto, o que há mais a esperar? Você nasce, vive o melhor que pode enquanto está neste mundo e,

algum dia, volta para a Mãe. Depois disso, ninguém sabe...

- Há de haver mais coisa do que isso. Deve existir alguma razão para viver.- Se algum dia descobrir, me conte - disse Thonolan bocejando. - Estou esperando pelo próximo nascer do sol, mas um de nós tem de ficar acordado, ou do contrário vamos ter de acender mais fogueiras para manter os bichos afastados, se quisermos que essa carne esteja aí amanhã de manhã.

- Vá você dormir. Eu fico acordado. De qualquer modo, não iria mesmo conseguir pegar no sono.

- Você se preocupa muito, Jondalar. Quando ficar cansado, me acorde.

O sol já havia saído quando Thonotan se arrastou para fora da barraca, esfregando os olhos e espreguiçando.

- Você ficou acordado a noite toda? Eu lhe disse para me chamar.

- Fiquei pensando e não me deu vontade de ir para a cama. Se quiser, o chá de sálvia está quente.

- Obrigado - respondeu Thonolan, despejando com uma concha o líquido fumegando dentro de uma cuja de madeira. Ele se acocorou perto da fogueira, segurando a cuia entre as mãos. A relva estava molhada e, vestido só com uma tanga, sentia o ar frio da manha. Ficou observando a revoada dos pássaros que cantavam barulhentamente ao redor de um pequeno matagal e das árvores perto do rio. Um bando de garças, aninhado numa ilha de salgueiros no meio do canal, fazia a sua refeição matinal de peixes.

- Bom... e então?

- Então,o quê?

- Descobriu o sentido da vida? Não era com que estava preocupado ontem à noite, quando fui dormir? Se bem que jamais entenderei por que ficou acordado a

noite toda por causa disso. Bom, a não ser que haja alguma mulher por aqui... Será que você tem alguma das filhas de Doni escondida no meio dos salgueiros?

- E se eu tivesse, você acha que iria dizer? - falou Jondalar, sorrindo.- Você não precisa fazer piadas sem graça para me deixar de bom humor, irmãozinho - acrescentou já meio sério. - Vou acompanhá-lo até o fim do rio, se é que você quer saber. Mas, depois disso, o que vai fazer?

- Isso depende do que encontrarmos lá. Bom, eu achei que o melhor a fazer seria ir para a cama. Você não é boa companhia quando entra numa de suas fases de rabugice. Fico satisfeito por ter resolvido a vir. Já me acostumei com você, com o seu mau humor e tudo.

- E eu já disse que alguém tem de estar junto de você para impedi-lo de se meter em enrascadas.

- Está falando de mim? Bem que gostaria de me meter numa enrascada. Seria melhor do que ficar aqui sentado esperando essa carne secar.

- Se o tempo continuar firme, será só por uns dias. Mas, mudando de assunto, não tenho muita certeza se devo ou não contar para você o que eu vi - falou Jondalar, piscando o olho.

- Ora, deixe disso. Você sabe que de qualquer maneira vai...

- Thonolan, há um esturjão imenso no rio... mas, nem pensar em pescá-lo. Você também não iria querer esperar que o peixe secasse.

- De que tamanho? - perguntou Thonolan. Ele se pôs de pé e olhava ansioso para o rio.

-. É tão grande que não sei se nós poderíamos arrastá-lo para fora.

- Nenhum esturjão é tão grande assim.

- Esse que eu vi era.

- Venha mostrar.

- Quem você pensa que eu sou? A Grande Mãe? Por acaso acha que tenho poderes para fazer surgir um peixe e mostrá-lo para você? - Thonolan parecia desolado. - Mas vou mostrar o lugar onde eu vi o peixe.

Os dois se encaminharam para a margem e ficaram postados perto de uma árvore caída, com uma parte banhada pela água. Como se só para tentá-los, uma forma escura apareceu subindo o rio e parou debaixo da árvore, per to do fundo, ondulando-se levemente contra a correnteza.

- Esse deve ser a mãe de todos os peixes - sussurrou Thonolan.

- Mas será que conseguiremos pescá-lo?

- Podemos tentar.

- Daria para alimentar uma Caverna inteira ou até mais. O que iríamos fazer com ele?

- Não é você quem diz que a Mãe nunca deixa que nada se desperdice? Os carcajus e as hienas podem ficar com uma parte. Vamos pegar as lanças - disse Thonolan, já louco pela pescaria.

- Lanças não vão adiantar. Iremos precisar de arpões.

- Até fazermos os arpões, o esturjão já terá sumido.

- Mas se não fizermos, nunca conseguiremos apanhá-lo. Escaparia fácil de uma lança. Precisamos arrumar alguma coisa que tenha um gancho volta do para fora. Não levaria muito tempo para fazer. Olhe aquela á ali na frente. Se cortarmos os galhos bem juntos de uma bifurcação resistente, não precisamos nos preocupar com reforços. Usamos o galho tal como está - falava Jondalar ilustrando a sua descrição com gestos no ar - depois cortamos os galhos, afinamos a ponta e arrumamos um gancho para...

- Mas de que vai adiantar se o peixe for embora antes de você arrumar isso tudo? - interrompeu Thonolan.

- Já vi esse peixe aqui duas vezes. Parece que o seu lugar predileto de descansar é aqui. Provavelmente irá voltar.

- Mas quem sabe quanto tempo ele vai demorar para retomar?

- Tem alguma coisa melhor para fazer neste instante?

Thonolan deu um sorriso forçado.

- Está certo. Você venceu. Vamos fazer o arpão.

Os dois se viraram para voltar, mas pararam assustados. Diversos homens, com expressões sem dúvida alguma pouco amistosas, achavam-se lá, cercando-os.

- De onde saíram? - perguntou Thonolan, com voz rouca sussurrada.

- Devem ter visto nossa fogueira. Talvez já estejam nos espreitando há muito tempo. Como eu passei a noite inteira acordado para vigiar a carne, eles deviam estar à espera de um momento em que nos pegassem desprevenidos, com as nossas lanças fora de alcance.

- Não estão parecendo muito sociáveis. Ninguém faz um gesto de saudação. O que vamos fazer?

- Ponha na sua cara o seu riso mais arreganhado e bonito e faça você o gesto, irmãozinho.

Thonolan procurou mostrar-se confiante e, exibindo aquilo que imaginava fosse o sorriso de alguém seguro de si, encaminhou-se na direção das pessoas com as mãos estendidas.

- Eu sou Thonolan dos Zelan...

Os seus passos foram barrados por uma lança que ficou balançando cravada no chão junto aos seus pés.

- Tem alguma outra sugestão a fazer, Jondalar?

- Acho que agora é a vez deles.

Um dos homens disse alguma coisa numa língua desconhecida e dois outros saltaram na direção deles,

pondo-se a pressioná-los com as pontas das lanças, de modo a fazê-los ir em frente.

- Não precisa ser malcriado, amigo - falou Thonolan, sentindo uma espetada. - Nós estávamos mesmo indo nessa direção quanto vocês apareceram.

Eles foram levados para o lugar onde tinham o acampamento e jogados no chão com brutalidade. Aquele que havia falado antes rosnou uma outra ordem. Alguns homens entraram na barraca e retiraram tudo do seu interior. As lanças foram tiradas dos baús e o conteúdo deste empilhado no chão.

- O que vocês acham que vão fazer? - gritou Thonolan, começando a levantar-se. Ele foi obrigado a se manter no lugar e sentiu um fio de sangue escorrer-lhe pelo braço.

- Fique calmo, Thonolan - aconselhou Jondalar. - Eles parecem zangados e acho que não estão dispostos a aceitar reclamações.

- Isso é modo de tratar visitas? Será que desconhecem os direitos de trâmite dos que estão em viagem?

- Foi você mesmo quem disse, Thonolan.

- Disse o quê?

- Que se tem de confiar na sorte e que a graça de uma viagem está nisso.

- Obrigado - falou Thonolan, passando a mão na ferida em seu braço e olhando para os dedos sujos de sangue. - Era exatamente o que eu estava precisando ouvir

Aquele que parecia ser o chefe tomou a expedir algumas outras ordens e os dois irmãos foram erguidos sobre os seus pés. Thonolan, apenas com a sua tanga, mereceu só um olhar rápido, mas Jondalar foi revistado e ficou sem a sua faca de cabo de osso. Um dos homens pegou-lhe a sacola presa em seu cinto e ele tentou

agarrá-la. No instante seguinte, estava sentindo uma forte dor na nuca e tombando no chão.

Ficou tonto só alguns momentos. Quando a sua cabeça clareou, encontrou-se estendido no chão, fitando os olhos cinzas de Thonolan, com expressão preocupada. As suas mãos se achavam atadas nas costas por correias.

- Foi você mesmo quem disse, Jondalar.

- Disse o quê?

- Que eles não estão a fim de agüentar reclamações.

- Obrigado - disse Jondalar com uma careta, sentindo subitamente for te dor de cabeça. - Era exatamente o que eu estava precisando ouvir.

- O que você acha que vão fazer conosco?

- Bom, ainda estamos vivos. Se quisessem nos matar, já o teriam feito.

- Talvez estejam nos guardando para alguma coisa mais especial.

Os dois ficaram deitados no chão, vendo os desconhecidos andarem pelo acampamento e ouvindo-lhes as vozes. A um certo momento, eles começaram a sentir os seus estômagos rosnando com o cheiro de comida cozinhando. Quando o sol ficou mais alto no céu, o problema tomou-se ainda pior com o calor forte e a sede. No transcorrer da tarde, Jondalar adormeceu. Sem ter dormido na noite anterior, o sono acabou vencendo-o. Foi acordado com o barulho de gritos e passos apressados.

Alguém havia chegado.

Os dois foram postos de pés. Inteiramente estupefatos, deram com a cena de um homem corpulento que vinha na direção deles, carregando nas costas uma velha extremamente enrugada e de cabelos brancos. O homem ficou de quatro e a mulher foi ajudada a descer da sua cavalgadura humana.

- Seja quem for, deve ser um bocado importante - falou Jondalar. Um soco nas costelas veio calar a sua boca.

A mulher encaminhou-se para eles, apoiando-se num cajado que era um pau nodoso, com um adorno esculpido no cabo. Jondalar não tirava os olhos dela, certo de que nunca vira em sua vida alguém tão velho. Com a idade, a mulher encolhera, ficando da altura de uma criança e os cabelos brancos rarefeitos deixavam à mostra o couro cabeludo rosado. O rosto estava tão enrugado que quase não parecia mais o de um ser humano, mas os olhos curiosamente destoavam. Em alguém tão velho, o normal seria que fossem senis, opacos e lacrimosos. Mas não. Brilhavam com inteligência, espargindo autoridade. Jondalar estava pasmo com a minúscula figura da mulher e um tanto temeroso por Thonolan... e por ele também. Ela não teria sido trazida se não fosse por motivo muito importante.

Quando a mulher falou, a voz tinha as dissonâncias próprias da idade, mas era surpreendentemente forte. O chefe apontou na direção de Jondalar e ela lhe dirigiu uma pergunta.

- Peço desculpas, mas não compreendo -. falou ele.

Batendo no peito com a mão, tifo encaroçada quanto o seu cajado, ela tomou a falar, dizendo algo que foi ouvido como Haduma. Depois, apontou o seu dedo nodoso para ele.

- Sou Jondalar dos Zelandonli - disse, esperando ter entendido o que ela pretendia dele.

A mulher levantou a cabeça como que apurando os ouvidos.

- Zelan-do-nie? - repetiu devagar.

Jondalar, nervoso, fez sim com a cabeça, passando a língua nos lábios ressequidos.

Ela ficou encarando-o, com jeito especulativo. Depois, falou, dirigindo-se ao chefe. À resposta deste saiu brusca. Ela deu uma ordem extremamente lacônica e se virou, encaminhando-se para a fogueira. Um dos homens que os vigiavam puxou uma faca. Jondalar deu uma olhada no irmão. Pela sua cara, Thonolan estava sentindo a mesma coisa que ele. Jondalar preparou-se para o que desse e viesse e, de olhos fechados, dirigiu uma prece à Grande Mãe.

Abriu-os quando, com um suspiro de alívio, sentiu que lhe retiravam as correias, desamarrando as suas mãos. Um homem se aproximava trazendo um odre com água. Depois de sorver longos goles, Jondalar o passou para o irmão, também já com as suas mãos livres. Ele ia abrir a boca para agradecer, mas se lembrando do soco nas costelas achou melhor pensar duas vezes antes de fazê-lo.

Os dois foram escoltados até a fogueira por guardas com lanças ameaçadoras que os vigiavam de perto. O homem corpulento, que tinha carregado a velha, trouxe uma tora, botou um manto de pele sobre esta e se afastou para o lado, mantendo a sua mão sobre o cabo de uma faca. Ela acomodou se no toco e, os irmãos foram postos sentados à sua frente. Todos os dois tinham o máximo cuidado para não fazer qualquer movimento que pudesse ser interpretado como agressivo à velha. Não tinham a menor dúvida sobre qual seria o destino deles caso passasse pela cabeça dos homens ali que eles poderiam feri-la.

Ela, sem dizer palavra, encarava Jondalar outra vez. O olhar dele encontrou-se com o dela, mas à medida que o silêncio prolongava-se, ele começou a sentir-se desconcertado, pouco à vontade. De repente, a mulher meteu a mão dentro de seu vestido e, com os olhos fuzilando de raiva e soltando um mundo de imprecações - que eles não entendiam, mas percebiam - estendeu

para ele um objeto. Jondalar, surpreso, arregalou os olhos. Ela tinha na mão a estatueta de pedra representando a Mãe, a sua donii.

Com o canto dos olhos, ele percebeu que o guarde ao seu lado se encolhera assustado. Havia qualquer coisa na donii que o perturbava.

A mulher terminou o seu palavrório e, num gesto de efeito, levantou o braço atirando a estatueta ao chão. Instintivamente, Jondalar deu um salto, conseguindo ainda agarrá-la. No seu rosto se via a raiva que sentia pelo ato de desrespeito para com o sagrado objeto. Ignorando as picadas da lança, ele pegou a imagem, segurando-a de modo a protegê-la.

A uma palavra da mulher, a lança foi retirada de cima dele. Jondalar, surpreso, viu um riso no rosto da velha e um brilho divertido nos seus olhos, mas estava longe de saber se era de bom humor ou malícia.

Ela se levantou do toco, vindo para mais perto. Não era muito mais al ta em pé do que sentada. Encarava-o diretamente dentro de seus olhos muito azuis, com uma expressão de espanto. Depois, deu um passo atrás, virou a cabeça dele de um lado para o outro, apalpou-lhe os músculos do braço e examinou a largura dos ombros. Ela fez-lhe um gesto para que se levantasse. Ele não percebeu imediatamente, mas a estocada do guarda o fez logo compreender. A velha jogou para trás a cabeça, querendo avaliar melhor o seu metro e no venta de altura. Em seguida, pôs-se a andar à volta dele, dando-lhe cutucadas nos músculos da perna. A sensação de Jondalar era a de que estava sendo examinado como mercadoria posta a prêmio num negócio. Depois, enrubesceu com o pensamento de que talvez não fosse ele de tão boa qualidade.

O próximo a ser examinado foi Thonolan. Ela lhe fez sinal para ficar de pé e, em seguida, voltou novamente a atenção para Jondalar. Se ele já estava ruborizado, mais

ainda ficou ao perceber o sentido do gesto que a mulher lhe fazia. Ela queria ver a sua virilidade.

Ele abanou a cabeça recusando-se e deu um olhar furioso a Thonolan que tinha na cara um sorriso divertido. A uma ordem da mulher, um dos homens agarrou Jondalar por trás, enquanto outro, visivelmente embaraçado, procurava desajeitadamente abrir a calça.

- Acho que ela não está disposta a aceitar reclamações - disse Thonolan, abafando um sorriso.

Jondalar, furioso, deu uni safanão no homem que o segurava e ele mesmo expôs o seu sexo para a velha, enquanto fuzilava com os olhos o irmão que não conseguia conter as risadas. A mulher olhou para o sexo, entortou a cabeça avaliando-o, e encostou o dedo encaroçado.

Jondalar, ao invés de vermelho, ficou agora roxo. Então, por alguma razão inexplicável, ele sentiu o seu membro dilatando-se. A mulher cacarejou uma risadinha, no que foi seguida por todos os que estavam por perto, mas tudo dentro de um clima submisso e reverente. Thonolan ria, batendo com os pés no chão e os olhos enchendo-se de lágrimas. Jondalar, às pressas, cobriu o seu membro ultrajado, sentindo-se idiota e morto de raiva.

- Meu irmão, se você consegue ter uma ereção com uma bruxa velha desta é porque está realmente precisando de mulher - falou ele, tomando fôlego e enxugando uma lágrima. Depois, tomou a soltar uma estrondosa gargalhada.

- Só espero que chegue a sua vez - disse Jondalar, lamentando não lhe ocorrer algum dito mais mordaz que acabasse com a alegria do irmão.

A velha fez sinal para o chefe dos homens que os haviam detido e se pôs a falar com ele. Seguiu-se uma troca acalorada e palavras entre os dois e Jondalar escutou a mulher dizendo Zelandonie, enquanto o

homem apontava para a carne secando nas cordas. A uma ordem imperiosa da velha, a conversa foi abruptamente interrompida. O homem passou os olhos em Jondalar, fazendo, em seguida, um gesto para um rapaz de cabelos encaracolados que, depois de ouvir algumas palavras, disparou a toda pressa. Jondalar e Thonolan foram conduzidos de volta à barraca e tiveram os seus baús devolvidos. Mas as facas e as lanças não. Um homem foi deixado à pequena distância, visivelmente na intenção de mantê-los sob vigilância. Trouxeram-lhes comi da e, quando a noite caiu, os dois se meteram dentro da barraca. Thonolan achava-se alegre, animado, mas Jondalar não estava nem um pouco para conversa com um irmão que, a cada instante, olhava para ele e caía na gargalhada.

Ao acordarem, havia no acampamento um clima de expectativa. Quando a manhã ia pela metade, surgiu um enorme grupo de pessoas que foi recebido com gritos de saudações. Barracas foram armadas, havia homens, mulheres e crianças andando por toda parte e o acampamento dos dois parecia agora mais uma Reunião de Verão. Jondalar e Thonolan, cheios de interesse, observavam a montagem de uma grande estrutura circular, com paredes retas, feitas de couro, e um teto de palha de forma abobadada. Muitas das partes da construção vieram pré-moldadas e a montagem se fez numa velocidade incrível. Depois, trouxas e cestos tampados foram levados para dentro.

Durante algum tempo, fez-se uma pausa nas atividades, enquanto a comida era preparada. À tarde, uma multidão começou a formar-se ao redor da estrutura circular. A tora da velha foi trazida e colocada ao lado da abertura de entrada, com a manta de pele forrando-a. Logo que ela surgiu, as pessoas ficaram em silêncio e passaram a fazer um círculo ao seu redor,

deixando livre o espaço central Jondalar e Thonolan a viram falando com um homem e apontando para eles.

- Talvez a velha esteja querendo que você mostre novamente o seu grande desejo por ela - troçou Thonolan, vendo o homem acenar-lhes.

- Terão antes que me matar.

- Pensei que você estivesse morrendo de vontade para deitar-se com a nossa beldade - disse Thonolan, fingindo ar de inocência. - Pelo menos foi o que aconteceu ontem - novamente ele se pôs a rir. Jondalar se virou, dirigindo-se para o grupo em torno da velha.

Os dois foram conduzidos para o centro da roda e ela fez um gesto para que eles se sentassem à frente dela.

- Ze-lan-do-nie? - perguntou a mulher, dirigindo-se a Jondalar.

- Sim - disse ele, indicando com a cabeça. - Eu sou Jondalar dos Zelandonii.

Ela deu uma tapinha no braço de um velho que se achava ao seu lado.

- Eu... Tamen - falou o homem, dizendo, em seguida, outras palavras que Jondalar não conseguiu entender. - ... Hadumai. Faz muito tempo Tamen - seguiu-se outra palavra incompreensível – oeste... Zelandonii.

Jondalar esforçava-se querendo compreender, mas, subitamente achou que pescara algumas palavras do velho.

- O seu nome é Tamen e você falou qualquer coisa sobre Hadumai. Faz muito tempo... há muito tempo atrás, você... oeste. Quer dizer, você fez uma viagem para o oeste e conheceu os Zelandonii, não é isso? Você fala zelandonii? - perguntou animado.

- Sim, uma viagem - respondeu o homem. - Falar não... faz muito tempo.

A velha agarrou o braço do homem e lhe falou qualquer coisa. Ele se virou para os dois irmãos.

- Haduma - disse ele, apontando para ela. - Haduma... mãe - Tamen hesitava. Depois, com um largo movimento de braços, indicou todos que se achavam ali presentes.

- Você está querendo dizer que ela é como um zelandonii, uma servidora da Mãe?

Ele abanou a cabeça.

- Haduma... mãe... - Por um momento ficou pensando, depois acenou para algumas pessoas e as pôs em fila do lado dele. - Haduma... mãe... mãe... mãe... mãe - falou, primeiro, apontando para a velha, depois para si mesmo e, em seguida, indicando cada um daqueles que estavam enfileirados.

Jondalar observava as pessoas, tentando dar sentido à demonstração do velho. Tamen era velho, mas não tanto quanto Haduma. O que vinha depois dele era um homem aproximadamente de meia-idade. Ao lado deste, achava-se uma mulher segurando a mão de uma criança. De repente, Jondalar estabeleceu a conexão.

- Você está dizendo que Haduma é mãe de mãe cinco vezes? - ele levantou a mão com os cinco dedos estendidos. - Mãe de cinco gerações? - disse, admirado.

O homem sacudiu com veemência a cabeça.

- Sim. Mãe de mãe... cinco vezes - falou apontando para cada pessoa.

- Grande Mãe! Você imagina quantos anos ela possa ter? - perguntou Jondalar, se dirigindo ao irmão.

- Grande Mãe! - repetiu Tamen. - Haduma... mãe - falou, batendo na barriga.

- Filhos?

- Filhos... sim - disse confirmando com a cabeça. - Haduma mãe de filhos... - ele se pôs a riscar linhas na terra.

- Um, dois, três... - ia contando Jondalar os riscos na terra. - Dezesseis! Haduma teve dezesseis filhos?

Tamen confirmou, apontando outra vez para os traços no chão.

- Muitos filhos e muitos... meninas? - ele abanava a cabeça, incerto da palavra.

- Muitas filhas? - perguntou Jondalar, querendo ajudar.

O rosto de Tamen se iluminou.

- Isso, muitas filhas... - Ele se pôs a pensar por um instante. – Vivos todos vivos. Todos... muitos filhos - dizendo isso, levantou os dedos de uma das mãos e mais um da outra. - Seis Cavernas Hadumai.

- Não é de admirar que nos mataria se fizéssemos qualquer coisa contra ela. A velha é mãe de todo mundo aqui. Uma “primeira mãe”. E viva! - falou Thonolan.

Jondalar, muito impressionado, se achava intrigado.

- Eu me sinto muito honrado em conhecer Haduma, mas não entendo certas coisas. Por que estamos presos e por que ela foi trazida para cá?

O velho apontou, primeiro, para as carnes secando nas cordas e depois para o homem que os havia detido.

- Jeren... caçar. Jeren fazer... - Tamen desenhou na terra um círculo com uma abertura de onde partiam duas linhas divergentes na forma de um grande V.

- Homem dos Zelandonii fazer... fazer correr. . - ele parou e ficou pensando por muito tempo, depois sorriu e disse: - Fazer correr cavalos.

- Ah, então é isso! - falou Thonolan. - Eles devem ter construído uma barreira e estavam esperando que a manada se aproximasse e nós espantamos os animais.

- Posso entender por que ele esteja zangado - falou Jondalar para Tamen - mas nós não sabíamos que estávamos caçando nas suas terras. Bom, se vocês quiserem, podemos ficar aqui e caçar para pagar essa perda. Mas, mesmo assim, não acho que isso seja modo de tratar visitantes. Será que ele não conhece os direitos

de trâmite daqueles que estão em viagem? - falou Jondalar, desabafando a sua raiva.

O velho não entendeu todas as palavras, mas conseguiu apanhar o senti do geral.

- Aqui, não muitos visitantes. Muito tempo não ir oeste. Direitos esquecidos.

- Pois bem, então faça com que ele trate de lembrar. Você já fez uma viagem em sua vida e ele também talvez algum dia queira fazer uma - Jondalar ainda se achava irritado com o tratamento recebido, mas não queria fazer uma questão maior do incidente. Além disso, não sabia o que tinha ainda de enfrentar pela frente e era melhor não arrumar muitos problemas.

- Mas por que Haduma foi trazida? Como você foi permitir que ela, na sua idade, fizesse uma longa viagem?

Tamen sorriu.

- Não... não permitir Haduma. Haduma ordenar. Jeren encontrar dumai. Isso, como falar?... Trazer desgraça?

Jondalar fez sim com a cabeça, dando a entender que a palavra estava correta, mas continuava ainda sem compreender o que Tamen pretendia dizer.

- Jeren... mandar mensageiro para Haduma vir espantar desgraça. Haduma vir.

- Dumai? O que é dumai? Está falando da minha donii? - indagou Jondalar, retirando a estatueta de pedra da sua sacola.

As pessoas em volta soltaram exclamações horrorizadas e deram um passo atrás. Ouviu-se, então, um murmúrio carregado de hostilidade, mas silenciaram após Haduma haver feito uma arenga na direção delas.

- Mas essa donii significa sorte - protestou Jondalar.

- Sim, sorte... para mulher, sorte... - Tamen procurava pela palavra -, para homem, sacrilégio.

Jondalar se via atônito.

- Mas se é sorte para a mulher, por que ela quis quebrá-la? - ele fez um gesto brusco como se fosse jogar no chão a donii, provocando exclamações de ansiedade.

Haduma dirigiu algumas palavras ao velho.

- Haduma já muito tempo viva... - muita sorte. Muita mágica. Haduma dizer... costumes de Zelandonii. Dizer que homem zelandonii não Hadumai... Haduma dizer que homem zelandonii mau?

Jondalar abanava a cabeça sem entender.

Thonolan se meteu na conversa.

- Acho que ele está dizendo que Haduma queda colocá-lo à prova, Jondalar. Ela sabia que os costumes não eram os mesmos e, por isso, queda ver como você reagiria diante de um ato de desrespeito.

- Desrespeito sim - interrompeu Tamen, ao ouvir a palavra. - Haduma saber. - - não todos os homens ser bons. Querer saber se homens zelandonii respeitar a Mãe.

- Ouça aqui. Essa é uma donii muito especial - disse Jondalar, um tanto indignado. - É uma imagem muito antiga. Foi a minha mãe quem me deu e ela vem passando por diversas gerações.

- Sim, sim - dizia Tamen, balançando a cabeça energicamente. - Ha duma ser muito sábia. Viver há muito tempo. Saber muita mágica. Ela afastar desgraça. Haduma saber Homem zelandonii ser bom. Haduma querer Homem para... honrar a Mãe.

Jondalar viu a cara de Thonolan se iluminando com um sorriso e estremeceu.

- Haduma querer - Tamen apontava para os olhos de Jondalar - querer olhos azuis. Honrar a Mãe. Querer espírito de zelandonii fazer filho. Filho de olhos azuis.

- Você conseguiu outra vez, meu irmão - falou Thonolan, deliciado, deixando escapar um riso cheio de malícia. - Claro, com esses seus enormes olhos azuis, ela ficou apaixonada - ele se sacudia, tentando conter o riso,

com medo de ofender, mas estava acima de suas forças. - Oh, Mãe! Estou doido para chegar em casa e contar essa para todo mundo. Jondalar, o querido de todas as mulheres! Você ainda quer voltar? Só para ver essa cena, eu desisto de chegar ao fim do rio - Thonolan não agüentou continuar. Dobrava-se em gargalhadas, batendo com os pés no chão, fazendo força para que as risadas não fossem ouvidas.

Jondalar não parava de engolir em seco.

- Ah... eu... bom... Haduma acha que a Grande Mãe... bem, pode ria ainda abençoá-la com um filho?

Tamen, perplexo, olhou para Jondalar e depois para Thonolan contorcendo-se em risadas. De repente, a cara do homem enrugou-se com um imenso sorriso. Ele falou qualquer coisa com Haduma e o acampamento inteiro se pôs também a rir estrondosamente, com as risadas cacarejadas da velha sobrepondo-se a todas as outras. Thonolan, aliviado, pôde por fim rir livremente, com as lágrimas invadindo-lhe os olhos.

Jondalar nada via de engraçado.

O velho sacudia a cabeça negando, querendo falar.

- Não, não. Homem dos Zelandonii - ele acenava a alguém - para Noria. Noria...

Uma mocinha deu um passo à frente, sorrindo timidamente para Jondalar. Era quase ainda uma menina, mas já mostrando o frescor luminoso de sua recente maturidade. As risadas, finalmente, foram dominadas.

- Haduma saber de grandes mágicas - falou Tamen. - Haduma abençoar. Noria fazer cinco gerações - ele estendeu cinco dedos. - Filho de Noria fazer seis gerações - acrescentou mais um dedo. - Haduma querer homem Zelandonii... honrar a Mãe - Tamen deu um sorriso, lembrando-se da expressão correta. - Querer zelandonii para ritos de passagem de Noria.

As rugas de preocupação na testa de Jondalar apagaram-se e um sorriso se esboçou nos cantos de seus lábios.

- Haduma abençoar. Fazer espírito do homem entrar em Noria. Noria fazer... bebê com olhos de zelandonii.

Foi a vez de Jondalar explodir em risos, tanto de alívio, como de prazer. Ele olhou para o irmão. Thonolan já não ria mais.

- Ainda quer contar a todos que eu dormi com uma velha? - perguntou. Depois, voltou-se para Tamen e disse: - Diga a Haduma que terei grande prazer em honrar a Mãe e compartilhar dos ritos de passagem de Noria.

Ele deu um caloroso sorriso para a moça que, timidamente, lhe sorriu de volta, mas, depois, rendida ao carisma dos grandes olhos azuis de Jondalar, abriu-se num belo e amplo sorriso.

Tamen falou algumas palavras para Haduma. Ela fez sim com a cabeça e acenou para que Thonolan e Jondalar se pusessem de pé. Em seguida, fez um novo e minucioso exame da figura alta e loura de Jondalar. Ele ainda conservava nos lábios o seu caloroso sorriso. Haduma olhou-lhe dentro dos olhos, deu uma risadinha e entrou na grande tenda circular. Enquanto se dispersavam, as pessoas ainda riam e comentavam sobre o mal-entendido.

Os irmãos permaneceram lá para conversar com Tamen. Ainda que a conversa se fizesse com dificuldade, isso era melhor do que nada.

- Quando foi que você visitou os Zelandonii? - perguntou Thonolan.- Você se lembra de qual a Caverna em que ficou?

- Fazer muito tempo. Tamen... rapaz. Igual vocês.

- Tamen, este é o meu irmão Thonolan e o meu nome é Jondalar. Jondalar dos Zelandonii.

- Vocês bem-vindos Thonolan e Jondalar - o velho deu um sorriso. - Eu, Tamen, geração três de Haduma. Fazer muito tempo não falar zelandonii. Esquecido. Falar mal. Se você falar, Tamen...

- Se lembra da língua? - sugeriu Jondalar.

O homem sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Mas você é a terceira geração? Eu pensei que fosse filho de Haduma - prosseguiu Jondalar.

- Não. Para homem zelandonii saber Haduma ser a mãe.

- O meu nome é Jondalar, Tamen.

- Jondalar - corrigiu-se ele. - Tamen não ser filho de Haduma. Haduma fazer filha - falou, levantando um dedo e olhando interrogativamente.

- Só uma filha? - perguntou Jondalar.

Tamen negou com a cabeça.

- A primeira filha?

- Sim. Haduma fazer primeiro uma filha. A filha fazer o primeiro filho - disse, batendo no seu peito. – Tamen... companheira?

Jondalar confirmou com a cabeça.

- Companheira de Tamen mãe de mãe de Noria.

- Acho que entendo. Você é o primeiro filho da primeira filha de Haduma e a sua companheira é a avó de Noria.

- Isso, avó. Noria significar grande honra pan Tamen. Noria... geração seis de Haduma.

- Eu também me sinto honrado por ter sido escolhido para os ritos de passagem de Noria.

- Noria... fazer filho com olhos de zelandonii. Isso deixar Haduma... feliz - disse sorrindo, por se lembrar da palavra. - Haduma dizer que homens grandes zelandonii ter espíritos... fortes, por isso eles fazer um hadumai forte.

- Tamen, veja bem - falou Jondalar, franzindo a testa. - Talvez Noria não faça um bebê de meu espírito.

Tamen sorriu.

- Mágica de Haduma muito forte. Haduma abençoar e Noria fazer bebê. Mágica muito forte. Mulher não filho - ele apontou pan a virilha de Jondalar.

- Tocar? - perguntou Jondalar, sugerindo a palavra e sentindo as suas orelhas arderem.

- Sim, Haduma tocar e mulher fazer filho. Mulher não ter leite, Haduma tocar e mulher fazer leite. Haduma fazer uma grande honra para Jondalar. Muitos homens querer toque de Haduma. Fazer ficar homem muito tempo. Fazer homem ter... prazer? - nesse ponto, todos os três riram. - Dar prazer para mulher muito tempo, muitas vezes. Haduma ter mágica forte - ele fez uma pausa e o sorriso desapareceu de seu rosto. - Não fazer raiva em Haduma. Haduma com raiva... mágica ruim.

- E eu fui rir - falou Thonolan. - Você acha que eu poderia conseguir um toque dela? Ora, também você com esses seus olhos azuis, Jondalar...

- Deixa disso, Thonolan. A única mágica de que você precisa é a do olhar convidativo de uma moça bonita.

- Bom, e daí? Você também nunca precisou de ajuda. Mas veja quem foi convidado para os primeiros ritos de Noria, não é esse seu irmãozinho de olhos cinzas e tristes.

- Pobrezinho. Um acampamento cheio de mulheres e o meu querido irmão vai passar uma noite solitária. Pois sim, jamais na vida.

A risada dos dois foi seguida pela de Tamen, que conseguira pegar o sentido da piada.

- Tamen, talvez seja bom que você me fale um pouco sobre os costumes dos ritos de passagem das moças aqui - disse Jondalar, já com ar mais sério.

- Antes que vocês entrem nesse assunto – disse Thonolan -, será, Tamen, que você poderia pedir para nos devolver nossas facas e lanças? Eu tive uma idéia.

Enquanto o meu irmão estiver encantando essa bela moça com os seus grandes olhos azuis, acho que arranjei um modo de deixar o seu caçador um pouco menos furioso.

- Como? - perguntou Jondalar.

- Com uma velha bruxa, naturalmente.

Tamen mostrava-se confuso, mas não deu importância. Deviam ser as suas dificuldades com a língua.

Jondalar, naquela noite e no dia seguinte, pouco viu Thonolan. Estava ocupado demais com os rituais de purificação. A língua era uma barreira, mesmo contando com a ajuda de Tamen, e, quando ele se encontrava sozinho no meio das velhas curandeiras, era ainda pior. Só com Haduma presente ele se sentia um pouco mais tranqüilo. Estava certo de que ela passava por cima de muitos erros seus indesculpáveis.

Haduma não governava o seu povo, mas ninguém lhe recusava o que quer que fosse. Era tratada com respeito e benevolência. E também com um pouco de medo. O fato de permanecer viva há tanto tempo e de estar em seu perfeito juízo só podia ser por artes de feitiçaria. Ela tinha o dom de sentir quando Jondalar se achava em dificuldade. Certa vez em que ele não tinha dúvidas de haver violado um dos tabus, ela irrompeu pelo recinto, com os olhos chispando de raiva e dando cajadadas nas mulheres que se puseram em debandada. Não admitia que o contrariassem. A sua sexta geração tinha de nascer, a qualquer custo, com os olhos azuis de Jondalar.

À noite, ao ser por fim conduzido à grande tenda redonda, Jondalar só teve certeza de que chegara o momento depois de estar lá dentro. Ao cruzar a entrada, ele parou um instante para olhar ao seu redor. Duas lamparinas de pedra iluminavam um canto, queimando

os seus pavios de musgo mergulha dos em óleo, O chão achava-se forrado com peles, e das paredes penduravam-se cortinados feitos de fibras de cortiça e tecidas de modo a formar elabora dos desenhos. Por trás de um tablado coberto de peles, se encontrava pendurado um couro de cavalo, grosso e branco, decorado com cabeças vermelhas de filhotes de pica-paus e, sentada na borda do tablado, estava Noria, nervosa, olhando fixamente para as mãos apoiadas no colo.

Num outro canto, construíra-se um ambiente por meio de panos de couro, desenhados com símbolos esotéricos e uma cortina feita de várias correias penduradas. Alguém se achava atrás. Ele viu a mão de uma pessoa afastar algumas das tiras de couro. Por instante, apareceu o rosto enrugado de Haduma. Jondalar suspirou aliviado. Sempre havia pelo menos uma pessoa presente nessas ocasiões para dar o seu testemunho de que a transformação da moça em mulher fora integral e também para cuidar de que o homem não fosse desnecessariamente bruto. Por ser estrangeiro, ele estava preocupado de que pudesse haver um bando de guardiões prontos para censurar-lhe o comportamento. Com Haduma não havia motivos para apreensões. Ele não sabia se devia cumprimentá-la ou simplesmente ignorar a sua presença lá. Preferiu tomar o segundo partido ao ver a cortina fechar-se. Quando Noria o viu, se levantou. Ele, sorrindo, se encaminhou na sua direção. Ela era uma moça um tanto miúda, com sedosos cabelos castanhos-claros que caíam soltos ao redor do rosto. Estava descalça. Usava uma saia de tecido de fibras que amarrava na cintura e depois caía na forma de tiras coloridas até pouco abaixo dos joelhos. A blusa era feita de uma suave pele de veado, bordada com penas tingidas e se amarrava apertada na frente. Moldava suficientemente o corpo para deixar entrever

uma forma de mulher feita, embora Noria ainda não tivesse perdido de todo alguns de seus contornos infantis.

Ao vê-lo aproximar-se, os seus olhos ganharam uma expressão assustada, apesar de tentar sorrir. Como ele não fez qualquer movimento brusco e se contentou simplesmente em se sentar, sorrindo, na beirada do estrado, ela pareceu relaxar um pouco e veio, por sua vez, se sentar ao seu lado, mas a uma distância em que os joelhos dos dois não se tocassem.

“Ajudaria muito se eu pudesse falar a língua dela”, pensou Jondalar. “Está tão amedrontada. Não é para menos. Afinal, sou uma pessoa inteira mente estranha para ela. Mas, assim tão assustada, chega a ser comovente.” Ele sentia-se protetor e também já um pouco excitado. Percebendo uma jarra com algumas cuias sobre uma bancada perto, fez menção de ir pegar, mas Noria percebeu e se precipitou, passando-lhe à frente para encher as cuias.

- Obrigado Noria - falou Jondalar, botando as cuias no chão.

- Jondalar? - perguntou ela, levantando os olhos.

À luz das lamparinas, ele percebeu-lhe os olhos de uma tonalidade clara, mas não saberia dizer se eram cinzas ou azuis.

- Sim. Jondalar dos Zelandonii.

- Jondalar... - homem zelandonii.

- Noria, mulher hadumai.

- Mulher?

- Mulher - repetiu ele, tocando num dos seios, jovem e firme.

Ela jogou o corpo para trás.

Jondalar desamarrou o laço que fechava a sua túnica no pescoço e a deixou escorregar para trás, pondo à mostra os cabelos alourados do peito. Com um sorriso nos cantos dos lábios, ele bateu no próprio peito.

- Não mulher - disse abanando a cabeça. - Homem.

Ela deu um riso abafado.

- Noria mulher falou, novamente tocando-lhe o seio com suavidade.

Desta vez ela deixou-se tocar e sorriu mais à vontade.

- Noria, mulher - disse ela. Em seguida, apareceu-lhe um brilho malicioso nos olhos e ela apontou para a virilha dele, mas sem tocá-lo. - Jondalar, homem - subitamente, pareceu de novo amedrontada, talvez por pensar que tivesse ido longe demais. Então se levantou para encher outra vez as cuias. Nervosa, embaraçada, despejou o liquido, deixando-o respingar. A mão lhe tremia quando estendeu a cuia para ele.

Jondalar segurou a mão dela para pegar a bebida. Tomou um pouco e lhe ofereceu um gole. Ela aceitou, mas ele levou o recipiente aos seus lábios, de modo que ela tivesse de segurar nas mãos dele para conduzir a bebida na direção da boca. Depois que tomou a botar a cuia no chão, ele lhe tomou as mãos de novo, abrindo as palmas e beijando levemente cada uma. Os olhos arregalaram-se surpresos, mas ela não fez menção de retirá-las. Ele foi subindo com as mãos pelos braços dela quando, então, se curvou para lhe beijar o pescoço. Noria estava tensa. Era o medo e a expectativa. O que iria ele fazer em seguida?

Jondalar chegou para mais perto, beijou-a novamente no pescoço e a sua mão foi escorregando até empalmar um dos seios. Embora continuasse assustada, ela começava a sentir o corpo correspondendo às carícias. Ele inclinou-lhe a cabeça para trás e, enquanto beijava o pescoço e roçava a língua pela garganta, desatava o laço da blusa. Em seguida, levou os lábios à orelha e veio beijando-lhe o rosto até encontrar a boca. Pôs a língua entre os lábios dela e, quando estes se

entreabriram, com brandura pressionou de modo a fazê-la abrir a boca um pouco mais.

Com um sorriso nos lábios, ele se afastou, mas mantendo-a abraçada pelos ombros. Noria tinha os olhos fechados e respirava apressada. Jondalar tornou a beijá-la e ao mesmo tempo que acariciava-lhe o seio puxou o laço da blusa, desenfiando o cordão de um dos buracos. Ela retesou ligeiramente o corpo. Ele parou e a olhou, depois sorriu e desenfiou intencionalmente a tira de outro buraco. Ela mantinha-se imóvel, tensa, olhando-o no rosto, enquanto ele ia retirando o cordão de outro buraco, e depois de mais outro e outro, até que a blusa pendurou-se solta, totalmente aberta na parte da frente.

Curvado sobre o pescoço dela, ele puxou a blusa para trás, desnudando-lhe os ombros e pondo à mostra os seios jovens, empinados com as aréolas intumescidas. Sentia a sua virilidade latejando cheia de vida. Beijou-lhe os ombros. Noria tremia enquanto ele corria com a língua sobre a sua pele. Ao mesmo tempo que acariciava os braços, terminava de retirar a blusa. Às suas mãos corriam-lhe pela espinha e a língua pelo pescoço e seio, rodeando a aréola e sentindo o mamilo contrair-se. Ternamente, o chupou. Ela ofegava, mas sem retrair o corpo. Ele chupou o outro seio e correu com a língua de volta para a boca, beijando-a, enquanto a fazia deitar-se.

Noria abriu as pálpebras e o olhava em meio às peles. Os olhos estavam dilatados e luminosos. Os de Jondalar tão azuis e irresistíveis que ela não conseguia desviar os dela.- Jondalar, homem. Noria, mulher - falou ela.

- Jondalar, homem. Noria, mulher - repetiu ele com voz velada.

Jondalar se sentou e tirou a túnica pela cabeça, sentindo-se avolumar-se, com a virilidade lutando para se libertar. Curvou-se sobre ela, tornando a beijá-la e percebendo-lhe a boca aberta, querendo sentir o gosto

de sua língua na dela. Acariciando-lhe os selos, ele ia com a língua do pescoço ao ombro. Novamente encontrou o mamilo, chupando-o agora com mais força, enquanto lhe ouvia os gemidos e sentia a própria respiração cada vez mais pesada.

“Há tanto tempo que não estou com uma mulher que minha vontade era possuí-la nesse instante mesmo”, pensou. “Vá com calma, nada de assustá-la. É a primeira vez da moça, lembre-se. Você tem toda a noite pela frente, Jondalar. Espere até ter certeza de que ela está pronta.

“Ele se pôs a acariciar-lhe o torso nu, buscando a correia na cintura que mantinha a saia presa. Puxou o laço e enfiou a mão por dentro, pousando-a sobre a barriga. Ela ficou tensa, depois relaxou. Ele desceu com a mão até a parte interna da coxa, roçando, antes, os pêlos macios sobre o púbis. Ela abriu as pernas quando ele começou a explorar-lhe o lado de dentro da coxa.

Retirou, então, a mão e se sentou. Aos poucos, foi puxando a saia para baixo dos quadris. A saia caiu no chão. Ele se levantou e olhou para a figura de linhas suaves e arredondadas, com as curvas ainda não perfeitamente formadas. Noria sorria-lhe, confiante e desejosa. Ele desatou a correia de sua cintura e desceu as calças. Ao ver o membro ereto de Jondalar, ela prendeu a respiração, voltando a ter nos olhos uma leve sombra de medo.

Noria já tinha ouvido de outras mulheres histórias sobre os ritos dos primeiros prazeres. Para algumas, estes não eram tão prazerosos assim. Diziam que a dádiva era concedida apenas aos homens e que às mulheres nada mais era dado senão o papel de proporcionar prazer a eles. Mas com isso os homens se afeiçoavam a elas e lhes abasteciam quando se achavam com filhos na barriga ou ocupadas com a casa. Noria estava avisada de que os seus primeiros ritos seriam

dolorosos. Jondalar estava tão grosso e grande, como poderia ele caber dentro dela?

A expressão de medo não era estranha a Jondalar. Ele estava num mo mento crítico - Ela teria de voltar a acostumar-se com ele - Jondalar gostava de despertar a mulher para os prazeres, uma dádiva que a Mãe concedia aos seus filhos, mas para isso era necessário delicadeza e sensibilidade. “Algum dia”, pensou, “gostaria de fazer uma mulher sentir prazer pela primeira vez sem ter que me preocupar com o fato de estar machucando-a.”

Sabia, entretanto, que isto era impossível. Os ritos de passagem para a mulher sempre foram um tanto dolorosos.

Ele sentou-se ao seu lado e esperou, dando-lhe tempo. Os olhos de Noria estavam sempre voltando para o seu membro, vibrando e palpitante. Ele pegou-lhe a mão e fez com que ela o tocasse, sentindo um estremecimento. Naquele momento era como se o sexo tivesse vida própria. Enquanto o seu membro se remexia ansioso na mão dela, Noria lhe sentia a maciez da pele, a calor e o vigor de sua opulência, ao mesmo tempo que era invadida por uma sensação deliciosa e penetrante que lhe umedecia as coxas. Ela tentava sorrir, mas o medo ainda rondava os seus olhos.

Ele se espichou ao seu lado e se pôs a beijá-la delicadamente. Ela abriu os olhos e, olhando dentro dos dele, lhe viu a ansiedade, o desejo e qualquer coisa como uma força impossível de descrever, mas irresistível. Sentia-se atraída, subjugada, perdida naquelas profundezas intensamente azuis e, nova mente, se viu invadida pela mesma sensação deliciosa e penetrante. Ela o desejava. Tinha medo da dor, mas o desejava. Estendeu os braços na sua direção, fechou os olhos, abriu a boca e apertou o seu corpo contra o dele.

Jondalar a beijava, deixando que ela lhe explorasse a boca. Depois, devagar, sempre beijando, movendo a língua e acariciando o ventre e as coxas, ele foi descendo para o pescoço e a garganta. Beijando os seios, por um instante se pós a provocá-la, levando os lábios até perto dos mamilos para depois retroceder sem tocá-los. Ela não agüentou e conduziu a sua boca na direção desejada. Nesse momento, ele levou a mão para a fenda, quente e úmida, entre as coxas, encontrando o pequenino nódulo latejante. Dos lábios dela escapou um grito.

Ele prosseguia, chupando e mordiscando delicadamente o mamilo, enquanto procurava excitá-la com o dedo. Noria gania, remexendo os quadris. Ele foi descendo, sentia-lhe a respiração curta. A sua língua tocou no umbigo. A tensão muscular dela aumentava à medida que ele se abaixava, já saindo com o corpo para fora do estrado. Os joelhos bateram no chão. Abriu-lhe, então, as pernas, provando pela primeira vez o sabor picante de seu sal feminino. Noria explodiu num grito fremente. Atirando a cabeça de um lado para outro e levantando os quadris para ir ao encontro dele, ela soltava um gemido a cada respiração.

Ele abriu-lhe mais as pernas e se pós a lamber as dobras, ardendo de desejo, até que a língua encontrou o nódulo e passou a explorá-lo. Os gritos e o movimento de quadris iam deixando-o cada vez mais excitado. Ele fazia força para conter-se. Ao ouvir-lhe a respiração arfante e acelerada, levantou-se e procurou uma posição de joelhos, de modo a guiar a cabeça de seu sequioso órgão através da abertura virginal. Apertando os dentes e dominando-se a custo, ele pressionava, fazendo força para passar pela passagem cerrada e úmida. Quando ela enrolou as pernas ao redor da cintura, ele sentiu a barreira. Com o dedo encontrou novamente o nódulo e se pôs a fazer movimentos para frente e para trás com o

corpo, ouvindo-lhe, a respiração arfante e lhe sentindo os quadris levantados para recebê-lo. Trouxe, então, o corpo para trás e empurrou com força, sentindo ter rompido o obstáculo, ao mesmo tempo que lhe escutava os berros de dor e prazer e os seus próprios urros ansiosos, quando atingiu o clímax em meio a estremecimentos espasmódicos.

Ele ainda fez alguns movimentos para dentro e para fora, penetrando tanto quanto lhe permitia a ousadia e esvaindo até a última gota de sua essência. Estava terminado. Por um momento, ficou com a cabeça apoiada sobre os seios dela, respirando pesadamente, depois levantou-se. Noria, sentindo-se fatigada, tinha a cabeça virada para o lado e os olhos fechados. Ele se afastou e viu a coberta de pele branca manchada de sangue sob o corpo dela. Suspendeu-lhe as pernas para cima do estrado e veio postar-se ao seu lado, afundando-se nas peles.

Quando a sua respiração serenou um pouco, Jondalar sentiu que algo tocava em sua cabeça. Abrindo os olhos, deu com o rosto enrugado e os olhos brilhantes de Haduma. Noria remexeu-se ao seu lado. Haduma sorriu, balançou a cabeça aprovando e se pôs a entoar monotonamente uma cantilena. Noria descerrou os olhos, sentindo-se contente de ver a velha lá e mais feliz ainda ficou quando Haduma retirou as mãos da cabeça de Jondalar e botou-as sobre a sua barriga. Haduma, sempre cantando, fez mais alguns gestos sobre os dois, depois recolheu a pele manchada de sangue. O sangue que a mulher perdia durante os seus ritos de passagem continha especiais poderes mágicos.

A velha tornou a olhar para Jondalar, sorriu e encostou o dedo no seu membro flácido. Por instantes, ele sentiu o seu sexo querendo despontar outra vez para a vida, mas logo aquietou-se. Haduma deu uma risadinha e saiu da tenda, deixando-os sozinhos.

Jondalar deitou-se ao lado de Noria e se deixou ficar descansando. Passado algum tempo, ela sentou-se e olhou para ele. Os seus olhos brilhavam langorosamente.

- Jondalar, homem. Noria, mulher - falou como se realmente se sentis se mulher naquele instante. Então, se inclinou e o beijou. Ele, surpreso, percebeu-se excitado. Ainda estava cedo para isso e imaginou se não teria qual quer coisa a ver com o toque mágico de Haduma. O pensamento, no entanto, foi esquecido tão logo se pôs a mostrar à sua ardorosa parceira novos prazeres e outros que ela poderia oferecer-lhe.

O gigantesco esturjão já se achava na praia, quando Jondalar se levantou. Thonolan antes já havia enfiado a cabeça na tenda, pretendendo mostrar-lhe o par de arpões, mas Jondalar acenou para ele despedindo-o e voltando a dormir com Noria enlaçada em seus braços. Mais tarde, quando acordou, Noria já havia partido. Ele enfiou as calças e se dirigiu ao rio, encontrando Thonolan, Jeren e alguns outros rindo como bons camaradas. Ficou a observá-los meio invejoso da pescaria.

- Olhe quem está chegando - falou Thonolan quando o viu. - Estamos aqui lutando para pescar a velha Haduma, enquanto os olhos azuis só quer saber de deitar e rolar.

Jeren conseguiu pegar um pouco do sentido da frase.

- Haduma! Haduma! - gritava, às gargalhadas, enquanto apontava para o peixe e saracoteava ao redor. Depois parou na frente do bicho, que tinha uma cabeça lembrando a de um tubarão. Os palpos, surgindo sob as mandíbulas, revelavam-lhe os hábitos: um peixe inofensivo e de águas profundas, cujo tamanho, no entanto, o tomava um desafio. Media mais de quatro metros de comprimento.

Jeren, gritando “Haduma! Haduma!”, sorria marotamente enquanto fazia uma mímica erótica na direção da carranca do peixe, jogando a pelve para a frente e para trás, como se lhe pedisse para ser tocado. Os outros, por sua vez, também começaram a gritar Haduma e a dançar ao redor do peixe, balançando os quadris e empurrando-se uns aos outros, num clima de algazarra, para pegar o lugar junto à cabeça do peixe. Um homem foi jogado dentro do rio e ao sair agarrou o que se achava mais próximo, puxando-o para dentro da água. Em instantes, todo mundo começou a empurrar-se, com Thonolan no bolo da brincadeira.

Quando estava subindo, empapado, pela margem, ele deu com os olhos no irmão.

- Não pense que você vai escapar dessa seco! - gritava, tentando dobrar a resistência de Jondalar. - Ajude aqui, Jeren. Vamos dar um banho nos olhos azuis!

Jeren, ouvindo o seu nome, viu a luta e saiu correndo. Os outros o seguiram. Puxando daqui e empurrando dali, arrastaram Jondalar para a margem e todo mundo, em meio a risadas, acabou caindo no rio. Pingando água e ainda com caras de riso, vinham retomando quando um deles deu com a velha de pé, junto do peixe.

- Haduma, hein? - falou ela, encarando-os com olhar duro.

Eles se entreolharam, encabulados. De repente, ela soltou uma gargalha da divertida, pondo-se na frente do peixe, remexendo com as suas velhas cadeiras para frente e para trás. A risada foi geral. Todos correram na sua direção, ficando de quatro, oferecendo as suas garupas.

Jondalar ria divertido. Sem dúvida, era uma brincadeira que já haviam feito antes com ela. A tribo não só tinha grande respeito pela veneranda matriarca, como também a amava e ela parecia achar graça na

troça deles. Haduma olhou à sua volta e, reparando em Jondalar, apontou na sua direção. Os homens lhe fizeram sinal para que se aproximasse e, cheios de atenção e carinho, ajudaram a velha a subir em suas costas. O peso dela era quase nenhum, mas, surpreendentemente, as suas mãos agarravam com força. A frágil velhinha conservava ainda um certo vigor físico.

Ele começou a andar cauteloso, mas quando os outros lhe passaram a frente, ela começou a bater em seus ombros, instigando-o. Puseram-se, então, a correr pela praia, parando só quando já estavam todos sem fôlego. Jondalar agachou-se para que a velha apeasse. Ela se empertigou, apanhou o cajado e, muito digna, se dirigiu para onde estavam as tendas.

- Você podia imaginar uma velhinha dessas? - disse Jondalar, cheio de admiração, para Thonolan. - Dezesseis filhos, cinco gerações e forte desse jeito. Não tenho dúvidas de que ainda verá a sexta.

- Depois de ver a sexta, ela morrer.

Jondalar voltou-se na direção da voz. Ele não havia visto Tamen aproximar-se.

- Por que diz isso?

- Haduma dizer: Noria fazer filho de olhos azuis com o espírito dos Zelandonii, depois Haduma morrer. Ela dizer que já está muito tempo aqui, que é tempo de ir embora. Ver bebê e depois morrer. O nome do bebê é Jondal, geração seis dos Hadumai. Haduma estar contente com homem dos Zelandonii. Dizer que ele é bom homem. Muito difícil mulher ter prazer... - ritos de passagem. Homem dos Zelandonii muito bom.

Jondalar se via assaltado por emoções variadas.

- Se for esse o seu desejo, sei que ela irá embora. Mas isso me deixa triste - falou ele.

- Sim, todos os Hadumai vão ficar tristes, muito tristes - disse Tamen.

- Será que posso ver Noria? Não conheço os seus costumes. Não sei se é possível ver a moça logo depois de seus primeiros ritos, mas seria só por alguns momentos.

- Costumes não, mas Haduma dizer sim. Homens Zelandonii já partir?

- Se Jeren achar que o esturjão paga os cavalos que espantamos, creio que estamos. Mas como você sabia disso?

- Haduma dizer.

Àquela noite, o esturjão foi o banquete do acampamento. Num abrir e fechar de olhos as tinas da carne foram cortadas e já no princípio da tarde estavam secando. Durante um momento, Jondalar teve a rápida visão de Noria passando a distância, escoltada por outras mulheres, indo para algum lugar próximo ao rio. Só depois de já estar escuro é que ela foi trazida para encontrar-se com ele - Os dois caminharam juntos na direção do rio, seguidos discretamente por duas mulheres. O fato de encontrar-se com ele, pouco tempo depois dos ritos de passagem, já significava uma quebra nos costumes bastante grande. Sozinha, então, seria impensável.

Eles pararam junto de uma árvore, sem nada se dizerem. Noria tinha a cabeça abaixada e Jondalar, afastando uma mecha de seu cabelo para o, lado, levantou-me o queixo para que ela o olhasse no rosto. Noria chorava. Jondalar passou o dedo numa gota brilhando no canto dos olhos e, em seguida, levou-a aos lábios.

- Oh... Jondalar - disse chorando, estendendo-lhe os braços.

Ele a abraçou delicadamente e depois com mais paixão.

- Noria. Noria mulher. Linda mulher.

- Jondalar fazer Noria mulher - disse ela. - Fazer Noria... fazer... - ela irrompeu em soluços, lamentando não conhecer as palavras para dizer lhe o que queria.

- Eu sei, Noria. Eu sei - falou Jondalar, abraçando-a. Ele então afastou-se e, segurando o seu ombro, sorriu para ela, acariciando-lhe a barriga.

Ela sorriu entre as lágrimas.

- Noria fazer Zelandonie - ela tocou-lhe na pálpebra. - Noria fazer Jondal... Haduma...

- Sim - disse ele com a cabeça. - Tamen me contou. Jondal, sexta geração de Hadumai. - ele pegou na sua sacola. - Eu tenho uma coisa que gostaria de dar para você, Noria - falou, retirando a donii de pedra que colocou na mão dela. Ele gostaria de dizer o quanto lhe era importante aquele objeto, que aquela era uma peça que tinha sido dada pela sua mãe, sendo uma imagem antiqüíssima, que já vinha de muitas gerações. Então deu um sorriso.

- Isso é a minha Haduma. A Haduma de Jondalar. Agora, fica sendo a Haduma de Noria.

- Haduma de Jondalar? - disse, olhando para a estatueta. - Haduma de Jondalar... Noria?

Ele concordou com a cabeça.

Ela caiu em prantos agarrando a estatueta e a levou aos lábios.

- Haduma de Jondalar - repetiu ela com os ombros tremendo pelos soluços. Subitamente, atirou os braços ao redor dele e o beijou, depois saiu correndo na direção das tendas, chorando tanto que mal podia ver o caminho.

O acampamento inteiro veio despedir-se deles. Haduma se achava ao lado de Noria e Jondalar se deteve diante das duas. Haduma sorria, balançando a cabeça em sinal de aprovação, mas as lágrimas rolavam pelas faces de Noria. Ele pôs o dedo numa e a levou à boca.

Ela sorriu, apesar das lágrimas continuarem a escorrer. Jondalar se virou para ir embora, mas não antes de ver o rapazinho de cabelos anelados que serviu de mensageiro para Jeren, olhando para Noria apaixonadamente.

Ela agora era mais mulher e uma mulher abençoada por Haduma, fato que lhe garantia uma bela criança que levaria algum dia para a casa de um homem. Já era sabido de todos que Noria conhecera os prazeres em seus primeiros ritos e eram essas as mulheres que davam as melhores companheiras. Ela estava perfeitamente aberta para ter o seu companheiro, além de que era também uma mulher muito desejável.

- Você acredita realmente que Noria vai ter um filho de seu espírito? - perguntou Thonolan, depois de terem saído do acampamento.

- Isso eu nunca vou saber. Mas que Haduma é uma velha com muita sabedoria, não há como negar. Ela sabe muito mais do que se imagina. Acho que ela tem grandes poderes mágicos. Se houver alguém para fazer com que isso aconteça, esse alguém só poderá ser ela.

Por algum tempo caminharam em silêncio, seguindo a margem do rio. Depois, Thonolan disse:

- Há uma coisa, meu irmão, que eu gostaria de perguntar.

- Pois pergunte.

- Qual é a sua mágica? Quero dizer, todos os homens gostam de ser escolhidos para funcionarem nos primeiros ritos de uma moça, mas essa é uma coisa que deixa um bocado deles com medo. Conheço alguns que até já recusaram. Para ser sincero, eu mesmo sou um pouco desajeitado nessas ocasiões, se bem que nunca me recusei. Mas você, Jondalar, está sempre sendo escolhi do e eu nunca soube de um fracasso seu. Todas se apaixonam por você. Como é que consegue? Tenho

observado o seu jeito de fazer amor nos festivais e não vejo nada de especial.

- Eu não sei, Thonolan - respondeu ele, um tanto encabulado - apenas tento ser cuidadoso.

- E que homem não tenta? Não, você possui alguma coisa mais do que isso. O que foi mesmo que Tamen disse? Ah! Que é muito difícil a mulher ter prazer nos seus ritos de passagem. Como, então, você consegue dar prazer a uma mulher? Eu já me dou por feliz se conseguir não machucá-la muito. E não é porque você seja menor ou que tenha algo que facilite a coisa. Vamos lá, dê alguns conselhos ao seu irmãozinho. Eu não me importo de ter um bando de beldades correndo atrás de mim.

Jondalar diminuiu o passo e olhou para Thonolan.

- Pois devia. Acho que essa é uma das razões que me fez assumir o compromisso com Marona. Simplesmente para que eu pudesse ter uma desculpa - Jondalar franziu a testa. - Os ritos de passagem são importantes para uma mulher e para mim também. Mas, de certa maneira, muitas moças não passam de crianças. Elas não aprenderam ainda a diferença que existe entre correr atrás de um menino e estimular um homem. Quando você se vê sozinho com uma mulher com quem passou uma noite especial, como poderá dizer a ela que teria preferido a companhia de uma outra mais experiente? Oh, Gran de Doni, Thonolan! Eu não quero ferir ninguém, mas não me apaixono por todas as mulheres com quem passo uma noite.

- Ora, Jondalar. Você não se apaixona por ninguém.

Jondalar apressou o passo.

- O que você quer dizer com isso? Já amei um mundo de mulheres.

- Amar pode ser. Mas isso não é o mesmo que apaixonar.

- Como pode saber? Você já esteve apaixonado?

- Algumas vezes. Talvez não tenha durado muito, mas eu conheço a diferença. Olhe aqui, meu irmão, eu não quero me meter na sua vida, mas você me preocupa, principalmente quando entra numa de suas fases de mau humor. E também não precisa correr. Se quiser eu calo a boca.

Jondalar se pôs a caminhar mais devagar.

- Bem, talvez você tenha razão. E possível que eu nunca me tenha apaixonado. Pode ser que não esteja em mim apaixonar.

- Mas o que é que está faltando? Que coisa é essa que você está procurando e que as mulheres não têm.

- Se eu soubesse, você não acha... - começava ele a dizer, irritado. De repente se interrompeu, fazendo uma pequena pausa. - Eu não sei, Thonolan. Imagino que queira tudo ao mesmo tempo. Uma mulher tal como ela se encontra nos seus primeiros ritos. . - acho que me apaixonei por todas elas, pelo menos nessa noite. Só que eu quero uma mulher e não uma menina. Quero vê-la sinceramente ansiosa, cheia de desejos, sem fingimentos e não quero ter de preocupar-me em ser cuidadoso. Desejo que ela tenha firmeza de espírito, que saiba o que quer. Também desejo que ela seja moça e madura, ingênua e esperta... enfim, tudo ao mesmo tempo.

- Você está querendo demais, meu irmão.

- Bom, foi você quem me perguntou.

Por algum tempo, caminharam em silêncio.

- Com que idade você acha que a nossa Zelandoni está? - perguntou Thonolan. - Ela poderia ser um pouco mais moça do que a mãe?

Jondalar endireitou o corpo.

- Porquê?

- Eles dizem que ela, quando mais moça, foi muito bonita e que até há algum tempo atrás ainda era. Alguns dos homens mais velhos contam que nenhuma mulher podia comparar-se a ela, que nem de leve as outras

chegavam aos seus pés. E difícil de se saber, mas falam que ela é jovem demais para ser a primeira dentre as servidoras da Mãe. Agora, me conte uma coisa, meu irmão. O que dizem de você e a Zelandoni é verdade?

Jondalar parou e, devagar, se virou para encarar o irmão.

- E o que dizem de mim e a Zelandoni? - perguntou por entre os dentes.

- Desculpe. Fui longe demais. Esqueça que perguntei.

Capítulo 5

Ayla saiu da caverna e ficou parada no rebordo do penhasco, esfregando os olhos e espreguiçando. O sol ainda se achava baixo no oriente. Ela protegeu os olhos contra a luz, procurando ver onde se encontravam os cavalos. Apesar de estar lá somente há poucos dias, já se tornara um hábito passar em revista os cavalos todas as manhas quando acordava. O fato de saber que estava dividindo o vale com criaturas vivas tornava a sua existência solitária um pouquinho menos insuportável.

Ela estava começando a conhecer os hábitos desses animais. Onde, por exemplo, iam eles tomar água pela manha ou que sombras de árvores gostavam de ficar debaixo durante a tarde e também a identificá-los individual mente. Havia o potrozinho de um ano, com a sua crina dura e em pé, de pêlo cinza muito claro, quase branco, exceto a risca ao longo da espinha, num tom mais sombreado e as pontas das patas cinza-escuras; a égua castanha com a sua cria de pêlo cor de palha, combinando com o do garanhão; o orgulhoso chefe da manada, cujo lugar algum dia seria ocupado por um daqueles filhotes de um ano que agora ele mal podia suportar, ou, quem sabe, algum potrinho ainda por nascer neste ou no ano seguinte. O garanhão amarelo-claro, com a sua risca, crina e patas marrom-escuras, tinha todo o jeito de que ainda estava em plena flor da idade.

- Bom dia, meu c - disse Ayla, fazendo o gesto usado para saudar as pessoas. Apenas uma leve nuance o indicava como um cumprimento. - Hoje eu levantei tarde. Vocês já tiveram o seu gole esta manhã e acho que vou pegar também o meu.

Ela já estava agora bastante familiarizada com o caminho para percorrê-lo com passos firmes. Desceu-o às carreiras e foi direto para o rio. Tomou um gole, depois tirou a roupa para nadar, como vinha fazendo todas as manhãs. A roupa era ainda a mesma, mas ela a havia lavado e raspado o couro para torná-lo macio outra vez. O seu gosto natural pela ordem e limpeza fora muito reforçado por Iza que, como curandeira, tinha um enorme estoque de ervas medicinais, precisando estar sempre muito bem arrumado para evitar o uso indevido de um medicamento, além de que também era Iza uma mulher consciente dos males e doenças causadas pela falta de higiene e agentes infecciosos. Uma coisa era estar em viagem e ser obrigada a conviver com um certo acúmulo de sujeira - isso não havia como evitar - e outra era estar vivendo nas proximidades de um reluzente rio e não tomar banho.

Ela passou as mãos pela farta cabeleira loura que lhe caía em ondas até bem abaixo dos ombros. “Essa manha vou lavar os meus cabelos”, disse, gesticulando para si mesma. No ponto onde o rio fazia a curva, ela tinha visto alguns pés de saboeiro e se dirigiu para lá, pensando em pegar algumas raízes. Enquanto voltava, olhando na direção do rio, reparou num grande bloco de rocha, assentado sobre um banco de areia, com algumas cavidades rasas, em forma de pratos. Ela pegou uma pedra redonda e foi até a rocha. Lavou as raízes, encheu de água as cavidades e socou dentro as plantas que começaram a desprender uma espuma rica em saponáceo. Depois de estar com uma boa quantidade de espuma, molhou os cabelos e os ensaboou, esfregando. Em seguida, fez a mesma coisa com o corpo e caiu na água para se lavar.

Algum tempo no passado, uma parte saliente do paredão se desprendera, caindo dentro do rio. Ela subiu pelas pedras que ficaram submersas e chegou a uma

superfície ensolarada, à tona da água. O canal que se formara do lado da praia, onde a água batia-lhe à altura do peito, havia transformado a rocha numa ilha sombreada por um salgueiro cujas raízes à mostra eram como garras ossudas procurando deter as águas. De um arbusto que apoiava as suas raízes numa fenda da rocha, ela pegou um pequeno ramo que descascou com os dentes e usou para desembaraçar os nós dos cabelos, enquanto os secava ao sol.

Olhando vagamente para a água e cantarolando baixinho, teve, de re pente, a sua atenção despertada por um ligeiro movimento. Então, toda ela se foi alerta. Olhando para dentro da água, viu a forma prateada de uma truta que descansava sob as raízes. “Desde que larguei a caverna, nunca mais comi peixe”, pensou, lembrando-se de que até aquele instante ainda estava sem comer.

Indo para o outro lado da rocha, silenciosamente deslizou para dentro da água, nadando um pequeno trecho na direção da correnteza, para depois vir caminhando até o banco de pedras sob o rio. Meteu as mãos na água, deixando os dedos pendurarem-se bambamente e, muito devagar, com infini ta paciência, voltou a andar contra a correnteza. Quando chegou perto da árvore, viu a truta com a cabeça virada na direção da corrente, ondulando com suaves movimentos para se manter sob a raiz.

Os olhos brilhavam excitados, mas ela própria mostrava-se cada vez mais cautelosa com os seus movimentos de pés à medida que se aproximava do peixe. Botou a mão sob a truta, encostando muito de leve, sentindo-lhe as guelras abertas. Subitamente agarrou o peixe e num único movimento retirou-o da água, atirando-o à margem. Por alguns instantes a truta saltou, se de batendo, depois ficou imóvel.

Ela sorria satisfeita. Retirar um peixe para fora da água fora uma coisa difícil de aprender quando criança, e se sentia ainda tão orgulhosa como da primeira vez que conseguira realizar a proeza. Aquele lugar seria daqui por diante vigiado, certamente ainda iria abrigar outros hóspedes. “É uma truta grande demais para uma simples refeição matinal”, pensou quando foi apanhá-la, já saboreando o gosto de um suculento peixe fresco assado sobre pedras quentes.

Enquanto a truta assava, ela se ocupou tecendo uma cesta com o capim-de-urso que apanhara na véspera. Seria uma cesta comum e prática, mas, para agradar a si mesma, fazia algumas variações na tessitura, de modo a criar um desenho delicado na trama. Trabalhava rápido, com tanta destreza que nem água passaria pelo trançado de fibras. A cesta poderia ser usada como utensílio para cozinhar, botando água e pedras quentes dentro, mas o propósito que ela tinha em mente era outro. Já pensando em tudo de que iria precisar para se pôr a salvo durante o inverno que vinha pela frente, a cesta seria usada como recipiente para armazenar víveres.

“Dentro de alguns dias as groselhas que colhi ontem estarão secas”, pensou, olhando as frutinhas redondas e vermelhas espalhadas sobre esteiras de capim, na entrada da caverna. “Até lá, outras também já estarão ma duras. Vou ter também um bocado de uvas-do-mato, mas acho que aquele pequeno pé retorcido de maçã não vai dar muita coisa. As cerejeiras estão carregadas, quase maduras demais. Se quiser cerejas, tenho de pegar ainda hoje. Se os passarinhos não chegarem antes, vou ter muita semente de girassol. Acho que aqueles arbustos, perto do pé de maçã, são avelaneiras, mas não tenho muita certeza, são tão menores do que as que existiam perto da caverna pequenina. Está parecendo que aqueles pinheiros são do

tipo dos que têm as pinhas com umas nozes grandes dentro. Mais tarde vou dar uma olhada... Puxa, já queria que esse peixe estivesse assado!”

“Já devia estar botando os legumes para secar... e também liquens, cogumelos e raízes. Não é necessário que todas as raízes sejam postas para secar. Algumas podem agüentar muito tempo no fundo da caverna. Será que devo pegar mais sementes de quenopódios? São tão pequeninas, nunca pare ce haver o bastante. Vale a pena fazer um esforço para colher cereais, e algumas espigas já estão maduras no campo. Hoje vou apanhar as cerejas e os ce reais, mas vou precisar de mais cestas para guardar as coisas. Talvez eu possa fazer alguns recipientes de vidoeiro. Que bom seria se eu tivesse um couro cru para fazer aqueles enormes caixotes...

“Quando eu morava com o clã, sempre parecia haver couro sobrando. Agora, me dada por feliz se pudesse contar com mais uma boa pele grossa para o inverno. Os coelhos e os hamsters são pequeno demais, não servem para fazer um bom manto de pele e, além disso, são bichos muito magros. Se eu pudesse caçar um mamute, teria tanta gordura que até para fazer lamparinas sobraria. E nenhuma carne é tão gostosa e forte como a do mamute. Será que essa truta ainda não está pronta?” Ela pôs para o lado uma folha cobrindo o peixe e o espetou com um pauzinho. “Só mais um pouquinho e pronto.”

“Seria bom se tivesse sal, mas não há nenhum mar por aqui. As tussilagens têm gosto salgado e outras ervas também servem para temperar. Iza conseguia fazer com que tudo ficasse gostoso. Talvez eu dê um pulo até as estepes para ver se apanho alguma ptármiga. Depois, vou fazê-la do jeito de que Creb gostava.”

Ela sentiu um nó na garganta pensando em lia e Creb e abanou a cabe ça como se querendo espantar a

lembrança ou, pelo menos, impedir que as lágrimas subissem aos olhos.

“Eu preciso de um engradado para botar as ervas e as folhas para secar... e também para pendurar as plantas medicinais. Posso ficar doente. Tenho de derrubar algumas árvores para fazer as estacas, mas vou precisar também de correias de couro para a amarração. As plantas se conservam bem depois de secas e enrugadas. Com tanta árvore caída e tanto madeirame arrastado pelas enchentes, não vou precisai de cortar galhos para lenha; além disso há o esterco dos cavalos. Depois de seco, queima muito bem. Hoje mesmo vou começar a subir com a lenha para a caverna. Logo vou ter necessidade de fabricar algumas ferramentas. Foi uma sorte ter encontrado sílex. Esse peixe já devia estar pronto...”

Ela se serviu diretamente nas pedras quentes, onde pusera para assar a truta e pensou que seria bom passar em revista a pilha de ossos e madeiras para ver se encontrava ali peças achatadas de osso que pudessem ser usadas como pratos. Os ossos dos ombros e da pelve davam bem para isso. Depois de comer, ao despejar o seu odre na vasilha de cozinhar, lamentou não ter o estômago de um grande animal que lhe servisse como reservatório de água na caverna. Ela retirou algumas pedras quentes da fogueira e jogou-as na vasilha. Depois, quando a água ferveu, despejou por cima pétalas secas de malva que pegou em sua sacola de remédios. As malvas, ela usava no tratamento de resfriados simples, mas davam também um saboroso chá.

A árdua tarefa de coletar, preparar e armazenar as riquezas que lhe oferecia o vale não a assustava, ao contrário, estava ansiando por ter o que fazer. Isso a manteria ocupada, impedindo-a de pensar em sua solidão. A comida que armazenava era só para ela, mas sem outra pessoa para ajudar, o trabalho não andava

rápido, e Já se preocupava com a possibilidade de não ter tempo suficiente para armazenar tudo que queria. E outras Coisas mais também a preocupavam.

Enquanto bebericava o seu chá e terminava a cesta, ela ia pensando no que fria precisar para sobreviver por todo um longo e frio inverno. “Devia ter uma outra pele na minha cama”, disse para si mesma. “E, naturalmente, carne. E que tal gordura? Deveria ter alguma para agüentar o inverno. Se tivesse recipientes de vidoeiros fria muito mais rápido do que cestas. Mas para isso precisaria de cascos, ossos e pedaços de couro para fabricar os paus do engradado? Poderia usar tendões e tripas para guardar gordura e...”

Subitamente, interrompeu a gesticulação rápida que vinha fazendo. Olhava para o espaço como se estivesse tendo alguma visão. Tudo isso teria se conseguisse um animal grande. Bastava um só. Mas como? Ela terminou a cesta e a colocou dentro de uma outra maior, aquela que usava para coletar plantas e amarrava às costas. Meteu as ferramentas nas dobras de sua roupa, apanhou o pau de cavar e a funda, tomando, em seguida, a direção da campina. Ao chegar na cerejeira silvestre, colheu todas que estavam na parte de baixo e, depois, subiu no pé para pegar mais. Aproveitou também para comer algumas. Mesmo já um tanto passadas, se conservavam doces e com um leve sabor de acidez.

Depois de descer, resolveu pegar também um pouco das cascas no tronco. Davam bom remédio para tosse. Com uma machadinha destacou a parte dura de fora e raspou com uma faca a camada interna, formada pelo câmbio. Isso a fazia lembrar de uma ocasião quando, ainda criança, fora pegar cascas de cerejeira para Iza. Ela, então, ficara espiando os homens que treinavam com as suas anuas numa clareira. Sabia que estava fazendo uma coisa proibida, mas, por outro lado, tinha

medo de sair e de ser vista por eles. Depois, quando o velho Zoug começou a ensinar ao menino o manejo da funda, ficara curiosa.

Ela não ignorava que mulheres não deviam pôr a mão em armas, no entanto não conseguiu resistir ao ver a funda que tinha ficado esquecida no chão. Ela quis também tentar. “Se eu não tivesse pegado aquela funda, será que ainda estaria viva hoje? Será que Broud me odiaria um pouco menos se eu não tivesse aprendido a atirar com a funda? Talvez se não me odiasse tanto, não teria me obrigado a ir embora. Mas se não me odiasse tanto, não teria prazer em me forçar a ter relações com ele, e, talvez, Durc não tivesse nascido?”

“Talvez! Talvez! Talvez!”, pensou com raiva. “Qual o sentido de ficar pensando no que poderia ter sido? Agora estou aqui e não é essa funda que vai me ajudar a pegar um animal grande. Para isso, preciso de uma lança?”

Ela retomou o caminho, através de um arvoredo, pensando tomar antes um pouco de água e tirar das mãos o suco pegajoso das cerejas. Mas havia qualquer coisa naquelas árvores novas, alta e bem aprumadas, que a fez parar. Segurou o tronco de uma, iluminando-se com a idéia. “Esse aqui serviria. Da ria para fazer uma lança perfeita.”

Por um momento, bateu-lhe o desânimo. “Brun ficaria furioso”, pensou. “Quando ele me deu licença para caçar, disse que a única arma que me seria permitida era a funda. Ele...”

“Mas que fada ele? Aliás, o que poderia fazer? Mesmo que eles soubessem, poderiam fazer alguma coisa comigo? Eu estou morta. Já estou morta. Não existe ninguém aqui a não ser eu.”

Então, como uma corda que de tão esticada acaba rompendo-se, alguma coisa dentro dela partiu-se, fazendo-a cair de joelhos. “Oh, como gostaria de ter alguém aqui junto de mim. Alguém... qualquer pessoa.

Até mesmo Broud eu ficaria alegre de ver. Nunca mais tocaria numa funda, se ele me deixasse voltar... e ver Durc outra vez.” Ajoelhada ao pé da árvore alta e esguia, ela enterrou a cabeça nas mãos sufocando os soluços convulsivos.

O seu choro ia ter em ouvidos indiferentes. As pequenas criaturas vivendo nas matas e na campina simplesmente evitavam aquele estranho ser, com os seus ruídos incompreensíveis. Ninguém se achava lá para ouvi-la, para compreendê-la. Enquanto viajava, havia sempre a esperança de encontrar gente, criaturas como ela. Agora, parada num lugar só, tinha que deixar a esperança de lado, aceitar e aprender a conviver com a sua solidão. A preocupação de sobreviver numa região desconhecida, cuja intensidade do frio ela ignorava, aumentava-lhe a ansiedade. No entanto, o choro aliviou a tensão.

Quando levantou, estava tremendo, mas tomou a machadinha e se pôs a bater furiosamente na base do pé de álamo; depois, atacou um outro. “Cansei de ver os homens fazendo lanças”, falou para si mesma, enquanto limpava o tronco das ramas. “Nunca me pareceu uma coisa muito difícil de fazer.” Ela arrastou os paus para a campina e passou o resto da tarde colhendo trigo e centeio. Depois, arrastou tudo para a caverna.

Já anoitecendo, começou o trabalho de retirar a casca externa dos paus e aplainá-los. Só parou para cozinhar um pouco de cereais e comer o resto do peixe, no momento em que foi pôr as cerejas para secar. Quando o céu ficou inteiramente escuro, ela estava pronta para enfrentar a próxima etapa. Carregou os paus para dentro da caverna e, lembrando-se da maneira como os homens faziam, mediu o comprimento de um deles, de modo a ficar com pouquinha coisa mais do que a sua altura, depois fez uma marca no tamanho desejado. Pôs, então, a parte marcada no fogo e girou o

pau, queimando-o ao redor. Com uma raspadeira dentada, poliu a parte enegrecida e continuou a queimar e polir até que o pau se quebrou, fazendo uma ponta. Para acabar, mais umas tantas chamuscadas e outros tantos polimentos e, pronto, estava transformado numa lança com uma boa ponta temperada a fogo. Passou, em seguida, a preparar a segunda.

Era tarde quando terminou. Sentia-se cansada, mas satisfeita com o trabalho. O sono iria vir com mais facilidade. Os seus piores momentos eram à noite. Ela abafou a fogueira, caminhou até a entrada, olhou o céu estrelado, tentando pensar em alguma coisa que atrasasse a sua ida para a cama. Havia aberto uma vala no chão que encheu de capim seco e cobriu com a sua pele. Com passos vagarosos, dirigiu-se para o seu buraco de dormir. Deitou-se e ficou olhando o fraco brilho das brasas, enquanto ouvia o silêncio.

Nenhum ruído de pessoas preparando-se para dormir. Nada sugerindo os embates de amor nas casas próximas. Nenhum ronco ou grunhido. Nenhum daqueles pequeninos sons denunciadores de vida, a não ser os dela própria. Ela pegou a manta que usava para carregar o filho e a embolou aperta da contra o peito, pondo-se animar-se, balançando o corpo e cantarolando baixinho enquanto as lágrimas rolavam pelas faces. Finalmente deitou-se e, enroscada na manta, chorou até adormecer.

Na manhã seguinte, ao sair da caverna para fazer as suas necessidades, reparou que tinha sangue nas pernas. Ela remexeu nas suas coisas, procurando por absorventes e o cinto especial para essas ocasiões. As tiras estavam duras e lustrosas, apesar das lavagens. Já deveriam ter sido enterradas, desde que foram usadas na última vez. “Gostaria de ter agora um pouco de lã de carneiro para acolchoá-las”, pensou. Olhou, então, para

a pele de um coelho. “Essa aí queria guardar para o inverno, mas coelhos é coisa fácil de se arrumar.”

Antes de descer para o seu banho de rio matinal, ela cortou a pequena pele em tiras. “Devia saber que estava na época de chegar. Podia ter me preparado. Agora, não posso fazer nada, a não ser...

De repente, deu uma risada. “Aqui, a maldição de mulher não tem a menor importância. Não há nenhum homem. Não preciso ficar evitando os seus olhares e nem eles estão correndo o risco de comer o que eu cozinhar ou pegar. Não há ninguém aqui com quem deva preocupar-me, a não ser eu mesma.”

“Mesmo assim, devia estar prevenida, mas os dias têm passado tão rápidos. Pensava que ainda não estivesse no tempo. Desde quando já estou neste vale?” Ela franzia a testa, tentando lembrar-se, mas os dias pareciam fundir.se um no outro. 'Tinha de saber há quantos dias já estou aqui. Talvez a estação esteja muito mais avançada do que imagino.” Por instantes, entrou em pânico. “Não. Não pode ser tanto. A neve não pode chegar antes que os frutos amadureçam e as folhas caiam, mas eu devia saber, tinha de estar observando a passagem dos dias.

“Recordou-se, então, de uma cena passada há muitos anos atrás, com Creb mostrando-lhe como fazer ranhuras numa vara para marcar a passagem do tempo. Ele ficara surpreso ao ver a rapidez com que ela compreendera o raciocínio. Creb lhe havia dado as explicações, exclusivamente para se ver livre das perguntas insistentes que ela fazia. Ele não deveria estar revelando a uma menina um sacrossanto segredo conhecido apenas dos acólitos e dos mog-urs, por isso a avisou para que nunca mencionasse o fato a ninguém. Lembrou-se também da raiva dele, em outra ocasião, quando a surpreendera fazendo marcas num pau para contar os dias entre uma fase e outra da lua cheia.

“Creb, se você está me vendo do mundo dos espíritos, não fique zanga do comigo”, falou ela em sua língua de gestos silenciosos. “Você deve estar sabendo dos motivos por que eu tenho de fazer isso.”

Ela encontrou um pau liso e comprido e lhe colocou uma marca com a sua faca. Pensou alguns instantes e acrescentou mais duas. Então, cobriu as ranhuras com três dedos e tomou a descobrir. “Acho que já foram mais do que isso, mas essa quantidade eu tenho certeza. De noite, vou fazer outra marca. Cada vez que passar um dia, ponho uma marca. “Ela examinou a madeira novamente. “Acho que vou fazer um corte em cima deste aqui para marcar o dia em que comecei a sangrar.”

A metade de uma fase da lua já havia transcorrido, desde que as lanças tinham ficado prontas, sem que Ayla houvesse encontrado a maneira para caçar o grande animal de que estava precisando. Sentada na entrada da caverna, olhava para o penhasco em frente e o céu começando a escurecer. O verão estava no seu auge, e ela se achava ali gozando a fresca brisa do princípio de noite. Havia acabado de terminar o seu novo traje de verão. A sua vestimenta completa era muito quente para ser usada normalmente. Embora andasse nua nas redondezas da caverna, quando saía para mais longe precisava dos bolsos e das dobras de uma roupa para carregar os seus apetrechos. Depois de tornar-se mulher, gostava também de usar, quando saía para caçar, uma faixa de couro amarrada apertada ao redor do busto. Isso a fazia sentir-se mais confortável nos momentos de saltar ou correr, além do que no vale não tinha de agüentar os olhares de banda das pessoas que viam nesse detalhe uma de suas tantas esquisitices.

Como não dispunha de um couro grande para cortar, acabou inventando uma maneira de fazer com as peles de coelho, desprovidas de sua pelúcia, um traje de

verão que lhe deixava nua da cintura para cima, só com os seios cobertos pela faixa feita de outra pele. Planejava uma ida no dia seguinte às estepes, levando as suas lanças e a esperança de encontrar animais para caçar.

A encosta pouco íngreme do lado norte do vale dava fácil acesso às estepes a leste do rio. Já as planícies do oeste eram muito difíceis de serem atingidas devido ao alto paredão rochoso. Ela viu diversas manadas de bisões e cavalos, veados e até mesmo um pequeno bando de antílopes-saigas, mas a única coisa que conseguiu pegar foi um casal de ptármigas e um grande gerbo. Era muito difícil chegar perto de um bicho e lhe enfiar uma lança.

Os dias passavam e a caça de um grande animal se tomou uma constante preocupação. Já ouvira muitas vezes os homens do clã conversando sobre as suas caçadas - aliás, praticamente, a única coisa sobre o que conversavam - mas no caso deles era diferente, pois que caçavam em grupo. A técnica preferida dos homens - semelhante à empregada pelos lobos - era a de separar um animal do resto da manada e obrigá-lo a correr a mais não poder, até que o bicho, exausto, deixasse que eles se aproximassem e dessem a estocada fatal. Ayla, no entanto, achava-se só.

Muitas vezes eles conversavam sobre a maneira como os felinos esperavam agachados para dar o bote ou para se lançarem num salto furioso e matar o animal com as suas presas e garras. Mas Ayla não tinha presas nem garras, e tampouco a velocidade vertiginosa dos felinos. Nem mesmo se sentia à vontade com as lanças. Eram compridas e grossas demais. Apesar de tudo, tinha de encontrar urna maneira.

Finalmente, numa noite de lua nova, surgiu-lhe uma idéia que talvez desse certo. Nas ocasiões em que a lua dava as suas costas para a terra e passava a banhar as longínquas paragens do espaço nos reflexos de sua luz,

era freqüente ela se ver pensando nas reuniões de clã Todos os Festivais do Urso da Caverna caíam numa lua nova.

Estava pensando nas encenações de caçadas feitas pelos diversos das. Fora Broud quem conduziu a emocionante dança da caçada para o seu clã, numa teatralização extremamente real da caçada de um mamute que é perseguido com fogo até chegar a uma garganta sem saída. Essa representação ficou com o primeiro lugar. Mas a encenação levada pelo da anfitrião, mostrando como cavaram uma armadilha no caminho que um rinoceronte lanoso habitualmente usava para beber água, como cercaram o bicho, matando-o dentro do buraco, deu a este clã um segundo lugar muito próximo do primeiro. Rinocerontes lanosos eram sabidamente animais imprevisíveis e perigosos.

Na manhã seguinte, Ayla olhou procurando ver se os cavalos se achavam lá, mas não os cumprimentou. Já conhecia cada um deles em separado. Eram para ela uma companhia, quase amigos, mas não lhe restava outra solução, se quisesse sobreviver.

Uma grande parte dos dias seguintes ela a consumia observando a ma nada, estudando-lhe os movimentos, o lugar onde em geral iam os animais beber água, onde preferiam pastar, onde passavam a noite. Enquanto observava, um plano começou a esboçar-se em sua cabeça- Preocupava-se com os de-talhes, tentava visualizar todas as possibilidades e, por fim, pôs mãos à obra.

Gastou todo um dia derrubando pequenas árvores e arbustos que arrastou pela campina e empilhou próximo a um espaço vazio entre as árvores,junto do rio. Pegou cascas resinosas em árvores, cortou galhos de pinheiro e abeto, escavacou dentro de toras de madeira podre, catando lascas duras e farinhentas que pegassem fogo com facilidade, e arrancou grandes punhados de capim

seco. Ao anoitecer, amarrou as pontas dos galhos com as lascas de madeira misturadas com os pedaços de resina e capim seco, fazendo tochas que pegavam fogo rapidamente, desprendendo grande quantidade de fumaça.

Pela manhã, na véspera do dia programado para a caçada, ela retirou o couro da tenda e o chifre de auroque. Depois, revirou a ossada e o madeirame amontoados no pé do paredão, onde apanhou um osso resistente, de for ma achatada, que raspou na beirada, fazendo-lhe uma borda afiada. Cheia de esperança - e ela o precisava - apanhou todas as cordas e correias quê encontrou, arrancou cipós das árvores e fez uma pilha de tudo na praia para onde arrastou também troncos caídos e ramagens secas, de modo a ter bastante material para fogueiras.

Pelo final da tarde, estava com tudo pronto e andava de lá para cá na praia, indo e voltando até a curva do paredão, vigiando o movimento da ma nada. Apreensiva, viu que algumas nuvens se formavam do lado leste. Esperava que não fossem empanar o luar com que ela estava contando. Cozinhou alguns cereais e pegou umas frutas, mas não conseguiu comer muito. Volta e meia, apanhava as lanças e dava estocadas para treinar, depois punha-as nova mente de lado.

No último momento, foi outra vez remexer na pilha de ossos e madeiras, onde encontrou uma tíbia de veado, ligada a um osso arredondado. Ela deu uma bordoada no osso contra a presa gigantesca de um mamute, estremecendo-se toda com a força da pancada. Era a maça de que estava precisando, dura forte.

A lua apareceu antes do sol se pôr. Ela gostaria de saber um pouco mais sobre cerimônias de caça, mas as mulheres sempre foram excluídas. Davam azar.

“Para mim mesma eu nunca dei azar, mas também nunca tentei caçar até agora um animal grande. Queria

nesse momento saber de alguma coisa que pudesse me trazer sorte. “ Ela pegou no amuleto, voltando o pensamento para o seu totem, o Leão da Caverna. Afinal, fora ele quem a levara a caçar. Foi o que Creb dissera. Senão, por que motivo uma mulher iria manejar uma funda melhor do que qualquer homem? Além disso, como pensava Brun, o seu totem era forte demais para uma mulher, dando-lhe traços de caráter masculino. Ela contava com que o seu totem lhe fosse novamente trazer sorte.

As últimas luzes do crepúsculo começavam a apagar-se na escuridão, quando se dirigiu para a curva no rio, acompanhando os cavalos que, por fim, resolveram acomodar-se.

Ela apanhou o osso de forma achatada e o couro da barraca e correu pelo relvado alto da campina, indo ter na pequena clareira entre as árvores, onde os cavalos costumavam beber água pela manhã. O verde das folhagens parecia cinza na pálida luminescência, e as árvores mais distantes eram vistas como negras silhuetas contra a fulguração do céu. Esperando que a lua iluminasse o bastante para enxergar, ela estendeu o couro no chão e começou a cavar um buraco.

A terra estava dura, mas depois de revolvida a primeira camada, ficou mais fácil cavar com o osso de forma achatada, transformado em pá. Quando já havia amontoado uma certa quantidade de terra sobre o lençol de couro, arrastou-o para o meio do arvoredo e despejou-o ali. Depois que a cova estava com alguma profundidade, ela passou a puxar a terra para fora com o próprio couro que estendia no fundo do buraco. Nunca antes havia cavado um buraco sozinha. As enormes covas forradas de pedra que usavam para assar os quartos inteiros de animais eram o resultado do esforço conjunto de todas as mulheres do clã e esse buraco que

agora cavava tinha ainda de ser mais pro fundo e comprido do que aqueles.

Quando já havia cavado até a altura da cintura, sentiu água brotando na terra e percebeu que não deveria ter feito a cova tifo perto do rio. Num instante o fundo alagou. À lama ia pelo seus tornozelos, quando desistiu e saltou para fora, desmoronando um pedaço da beirada, ao suspender o couro.

“Espero que esta profundidade já chegue”, pensou. “Tem de chegar... quanto mais cavo, mais água aparece.” Olhou para a lua, surpresa por já ser tifo tarde. Tinha de trabalhar depressa para terminar e não dava tempo para o pequeno descanso que imaginara poderia ter.

Ao correr para o lugar onde empilhara as árvores e os arbustos, tropeçou numa raiz, esborrachando-se no chão. “Esse não é o momento para descuidos”, pensou, esfregando a canela. Os joelhos e as palmas da mão ficaram esfolados e estava certa de que era sangue que sentia escorrendo por uma das pernas, embora não pudesse ver.

Subitamente, percebeu o quanto se achava vulnerável e, por um instante, entrou em pânico. “E se eu quebrasse a perna? Se acontecer qualquer coisa comigo, não existe ninguém aqui para vir em meu socorro. O que vou fazer sozinha no meio dessa escuridão? Nem fogo eu tenho. E se um animal me atacar?” A cena muito viva de um lince saltando sobre ela passou-lhe pela lembrança, levando-a imediatamente a buscar a funda, já imaginando olhos brilhando em meio à escuridão. Encontrou a arma enfiada na correia em sua cintura. Sentiu-se mais confiante. “De qualquer modo, já estou morta... - ou pelo menos é como deveria estar. Se alguma coisa me acontecer é porque tem de ser e eu nada posso fazer. Não há tempo para me preocupar. Tenho de andar depressa, senão vai amanhecer antes que tudo esteja preparado.

“Ela encontrou o monte de galhos e arbustos e começou a arrastá-los para junto do buraco. Sozinha, concluíra, não iria conseguir fazer o cerco dos cavalos e nem havia no vale garganta sem saída. Então, com uma tirada genial, intuiu a solução. Era daqueles golpes geniais de que era capaz o seu cérebro, o cérebro que a fazia mais diferente da raça clânica do que o seu aspecto físico. Já que não havia gargantas sem saída no vale, pensou, talvez pudesse ela criar uma.

Pouco importava o fato da idéia não ser original. Para ela, era nova. Mas não achava que fosse uma grande invenção. Parecia-lhe apenas uma pequena adaptação do modo dos homens caçarem; no entanto, um fato que iria permitir uma mulher, por si só, caçar um animal que nenhum homem dos clãs sonharia em fazer sozinho. Uma invenção nascida da necessidade.

Ansiosa, ela constantemente olhava para o céu, enquanto entrelaçava os galhos, construindo uma barreira que fechava enviesadamente dois lados paralelos do buraco. Ela tapou as brechas e aumentou a altura com arbustos. No céu, as estrelas piscavam mais fracamente no lado do oriente. Os pássaros madrugadores já haviam começado as suas saudações gorjeadas e a luz do dia fazia as suas primeiras aparições quando, por fim, ela se afastou para contemplar a obra.

O buraco tinha a forma de um retângulo mal-acabado, com o comprimento apenas um pouco maior do que a largura e se achava enlameado nas beiradas por onde haviam passado os últimos carregamentos de terra úmida. Montes soltos da terra despejada do couro achavam-se dispersos sobre a relva pisoteada dentro da área triangular, definida pelas barreiras vegetais, convergindo na direção do buraco barrento. Através do espaço separando as duas cercas, o rio podia ser visto refletindo o fulgor do céu no lado do oriente. Na margem

oposta, o íngreme penhasco ao sul do vale erguia-se sombriamente, apenas divisando-se os contornos de seu cimo.

Ela voltou para observar a posição dos cavalos. O outro lado do vale tinha uma encosta que fazia uma subida mais abrupta para oeste, quando se erguia para formar o paredão saliente em frente da caverna e, em seguida, nivelar-se mais adiante no vale, em relvosas colina ondulantes. Ainda estava escuro neste trecho, mas deu para ela ver que os cavalos começavam a movimentar-se.

Ayla agarrou o couro da barraca e a pá de osso e correu de volta à praia. A fogueira estava quase apagada. Acrescentou, então, mais lenha e pescou, com um pau, um carvão aceso que botou dentro do chifre de auroque. Apanhou as tochas, as lanças, a maça e voltou às carreiras para junto do buraco. Depositou no chão uma lança e a maça num dos lados da cova e no outro a segunda lança. Isso feito, encaminhou-se, dando uma longa volta no terreno, de modo a se pôr atrás dos cavalos, quando estes começassem a caminhar.

Ficou, então, aguardando.

A espera foi muito mais dura do que a longa noite de trabalho.

Extremamente tensa, inquieta, perguntava-se se o plano daria certo. Deu uma olhada verificando o carvão e esperou. Lembrava-se de uni mundo de coisas que não se recordara antes, coisas que deveria ter feito e não fez, ou que poderia ter feito diferentemente. E esperou. Perguntava-se quando que os cavalos iriam, por fim, fazer o seu caminho cheio de meandros até o rio. Pensou em açulá-los. Achou melhor não fazê-lo e esperou.

Os cavalos começaram a andar sem um propósito definido. Ela achou que pareciam mais nervosos do que o habitual, mas não tinha certeza, nunca estivera tifo perto deles. Por fim, a égua guia começou a encaminhar-

se para o rio e os outros foram seguindo-a, parando em meio ao trajeto para pastar. Positivamente, tornaram-se nervosos quando já estavam mais próximos do rio e farejaram o cheiro de Ayla e o da terra revolvida. Quando a égua na frente pareceu querer desviar, ela resolveu que chegara o momento.

Acendeu uma tocha na brasa, depois a segunda na primeira. Vendo que já estavam bem acesas, ela largou o chifre de auroque e se pôs a correr em perseguição da manada. Com gritos, eias e berros, corria e agitava as tochas no ar, mas estava muito afastada da manada. O cheiro da fumaça instintivamente suscitava no animal o medo de fogo no campo. Os cavalos ganharam velocidade e rapidamente distanciavam dela. Dirigiam-se para o lugar de seu bebedouro, onde se encontravam as cercas de arbustos, mas, pressentindo o perigo, alguns escaparam para leste. Ayla pegou o mesmo rumo, dando o máxi mo de si na corrida e esperando desviá-los no caminho. Ao aproximar-se mais, viu que outros se desviavam, procurando evitar a armadilha. Ela, aos gritos, correu para o meio deles. Com as orelhas voltadas para trás, narinas flamejantes, passavam junto dela, desordenados, soltando relinchos de medo. Ayla também começava a entrar em pânico, temendo que todos lhe escapassem.

Ela se achava próxima da extremidade de uma das barreiras, quando viu a égua parda vindo na sua direção. Gritando para o animal, abriu os braços, com uma tocha em cada mão, e disparou na direção do que parecia ser uma trombada na certa. No último instante, a égua esquivou, mas para o lado errado, isto é, errado para ela, não para Ayla. Vendo-se bloqueada, galopou para o interior do cercado, tentando descobrir uma passagem. Ayla ia atrás, ofegante, sentindo os pulmões prestes a estourar.

A égua enxergou a abertura com a convidativa vista do rio e se dirigiu para lá. Foi, então, que deu com o buraco aberto no chão. Tarde demais. Ainda juntou as patas para dar o salto, mas os cascos escorregaram na beirada lamacenta e ela se espatifou dentro da cova, quebrando uma perna.

Respirando com dificuldade, Ayla correu para a beirada do buraco. Apanhou uma lança e ficou mirando a égua que, com o olhar enlouquecido, sacudia a cabeça, berrando e patinando na lama. Ela levantou a lança com as duas mãos, firmou-se nas pernas e mergulhou a ponta da arma dentro do buraco. Viu, então, que tinha cravado a lança na ilharga do animal, ferindo-o, mas não mortalmente. Correu para o outro lado, dando um escorregão na lama e, por pouco, não caindo também dentro da cova.

Pegou a outra lança e desta vez tomou mais cuidado com a pontaria. A égua, aparvalhada, dava relinchos de dor. Quando a ponta da segunda lança perfurou o pescoço, o animal ainda num derradeiro e heróico esforço tentou dar um passo à frente. Depois, duplamente ferida, com uma perna quebrada, deixou-se cair, soltando um relincho mais parecido a um gemido. Uma for te pancada da maça veio pôr fim ao seu sofrimento.

A compreensão se fez aos poucos na mente de Ayla. Achava-se estupidificada demais, sem perceber inteiramente toda a extensão de seu feito. Na beirada da cova, apoiando-se pesadamente sobre a maça e ainda ofegante, olhava para a égua abatida. O pêlo duro de tom acinzentado se encontrava riscado de sangue e coberto de lama. O animal estava na mais perfeita imobilidade.

Então, muito devagar, o entendimento foi se fazendo. Como uma força, qualquer coisa que ela jamais conhecera na sua vida, nascida nas profundezas de seu

ser, cresceu-lhe na garganta e explodiu pela boca o seu grito primal de vitória. Conseguira!

Naquele momento, num vale perdido no meio de um vasto continente, em algum ponto próximo às fronteiras indefinidas das desoladas estepes de loesse nas regiões boreais e das úmidas estepes do sul, uma mulher erguia a sua maça, sentindo todo o seu poder. Ela poderia sobreviver. E iria.

Mas a alegria durou pouco. Olhando para o cavalo, de repente, ocorreu-lhe que jamais conseguiria arrastá-lo para fora do buraco. Teria de esquartejá-lo no local, no meio da lama e, em seguida, levar rápido as partes para a praia, sem danificar a pele, antes que uma quantidade de predadores sentisse o cheiro de sangue. Seria preciso cortar a carne em tiras, retirar as outras partes que gostaria de preservar, manter as fogueiras sempre acesas e estar de vigia durante a secagem das carnes.

Já estava exausta com o trabalho estafante da noite e o da aflitiva caçada. Ela não era um homem dos clãs que, uma vez terminada a sua parte numa emocionante caçada, podia dar-se ao luxo de descansar, deixando às mulheres a tarefa do esquartejamento e do preparo das carnes e da pele. O seu trabalho estava apenas começando. Soltando um grande suspiro, pulou dentro da cova para cortar a garganta da égua.

Voltou correndo à praia para buscar o couro da barraca e os seus instrumentos. Quando voltava, reparou na manada de cavalos movendo-se muito a distância no vale. Depois, dentro do exíguo buraco, imundo dela e sangue, inteiramente esquecida dos bichos, a sua luta agora era retalhar os pedaços de carne e tentar não danificar a pele mais do que já estava.

Depois que empilhou sobre o couro uma certa quantidade de carne que achava poder carregar,

chegaram as aves de rapina para pinçar os nacos de carne agarrados nos ossos jogados fora. Ela foi arrastando o pesado fardo até a praia, botou mais lenha na fogueira e despejou as carnes no chão, o mais per to possível do calor do fogo. Voltou então correndo, carregando o couro vazio, mas antes de chegar ao buraco as pedras de sua funda já estavam zunindo no ar. Ela ouviu o ganido de uma raposa que se afastou capengando. Teria matado uma se não lhe tivessem faltado pedras. Antes de voltar ao trabalho, pegou mais algumas pedras do leito do rio e bebeu um bom gole de água.

O tiro foi certeiro e fatal no carcaju que enfrentara o calor da fogueira e tentava arrastar um grande naco de carne, quando Ayla voltou trazendo o segundo carregamento. Depositou a carne perto do fogo e foi buscar o carcaju, esperando poder ter algum tempo para pelá-lo também. A pele desse animal era particularmente apropriada para certas vestimentas de inverno. Ela botou mais lenha na fogueira e deu uma olhada no madeirame empilhado per to. Já com uma hiena, não teve tanta sorte quando chegou de volta ao local do buraco. O bicho deu um jeito de escapar, carregando um perna inteira. Desde que chegara ao vale, nunca havia visto tantos animais carnívoros. Raposas, hienas, carcajus, todos tinham sentido o gosto da égua. Os lobos e os dholes, os seus ferocíssimos primos, parecidos com um cachorro selvagem, espreitavam, mas sempre fora do alcance de sua funda. Os gaviões e falcões mostravam-se mais ousados. Quando ela se aproximava, dignavam-se apenas a bater as asas e pousarem um pouquinho só adiante. Ela esperava a qualquer momento topar com um lince ou um leopardo, e até mesmo com um leão da caverna.

O sol ultrapassara o seu zênite e começava a declinar no céu.

Ayla puxou o couro imundo para fora do buraco e arrastou até a praia a última leva de carne. Só então entregou-se ao cansaço, deixando o corpo cair sobre o chão. Não dormira a noite toda e ainda não havia comido naquele dia. A sua vontade era ficar quieta, sem se mexer. No entanto, os menores bichinhos do vale também queriam ter a sua parte na égua e, com os seus zumbidos, acabaram fazendo-a levantar-se. As moscas picando e revoando ao seu redor chamaram a sua atenção para a imundície em que se encontrava. Com esforço, caminhou até o rio e, sem se importar de tirar a roupa, deixou prazerosamente a água levá-la.

O banho de rio refrescou-a. Ela subiu ã caverna, pôs as suas roupas para secar, lamentando não ter tirado a funda da cintura antes de entrar na água. Tinha medo de que o couro, depois de seco, ficasse duro. Não iria ter tempo para tratá-lo, devolvendo-lhe a flexibilidade e maciez. Vestiu o seu traje completo e pegou a pele em que dormia. Antes de descer à praia, do patamar em frente da caverna olhou a campina. A área nas proximidades do buraco estava tumultuada, cheia de movimentos, mas os cavalos haviam abandonado o vale.

Subitamente, lembrou-se das lanças. Depois que as arrancou da égua, as deixara no chão e lá haviam ficado. Estava entre ir e não ir, tendendo mais para a negativa. Então, acabou resolvendo que era melhor conservar aquele bom par de lanças do que ter de, mais tarde, fabricar outras. Apanhou a funda e deu, antes, uma parada na praia para pegar pedras e deixar a pele.

Ao chegar perto da cova, olhou para aquela carnificina como se fosse pela primeira vez. Em muitos pontos, a cerca havia sido derrubada. O buraco era uma ferida sangrenta aberta na terra e a relva se achava amassada. Sangue, pedaços de carne e ossos estavam espalhados ao redor. Dois lobos rosnavam disputando a cabeça da égua. Algumas raposas ganiam em torno de

uma pata cabeluda ainda com o casco preso, e uma hiena, desconfiada, olhou para Ayla. Um bando de gaviões bateu asas com a sua aproximação, mas o carcaju permaneceu firme no seu posto, ao lado do buraco. Somente os felinos ainda não haviam marcado lá a sua presença.

“É melhor andar depressa”, disse para si mesma, lançando uma pedra para tirar o carcaju do caminho. 'Preciso manter as fogueiras acesas ao redor da minha carne.” A hiena cacarejou o seu grito, afastando-se apenas o suficiente para ficar fora do alcance dos tiros. “Saia daqui, bicho imundo”, pensou Ayla. Ela odiava as hienas. Sempre que via uma, lembrava-se da ocasião em que um desses bichos tinha abocanhado o filhinho de Oga Foi quando, sem medir as conseqüências de seu ato, matou o animal. Simplesmente não poderia deixar um bebê morrer daquele jeito.

Ao abaixar-se para pegar as lanças, a sua atenção foi atraída por algo se movendo atrás dos buracos na cerca. Um bando de hienas tocaiava uma potranca alazã, de pernas compridas.

“Sinto muito, amiguinha. Não queria matar a sua mãe. Apenas aconteceu de ser ela.” Ayla não tinha qualquer sentimento de culpa. O mundo se dividia em caçadores e caçados. Um dia era da caça e outro do caçador. Apesar de contar com armas e fogo, poderia, com a mesma facilidade, ter sido ela a vítima. A caça era uma forma de vida.

Mas sabia que a pobrezinha estava condenada sem a sua mãe e ficou com pena do animal ainda novo e indefeso. A começar pelo coelho que trouxe para ser tratado por lza, seguiu-se, para desespero de Brun, uma longa série de bichinhos feridos, levados para a caverna por suas mãos. Brun, entretanto, tinha os seus limites: os carnívoros eram terminantemente barrados.

Ela ficou olhando as hienas assediarem a potranca que, nervosa, com os olhos esgazeados, cheios de medo, tentava fugir ao cerco. “Já que não ficou ninguém para tomar conta de você, talvez seja melhor que tudo acabe de uma vez”, pensou Ayla. Mas quando uma das hienas saltou sobre o pobre bicho, rasgando-lhe a ilharga, ela não hesitou. Rompeu a barreira de arbustos e começou a disparar pedras de sua funda. Uma hiena tombou e as outras fugiram. Ela não estava tentando matá-las, não lhe interessavam as suas peles pintadas, parecendo sempre sujas. Só queria que deixassem a potranca em paz. Esta correu também, mas não foi muito longe. Ayla lhe fazia medo, mas não tanto quanto as hienas. Com as mãos estendidas e cantarolando baixinho, Ayla foi vagarosamente se aproximando do cavalinho. Dessa maneira, já havia conquistado a confiança de muitos animais. Um jeito especial que tinha para lidar com bichos, uma sensibilidade que se estendia a qualquer forma de vida e que se desenvolvera junto com as suas aptidões para curandeira. Iza incentivara esse seu lado, vendo aí o mesmo sentimento de solidariedade que a movera a recolher uma menina estranha, ferida e faminta.

A potranca aproximou-se para cheirar as mãos que se estendiam em sua direção. Ayla chegou para perto do animal e o acariciou, lhe dando palmadinhas e coçando o seu pêlo. Então, percebendo qualquer coisa familiar nos de dos de Ayla, o bichinho faminto pôs-se a chupá-los ruidosamente, despertando na moça um antigo desejo dolorosamente acalentado.

“Coitadinha, com tanta fome e sem mãe para dar de mamar”, pensou. “Eu não tenho leite para você. Nem para Durc eu tive.” Ela sentiu que as lágrimas ameaçavam subir aos olhos e sacudiu a cabeça. “Bom, mas assim mesmo Durc cresceu forte e sadio. Talvez eu pense em alguma coisa que possa comer. Você vai ter de

ser desmamada fora do tempo. Venha comigo.” A potranca, sempre chupando-lhe os dedos, acompanhou-a até a praia.

Ao chegar, Ayla deu com um lince em tempo de escapar com um dos pedaços de carne por ela tão custosamente conseguido. Finalmente, um felino havia dado o ar de sua graça. Ela apanhou duas pedras e a funda, enquanto a potranca afastava-se assustada. Quando o lince levantou a cabeça as pedras zuniram com força.

“Pode-se matar um lince com uma funda”, afirmara Zoug, certa ocasião. “Não tente coisa maior, mas um lince é possível.” Aquela não era a primeira vez que Ayla provava que o velho estava certo. Ela foi buscar a sua carne roubada e arrastou também o estranho bicho de orelhas empenachadas. Olhou, então, para a sua pilha de carne, o couro enlameado da égua e os animais mortos: um carcaju e um lince. Subitamente deu uma risada alta. Antes estava precisando de carnes e peles, agora o que lhe faltava eram mais algumas mãos.

A risada alta e o cheiro de fogo haviam espantado a potranca que se afastou um pouco. Ayla apanhou uma correia e, cautelosamente, se aproximou dela de novo, passando-lhe a tira de couro pelo pescoço e a conduzindo de volta à praia. Enquanto atava a ponta da correia num arbusto,lembrou que havia esquecido outra vez as lanças e correu para apanhá-las, mas voltou para tranqüilizar o cavalinho que tentara segui-la. “O que é que vou dar para você comer?”, pensou, ao ver o animal querendo chupar os seus de dos novamente. “E essa agora! Como se eu já não tivesse muito o que fazer.

“Ela tentou dar um pouco de capim, mas o bichinho parecia não saber o que fazer com aquilo. Reparou, então, na bacia com um resto frio de cereais cozidos. “Se a comida for preparada de um jeito bem macio, os bebês podem comer as mesmas coisas que as suas

mães”, lembrou-se. Ela botou mais água na bacia, esmigalhou os grãos, fazendo uma papa e trouxe para a potranca, que simplesmente deu um bufado recuando com o corpo, quando ela lhe meteu o focinho dentro da bacia. Mas, depois, a potranquinha passou a língua pela cara, parecendo gostar do sabor. Estava faminta e procurava de novo pelos dedos de Ayla.

Por um momento, Ayla ficou pensando, depois enfiou a mão na bacia, junto com o animal lambendo-lhe os dedos. A potranca chupou um pouco da papa e sacudiu a cabeça. Após algumas tentativas mais, o cavalinho faminto pareceu ter compreendido a idéia. Quando terminou, Ayla subiu até a caverna e trouxe mais cereais que botou para cozinhar e dar mais tarde.

“Acho que vou ter de colher mais cereais do que havia imaginado. Tal vez arranje um pouco de tempo, se é que vou conseguir botar esse mundo de carne para secar.” Por instantes, ficou parada, pensando no que iria o clã achar se soubesse que ela matara um cavalo para comer e que depois colhia comida para alimentar a cria desse mesmo animal. “Bom, aqui eu posso ser esquisita o quanto eu quiser”, falou para si mesma, enquanto enfiava uma vareta num pedaço de carne e punha para assar para ela. Olhou, então, o trabalho que tinha pela frente e tratou de pôr mãos à obra.

Ela ainda cortava a carne em tiras finas, quando a lua cheia apareceu no céu e as estrelas voltaram a brilhar. Um anel de fogueiras circundava a praia e ela dava graças por poder contar com uma grande quantidade de lenha nos arredores, trazida pelas enchentes. Dentro do círculo de fogo, achavam-se es pichadas diversas cordas das quais se penduravam as tiras de carne. A pele fulva do lince fazia um rolo junto do outro menor, formado pela pele marrom e mais grossa do carcaju. As duas esperando para ser tratadas e curtidas oportunamente. O couro acinzentado da égua,

já lavado, estava estendido sobre as pedras, secando junto do estômago, que, depois de limpo, fora cheio de água para conservar-se maleável. E mais: tiras de tendões para serem usadas como cordas, filas e mais filas de intestinos lavados, uma pilha de ossos misturados com cascos e um monte de gordura para mais tarde ser derretida e guardada dentro das tripas. Até mesmo um pouco da gordura do lince e do carcaju ela resolveu guardar. Seria aproveitada em lamparinas e na impermeabilização do couro. A carne destes animais não fazia o seu gosto.

Ayla olhou os dois últimos pedaços de carne já lavados e pegou num. Depois, mudou de idéia. Podiam esperar. Nunca se sentira tão cansada. Passou em revista as fogueiras, botou mais lenha em cada uma, estendeu a sua pele de dormir e se enrolou nela.

O cavalinho já não estava mais amarrado. Depois de ser alimentado pela segunda vez, pareceu ter perdido a vontade de ir embora. Ayla estava quase dormindo, quando ele veio para perto dela, cheirou-a e se deitou ao seu lado. Ela então não pensou que se alguma fera se aproximasse das fogueiras meio apagadas, a potranca ao seu lado imediatamente reagiria, acordando-a. Adormecida, passou o braço ao redor do animalzinho quente e, sentindo-lhe as batidas do coração e escutando os ruídos de seu bafo, aconchegou-se a ele.

Capítulo 6

Jondalar coçou a barba espetando em seu queixo e apanhou o seu baú que estava encostado contra o tronco de um pinheiro. Ele retirou um embrulho de couro flexível, desatou as cordas, desdobrou e, com atenção, examinou uma lâmina de sílex. Era ligeiramente curva no sentido do comprimento. Todas as lâminas feitas de sílex abaulavam um pouco, uma característica da pedra, mas o gume mostrava-se igual e afiado. A lâmina era apenas um instrumento dentre vários outros que ele levava separa do por ser objetos de qualidade e valiosos.

Uma rajada súbita de vento agitou os galhos do velho pinheiro revestido por uma crosta de liquens. A portinhola da barraca levantou, deixando o vento entrar, esticando as cordas de sustentação e dando puxões nas estacas; depois, voltou a fechar-se. Jondalar ornou para a lâmina, abanou a cabeça e tomou a embrulhá-la.

- Está na época de deixar a barba crescer? - perguntou Thonolan.

Jondalar não reparara na chegada de seu irmão.

- A barba tem as suas vantagens no inverno e ele já vem por aí. No verão, pode incomodar bastante... com o suor, a pele pica muito - respondeu ele.

- Thonolan soprava as mãos e esfregava uma na outra. Então, se agachou junto da pequena fogueira em frente da barraca e colocou as mãos por cima das chamas.

- Sinto falta de cor.

- Que cor?

- Vermelho. Não há vermelho. Apenas um arbusto aqui, outro ali, mas o resto é tudo amarelo passando para o marrom. A relva, as folhas... falou, virando-se e apontando com a cabeça na direção de uma área

descampada às suas costas. Depois, olhando para Jondalar, de pé, junto da árvore, disse: - Até os pinheiros parecem pardos. O gelo já começou a aparecer nas poças e nas beiradas dos rios. E eu ainda estava esperando pelo outono.

- Acho bom não esperar muito - falou Jondalar, vindo também agachar-se junto da fogueira, do lado oposto ao irmão. - Essa manhã eu vi um rinoceronte indo para o norte.

- Acho que senti cheiro de neve.

- Pode ser, mas não será muita. Pelo menos enquanto houver mamutes e rinocerontes rondando por aí. Eles gostam de frio, mas não de neve. Esses bichos parecem saber quando está para cair alguma tempestade e voltam às pressas para as geleiras. Há um ditado que diz: fique na sua casa quando os mamutes estiverem indo para o norte. Isso vale também para os rinocerontes. Mas esse que eu vi não estava com pressa.

- Já vi muitos caçadores voltando sem atirar uma única lança só porque esses bichos estão indo para o norte. Gostaria de saber que quantidade de neve cai nessas redondezas.

- O verão foi seco e se o inverno também for, os mamutes e os rinocerontes não irão embora, talvez agüentem a estação toda por aqui. Mas já esta mos bem ao sul. Isso, em geral, significa muita neve. Talvez fosse melhor que ficássemos com as pessoas que nos transportaram para esse lado do rio. Vamos precisar de um lugar para passar o inverno e isso não pode demorar muito.

- Eu não me importaria nesse instante de estar numa boa caverna amiga, cheia de belas mulheres - falou Thonolan com um largo sorriso no rosto.

- Eu me contentaria apenas com uma boa caverna amiga.

- Ora, meu irmão, tanto quanto eu, você não vai querer passar um inverno inteiro sem mulher.

Jondalar sorriu.

- É. O inverno vai ficar um bocado frio sem uma mulher... bonita ou feia...

Thonolan, pensativo, olhava para o irmão.

- Tenho ultimamente sempre pensado nisso.

- Em quê?

- Que você muitas vezes despreza uma mulher linda, dessas que todo homem anda atrás, para ir buscar alguma ratinha feia, sentada escondida num canto. Sei que não é idiota, Jondalar, e você também sabe que não é. Então por que isso?

- Eu não sei. Às vezes a ratinha pensa que não é bonita simplesmente porque tem a pele marcada ou um nariz grande demais. E quando você vai conversar com ela, percebe que a ratinha tem muito mais para lhe dar do que uma mulher cheia de homens correndo atrás. As mulheres não muito per feitas são freqüentemente as mais interessantes. Tiveram de lutar mais e por isso aprenderam mais.

- Talvez você tenha razão. Tenho visto algumas dessas pobres criaturinhas tímidas crescer em viço depois que alguém passa a lhes dar atenção.

Jondalar encolheu os ombros e levantou-se.

- Não é desse jeito que vamos conseguir arrumar mulher e muito me nos uma caverna para ficar. Acho bom levantarmos logo esse acampamento.

- Então, mãos à obra - falou Thonolan, já apressado e dando as costas para a fogueira. Mas então, ficou paralisado em seu lugar. - Jondalar! - gaguejou, fazendo força para que a sua voz parecesse normal. - Não faça nada que possa chamar a atenção dele, mas se você olhar por cima da barraca, verá o seu amigo desta manhã, ou então um igualzinho a ele.

Jondalar olhou.

Balançando o seu enorme corpanzil de lá para cá, ora apoiando-se sobre as patas de um lado, ora sobre as do outro, estava a imensa massa lanosa de um rinoceronte de dois chifres. Com a cabeça virada de banda, ele espreitava Thonolan. Quando olhava de frente, o rinoceronte era quase cego, além do que os seus pequeninos olhos assentados muito atrás na cabeça tinham reduzido campo de visão. Para compensar, o sentido da audição e do olfato eram extremamente apurados.

Toda a sua aparência era a de um animal de clima frio. Possuía o couro revestido por dois tipos de pêlos: embaixo, uma felpa grossa, e por cima uma cabeleira marrom-avermelhada. Sob o seu couro duro e grosso havia uma camada de oito centímetros de gordura. A cabeça, saindo dos ombros, estava sempre voltada para baixo e o comprido chifre dianteiro arqueava-se de tal modo para frente que quase varria o chão, enquanto ele balançava a sua, mas sa de pêlo e gordura. O chifre, ele o usava para espanar a neve de cima das plantas. As pernas curtas e grossas facilmente atolavam-se nas espessas cama das de neve. As suas visitas às planícies do sul, para regalar-se com as ricas pastagens de lá e armazenar uma quantidade extra de gordura, se faziam no final do outono e princípio de inverno, antes das pesadas nevascas. Com o seu grosso manto de peles, não agüentava o calor e tampouco poderia sobreviver em regiões de muita neve, O seu habitat era a tundra seca, de frio causticante, ou as estepes perto das geleiras.

Entretanto, o corno dianteiro, em forma de funil, podia ter uma serventia muito mais perigosa do que a de espanar neve e, entre o animal e Thonolan, havia apenas uma pequena distância a separá-los.

- Não se mova - sussurrou Jondalar. Ele se enfiou dentro da barraca para pegar o baú com as lanças.

- Essas lanças são muito fracas, não vão adiantar muito - falou Flonolan, apesar de estar de costas para o seu irmão. Por um momento, Jondalar ficou parado, perguntando-se como poderia Thonolan saber o que ele estava fazendo. - Você tem de acertá-lo num ponto vulnerável, como os olhos, e esse é um alvo muito pequeno. Lança para matar rinocerontes tem de ser mui to mais pesada - prosseguiu Thonolan, fazendo Jondalar concluir que ele estava simplesmente conjecturando.

- Não fale muito senão vai atrair a atenção do bicho - avisou Jondalar.- Eu posso não estar com uma lança pesada, mas você está inteiramente desarmado.

- Espere, Jondalar! Não faça isso! Esta lança só vai botar raiva nele e você não conseguirá feri-lo. Lembra-se do modo como costumávamos provocar rinocerontes quando éramos crianças? Um corria, fazendo com que o bicho saísse em perseguição, depois se desviava quando o outro começava a atrair a sua atenção. O negócio é obrigá-lo a correr até que fique exausto e não consiga mais mexer-se. Eu vou começar a correr. Fique pronto para entrar em ação e faça com que ele me persiga.

- Não, Thonolan! - berrou Jondalar. Tarde demais, Thonolan já havia disparado.

No entanto, era impossível prever as reações de um rinoceronte. Ao invés de sair em perseguição do homem, o animal investiu contra a barraca que se agitava com o vento. No choque, ele rasgou um buraco no couro e, em seguida, abocanhando as correias, acabou enroscando-se nelas. Quando conseguiu desvencilhar-se, resolveu que não gostava dos homens ou de seu acampa mento, foi embora trotando, sem causar maiores danos. Thonolan olhou por cima do ombro e, vendo que o rinoceronte se afastava, correu para junto do irmão.

- Que imbecilidade! - gritou-lhe Jondalar, batendo a lança no chão com tanta força que a madeira se rachou logo abaixo da ponta de osso. - Estava querendo morrer?

Santa Doni, Thonolan! Duas pessoas só não podem provocar um rinoceronte. Você tem de cercá-lo. E se ele corresse atrás de você? O que, neste mundo da Grande Mãe, faria eu se você fosse ferido?

Thonolan, primeiro, mostrou-se surpreso, depois ficou com raiva. Mas logo o seu rosto abriu-se num amplo sorriso.

- Quem diria, o meu irmão realmente preocupado comigo! Pode gritar o quanto quiser, Jondalar, você não me engana. Talvez eu não devesse ter corrido, mas não ia deixá-lo fazer a idiotice de querer apanhar um rinoceronte com uma lança de brinquedo. O que neste mundo da Grande Mãe faria eu se você fosse ferido? - o seu sorriso alargou-se ainda mais e os olhos iluminaram-se, felizes, como os de um garoto que conseguira sair-se bem de uma travessura. - Além disso, não foi atrás de mim que ele correu.

Jondalar, impassível, olhava para o rosto sorridente do irmão. A sua explosão fora mais de alívio do que realmente de raiva. Ele tinha custado um pouco para compreender que Thonolan estava fora de perigo.

- Você teve sorte. Acho que nós dois tivemos - falou, soltando um enorme suspiro. - Não é melhor fazermos outras lanças, mesmo que arrume mos as pontas destas?

- Por aqui, não vi nenhum teixo, mas durante o caminho pode ser que encontremos algum amieiro ou freixo. São madeiras que também servem - observou ele, enquanto desmontava a barraca.

- Qualquer coisa serve. Até mesmo salgueiro. Devíamos fazer as lanças antes de sairmos daqui.

- Ora, Jondalar, vamos logo embora desse lugar. Temos de alcançar aquelas montanhas, não é?

- Não gosto de viajar sem lanças. Principalmente com rinocerontes rondando por perto.

- Podemos acampar hoje um pouco mais cedo. De qualquer modo, precisamos consertar a barraca.

Enquanto estamos andando, podemos procurar por uma madeira de boa qualidade, achar um lugar melhor do que este para pernoitar. Fora o fato de que esse rinoceronte pode voltar de repente.

- Mas ele pode também resolver nos seguir - Jondalar sabia que Thonolan ficava sempre ansioso para partir depressa todas as manhãs. Qual quer demora deixava-o impaciente. - Está bem, talvez seja melhor mesmo chegarmos logo naquelas montanhas. Mas vamos parar cedo, combinado?

- Combinado, meu irmão.

Os dois se puseram a caminhar pela margem do rio em passadas largas e regulares, perfeitamente sincronizados um com o outro e cada qual entregue ao seu pensamento. Haviam se tornado mais íntimos, falando-se com o coração e a mente e conhecendo cada um os pontos fracos e fortes do outro. Criaram o hábito de dividir as tarefas entre si e no momento de perigo os dois estavam juntos se socorrendo mutuamente. Eram jovens, fortes, sadios e espontaneamente seguros de si, à altura de enfrentar o que quer que fosse que lhes surgisse pela frente.

De tal forma estavam afinados com o ambiente que a percepção se fazia subliminarmente. Qualquer alteração representando possível ameaça os deixava logo de sobreaviso. Caminhavam vagamente conscientes do fraco calor enviado por um sol distante, desafiando o vento frio que zunia através dos galhos desfolhados. À frente deles, o rio correndo veloz e as nuvens negras que sombreavam as encostas nevadas das montanhas.

As cordilheiras do vasto continente determinavam a forma do curso do Grande Rio Mãe que brotava nas terras altas do norte, numa das montanhas cobertas pela geleira, e corria na direção leste. Para mais além da primeira cadeia de montanhas, havia uma planície que,

em estágios anteriores da formação, fora o leito de um mar interno e, mais para leste, uma segunda cadeia circundava a região como um grande arco. Onde os promontórios mais orientais da primeira cadeia montanhosa encontravam a base do extremo noroeste da segunda, o rio passava por uma barreira rochosa e dobrava repentinamente em direção ao sul.

Após deixar as terras altas, extremamente acidentadas, o rio avançava sinuoso através de estepes relvosas e fazendo meandros circulares, dividindo-se em canais que tornavam a juntar-se, quando ele retomava o seu curso na direção sul fluindo pelas planícies, através de muitos braços, mostrava-se vagaroso, dando a impressão de enormidade. Mas era apenas impressão. Quando o Grande Rio Mãe alcançava as terras altas no extremo meridional da planície, ele dobrava novamente para leste e os seus canais se uniam depois de haver recebido as águas saídas do manto de gelo, nas partes norte e leste da primeira cadeia de montanhas.

O Grande Rio Mãe, então, engordado por muitas águas, largava uma baixada e dobrava para oeste numa grande curva na direção da ponta sul da segunda cordilheira. Os dois homens vinham seguindo pela margem esquerda, atravessando, vez por outra, alguns dos canais e riachos que corriam para ir ao encontro das grandes águas. Na margem oposta, o terreno, na direção sul, se elevava de forma abrupta e irregular. No lado em que eles se achavam a paisagem se fazia ondulada por muitas colinas que gradualmente iam erguendo-se da margem.

- Tenho a impressão de que não vamos conseguir atingir o fim do Danúbio antes do inverno - observou Jondalar. - Por sinal, já começo a me perguntar se esse rio tem realmente um fim.

- Claro que tem e logo vamos encontrá-lo. Olhe como ele está grande nesse ponto. - Thonolan fez um

largo gesto com o braço apontando para a direita. - Quem diria que ficaria deste tamanho, hein? O fim já deve estar próximo.

- Mas nós nem encontramos ainda a Irmã. Pelo menos é o que eu imagino. Tamen falou que esse rio é tão grande quanto a Mãe.

- Ele deve ter exagerado. Impossível haver um outro rio tão grande quanto a Mãe, correndo por essas planícies.

- Bom, Tamen não disse propriamente que viu o rio, mas ele não errou quando disse que a Mãe tomava a dobrar para leste e também falou certo sobre as pessoas que nos ajudaram a atravessar para essa margem. Tal vez ele tenha razão sobre a Irmã. Foi pena não sabermos a língua dessa gente que nos ajudou com a jangada. Eles deviam conhecer um tributário tão grande quanto a Mãe.

- Você sabe que sempre há exagero quando se fala de alguma coisa que não está perto. Acho que essa “Irmã” de Tamen é simplesmente um dos tantos canais rumando para leste.

- Espero que você tenha razão, irmãozinho, porque se houver uma irmã, vamos ter de atravessá-la antes de alcançarmos aquelas montanhas e não estou vendo nenhum outro lugar possível para passarmos o inverno.

- Só acredito na Irmã depois de vê-la.

Um movimento aparentemente estranho à ordem natural das coisas chamou a atenção de Jondalar, despertando-lhe a consciência. Pelo som, ele identificou, à distância, uma nuvem negra que se movia sem o menor apreço pela direção dominante do vento. Jondalar parou para observar a formação em V do bando de gansos que se aproximava grasnando. Os pássaros começaram a descer como um todo e numa quantidade tão grande que chegava a enegrecer o céu. Já perto do chão, individualizavam-se, aprontando-se para o pouso,

com as patas abaixadas e batendo as asas. Mais à frente o rio mudava de direção para contornar uma abrupta elevação do terreno.

- Meu irmão - falou Thonolan, sorrindo e excitado -, esses gansos não teriam pousado se não houvesse qualquer coisa alagada mais à frente. Talvez um mar ou um lago. Estou apostando como a Mãe deságua lá. Acho que chegamos na foz do rio.

- Se subirmos por essa colina, acho que poderemos ter uma vista melhor - disse Jondalar, num tom propositalmente indiferente. Thonolan teve a impressão de que o irmão não acreditava nele nem um pouco.

Subiram a encosta às carreiras, chegando ao topo respirando com dificuldade. Então, inteiramente pasmos, olharam a paisagem em volta. Eles estavam num ponto suficientemente alto para enxergar a uma distância bastante grande.

Após fazer a volta da encosta, a Mãe alargava-se e suas águas tornavam-se encapeladas, formando ondas espumosas quando se aproximavam de uma outra vasta extensão de água. O rio maior estava turvo pelo barro largado do fundo e cheio de destroços. Galhos partidos, animais mortos, árvores inteiras boiavam em meio aos redemoinhos formados por diferentes correntezas.

Eles não tinham chegado na foz do Grande Rio Mãe, e sim encontrado a Irmã.

O rio tributário começava nas altas montanhas que se achavam à frente deles, como pequenos córregos e riachos, depois convertidos em fios que desciam pelas encostas, formando corredeiras e cataratas, numa trajetória reta do lado ocidental da segunda grande cadeia montanhosa. Sem lagos ou áreas que travassem o fluxo das águas, as correntezas ganhavam força e impulso até se juntarem na planície. A única barreira para a turbulenta Irmã era a Mãe, já fartamente engordada em outras paragens.

Quase do mesmo tamanho, o tributário engrossava o caudal da Mãe, empenhado numa luta pela posse do poder das correntezas. A Mãe retrocedia e voltava a avolumar-se, produzindo uma multidão de correntes e contra-correntes entrecruzadas, gerando por sua vez torvelinhos temporários que sugavam os destroços boiando, para momentos depois devolvê-los à superfície a jusante. Passado o tumulto da confluência, seguia-se um imenso e perigoso lago, tão grande que de uma margem não se avistava a outra.

As inundações de outono já haviam atingido o seu ponto culminante e as margens eram imensos charcos de lama, onde as águas recuaram, deixando as marcas dos estragos recentes: árvores apontando as suas raízes para o alto, troncos encharcados, ramagens partidas, carcaças de animais e peixes moribundos encalhados nas poças já secando. A margem mais próxima achava-se coalhada de pássaros que se regalavam com uma colheita tão proveitosa e fácil. Perto, uma hiena escapava com um veado entre os dentes, indiferente ao bater de asas das cegonhas negras.

- Grande Mãe! - exclamou Thonolan.

- Deve ser a Irmã - disse Jondalar, impressionado demais para perguntar ao irmão se agora estava ele convencido.

- Como vamos fazer para atravessar?

- Não sei. Vamos ter de voltar, subindo novamente o rio.

- Até onde? Esse rio é tão grande quando a Mãe.

Jondalar não tinha resposta, limitou-se a sacudir a cabeça. Em sua testa haviam aparecido rugas de preocupação.

- Devíamos ter seguido os conselhos de Tamen. A neve pode chegar a qualquer dia desses e não vamos ter tempo para voltar muito atrás no caminho. Não quero

me ver num campo aberto quando desabar a primeira tempestade.

Uma rajada súbita de vento jogou para trás o capuz de Thonolan, deixando-lhe a cabeça descoberta. Ele tomou a agasalhar-se, apertando o capuz contra o rosto e tremendo de frio. Pela primeira vez, desde que partiram, começou a ter sérias dúvidas se poderiam sobreviver ao inverno que não tardaria muito mais.

- Que faremos agora, Jondalar?

- Procurar um lugar para acampar - Jondalar examinava com atenção a área. - Ali adiante, subindo o rio, perto daquele monte coberto de amieiros, há um riacho que desemboca na Irmã. - A água lá deve ser boa.

- Se amarrarmos os dois baús numa tora e atarmos uma corda em nossas cinturas, poderemos atravessar a nado e não nos separarmos.

- Sei que você é corajoso, irmãozinho, mas essa é uma coragem tola. Não tenho certeza se vamos poder atravessar a nado e muito menos poder arrastar conosco uma tora com tudo que possuímos. O rio está frio. Só não congela por causa das correntezas. Essa manhã havia gelo nas margens. E se ficarmos presos nos galhos de alguma árvore? Iríamos ser arrastados pelas correntezas e talvez chegássemos até a afundar.

- Você se lembra daquela Caverna perto da Grande Mãe? Eles lá costumam cavar o centro dos troncos de árvores grandes e usam isso para atravessar os rios. Talvez pudéssemos...

- Então encontre primeiro uma árvore com um tronco grande por aqui - disse Jondalar, atirando o braço na direção da pradaria, apenas com algumas poucas árvores, todas baixas e raquíticas.

- Bom... alguém me falou de outra Caverna onde fazem uma armação oca com as cascas tiradas de vidoeiros, mas isso me j muito frágil.

- Já vi essa coisa, mas nem sei como é feita ou que tipo de cola eles usam para vedar a entrada de água. Além do mais, os vidoeiros na região dessa Caverna são muito maiores do que os que eu tenho visto nessas redondezas.

Thonolan olhava à sua volta, tentando pensar em alguma coisa que não pudesse ser demolida pela lógica implacável do irmão. Reparou, então, na elevação do terreno no lado sul, onde se encontravam os amieiros, de troncos altos e retos e deu um sorriso.

- Que tal uma jangada? - Tudo que temos de fazer é amarrar uns tantos troncos juntos e amieiros é que não faltam naquela colina.

- E mais um tronco para fazer um pau forte e comprido que chegue até o fundo do rio para guiar a jangada? Ora, Thonolan, jangada é uma coisa difícil de controlar até mesmo em rios pequenos e rasos.

O sorriso confiante de Thonolan murchou e Jondalar conteve uma risada. Jamais Thonolan havia conseguido esconder os seus sentimentos, e mesmo que quisesse não conseguiria. Mas era justamente essa natureza ingênua e impetuosa que o tornava tão querido.

- É. Talvez a idéia não seja tão má - reformulou Jondalar, reparando no sorriso voltando ao rosto do irmão - se voltarmos bastante no caminho e atravessarmos num ponto onde não haja perigo de sermos arrastados pelas correntezas. Tem de ser num lugar onde o rio se alarga, onde ele não seja mui to profundo, onde as correntezas não sejam fortes e onde haja árvores. E, para terminar, se o tempo permitir.

Ao ouvir falar no tempo, Thonolan ficou tão sério quanto o irmão.

- Bem, então vamos logo nos pôr a caminho. A barraca já está consertada.

- Primeiro, vou dar uma olhada nesses amieiros. Continuamos ainda precisando de um bom par de

lanças. Já devíamos ter feito isso ontem à noite.

- Você ainda está preocupado com aquele rinoceronte? Ele já ficou muito para trás, O que precisamos é começar de uma vez a andar para poder mos atravessar o rio.

- Pelo menos umas duas lanças eu vou cortar.

- Então corte uma para mim também. Eu fico aqui guardando as coisas.

Jondalar apanhou o seu machado, examinou-lhe o gume, balançou a cabeça aprovando e começou a subir a colina na direção do grupo de amieiros. Depois de estudar bem as árvores, escolheu uma ainda nova, com o tronco alto e reto. Ele a derrubou, cortou-lhe os galhos e foi escolher uma para Thonolan. Nisso, escutou uma barulhada que lhe chegava aos ouvidos como bufados e grunhidos. Ouviu o grito de seu irmão e, em seguida, o som mais aterrorizador que já escutara na vida: um berro de dor de Thonolan, O silêncio que imediatamente se seguiu foi ainda pior.

- Thonolan! Thonolan!

Apavorado, Jondalar desceu a colina correndo, ainda segurando o tronco. Com o coração na boca, viu um imenso rinoceronte, da altura de seus ombros, arrastando pelo chão a forma inerte de um homem. O animal parecia não saber o que fazer com a vítima, agora que a tinha em seu poder. Movido apenas pela raiva e medo, Jondalar não pensou duas vezes. A reação veio imediata.

Brandindo o tronco de amieiro como se fosse uma maça, investiu contra o animal, sem se preocupar com a própria segurança. A primeira pancada pegou no focinho, pouco abaixo do chifre e, logo em seguida, veio a segunda. O rinoceronte retrocedeu, confuso, diante da fúria enlouquecida de um homem que o fazia sentir dor. Jondalar preparou-se para bater outra vez, levantando o tronco, mas então o animal deu meia-volta. A paulada

pegou no traseiro, não doeu muito, mas fez com que ele se apressasse, querendo livrar-se daquele homem alto que vinha ao seu encalço.

Jondalar só parou quando o pau silvava no ar com o animal correndo em disparada. Ele então recuperou o fôlego, largou o tronco de amieiro e correu para Thonolan. O seu irmão estava caído com o rosto para baixo, no lugar onde o tinha deixado o rinoceronte.

- Thonolan! Thonolan!

Jondalar virou-lhe o corpo. As calças de couro tinham um rasgão perto da virilha e a mancha de sangue aumentava.

- Thonolan! Oh, minha Doni!

Ele encostou o ouvido no peito de Thonolan, ouvindo o coração bater,mas só teve certeza depois de que lhe escutou a respiração.

- Oh, Doni, ele está vivo! Mas o que é que vou fazer?

Com esforço, levantou Thonolan inconsciente, permanecendo por um momento com ele aninhado em seus braços.

- Doni, oh, Grande Mãe da Terra! Não leve o meu irmão ainda. Deixe-o viver. Oh, por favor-... - a sua voz foi interrompida por um sentido soluço, saído do fundo do peito. - Mãe... por favor... deixe-o viver.

Ele abaixou a cabeça, ficando por alguns momentos soluçando sobre o ombro dependurado de Thonolan, depois carregou.o para a barraca. Deitou-o cuidadosamente sobre o colchão e com a sua faca de cabo de osso lhe cortou a roupa. O único ferimento visível se achava na parte superior da perna, um corte sangrando que rasgava a pele e os músculos. Mas o peito estava verme lho e inflamado e também o lado esquerdo do corpo se mostrava inchado e mudando de cor. Pelo tato, percebeu que diversas costelas estavam quebra das e que provavelmente deveria haver lesões internas.

O sangue brotava do ferimento na perna, manchando o colchão. Jondalar revirou o seu baú, procurando qualquer coisa que servisse para estancá-lo. Pegou uma túnica sem mangas que usava no verão e a embolou para limpar o ferimento, esperando que a pelúcia do couro enxugasse o sangue - Só sei-viu para lambuzar mais e ele desistiu, deixando o couro sobre a ferida.

- Doni, Doni! Não sei o que fazer. Não sou um Zelandoni. - Ele sentou-se sobre os calcanhares e passou a mão no cabelo, deixando manchas de sangue no rosto. - Chá de salgueiro! Vou fazer logo um chá de salgueiro.

Ele saiu da barraca para esquentar água. Não era necessário ser um Zelandoni para saber que cascas de salgueiro serviam para tirar dores. Era o que todo mundo usava contra dores de cabeça ou algum outro tipo de dor não muito forte. Para ferimentos graves, ele ignorava se iria adiantar alguma coisa, mas que mais poderia fazer? Enquanto esperava que a água fervesse, pôs-se a andar ao redor da fogueira, espiando dentro da barraca a cada volta que dava. Botou mais lenha na fogueira, queimando um pouco a armação que mantinha a vasilha de couro suspensa sobre o fogo.

“Por que está demorando tanto! Mas espere... eu não tenho as cascas de salgueiro. Preciso conseguir algumas antes que a água ferva.” Ele meteu a cabeça dentro da barraca e por algum tempo ficou olhando para Thonolan, depois correu para a beirada do rio. Quando retirou as cascas do tronco de uma árvore desfolhada, com os seus galhos roçando dentro da água, voltou.

Primeiro foi ver se Thonolan tinha acordado. A túnica estava encharca da de sangue. Reparou, então, que a água fervia, respingando sobre o fogo. Não sabia o que fazer, se primeiro preparava o chá, ou se atendia o irmão, ficando a olhar ora para barraca, ora para a fogueira. Por fim, retirou com uma cuja um pouco de

água fervendo que lhe caiu na mão, queimando-a. Jogou a casca dentro da vasilha de couro, pôs mais lenha na fogueira, esperando que ardesse depressa, e foi apanhar o baú de Thonolan. Ao esvaziá-lo, frustrado, não teve outro jeito senão apanhar a túnica do irmão para substituir a sua, já empapada demais.

Quando ia entrando na barraca, Thonolan gemeu. Era o primeiro som que ouvia do irmão. Ele voltou para buscar o chá, mas havia muito pouco o líquido secara quase todo. “Talvez esteja forte demais”, disse para si mesmo. Voltou para a tenda com uma cuia de chá quente e procurou ansioso um lugar para pôr a vasilha. A túnica era insuficiente para absorver todo o sangue que fazia uma poça debaixo de Thonolan, tingindo o colchão.

“Ele está perdendo sangue demais! Ó Mãe! Ele precisa de um Zelandoni. O que é que vou fazer?” Jondalar se via cada vez mais ansioso e com medo. Sentia-se completamente impotente. “Preciso ir buscar ajuda. Mas onde? Onde poderia encontrar um Zelandoni? Nem mesmo atravessar o Rio Irmã consigo. E ainda que pudesse, como é que iria deixar Thonolan aqui sozinho? Algum lobo ou urna hiena pode sentir o cheiro de sangue e vir aqui atacá-lo.”

“Nossa Mãe! Olha quanto sangue na túnica dele! Algum animal vai sentir o cheiro.” Ele agarrou a camisa empapada e a atirou para fora da barraca. “Não. Isso é pior!” Saiu e tomou a buscá-la, procurando desesperadamente um lugar para pô-la. Que fosse longe do acampamento, longe de seu irmão.

Estava arrasado, vencido pela dor, e no fundo do coração sabia que não havia qualquer esperança. Thonolan precisava de uma ajuda que ele não podia dar e também estava impedido de sair para procurá-la. Ainda que soubesse aonde ir, não poderia. Não fazia sentido que a túnica suja de sangue atraís se animais e o próprio Thonolan não. Não queria enfrentar a verdade

que no seu intimo sabia. O bom senso deixou de existir e ele se entregou ao pânico.

Olhou para o grupo de amieiros e, num momento de total irracionalidade, subiu correndo a colina, espetando a camisa de couro num galho alto de uma das árvores. Depois, correu de volta. Entrou na barraca e ficou encarando Thonolan, como se o poder de sua vontade fosse capaz de botar novamente o irmão inteiro, sadio e sorridente.

Quase como se tivesse escutado a súplica, Thonolan soltou um gemido e mexeu com a cabeça, abrindo os olhos. Jondalar ajoelhou-se ao seu lado, vendo-lhe o olhar de dor, apesar do fraco sorriso nos lábios.

- Você tinha razão, Jondalar. Aliás, sempre tem. Não nos devíamos ter descuidado daquele rinoceronte.

- Eu não estou querendo ter razão, Thonolan. Como você se sente?

- Quer uma resposta sincera? Com muita dor. Estou muito mal? - perguntou, tentando sentar-se. O seu meio sorriso transformou-se numa careta.

- Não se mexa. Tome aqui, eu fiz um chá de salgueiro.

Jondalar apoiou-lhe a cabeça e levou a cuia aos seus lábios. Thonolan bebeu alguns goles e voltou a deitar-se, aliviado, depois do esforço feito. Em seu olhar de dor apareceu também o medo.

- Diga-me francamente, Jondalar. Como é que eu estou?

Jondalar fechou os olhos e respirou fundo.

- Nada bem.

- Disso eu sei, mas o que pergunto é até que ponto estou mal - os seus olhos bateram nas mãos do irmão e se arregalaram alarmados. - A sua mão está suja de sangue! E meu? Acho melhor você me dizer a verdade.

- Não sei direito. Você foi ferido na virilha e perdeu muito sangue. Você deve ter sido atirado para o alto pelo

rinoceronte, ou então pisoteado por ele. Acho que está com algumas costelas partidas. Mais do que isso, eu não sei. - - não sou um Zelandoni.- Mas eu preciso de um e o único jeito de conseguir seria atravessando o rio e isso não podemos.

-É... de fato.

- Ajude-me a levantar, Jondalar. Quero ver o quanto eu estou ferido.

Jondalar ia opor-se, mas acabou cedendo e imediatamente se arrependeu. No momento em que Thonolan tentou sentar-se, soltou um berro de dor e voltou a desmaiar.

- Thonolan! - gritou Jondalar. O sangramento que tinha diminuído com o esforço voltou outra vez a fluir forte. Jondalar dobrou a túnica do ir mão, botou-a de novo sobre o ferimento e saiu da barraca. A fogueira estava quase extinta. Com cuidado, ele acrescentou alguns galhos secos e o fogo tornou a pegar. Em seguida, pôs mais água para ferver e foi cortar lenha.

Voltou, então, para ver como ia Thonolan. A segunda túnica já estava encharcada. Ele a pôs de lado para examinar o ferimento, contorcendo o rosto numa careta, lembrando-se de sua subida intempestiva à colina para desfazer-se da túnica. O pânico inicial passara e o seu gesto agora parecia-lhe idiota. A hemorragia estava cedendo. Apanhou outra peça de roupa - uma que usava por baixo da vestimenta no inverno - e colocou-a sobre o ferimento, cobriu Thonolan e foi com a túnica suja de sangue para o rio. Depois de jogá-la na água, curvou-se para lavar as mãos, ainda se sentindo ridículo pelo pânico.

Ele ignorava que o pânico, em circunstâncias extremas, se constitui num fator de sobrevivência. Quando tudo falha, quando se acham esgotados todos os meios racionais na busca de uma solução, o pânico assume o controle da situação. Muitas vezes o ato

irracional se transforma na solução que a razão por si só jamais seria capaz de encontrar.

Ele caminhou de volta, botou mais alguns galhos na fogueira e foi procurar o pau de amieiro, embora lhe parecesse agora sem sentido fazer uma lança. Mas sentia-se tão inútil que precisava fazer qualquer coisa. Quando encontrou o pau, foi sentar-se junto da barraca e se pôs a apontá-lo, mas sem capricho, defeituosamente.

O dia seguinte foi um verdadeiro pesadelo. O lado esquerdo do corpo de Thonolan tinha sido seriamente atingido; ficara sensível ao mais leve toque.

Jondalar mal dormira. Fora uma noite difícil para Thonolan e a cada gemido ele se levantava. Mas tudo que tinha para oferecer era chá de salgueiro e isso pouco ajudava. Pela manhã, cozinhou alguma comida e preparou uma sopa, mas nenhum dos dois conseguiu comer muito. No final da tarde, o ferimento estava quente e Thonolan tinha febre. O sol já sumira no horizonte, quando Thonolan acordou de um sono agitado, encontrando os olhos azuis de seu irmão, cheios de ansiedade. Embora lá fora ainda houvesse luz, no interior da barraca mal se enxergava. A penumbra, entretanto, não impedia Jondalar de ver que Thonolan tinha os olhos extremamente febris. Em seu sono, ele não parou de murmurar e gemer.

Jondalar tentou rir, animando-o.

- Como é que você se sente?

A dor era forte demais para que Thonolan sorrisse e o olhar preocupado de Jondalar não era nem um pouco tranqüilizador.

- Eu me sinto como alguém que não tem muita vontade de caçar rinocerontes.

Por irritantes, ficaram em silêncio, sem saber o que dizer. Thonolan fechou os olhos e deu um profundo suspiro. Estava cansado de sofrer. O peito doía a cada

vez que respirava e a dor profunda que sentia na virilha parecia ter espalhado pelo corpo todo. Se soubesse haver alguma esperança poderia suportar com mais facilidade, mas quanto mais ficassem ali, menos chance ha veria de Jondalar atravessar o rio antes de cair urna tempestade. Porque ele ia morrer, isso não era motivo para que o irmão também morresse. Ele tornou a abrir os olhos.

- Jondalar, nós dois sabemos que se não houver socorro não há qual quer esperança para mim. Por isso não há razão para você...

- O que é isso de não haver esperança? Você é forte... - vai ficar bom.

- Não vai dar tempo. Nós não temos nenhuma chance se ficarmos neste campo aberto. Trate de ir andando, Jondalar. Ache um lugar para você...

- Você está delirando.

- Não. Eu...

- Se não estivesse, não estaria falando essas coisas. Preocupe-se em sarar e deixe que eu me preocupe com o resto. Nós dois vamos conseguir sair desta. Eu tenho um plano.

- Que plano?

- Eu conto depois, quando estiver com todos os detalhes resolvidos. Você quer alguma coisa para comer? Até agora ainda não comeu quase nada.

Thonolan sabia que, enquanto ele estivesse vivo, o seu irmão não iria embora. Ele se sentia cansado, com vontade de entregar-se, pôr fim a tudo de uma vez, dar uma chance a Jondalar.

- Estou sem fome - respondeu, mas vendo a expressão de sofrimento do irmão falou: - Bom,eu tomaria um gole de água.

Jondalar despejou o resto da água e segurou a sua cabeça para ajudá-lo a beber. Então, ele sacudiu o odre, dizendo:

- Isso está vazio. Vou tornar a encher.

Precisava de uma desculpa para sair da barraca. Não agüentava ver Thonolan completamente entregue - Havia mentido quando disse ter um plano. Não podia perder as esperanças, por mais que o irmão dissesse que já não havia nenhuma. “Tenho de achar um jeito de atravessar esse rio e encontrar alguma ajuda.”

Subiu por uma rampa de onde tinha uma visão do rio por cima das árvores. Por um momento, ficou a olhar um galho meio submerso batendo contra uma pedra. Sentiu-se tão prisioneiro e desesperançado quanto aquele pedaço de pau desfolhado. Seguindo um impulso, foi para a beirada da água e o desprendeu. Ficou observando as correntezas levarem o galho, imaginando até onde iria, antes de novamente ser apanhado por outra coisa. Um salgueiro chamou-lhe a atenção e ele pegou na faca para retirar mais cascas do tronco. Não que o chá fosse adiantar. Thonolan provavelmente teria outra péssima noite.

- Por fim ele se afastou, dirigindo-se para um pequeno canal que contribuía com uma mínima parcela de suas águas para o tumultuoso caudal da Irmã. Ele encheu o odre e começou a voltar. Não saberia dizer o que o fez olhar na direção da montanha do rio - a única coisa que poderia ouvir seria o rumor tempestuoso do rio - o fato é que olhou. Então o seu queixo caiu e os olhos se arregalaram sem acreditar no que viam.

Uma coisa descia o rio, dirigindo-se diretamente para a margem onde ele se achava. Aproximava-se dele um monstruoso pássaro aquático com um comprido pescoço arqueado que sustentava uma cabeça empenachada por uma agressiva crista e um enorme par de olhos que se mantinha sem pestanejar. Nas costas, qualquer coisa se mexia. Depois, quando já estava mais perto, ele viu algumas cabeças. Uma figurinha gritou agitando o braço.

- Olá!

Jamais uma voz foi tão bem-vinda aos ouvidos de Jondalar.

Capítulo 7

Ayla passou a mão pela testa suarenta e sorriu para o cavalinho amarelo que a cutucava, querendo meter o focinho em sua mão. A potranca não gostava de perdê-la de vista e a seguia por toda parte. Ayla não se importava, estava precisando de companhia.

- Cavalinho, quanto de cereal vou ter de colher para você? - gesticulou ela. A pequenina potranca cor de palha, atenta, observava-lhe os movi mentos. O animal a fazia lembrar-se dela própria, quando era criança, tentando aprender a língua gestual dos clãs. - Está querendo aprender a falar? Bom, sem mãos vai ficar difícil para você. Mas parece que está querendo entender o que eu digo.

A fala de Ayla compreendia uns tantos sons. A linguagem coloquial usada pelos clãs não era inteiramente silenciosa. Só a língua formal era. Cada vez que ouvia Ayla emitindo algum som em voz alta, as orelhas do animal se levantavam.

- Você está ouvindo, não é, bichinho? - ela abanou a cabeça. - Não. Isso não parece direito. Eu não posso ficar só chamando bichinho, cavalinho.Preciso arrumar um nome para você. É isso que está querendo escutar, não é? O seu nome. Gostaria de saber qual era o nome que a sua mãe lhe dava. Mas mesmo que eu soubesse, com certeza não iria saber dizer.

A potranca a observava atentamente, já sabendo que Ayla, quando movia as mãos de determinada maneira, estava lhe prestando atenção. Ayla interrompeu a gesticulação e o animal relinchou.

- Está falando comigo? Huiinnii! - fez ela, imitando a voz do cavalo.

Havia qualquer coisa de familiar no som e a potranca lhe respondeu, abanando a cabeça e soltando um novo relincho.

- É esse o seu nome? Huiin? - gesticulou ela, sorrindo.

O cavalo tomou a levantar a cabeça, recuou o corpo, e depois voltou a aproximar-se - Ayla deu uma risada.

- Se for este, então todos os cavalos têm o mesmo nome... - ou talvez seja eu que não perceba a diferença.

Ela soltou novamente um relincho e o cavalo voltou a respondê-la. Por alguns momentos a brincadeira continuou. Fazia-a lembrar do tempo em que ficava com o seu filho brincando de fazer sons com a boca. Só Durc conseguia emitir os mesmos sons que ela. Creb lhe contou que quando a acharam, ela emitia uma quantidade de sons e sabia que nos clãs ninguém era capaz de pronunciá-los. Foi uma coisa que a deixou feliz, descobrir que o filho tinha também a mesma capacidade.

Ela voltou novamente às espigas que estava colhendo nos altos pés de trigo. No vale cresciam diferentes tipos de cereais, inclusive o azevém, semelhante ao que existia perto da caverna do clã. O seu pensamento estava no nome que daria ao cavalo. “Nunca até hoje dei nome a alguém.” Então sorriu. “Como me achariam esquisita botando nome num cavalo. E muito mais ainda se soubessem que estou vivendo com Unt” Ela olhou para o animal correndo e saltando, cheio de vida. “Fico contente por ter o cavalinho por perto”, pensou, sentindo um nó na garganta. “Com ela por aí, isso não fica tão solitário. Nem sei o que fada se eu a perdesse agora. Vou lhe dar um nome.”

O sol começava a abaixar, quando parou, olhando para cima. Era um vasto céu vazio. Nem uma nuvem a delimitá-lo ou a cortar a visão de sua infinitude. Apenas uma distante incandescência no ocidente, brotada de um anel tremeluzente que se revelava em pós-imagem,

conspurcava a vastidão enormemente azul. Pela incidência da luz sobre o penhasco, ela achou que já era tempo de parar.

Percebendo que a atenção de sua dona já não estava mais no trabalho, o cavalo relinchou é veio para junto dela.

- Será que já não é tempo de voltar para a caverna? Mas, antes, vamos tomar um gole de água - ela passou o braço ao redor do pescoço do animal e se encaminhou para a beirada do rio.

As folhagens junto do alto paredão rochoso eram um caleidoscópio de cores que refletiam o ritmo das estações. No momento, dominava o verde escuro dos abetos e pinheiros pontilhado de ouro, amarelo-claro, marrom e vermelho-fogo. O abrigado vale fazia uma nota fulgurante no meio do bege monótono das estepes e o sol era sentido muito mais quente dentro das muralhas que o protegiam contra as ventanias. Apesar das cores outonais, aquele era como um dia quente de verão. No entanto, isso não passava de uma ilusão.

- Acho que devia pegar mais capim. Você agora deu para comer todas as camas que eu arrumo - ia Ayla monologando ao lado do cavalo. Depois, sem que percebesse, parou de gesticular e prosseguiu falando só para si. “Iza sempre pegava no outono o capim que punha nas camas durante o inverno. Tinha um cheiro delicioso quando ela trocava, principalmente quando a neve estava alta lá fora, com o vento soprando forte. Eu adorava ficar deitada ou vindo o vento e sentindo o cheiro do feno fresco.”

Ao perceber que direção estavam tomando, o cavalinho trotou, passando à frente. Ayla deu um sorriso condescendente.

- Você deve estar com tanta sede quanto eu, não é, Huiin? - disse, imitando um relincho para responder o da

potranca que a chamava. - Isso até parece nome de cavalo. Mas um nome tem de soar perfeitamente.

- Huiin! Huiiinni!

O animal levantou a cabeça, olhou-a e trotou de volta para perto dela. Ayla lhe esfregou a cabeça, coçando-a. A potranca começava a perder o seu pêlo de cria jovem, substituindo-o por outro mais comprido que iria protegê-la melhor no inverno. Sentia-se feliz quando ganhava uma coçadela.

- Acho que está gostando deste nome e ele combina bem com você, minha potranquinha. Precisamos fazer uma cerimônia para que você receba o seu nome de forma apropriada. Se bem que eu não possa carregá-la nos braços e Creb não está aqui para lhe pôr a marca. Assim, sou eu mesma quem vai fazer o papel do mog-ur e realizar a cerimônia - ela sorriu. “Quem diria, uma mulher mog-ur.”

Começou outra vez a caminhar para o rio, mas mudou um pouco a direção, ao perceber que estava perto do lugar onde cavara a armadilha no chão. Havia tampado de novo o buraco, mas o cavalinho sempre se espantava quando chegava perto, pondo-se a fuçar com bufados e a dar patadas no chio, aflito talvez com algum cheiro ou com alguma lembrança. A manada, desde o dia em que saiu pelo vale em disparada, fugindo do fogo e da barulhada de Ayla, nunca mais voltara.

Ela levou o cavalinho para beber perto da caverna. As águas do rio, turvas com as barreiras caídas, haviam retrocedido, deixando uma pasta de lama marrom na margem. O barro esborrachava-se sob os seus pés, pondo-lhe manchas avermelhadas sobre a pele que a faziam lembrar do ocre vermelho usado pelo mog-ur para celebrar determinadas cerimônias, como aquela em que ele designava o nome das pessoas. Ela passou o dedo na lama e fez um sinal na sua perna, depois, sorrindo, pegou um punhado.

“Ia procurar ocre vermelho, mas isso também serve”, pensou. Com os olhos fechados, procurava recordar-se do que Creb fizera quando ele deu no me ao seu filho. Via o rosto deformado, com um retalho de couro cobrindo o buraco do olho vazado, o nariz comprido, superfícies salientes e uma fronte baixa que se escorregava para a parte posterior da cabeça. A sua barba, com a idade, ficara rala e falhada e a linha dos cabelos tinha mais para trás. No entanto, ela recordava a sua figura, tal como a vira naquele dia: já não jovem, mas com todo o seu grande carisma. Amava aquele velho rosto, esplêndido, de feições duras e fortes.

De repente, ela se viu invadida por antigas emoções, lembrando-se do medo que tivera de perder o filho e da imensa alegria sentida ao ver a bacia com a pasta de ocre vermelho. Por mais que engolisse em seco, o nó na garganta persistia e, sem saber, deixou um borrão marrom na pele quando foi enxugar uma lágrima. O cavalinho aconchegava-se nela, quase como se sentisse a sua imensa carência. Ela se ajoelhou e apoiou a cabeça em seu pescoço.

“Essa cerimônia tem por finalidade dar um nome a você”, pensou, fazendo força para controlar-se. A lama lhe havia escorrido por entre os dedos e ela apanhou outro punhado. Dirigiu, então, a mão vazia para o céu, gesticulando como o fazia Creb, quando conclamava os espíritos para atender uma cerimônia, com movimentos abreviados e se valendo só de uma das mãos. Mas, por alguns momentos, ficou hesitante, sem saber se deveria invocar espíritos para a cerimônia de um cavalo. Talvez eles não aprovassem a sua idéia. Ela pôs os dedos na lama que segurava e fez uma risca descendo pela cara da potranca, desde a testa até a ponta do focinho, tal como Creb desenhara a linha com pasta de ocre vermelho em Durc: partindo do ponto mediano entre os supercílios até a ponta de seu pequenino nariz.

- Huiin - começou, falando em voz alta e terminando com os gestos da linguagem formal. - O nome desta menina... quer dizer, desta égua é Huiin.

O cavalo sacudia a cabeça, tentando ver-se livre da lama em sua cara e provocando a risada de Ayla.

- Logo vai secar e sair, Huiin.

Ela lavou as mãos, ajeitou às costas a cesta repleta de cereais e vagarosa mente foi caminhando para a caverna. A cerimônia havia posto demasiada mente em evidência a solidão em que vivia. Huiin era uma criatura viva e calo rosa que lhe fazia companhia, mas sem que percebesse, quando chegaram à praia rochosa, as lágrimas corriam soltas pelas faces.

Ela ia guiando a potranca, forçando-a a subir pelo íngreme caminho que levava à caverna. De certa forma, isso a distraiu, esquecendo-se um pouco de sua tristeza.

- Vamos, Huiin. Sei que pode. Você não é nenhum íbice ou antílope, mas é só uma questão de acostumar-se.

Chegando ao topo do paredão, onde se achava a caverna, entraram e Ayla foi imediatamente reavivar o fogo meio apagado e colocar cereais para cozinhar. A potranca agora já comia capim, não precisando mais de comidas especiais, mas Ayla continuava preparando papas para ela, porque Huiin também gostava.

Ela pegou um amarrado de coelhos que caçara no princípio do dia e veio tirar-lhes a pele do lado de fora, aproveitando que ainda estava claro. Em seguida, botou-os para assar e enrolou as peles que mais tarde poria para curtir. Já havia acumulado uma grande quantidade de peles de animais: coelhos, lebres, hamsters e tudo que conseguisse apanhar. Não sabia ainda bem o que faria com elas, mas as punha cuidadosamente para curtir e depois guardava. Quando chegasse o inverno veria que f lhes iria dar. Caso fizesse muito frio, poderia simplesmente empilhá-las ao seu redor.

O inverno estava cada vez mais no seu pensamento, à medida que os dias iam encurtando e a temperatura caindo. O que preocupava era não saber qual a sua duração e qual a intensidade do frio naquela região. Um súbito ata que de ansiedade a levou a passar em revista os seus estoques, embora soubesse exatamente do que dispunha. Fez um levantamento do que se achava dentro das cestas e dos recipientes de cortiça contendo carne seca, frutas, vegetais, sementes, nozes e cereais. No canto mais afastado da entrada, examinou as pilhas de raízes e frutas, guardadas ali, procurando ver se não havia algum sinal de apodrecimento.

Ao longo da parede do fundo, achavam-se montes de lenha, esterco seco de cavalo e capim. E no canto oposto, as cestas guardando os cereais de Huiin.

Ela voltou, então, para onde se encontrava a fogueira. Deu uma olhada nos cereais que cozinhavam numa cesta de trama apertada e virou os coelhos sobre o fogo. Depois, foi examinar as ervas, raízes e cascas penduradas num engradado, posto contra a parede perto de sua cama e onde também se encontravam os seus objetos de uso pessoal. Ela fincara as estacas do engradado no chão de terra endurecida, num ponto não muito distante da fogueira, de mo do que os condimentos e as ervas para infusões e medicamentos recebessem calor enquanto estivessem secando.

Ayla não tinha nenhum clã para atender e nem necessitava de tantos re médios, mas se habituara a ter sempre bem fornida a farmacopéia de lia que, depois de adoecer, já não podia cuidar dessa parte e, além do mais, criara o hábito de catar plantas medicinais enquanto estava coletando alimentos. Em frente ao engradado havia toras de madeira, pedaços de pau e gravetos, cascas de árvores, folhagens secas, couros, ossos, pedras de diferentes tipos e até mes mo uma cesta com areia trazida da praia.

Ela não queria pensar muito no inverno que tinha pela frente, pois seria uma longa temporada, quando estaria inativa e solitária. Sabia que não teria a ajudá-la a passar o tempo as cerimônias, festas e relatos de histórias. Nenhu ma expectativa de bebês para nascer, de tagarelices, conversas fiadas, trocas de idéias com Iza e Uba sobre remédios, tratamentos e nem homens discutindo as suas táticas de caçadas. Planejara, então, passar o seu tempo fazendo coisas - quanto mais difíceis e custosas melhor seriam - de modo a mantê-la o máximo de tempo ocupada.

Deu uma olhada nas toras. Havia de diferentes larguras e comprimentos. Ela poderia fazer cuias e bacias de diversos tamanhos. Retirar a parte de dentro, modelar com uma faca e uma machadinha, usada como enxó, depois esfregar de leve a madeira com uma pedra redonda e areia era trabalho de dias. Pensava fazer várias. Alguns dos couros seriam convertidos em perneiras, luvas e forro para calçados, e outros, retirada a pelúcia, ficariam tão absorventes e tão macios e flexíveis como a pele de um bebê.

Folhas de iucas e nolinas, talos de taboa, juncos, varas de salgueiro, diferentes tipos de raízes, esse era o material para os trabalhos de cestaria, feitos em tramas largas ou apertadas e tecidos de modo a formar belos e intrincados desenhos. Seriam recipientes para cozinhar, comer, guardar mantimentos, ou então esteiras para forrar o chão e peneiras para joeirar ou secar cereais. Com os tendões e a crina da égua e também com fibras vegetais, ela faria cordas de diversas grossuras. As pedras seriam apicoadas de forma ligeiramente côncava e depois enchidas com gordura que banhavam pavios de musgo, fazendo lamparinas limpas de fumaça. Para esse fim havia especialmente preservado a gordura dos animais carnívoros. Não que em caso de necessidade não os comesse; era apenas uma questão de gosto.

Com os ossos saídos dos quadris e das espáduas faria pratos e travessas e alguns outros que usaria como conchas e para mexer a comida no fogo. Às felpas tiradas de diferentes plantas teriam serventia como acendalhas, ou misturadas com crinas e penas seriam utilizadas em estofamentos. Por fim, havia os nódulos de sílex e as suas ferramentas detalhamento. Muitos invernos ela os passara fabricando objetos e instrumentos necessários à existência, mas agora possuía também um tipo de suprimento para a fabricação de peças com que não estava muito acostumada, embora estivesse cansada de ver os homens fabricá-las: as armas usadas para caçar.

Queria fazer lanças, modelar maças que fossem boas de serem empunha das e fabricar novas fundas. Pensava, inclusive, numa boleadeira, apesar de que essa fosse uma arma que requeria um adestramento tão grande quanto a funda. Brun era um craque no tiro de bolas. A própria fabricação da arma já requeria grande habilidade. Tinha-se que arredondar três pedras como bolas e depois amarrá-las com cordas de comprimento certo, de modo a obter o equilíbrio necessário.

- Será que ele vai ensinar Durc? - perguntou-se ela.

A luz do dia estava sumindo e a fogueira apagando-se. Os cereais haviam absorvido toda a água e já estavam macios. Ela encheu uma cuia para si e acrescentou mais água no resto que daria a Huiin. Despejou numa cesta impermeável e levou para o lugar de Huiin dormir, que era junto da parede do lado oposto à entrada.

Durante os primeiros dias na praia, Ayla e o cavalinho haviam dormido ao ar livre, mas agora resolveu que ele teria de ter o seu lugar na caverna. Apesar de usar esterco seco como combustível, não gostava de encontrar cocô fresco em suas peles de dormir e parecia que Huiin também não se sentia bem

com isso. Chegaria o tempo que a potranca estaria grande demais para dormir ao seu lado. A sua cama já não daria mais para acomodar as duas, mas por en quanto gostava de aninhar-se junto do animalzinho.

- Isso deve chegar - gesticulou Ayla. Ela criara o hábito de se dirigir ao cavalo que, por sua vez, começava a responder a alguns de seus gestos. - Espero ter apanhado bastante comida para você. Uma coisa que gostaria de saber é quanto tempo dura o inverno aqui - sentia-se um tanto irritada e ao mesmo tempo deprimida. Se já não tivesse escurecido, teria saído para dar uma caminhada, ou antes uma boa corrida.

Quando o cavalo começou a mastigar a cesta, ela lhe trouxe uma braça da de feno fresco.

- Ei, Huiin, coma isso aqui. Não é preciso comer o seu prato.

Ela sentiu vontade de fazer uma festinha especial no animal e se pôs a coçá-lo. Quando parou, Huiin enfiou o focinho na sua mão, apresentando-lhe uma outra parte da cabeça que também merecia a sua atenção.

- Você deve ser muito comichoso - ela sorriu e voltou a coçar. - Ei, espere, tenho uma idéia.

Dirigiu-se então ao depósito de materiais diversos, encontrando lá uma penca de cardos secos. Esta planta, depois das flores caírem, ficava como uma escova ovalada de espinhos. Ela quebrou uma no talo, usando-a para coçar o lugar desejado por Huiin. Mas um lugar foi levando a outro e quando ela parou a potranquinha, visivelmente satisfeita, estava com todo o seu couro escovado.

Em seguida, passou o braço ao redor do pescoço de Huiin e deitou sobre o feno fresco, aquecendo-se com o calor do corpo do jovem animal.

Ela acordou sobressaltada. Cheia de pressentimentos, deixou-se ficar quieta de olhos bem

abertos. Havia qualquer coisa errada. Sentiu uma corrente de ar frio. Por instante, prendeu a respiração. Que barulho era aquele? Parecia como o fungar de um animal. Mas não tinha certeza se escutava direito. Havia também o som do coração de Huiin batendo e o bufar de sua respiração. Teria vindo do fundo da caverna?

Estava escuro demais e não dava para ver.

Escuro demais... era isso! Estava faltando a luminosidade vermelha das brasas na fogueira. Ela perdera um pouco o sentido de orientação. A parede estava do lado errado e a corrente de ar... Ah, outra vez! Qualquer coisa fungava e tossia! “O que é que estou fazendo no lugar de Huiin? Devo ter esquecido de abafar a fogueira antes de dormir e agora estou sem fogo. Nunca deixei o fogo apagar desde que cheguei a este vale.”

Ela teve um estremecimento, sentindo os seus cabelos na nuca arrepiar. Não tinha palavras, gesto ou conceito para expressar o pressentimento que lhe atravessava o espírito, mas sentia. Os músculos em suas costas achavam-se tensos. Algo estava para acontecer. Qualquer coisa ligada ao fogo. Ela sabia. Tinha certeza disso quanto de sua respiração.

De vez em quando se via invadida por essa sensação. Começara na noite em que seguira Creb e outros mog-urs a um pequeno recinto localizado no fundo da caverna que sediou a reunião de das. Creb descobrira que ela se achava naquele lugar, não porque a tivesse visto, mas por a ter sentido lá. E ela também sentira, de uma forma muito estranha, a pessoa dele, sentira-o dentro de seu cérebro. Foi então que vira coisas que não sabia como explicar. A partir desta época, vez por outra era acometida por pressentimentos. Sabia, por exemplo, quando Broud a estava olhando, embora estivesse ela de costas para ele. Sabia do ódio mortal que ele lhe devotava e guardava no fundo de seu

coração, e, antes de ocorrer o terremoto, sabia que haveria morte e destruição na caverna do clã.

Mas nunca essa sensação fora tifo forte como agora. Via-se ansiosa, com medo. Não era propriamente relacionado ao fogo ou a ela mesma, mas a qual quer coisa que amava.

Sem fazer barulho, levantou-se e foi apalpando o caminho até chegar à fogueira, na esperança de encontrar alguma pequenina brasa que pudesse ainda reacender. Fazia frio. De repente, sentiu uma vontade urgente de urinar. Conseguindo encontrar a parede, seguiu-a até dar na entrada. O vento forte jogava-lhe os cabelos para trás, enquanto os carvões apagados retiniam na fogueira, levantando uma nuvem de cinzas. Outra vez ela estremeceu.

Quando saiu, o vento batia como bofetadas. Com o corpo inclinado, caminhou, apertando-se contra a parede até a beirada do patamar de pedra, no lado oposto ao do caminho. Era o lugar onde costumava fazer as suas necessidades.

Nenhuma estrela adornava o céu. As nuvens, entretanto, formando uma camada sombria, difundiam o luar num brilho enorme, tornando a escuridão do lado de fora menos intensa do que no interior da caverna. Mas não eram os olhos e sim o ouvido que lhe estava dando sinal de alerta. Antes de perceber um movimento furtivo já ouvira os barulhos de fungadelas e de respiração.

Ela levou a mão à cintura para pegar a funda, mas não a encontrou. Não a tinha trazido. Começara a ficar descuidada, confiando na segurança da caverna e do fogo para manter os intrusos à distância, só que a fogueira estava apagada e um cavalinho jovem era presa fácil para uma boa quantidade de predadores.

Subitamente, quando se achava na entrada da caverna, ouviu um uivo alto, cacarejado, e o relincho de

Huiin. Na voz do cavalo havia uma nota de medo. A pequena potranca se encontrava dentro de um cercado de pedras cujo único acesso estava bloqueado pelas hienas.

“Hienas!”, pensou ela com nojo. Tudo nesse bicho a irritava. O som alucinado das gargalhadas, as peles grosseiras e manchadas, os lombos que abaixavam para trás, as patas dianteiras maiores que as traseiras e principalmente o seu arcovarde. Além disso, jamais pôde esquecer-se do grito de Oga, assistindo impotente o seu filho sendo arrastado por um desses bichos. Desta vez, estavam querendo Huiin.

Ela não tinha a sua funda, mas não seria a primeira vez que se arriscaria para ir em socorro de alguém. Correu brandindo os punhos e gritando:

- Saiam daqui! Fora! - na língua clânica, essas eram expressões orais, ditas em voz alta.

Os animais acovardaram-se e bateram em retirada. Um pouco por causa da firmeza com que ela investiu contra eles e um pouco por causa da fogueira que mesmo apagada exalava um certo cheiro no ambiente. Mas havia também outra razão. O odor dela, embora não fosse normalmente reconhecido pelos animais, começava a ser notado por alguns. Da última vez que foi sentido, ele veio acompanhado por fulminantes pedradas.

Dentro da escuridão da caverna, Ayla tentava pelo tato encontrar a funda, furiosa consigo por não se lembrar do lugar onde a pusera. “Isso nunca mais vai acontecer de novo. Vou arrumar um lugar para colocá-la e nunca mais ela sai de lá”, pensou, prometendo-se.

Quando viu que não encontrava a funda, pegou as pedras de cozinhar que sabia onde estavam. Uma hiena mais ousada voltou, delineando a sua silhueta na entrada da caverna, mas logo descobriu que, mesmo sem a funda, a pontaria era certeira e as pedras

machucavam. Ao final de algum tempo, acabaram percebendo que o cavalinho não era a presa fácil que imaginaram.

Tateando no escuro à cata de mais pedras, ela encontrou um dos paus que usava para marcar a passagem do tempo, uma frágil vareta que ficou segurando o resto da noite, ao lado de Huiin, pronta para defender a potranquinha, se preciso fosse.

Mais difícil foi lutar contra o sono. Só conseguiu dormitar um pouco quando já estava para amanhecer, mas os primeiros raios de luz já a encontraram do lado de fora no patamar, com a sua funda na mão. Nenhuma hiena à vista. Ela entrou para vestir a sua roupa de pele e se calçar. A temperatura havia sensivelmente abaixado. Durante a noite, o vento tinha mudado de direção. Quando soprava do nordeste, era cabalizado através do vale, até que na altura da curva do rio, onde o penhasco saía do alinhamento, se desviava e entrava na caverna vindo de diferentes direções.

Ela tomou o seu odre e desceu pelo íngreme caminho que ia ter na praia. Na beirada do rio, quebrou uma fina película transparente formada durante a noite. A atmosfera estava impregnada daquele enigmático cheiro de neve. Enquanto partia a crosta de gelo e enchia o odre, perguntava-se como podia estar tão frio, quando ainda na véspera fizera tanto calor. À mudança fora repentina demais. Ela se havia deixado levar por uma vida rotineira, mas bastou a primeira mudança no tempo para fazê-la lembrar-se de que não tinha o direito de ser tão presumida.

“Iza ficaria zangada se soubesse que fui dormir sem abafar a fogueira. Agora preciso fazer fogo outra vez. Nem imaginava que o vento entrasse em minha caverna. Ele sempre sopra do norte. Isso deve ter ajudado a fogueira a apagar mais depressa. Não podia ter esquecido de abafá-la, mas a madeira estava muito seca,

por isso queimou rápido demais. Madeiras de enchentes não servem para ficar abafadas na fogueira. Talvez seja melhor que eu derrube algumas árvores verdes. São mais difíceis de pegar fogo, mas se queimam lentamente. Devia cortar também algumas estacas para fazer uma barreira contra o vento e trazer mais lenha. Depois que a neve cair vai ficar mais difícil pegar. Antes de fazer fogo, vou buscar a machadinha e derrubar algumas árvores. Não quero o meu fogo apagado por não ter uma barreira contra o vento."

No caminho de volta, pegou um pouco mais da madeira arrastada pelas enchentes. Huiin estava no patamar e a cumprimentou com um relincho, vindo logo em seguida cutucá-la com o focinho, pedindo por carícias. Ayla sorriu e entrou na caverna, seguida pela potranca tentando enfiar o nariz em sua mão.

"Está bem, Huiin", falou ela para si mesma, depois de botar no chão a lenha e o odre cheio com água. Depois de dar-lhe alguns tapinhas, foi despejar um pouco de cereal na cesta de Huiin. Ela mesma comeu a sobra fria do coelho. A sua vontade era a de tomar um pouco de chá quente, mas tinha de contentar-se com água. Fazia frio na caverna. De vez em quando soprava as mãos e as enfiava debaixo do braço para aquecê-las. Resolveu, então, pegar a cesta de ferramentas que guardava perto de sua cama.

Fizera algumas pouco depois de ter chegado, e estava pretendendo fazer outras, mas sempre surgia qualquer coisa parecendo mais importante. Ela retirou a machadinha que trouxera consigo e foi examiná-la do lado de fora, nu ma luz melhor. Quando usado corretamente, o gume de um machado afiava-se por si mesmo. Com o uso, iam desprendendo-se diminutas lascas e isto bastava para mantê-lo amolado. Mas mal manobrado, a pedra, muito frágil, podia lascar-se em demasia e até mesmo partir-se.

Ayla não percebeu o barulho dos cascos de Huiin vindo atrás dela, tão acostumada já estava a este som.

A potranca tentou enfiar o focinho em sua mão.

- Oh, Huiin! - gritou ao ver a ferramenta cair no chão de pedra e quebrar-se em vários pedaços. - Essa era a única que eu tinha e estava precisando dela para cortar lenha.

“Não sei por que está tudo dando errado”, pensou. “Primeiro o meu fogo apaga justamente quando começa a ficar frio. Depois aparecem hienas, co mo se soubessem que não iam encontrar uma fogueira, e agora a minha única machadinha quebra...” Ela começava a ficar preocupada. “Esses sinais de azar não podiam significar boa coisa. Agora antes de tudo o que eu tenho de fazer é um machado.”

Ela ajuntou os pedaços de pedra no chão. Talvez pudesse lapidá-los de uma outra maneira e usá-los para outra coisa. Resolveu deixá-los junto da fogueira. Num nicho na parede, atrás de sua cama, apanhou um embrulho feito com o couro de um enorme hamster e amarrado por uma corda. Em seguida, desceu para a praia.

Huiin foi atrás, mas ao ver as suas cutucadas e marradas de cabeça repelidas, deixou Ayla com as suas pedras e foi perambular pelo vale.

Com cuidado, cheia de reverente temor, numa atitude que aprendera de Droog, o mestre ferramenteiro do clã, ela desfez o embrulho, O primeiro objeto que retirou foi uma pedra oval. Quando começou a fazer ferramentas de sílex, havia procurado por um martelo: uma pedra que tivesse boa resistência e também boa empunhadura. Todas as ferramentas utilizadas no trabalho de talhar a pedra eram importantes, mas nenhuma tanto quanto o martelo. Era a primeira que entrava em contato com o sílex.

O seu martelo tinha apenas algumas ranhuras, diferente do de Droog, já muito machucado pelo uso. Nada, no entanto, a faria trocá-lo por outro. Qualquer pessoa podia delinear um instrumento de sílex, mas as boas peças eram sempre feitas pelos mestres ferramenteiros, gente que dava calor aos seus instrumentos e que sabia conservar feliz o espírito do martelo de pedra. Ayla também preocupava-se com o espírito do seu, embora antes nunca tivesse da do muita importância a isso, mas agora ela tinha de ser mestre de si mesma na fabricação de suas ferramentas. Quando um martelo se quebrava havia certos rituais para espantar o azar e aplacar o espírito da pedra, convencendo-o a se alojar no novo martelo. Ayla, entretanto, não sabia como processá-los.

Ela deixou de lado o martelo e examinou o osso da pata de um animal herbívoro, procurando pelas marcas deixadas na última vez que o utilizou. Esse era o seu martelo de osso. Passou, então, ao retocador: o canino de um enorme felino que ela retirou de uma mandíbula encontrada na pilha junto do penhasco. Por fim, vistoriou uma série de peças de osso e pedras que havia guardado.

Foi observando Droog e praticando sozinha que aprendeu a cortar nódulos de sílex. Ele não se importava de mostrar-lhe a maneira de se trabalhar uma pedra. Ela não fora sua aprendiz, apenas lhe prestava atenção e ele tinha os seus trabalhos em boa conta. Mas não valia a pena perder tempo com mulheres. O número de ferramentas que lhes era permitido fabricar era bastante reduzido. A mulher estava proibida de fazer tanto instrumentos u em caçadas, como aqueles com que se fabricavam armas. No entanto, ela achava que as ferramentas empregadas não diferiam muito das outras que lhes eram vedadas. Afinal de contas, uma faca é sempre uma faca e uma lâmina dentada tanto pode ser

usada para aguçar a ponta de um pau qualquer, como a de uma lança.

Ela deu uma olhada nos seus instrumentos, pegou um nódulo de sílex, mas, sem seguida, o botou no chão. Se estava pretendendo fazer algum corte importante, iria precisar de uma bigorna, qualquer coisa, enfim, que servisse de suporte para a pedra durante o trabalho. Droog não necessitava de bigorna para fazer uma simples machadinha de mão, só a usava no caso de ferra mentas mais elaboradas. Ayla, no entanto, achava que tinha mais controle com um suporte para os pesados blocos de pedra, o que não significava não poder também talhar ferramentas independentemente deste recurso. Precisava de uma superfície plana e firme, não dura demais, pois a pedra podia espatifar-se com as batidas. O osso da pata de um mamute era o que Droog usava e ela resolveu ver se encontrava qualquer coisa semelhante na pilha de ossos.

Subindo um pouco por cima do monte de ossos misturados com pedras e madeiras, ela enxergou uma presa. “Bom, se isso está aqui, então devem estar os ossos da pata.” Arrumou um galho comprido e passou a usá-lo como alavanca para remover os mais pesados. Mas o pau partiu quando ela tentava levantar um bloco de pedra. Resolveu pegar a presa de um mamute jovem, que se revelou muito mais forte. Por fim, encostado rente ao paredão, viu o que procurava, e deu um jeito de desembaraçá-lo daquela massa de entulhos.

Quando arrastava o osso da pata de mamute para o local de trabalho, os seus olhos bateram numa pedra de tom cinza-amarelado, brilhando com o sol que se refletia nas suas facetas. Parecia-lhe uma coisa conhecida, mas só quando apanhou o pedaço de pinta de ferro reconheceu o motivo.

“O meu amuleto”, pensou, tocando no saquinho de couro pendurado em seu pescoço. “O Leão da Caverna

me deu uma pedra igual a esta para avisar que o meu filho iria viver.” De repente, notou que a praia estava coalha da de pedras como aquela. Já as tinha visto antes, sem prestar atenção, mas o fato de havê-la identificado fez com que tomasse conhecimento da sua exis tência lá. Ela, então, reparou que as nuvens se abriram no céu, deixando o sol brilhar. “Quando encontrei a minha, ela era única, e aqui estão espalhadas por toda parte...

Largou a pedra e continuou arrastando o osso da pata de mamute pela praia. Sentou-se e o colocou entre as pernas. Cobriu o colo com o couro de hamster e pegou de novo o pedaço de sílex. Revirava-o de lá para cá, tentando resolver o lugar onde daria a primeira batida. Mas estava lhe faltando cal ma, não conseguia concentrar-se. Alguma coisa a incomodava. Achou que eram as pedras que faziam um assento frio e ençaroçado. Correu até a caverna para pegar uma esteira e trouxe também o pau com a tábua de fazer fogo e um pouco de acendalhas. “Vou me sentir bem melhor quando tiver um fogo aceso. A manhã já está pela metade e ainda continua frio.”

Acomodou-se sobre a esteira, pôs as ferramentas ao seu alcance, tornou a colocar o osso do mamute entre as pernas, e estendeu mais uma vez o couro de hamster sobre o colo. Pegou a greda cinzenta e acertou a sua posição sobre a bigorna. Apanhou o martelo e o levantou várias vezes querendo pegar o jeito de empunhá-lo, mas então o deixou de lado. “O que há de errado comigo? Por que estou nervosa? Droog, antes de começar, sempre pedia ao seu totem para ajudá-lo. Talvez seja isso o que esteja me faltando.”

Segurou o amuleto, fechou os olhos e respirou fundo diversas vezes para acalmar-se. Não fazia nenhum pedido específico, apenas tentava alcançar com a mente e com o coração o Leão da Caverna. O espírito que a

protegia fazia parte dela e estava nela. Assim lhe tinha explicado o velho feiticeiro e ele era digno de fé.

O esforço para concentrar-se no espírito do poderoso animal que a escolhera surtiu efeito. Sentia-se relaxada. Abriu os olhos, flexionou os dedos e pegou novamente o martelo de pedra.

Depois das primeiras batidas ter separado o córtex gredoso, ela parou para fazer um exame crítico da pedra. A cor estava boa, com um brilho cinza-escuro, mas a cristalização não era das melhores. Contudo, não havia inclusões. Para uma machadinha servia. Algumas das lascas grossas que saíam enquanto modelava o machado poderiam ser aproveitadas para outras ferramentas. Elas tinham a extremidade abaulada, formando um bulbo de percussão no lugar onde o martelo batera, mas afinavam, fazendo um gume afiado. Muitas vinham com um ondeamento circular que se repetia na cicatriz deixada no coração da pedra. Estas poderiam ser usadas para cortar materiais duros e resistentes, talvez podendo servir como cutelo ou foice.

Quando delineou a forma desejada, ela passou para o martelo de osso. Era mais macio e elástico. Não danificaria - como possivelmente aconteces se com o de pedra - a beirada fina e afiada com um leve encrespado. Tomando muito cuidado na pontaria, ela se pôs, então, a trabalhar bem junto do gu me. A cada batida iam saindo lascas, agora mais finas, com o bulbo de percussão mais plano e as beiradas já não tão ondeadas. A ferramenta gastou muito menos tempo para ser feita do que ela preparando-se para a sua confecção.

Media cerca de 12 centímetros de comprimento e o contorno era como o de uma pêra, mas com uma extremidade plana que gradualmente afinava-se. Tinha uma seção transversal forte, porém bastante fina, e os gumes partiam retos das laterais abauladas. A empunhadura se fazia pela base, talhada de for ma

arrendondada. Podia ser usada como um machado para cortar madeira, ou como enxó para fazer bacias, cuias, etc. Também serviria para cortar mar fim ou esquartejar animais. Era uma ferramenta de percussão, forte, afiada e com muitas aplicações.

Ayla se sentia melhor, mais solta, pronta para enfrentar técnicas mais elaboradas e difíceis. Pegou um segundo nódulo de sílex e o martelou. A primeira batida revelou que a pedra estava rachada. A superfície gredosa estendia-se para dentro do cinza-escuro da camada interna, atingindo o núcleo da pedra. A inclusão a tornava imprestável e isso veio interromper-lhe o ritmo de trabalho e a concentração. Outra vez sentia-se nervosa, tensa. Ela colocou o martelo no chão pedregoso da praia.

Mais um sinal de azar. Outro presságio ruim. Não queria acreditar nisso, nem desistir. Olhou novamente para o nódulo de sílex, tentando ver se teria algum pedaço aproveitável e segurou outra vez o martelo. Conseguiu tirar uma lasca, mas esta precisaria de retoques. Deixou o martelo de lado e estendeu a mão para apanhar o seu retocador. Ela vagamente deu uma olha da na direção de suas ferramentas. Com os olhos fixos no nódulo de sílex, pegou sem ver uma pedra da praia e... então o acaso, que viria dar uma outra dimensão à sua vida.

Nem todas as invenções nascem da necessidade. Às vezes o acidental intervém. A chave está em perceber. No caso de Ayla, todos os elementos se achavam lá, mas a casualidade os juntou, exatamente como seria preciso. O fortuito foi o elemento essencial. Ninguém - e muito menos a moça, sentada numa praia rochosa de um vale perdido e desconhecido - sonharia em fazer intencionalmente tal experiência.

Quando ela estendeu a sua mão para pegar o retocador de pedra, segurou um pedaço de pinta de

ferro com quase o mesmo tamanho do objeto que imaginava estar apanhando. Ao martelar a parte à mostra do sílex, as acendalhas que trouxera da caverna por acaso se achavam perto, e a faísca produzi da pela batida de uma pedra contra outra caiu acidentalmente num bolo de fibras felpudas. E, mais importante ainda, Ayla, casualmente, estava olhando nessa direção no momento em que a centelha voou e caiu nas acendalhas, queimando-as e desprendendo um fio de fumaça, antes de se apagarem.

Isso é o que se chama feliz acaso. Mas Ayla contribuiu com o fato de estar olhando e com outros elementos também necessários: primeiro, por entender o processo da fabricação do fogo, depois por estar naquele momento precisando de fogo e, por fim, por não ter medo de experimentar o novo. Ainda assim, custou a compreender e a se dar conta do acontecido. Inicialmente, espantada com a fumaça, teve de pensar um pouco até estabelecer a sua conexão com a centelha. Mas a faísca a deixou mais espantada ainda. De onde teria vindo? Foi nesse instante que olhou para a pedra em sua mão.

Mas como? Aquela não era a pedra. Não era o seu retocador e sim uma das tantas pedras brilhantes que existiam espalhadas por toda a praia. De qual quer forma, o fato continuava: o que tinha na mão era uma pedra e pedras não pegam fogo. Alguma coisa, no entanto, havia produzido a centelha que incendiou o chumaço de fibras secas. Afinal, ela viu uma fumaça... ou não?

Pegou o bolo de acendalhas, já pronta para acreditar que a fumaça não passava de produto de sua imaginação. Mas então viu no meio do chumaço um furo escuro que lhe deixou fuligem nos dedos. Tornou a apanhar a pinta de ferro e a examinou com atenção. Como teria saído uma faísca da pedra? O que tinha ela

feito? A lasca de sílex... sim, ela havia dado uma martelada no sílex. Sentindo-se um tanto idiota, bateu uma pedra contra a outra. Nada aconteceu.

“Mas o que eu esperava?”, perguntou-se. Resolveu botar mais força, batendo com um movimento seco as duas pedras, uma contra a outra, fazendo saltar uma fagulha de fogo. De repente, uma vaga idéia que vinha formando surgiu-lhe na mente com toda a clareza. Uma estranha e interessante idéia e um pouco assustadora também.

Colocou cuidadosamente as duas pedras sobre o osso da pata de mamute em seu colo e ajuntou todos os materiais que usava para fazer fogo. Depois de tudo arrumado, pegou as pedras, segurando-as perto das acendalhas e bateu uma contra a outra. Uma faísca pulou, morrendo logo em seguida. Ela mudou de ângulo e tentou outra vez, mas sem pôr a devida força. Bateu, em seguida, mais fortemente, vendo uma faísca cair direto no meio do ninho de acendalhas. Deu para chamuscar algumas fibras, que não chegaram a pegar fogo, mas o fiozinho de fumaça foi encorajador. Na vez seguinte, ao bater uma pedra contra a outra, o vento soprou fazendo as acendalhas chamejarem antes de se apagarem.

“Claro! Tenho de soprar.” Ela se pôs numa posição mais cômoda para soprar a pequenina chama e tornou a bater nas pedras, produzindo uma faísca. Era uma centelha forte, brilhante e duradoura, que foi pousar no lugar certo. Enquanto soprava, sentia no rosto o calor do chumaço de fibras queimando e começando a soltar chamas que ela ia alimentando com as lascas de madeira e gravetos. Antes que percebesse, estava com uma fogueira acesa.

Era ridiculamente fácil. Tão fácil que não acreditava. Precisou provar a si mesma novamente. Tornou a juntar mais lascas, gravetos e fibras, e uma

segunda fogueira foi acesa. Depois uma terceira e quarta. A emoção sentida era um misto de medo, respeito, alegria pela descoberta e também uma boa do se de assombro, quando se afastou e olhou para as quatro fogueiras, todas originadas de pedras.

Huiin apareceu, atraído pelo cheiro da fumaça. O fogo, outrora tão assustador, significava agora segurança.

- Huiin! - gritou ela, correndo para o cavalinho. Tinha necessidade de falar com alguém, de comunicar a grande descoberta, ainda que fosse para um animal. - Veja! - falou por gestos. - Veja essas fogueiras! Todas feitas com pedras. Pedras, Huiin! - O sol havia atravessado as nuvens e, de repente, a praia inteira parecia cintilar.

“Estava errada ao pensar que não havia nada de especial nestas pedras. Devia ter imaginado, senão o meu totem não iria me dar uma. Agora que sei, entendo o fogo que existe nelas.” Pôs-se, então, pensativa. “Mas por que eu? Por que foi revelado logo a mim? Uma vez o meu Leão da Caverna me deu uma pedra dessas para me avisar que Dure viveria, O que será que agora está ele querendo me dizer?”

Lembrou-se de seu estranho pressentimento, quando percebera que tinha ficado sem fogo e, de pé, no meio das quatro fogueiras, estremeceu, sentindo-o novamente. Mas de repente foi tomada por uma fantástica sensação de alívio, embora nem soubesse por que estivera antes preocupada.

Capítulo 8

- Olá! Olá! - gritava Jondalar, acenando enquanto corria para a beirada do rio.

O seu alívio não tinha limites. Já estava a ponto de desistir de tudo, mas o som de outra voz fez renascer as suas esperanças. Não ocorreu a ele a possibilidade das pessoas não serem de paz. Nada podia ser pior do que a total impotência em que se encontrava. E, de fato, não pareciam hostis.

O homem que o havia chamado suspendeu um rolo de corda atado a uma das extremidades do estranho pássaro aquático. Jondalar, então, percebeu não se tratar de uma criatura viva, mas de uma espécie de embarcação. O homem lhe atirou a corda. Jondalar deixou-a cair e se meteu dentro da água para buscá-la. Duas pessoas, segurando numa outra corda, saltaram a amurada do barco e vieram caminhando pela água que redemoinhava à altura de suas coxas. Uma delas veio tirar a amarra dele. Ela sorria da expressão de Jondalar que era de alívio e perplexidade, diante da total ignorância do que fazer com a corda molhada em suas mãos. Essa mesma pessoa arrastou o barco para mais perto e, depois de amarrar a corda numa árvore, foi examinar um outro cabo que se atava à ponta do galho de um tronco meio submerso.

Um outro ocupante da embarcação se alçou sobre a amurada e pulou para o tronco, testando-lhe a estabilidade. Ele disse algumas palavras numa língua desconhecida e uma prancha em forma de escada foi descida da amurada do barco para o tronco. Em seguida,ele voltou para ajudar uma mulher, que por sua vez ajudou uma terceira pessoa a descer pela prancha e caminhar pelo tronco até a praia, embora parecesse não

haver necessidade disso, sendo mais uma questão de deferência.

Essa pessoa, sem dúvida alguma merecedora de todas as considerações, tinha um ar sereno, quase majestoso, mas com qualquer coisa de indefinível que Jondalar não sabia explicar, uma certa ambigüidade que o levou a encará-la. O vento bateu, soltando alguns fios de longos cabelos brancos atados na nuca, num penteado puxado para trás que deixava à mostra um rosto muito escanhoado - seria imberbe? - já marcado pelos anos, mas iluminado por uma pele macia e clara. Havia força na linha do maxilar, no queixo saliente. Seria firmeza de caráter?

Jondalar se deu conta de que estava em pé, dentro da água fria, quando lhe acenaram para sair. O exame mais de perto da figura não esclareceu o enigma e ele sentia que lhe escapava qualquer coisa importante. Parou, por um momento, e olhou para um rosto sorridente, de expressão interrogadora e olhos penetrantes, num tom indefinido que tanto podia ser cinza como cor de avelã. Jondalar, de repente, enrubesceu, atinando com certos traços que se insinuavam na misteriosa pessoa que, pacientemente, o aguardava de pé à sua frente. Foi então que ele procurou por sinais que lhe sugerissem ou identificassem o sexo.

A altura não ajudava: um pouco alto para mulher e um pouco baixo para homem. As roupas soltas e informes escondiam os detalhes físicos, até mesmo a maneira de andar deixava Jondalar intrigado. Quanto mais olhava, menos sabia e mais aliviado se sentia. Ele sabia da existência de pessoas assim. Seres que não eram uma coisa nem outra, ou então as duas ao mesmo tempo. Em geral, se alinhavam entre aqueles que serviam a Mãe. Tendo concentrados em suas pessoas

poderes derivados dos elementos masculinos e femininos, eram tidos como extraordinários curandeiros.

Jondalar encontrava-se muito distante de sua terra natal e desconhecia os costumes daquela gente; entretanto, não tinha a menor dúvida de que a figura parada à sua frente era um curandeiro. Talvez fosse um servidor da Mãe... talvez não. Bom, não tinha importância. O que interessava é que Thonolan precisava de um curandeiro e havia aparecido um ou uma.

Mas como soubera que estávamos precisando de um curandeiro? E como vieram parar aqui?

Jondalar atirou outra tora na fogueira e ficou observando as fagulhas que subiam atrás da fumaça, perdendo-se na escuridão da noite. Ele deslizou o traseiro nu mais para dentro do saco de dormir e apoiou as costas contra uma pedra para admirar as chispas de fogo lançadas através do espaço. Uma figura parecendo flutuar entrou em seu campo de visão, vedando parte do céu salpicado de estrelas. Ele levou um momento até que os seus olhos, desajusta dos, se deslocassem das profundezas celestiais para a cabeça de uma moça que segurava uma cuia de chá fumegante.

Rapidamente se sentou, deixando entrever um pedaço da coxa nua. Agarrou, então, o saco de dormir, puxando-o para cima e dando uma olhada em suas calças e botas que secavam penduradas perto da fogueira. A moça lhe sorriu, e tão radiosamente, que ele, ao invés de ver uma mulher tímida, um tanto formal, de beleza plácida, enxergou uma esplêndida beldade de olhos esfuziantes. Jamais vira na vida transformação tão surpreendente e o sorriso com que devolveu o dela refletia todo o seu encantamento. Ela, no entanto,abaixou rápido a cabeça, escondendo uma risada marota, não querendo deixar embaraçado o

desconhecido. Quando voltou a olhar para ele, os olhos guardavam apenas um leve brilho.

- Você tem um belo sorriso - disse Jondalar, pegando a cuia de chá.

Ela acenou a cabeça dizendo qualquer coisa, dando a entender a Jondalar que não o compreendera.

- Sei que não entende o que eu falo, mas mesmo assim quero dizer-lhe o quanto estou agradecido por vocês estarem aqui.

Ela o observava com mais atenção. Ele sentia que a vontade de se comunicar da moça era tão grande quanto a sua e continuou a falar, com medo de que, se parasse, ela fosse embora.

- É maravilhoso poder falar com você e saber que estão aqui - ele tomou um gole do chá. - Isso é muito gostoso. De que é? - perguntou, suspendendo a cuia e balançando a cabeça, dando a entender que estava gostando muito. - Parece com o gosto de camomila.

Ela mexeu a cabeça, como que agradecendo, e veio sentar-se perto da fogueira, respondendo-lhe com palavras incompreensíveis, tanto quanto as dele o eram para ela. Mas tinha uma voz agradável e pareceu compreender o seu desejo de companhia.

- Gostaria de poder agradecer. Não sei o que faria se vocês não tivessem aparecido - ele franziu a testa, preocupado, e ela lhe deu um sorriso compreensivo. - Gostaria também de poder perguntar como souberam que está vamos aqui e como o seu Zelandoni... ou o seu curandeiro, ou qualquer outro nome que vocês dão a ele, soube que tinha também de vir.

Ela lhe respondeu apontando para a barraca que fora erguida ali perto e que se iluminava com uma fogueira dentro. Ele abanou a cabeça desconsolado. A moça parecia quase compreendê-lo e ele, simplesmente, não entendia nada do que ela falava.

- Bom, tenho a impressão de que isso não tem importância - falou ele.- Mas gostaria de que o seu curandeiro me deixasse ficar com Thonolan. O meu irmão precisa saber que estou aqui. Não estou duvidando da capacidade do curandeiro. Simplesmente queria ficar com ele - Jondalar tinha o olhar tão ansioso que ela colocou a mão sobre o seu braço, de modo a tranqüilizá-lo. Ele tentou sorrir, mas o seu sofrimento era grande demais. A sua atenção foi então atraída para a barraca que se abriu, deixando passar uma mulher já de certa idade.

- Jetamio! - chamou a mulher, dizendo em seguida algumas outras palavras.

A moça se apressou em se levantar, mas Jondalar lhe segurou a mão, detendo-a.

- Jetamio? - perguntou ele, apontando-a com o dedo.

Ela confirmou com a cabeça.

- Jondalar - disse, batendo no peito.

- Jondalar - repetiu ela devagar. Então olhou para a barraca e, depois de bater levemente nele e nela, apontou na direção da tenda.

- Thonolan. O nome de meu irmão é Thonolan.

- Thonolan - falou ela se dirigindo apressada para a barraca.

Jondalar reparou que a moça mancava ligeiramente, mas isso parecia não atrapalhá-la em nada.

As calças ainda estavam úmidas, mas ele as vestiu assim mesmo e, com elas sem amarrar e descalço, deu uma corrida até um mato próximo. Desde que acordara, Jondalar vinha contendo as suas necessidades. As mudas de roupa que possuía haviam ficado na barraca onde o curandeiro tratava de Thonolan. A risada de Jetamio na véspera fez com que Jondalar pensasse duas vezes antes de sair para a área escondida atrás do mato, vestido apenas com a camiseta que usava debaixo da roupa.

Além do que, não queria correr o risco de ir contra algum tabu ou costume das pessoas que o estavam ajudando.

Havia primeiro tentado levantar e caminhar metido no saco de dormir, mas custara tanto resolver meter-se nas suas calças - molhadas ou não - que estava a ponto de botar a vergonha de lado e dar uma corrida até o mato. As sim mesmo não escapou da risada de Jetamio.

- Tamio, não ria dele. Isso não é direito - falou a mulher. As suas palavras, entretanto, não tinham a menor força, pois ela própria não conseguia conter o riso.

- Oh, Rosh, eu não tinha intenção de rir dele, mas não consigo evitar. Você viu quando ele tentou caminhar dentro do seu saco de dormir? - ela tornou a rir, apesar do esforço para conter-se. - Por que simplesmente não se levanta e anda?

- Talvez porque os costumes sejam diferentes. Eles devem ter vindo de muito longe. Nunca vi roupas como as que usam e a língua também é completamente desconhecida. A maioria dos viajantes tem algumas palavras que são parecidas. Eles não. Há certas palavras que nem consigo pronunciar.

- Tem razão. Deve ser difícil para ele mostrar o corpo. Você devia ter visto como ficou vermelho ontem só porque eu vi um pedaço de sua coxa. Mas nunca vi ninguém que tivesse gostado tanto de nos encontrar.

- Não é para menos.

- Como está o outro? - perguntou Jetamio, novamente séria. - O shamud comentou qualquer coisa, Roshario?

- Acho que a inflamação está cedendo e a febre também. Pelo menos está dormindo agora mais sossegado, O shamud acha que ele foi atacado por um rinoceronte. Nem sei como conseguiu escapar. Ele não

iria durar muito se o outro não tivesse tido aquela idéia de pedir socorro. Mesmo assim foi uma sorte encontrá-los. Mudo deve ter sorrido para eles. A Mãe sempre ajuda os homens bonitos.

- Mas não muito. . - não impediu que Thonolan fosse ferido. O modo como ele foi chifrado... você acha que ele volta ainda a caminhar?

- Se ele tiver a metade da força de vontade que você teve, voltará, Tamio - disse Roshario carinhosamente.

O rosto de Jetamio ficou vermelho.

- Acho que vou ver se o shamud está precisando de alguma coisa - ela se dirigiu para a barraca, fazendo o possível para não mancar.

- Por que você não leva para o altão o seu baú? - gritou.lhe Roshario. - Assim ele não precisará de usar calções molhados.

- Eu não sei qual é o dele.

- Leve os dois, desse modo sobrará mais espaço dentro da barraca. E pergunte ao shamud quando vamos embora... Ah, mais uma coisa. Qual o nome dele? Thonolan?

Jetamio fez que sim com a cabeça.

- Se vamos ficar aqui por algum tempo, Dolando vai precisar arrumar uma caçada. Nós não trouxemos muito comida. Com o rio desse jeito, tenho a impressão de que os ramudoi não vão conseguir pescar, se bem que acho que eles se dariam por muito felizes se não tiverem de pôr os pés na praia. Quanto a mim, gosto de sentir chão firme debaixo dos meus pés.

- Ora, Rosh, acho que estaria dizendo justamente o contrário se você, ao invés de Dolando, tivesse arrumado um ramudoi para companheiro.

Os olhos de Roshario ficaram sérios.

- Por acaso um desses remadores andou fazendo gracinhas para você? Eu posso não ser a sua mãe verdadeira, Jetamio, mas todo mundo sabe que você é

como filha para mim. Se um homem não tem nem a delicadeza de pe dir, ele não é coisa que sirva para você. Não se pode confiar nesses homens de beira de rio.

- Não se preocupe, Rosh. Não pretendo fugir com nenhum remador... pelo menos por enquanto - falou Jetamio, com um sorriso de mofa.

- Tamio, há muito homem bom shamudo que gostaria de mudar para a nossa casa e... mas de que você está rindo?

Jetamio tapava a boca com as duas mãos, querendo engolir o riso que escapava estrangulado em meio a risadinhas abafadas. Roshario se virou na direção em que a outra olhava, e por sua vez tapou a boca para não cair também na gargalhada.

- É melhor eu ir buscar de uma vez esses baús - conseguiu por fim Jetamio dizer. Depois, voltou a rir novamente. - O nosso amigo altão precisa urgente de roupas secas. Ele parece um bebê de calças compridas - saiu cor rendo, mas Jondalar lhe ouviu o som das risadas antes que ela entrasse na barraca.

- Alegre, queridinha? - falou o curandeiro, levantando uma sobrancelha e com olhar zombeteiro.

- Ah, desculpe, não pretendia entrar aqui rindo. É que.- Ou eu já estou no outro mundo, ou então você é a donii que vai me levar para lá. Nenhuma mulher da terra poderia ser tão bonita assim. Só que não entendo uma palavra do que diz.

Jetamio e o shamud olharam na direção do homem ferido. Thonolan, esboçando fracamente um sorriso, tinha os olhos fixos em Jetamio. Ela ficou séria e veio ajoelhar-se junto dele.

- Oh, eu vim perturbá-lo! Como pude ser tão estabanada?

- Não pare de sorrir, minha bela donii - falou Thonolan, segurando-lhe a mão.

- Sim, querida, você deixou o rapaz perturbado, mas não se preocupe com isso. Imagino que ainda ficará mais perturbado com você por aqui.

Jetamio abanou a cabeça, olhando surpresa para o shamud.

- Eu vim só perguntar se você está precisando de qualquer coisa ou se posso ajudar de alguma maneira.

- Você já ajudou.

Ela o olhou ainda mais espantada. Às vezes, achava que não entendia nada do que o curandeiro falava.

O olhar penetrante do shamud adoçou-se, mas guardando uma ponta de ironia.

- Já fiz tudo o que podia. Agora, o resto é com ele. Nessa fase, qual quer coisa que lhe dê vontade de viver só pode fazer bem para ele. E você, minha querida, tem esse poder.

Jetamio ficou corada e abaixou a cabeça. Percebeu, então, que Thonolan ainda lhe segurava a mão. Ela olhou-o, vendo os seus olhos cinzas sorri dentes, e lhe devolveu um radioso sorriso.

O curandeiro limpou a garganta em voz alta e Jetamio, meio confusa, retirou a mão, dando-se conta de que estava parada encarando o desconhecido.

- Há uma coisa que você pode fazer. Já que ele está acordado e lúcido, talvez possamos lhe dar algo para comer. Se houver uma sopa pronta, acho que ele tomará, se for dada por você.

- Ah, mas claro. Eu vou buscar - disse ela, saindo às pressas, procurando disfarçar o embaraço. Ao surgir lá fora, deu com Roshario tentando falar com Jondalar que, apesar da falta de jeito, procurava ter um ar afável. Ela então tomou a enfiar-se dentro da barraca para completar o serviço que esquecera de fazer.

- Eu vim pegar os baús deles e Roshario quer saber quando Thonolan poderá ser removido.

- Como é que você disse que ele se chama?

- Thonolan. Foi esse o nome que o outro me falou.

- Diga a Roshario que dentro de um ou dois dias. Ele ainda não está em condições de enfrentar uma viagem por águas turbulentas.

- Como é que você sabe o meu nome, linda donii? E como é que vou perguntar o seu?

Ela, antes de sair com os baús, virou-se para Thonolan, dando-lhe um sorriso. Ele, sorrindo satisfeito, acomodou-se na cama. Foi então que levou um susto, reparando pela primeira vez na figura de cabelos brancos do curandeiro, exibindo um rosto enigmático, com um sorriso que ao mesmo tempo conseguia ser felino, inteligente, compreensivo e... - malévolo.

- Que coisa maravilhosa o amor jovem - comentou o shamud.

O significado das palavras Thonolan não compreendeu, mas não lhe passou despercebido o sarcasmo e a ironia com que foram ditas.

O tom da voz do curandeiro não era nem alto nem baixo. Thonolan olhou para ele, procurando alguma pista no modo de vestir e no jeito de ser que indicasse se estaria ele diante de uma mulher com voz de tenor alto, ou se de um homem com voz de contralto baixo. Ficou na mesma. No entanto, sem saber exatamente por que, relaxou-se, confiante, sentindo que em melhores mãos não poderia estar.

O alívio de Jondalar ao ver Jetamio saindo da barraca com os baús foi tão visível que ela ficou com remorsos por não ter feito isso antes. Ela não ignorava o problema dele, mas, por outro lado, ele lhe parecia tão cômico. Jondalar, depois de agradecer com uma profusão de palavras incompreensíveis, cujo sentido deu entretanto para perceber, se dirigiu para o terreno atrás do matagal. Ao se ver com roupas secas, sentiu-se tão melhor que chegou até a perdoar as risadas de Jetamio.

“Acho que estava parecendo meio ridículo com aquelas calças molha das e frias”, pensou. “Bom, a ajuda que nos estão dando compensa bem as risadinhas dela... mas o que eu não entendo é como souberam que estávamos aqui? Talvez o curandeiro tenha também outros poderes... isso explicaria. Por enquanto já me dou por muito satisfeito com os seus poderes de curar.” Ele se deteve por um momento. “Pelo menos esse poder acho que ele tem. Ainda não vi Thonolan, nem sei se ele está melhor ou não. Já é tempo de descobrir. Afinal de contas, é meu irmão. Eles não me podem impedir se eu quiser vê-lo.”

Ele voltou ao acampamento e deixou o seu baú perto da fogueira. Com cuidado, propositalmente devagar, estendeu as roupas para secar. Isso feito, encaminhou-se para a barraca.

Por pouco não deu um encontrão no curandeiro que saía no instante em que ele se agachava para entrar, O shamud passou-lhe um rabo de olho, sorriu-lhe sedutoramente, pôs-se de lado e, com um gesto de exagerada delicadeza, inclinou-se diante da figura atlética de Jondalar, cedendo-lhe a passagem.

Jondalar olhou com curiosidade para o curandeiro. Não havia a menor sombra de humildade nos penetrantes olhos que também o olhavam curiosos, e, se outros propósitos houvessem, estes se revelavam tão obscuros quanto a própria ambigüidade da cor deles. O sorriso que, ã primeira vista, lhe dera a impressão de sedutor, na verdade era sobretudo irônico. Jondalar sentiu que aquele, como muitos outros da mesma profissão, podia ser tanto um amigo extremado como um perigoso inimigo.

Ele concordou com a cabeça, como se reservasse para si o direito de to mar a decisão. Deu-lhe um sorriso de agradecimento, e entrou. Ficou surpreso ao ver que Jetamio chegara na sua frente. Ela apoiava a cabeça de

flono lan, ao mesmo tempo que segurava uma cuia de osso junto aos lábios dele.

- Já devia ter previsto - falou Jondalar num sorriso que era pura ale gria, ao ver o irmão acordado e aparentemente muito melhor. - Você conseguiu outra vez.

Os dois olharam para Jondalar.

- O que é que eu consegui, meu irmão?

- Mal abriu os olhos e já conseguiu que a mulher mais bonita do lugar fosse servi-lo.

O riso de Thonolan foi a visão mais linda que Jondalar já teve na vida.

- Você tem razão quando diz que é ela a mulher mais bonita do lugar Thonolan deu um olhar temo para Jetamio. - Mas o que você está fazendo no mundo dos espíritos? Veja lá, enquanto eu estiver com um pé nele, lembre-se de que ela é a minha donii pessoal. Guarde esses olhos azuis para você, Jondalar.

- Não se preocupe comigo, irmãozinho. Todas as vezes que ela olha para mim, a única coisa que faz é rir.

- Para mim, ela pode rir o quanto quiser - disse Thonolan, dando para a moça um sorriso que foi prontamente devolvido. - Você já imaginou acordardo sono da morte com um sorriso deste? - enquanto ele a fitava nos olhos, aquilo que parecera ternura transformara-se em adoração.

Jondalar olhava ora para um, ora para outro. “O que está acontecendo aqui? Thonolan mal acabou de acordar. Esses dois não podem ter trocado uma palavra um com o outro, mas juro que o meu irmão está apaixonado.” Ele olhou novamente para Jetamio, agora mais objetivamente.

Os cabelos dela tinham um tom indefinido, mais para o castanho-claro, e ela era menor e mais magra do que as mulheres por quem em geral Thonolan se sentia atraído. Poderia quase ser confundida com uma criança:

Tinha o rosto em forma de coração, traços regulares e, na realidade, era uma moça de aparência um tanto comum. Bonita, mas não excepcionalmente. - - bem, enquanto não sorrisse.

Então sim. Por alguma inexplicável alquimia, por algum misterioso jogo de luzes e sombras, por alguma sutil transformação no conjunto, ela se tornava linda, bela da cabeça aos pés. Era tão completa a transformação que o próprio Jondalar a havia considerado como uma mulher bonita. Ela tinha apenas de sorrir para criar essa impressão, embora ele pressentisse que o riso não fosse nela muito freqüente. Ele lembrou-se que, no princípio, lhe dera a impressão de uma moça séria e tímida, no entanto, vendo-a lá, dificilmente se acreditaria nisso. Mostrava-se radiosa, vibrando de vida e Thonolan a contemplava com um sorriso idiota, totalmente embevecido.

“Bom, o meu irmão já esteve outras vezes apaixonado”, disse Jondalar para si mesmo. “Espero que ela não leve a coisa muito a sério quando chegar o momento de partirmos.”

Um dos cordões que mantinha fechado o buraco para a saída da fumaça no teto da barraca estava arrebentado. Jondalar olhava pela abertura, mas sem prestar atenção. Achava-se bem desperto, deitado em seu saco de dormir, perguntando-se o que o teria tirado tão de repente das profundezas de seu sono. Estava inteiramente imóvel, mas ouvindo e cheirando, tentando detectar qualquer coisa fora do comum que o tivesse alertado para um possível e iminente perigo. Passado algum tempo, escorregou para fora do saco de dormir e olhou com atenção pelo buraco da barraca, mas não viu nada de anormal.

Algumas pessoas se reuniam ao redor da fogueira do acampamento. Ele se aproximou, ainda sentindo-se

inquieto e tenso. Alguma coisa o incomodava, mas ele não sabia o quê. Thonolan? Não. Este, entre os sábios cuidados do shamud e a dedicada atenção de Jetamio, estava cada vez melhor. Não, não era Thonolan a causa de sua inquietação... não propriamente.

- Olá - falou ele para Jetamio, quando ela levantou os olhos, sorrindo-lhe.

Ela já não o achava tão risível. A preocupação comum com Thonolan os unira e se transformava numa boa amizade, embora a comunicação se limitasse a uns tantos gestos básicos e a algumas palavras aprendidas por ele.

Ela lhe deu uma cuia contendo um líquido quente. Ele agradeceu com as palavras cujo sentido já sabia, e que expressavam a idéia de gratidão. Desejava encontrar uma forma de retribuir a ajuda e a gentileza daquela gente. Bebeu um pouco do líquido, franziu o rosto e depois tomou mais. Era um chá de ervas, não desagradável, mas diferente. Em geral, tomavam pela manhã um caldo com gosto de carne. O seu olfato lhe dizia que o caixote de madeira fumegando perto da fogueira continha raízes, cereais e nada de carne. Um simples olhar bastava para explicar o porquê da mudança na alimentação. Não havia carne, ninguém até então safra para caçar.

Ele tomou de uma só vez a beberagem, botou a cuia no chão e se apressou a voltar para a barraca. Durante aquele tempo em que estava à espera, ha via terminado as lanças de amieiro, inclusive apontando-as com cabeças de sílex. Depois de apanhá-las no fundo da barraca e de retirar de dentro de seu baú diversas lanças de arremesso, voltou para a fogueira. Embora não falasse, não era difícil dar a entender que estava pretendendo caçar e, antes que o sol estivesse pouco mais alto no céu, um animado grupo de caçadores já se havia formado.

Jetamio se sentia dividida. Queria ficar com o rapaz de olhos sorridentes que lhe dava vontade de sorrir todas as vezes em que ele olhava para ela e, ao mesmo tempo, gostaria de participar dá caçada. Podendo, nunca perdia uma caçada, pelo menos desde que se sentiu apta a caçar. Roshario a incentivava.

- Vá, Tamio, ele está bem. Ë só por pouco tempo. O shamud dá conta de cuidar do rapaz sozinho. E depois, eu estou aqui.

O grupo já havia partido, quando Jetamio surgiu, correndo sem fôlego, ainda amarrando o capuz. Jondalar ficara curioso por saber se ela caçava. As mulheres Zelandonii freqüentemente o faziam. Era uma questão que ficava a critério da mulher ou que se fazia segundo o costume da Caverna. Em geral, depois que tinha filhos, ela ficava mais em casa, exceto nas caçadas de rodeio. Nesse caso, elas e todos que se achavam em boas condições físicas eram chamados a participar da battue, a tática usada para tocar os animais na direção das armadilhas ou levá-los às beiradas de precipícios.

Jondalar gostava de mulheres caçadoras, aliás como a maioria dos homens de sua Caverna. Ele, no entanto, sabia que este não era um gosto universalmente compartilhado. Diziam que as mulheres caçadoras davam melhores companheiras por haver aprendido a dar valor às coisas difíceis. A sua mãe fora caçadora falada, principalmente pelas suas proezas como rastreadora, e mesmo depois de ter tido filhos, freqüentemente participava de caçadas.

Eles esperaram Jetamio alcançá-los e, em seguida, se puseram a caminhar em passadas largas. Jondalar tinha a impressão de que a temperatura caíra, mas no passo em que iam não dava para ter muita certeza. Só sentiu real mente quando pararam ao lado de um riacho que serpenteava pela planície relvosa, em busca das águas da Mãe. Ao encher o odre, ele notou a camada

grossa de gelo que se formara na beirada do córrego. A película ao redor do rosto limitava-lhe a visão dos lados e ele puxou o capuz para a nuca, mas dentro de pouco tempo não era o único a puxar de volta o capuz para cima da cabeça. O vento penetrava, entrando pela pele.

Alguém deu com o rastro de um animal, no sentido de montante, e to dos se reuniram ao redor das marcas, enquanto Jondalar as examinava. Uma família de rinocerontes também havia parado ali para tomar o seu gole de água há pouco tempo. Com um pau, Jondalar desenhou na areia molhada da margem um plano de ataque. Ele notou que os cristais de gelo começavam a empedrar no solo. Dolando, desenhando também com um pau, fez-lhe uma pergunta que Jondalar respondeu colocando alguns rabiscos a mais em seu desenho. Uma vez entendidos, todos se mostraram ansiosos para se porem novamente a caminho.

Com andar vivo e bem ritmado, começaram a seguir a trilha do animal. Logo as passadas rápidas os aqueceram e os capuzes outra vez foram afasta dos. Os longos cabelos louros de Jondalar estalavam com a ventania e se agarraram à pelúcia de seu capuz. Estava custando muito mais do que ele imaginava para alcançar os bichos. Quando, por fim, avistaram as enormes massas de lã cor de acaju, ele entendeu por que. Os animais se deslocavam muito mais rapidamente do que o normal, indo direto para o norte.

Jondalar, preocupado, olhou para cima, O céu era como uma imensa taça azul emborcada por cima de suas cabeças, apenas com algumas nuvens espaçadas ao longe - Nada levava a crer que uma tempestade armava-se. Ele, no entanto, estava pronto para voltar, pegar Thonolan e partir. Só que ninguém parecia com disposição de ir embora, principalmente depois da visão dos rinocerontes. Jondalar se perguntava se faria parte do acervo de conhecimentos daquela gente e previsão de

nevascas a partir da emigração para o norte dos animais lanudos. Talvez fizesse, mas duvidava.

A idéia de caçar fora sua e seria difícil para ele dizer que agora estava desejando voltar para junto de Thonolan e deixá-lo a salvo. Como explicar, sem saber a língua, que uma tempestade estava a caminho, quando o céu se encontrava praticamente limpo de nuvens? Abanou a cabeça desistindo. Teriam, primeiro, que matar um rinoceronte.

Quando se aproximaram mais, Jondalar correu à frente, querendo ultrapassar um rinoceronte que ia atrás desgarrado, tini animal ainda jovem, não de todo adulto, com dificuldade de seguir junto com os outros. Ao saltar na frente do bicho, Jondalar gritou, agitando os braços, tentando atrair a sua atenção, de modo a desviá-lo do caminho, ou pelo menos atrasar-lhe a marcha. Mas o animal o ignorou, prosseguindo em frente, rumo ao norte, com a mesma firme obstinação que os seus companheiros. Parecia que iam ter problemas se quisessem desviar um daqueles bichos. Ele estava preocupado. A tempestade se aproximava mais rápido do que tinha imaginado.

Surpreso, viu com o rabo dos olhos que Jetamio o alcançara. O seu andar manco tornara-se mais visível, mais ela se locomovia com presteza. Inconscientemente, Jondalar balançou a cabeça num gesto de aprovação. O resto do grupo também se aproximava do campo de batalha, procurando cercar um só animal e pôr os outros para correr. Mas rinocerontes não são como certos animais de pastagem que andam aos bandos, gregários, fáceis de serem conduzidos ou espantados, cuja segurança e sobrevivência dependem do tamanho da manada. Os rinocerontes são animais independentes, rabugentos, quase nunca compondo um grupo maior do que o da família, e perigosamente imprevisível. Com

eles, o caçador inteligente sabe que tem de ser precavido.

Por consentimento tácito, os caçadores se concentraram no animal jovem vindo atrás. Mas nem as suas corridas, nem os gritos o faziam alterar o ritmo da marcha rumo ao norte. Jetamio, por fim, conseguiu atrair-lhe a atenção, tirando o capuz e agitando-o no ar. O bicho então diminuiu as suas passa das e virou a cabeça na direção dela, parecendo realmente indeciso.

Isso deu ensejo para que os caçadores o alcançassem. Aqueles com lanças mais pesadas seguiam o animal mais de perto e os outros, com dardos leves, formavam um círculo por fora, prontos para partir, se necessário, em defesa da linha de frente. O rinoceronte parou, parecendo não se dar conta de que os seus companheiros rapidamente se distanciavam. Pôs-se a caminho, sem muita pressa, na direção do capuz balançando-se ao vento. Jondalar veio para mais perto de Jetamio e reparou que Dolando fazia o mesmo.

Um rapaz que Jondalar reconheceu como um daqueles que amarraram o barco, acenando também o capuz, passou-lhe à frente, O rinoceronte, confuso, interrompeu a corrida desembestada que fazia na direção de Jetamio e deu uma guinada para partir para cima do homem. Aquele era um alvo maior, fácil de ser seguido, mesmo com uma visão limitada como a sua. A presença de tantos caçadores o desnorteava, atrapalhando o seu excelente faro. No mo mento em que ele estava para chegar perto, uma outra figura em movimento saltou à sua frente, O bicho novamente empacou, tentando resolver qual dos dois alvos se mexendo iria seguir.

Ele mudou de direção, investindo contra o segundo, tão tentadoramente perto. Mas então outro caçador entrou em cena agitando uma enorme capa de pele, e quando ele ia aproximando-se mais um outro passou

correndo, tão junto que chegou a dar um puxão na lã avermelhada de sua cara. O rinoceronte, cada vez mais confuso, mostrava-se enfurecido, com uma raiva assassina. Bufava, dava patadas no chão, e ao ver mais uma daquelas desconcertantes figuras movediças, lançou-se a toda velocidade contra ela.

Era o rapaz que pertencia à população ribeirinha e estava tendo dificuldade em não se deixar apanhar pelo animal. Quando ele virou de direção, o rinoceronte também virou, saindo velozmente em sua perseguição. Mas o bicho começava a dar sinais de cansaço. Vinha correndo de lá para cá, atrás de uma, atrás de outra daquelas irritantes figuras que lhe passavam pela frente, nunca conseguindo apanhá-las. Por fim, quando mais um caçador agitando o capuz atravessou-lhe a frente, ele parou, de cabeça baixa, com o imenso chifre dianteiro quase arrastando no chão. A atenção estava voltada para o vulto que se movia capengando, pouca coisa fora de seu alcance.

Jondalar correu com a lança empunhada para o alto. Era preciso matar o rinoceronte antes que ele recobrasse o fôlego. Dolando aproximou-se também com o mesmo propósito, enquanto os outros fechavam o cerco. Jetamio balançava o capuz, chegando cautelosa para perto do animal, tentando manter presa a sua atenção. Jondalar esperava que a aparência de cansaço do bicho fosse verdadeira.

Todos tinham o pensamento concentrado em Jetamio e no rinoceronte.

Jondalar - sem saber por que - olhou para o norte, talvez percebendo com o canto dos olhos a sombra de um movimento nessa direção.

- Cuidado! - gritou, correndo em frente. - Olhem para lá - dizia apontando para o norte. - Um outro rinoceronte!

O seu comportamento, no entanto, parecia inteiramente fora de propósito. Ninguém entendia o que ele dizia e nem via a fúria com que o outro rinoceronte vinha, correndo diretamente para cima deles.

- Jetamio, Jetamio! Olhe para o norte! -. gritou novamente, agitando o braço e apontando com a lança.

Ela olhou na direção em que Jondalar apontava, dando um grito de aviso para o rapaz que parecia ser o alvo da fêmea. Esquecendo por momento o rinoceronte que caçavam, todos correram em socorro do outro. De repente, o filhote de rinoceronte, talvez por já estar descansado, ou então por se sentir encorajado pelo cheiro da fêmea de sua espécie, arremessou-se contra a pessoa que lhe acenava com um capuz, provocando-o tão de perto.

A sorte de Jetamio foi justamente estar tifo perto. Com isso, o animal não teve tempo de ganhar velocidade. O seu bufado no momento em que ele partiu para o ataque trouxe de volta a atenção dela e a de Jondalar. Jetamio lançou-se para trás, conseguindo desviar-se da chifrada e passou a correr atrás do bicho.

O rinoceronte diminuiu a carreira, procurando pelo alvo que lhe escapara e sem focalizar os olhos no vulto do homem alto que, com grandes passadas, se aproximava dele. Então, foi tarde demais, O pequenino olho já não pôde focalizar mais nada. Jondalar cravara a sua pesada lança na vulnerável abertura, enfiando-a até o cérebro. No instante seguinte, a visão acabou de sumir completamente com a lança de Jetamio enterrada no outro olho. O animal pareceu surpreso, depois cambaleou e caiu sobre os joelhos. Quando a vida deixou de sustentá-lo, tombou.

Ouviu-se um grito e dois dos caçadores levantaram os olhos, correndo, em diferentes direções. A fêmea vinha disparada para pegá-los, mas diminuiu a corrida ao passar perto do filhote caído. Ainda deu mais uns

passos adiante, depois veio para junto do animal tombado na terra com uma lança espetada em cada olho. Ela cutucou.o com o chifre, incentivando-o a levantar-se. Virou, então, de um lado para outro, pôs o peso do corpo sobre as patas da direita, depois sobre as da esquerda, parecendo querer tomar uma resolução.

Alguns dos caçadores tentavam despertar-lhe a atenção, balançando à sua frente os seus capuzes e capas, mas ela não os via, ou talvez preferisse ignorá-los. Cutucou de novo o filhote caído, mas então, atendendo a algum instinto superior, virou-se novamente na direção do norte.

- Pode acreditar, Thonolan. Foi por pouco. Felizmente aquela fêmea estava mesmo decidida a ir para o norte... ela não tinha a menor intenção de ficar para trás.

- Você acha que a neve está para chegar? - perguntou Thonolan, olhando para o seu curativo e depois para a expressão preocupada de seu irmão.

Jondalar balançou a cabeça afirmativamente.

- O problema é que não sei como dizer a Dolando que devemos sair daqui por causa de uma tempestade que não se vê nem sombra no céu. E mesmo que soubesse falar, não sei se eles iriam compreender.

- Há dias que venho sentindo cheiro de neve. A tempestade que se está formando é das grandes.

Jondalar sentia que a temperatura continuava a cair e teve certeza disso na manhã seguinte quando partiu uma película de gelo formada em cima do chá que ficara esquecido numa cuia perto da fogueira. Outra vez, ele tentou expressar a sua preocupação, aparentemente sem êxito e, nervoso, ficava vigiando o céu à procura de indícios mais precisos sobre a mudança do tempo. Se não fosse pelo perigo iminente, teria até ficado feliz se

visse nuvens pesadas despejar a sua carga de gelo sobre as montanhas.

Ao primeiro sinal de que estavam levantando acampamento, ele desarmou a barraca e arrumou os dois baús, o dele e o de Thonolan. Dolando, ao ver-lhe a presteza, sorriu, fazendo um gesto de aprovação. Em seguida, apontou para a margem do rio. O sorriso, no entanto, era nervoso e o olhar de preocupação. Jondalar ficou ainda mais apreensivo ao ver as águas se revolvendo em redemoinhos e a barcaça sacudindo-se com os trancos e esticando as cordas.

Alguns homens vieram pegar os baús, que foram acomodados perto da carcaça do rinoceronte, congelada e cortada em pedaços. As suas expressões mostravam-se mais tranqüilas, mas Jondalar não as achou também encorajadoras. Entretanto, por mais ansioso que estivesse para partir, não se sentia nem um pouco confiante no meio de transporte que iam usar. Ele não tinha idéia de como fariam para colocar Thonolan dentro do barco. Voltou, então. Talvez pudesse ser útil em alguma coisa.

Sabendo que em certas ocasiões a melhor ajuda que se pode dar é simplesmente não atravancar o trabalho dos outros, ele ficou apenas observando, enquanto o acampamento era desarmado com rapidez e eficiência. Agora começava a reparar em certos detalhes no vestuário que diferenciavam aqueles que armaram as barracas em terra, que se referiam a si mesmos como shamudoi, dos outros - os ramudoi - que tinham permanecido no barco. No entanto, não pareciam formar duas tribos diferentes.

Havia intimidade, muita brincadeira entre os homens, nada daquelas cortesias cerimoniosas que expressam tensões latentes quando diferentes povos se encontram. Pareciam falar a mesma língua, faziam as refeições em comum e trabalhavam em conjunto.

Reparou ainda que, em terra, o encarrega do parecia ser Dolando, enquanto no barco os homens se voltavam para um outro, quando desejavam obter instruções.

O curandeiro saiu da barraca seguido de dois homens carregando Thonolan numa engenhosa padiola. Dois troncos saídos do bosque de amieiros sustentavam uma rede feita com cordas trazidas da barcaça à qual Thonolan estava firmemente atado. Jondalar correu para eles, reparando que Roshario começara a desarmar a tenda circular. Os olhares dela para o céu e na direção do rio convenceram Jondalar que estava tão temerosa da viagem quanto ele.

- Aquelas nuvens parecem carregadas de neve - falou Thonolan, quando o seu irmão se pôs a andar junto dele, ao lado da padiola. - Não dá para ver nem os cumes das montanhas. Um pouco mais para o norte já deve estar nevando. Pode crer. Nessa minha nova posição se tem outra visão do mundo.

Jondalar olhou para as nuvens que se revolviam sobre as montanhas, escondendo os picos gelados e embolando-se umas sobre as outras na pressa de preencher todo o espaço azul. A expressão carregada de Jondalar e o seu cenho franzido, cheio de preocupação, eram tão ameaçadores quanto o céu, mas ele procurava disfarçar o medo.

- É a sua desculpa para ir deitado? - falou, tentando esboçar um sorriso.

Ao chegarem ao tronco que se projetava para dentro do rio, Jondalar se afastou e ficou observando dois barqueiros equilibrando-se com as suas cargas por cima da tora balançando e depois subindo, com a maca levantada para o alto, a escadinha parecendo ainda mais precária. Compreendeu, então, por que Thonolan fora tão bem amarrado. Ele seguiu atrás, com certa dificuldade para equilibrar-se e olhou cheio de admiração para os homens da barcaça.

Alguns flocos brancos já começavam a cair quando Roshario e o shamud entregaram a dois ramudoi os couros e os paus da tenda embrulhada como uma trouxa e, em seguida, eles próprios atravessaram o tronco. O mesmo espírito do céu refletia-se no rio: turvo, revolvendo-se em ondas violentas, com a umidade acumulada nas montanhas cada vez mais se fazendo sentir nos terrenos ribeirinhos.

A tora balançava-se com movimentos diferentes ao do barco. Jondalar inclinou-se sobre a amurada e estendeu a mão para Roshario, que a aceitou com olhar agradecido. Por um triz ela não despencava do último degrau da prancha e caía dentro da água. O shamud tampouco teve escrúpulos de aceitar a ajuda e também deu um olhar de agradecimento a Jondalar, tão sincero quanto o de Roshario.

Um homem ainda se achava na margem. Ele soltou a amarra, correu pelo tronco e subiu a bordo. A escadinha foi em seguida rapidamente recolhida. A barcaça ainda ancorada tentava desprender-se para seguir junto com as correntezas. Estava contida apenas por uma corda e os remos de cabos compridos empunhados pelos homens. Com um puxão brusco, a corda foi solta e a embarcação depois de um sacolejo forte buscou a sua liberdade. Jondalar se agarrava firme à amurada, enquanto ela aos trancos ganhava a correnteza principal da Irmã.

A tempestade rapidamente avolumava-se e os flocos redemoinhando em volta diminuíam a visibilidade. Restos e objetos variados viajavam com eles, flutuando em diferentes velocidades: pesadas toras encharcadas, ramagens enredadas umas às outras, cadáveres inchados de água e, de vez em quando, algum pequeno monte de gelo que fazia Jondalar pensar numa possível colisão. Ele observava a margem deslizando diante de seus olhos, quando a sua atenção foi atraída para o

grupo de amieiros no alto do morro. Alguma coisa, amarrada a uma das árvores, balançava-se com o vento. Uma rajada súbita desprendeu-a e a carregou na direção do rio. Enquanto voava, ele reparou no couro duro, cheio de manchas escuras. Era a sua túnica de verão. Teria ficado todo esse tempo balançando-se no alto da árvore? A túnica ainda flutuou por algum tempo até que ficou completamente encharcada e afundou.

Thonolan fora desamarrado da padiola e apoiado contra a amurada do barco. Estava pálido, sofrendo e com medo, mas sorrindo valentemente para Jetamio, ao seu lado. Jondalar com a expressão carregada, recordando-se de seu medo e pânico, veio acomodar-se perto dos dois. Depois, lembrou-se de sua enorme alegria quando pela primeira vez avistou o barco. “Como teriam sabido que ele se achava lá?”, perguntou-se novamente. De repente ocorreu-lhe uma idéia. “Teria sido a túnica voando ao vento que lhes indicou a sua posição? Mas como sabiam que tinham de vir? E sobretudo de vir com o shamud?”

A violência das correntezas sacudia a barcaça de um lado para outro. Jondalar, intrigado com a sua solidez, pôs-se a examinar a construção. O fundo do barco era uma peça sólida, mais larga na parte central e feita do tronco inteiro de uma árvore. O seu tamanho aumentava com fileiras de tábuas imbricadas e amarradas umas às outras, que alargavam o fundo e subiam formando os lados juntados na proa. Ao longo das amuradas, em espaços regulares, foram colocados suportes para as tábuas que serviam de assentos aos remadores. Três deles achavam-se na frente, no primeiro banco.

O olhar de Jondalar, enquanto acompanhava a estrutura do barco, passou sem ver por um tronco que se chocara contra a proa. Ele então voltou a olhar, sentindo o coração bater forte. Próximo à frente do

barco, em meio ao emaranhado dos galhos saídos do tronco, estava a sua túnica de couro com manchas escuras de sangue.

Capítulo 9

- Não seja esganada, Huiin - falou Ayla,observando a potranca lamber as últimas gotas de água no fundo de um balde de madeira. - Se você beber tudo de uma vez só, vou ter de derreter mais gelo. - O animal relinchou, abanou a cabeça, e meteu o focinho novamente no balde. Ayla riu. - Se está com tanta sede assim, vou pegar mais gelo. Você vem comigo?

Já se tomara um hábito expressar os seus pensamentos para o cavalinho. Às vezes eram simplesmente imagens mentais e quase sempre relatadas na expressiva língua construída com gestos, posturas e expressões faciais, mas como o animal se mostrava mais propenso a escutá-la quando lhe ouvia algum som, isso a encorajava cada vez mais a verbalizar as sua conversas com ele.

Para ela, diferentemente das pessoas dos clãs, sempre fora fácil emitir uma variedade de sons e flexionar a voz. Apenas o seu filho tinha essa mesma facilidade. Constituíra-se numa brincadeira dos dois um imitar o outro nas sílabas sem sentido que diziam. Algumas destas, inclusive, passaram a ter significado para eles. Em suas conversas com a potranca, entretanto, as verba ligações cada vez mais se tomavam complexas. Ela imitava a voz dos animais, inventava palavras, usando novas combinações de sons e até algumas das sílabas sem sentido das brincadeiras com o filho foram incorporadas. Sem ninguém lá para lhe lançar olhares reprovadores - pois sons desnecessários não eram coisas de gente educada - o seu vocabulário expandia-se, mas construindo uma língua compreendida somente por ela e, num certo sentido, pelo cavalo.

Ayla colocou as perneiras, enrolou-se na pele da égua, pôs o capuz de carcaju e amarrou as luvas. Isso feito, enfiou a funda na cintura, atou o cesto às costas, e apanhou o furador de gelo - um osso saído da pata dianteira de um cavalo, no qual ela fez uma rachadura espiralada para retirar o tutano é, em seguida, afiado com uma pedra. Saíram, então.

- Vamos, Huiin - acenou para a potranca, enquanto afastava o couro de auroque que já servira como barraca e era agora uma cortina contra o vento, sustentada por alguns paus enfiados no chão junto à entrada da caverna. O cavalo trotou atrás dela, descendo os dois pelo escarpado caminho que levava à praia. O vento zunia na curva do rio, fustigando-a duramente. Ela encontrou um lugar onde o gelo parecia-lhe fácil de ser quebrado. O cristal ali, sob o impacto de seu furador, se desfez em pequenos blocos.

- É mais fácil encher um balde de neve do que cortar gelo para água, Huiín - falou ela, enquanto punha os pedaços de gelo dentro da cesta. Antes de subir para a caverna, fez uma parada para pegar um pouco mais da lenha arrastada para o sopé do paredão, dando graças por dispor daquele madeirame que lhe fornecia calor. - Os invernos aqui são mais secos e mais frios também. Sinto falta da neve, Huiin. Não se pode nem dizer que isso que cai aqui seja neve. Nesse lugar o que a gente sente é muito frio.

Ela empilhou a lenha perto da fogueira e descarregou o gelo dentro de um balde, que deixou próximo ao fogo. Precisava antes derreter o gelo, pois sem água no seu interior o caldeirão de couro queimaria sobre o fogo. Depois, passou os olhos pela caverna, vendo tudo em ordem e os diversos trabalhos já começados e em diferentes estágios de complementação. Qual deles iria pegar naquele dia? Mas

se sentia inquieta. Nada a atraía. Reparou, então, nas várias lanças recentemente feitas e já prontas.

“Talvez saia para caçar”, pensou. “Já faz tempo que não dou um pulo nas estepes. Mas não adianta levar isso”, franziu o rosto, “não serviria para nada. Nunca conseguirei chegar perto de um animal para usar as minhas lanças. Vou levar só a funda. Darei apenas uma caminhada.” Ela encheu uma das dobras de sua roupa com pedras que trouxera à caverna, precavendo-se para o caso das hienas voltarem, depois botou mais lenha na fogueira e saiu.

Huiín tentou acompanhá-la quando ela começou a caminhar pela íngreme subida que ia da caverna às estepes. Mas a égua relinchou nervosa.

- Não se preocupe, Huiin. Não vou ficar muito tempo fora. Nada vai acontecer a você enquanto eu estiver longe.

Quando chegou ao topo da montanha, o vento quis agarrar-lhe o capuz e carregá-lo para longe. Ela tornou a apanhá-lo e o amarrou apertado. Mas afastou-se da beirada do precipício e parou um instante olhando ao seu re dor. A paisagem crestada e ressequida do verão, comparada com o vazio gelado e murcho das estepes no inverno, fazia um quadro respeitável de vida. As rajadas de vento uivavam um lúgubre canto dissonante, silvando lamúrias agudas que cresciam como um grito choroso e estridente para depois diminuir e se converter num gemido cavernoso e abafado. O vento açoitava a terra nua, revolvendo nas cavidades esbranquiçadas a neve seca e granulosa que lançava novamente para cima, gelando ainda mais o ar.

Ayla sentia a neve como grifos de areia batendo-lhe no rosto e ferindo a sua carne. Ela apertou mais o capuz e com a cabeça abaixada caminhou contra o vento, pisando sobre a relva quebradiça que vergava até o chio. O ar frio e seco absorvia a umidade natural das

mucosas, deixando-lhe o nariz e a garganta doloridos. Uma rajada pegou-a de surpresa. A respiração tapou e, sufocada, tossia e chiava com a garganta tomada de catarro. Ao cuspir, o seu escarro congelou-se antes de cair e ricochetear no chão.

"O que estou fazendo aqui?", disse para si mesma. "Vou voltar, não imaginava que fosse fazer um frio desses."

Ela se virou e, por um momento esquecida do frio, ficou parada. Do outro lado da ravina, ia, a passos lentos e pesadões, uma pequena manada de mamutes, arrastando as suas enormes massas de pêlos castanho-avermelhados, com as compridas presas arqueando-se para o alto. Aquela terra isolada, aparentemente nua, era o habitat desses animais. A áspera relva, quebradiça e queimada pelo frio, constituía-se no alimento que os sustentava para a vida e, adaptado a tal ambiente, haviam perdido a capacidade de viver em qual quer outro meio. Os seus dias estavam contados. Viveriam enquanto durassem as geleiras.

Ayla, fascinada, ficou observando até que aquelas massas informes sumissem dentro dos torvelinhos de neve. Então apressou-se em ir embora, feliz por se ver livre das ventanias do lugar. Lembrou-se de que teve essa mesma sensação quando, pela primeira vez, viu o seu abençoado vale. "O que seria de mim se não tivesse encontrado essa caverna?" Chegando ao patamar de sua moradia, abraçou-se com a potranca. Depois, foi até a borda do penhasco e olhou o vale a distância. Lá, a neve era pouco profunda, acumulando-se principalmente nos lugares onde havia alguma barreira para os ventos, mas não deixava de ser igualmente fria e seca.

O vale, entretanto, oferecia proteção contra as ventanias e lhe dera uma caverna. Sem isso, e mais peles e fogo, não teria podido sobreviver. Ela não era um animal revestido de pêlos e lã. O vento trouxe aos seus

ouvidos o uivo de um lobo e os latidos secos dos dholes. Embaixo, uma raposa polar cruzou o rio congelado. A sua pele branca quase a confundiu com o gelo quando, parou um momento, parou numa pose sobranceira. No vaie qualquer coisa se movia. Claramente, ela distinguiu a forma de um leão da caverna. O pêlo fulvo, farto e grosso, cintilava com um brilho quase branco. Os predadores de quatro patas adaptavam-se ao ambiente de suas presas. Ayla e os de sua espécie adaptavam o ambiente às suas necessidades.

De repente, ela se assustou ouvindo um grito cacarejado muito próximo. Olhando para cima, viu uma hiena na borda da ravina. Ela estremeceu, levando imediatamente a mão à funda, mas o animal, no seu galope desajeitado, se afastou da beirada do barranco, voltando pata as planícies abertas. Huiin aproximou-se, relinchando docemente e a cutucando com o focinho. Ela apertou a potranquinha contra a pele de égua que vestia, passou o braço ao redor de seu pescoço e entrou na caverna.

Deitada em sua cama de peles, Ayla olhava para as já muito conhecidas formações da rocha sobre a sua cabeça, perguntando-se por que teria ela acordado de repente. Levantou a cabeça, olhando para Huiin. Os olhos da potranca também estavam abertos e olhavam na sua direção, mas sem dar mostras de preocupação. Na entanto, ela tinha certeza de que havia qualquer coisa diferente no ar.

Tornou novamente a se enroscar no meio das peles, sem querer sair de seu aconchego. Pôs-se então a olhar, na luz que se filtrava pelo buraco em cima da entrada, o lar que construíra para si. Os seus trabalhos começados achavam-se espalhados pelo chio, mas a pilha de ferramentas e utensílios já prontos tinha crescido ao longo da parede em frente ao secador. Ela sentia fome e

os seus olhos se voltaram outra vez para o secador. Havia despejado a gordura derretida do cavalo dentro dos intestinos, dando-lhes nós a intervalos re guiares e, agora, uma porção de salsichas brancas se penduravam junto das ervas e condimentos que secavam com as suas raízes voltadas para cima.

Aquilo a fazia pensar na sua refeição matutina. Caldo de carne seca, com um pouco de gordura para ficar mais substancioso, temperos, talvez um pouco de cereal e, para terminar, algumas frutas secas. Ela atirou para o lado as coberta Estava acordada demais para ficar na cama. Enrolou-se rápido na capa de pele, calçou e apanhou a pele de lince na cama, ainda quente com o calor de seu corpo. Apressou-se, então, em sair para urinar num canto afastado no patamar em frente da caverna. Mas quando afastou a cortina que vedava a entrada, prendeu a respiração.

Os contornos angulosos do patamar rochoso haviam sido, durante a noite, suavizados por um grosso tapete branco que resplandecia num brilho uniforme, refletindo o céu azul e transparente, adornado de flocos de pelúcia branca. Ela precisou de algum tempo para compreender a surpreendente mudança na paisagem. O ar estava parado.

O vale, aninhado na região onde as estepes continentais mais úmidas cediam terreno para as secas estepes de loesse, possuía os dois climas predominantes no sul. A neve espessa parecia com a que, em gera], caía nos arredores da caverna do clã, dando à paisagem um sabor de coisa conhecida.

- Huiin - chamou. - Venha cá! Nevou essa noite. Dessa vez, nevou de verdade!

De repente, lembrando da razão por que viera para fora da caverna, correu pelo patamar, deixando as primeiras pegadas na superfície imaculadamente branca. Enquanto voltava, reparou em Huiin que,

cautelosa, procurava pisar naquela substância imaterial. A potranquinha abaixou a cabeça para cheirar e soltou um bufado na estranheza do chão frio. Olhou para Ayla e re linchou.

- Ora vamos lá, Huiin; Isso não machuca.

O animal até então nunca vira tamanha abundância de neve e naquela profundidade. Por enquanto estava acostumado apenas com a que o vento soprava e amontoava em determinados locais. Tentando novamente ensaiar alguns passos, ele afundou os cascos e relinchou como se pedindo por ajuda. Ayla ficou guiando-o até que o sentiu mais à vontade e o soltou. Depois, pôs se a rir do cavalinho, muito desajeitado, que, vencido pela curiosidade natural e vontade de brincar, começou a caminhar desengonçadamente Até aquele instante Ayla não se tinha lembrado de que estava com muito pouca roupa para ficar tanto tempo do lado de fora. Fazia frio.

- Vou preparar um chá bem quente e alguma coisa para comer. Mas estou com pouca água. Vou ter de buscar gelo... - Ora, basta que eu encha um balde de neve - falou, rindo. - Que tal um mingau quente essa manha, Huiin?

Depois de comerem, Ayla vestiu-se com roupas quentes e saiu de novo. Sem vento, a temperatura era quase amena, contudo o que mais a encantava era a visão conhecida da neve cobrindo o chão. Ela encheu baldes e cestas e levou para dentro da caverna, depositando perto da fogueira para que se derretesse. Era tão mais fácil do que quebrar gelo que resolveu até usar um pouco para se lavar. Tinha o costume de banhar-se regularmente no inverno com neve derretida, mas quando dispunha só de gelo, já era muito duro ter de quebrá-lo para cozinhar e beber. Banho era um luxo há muito abandonado.

Alimentou o fogo com lenha apanhada da pilha no fundo da caverna, depois foi retirar a neve que se achava por cima do monte de madeira posto de reserva no patamar.

“Seria bom se pudesse guardar água do mesmo jeito que faço com a lenha”, pensou, olhando para os recipientes cheios de neve derretendo-se. “O vento vai começar a soprar novamente e ti sei quanto tempo essa vai durar.” Ela saiu para trazer outro carregamento, levando um balde para retirar a neve que cobria a madeira. Depois do balde cheio, despejou perto da pilha, re parando que a neve fizera um bolo com a forma do recipiente. Por que não poderia guardar neve desse jeito? Empilhada da mesma maneira que a lenha? Perguntava-se.

A idéia a deixou entusiasmada e logo tinha amontoado contra a parede próxima da entrada uma boa quantidade de neve limpa, ainda não pisada. Em seguida, começou a catar a que estava no caminho que levava à praia. Huiin, aproveitando-se da trilha feita, desceu para o vale. Ayla tinha os olhos brilhando e o rosto corado quando terminou, sorrindo satisfeita para o monte de neve bem à sua mão, do lado de fora da caverna, junto da entrada. Viu, então, um trecho na ponta do patamar que ainda não estava inteiramente limpo e, cheia de disposição, dirigiu-se para lá. Ao olhar para o vale riu de Huiin, muito graciosamente, passando por entre os montículos de neve.

Ao voltar os olhos para a sua pilha de neve, parou por instantes, botando um sorriso no canto dos lábios, enquanto pensava numa idéia extravagante que lhe ocorreu. A pilha de neve, feita de muitos bolos da forma do balde, sugeria, de onde se achava, os contornos de um rosto. Ela apanhou um pouco mais de neve, aplicou-a em determinados lugares e se afastou para ver o efeito.

“Se o nariz fosse um pouquinho maior ficaria igualzinho a Brim”, pensou, tornando a pegar mais neve. Comprimiu onde achava ser preciso, cavou um pouco mais num determinado ponto, aplainou uma saliência e voltou a se afastar para admirar a sua obra.

Os olhos brilhavam com uma expressão marota.

- Bom dia, Brim - falou por gestos. Mas logo se sentiu arrependida. O verdadeiro Brun não iria gostar de vê-la dando o nome dele a um montão de neve. Os nomes das pessoas eram muito importantes para serem atribuídos indiscriminadamente a qualquer coisa. “Bom, mas está parecendo mesmo com ele”, pensou, rindo baixinho. “Deveria talvez ter sido mais cerimoniosa. Não fica bem uma mulher cumprimentar o chefe como se ela fosse urna germana dele. Devia pedir antes permissão”, observou, querendo prolongar um pouco mais a brincadeira. Sentou-se em frente do monte de neve, olhando para o chão, na postura que toda mulher clânica assumia quando precisava dirigir-se a um homem.

Achando graça de sua encenação, se deixou ficar sentada em silêncio, com a cabeça abaixada, tal como se de fato fosse sentir um tapinha no ombro, o sinal que autorizava a mulher a falar. Mas o silêncio começou a pesar e o chão de pedra estava frio e duro. Pensou, então, no ridículo da posição em que se achava. A réplica de Brun lhe tocaria no ombro, tanto quanto o verdadeiro Brim a tinha reconhecido, quando da última vez em que ficara sentada em sua frente. Ela fora amaldiçoada injustamente e queria pedir ao antigo chefe que protegesse o seu filho da ira de Broud. Brun, no entanto, lhe dera as costas. Ela já estava naquele momento morta. Subitamente, o seu espírito jocoso desapareceu. Levantou-se e encarou o boneco de neve.

- Você não é Brun! - gesticulou furiosa, dando murros na parte que cuidadosamente modelara. A raiva avolumava-se nela. - Você não é Brim! Você não é Brun! -

dizia, intercalando os gestos com pontapés e murros, destruindo inteiramente a forma do rosto. - Nunca voltarei a ver Brim. Nunca mais irei ver Durc. E nunca mais tomarei também a ver alguém na minha vida. Nunca, nunca mais! Estou sozinha - então escapou de seus lábios um gemido alto, seguido de soluços desesperados. - Oh, por que estou tão sozinha?

Ela caiu de joelhos e se deitou na neve, sentindo as lágrimas quentes esfriarem sobre o rosto.

Começou, então, a embrulhar-se com neve, entregando-se ao frio úmido e paralisante. Queria enterrar-se, deixar-se cobrir e congelar para sempre a sua dor, raiva e solidão. Quando o corpo começou a tremer, fechou os olhos e tentou ignorar o frio que começava a penetrar-lhe nos ossos.

Foi então que sentiu algo úmido e quente no rosto e ouviu um suave relincho de cavalo. Quis também ignorar Huiin. O cavalinho tomou a cutucá-la. Ela abriu os olhos, dando com os da potranca, grandes e escuros e o seu comprido focinho. Esticou o braço, passando-o ao redor do pescoço de Huiin e enfiou o rosto no meio da crina emaranhada. Quando a soltou, Huiin tomou outra vez a relinchar carinhosamente.

- Você está querendo que eu me levante, não é, Huiín?

O cavalinho moveu a cabeça para cima e para baixo, como se tivesse compreendido, na verdade o que Ayla gostaria de acreditar. O seu instinto de sobrevivência sempre fora forte e não seria o sentimento puro e simples de solidão que a faria desistir da vida. Crescida no clã de Bri apesar de em muitos sentidos ter sido amada, durante toda a sua vida havia sido uma pessoa sozinha. Ela era diferente. No seu amor pelos outros estava a sua maior força. Saber-se necessária. Primeiro, Iza em sua doença, depois Creb na velhice e por fim o seu filho haviam dado um propósito à sua vida.

- Tem razão, Huiin, é melhor eu me levantar. Não posso deixá-la sozinha. E estou ficando toda molhada e morrendo de frio aqui. Vou vestir uma roupa seca e depois fazer um bom mingau quente para você. E o que está querendo, não é?

Ayla observava dois machos de raposa polar rosnando e mordendo-se um ao outro, numa luta pela posse da fêmea. Apesar de estar no patamar de sua caverna, a uma grande altura, ela sentia o forte cheiro dos animais no cio. “Eles são mais bonitos no inverno. No verão ficam marrom, perdem a graça. Se eu quiser uma pele branca, tenho de consegui-la agora”, pensou.No entanto, não fez menção de pegar a funda. Um dos machos saíra vitorioso e reclamava o seu prêmio. A fêmea proclamou-lhe o feito com um berro rouco no momento em que ele trepou sobre ela.

“Só quando se juntam dessa maneira é que a fêmea solta esse grito. Tinha vontade de saber se ela gosta de fazer isso. Ou será que não? Eu nunca gostei, mesmo depois que deixou de doer. Mas as outras mulheres gostavam. Por que era eu tão diferente? Será que foi simplesmente por não suportava Broud? Mas esse fato fúria tanta diferença? Será que aquela fêmea gosta do macho? Gosta do que ele faz? Pelo visto, não pensa em fugir.”

Aquela não era a primeira vez em que Ayla deixava de caçar para ficar observando raposas ou outros animais carnívoros. Muitas vezes havia passado longos dias espreitando as presas que o seu totem lhe permitira caçar, somente para lhes conhecer os hábitos e o habitat. Descobrira que eram animais interessantes e criaturas como ela. Os homens do clã aprendiam a caçar exercitando-se com animais herbívoros, aqueles que comiam. Quanto aos carnívoros, embora os caçassem quando queriam uma boa pele, esses não eram as suas

presas favoritas. Eles não haviam criado a relação multo especial que Ayla estabelecera com as feras.

Apesar de conhecê-los bem, os carnívoros ainda continuavam a fasciná-la. No entanto, naquele momento vendo as raposas - a sofreguidão do macho e os gritos da fêmea - o seu pensamento se fixava em algo mais do que só caçadas. “Todos os anos, no fim do inverno, eles se juntam dessa forma”, pensou ela. “Na primavera, quando as suas peles ficam marrons, a fêmea dá cria. Gostaria de saber se ela vai ficar aqui, metida debaixo das pilhas de ossos e madeiras, ou se vai cavar uma toca em algum outro lugar. Espero que fique. Primeiro, ela vai amamentar os filhotes, depois lhes dará comida de bebês, bem mastigadas com a sua boca. Passada essa fase, ela começará a trazer animais mortos... ratos, toupeiras, pássaros, talvez algum coelho. Quando os filhotes estiverem maiores, trará as presas vivas e vai ensiná-los a caçar. No ou tono, já vão estar quase adultos, e no inverno que vem as fêmeas vão berrar igual a essa quando os machos treparem nelas.”

“Por que fazem isso? Por que se juntam dessa maneira? Imagino que se já para fazer bebês. Se tudo que a raposa tivesse de fazer fosse engolir um espírito, como dizia Creb, então por que teria de se unir dessa maneira com o macho? Ninguém acreditava que eu fosse ter filho. Diziam que o espírito de meu totem era forte demais. Mas eu tive. Se a vida de Durc começou porque Broud fez isso comigo, pouco importava se o meu totem fosse forte ou não.

“Mas as pessoas não são raposas. As mulheres não têm bebês só na primavera, elas podem ter em qualquer época do ano. E nem se juntam só no inverno, fazem isso no momento que quiserem. Talvez Creb tivesse um pouco de razão também. E possível que o espírito do totem de um homem tenha de entrar dentro da mulher. Só que não é pela boca. Tenho a impressão de que ele

entra quando um casal se junta através do órgão do macho. Às vezes o to tem da mulher luta contra o espírito masculino e às vezes o órgão inicia uma nova vida.

“Acho que não quero uma pele de raposa polar. Se eu matar uma, todas as outras irão embora e quero ver quantos filhotes essa vai ter. Ao invés disso, vou pegar o arminho que vi no rio, antes que ele fique também marrom. A sua pele é branca, mais macia e eu gosto da pontinha preta em seu rabo.

“Mas aquela doninha é tão pequena. A sua pele só dá para fazer uma luva e ela também vai ter filhotes na primavera. No próximo inverno, provável mente haverá mais arminhos por aqui. Talvez eu não saia hoje para caçar e fique terminando a bacia que já comecei.”

Não ocorreu a Ayla perguntar-se por que pensava nos animais que estariam no vale no próximo inverno, quando ela planejava partir na primavera. Começava a acostumar-se com a sua solidão, exceto à noite, quando chegava o momento de colocar mais uma marca numa vareta que fazia parte de uma pilha, cada vez maior de outras já inteiramente cobertas de ranhuras.

Com as costas da mão, Ayla procurou afastar do rosto uma mecha de cabelos gordurentos e pegajosos. Naquele momento, não podia interromper o trabalho. Estava dividindo a raiz de uma árvore, preparando as fibras para fazer uma enorme cesta. Nos últimos tempos andara experimentando novas técnicas de tecer, empregando muitos tipos de material que combinava diferente mente de modo a inovar as tramas e texturas. Todo o processo de tecer, amarrar, laçar com cordões, fios e fibras absorvia-lhe inteiramente o pensamento, tirando-a de tudo mais. Embora algumas vezes o resultado final não prestasse, e às vezes ficasse até ridículo, ela havia conseguido belas criações que a

animavam a empreender novas experiências. Constantemente surpreendia-se torcendo ou trançando quase tudo que lhe vinha às mãos.

Naquele dia, estava trabalhando desde cedo numa trama particularmente intricada, e só quando Huiin afastou com o focinho a cortina e entrou é que ela reparou que já começava a entardecer.

- Como pôde o tempo andar tão depressa, Huiin? Nem água ainda botei no seu balde - falou, levantando-se e esticando os músculos, cansada de estar muito tempo numa posição só. - Devia ter preparado alguma coisa para comermos. Bom, acho que vou fazer a minha cama.

Pôs-se, então, em grande atividade - Pegou feno fresco para Huiin, outro tanto para botar sob as peles de sua cama, jogou o velho pela ribanceira sob o patamar, quebrou o gelo formado acima da neve empilhada junto da entrada, dando mais urna vez graças por ter tido aquela idéia. Mas reparou que já havia muito pouca neve. Perguntava-se quanto tempo ainda duraria, sem precisar buscar água no rio. Hesitava em apanhar uma quantidade grande que desse para lavar-se. Depois, achando que poderia não terei outra oportunidade até a primavera, resolveu pegar assim mesmo. Iria banhar-se e lavar os cabelos.

A neve derretia nos baldes perto da fogueira, enquanto ela preparava e cozinhava a comida, O pensamento voltara-se para a cesta com a intricada trama de fibras que tanto a absorvia. Já alimentada e lavada, desembaraçava os cabelos molhados com os dedos e um pauzinho, quando os seus olhos bateram no cardo seco que usava para pentear e tirar os nós das fibras vegetais. Foi o fato de estar sempre penteando a crina de Huiin que lhe dera a idéia de usar os espinhos de cardo para desembaraçar fibras, e daí a usá-los nos próprios cabelos foi só um passo.

Ficou encantada com o resultado. A sua farta cabeleira dourada ficou sedosa e macia. Até então, nunca prestara muita atenção aos seus cabelos, fora em algumas ocasiões quando os lavava. Quase sempre usava-os partidos mais ou menos ao meio e puxados para trás, presos atrás das orelhas. Iza muitas vezes lhe dissera que era o que ela tinha de mais bonito, lembrou-se escovando-os para frente, observando-os à luz da fogueira. “A cor é bastante bonita”, pensou. “Mas ainda mais atraente é a textura dos fios, longos e macios.” E sem se dar conta, tomou um punhado, fazendo uma longa corda trançada.

Amarrou uma tira de tendão na ponta e começou a trançar outro punhado de cabelos. De repente ocorreu-lhe o pensamento do quanto as pessoas a achariam estranha se a vissem naquele instante fazendo cordas com os próprios cabelos. Mas nem por isso desistiu. Em pouco tempo, tinha várias tranças compridas penduradas. Balançando a cabeça de um lado para outro, ria com a novidade da coisa, Gostava das tranças, mas não podia botá-las atrás da orelha de modo a ter rosto descoberto. Depois de algumas tentativas, achou uma maneira de enroscá-la e prendê-las no alto da cabeça, mas como gostava de sacudi-las, deixou algumas caindo soltas do lado de trás.

No começo foi o sentido de novidade que a atraiu, depois por conveniência resolveu conservar os cabelos sempre trançados. Assim, estariam no lugar, sem incomodá-la. Não precisava ficar a todo instante prendendo os cachos que se soltavam. E, depois, que importância tinha se fossem achá-la estranha? Podia fazer tantas cordas com o seu cabelo quanto quisesse, não ha vendo ninguém ali que precisasse agradar a não ser ela própria.

Não demorou muito para que Ayla deixasse de contar com a neve no patamar de sua caverna, mas

deixara também de ser necessário quebrar gelo para água. Havia muitos montes espalhados de neve. No entanto, a primeira vez que desceu para apanhá-la, reparou que a neve embaixo da caverna tinha resíduos de fuligem e cinzas da fogueira. Resolveu subir o rio, caminhando pela superfície gelada, procurando um lugar onde pudesse pegá-la limpa. Ao passar, entretanto, pela estreita garganta, a curiosidade a levou para mais longe.

Nadando, nunca chegara até aquele ponto. As correntezas eram fortes, não havendo necessidade de arriscar-se à toa. Andar, porém, não exigia esforços, a não ser tomar cuidado com os passos. Ao longo da garganta - onde a queda da temperatura surpreendera os jatos de água ou nas áreas de alta pressão atmosférica - o gelo fantasiosamente criou uma terra de sonhos e magia. Encantada, olhava para as estupendas formações sem imaginar ainda o que te ria pela frente.

Já estava andando há algum tempo e pensava em voltar. O fundo da garganta, extremamente sombroso, era frio e o gelo contribuía ainda mais para a queda da temperatura ali. Resolveu que caminharia somente até a próxima curva do rio. Mas chegando lá, parou extasiada. Para além da curva, as paredes da garganta se uniam formando uma muralha de pedra que se elevava até as estepes em cima e, jorrando do penhasco, uma cascata congelada brilhava com fantásticas estalactites. Geladas e brancas, duras como pedra, faziam uma espetacular versão de uma caverna vista de cabeça para baixo.

A gigantesca escultura de gelo era emocionante em sua grandiosidade. Toda a força das águas apanhadas pelas garras do inverno parecia prestes a abater-se sobre ela, pasma, inteiramente tomada pela magnificência do espetáculo. O efeito era estonteante. Ela teve um estremecimento diante daquele poder descomunal, contido em sua força. Antes de se afastar,

achou ter visto uma gota de água faiscando na ponta de um dos pingentes e sentiu o corpo arrepiar-se de pavor.

Ayla acordou com as rajadas frias de vento e olhou para a parede oposta, junto da entrada. A cortina batia contra o varal. Ela se levantou e, depois de consertá-la, ficou alguns instantes sentindo o vento no rosto.

- Está mais quente, Ruim. O vento já não está tifo frio, tenho certeza.

O cavalo retesou as orelhas e olhou para ela na expectativa. Mas era só conversa. Não havia nem gestos nem sons motivando-o a uma resposta. Nenhum sinal pedindo-lhe para aproximar-se ou se afastar. Nenhuma indicação de que a comida estivesse para aparecer ou de que fosse ganhar algumas coçadelas ou tapinhas carinhosos. Ayla não havia procurado intencionalmente educar o cavalo. Para ela, Huiin era como uma companheira, uma amiga. Mas o inteligente animal passara a perceber que certos gestos e sons sempre vinham acompanhados de determinados atos e, a muitos, dava uma resposta apropriada.

Ayla, pelo seu lado, também começava a entender a linguagem de Ruim O cavalo não precisava falar com palavras. Ela estava acostumada a ler o senti do nas ínfimas variações de posturas e expressões. Os sons sempre foram um aspecto secundário da língua clânica e, agora, durante um longo inverno que os obrigou a uma aproximação maior, impondo uma convivência muito próxima, ambos consolidaram um caloroso laço afetivo e estabeleceram um alto nível de comunicação e entendimento. Quase sempre, Ayla sabia quando Ruim estava alegre, feliz, nervosa ou preocupada, e ela correspondia a esses sinais dando o que lhe estava sendo pedido: comida, água, carícias. Mas, intuitivamente, a mulher assumiu o papel dominante, foi

quem começou a dar ordens e indicações precisas que suscitavam no cavalo um determinado tipo de resposta.

Junto da entrada, Ayla examinava as condições do pano de couro e os consertos que se faziam necessários. Ela teria de fazer outros furos na parte de cima do pano, embaixo dos que foram rasgados e depois enfiar através deles uma nova correia para amarrar a cortina na travessa horizontal. Inesperada mente, uma coisa molhada pegou-lhe na nuca.

- Não, Ruim... falou, virando-se. O cavalo, no entanto, não se mexera de seu lugar. Em seguida, sentiu um novo pingo de água batendo-lhe. Olhou ao redor e depois para cima, para o comprido caramelo de gelo que se pendurava junto do buraco de sair fumaça. A respiração e o vapor saído das panelas de cozinhar subiam, carregados pelo calor da fogueira, e encontravam a aragem fria entrando pelo buraco, causando a formação do gelo. O vento se co, entretanto, chupava a umidade, impedindo que as estalactites se formas sem muito compridas. Durante todo o inverno, apenas uma pequena franja de gelo decorou o teto nas proximidades do buraco.

Uma outra gota se desprendeu da ponta, caindo-lhe sobre a testa, antes que ela se recuperasse da surpresa e se pusesse de lado. Então, enxugando a gota, soltou um enorme viva de alegria.

- Huim! Huiin! A primavera está chegando. O gelo começa a derreter!- ela correu na direção da potranca atirando os braços ao redor do seu pescoço cabeludo e sossegando-a também do susto que lhe dera. - Ruim, logo as árvores vão estar brotando e o verde aparecendo. Nada é tão bonito quanto as primeiras folhas da primavera! Espere só para sentir o gosto do capim da primavera. Você vai adorar!

Correu para o patamar, como se esperasse ver um mundo verde e não branco. O vento gelado rapidamente

a fez voltar para dentro e toda a excitação com os pingos do gelo se derretendo se transformou em desalento quando a primavera retirou as suas promessa e a pior nevasca da estação caiu alguns dias mais tarde, silvando furiosamente através da garganta do rio. No entanto, a primavera, apesar do manto branco gelado, vinha firme nas pegadas do inverno e o sopro quente do sol derretia a crosta gelada da terra. As gotas de água realmente foram um prenúncio da transformação do gelo em água no vale, só que numa quantidade como Ayla jamais podia imaginar.

Às primeiras gotas do degelo, juntaram-se as chuvas de primavera que ajudaram a lavai a neve e o gelo acumulados, levando umidade aos terrenos secos das estepes. Entretanto, não se tratava de simples acúmulos localizados, O rio, correndo pelo vale, tinha o seu manancial em águas provindas das geleiras, e durante a primavera ele derretia e ganhava vários tributários, muitos dos quais n existiam quando Ayla lá chegou.

Inundações repentinas em terras antes secas apanhavam de surpresa os animais desavisados arrastando-os pelo rio abaixo. No tumulto das correntezas os cadáveres iam sendo rasgados, retalhados, até que restassem apenas ossos. Às vezes as corredeiras ignoravam os leitos antigos e abriam novos canais, arrancando pelas raízes e varrendo para longe toda uma vegetação que, durante anos, lutara para sobreviver num meio hostil. Pedregulhos, pedaços de rocha, até mesmo grandes blocos eram arrastados junto com entulhos pelas águas.

A montante da caverna de Ayla, as águas da alta catarata, aprisionadas na estreita garganta do rio, revolviam-se tumultuosamente. A resistência aumentava a força das correntezas e o excesso elevava o nível do rio. As raposas, alojadas debaixo da pilha de ossos e

madeira formada no ano anterior, haviam abandonado o seu covil muito antes que a praia sob a caverna ficasse submersa.

Ayla não conseguia manter-se dentro da caverna. Do patamar observava o rio redemoinhar espumosamente e subir todos os dias o seu nível. Os vagalhões passavam pela estreita garganta e batiam contra a ponta do penhasco, deixando no sopé parte da carga de entulhos transportada pelas águas. Final mente, ela entendia como se alojara naquele ponto a pilha de ossos, madeiras e pedras que tantos serviços lhe prestava, mas dava graças por haver encontra do uma caverna fora do perigo das enchentes.

Ela sentia o patamar estremecer quando alguma árvore ou um bloco de pedra mais pesado se chocava contra o penhasco. Ficava assustada, mas passa ra a ter uma visão fatalista da vida. Se tivesse de morrer, era porque isso tinha de acontecer. De qualquer modo, estava amaldiçoada e se esperava que já es tivesse morta. Havia forças mais poderosas do que ela controlando o seu destino. Se o penhasco desabasse enquanto estivesse habitando as suas alturas, ela nada podia contra isso, além do que a natureza violenta, brutal, exercia sobre ela enorme fascínio.

Nunca um dia tinha o mesmo aspecto que o outro. Uma das grandes árvores crescendo na frente do penhasco cedeu à força das enchentes, batendo ao cair contra o patamar, para logo em seguida ser arrastada pela avalancha. Ela viu a árvore sendo lançada ao redor da curva pelas correntezas que se esparramavam, formando um lago estreito e comprido nos terrenos mais baixos e cobrindo inteiramente a vegetação que adornava as margens de um rio outrora tranqüilo. Galhos e ramagens presos à lama do rio por instantes agarraram o gigante caído, mas não conseguiram

segurá-lo por muito tempo. A árvore foi puxada do matagal, ou talvez esse arrancado com as suas raízes.

Ayla soube quando o inverno finalmente libertou de suas garras os pingentes gelados da catarata. Um estrondo ecoando do lado da garganta anunciou as massas de gelo que passaram a flutuar nas correntezas. Amontoavam-se, primeiro, no paredão, para depois seguir o curso do rio, indo de quina e aos poucos perdendo o formato e a nitidez de seus contornos.

A sua muito conhecida praia tinha um caráter diferente quando, por fim, as águas retrocederam o suficiente para permitir que ela, uma vez mais, descesse pelo íngreme caminho que levava à margem do rio. A pilha no sopé do paredão estava enlameada e maior. Amontoadas junto com o madeirame e os ossos do ano anterior, havia novas carcaças de animais e árvores, O pequeno pedacinho de praia rochosa estava mudado e muitas das árvores conhecidas tinham sido varridas de seus lugares. Ficaram aquelas que possuíam as suas raízes plantadas em terra seca, principalmente as que se achavam mais distanciadas das margens. Os arbustos e as árvores estavam acostumados às inundações anuais e quase todas que conseguiram sobreviver a algumas estações permaneciam firmemente enterradas. Quando os primeiros botões verdes nos pés de framboesas começaram a despontar, ela passou a esperar ansiosa pelas peque ninas frutas vermelhas. Isso, no entanto, veio precipitar um problema.

Era tolice contar com framboesas que só estariam maduras no verso. Até lá, ela já não estaria no vale, pelo menos se a sua intenção fosse a de continuar buscando os Outros. Os prenúncios da primavera a faziam lembrar de que uma decisão precisava ser tomada: quando partir do vale? Estava sendo mais difícil do que imaginara.

Ela se achava sentada em seu lugar favorito, na extremidade do patamar, do lado que dava para o vale.

Ali havia um lugar plano com um degrau perfeito para se apoiar os pés. Naquela posição não enxergava a curva do rio, nem a praia rochosa, mas tinha uma ampla vista do vale e se virasse a cabeça no sentido da montante enxergaria a garganta do rio. Huiin estava lá embaixo na campina e ela viu que o cavalo se preparava para voltar. Ela desapareceu de sua vista quando contornou a ponta do penhasco e, pouco depois, escutou-lhe os passos subindo pelo caminho, esperando vê-la a qualquer instante surgir no patamar.

Ela sorriu ao aparecer a enorme cabeça do cavalo das estepes, com as suas orelhas pretas e crina marrom. Quando Huiin finalmente surgiu de corpo inteiro, Ayla reparou que o seu pêlo amarelo estava caindo e falhado. A risca marrom escura ao longo da espinha dorsal terminava agora num farto e comprido rabo de cavalo. A parte superior das patas dianteiras, quase pretas, começavam a matizar-se com algumas listas. A potranca olhou para ela, relinchou mansamente, esperando para ver se Ayla queria alguma coisa, depois entrou na caverna. Embora ainda não de todo desenvolvida, Huiin já havia atingido o tamanho de um cavalo adulto.

Ayla voltou outra vez os olhos para o vale. Há dias que tinha o pensa mento ocupado só com um problema que até o sono lhe estava tirando de noite. “Não posso ir embora agora. Preciso antes caçar um pouco e esperar que algumas frutas fiquem maduras. E o que vou fazer com Huiin?” Aí estava o cerne do problema. Ela não desejava viver sozinha, por outro lado nada sabia das pessoas que os das chamavam Outros, fora o fato de que ela própria pertencesse a esse povo. “E se as pessoas que eu encontrar não me deixarem ficar com Huiin? Brun jamais daria licença para eu ter comigo um cavalo adulto, principalmente um com uma carne tifo fresca e tenra. E se quiserem matar Huiin? Ela nem fugir saberia, ficaria parada esperando que a matassem. Se eu

pedisse para que não fizessem isso, será que me atenderiam? Broud pouco se importaria com o que eu dissesse. Ele mataria Huiin de qualquer jeito. E se os homens dos Outros forem iguais a Broud? Ou até piores? Afinal, foram eles que mataram o bebê de Oda, mesmo que não tivessem feito isso de propósito."

"Algum dia vou ter de encontrar alguém, mas posso ficar por mais algum tempo por aqui. Pelo menos até que eu tenha feito umas tantas caçadas e que as raízes tenham brotado. E é isso o que farei. Vou ficar até que as raízes estejam bastante grandes para serem apanhadas."

Uma vez a decisão tomada, sentiu-se aliviada e pronta para enfrentar um trabalho. Levantou-se e foi até a outra extremidade do patamar. O novo monturo formado no sopé do penhasco exalava uma fedentina de carne podre que chegava até a caverna. Embaixo, ela percebeu qualquer coisa movendo-se. Era uma hiena que partia com as suas poderosas mandíbulas a pata dianteira daquilo que provavelmente fora um veado. Nenhum outro animal, predador ou carnívoro, tinha tanta força concentrada nos quartos dianteiros e nas mandíbulas, o que justamente dava a este bicho o seu aspecto desproporcionado.

A primeira vez que Ayla deu com o traseiro de um deles, com as suas patas posteriores curtas e tortas, escarafunchando dentro da pilha, ela teve de conter-se para não atirar. No entanto, vendo-o sair arrastando o pedaço de uma carcaça podre, resolveu deixá-lo em paz, agradecida, pelo menos por uma vez, ao serviço que esse odioso animal lhe prestava. As hienas também estavam incluídas entre os animais carnívoros que ela estudara. Diferentemente dos felinos ou dos lobos, as hienas não precisavam, para caçar, de uma forte musculatura nos quartos traseiros. Atacavam as suas presas procurando pegar-lhes nas vísceras, nas partes

moles do baixo-ventre e nas glândulas mamárias. Mas do que gostavam realmente era de cante podre, em qualquer estágio de putrefação.

Regalavam-se com corpos em decomposição. Ayla já as vira remexer até em piras para queimar cadáveres humanos e retirar da terra corpos que não foram bem enterrados. Chegavam inclusive a comer esterco, e fediam tanto quanto os alimentos que ingeriam. A sua mordida, quando não liquidasse no instante, matava posteriormente por infecção. Os filhotes dos outros animais também faziam parte de suas preferências.

Ayla estremeceu com uma careta de nojo. Ela as odiava. Fazia força pa ra resistir à vontade de espantá-las dali com a sua funda. Era irracional, mas não conseguia evitar o nojo que lhe davam esses carnívoros de pele malhada. Para ela, eles nada tinham que se salvasse. Os outros predadores não lhe despertavam tanto nojo, mas geralmente também cheiravam mal.

De seu ponto estratégico, viu um carcaju chegando para ter também a sua parte nos despojos. O carcaju parecia um ursinho de rabo comprido, mas Ayla sabia que ele se assemelhava mais às doninhas, com as suas glândulas de almíscar, tão pestilentas quanto as do gambá. Os carcajus eram animais per versos. Danificavam cavernas, lugares desvigiados, aparentemente sem qual quer motivo. Mas eram inteligentes, predadores corajosos, capazes de atacar qualquer coisa, até mesmo um gigantesco veado, embora se contentassem com ratos, pássaros, sapos, peixes e ovas. Ayla já os vira tirando presas da boca de bichos muito maiores que eles. Eram animais de respeito e além disso tinham uma pele utilíssima, única para impedir o congelamento do bafo da respiração.

Ela viu dois falcões vermelhos saírem de seus ninhos numa árvore na margem oposta do rio. Rapidamente, se elevaram no céu e estenderam as suas

imensas asas avermelhadas e o rabo em forma de forquilha para virem pousar na praia. Os falcões se alimentavam de carne podre, mas como toda ave de ra pina gostavam também de pequenos mamíferos e répteis. Em matéria de carnívoros, Ayla estava mais familiarizada com os mamíferos do que com as aves, mas não ignorava que as fêmeas dos pássaros normalmente são maiores do que os machos e muito mais bonitas de serem admiradas.

O abutre, apesar da horrorosa cabeça depenada e de seu pavoroso cheiro, ela não antipatizava de todo. O bico curvo era afiado e forte, feito a propósito para desmembrar e cortar a carne de animais mortos. No entanto, havia majestade em seus movimentos. Era incrível a facilidade com que as suas imensas asas planavam, aproveitando as correntes de ar. Quando via a comida, ele dava um mergulho vertiginoso e saía atrás da carniça com o pescoço espichado para frente e as asas entreabertas.

Os animais, abaixo de sua caverna, estavam tendo um banquete, até os corvos participavam da festança e Ayla os observava satisfeita. Para se ver livre da fedentina, até mesmo as hienas ela não via com maus olhos. Quanto mais rápido limpassem tudo, mais feliz ficaria. Subitamente, se sentiu abafada com a atmosfera nauseabunda. Queria respirar ar puro, sem emanações fedorentas.

- Huiin - chamou. O cavalo, ouvindo o seu nome, meteu a cabeça do lado de fora da caverna. - Vou dar uma volta, quer vir comigo? - Huiin, vendo o aceno convidativo, caminhou na direção dela, mexendo com a cabeça.

Desceram pelo estreito caminho, evitando a praia com os seus ruidosos ocupantes e circundaram com cuidado o paredão de pedra. O cavalinho parecia mais calmo, depois que começaram a caminhar ao longo da

vegetação que margeava o pequeno rio, agora contido dentro de seus limites normais, O cheiro de morte deixava-o nervoso e o medo que tinha das hienas vinha de suas tristes experiências com este animal. Ambos gozavam da liberdade que lhes permitia aquele dia ensolarado de primavera, depois do longo confinamento imposto pelo inverno, embora o ar ainda estivesse frio e úmido. Também respirava-se melhor no campo aberto e nem todos os pássaros eram carnívoros e estavam naquele momento se banqueteando. Havia outras atividades mais importantes.

Ayla atrasou o passo para observar um casal de pica-paus - o macho com um penacho vermelho e a fêmea com um branco. Os dois deliciavam-se com as suas acrobacias aéreas e vinham em seguida tamborilar num velho tronco, para, então, novamente alçarem vôo e se perseguirem ao redor das árvores. Ela conhecia bem esses pássaros. Os pica-paus forravam os seus ninhos com as lascas de madeira que escavavam no interior dos troncos de velhas árvores. Em geral, encontravam-se em cada ninho seis ovos de cascas com pintinhas marrons. No entanto, depois de chocados e os filhotes nascidos, os pais tomavam rumos diferentes para procurarem em seus territórios insetos e novos troncos de onde fariam ressoar pelos bosques os seus gritos estridentes e cacarejados.

Bem diferentes eram as cotovias. Somente na época da procriação é que os bandos se separavam aos pares, quando então os machos passavam a assumir o comportamento de um fogoso galo de briga em relação aos antigos companheiros. Um casal levantou vôo e Ayla escutou o seu glorioso canto. Era tal o volume da voz que ela continuou a ouvi-la, mesmo quando já os dois estavam muito altos e eram apenas pontinhos no céu. Subitamente, como se fossem duas pedras despencando-

se, baixaram e tomaram a levar o seu belo canto às alturas.

Ayla chegou ao local onde cavara a armadilha em que apanhou a égua baia. Pelo menos era onde imaginava que fosse. Nenhum vestígio restava. A inundação da primavera aplainara a depressão no terreno e varrera os arbustos que ela tinha cortado. Pouco mais adiante, fez uma parada para tomar um gole de água e sorriu ao ver uma alvéloa correndo pela margem. Parecia com a cotovia, só que mais esguia e com a barriga amarela. Ia com o corpo horizontal, numa ginga muito particular para não molhar as penas do rabo:

Súbito, uma cascata de notas muito límpidas atraiu a sua atenção para outro casal de pássaros, este sem problema de se molhar. Eram dois melros inclinando-se uma para o outro com graciosas reverências, em pleno jogo de galanteios. Ela sempre se sentira intrigada como os melros conseguiam cair dentro da água e saírem sem ter as penas encharcadas. Ao voltar à campina, ela viu que Huiin pastava os novos rebentos da primavera. Outra vez sorriu. Agora foi um par de cambaxirras que, com o seu tchique-tchique, passou-lhe um pito por ousar chegar tão perto do arbusto que habitavam. No momento em que se afastou, voltaram ao seu canto de gorjeios altos e cristalinos, revezando- se nas vozes: ora se fazendo ouvir a do macho, ora a da fêmea.

Ela parou e sentou-se num tronco ouvindo os maviosos cantos dos diferentes pássaros. Então foi surpreendida pela voz da toutinegra que, sozinha, imitava todo o coro, num jorrar esplendoroso de melodias. Um animal tão pequenino e com tamanho virtuosismo. Ayla chegou a parar de respirar e, sem perceber, surpreendeu-se com um assovio nos lábios. Um verdelhão respondeu-lhe com o seu canto soando

como um assovio aspirado e foi logo imitado pela toutinegra.

Ayla estava encantada. Sentia-se fazendo parte daquele coro alado e experimentou outra vez. Franziu os lábios e aspirou o ar, mas o assovio saiu-lhe fraco. Na vez seguinte, já veio com mais volume, mas ela tinha enchido os pulmões demais e expeliu o ar na forma de um assovio muito alto. O som produzido já estava bem mais parecido com o dos pássaros. Na tentativa seguinte, o ar saiu apenas soprado através dos lábios, e nas outras que se seguiram também não obteve grandes resultados. Resolveu voltar ao assovio para dentro e conseguiu um som melodioso, embora dotado de pouco volume.

Continuou a persistir, aspirando e soprando e, vez por outra, assoviando um som alto e forte. Estava tão envolvida que não percebia Huiin levantar as orelhas a cada vez que o som agudo e penetrante soava- o cavalo não sabia como responder Aquilo, mas ficou curioso e se encaminhou para ela.

Ayla via Huiin aproximando-se com as orelhas empinadas e um ar intrigado.

- Você não sabia que eu podia imitar os sons dos pássaros, hein Huiin? E nem eu também sabia. Nem desconfiava que podia cantar como um passarinho. Bom, ainda não é igual, mas se eu continuar treinando, acho que vai ficar bem parecido. Vamos ver se consigo outra vez.

Ela aspirou o ar, franziu os lábios e, muito concentrada, deixou sair um assovio longo e volumoso. Huiin mexeu a cabeça e relinchou, empinando-se. Ayla se levantou e abraçou o seu pescoço, dando-se conta, de repente, do quanto o cavalo crescera.

- Você está tão grande, Huiin - Os cavalos crescem tão rápido, já está quase virando uma égua de verdade. Qual seria a sua velocidade agora para correr, Huiin?

Vamos, corra junto comigo - falou, dando-lhe uma palmada na garupa e disparando pelo campo.

Huiin no mesmo instante se distanciou, indo na frente, galopando com o corpo todo esticado. Ayla seguia, correndo apenas por prazer. Ela dava o máximo de si e só parou quando já não agüentava mais, ofegante e cambaleando com falta de ar. Ficou observando o cavalo galopar pelo vale e depois virar, fazendo uma curva aberta para voltar trotando. “Gostaria de correr igual a Huiin”, pensou ela. “Nós poderíamos sair correndo juntas por aí. Se eu fosse um cavalo, será que seria mais feliz? Pelo menos não estaria aqui tão só.”

“Mas eu não estou sozinha. Huiin é boa companhia, mesmo que não seja gente. Ela é tudo o que eu tenho e eu sou tudo que ela tem. Mas que bom seria se eu pudesse correr como ela.”

A potranca chegou espumando. Ayla ria vendo-a rolar no meio do capim, batendo com as pernas viradas para cima e grunhindo de felicidade. Quando se levantou, sacudiu a cabeça e foi pastar novamente. Ayla ficou observando-a. “Como seria emocionante correr como um cavalo!”, pensou, voltando em seguida a treinar os seus assovios. Ao ouvir um som mais agudo e penetrante, Huiin levantou a cabeça e saiu trotando outra vez na sua direção. Ayla, feliz por ver Huiin atendendo o seu assovio, deu-lhe um abraço aperta do. Mas o pensamento de correr com a potranca pelo vale não lhe saía da cabeça.

De repente, ocorreu-lhe uma idéia. Urna idéia que jamais lhe teria passa do pela mente se não tivesse convivido durante todo o inverno com o animal e pensado nele como um amigo e um companheiro. Nunca teria levado essa idéia adiante se ainda vivesse com os clãs. Mas cada vez mais agia seguindo os seus impulsos.

“Será que Huiin se importaria? Será que me deixaria?”, perguntava-se. Ela conduziu o cavalo para

junto de um tronco e subiu neste. Em seguida, passou os braços ao redor do pescoço de Huiin e levantou uma perna. “Corra comigo, Huiin. Leve-me com você”, pensava, enquanto montava.

A égua, desacostumada a carregar peso em suas costas, abaixou as ore lhas, pondo-se a curvetear nervosa. No entanto, se o peso era inusitado, a mulher não. Os braços de Ayla tinham um efeito calmante sobre ela. Huiin estava a ponto de empinar para jogai fora o peso de seu lombo, quando resolveu tentar se livrar dele irrompendo num galope desenfreado com Ayla agarrada ao seu pescoço.

A potranca, entretanto, já tinha tido a sua dose de exercícios naquele dia. Para cavalo, ela tinha uma vida sedentária. Apesar de pastar, Huiin nunca tivera uma manada para seguir e nem predadores que a pusessem para correr. No entanto, era um animal jovem. Não demorou muito, começou a diminuir a velocidade e parou, ofegante, com a cabeça pendurada.

Ayla desceu escorregando do seu lombo.

- Huiin, foi uma maravilha! - gesticulou, com os olhos brilhando de excitação. Ela levantou o focinho de Huiin, encostando o rosto no nariz do animal e enfiou o pescoço dele debaixo do braço, num gesto de carinho que há muito não fazia. Era um abraço reservado só para ocasiões especiais.

Ela mal se continha com as emoções da cavalgada. Já a idéia em si de correr junto com o cavalo a deixava assombrada. Nunca pudera sonhar que tal coisa fosse possível. Nem ela, nem ninguém.

Capítulo 10

Ayla não conseguia desgrudar-se um instante do lombo do cavalo. Cavalgar Huiin a toda velocidade era um prazer inexcedível. Jamais na vida alguma coisa lhe dera tanta emoção. Huiin também parecia gostar e rapidamente acostumou-se com o peso de Ayla em suas costas- Logo o vale ficou pequeno para a moça e o seu veloz corcel. Freqüentemente, galopavam pelas estepes, alcançando-as pelo lado leste do rio onde o caminho se fazia mais fácil.

Ela sabia que muito brevemente teria de caçar, colher, preparar e armazenar os alimentos que a natureza lhe prodigalizava em estado bruto. Precisava já ir pensando no próximo ciclo de estações. Entretanto, no princípio da primavera, quando a terra estava apenas acordando do longo inverno, as suas ofertas se mostravam ainda muito minguadas. Alguns legumes frescos ajudavam a melhorar um pouco a alimentação do inverno, quase exclusivamente à base de alimentos desidratados. Mas por enquanto raízes, brotos e tubérculos ainda não tinham brotado da terra. E com isso ela aproveitava para andar a cavalo tanto quanto podia. Quase sempre deste manhã até o anoitecer.

No princípio, apenas montava numa atitude passiva, indo onde o cavalo a levasse - Não pensava em conduzi-lo. Os sinais que Huiin aprendera se expressavam por gestos que não podia ver com Ayla montada em suas costas. Ayla nunca tentara uma comunicação exclusivamente verbal. Mas o seu pro cesso de comunicação se baseava tanto em gestos específicos como na expressão corporal e, montada no cavalo, ela estava em íntimo contato com o corpo do animal.

Passada a fase inicial, quando tinha o corpo dolorido, Ayla começou a perceber o jogo da musculatura de Huiin que, por sua vez, passou também a sentir o corpo de Ayla em seus estados de tensão e relaxamento - Cavalo e cavaleira começaram, então, a desenvolver a capacidade de perceber as necessidades e os sentimentos um do outro e procuravam satisfazê-los. Se Ayla quisesse tomar determinada direção, instintivamente inclinava-se para o lado desejado e os seus músculos comunicavam a sua intenção ao cavalo. Dessa for ma, ele passou a mudar de direção ou a variar de velocidade de acordo com a maior ou menor pressão que sentia Ayla imprimindo em seus músculos. E, sempre que ela queria que ele reagisse do mesmo modo, repetia os mesmos estímulos, quase imperceptíveis.

Foi um período de treinamento mútuo, ambas aprendendo uma com a outra e com isso aprofundaram ainda mais a sua relação. Ayla, entretanto, sem que o percebesse, passava a assumir o controle. Os sinais transmitidos entre mulher e cavalo eram tão sutis e a passagem da aceitação passiva à direção ativa feita tão naturalmente que Ayla, no princípio, não reparou, exceto em nível subliminar. As cavalgadas diárias se tornaram num curso de aprendizado intensivo, extremamente concentrado. Com o aprimoramento da relação, as respostas do cavalo ficaram de tal forma afinadas que bastava Ayla pensar onde e em que velocidade desejava ir para que ele respondesse, como se fosse uma extensão do corpo dela. Ayla não podia imaginar que os seus nervos e músculos enviassem sinais à pele de Huiin, dotada de extrema sensibilidade.

Não fora intenção sua educar o animal. Era o resultado de amor e dedicação e também das diferenças inatas entre os dois seres. Huiin era curiosa e inteligente. Podia aprender e tinha uma memória ancestral, mas o seu cérebro era menos desenvolvido e

organizado diferentemente. Os cavalos são animais gregários, em geral, vivendo em manadas, com necessidade de afeto e da companhia de seu semelhante, O sentido do tato tomou-se particularmente desenvolvido e foi uma peça importante daquela íntima relação. O instinto da égua, entretanto, dizia-lhe para seguir as instruções, para ir aonde era leva da. Nas ocasiões de pânico, até mesmo os chefes fogem em debandada com as suas manadas.

No caso da mulher, as ações tinham propósito. Elas eram comandadas por um cérebro no qual a previsão e a análise estavam interagindo com o conhecimento e a experiência. A sua posição vulnerável mantinha apurados os seus reflexos de sobrevivência e forçava uma constante vigilância do ambiente que havia precipitado o período de aprendizado. A visão de uma lebre ou de um hamster gigante a levava imediatamente a pegar na funda e a querer sair à caça do animal, mesmo se em cima do cavalo. Huiin rapidamente interpretava-lhe os desejos nesse sentido e o primeiro passo que deu para atendê-la acabou por levar Ayla a ter o firme controle da égua, embora tudo se desse a nível in consciente, Só quando matou um hamster gigante é que se deu conta do fato.

Foi ainda no início da primavera. Inadvertidamente haviam espantado o bicho, mas Ayla no momento em que viu o hamster correr jogou o corpo para a frente, levando Huiin a persegui-lo, enquanto ela apanhava a funda. Ao chegarem perto, Ayla mudou de posição, como pensamento de apear, e o cavalo estancou ainda a tempo dela saltar e atirar a pedra.

“Vai ser bom comer carne fresca essa noite”, pensou, enquanto voltava para montar o cavalo.

“Devia estar caçando mais, mas é tão divertido montar Huiin..

“Ora... mas eu estava montada em Huiin! Foi Huiin quem saiu atrás do hamster. E parou justamente quando eu quis!” Os seus pensamentos voltaram para o dia em que pela primeira vez montou o cavalo e que envolvera nos seus braços o pescoço da potranca. Huiin se havia distanciado para uma moita de capim novo e tenro.

- Huiin - chamou Ayla.

O cavalo levantou as orelhas e a cabeça, pondo-se na expectativa.

Ayla estava pasma. Não sabia explicar. A idéia de montar um cavalo já era assombrosa, mas que o cavalo fosse para onde ela pretendesse era muito mais difícil de entender do que fora para os dois o processo de aprendizado.

O cavalo aproximou-se.

- Oh, Huiin... - falou Ayla. A sua voz foi interrompida por um soluço. Abraçou-se com o pescoço do cavalo sem entender a razão por que chorava.

Huiin bufava pelas narinas e inclinou a cabeça, apoiando-a sobre o ombro de Ayla.

Quando ela foi montar outra vez se sentia desajeitada. O hamster parecia atrapalhar-lhe os movimentos. Procurou, então, uma pedra para subir. Há muito que não se valia mais desse recurso e parou um instante para pensar. Lembrou-se de que até agora sempre pulara e passara a perna por cima do cavalo, montando com a maior facilidade. Depois de alguma confusão inicial, Huiin começou a andar de volta à caverna. No entanto, tentando agora conscientemente governar a potranca, os seus comandos inconscientes perderam um pouco da antiga firmeza. E o mesmo se dava com as respostas de Huiin.

Ela só voltou novamente a confiar em seus reflexos quando descobriu que Ruim lhe respondia melhor se estivesse com o corpo relaxado, mas então já enviando comandos intencionais. À medida que a estação

avançava, Ayla foi caçando cada vez mais. No princípio, parava o cavalo e descia para manejar a funda, mas não custou muito para que tentasse atirar montada. O fato de errar o tiro foi uma razão para voltar a treinar. Era um novo desafio a vencer. Ela aprendera o manejo da arma sozinha, treinando por ponta própria. Foi um jogo que se propusera na época. Não tinha ninguém a quem pudesse recorrer. Não lhe era permitido caçar. Mas aconteceu então que um lince a apanhou desarmada, depois de haver perdido o tiro. Esse fato a levou a pensar na técnica do tiro duplo que passou a treinar até ter o completo domínio do arremesso simultâneo de duas pedras.

Achava distante o tempo em que tivera necessidade de treinar com a sua funda, e agora novamente a arma se tomara um desafio divertido, mas nem por isso menos sério. No entanto, era uma atiradora tão exímia que em pouco tempo estava arremessando tão bem em cima do cavalo como quando estava em terra sobre os seus pés. No início, apesar da facilidade com que chegava perto de um bichinho ligeiro como a lebre, não afinou - e nem podia - com todo o alcance dos possíveis benefícios e vantagens de que passara a dispor.

Ainda levava para casa os animais que matava como sempre o fizera: numa cesta amarrada às costas. Mas daí a montar com a presa diante dela, atravessada no lombo de Huiin, foi um pulo. Imaginar um cesto apropriado para ser levado por Huiin, preso em seu lombo, foi o passo seguinte e uma decorrência lógica. Custou um pouco mais a idéia dos dois cestos, seguros por uma correia grossa de couro, amarrada ao redor do corpo do animal. Com a adição da segunda cesta, entretanto, ela começou a perceber algumas das vantagens que poderia tirar da força de sua amiga de quatro patas. Pela primeira vez pôde levar à caverna um peso maior do que agüentava carregar.

Uma vez percebido o que poderia realizar com a ajuda do cavalo, os seus métodos mudaram e também mudou o padrão de sua vida. Passava mais tempo fora, explorava novos campos e regressava com um volume muito maior: tanto de vegetais que colhia, como de carne dos animais que matava. Então passava alguns dias na caverna, cuidando do que lhe rendiam as saídas.

Quando viu os morangos silvestres começando a amadurecer, deu busca numa vasta área para trazer tantos quanto achasse, Os maduros eram raros no princípio da estação e nasciam muito espaçados. Ao regressar, começava a escurecer. Ela tinha bons olhos para distinguir os pontos de referência na paisagem, mas antes de chegar ao vaie já estava escuro demais para enxergar. Re solveu, então, confiar nos instintos de Huiin para guiá-la de volta e, daí por diante, este trabalho quase sempre ficou por conta da potranca.

Em todo o caso, por precaução, passou a levar em suas saídas uma pele para se abrigar. Certa noite, resolver dormir fora, em pleno campo aberto. Já estava tarde demais e achava que fosse gostar de novamente voltar a dormir sob um céu estrelado. Acendeu uma fogueira, mais para espantar os animais notívagos, pois ela se sentia aquecida, aninhada em sua pele, ao lado de Huiin. Não havia animal nas estepes que não temesse o cheiro de fumaça. O fogo nas planícies, às vezes incontrolável, durava dias, afugentando ou assando qualquer coisa por onde ia alastrando-se.

Depois da primeira vez, as outras ficaram mais fáceis e ela costumava passar uma ou duas noites longes da caverna, aproveitando para explorar a região a leste do vale.

Ela não queria admitir, mas na realidade procurava pelos Outros. Ao mesmo tempo que acalentava esperança de encontrá-los, tinha também medo de que isso acontecesse. Num certo sentido, era uma maneira

de adiar a decisão de abandonar o vale. Sabia que se fosse empreender a busca, teria de já estar pensando nos preparativos para a viagem, e o vale se transformara em sua casa. Ela não queria ir embora e Huiin continuava sendo uma preocupação. Não sabia o que esses desconhecidos Outros poderiam fazer com a potranca. Se houvesse alguma população vivendo nas vizinhanças do vaie, a cavalo poderia observar as pessoas e aprender um pouco sobre elas, antes que a sua presença fosse notada.

Os Outros eram o seu povo, mas ela não se lembrava de nada do que lhe acontecera antes de sua vinda para o clã. Sabia que fora encontrada completamente inconsciente na beirada de um rio, faminta e ferida por um leão da caverna. Estava à morte quando Iza a apanhou e a levou junto com a sua gente que, então, procurava uma nova caverna para habitar. Mas sempre que tentava lembrar-se de alguma coisa anterior à sua vida no clã, era dominada por um medo indefinido que sobrevinha com náuseas e uma angustiante sensação de ter a terra tremendo sob os seus pés.

O terremoto que deixou sozinha uma menina de cinco anos num mundo deserto, à mercê de seu destino e entregue à compaixão de pessoas inteira mente diferentes dela, fora um golpe doloroso demais para a sua mente infantil. Ela perdeu por completo a memória, esquecendo-se de tudo que se referia ao acontecimento e às pessoas que haviam feito parte de sua vida. A sua idéia delas era igual à de todo mundo nos clãs: aqueles que designavam como “Outros”.

Tal como a primavera indecisa com as suas rápidas mudanças, ora mostrando-se chuvosa, ora quente e ensolarada, os desejos de Ayla também passavam de um extremo a outro. Os seus dias, de certa forma, transcorriam bem. A solidão não era uma coisa nova em

sua vida. De pequena, freqüentemente saía para as matas perto da caverna para colher as plantas de Iza e, depois já um pouco mais velha, para fazer as suas caçadas. Assim, pela manhã e pela tarde, quando estava ocupada e ativa, a única coisa que queria era ficar sossegada em seu vale, na companhia de Huiin. De noite, porém, dentro da peque na caverna, apenas com uma fogueira e um cavalo por companhia, ela ansiava por ter alguém junto que a ajudasse a não se sentir tão sozinha. Estava sendo mais difícil de suportar a sua solidão na quente primavera do que no inverno, apesar de todos os seus dias longos e gelados. O pensamento não saía da vida no clã e das pessoas que amava e os seus braços ansiavam por envolver o filho. Todas as noites resolvia que no dia seguinte começaria os preparativos para a viagem, mas chegando de manhã os adiava e ia com Huiin para as planícies do leste. De tanto esquadrinhar a região acabou conhecendo bem não só o território como a vida que habitava a vasta pradaria. Os animais de pastagem haviam começado a emigrar, dando-lhe novamente a idéia de caçar um deles.

À medida que o pensamento ia tomando forma, foi esquecendo-se um pouco de sua solitária existência.

Via cavalos, mas nunca mais algum deles voltara ao vale. De qualquer maneira, não tinha intenção de caçá-los. Tinha de ser outro animal. Embora não soubesse como poderia usá-las, passou a levar as lanças em suas saídas. Os compridos paus eram incômodos de carregar, mas ela acabou descobrindo um modo. Cada um ia amarrado a uma das cestas levadas por Huiin.

Foi somente quando ela reparou num bando de renas fêmeas que a sua idéia começou a concretizar-se. Quando era menina, no tempo em que estava aprendendo a caçar ás escondidas, sempre achava desculpa para trabalhar per to dos homens quando estes estavam trocando idéias sobre problemas e técnicas de

caçadas, por sinal o assunto favorito de suas conversas. Nesta época, estava interessada na caça com funda - a sua arma - mas de modo geral tudo que dizia respeito a caçadas a deixava curiosa. À primeira vista, achou que fosse uma manada de veados de chifres curtos. No entanto, reparando nos filhotes, lembrou-se de que dentre todas as variedades de cervos, somente as renas fêmeas possuíam chifres, O fato desencadeou uma série de lembranças, inclusive a do gosto da carne de rena.

Lembrou-se, então, que os homens haviam dito que as renas quando emigravam para o norte na primavera seguiam sempre o mesmo trajeto, como se fossem por um caminho que só elas conheciam e que andavam em grupos separados. A emigração começava, primeiro, pelas fêmeas e os filhotes, depois vinha a dos machos ainda não-adultos e, por fim, mais tarde na primavera, é que passavam os velhos machos em pequenos grupos.

Ayla ia num trote lento atrás da manada de renas com os seus filhotes. Os enxames de moscas e mosquitos que gostavam de aninhar-se nas peles dos cervídeos - principalmente nas zonas dos olhos e orelhas, estimulando-os ainda mais a procurar climas frios, onde os insetos não são tão abundantes - estavam começando a aparecer. Ayla, distraída, espantava com a mão alguns dos mosquitos zunindo ao redor de sua cabeça. Quando saiu pela manhã, uma neblina fina ainda colava-se às depressões e cavidades do terreno. O sol, no entanto, chegara para levantar o vapor dos bolsões, pondo uma umidade no ar, rara nas estepes. As renas estavam acostumadas à companhia de outros ungulados e ignoravam a presença de Huiin e Ayla, desde que as duas se mantivessem a uma certa distância.

Enquanto observava os animais, Ayla pensava em um meio para caçá-los. “Se, de fato, os machos seguem as fêmeas, logo estarão vindo pelo mesmo caminho.

Talvez consiga caçar um deles, um que seja ainda novo. Bom, eu sei o caminho por onde vão vir, só que isso de nada me vai adiantar se não conseguir chegar perto o suficiente para enfiar as lanças. Talvez possa cavar um buraco outra vez. Mas os animais iriam simplesmente contorná-lo e seguir em frente. Além do mais, por aqui não existem muitos arbustos para fazer uma cerca que eles não possam saltar. Talvez eu possa botá-los para correr e um caia dentro. Mas, ainda que consiga isto, como é que vou retirá-lo depois? Esquartejar um animal dentro de um buraco lamacento é o que eu não quero nunca mais. E vou ter de secar a carne aqui mesmo, a não ser que consiga levá-la para a caverna."

Ela seguiu a manada o dia inteiro, até que as nuvens se tomaram rosadas num céu minto azul. Só parava o tempo necessário para comer e descansar. Nunca havia chegado tão ao norte e a região lhe era inteiramente desconhecida. Havia visto ao longe uma linha de vegetação. À medida que o céu se foi tornando rubro, as águas mais adiante de uma densa massa de arbustos passaram a refletir a sua cor. As renas se puseram em fila para passar pelas estreitas aberturas do matagal e chegar até o riacho. Antes de atravessá-lo se alinharam ao longo da margem para beberem um gole de água.

O crepúsculo acinzentava o verde das folhagens, enquanto o céu ardia em brasa, como se a noite roubasse a cor da terra para devolvê-la no dia seguinte em tons ainda mais brilhantes. Ayla desconfiava de que aquele rio fosse o mesmo que já por diversas vezes havia cruzado. Nem sempre os córregos, canais e riachos contribuíam para a formação de uma grande massa de água. Freqüentemente o mesmo curso era cruzado várias vezes, enquanto serpenteava pelas planícies para voltar a se encontrar após fazer muitos meandros e se dividir em canais. Se os seus cálculos estivessem certos,

ela poderia chegar ao vale, pela outra margem, sem precisar atravessar nenhum curso de água maior.

As renas puseram-se a pastar, mas parecendo que se preparavam para passar a noite na margem oposta. Ela decidiu fazer o mesmo. O caminho de volta era longo e teria de cruzar o rio em algum ponto. A noite se aproximava e não queria correr o risco de ficar molhada e com frio. Escorregou do lombo do cavalo, retirou as cestas e deixou Huiin solta, enquanto preparava o acampamento. Galhos secos e lenhas trazidos pelas enchentes logo estavam ardendo em brasa, acesos com pedra-de-fogo e sílex. Amendoins torrados dentro de folhas e um hamster recheado de legumes foi a sua refeição. Depois de ter comido e a barraca estar armada, assoviou chamando Huiin para ficar perto. Enrolou-se na sua pele de dormir e se meteu dentro da barraca, deixando a cabeça do lado de fora da abertura de entrada.

As nuvens tinham se acumulado no horizonte. Em cima, as estrelas eram tantas que davam a impressão de uma luz intensíssima, filtrada através de uma infinidade de ranhuras na barreira noturna. Creb dizia que as estrelas são fogueiras no céu, as moradias no mundo dos espíritos, onde também vivem os espíritos dos totens. Os seus olhos ficaram vasculhando o firmamento até encontrar a formação que buscavam. “Ah, lá está. A morada de Ursus e também a do meu totem, o Leão da Caverna. É estranho que mudem constantemente de lugar no céu e o desenho que formem continue sempre o mesmo. Gostaria de saber se os espíritos também saem para caçar e depois voltam para as suas cavernas.”

“Mas o que estou precisando mesmo é apanhar uma rena. E tenho de descobrir uma maneira de fazer isso o quanto antes. Logo os machos estarão chegando. Eles vão também atravessar o rio nesse ponto.”

Nisso, Huiin sentiu o cheiro de um animal carnívoro e veio para mais perto da fogueira.

- Há alguma coisa por ali, Huiin? - perguntou Ayla por meio de sons e gestos. As suas palavras eram inventadas, nunca tinham feito parte da língua dos das. Ela podia relinchar tal como Huiin, latir como as raposas e uivar como os lobos.E agora, rapidamente, aprendia a assoviar como os passarinhos. Muitos desses sons haviam sido incorporados à sua língua particular. Pratica mente já se esquecera de que não era de bom-tom emitir sons desnecessários. A facilidade de vocalizar, própria de sua espécie, começava a impor-se.

O cavalo veio ficar entre Ayla e a fogueira, querendo a segurança das duas coisas.

- Sai daí, Huiin. Você está tapando o calor.

Ela levantou-se para botar mais lenha na fogueira e abraçou o pescoço de Huiin, sentindo a inquietação do anima!. “É melhor eu ficar acordada e manter esse fogo aceso”, pensou.

- Seja o que estiver por aí, minha amiga, vai achar mais interessante uma rena do que você, perto do fogo. Por isso, é bom que a gente tenha por enquanto uma boa fogueira acesa.

Ela ficou agachada perto do fogo, olhando as chamas. De vez em quando, remexia na lenha soltando um mundo de faíscas que sumiam na escuridão. Alguns sons vindos da outra margem lhe disseram que uma ou duas re nas haviam sido apanhadas, provavelmente por um felino. Os seus pensa mentos voltaram-se para a rena que ela própria tinha de apanhar. De repente, ao empurrar Huiin para o lado a fim de pegar mais lenha, lhe surgiu uma idéia. Mais tarde, quando a potranca já estava mais calma, ela voltou para a sua pele de dormir. A sua cabeça estava um turbilhão. A idéia expandia-se, aparecendo-lhe com inúmeras possibilidades cada vez mais interessantes. Quando, por fim, adormeceu, já

tinha um plano básico formado na cabeça e fundamenta do num conceito tão incrível que ela própria sorria de sua audácia.

Pela manhã, ao cruzar o rio, a manada, diminuída de uma ou duas re nas, já havia partido, mas Ayla não precisava mais segui-la. Ela disparou num galope de volta ao vale. Tinha muito que fazer, se quisesse estar com tudo pronto a tempo.

- Pronto, Huiin. Vê? Não é tão pesado assim - dizia Ayla, encorajando. O cavalo que ela pacientemente conduzia tinha ao redor do peito e do lombo uma série de correias e cordas amarradas a um tronco que ele arrastava. No início, Ayla tinha posto a correia que agüentava o peso atravessada na testa de Huiin, tal como a tira de couro que às vezes ela própria usava para carregar nas costas volumes mais pesados. Mas logo viu que o cavalo precisava de ter livres os movimentos da cabeça e que puxaria melhor se as correias fossem passadas ao redor do peito e dos ombros. A potranca das estepes, contudo, não estava acostumada a arrastar pesos e os arreios lhe inibiam os movimentos. Ayla, no entanto, estava firmemente decidida. Essa seria a única maneira de pôr o seu plano para funcionar.

A idéia lhe ocorrera quando estava colocando lenha na fogueira. Ela, então, afastando Huiin de seu caminho para pegara madeira, olhou ternamente para aquele cavalo tão grande que, apesar de toda a sua força, a procurava para protegê-lo. “Ah, se eu pudesse ser forte como Huiin, pensou, de repente iluminando-se. A solução tão procurada parecia estar ali. “Talvez um cavalo possa puxar uma rena para fora de um buraco.”

Depois, pensando no modo como poderia preparar a carne para conservá-la, a idéia foi naturalmente desenvolvendo-se. Se ela fosse esquartejar o animal nas estepes, o cheiro de sangue era inevitável e atrairia as feras, inclusive algumas que ela nem conhecia. Talvez

não fosse um leão da caverna que ouvira atacando as renas, mas um outro felino: tigre, pantera, leopardo... Eram animais que podiam não ser do tamanho dos leões, mas por outro lado não eram bichos que se matasse com funda. Até um lince ainda ia, mas felinos de grande porte era coisa bem diferente, sobretudo em campo aberto. Perto da caverna, entretanto, protegida por uma parede nas costas, seria possível botá-los para fugir. Uma pedra voando com força talvez não fosse fatal, mas dava para machucar. Se Huiin tinha possibilidade de arrastar uma rena para fora de um buraco, por que não também até o vale?

Mas para isso teria antes de transformar Huiin num cavalo de tração.Havia achado que a única coisa que precisaria fazer era atar a rena a Huiin com cordas e correias. Não lhe ocorreu que a potranca pudesse não aceitar.Aprender a montar fora um processo tão inconsciente que ela ignorava ser necessário treinar Huiin para puxar uma carga. Mas, tão logo botou os arreios, percebeu. Após algumas experiências que a levaram à total reformulação da idéia inicial e feitas as adaptações necessárias, o cavalo começou a aceitar a idéia e ela achou que a coisa poderia funcionar.

Quando viu a potranca puxando o tronco, Ayla lembrou-se do clã. “Se já me achariam esquisita por viver com um cavalo, imagine então se os homens me vissem agora. Só que eles eram muitos e tinham as mulheres para preparar a carne e carregá-la para a caverna. Nenhum homem tentou fazer isso sozinho.”

Espontaneamente, ela deu um abraço em Huiin, apertando a sua testa contra o pescoço da potranca.

- Você é uma sorte na minha vida, Huiin. Não sei o que faria sem você. E se os Outros forem iguais a Broud? Nunca deixarei que ninguém lhe faça mal. Gostaria de saber o que fazer da minha vida.

As lágrimas subiram aos olhos, depois as enxugou e desatou os arreios.

- Bom, nesse instante eu sei. O que tenho a fazer é não deixar escapar a manada dos machos que deve estar vindo por aí.

A manada das fêmeas estava com uma vantagem de apenas poucos dias sobre a dos machos. Eles caminhavam a passos vagarosos. Logo que os avistou, não foi difícil para Ayla observar-lhes os movimentos e saber que, de fato, seguiam pela mesma trilha. Deu perfeitamente tempo para ela apanhar os seus apetrechos e galopar, passando-lhes à frente. Ela acampou perto do rio, um pouco mais abaixo do ponto onde as fêmeas o haviam cruzado, e se dirigiu para o lugar da travessia carregando o pau de cavar, o osso do ilíaco que lhe servia de pá, e um pano de couro para arrastar a terra.

Havia duas trilhas mais marcadas e duas outras menos pisadas. Todas passando pela moita de arbustos. Ela escolheu uma das trilhas maiores para cavar a sua armadilha, suficientemente perto do rio, de modo a surpreender as renas caminhando em fila única e, ao mesmo tempo, longe bastante para que o buraco não se enchesse de água antes de estar terminado. Quando acabou de cavar, o sol se aproximava do horizonte. Ela assoviou chamando Huiin e foi ver a que distância se achava a manada. Calculava que no dia seguinte estaria chegando na beirada do rio.

Ao voltar para o rio, a luz era pouca, mas mesmo assim a fenda aberta no terreno estava demasiadamente visível. “Nenhum animal vai cair nesse buraco. Facilmente vai vê-lo e passar ao redor”, pensou desanimada. “Bom, de qualquer modo está muito tarde para fazer alguma coisa. Amanhã verei o que posso arranjar.”

Mas o amanhã chegou sem que nenhuma idéia brilhante lhe ocorresse. O céu à noite ficara encoberto. Ela acordou com pingos de água batendo-lhe no rosto. O dia amanhecia trazendo uma luz difusa e triste. Na noite anterior não armara o velho couro na forma de barraca, já que o céu estava claro quando fora dormir, e agora ele se achava úmido e enlameado. Ela o estendera para enxugar, mas no momento ainda estava mais úmido ainda. As gotas que a tinham acordado foram apenas as primeiras de muitas. Ela se enrolou na pele de dormir e, depois de remexer inutilmente em suas cestas, viu que se esquecera de trazer o capuz de carcaju. Puxou, então, uma ponta da pele para cima da cabeça e se enroscou junto do que restava de uma fogueira.

Um relâmpago cortou a planície iluminando a terra até o horizonte. Momentos depois, vindo de longe, ouviu-se um rugido de advertência. Foi como um sinal para que as nuvens se despencassem num novo dilúvio. Ayla apanhou o couro molhado e o enrolou ao redor de seu corpo.

Gradualmente, a luz do dia foi deixando entrever a paisagem, tirando das sombras as fendas da terra. As estepes desabrochavam numa palidez cinzenta, como se as nuvens que se despencavam sobre elas desbotassem as suas cores. Até o céu se mostrava num tom indefinido: nem azul, nem cinza, nem branco.

A água começou a empoçar, quando a fina camada de terra permeável por cima do nível de permafrost ficou saturada. No entanto, a terra congela da embaixo era tão dura quanto as montanhas geladas ao norte. No verão, quando o calor penetrava no solo um pouco mais profundamente, o nível congelado abaixava, mas a camada de permafrost permanecia impenetrável. Não havia drenagem. Sob certas condições, a terra saturada transformava-se em traiçoeiros pântanos de areia movediça, capazes de tragar um gigantesco mamute. Se

tal ocorresse nas proximidades de uma geleira, de deslocamento imprevisível, esse mamute poderia conservar-se congelado lá por todo um milênio.

De um céu cor de chumbo eram despejados pingos imensos que caíam numa poça negra que fora antes uma fogueira. Ayla observava as gotas caírem, criando crateras que se estendiam em anéis de lama. Naquele momento tudo o que queria era estar em sua boa e confortável caverna. Um frio que chegava aos ossos atravessava os seus calçados encharcados, mesmo estes tendo sido impermeabilizados com gordura e estando forrados com capim. Todo aquele pantanal de terra empapada esfriava o seu entusiasmo pela caçada.

Ela se dirigia a uma área onde o terreno se mostrava mais elevado, quando as poças começaram a extravasar, abrindo canaletas de água lamacenta que corria na direção do rio, carregando galhos, paus, capim e folhas velhas. “Por que simplesmente não vou embora daqui?”, perguntava-se, enquanto subia a ladeira, carregando as suas cestas para o alto.Ela levantou-lhe as tampas, espiando dentro. À chuva corria pelo trançado de folhas de taboa, mas o conteúdo no interior estava seco. “Não vai adiantar. Devia deixar Huiin carregar isso e ir embora de uma vez. Nunca vou conseguir pegar uma rena. Nenhuma vai cair no buraco, só porque eu desejo. Talvez possa apanhar um velho macho retardatário. Mas a carne é horrível de dura e o couro sempre já está muito estragado.”

Soltando um suspiro, enrolou-se mais apertada no manto de pele e no velho couro da barraca. “Mas não é possível! Há tanto tempo que estou planejando e trabalhando para essa caçada, que não vou permitir que uma chuvazinha boba estrague tudo. Talvez não pegue a rena, mas afinal essa não será a primeira vez que um caçador volta de mãos abanando. E se não tentar, aí mesmo é que nunca vou conseguir nada.”

Ela subiu numa formação rochosa quando as corredeiras ameaçaram minar a pequena elevação onde se achava. Com os olhos semicerrados, tentava enxergar através da chuva, procurando ver algum sinal de melhoria do tempo. Nenhuma árvore, nenhum bloco grande de pedra para abrigá-la naquele chapadão descampado. Ao seu lado, em meio ao aguaceiro, Huiin, com a crina pingando, também esperava pacientemente a chuva passar. A esperança era a de que as renas também estivessem esperando. Ela ainda não tinha tudo pronto. Quando a manhã ia pela metade, a sua disposição começou novamente a fraquejar, mas então não tinha vontade de se arredar do lugar.

Por volta do meio do dia, as nuvens, com a habitual imprevisibilidade da primavera, começaram a abrir-se e rajadas de vento se incumbiram de espalhá-las. Em pouco tempo, já não se via nenhum sinal delas no céu e as cores primaveris luziam numa cintilação úmida e fresca sob a luz de um glorioso sol. A terra, revigorada, soltava seus vapores, devolvendo a umidade à atmosfera que os ventos secos sugavam com avidez, como se soubessem que as geleiras iriam confiscar-lhes uma parte.

Se não a confiança, pelo menos a disposição voltou. Ela sacudiu o pesado couro de auroque e o dependurou num arbusto alto, esperando que desta vez ele secasse um pouco. Os pés estavam úmidos, mas não molhados. Ela re solveu não fazer caso. Aliás, tudo estava úmido. Dirigiu-se então para o lugar onde as renas iriam cruzar o rio. Mas o coração dela foi lá embaixo quando não viu o seu buraco. Olhando mais de perto, viu uma poça transbordando de lama e atolada com folhas, galhos e entulhos.

Cheia de determinação, foi buscar a cesta para esvaziar o buraco. No seu caminho de volta, tinha de olhar com muita atenção para poder ver de longe o lugar

onde se achava a armadilha. De repente, sorriu. “Se para mim é difícil ver o buraco no meio de toda essa galharia e emaranhado de folhas, uma rena durante a corrida talvez não possa enxergá-lo também. Mas a água eu não posso deixar dentro... Deve haver uma outra maneira...

“...Galhos de salgueiro são bastante compridos, dariam para ser atravessados por cima do buraco. Ora, por que eu não poderia fazer uma cobertura com varas de salgueiro e folhas? Teria de ser pouco resistente para se partir com o peso da rena e ao mesmo tempo bastante forte para agüentar a carga de galhos e folhas.” Subitamente, ela deu uma risada alta. O cavalo relinchou respondendo e se aproximou.

- Oh, Huiin! Talvez essa chuva não tenha sido de todo má.Ela começou a esvaziar o buraco, sem se incomodar de estar fazendo um serviço sujo e nojento. A cova não era multo profunda, mas cavando, percebeu que o nível da água ficara mais alto. Só estava conseguindo enchê-lo ainda mais. Ao olhar para o rio, agitado e lamacento, reparou que também ele estava mais cheio. Embora não o soubesse, a chuva quente havia amolecido algo da camada subterrânea gelada que formava a base rochosa subjacente à superfície.

Camuflar o buraco também não foi tão fácil como imaginara. Teve de andar boa distância, batendo o terreno atrás de galhos de um salgueiro atarracado para conseguir ajuntar alguns caniços.

A larga camuflagem trançada afundou no meio quando ela foi colocá-la, obrigando-a a estaqueá-la ao redor do buraco. Depois de ter espalhado as folhas e ramas, pareceu-lhe que ainda continuava bastante visível. Não estava muito satisfeita, mas contava com que fosse dar certo.

Coberta de lama, voltou a caminhar rio abaixo, olhando ansiosa para o curso d'água. Assoviou para

Huiin. As renas estavam mais longe do que tinha pensado. Se o terreno estivesse seco, estariam correndo para chegar rápida mente ao rio, mas com tanta água empoçada e canaletas abertas, não tinham pressa, podiam beber no momento em que quisessem. Ela estava certa de que só chegariam no costumeiro lugar de cruzar o rio na manhã seguinte.

Voltou para seu acampamento e tirou com prazer a roupa e os calça dos para se meter dentro do rio. Estava frio, mas ela não se importou. Acostumara-se. Lavou-se da lama, depois estendeu a roupa e os calçados sobre uma pedra. De tanto ficar fechados dentro do couro molhado, os pés estavam brancos e enrugados. Até a calosidade nas solas havia amolecido. Dava graças por existir aquele bloco de pedra ali. Estava quente do sol e era um lugar seco onde podia acender uma fogueira.

As ramas mortas na parte inferior dos pinheiros em geral se conservavam secas, mesmo sob forte aguaceiro, e o pinheiro, perto do rio, apesar da altura de um arbusto, não era exceção. Em instantes, com a ajuda das acenda lhas que sempre carregava e de suas pedras de fazer fogo, tinha uma pequena fogueira ardendo. Inicialmente, alimentou o fogo apenas com gravetos e pequenas lascas de madeira, até que desse para usar a lenha maior - de combustão mais lenta - que armou de uma forma cônica. Ela conseguia acender o fogo e conservá-lo vivo, mesmo sob chuva, desde que não fosse muito forte. Era apenas uma questão de dar partida e fazer com que o fogo estivesse bem pegado para então usar toras grandes que queimavam à medida que iam secando.

Ela deu um suspiro de felicidade ao sorver o primeiro gole de chá quente, depois de haver comido os seus bolos de viagem. Os bolos eram nutritivos e matavam a fome, além de práticos para serem levados em viagem, mas o chá quente era muito mais

gratificante. O couro ainda estava molhado, mas ela armou assim mesmo a barraca, perto da fogueira para que ele se secasse enquanto dormisse. No céu, as nuvens a oeste tapavam as estrelas. A sua esperança era a de que não fosse chover outra vez. Depois de dar umas palmadinhas carinhosas em Huiin, meteu-se debaixo da pele, enrolando-a no corpo.

Estava escuro. Ayla, completamente imóvel, tinha os ouvidos alertas. Huiin se remexeu relinchando baixinho, e ela ergueu um pouco o corpo para olhar à sua volta. Uma luz fraca começava a surgir no oriente. Então ouviu um som que lhe eriçou os pêlos na nuca, compreendendo o que a fizera acordar. Poucas vezes o havia ouvido, mas sabia que o rugido vindo da margem oposta era o de um leão da caverna. Huiin relinchou nervosa e Ayla levantou-se.

- Está tudo bem, Huiin. É um leão, mas ele está longe - ela pôs mais lenha na fogueira. - Deve ter sido o rugido de um leão da caverna que ouvi mos quando acampamos aqui há uns tempos atrás. Parece que vivem no outro lado do rio. E certamente vão apanhai uma rena também. Dou graças por ser de dia quando formos atravessar o território deles e espero que estejam bem cheios com a rena enquanto estivermos passando por lá. Bom, vou fazer um chá. -, depois, teremos que nos aprontar.

A luz no céu já começava a ficar rosada quando ela terminou de arrumar as cestas e foi amarrar os arreios em Huiin. As lanças, atou-as firme mente nos suportes dentro das duas cestas e montou, sentando na frente destas, com um pau de cada lado, apontando as suas afiadas cabeças para o ar.

Partiu, então, ao encontro das renas, mas dando uma volta grande de modo a se colocar por trás da manada. Só depois que a avistou é que inter rompeu o

galope de Huiin, pondo-se numa marcha mais lenta. A potranca pegou facilmente o passo da manada. Observando as renas de cima do cavalo, Ayla notou que o chefe delas, nas proximidades do rio, pôs-se a andar mais devagar, farejando de longe a estranheza daquela lama e folhas cobrindo a armadilha. Ela sentia que um nervosismo de alerta corria entre os animais.

Quando a primeira rena, usando a trilha alternativa, perfurou a compacta barreira de arbustos para chegar ao rio, Ayla resolveu que chegara o mo mento de agir. Respirou fundo e, soltando um berro alto, inclinou o corpo para a frente, ordenando a Huiin que disparasse na direção da manada.

As renas que iam atrás saltaram, passando adiante das que estavam à frente, empurrando-as para o lado. Apavoradas, todas queriam pular à frente, fugindo do assalto daquele cavalo com uma mulher aos berros em seu lombo. No entanto, pareciam evitar a trilha que conduzia à armadilha. Ayla, com o coração nas mãos, via os animais contornar, pular por cima ou arrumar um jeito de se esquivar do buraco.

Então reparou um tumulto acontecendo em meio à confusão da corrida, achando ter visto unia das galhadas afundando-se, enquanto as outras se agitavam, formando um redemoinho ao redor de um espaço vazio. Às pressas, arrancou as lanças dos suportes nas cestas, apeou do cavalo e se pôs a correr. Uma rena, com olhar desesperado, estava atolada no lamaçal do buraco, tentando sair. Desta vez, a pontaria foi certeira. A pesada lança cravou no pescoço, rompendo uma artéria. O belo animal tombou no fundo do buraco, deixando de lutar.

Estava terminado. Tudo acabado. Muito mais rapidamente e fácil do que ela tinha imaginado. Respirava ofegante, mas não de cansaço. Tantas energias foram gastas no planejamento - as

preocupações, o nervosismo, o esforço de pensar - que a caçada em si, de tão fácil execução, não deu para extenuá-la. Ayla estava ainda tensa, mas não tinha como expandir as suas emoções e nem alguém com quem comemorar.

- Huiin! Conseguimos, conseguimos!

Os gestos e os gritos espantavam o animal. Ela saltou sobre ele, disparando numa esfuziante galopada pelas planícies. As tranças voavam às suas costas, os olhos ardiam febris, e um sorriso alucinado sombreava-lhe o rosto. Era uma mulher selvagem. Mais impressionante ainda tornava-se - se lá houvesse alguém para impressionar-se - montada num animal selvagem cujo olhar esgazeado e orelhas para trás davam-lhe, embora de natureza algo diferente, uma expressão francamente frenética.

Ela voltou fazendo uma curva muito aberta e parou o cavalo uru pouco antes para fazer a pé a distância que restava. Desta vez, olhando para a rena morta dentro do buraco lamacento, soltou um profundo suspiro de alívio e tinha boas razões para isso.

Já mais calma, retirou a lança do pescoço do animal e deu um assovio. Huiin mostrava-se desconfiada e, antes de colocar-lhe os arreios, Ayla tentou sossegá-la com carícias e palmadinhas encorajadoras. Sem o cabresto para conduzi-la, era preciso ir com jeito instigando e adulando ao mesmo tempo. Quando por fim Hulin acalmou-se, Ayla atou as cordas do arreio aos chifres da rena.

- Agora puxe, Huiin - dizia, animando. - É igual ao tronco.

O cavalo deu um passo para a frente, mas ao sentir o peso retrocedeu. Então, respondendo a expressões de encorajamento, veio à frente outra vez, inclinando o corpo contra os arreios e esticando as cordas.

Vagarosamente, com Ayla ajudando de todos os modos possíveis, Huiin foi trazendo a rena para fora do buraco.

Ayla exultava. Isso já significava pelo menos não ter de trinchar o animal no fundo de um buraco barrento. Não sabia ao certo até que ponto Huiin estava disposta a colaborar. Contava com que o animal fosse usar a sua força para trazer a rena até o vale. Mas era preciso ir devagar, cada coisa de uma vez. Conduzia a potranca até a beirada do rio e retirou as plantas emaranhadas no chifre da rena. Em seguida, fez nova arrumação nos cestos, de modo a colocar um dentro do outro e os amarrou às costas. A carga era incômoda, principal mente com as duas lanças apontando para cima, mas com a ajuda de um bloco de pedra deu um jeito de montar. Os pés estavam descalços e a capa de pele ia embalada no colo para que não se molhasse. Por fim, tocou Huiin para dentro do rio.

Era uma parte larga e rasa que podia ser atravessada a pé - uma das razões por que instintivamente as renas haviam escolhido aquele trecho para fazer a travessia - mas com a chuva o nível das águas havia subido. Huiin conseguiu firmar o seu passo em meio às correntezas, e a rena logo que entrou na água facilmente flutuou. Passar pelo rio teve uma vantagem que Ayla não pensara. Quando chegou à outra margem a rena estava lavada, limpa da lama e do sangue.

Ao sentir o peso da carga novamente, Ruim por instantes quis emperrar, mas Ayla já havia apeado e a ajudou a rebocar a rena até a praia. A distância era pequena. Ela desatou as cordas. A rena agora já estava um pouquinho mais perto do vale, mas antes de prosseguirem havia alguns serviços a fazer. Com a sua afiada faca de sílex ela fez um talho na garganta da rena, e, em seguida, um corte reto que ia do ânus, passava pela barriga e o peito, e chegava até a garganta.

A faca, ela a segurava pondo o indicador ao longo do lado cego, com a parte afiada voltada para cima e inserida logo abaixo da pele. Se o primeiro corte fosse bem-feito, sem cortar a carne, a retirada da pele depois ficava muito mais fácil.

O corte seguinte já foi mais profundo, era para remover as entranhas. As partes aproveitáveis - estômago, intestinos e bexiga - ela lavou-as e tornou a guardá-las na cavidade abdominal, junto com as outras comíveis.

Uma esteira larga estava enrolada dentro de uma das cestas. Ela a estendeu sobre o chão e, bufando com o esforço, puxou a rena para cima do trançado de fibras. Dobrou-o sobre a carcaça do animal, fazendo um embrulho amarrado com cordas, que atou às outras presas ao arreio de Ruim. Refez, em seguida, as cestas, apertando firmemente as lanças em seus lugares. Sentindo-se satisfeita, tornou a montar no cavalo.

Na terceira vez que apeou para retirar os bolos de capim, pedras e galhos que tinham amontoado na esteira, já não se sentia muito satisfeita. Acabou resolvendo caminhar ao lado de Ruim para animá-la, mas o embrulho da rena ficou engastalhado em alguma coisa e ela foi soltá-lo. Somente quando parou, para vestir os seus calçados é que reparou num bando de hienas perseguindo-a. As primeiras pedradas serviram para mostrar àqueles bichos ardilosos e sanguinolentos o alcance de seus tiros. Que eles tratassem de manter-se a distância.

“Porcaria de animal fedorento”, pensou com um arrepio de nojo, franzindo a cara. Ayla sabia que as hienas também caçavam e bem demais, infelizmente. Ela já matara uma delas com a sua funda. Foi quando dera a conhecer o seu segredo e o clã ficou sabendo que caçava. Na ocasião, Brun não teve outro remédio senão castigá-la, assim exigiam as tradições dos clãs.

As hienas também deixavam Ruim nervosa. E não era por causa do me do instintivo que lhe despertavam os animais carnívoros. Jamais esquecera do bando de hienas que a atacou quando Ayla matou a égua. E, agora, a potranca mostrava-se bastante indócil. Levar a rena até a caverna estava tornando-se um problema bem maior do que Ayla previra. Contava que fossem dar conta do trabalho antes do anoitecer.

Ela parou para descansar num lugar onde o rio, após muitos volteios, tornava a encontrar-se. Todas aquelas paradas e retomadas do caminho eram muito cansativas. Encheu de água o seu odre e uma grande cesta impermeável que levou para Ruim, ainda amarrada à trouxa enlameada que continha a rena. Ela sentou-se sobre uma pedra para comer um bolo de viagem e olhava para o chão sem enxergá-lo. Pensava apenas numa maneira mais fácil de botar a rena no vale. Levou bom tempo até que percebesse certas alterações no terreno. A terra estava pisada, a relva amassada e as pegadas eram frescas. Algum acontecimento convulsionando a ordem das coisas se passara ali e muito recentemente. Ela levantou-se para examinar de perto os rastos e aos poucos as peças foram juntando-se.

Pelas pegadas na lama seca perto do rio concluiu que se achava num território há muito ocupado por leões da caverna. Imaginava que houvesse um pequeno vale nas redondezas, com algum paredão rochoso dotado de uma caverna bem abrigada, onde uma leoa teria parido dois saudáveis leõezinhos no princípio do ano. E aquele era o lugar preferido dos animais descansarem. Os filhotes estariam disputando algum pedaço sangrento de carne, mordiscando pequeninos nacos com os seus dentes de leite, enquanto os machos, saciados, se regalavam ao sol da manhã e as mamães de pêlos lustrosos observavam com indulgência a brincadeira dos filhos.

Os majestosos leões eram senhores absolutos de seus domínios. Nada tinham a temer, nenhuma razão para esperar um ataque de animais que eram suas presas. Em circunstâncias normais, as renas jamais chegariam tão perto de seus caçadores, mas aquele ser humano berrando loucamente em cima de um cavalo as tinha posto em pânico. O rio não foi suficiente para interromper o estouro da manada. Os animais dispararam através das águas e se depararam com uma família de leões. Os dois lados foram tomados de surpresa. As renas quando perceberam que haviam escapado de um perigo para se lançarem a um outro ainda maior se espalharam em todas as direções.

Pelos rastos, Ayla conseguiu reconstituir toda a história. E, agora, ali estava um filhote de leão que, ainda muito novinho e lento, não tinha conseguido pôr-se a salvo do tropel de cascos fugindo em disparada.

Ayla se ajoelhou ao lado do leãozinho e, como boa curandeira, procurou por sinais de vida. O corpo do animal se achava quente e talvez estivesse com algumas costelas quebradas. Estava à morte, mas ainda respirava. Pelas marcas na terra, ela deduzira que a leoa vira o filhote e tentara reanimá-lo. Como não conseguiu, foi embora, seguindo a lei que rege todos os animais (exceção feita para aquele que caminha sobre as suas duas pernas): que morram os fracos, se a vida está destinada para alguns.

Apenas no animal dito humano a sobrevivência está na dependência de algo mais do que na força e capacidade de adaptação. Comparativamente fraco em relação aos seus rivais carnívoros, a sobrevivência do homem necessita da cooperação e solidariedade de seu semelhante.

“Pobre bichinho”, pensou Ayla. “Sua mãe não conseguiu ajudá-lo, não é?” Aquela não era a primeira vez que o seu coração se apiedava de animais feridos e

indefesos. Por um momento, pensou em levar o leãozinho para a caverna, mas rápido descartou a idéia. No tempo em que estava aprendendo o seu ofício de curandeira, Brun e Creb lhe haviam dado licença para tratar de pequenos animais dentro da caverna. Mas Brun não lhe permitira trazer um filhote de lobo e aquele leãozinho já era quase como um lobo adulto. Algum dia teria o tamanho de Huiin.

Ela se levantou e abanou pesarosa a cabeça olhando para o animal moribundo. Encaminhou-se na direção de Huiin, fazendo votos para que o fardo que levava arrastado não fosse encalhar tão cedo. Ao se pôr a caminho, notou que as hienas estavam preparando-se para segui-la. Ela pegou uma pedra, mas ao virar-se viu que o bando tomava outra direção. Era de se esperar. Assim se passava a vida no nicho que a natureza lhes havia reservado. As hienas tinham encontrado o filhote de leão. Ayla, entretanto, quando se tratava desse animal, se tomava completamente irracional.

- Vão embora, suas fedorentas! Deixem o bichinho em paz!

Ela correu de volta, lançando pedras. Pelo ganido de dor de uma, viu que acertara em cheio. As hienas trataram de correr, pondo-se fora do alcance das pedradas, mas Ayla, tomada de raiva, partiu para cima delas.

“Bom, dessa vez vão ficar sabendo do seu lugar”, disse para si mesma, protegendo o filhote, aninhado entre as suas pernas abertas. Um sorriso de descrença passou-lhe pelo rosto. “Mas o que estou fazendo? Por que estou afastando essas hienas de um bichinho que de qualquer modo vai morrer? Além disso, se ele ficasse para as hienas, elas me deixariam em paz.”

“Não posso levar esse leão comigo. Não agüentaria carregá-lo durante todo o caminho. A única coisa que

tenho de fazer é dar com a rena no vale. É ridículo o que estou pensando."

"Será que é? E se lia tivesse me abandonado? Creb disse que eu fui posta no caminho dela pelo espírito de Ursus, ou talvez pelo Leão da Caverna, pois ninguém, a não ser ela, iria parar para me pegar. Iza nunca pôde ver ninguém ferido ou doente sem tentar dar urna ajuda. Foi isso que fez dela uma boa curandeira.

"E eu também sou uma curandeira. Aprendi com lia. Quem sabe se esse filhote de leão não foi posto em meu caminho para que eu o encontrasse? Quando peguei aquele coelhinho, o primeiro animal que levei para a caverna, Iza disse que isso significava que eu tinha jeito para curandeira. Bem, e agora tenho aqui esse bichinho ferido. Não posso simplesmente abandoná-lo a essas feras nojentas.

"Mas como vou conseguir dar com esse bebê na caverna? Uma costela quebrada pode perfurar um pulmão, se eu não tiver cuidado. Ele precisa ser enfaixado para que eu possa removê-lo daqui. A correia que uso para puxar Huiin deve servir. Trouxe algumas comigo."

Ayla assoviou chamando o cavalo. Excepcionalmente, a carga que Huiin arrastava não bateu em nada, mas a potranca estava inquieta. Ela não gostava de estar no território dos leões da caverna. A sua espécie também era presa natural dos leões. Desde a caçada que estava nervosa e as paradas constantes para livrar a sua pesada carga dos obstáculos no caminho só faziam irritá-la ainda mais.

Ayla, no entanto, toda concentrada no filhote de leão, não prestava atenção às necessidades de Huiin. Depois de envolver as costelas do animal ferido, a única maneira que estava vendo de transportá-lo seria no lombo de Huiin.

Mas isso era demais para a potranca. Quando percebeu a intenção de Ayla, ela deu para trás. Tomada de pânico, bufava, empinando-se, querendo a todo custo livrar-se da tralha acorrentada nela. Então, aos pinotes, saiu pelas estepes. A rena, embrulhada na esteira de palha, ia sacolejando com os trancos, até que acabou engastada numa pedra. O freio veio aumentar ainda mais o pânico, provocando um novo surto de frenéticos pinotes.

De repente, as correias se partiram e as cestas se inclinaram, desequilibradas pelas pesadas lanças. De boca aberta, Ayla via, pasma, o cavalo inteira mente possesso disparar numa carreira furiosa. Todo o conteúdo das cestas, exceto as lanças, foi despejado no chão. Os dois comprido paus, por estarem muito seguros nas cestas amarradas à cilha, saíram arrastados, insuficientes para travar a corrida desembestada de Huiín.

Ayla, que dava tratos à bola para descobrir uma maneira de levar a rena e o filhote de leão, subitamente viu o que buscava. Foi preciso esperar algum tempo até Huiin se acalmar. Ela estava preocupada, com medo da égua se machucar. Assoviou chamando-a. A sua vontade era ir atrás de Huiin, mas não queria largar a rena e o leãozinho à santa misericórdia das hienas. O assovio surtiu efeito. O som em Huiin estava associado a carinho, segurança e resposta a estes estímulos. Fazendo uma curva aberta, o cavalo voltou na direção de Ayla.

Quando finalmente a potranca, exausta, coberta de espuma, aproximou-se, a única coisa que fez Ayla foi, aliviada, abraçá-la. Depois de desatar os arreios e a cilha, examinou com cuidado para ver se não havia ferimentos. Huiin, ofegante, relinchando baixo e tristemente, encostou-se nela com as patas dianteiras separadas e trementes.

- Descanse, Huiin - falou Ayla quando o cavalo parou de tremer, pa recendo mais calmo. - Vou precisar mesmo de tempo para arrumar essas coisas.

Não passou pela cabeça de Ayla se zangar com o animal por ter ele empinado, fugido e derramado no chão as suas coisas. Ela não pensava nele como propriedade sua, ou como qualquer coisa que estivesse às suas ordens. Huiin era antes de tudo uma amiga, uma companhia. Se o cavalo entrara em pânico, teve boas razões para isso. Ela exigira demasiado dele. Ayla sentiu que não era o caso de querer dar uma lição e sim de que ela devia conhecer os seus limites. No seu pensamento, a ajuda que tinha de Huiin se fazia por livre e espontânea vontade, e ela cuidava do cavalo simplesmente por amor.

Ayla apanhou o que deu para encontrar dos objetos espalhados pelo chão e, em seguida, foi arrumar o conjunto formado pela cilha, arreios e cestas. As lanças, ela as prendeu do modo como haviam caído: com as pontas voltadas para o chão. Atou a esteira, com que enrolara a rena, às lanças, for mando uma plataforma entre os dois paus, como se fosse uma carroceria que não tocava no chão. Amarrou a rena à esteira e, por último, com muito cuidado, o leãozinho desmaiado. Só então descansou. Huiin parecia estar aceitando melhor a cilha e os arreios, permanecendo quieta, enquanto Ayla fazia as arrumações.

Uma vez as cestas colocadas nos devidos lugares, deu uma última olhada no filhote de leão e montou no lombo de Huiin. No caminho para o vale, admirava-se da eficiência do novo meio de transporte. Somente com as pontas dos paus arrastando no chão, sem a carga estar a todo instante chocando contra obstáculos, o cavalo puxava o peso muito mais facilmente. Ayla, no entanto, só soltou realmente um suspiro de alívio quando se viu no vale e em sua caverna.

Antes ela ainda fez uma parada para que Huiin descansasse e tomasse um pouco de água, enquanto examinava o filhote. Ele respirava, mas ela tinha dúvidas se viveria. “Por que teria sido posto um leãozinho no meu caminho?”, perguntava-se. Mal havia ela batido os olhos no animal, pensara no seu totem. Será que era desejo do Leão da Caverna que ela tratasse do filhote?

Então um outro pensamento ocorreu-lhe. Se não tivesse resolvido trazer o leãozinho, nunca teria pensado naquele meio de transporte tão cômodo. Seria o modo usado pelo seu totem para lhe fazer essa revelação? Seria, então, uma graça que estava recebendo? Bom, sendo ou não, ela estava convencida de que o leãozinho fora posto em seu caminho por alguma razão e faria o que estivesse ao seu alcance para salvar a vida dele.

Capítulo 11

- Jondalar, você não é obrigado a permanecer aqui só porque eu quero ficar.

- E o que faz você pensar que estou aqui só por sua causa? - respondeu Jondalar, com mais irrita o do que pretendia deixar transparecer. Não era intenção sua parecer melindrado com o assunto, mas no comentário de Thonolan havia mais verdade do que gostaria de admitir.

Ele já esperava por isso. Apenas não queria acreditar que o seu irmão fosse realmente querer ficar e tomar Jetamio para companheira. Se bem que ele próprio se surpreendeu com a sua pronta decisão de também querer ficar com os Sharamudoi. Não gostaria de voltar sozinho. Era uma viagem longa demais para fazer sem Thonolan e havia também qualquer coisa mais do que isso. Aquilo que o movera a dar uma pronta resposta quando decidiu fazer pela primeira vez essa viagem com o seu irmão.

- Você não devia ter vindo comigo.

Por momento, Jondalar ficou imaginando como o seu irmão podia saber tão bem de seus pensamentos.

- Eu tinha o pressentimento de que nunca iria voltar para casa. Não que esperasse encontrar a única mulher que poderia amar na vida, mas eu sentia que ficaria viajando até encontrar uma razão para parar - Os Sharamudoi são boa gente... aliás, acho que a maioria das pessoas é, depois que se passa a conhecê-las. Eu não me importo de ficar aqui e me tornar um deles. Mas você, Jondalar, você é um Zelandonii, Seja lá onde você estiver, será sempre um Zelandonii. Você nunca se sentirá perfeitamente bem em outro lugar. Volte, meu irmão. Faça feliz uma daquelas mulheres que andavam

atrás de você. Instale-se definitivamente num lugar e forme uma grande família e conte aos filhos de sua casa da grande viagem que fez e do irmão que não voltou. Quem sabe algum dos seus, ou dos meus, resolva talvez um dia fazer também uma longa viagem para encontrar os parentes?

- Por que eu sou mais Zelandonii do que você? O que o faz achar que não posso ser aqui tão feliz quanto você?

- Por uma razão muito simples. Você não está apaixonado. E ainda que estivesse, estaria fazendo planos para levar a mulher com você e não para ficar aqui com ela.

- Por que você não leva Jetamio conosco para casa? Ela é competente, tem força de vontade e é uma pessoa que sabe tomar conta de si mesma. Daria urna boa mulher Zelandonii. Inclusive caça com os melhores caçadores. Irá se entender muito bem com todo mundo.

- Eu não quero perder tempo. Seria um ano inteiro perdido na viagem. Encontrei a mulher com quem quero viver. Pretendo colocar a minha cabeça no lugar, me estabelecer e dar uma oportunidade a Jetamio para constituir família.

- Onde está aquele meu irmão que iria viajar até a foz do Grande Rio Mãe?

- Algum dia chegarei lá. Não há pressa. Você sabe que não fica tão longe assim. Talvez vá com Dolando na próxima vez em que ele for buscar sal. Poderia levar Jetamio comigo. Acho que ela gostaria, mas sei que não irá querer ficar muito tempo longe daqui. A casa significa muito para ela. Jetamio nunca conheceu a sua mãe verdadeira, e quase morreu de paralisia. O seu povo é importante para ela. E eu entendo, Jondalar, afinal tenho um irmão parecido.

- Por que você está tão certo de tudo isso? - Jondalar abaixou os olhos, evitando o olhar do irmão. -

Por que acha que não estou apaixonado? Serenio é urna bela mulher e Darvo... - ele sorriu, fazendo desaparecer um pouco as rugas de preocupação em sua testa - precisa ter um homem por perto. Talvez algum dia se tome até um bom cortador de sílex.

- Ora Jondalar, não é de hoje que eu o conheço. Mesmo vivendo com uma mulher, isso não significa que esteja apaixonado por ela. Eu sei que você gosta do garoto, mas não é razão para ficar aqui e se comprometer com a mãe. Até que esse é um bom motivo para tomar Serenio como companheira, mas não uma razão para ficar aqui. Volte e, se quiser, ache uma mulher mais velha e cheia de filhos para transformar todos em cortadores de sílex. Mas vá para casa, Jondalar.

Antes que Jondalar pudesse responder, entrou correndo, ofegante, um garoto, perto de seus dez anos. Era alto para a sua idade, mas magro, com um formato de rosto comprido e os traços delicados e finos demais para um menino. Os cabelos castanho-claros eram lisos e não muito espessos, mas os olhos cor de aveia eram vivos e brilhando com inteligência.

- Jondalar! - exclamou ele. - Estive procurando-o por toda parte. Dolando já está pronto e os homens do rio estão esperando.

- Diga que já estamos indo, Darvo - falou Jondalar em sharamudoi.Ele se virara para seguir o garoto que tinha saído correndo na frente, mas parou. - Acho que a praxe manda que eu expresse os meus votos de felicidade - disse com um sorriso no rosto que não deixava dúvidas quanto à sua sinceridade. - De uma certa forma, eu já esperava que você fosse formalizar a sua união. Mas quanto a se ver livre de mim, pode esquecer. Não é todo o dia que um homem tem um irmão encontrando a mulher de seus sonhos. Não perde ria por nada no mundo a sua cerimônia de núpcias.

O sorriso de Thonolan iluminou todo o seu rosto.

- Você sabe, Jondalar, a primeira coisa que eu pensei quando vi Jetamio foi que ela era um belo espírito da Mãe que tinha vindo para tomar agradável a minha viagem para o outro mundo. E eu iria com ela sem a menor hesitação... e ainda vou.

Enquanto Jondalar se punha atrás de Thonolan para sair, ele tinha a testa franzida. Não gostava de pensar no seu irmão como um homem capaz de seguir uma mulher até a morte.

O caminho, passando por uma densa floresta, ia em ziguezague, cheio de altos e baixos, de modo a suavizar a descida da íngreme encosta. Enquanto os dois subiam para o alto da montanha, a passagem se estreitava, fechada por um paredão rochoso que os punha à beira do precipício, quando, então, contornava o penhasco, numa estradinha laboriosamente cavada na pedra, que mal dava passagem para dois. Jondalar ia atrás de Thonolan. Ele ainda sentia um aperto na virilha cada vez que passava por ali e olhava embaixo o largo e profundo Grande Rio Mãe, apesar de já estar lá desde o último inverno, morando com os Shamudoi, da Caverna de Dolando. Contudo, aquele acesso ainda era melhor do que os outros.

Nem todas as pessoas designadas pelo nome da caverna viviam em caverna. Era comum encontrar cabanas erguidas nos campos. Mas os abrigos naturais nas rochas eram procurados e valorizados, sobretudo nas épocas mais duras do inverno. Uma caverna ou uma pedreira em balanço podia ser uma localização desejável, que em outras condições seria rejeitada. Dificuldades aparentemente insuperáveis tinham de ser sobrepujadas para se conseguir uma dessas moradas permanentes. Jondalar já vivera em cavernas situadas em íngremes penhascos com estreitas passagens,

beirando precipícios, mas nenhuma como esta dos Shamudoi.

Em estágios anteriores, a crosta da terra composta de rochas sedimentares, calcárias e xisto erguera-se na formação das montanhas de picos nevados. Mas os cristais de rocha de maior dureza, expelidos durante as erupções vulcânicas - causadas pelas convulsões da terra - foram misturados as rochas menos consistentes. Toda a planície por onde haviam passado os dois irmãos, no verão anterior - que já fora a bacia de um vasto mar interno - estava cercada de montanhas. Ao longo das eras, o canal do mar cavou sua passagem através de uma serra -. outrora ligada à grande cadeia de montanhas do norte - e secou a bacia.

As montanhas, entretanto, somente recuaram onde a matéria se mostrava inconsistente, permitindo nada mais do que uma estreita garganta limitada por rochedos impenetráveis. O Grande Rio Mãe mais a Irmã e muitos canais e riachos passavam todos, formando um fabuloso caudal, pela mesma garganta. Em seu curso de mais de 150 quilômetros, havia uma série de quatro gargantas que faziam o portal para os terrenos baixos, quando então o rio encontra ria o seu destino. Em certos pontos, o rio chegava a ter um quilômetro de largura, em outros nem 200 metros havia a separar os penhascos.

No lento processo de abrir um caminho de mais de uma centena de quilômetros, atravessando cadeias montanhosas, as águas do mar em recuo formaram rios, cataratas, lagunas e lagos, muitos dos quais deixariam marcas. No alto do penhasco à esquerda, próximo à primeira das estreitas gargantas, achava-se um vasto recôncavo: uma larga plataforma com uma superfície surpreendentemente plana. Lá existira uma pequena baía, o recôncavo de um lago, formado pela ação constante das águas e do tempo. O lago há muito

desaparecera, deixando um terraço em forma de U, muito acima do atual nível das águas, e tão alto que nem mesmo durante as enchentes de primavera, que alteravam enormemente o nível do rio, esse se aproximava de sua borda.

Um grande campo coberto de relva circundava o íngreme terraço, embora a camada de terra não fosse profunda, como se podia ver por alguns buracos rasos usados para cozinhar. A uma certa distância começavam aparecer, em meio ao relvado, arbustos e árvores que se agarravam aos paredões escarpados, subindo por estes. Próximo à face posterior do penhasco, as árvores atingiam tamanho respeitável e o matagal tornava-se mais denso, cobrindo a encosta. De lado, chegando perto da muralha do fundo, estava o melhor do terraço: uma pedreira de arenito que projetava-se em balanço, deixando um vão embaixo. Ali encontravam-se cabanas de madeira, dividindo a área em unidades habitacionais, posicionadas ao redor de um espaço mais ou menos circular, com uma casa principal e algumas outras menores. Era a entrada e o lugar de reuniões.

Do lado oposto, o terreno apresentava outra valiosa característica: uma cascata alta e fina que descia do rebordo do penhasco, desenhando-se pelas pedras para bater sobre uma rocha saliente e, dali, cair num gracioso lago, fluindo ao longo do paredão, até a extremidade do terraço, onde Dolando e mais alguns homens esperavam por Thonolan e Jondalar.

Dolando, ao ver os dois surgindo na curva da pedreira, acenou para eles e, em seguida, começou a descer o caminho rente ao precipício. Jondalar ia atrás do irmão. Quando ele chegou ao paredão do fundo, Thonolan já estava descendo por uma precária trilha margeando o riacho que rolava pela encosta, passando por uma série de patamares, até encontrar o rio embaixo. Certos trechos da trilha seriam intransitáveis

se não fossem os degraus pacientemente esculpidos nas rochas e uma grossa corda para servir de corrimão. Só o borrifar constante da água já bastava para tornar o caminho perigosamente escorregadio, até mesmo no verão. No inverno, era uma massa intransponível de pingentes congelados.

Na primavera, apesar de mudado pelas corredeiras e haver fragmentos de gelo dificultando a passagem, os Sharamudoi - tanto os Shamudoi, caça dores de camurças, como os Ramudoi, a população ribeirinha - subiam e desciam por lá como os antílopes que habitavam a região. Enquanto observava o seu irmão fazendo a descida com ar displicente, como se tivesse andado por ali toda a sua vida, Jondalar pensava que pelo menos numa coisa Thonolan tinha razão. Ele, ainda que passasse lá o resto de sua vida, jamais se acostumaria com aquele caminho que levava ao terraço no alto da montanha. Deu uma olhada para o rio, revolvendo-se tumultuosamente lá embaixo, e voltou a sentir o costumeiro aperto nas virilhas. Então respirou fundo, cerrou os dentes, e avançou pelo caminho.

Diversas vezes deu graças por haver ali a corda, quando sentia o seu pé escorregando sobre algum pedaço de gelo invisível. Só quando chegou lá em baixo é que soltou, aliviado, a respiração. O ancoradouro, feito de troncos amarrados uns aos outros, boiando e se sacudindo com a correnteza, era de uma estabilidade reconfortante. Sobre a plataforma que o cobria em mais da metade havia uma série de construções de madeira, parecidas às que existiam debaixo da pedreira no terraço da montanha.

Ao passar pela plataforma, Jondalar foi cumprimentando os moradores das casas flutuantes, enquanto na ponta do ancoradouro Thonolan preparava-se para entrar num dos barcos lá estacionados. Logo que Jondalar entrou, soltaram as amarras e começaram a

subir o rio, tocando o barco com remos de cabos compridos. Conversava-se o mínimo. As correntezas com o degelo da primavera tornavam-se ainda mais fortes e profundas - Os homens de Dolando limitavam-se a vigiar os escombros flutuando, enquanto os Ramudoi remavam. Jondalar instalou-se na parte traseira do barco e ali ficou pensando naquela singular relação que os Sharamudoi mantinham entre si.

Os povos que havia conhecido tinham se especializado segundo critérios diferentes, e ele muitas vezes se perguntava o que levava as pessoas a se decidirem por uma determinada forma de trabalho. Em algumas populações, os homens estavam habituados a realizar certos tipos de serviços e as mulheres outros. Com o decorrer do tempo, as funções foram ficando tão associadas ao sexo que nenhuma mulher faria aquilo que era considerado como trabalho de homem, e nenhum homem faria qualquer coisa tida como uma atribuição feminina. Já em outras, as obrigações e os serviços domésticos, a tendência era basear-se no critério da idade. Aos jovens, caberia os trabalhos mais pesados, deixando-se aos velhos as ocupações mais sedentárias. Em certos grupos, a educação das crianças estava totalmente a cargo das mulheres, enquanto em outros, grande parte da responsabilidade de orientar e educar cabia às pessoas de idade, sem distinção de sexo.

Com os Sharamudoi, a especialização se fez de uma forma que determinou a formação de dois grupos distintos, mas ligados por relação de parentes co. Os shamudoi caçavam camurças e outros animais nos altos picos das montanhas e penhascos, enquanto os ramudoi especializaram-se na caça - pois o processo empregado era mais ode uma caçada do que o de uma pescaria - do enorme esturjão que chegava a medir nove metros de comprimento. Também pescavam grandes carpas, percas e lúcios. A divisão do trabalho os levou a ser duas

tribos distintas, mas as necessidades mútuas os conservavam unidos.

Os shamudoi haviam desenvolvido grandemente a técnica de tratar o couro da camurça. As belas peles, macias e aveludadas, que produziam eram únicas e muitas tribos vinham de longe exclusivamente para negociá-las. O segredo de sua fabricação, eles o mantinham rigorosamente guardado, mas Jondalar conseguiu saber que usavam no processo de curtição o óleo de certos peixes. Com isso os shamudoi precisavam manter estreito relacionamento com os ramudoi. Por outro lado, os barcos feitos de carvalho, com encaixes de pinho e faia e manchões laterais, presos por estilhas de teixo e salgueiro, faziam com que a população ribeirinha precisasse se valer dos conhecimentos dos moradores das montanhas para achar-lhes as madeiras adequadas.

Cada família shamudoi tinha a sua contrapartida ramudoi e o relaciona mento entre as duas tribos fundamentava-se numa complexa relação de parentesco que podia ou não se fazer através de laços de sangue. Jondalar ainda não sabia ao certo como se processavam essas relações, mas depois que o seu irmão e Jetamio se tomassem companheiros, Thonolan seria aquinhoado com uma infinidade de “primos” pertencentes aos dois grupos, embora Jetamio não tivesse nenhum parente vivo que fosse relacionado a ela pelo sangue. Havia algumas obrigações mútuas que se esperava dos dois; apenas no caso de Thonolan isso envolvia pouca coisa mais do que o uso de certas formas de tratamento quando ele se dirigisse aos membros de sua nova família.

Como não estivesse selada a sua união, ele ainda tinha toda a liberdade de partir, se assim o desejasse, mas se ficasse seria muito bem acolhido. No entanto, os laços que uniam os dois grupos eram tão fortes que, caso as mora- aias se tornassem demasiadamente

pequenas e uma ou duas famílias dos shamudoi resolvessem mudar pan iniciar uma nova Caverna, as contrapartidas ramudoi teriam também de ir junto.

No caso de uma das famílias querer mudar e a outra não, se fazia necessário a celebração de certos ritos sacramentando a troca de laços. Em princípio, os shamudoi poderiam insistir e os ramudoi seriam obrigados a segui-los, pois em questões relacionadas à terra a decisão ficava com os shamudoi. Os ramudoi, entretanto, tinham também o seu peso. Poderiam, por exemplo, recusar a transportar os seus parentes shamudoi ou não querer ajudá-los a pro curar um bom lugar para morar, uma vez que tudo que se referisse à água era da competência deles. Na prática, porém, as decisões de questões importantes, como a mudança de moradia, eram em geral tomadas em conjunto.

Havia ainda outros laços - referentes tanto à vida prática como espiritual - que fortaleciam a relação, muitos dos quais centrados nas embarcações. Apesar de que as decisões nesse campo fossem prerrogativa dos ramudoi, os barcos, como bem, pertenciam aos shamudoi e, como tal, eles tinham uma participação nos produtos obtidos com o seu uso, mas proporcionalmente ao que davam em troca. Novamente, na prática, a questão se passava de forma menos complicada do que regiam as regras para resolver disputas. A participação subentendida do produto e o respeito pelos territórios, direitos e a competência do outro faziam com que fossem raras as disputas.

A construção dos barcos eram o resultado do esforço conjunto, pois os shamudoi entravam com os produtos da terra e os ramudoi com a sua experiência do rio. Isso dava aos shamudoi o legítimo direito de reivindicar o uso da embarcação. Os rituais reforçavam ainda mais os laços, já que nenhuma mulher, fosse ela de qualquer dos dois grupos, poderia ter como

companheiro um homem que não pudesse reclamar os seus direitos sobre uma embarcação. Thonolan, desta forma, teria de ajudar na construção ou nos reparos de um barco para poder unir-se à mulher que amava.

Jondalar também aguardava ansioso a construção do barco. Achava-se curioso sobre o inusitado meio de transporte, querendo saber como era fabricado, impulsionado para dentro da água e conduzido. No entanto, preferia que a sua curiosidade fosse satisfeita por algum outro motivo e não pelo fato de seu irmão ter resolvido se ligar a uma mulher shamudoi. Mas desde o princípio aquele povo o interessara. A facilidade com que navegavam pelo rio e com que caçavam o gigantesco esturjão demonstrava um lado de desenvolvi mento que nunca encontrara em nenhum outro povo, e tampouco ouvira falar.

Eles conheciam o rio em todos os seus aspectos. Jondalar só conseguira atinar com o seu real volume quando viu as águas dos outros cursos reunidas num mesmo caudal e, assim mesmo, sem que estivessem no seu ponto mais alto. Contudo, não foi olhando do barco que o tamanho do rio se tornou claro que ele. Durante o inverno, quando a trilha da catarata se cobria de gelo, tornando-se intransitável, mas com os ramudoi ainda embaixo, sem precisar de subir para viver com os seus parentes montanheses, a comunicação se fazia por meio de cordas e enormes tabuados pendurados na borda do terraço dos shamudoi e abaixados até o ancoradouro dos ramudoi.

Quando ele e Thonolan chegaram, a cascata ainda não estava congelada, mas o seu irmão não tinha condições de subir pela precária trilha, de modo que foram os dois içados dentro de uma cesta.

Foi então que ele viu pela primeira vez o rio em perspectiva e começou a entendê-lo em toda a sua magnitude. O sangue sumira-lhe do rosto e o coração

batia forte, olhando para baixo e vendo a água e as montanhas contornando-a na margem oposta. Ele se viu maravilhado, profundamente reverente diante da Mãe que se formava de muitas nascentes num portentoso ato da criação.Ele não demorou a saber da existência de outro caminho para o terraço. Esse era mais fácil, mas com a desvantagem de ser mais comprido e não tão espetacular. Fazia parte de uma trilha que seguia do oeste para leste, sobre os passos das montanhas, e levava á vasta planície junto ao rio no extremo oriental do desfiladeiro. Aparte ocidental da trilha nas fraldas das montanhas, ainda em terras altas, conduzindo à série de quatro gargantas, era mais acidentada, mas em alguns pontos descia até a margem do rio. E naquele momento eles justamente se dirigiam para um desses trechos de terreno. A barca começava a largar o centro do rio para ir ao encontro de um grupo de pessoas que, enfileiradas na praia de areia cinza, lhes acenavam com gestos largos. Foi então que Jondalar, ouvindo uma exclamação, se viu despertado de seus pensamentos e olhou ao redor.

- Jondalar! Olhe ali - falou Thonolan, apontando para frente.

Com sinistra refulgência, vinha vindo para cima deles, trazido pela cor rente central, a massa farpada e faiscante de um colossal iceberg Ao refletir-se, as facetas de cristal nas bordas translúcidas criavam em volta do monólito um halo de vibrações fantasmagóricas. Nos sombrios recessos de um tom azul-esverdeado, o carne indestrutível. Os homens, com a mestria de experimenta dos remadores, mudaram a direção e a velocidade do barco. Depois, levantando os remos da água, pararam para observar a luminosa muralha de gelo deslizar a sua fria indiferença.

- Nunca dê as costas para a Mãe - ouviu Jondalar um dos remadores dizendo.

- Acho que foi trazida pela Irmã - comentou um outro ao lado.

- Como o... gelo chegou aqui, Carlono? - perguntou Jondalar.

- Iceberg - respondeu Carlono, ensinando-lhe apalavra. -Talvez tenha vindo daquelas montanhas, de alguma geleira se mexendo por lá - falou, apontando com o queixo por cima do ombro na direção dos cumes brancos e voltando, em seguida, a remar. - Ou, quem sabe, se de algum lugar bem mais ao norte e trazido para cá pela Irmã que é muito mais profunda e não tem tantos canais... principalmente nesta época do ano. Esse iceberg é muito maior do que imaginamos. Uma grande parte dele vai debaixo da água.

- Incrível... um iceberg com este tamanho e vindo de tão longe - falou Jondalar.

- Todas as primaveras eles surgem. Nem sempre tão grandes como es te. Mas não demoram muito para se derreterem. O gelo está puído e basta uma boa trombada para se espatifarem inteiramente. Mais para frente há uma pedra bem no meio do rio, pouca coisa acima da superfície. Não acredito que esse icerberg chegue a ultrapassar a garganta - acrescentou Carlono.

- Uma boa trombada e somos nós que vamos espatifar - disse Markeno.

- Por isso é que nunca se deve dar as costas para a Mãe.

- Markeno tem razão - falou Carlono. - Nunca faça pouco caso dela. Esse rio acaba sempre achando uma maneira desagradável de se fazer notado.

- Conheço algumas mulheres assim. E você também, não é, Jondalar?

Jondalar logo se lembrou de Marona. Pelo sorriso de seu irmão, deduziu de quem Thonolan estava falando. Já há algum tempo que ele não pensava na mulher que contava tornar-se sua companheira na Reunião de Verão.

Algum dia ainda voltaria a vê-la? Pensou com uma pontinha de saudade. Marona era uma bela mulher, mas Serenio também. Talvez ele devesse pedi-la. Sob certos aspectos, Serenio era até melhor do que Marona. Ela era mais velha do que ele, mas mulheres mais velhas sempre o haviam atraído. Por que não tomá-la para companheira na mesma ocasião em que Thonolan fosse unir-se a Jetamio e também ficar por aqui?

"Há quanto tempo já estamos fora? Mais de um ano... foi na primavera passada quando partimos da Caverna de Dalanar. E Thonolan agora não pretende voltar mais. Está todo mundo muito empolgado com o caso dele e Jetamio. Mas talvez você deva esperar, Jondalar, não queira roubar a festa dos dois... Além disso, Serenio poderia achar que estou fazendo isso só por espírito de imitação... - Talvez mais tarde...

- Por que demoraram tanto? - perguntou alguém da praia. - Já faz tempo que estamos esperando e viemos pelo caminho mais comprido.

- Tivemos de procurar por esses dois. Acho que eles estavam tentando esconder-se - respondeu Markeno, rindo.

- Tarde demais para esconder-se, Thonolan. Você já foi pescado por essa aqui - disse um homem que vinha caminhando pela água atrás de Jetamio, para ajudar a trazer o barco à praia. Ele fazia gestos de estar arremessando um arpão e puxando-o para encaixar o anzol.

Jetamio corou, mas depois sorriu.

- Bom Barono, você tem de admitir que apanhei um peixão.

- Você é boa pescadora. Antes, ele sempre conseguiu escapar - falou Jondalar.

Todos riram. Ainda não dominava bem a língua, mas as pessoas gostaram de vê-lo participando da conversa. Ele entendia melhor do que falava.

- E o que se precisa para pescar um grandão como você, Jondalar? - perguntou Barono.

- A isca certa - gracejou Thonolan, sorrindo para Jetamio.

O barco foi trazido à estreita praia de cascalho e, após os ocupantes terem saltado, suspenderam a embarcação, carregando-a por uma encosta até chegarem a uma grande área cercada por uma densa floresta de carvalho. Visivelmente o lugar era utilizado há muitos anos. Toras, tocos e fragmentos de madeira espalhavam-se pelo chão. A fogueira ficava em frente a uru galpão erguido num dos lados da clareira, e combustível ali era o que não faltava. Alguns troncos, por permanecerem tanto tempo lá, haviam apodrecido. Percebia-se atividade por toda parte. Várias áreas do terreno estavam ocupadas por barcos em diferentes estágios de fabricação.

Aquele que os trouxera foi posto no chão, e logo os recém-chegados se dirigiram para a beirada da fogueira, acenando-lhes convidativamente com o seu calor. Alguns dos que já se achavam lá pararam para se juntar ao grupo. Um perfumado chá de ervas fumegava num cocho, cavado numa tora, que rapidamente se esvaziou com as cuias que se iam mergulhando dentro. Perto, uma pilha de pedras redondas para cozinhar, trazidas da margem do rio e, atrás do cocho, jogado no meio de um charco lamacento, um bolo de folhas encharcadas que já não se sabia mais de que plantas tinham sido.

Terminado o chá dentro do cocho, prepararam-se para enchê-lo outra vez. Dois homens rodaram a grossa tora para esvaziá-la da borra no fundo, enquanto um terceiro colocava pedras para esquentar na fogueira. O chá era mantido no cocho, à disposição de quem quisesse se servir e as pedras estavam sempre quentes para aquecer as cujas quando estas se esfriassem. Depois de fazer muitas troças do futuro casal, as pessoas

resolveram deixá-lo em paz e cada uma largou de lado a sua cuia de madeira ou fibra impermeável, voltando ao que fazia antes. A Thonolan, para iniciá-lo nos mistérios da construção de barcos, deram um trabalho que não exigia habilidade: derrubar árvores.

Jondalar, engajado numa conversa com Carlono sobre o assunto favorito do chefe dos ramudoi - barcos - encorajava-o com perguntas.

- Qual a melhor madeira para barcos?

Carlono, satisfeito consigo e com o interesse de Jondalar, um rapaz visivelmente inteligente, passou, animado, a dar explicações.

- A madeira verde de carvalho é a melhor. É resistente, flexível e, ao mesmo tempo, forte, sem ser pesada. Quando seca, perde a flexibilidade, mas se pode cortá-la no inverno e guardar as toras dentro de poças ou nos brejos, por um ano ou até mesmo dois. Mais tempo do que isso ficará muito encharcada e difícil de ser trabalhada. O barco depois de pronto poderá ter problemas de equilíbrio na água. Mas o importante é saber escolher a árvore certa - enquanto falava, Carlono tomava o rumo da floresta.

- Pelo tamanho, não é? - perguntou Jondalar.

- Não só pelo tamanho. Ë necessário que a árvore seja alta e tenha o tronco reto para a construção do fundo e dos pranchões laterais. - Carlono conduziu Jondalar ao bosque formado por uma massa compacta de carvalhos.

Nas florestas muito densas as árvores crescem procurando pelo sol.

- Jondalar! - era a voz de Thonolan, chamando-o. Surpreso, ele levantou os olhos vendo Thonolan e alguns outros ao redor de um imenso carvalho, cercado de outras árvores altas e retas, cujos galhos começavam a abrir-se no alto do tronco. - Que bom vê-lo por aqui! O seu irmãozinho anda precisando de um pouco de ajuda.

Você sabe que, enquanto não for feito um novo barco, Jetamio não poderá ser a minha companheira e isso aqui - falou apontando para a árvore - tem de ser derrubado para os “cintados”. Só que eu não sei o que seja isso. Veja o tamanho desse mamute! Não sabia que árvores podiam crescer tanto assim... vai levar uma eternidade para cortá-la. Quando este barco ficar pronto, já vou estar velho demais para ter uma companheira.

Jondalar sorria, sacudindo a cabeça.

- Cintados são as tábuas com que se constrói as laterais dos barcos maiores. Se pretende ser um sharamudoi, devia já estar sabendo dessas coisas.

- Vou ser um shamudoi. Negócio de barco eu deixo para os ramudoi. Caçar camurça é uma coisa de que entendo. Já cacei muitos íbices e carneiros nos altos das montanhas. Como é? Vai ajudar agora, ou não? Estamos precisando de braços fortes.

- Para não ver a pobre Jetamio esperando por um velhinho encarquilhado, acho que vou. Além disso me interessa saber como se faz - falou Jondalar. Em seguida, virou-se para Carlono e disse em sharamudoi: - Eu ajudar Thonolan. Mais tarde, conversar outra vez, certo?

Carlono sorriu concordando e se afastou para observar as primeiras lascas de madeira saltarem. Mas ele não se demorou lá. Levariam quase todo o dia para abater o gigante da floresta e, quando isso acontecesse, estaria todo mundo reunido ao redor da árvore.

Começaram a saltar os estilhaços arrancados da árvore pelos golpes que partiam do alto e desciam quase perpendicularmente para encontrar os cortes horizontais, feitos mais embaixo. O machado de pedra não fazia cortes pro fundos. A lâmina tinha de ser forte, por isso era um tanto grossa e não pene trava fundo na madeira. Ao passarem a trabalhar nas proximidades do centro do tronco, a madeira parecia mais carcomida do que propriamente cortada; no entanto a cada lasca

saída, um pouquinho mais perto iam ficando do coração do velho gigante.

O dia já chegava ao seu f quando deram um machado a Thonolan. Todos pararam com o que estavam fazendo para se postar perto da árvore. A Thonolan cabia a honra de dar os últimos golpes. Então, ouvindo os estalidos denunciadores e vendo a imensa árvore balançando, ele deu um pulo para trás. Primeiro, lentamente, depois pegando impulso, o magnífico carvalho tombou, estraçalhando os galhos das velhas árvores vizinhas e carregando consigo as menores, O colosso rachado perdera a resistência e caiu estrondosamente, ricocheteando no chão, por alguns instantes ainda tremendo, até jazer imóvel.

O silêncio invadiu a floresta. Mesmo os pássaros calaram-se como que tomados de profunda reverência. O velho e majestoso carvalho, separado de suas raízes vitais, fora vencido e, em meio às sombras da floresta muda, a visão da chaga viva em seu toco. Então, solene e em silêncio, Dolando ajoelhou se e, com as mãos, cavou um buraco no toco, onde depositou uma bolota.

- Que Mudo, a nossa abençoada Mãe Terra, aceite essa oferenda e dê vida a uma nova árvore - falou, cobrindo a semente com terra e despejando em cima uma cuia de água.

Quando começaram a subir a longa trilha que levava ao terraço na montanha, o sol já ia no horizonte pondo rajas de ouro nas nuvens. Depois, antes de alcançarem o velho platô, as cores no espectro transmudavam do ouro para bronze e, por fim, para o malva-escuro. Ao fazerem a curva do paredão rochoso, Jondalar sentiu-se tocado pela beleza sem limites do panorama à sua frente. Deu alguns passos junto da borda do penhasco, pelo menos uma vez sem reparar no precipício, tão emocionado estava com a vista. O Grande Rio Mãe, sereno e copioso, espelhando as oscilações do

céu e as sombrias montanhas arredondadas na outra margem, via-se animado em sua superfície luminosamente acetinada pelos movimentos das correntezas em seu interior.

- É bonito, não é?

Jondalar se virou na direção da voz e sorriu para a mulher que se acercara dele.

- Muito bonito, Serenio.

- Essa noite haverá um banquete em honra de Jetamio e Thonolan. Eles estão esperando. Você deve ir.

Ela se voltou para ir embora, mas ele segurou a sua mão, prendendo-a, observando as últimas luzes do sol refletindo em seus olhos.

Nela havia uma plácida gentileza, um sentido de intemporalidade que nada tinha a ver com a sua idade. Era apenas alguns anos mais velha do que ele. Tampouco seria alguma coisa relacionada à renúncia, antes à falta de exigência e esperança. A morte do primeiro companheiro, depois a de seu segundo amor, antes mesmo de se unir a este, e por fim a perda do filho que abençoaria a segunda união a haviam afinado com a dor. E, aprendendo a conviver com as suas tristezas, desenvolveu a capacidade de absorver a dos outros. Quaisquer que fossem as mágoas ou decepções, as pessoas as levavam para Serenio, que nunca as deixava sem algum alívio ou consolo, pois que o seu gesto de compreensão nada pedia em troca.

Pelo efeito calmante que exercia nos doentes ou nas pessoas aflitas por causa de seus entes queridos, Serenio era freqüentemente chamada para ajudar o shamud. Com isso, acabou adquirindo alguns conhecimentos médicos. Foi assim que Jondalar veio a conhecê-la, quando ela ajudava o curandeiro no tratamento de Thonolan. Quando o seu irmão começou a andar, já suficiente mente recuperado para poder ir viver na casa de Dolando e Roshario, e sobre tudo na

companhia de Jetamio, Jondalar foi morar com Serenio e o seu filho Darvo. Ele não havia pedido e nem ela esperava que o fizesse.

"Os seus olhos parecem sempre pensativos", falou ele para si mesmo, enquanto se curvava para cumprimentá-la com um beijo, antes de se dirigirem à fogueira. Ele jamais conseguira penetrar nas profundezas daquele olhar. "Sou-lhe grato por isso", pensou, afastando imediatamente a idéia indesejada. Era como se ela o conhecesse melhor do que ele próprio se conhecia. Como se ela soubesse de sua incapacidade de se dar por inteiro, de apaixonar-se, tal co mo Thonolan fora capaz. Chegava inclusive a dar a impressão de saber que seu modo de suprir a deficiência no plano afetivo era fazendo amor com uma perícia tão consumada que a fazia sempre sair exausta das relações Ela não era propriamente reservada. Sorridente, comunicava-se com facilidade e não de todo inacessível. As únicas vezes que ele surpreendia alguma expressão mais reveladora era quando a via olhando para o filho.

- Por que demoraram tanto? - falou o garoto, vendo-os chegar. - Já estamos prontos para comer, mas ninguém quer começar sem vocês.

Darvo havia visto Jondalar com a sua mãe na borda do penhasco, mas preferiu não interferir. De início, ficara ressentido por não ter mais a atenção exclusiva da mãe. Depois, porém, descobriu que, ao invés de estar dividindo com um outro o tempo da sua mãe, ganhara mais uma pessoa para atendê-lo. Jondalar conversava com ele, contava-lhe as suas aventuras de viagem, falava-lhe sobre caçadas, sobre os costumes de seu povo e também sabia ouvi-lo com sincero interesse. E o melhor, Jondalar começara a mostrar-lhe algumas técnicas de fabricar instrumentos que o garoto pegava com grande facilidade, para surpresa de todos os dois.

Darvo ficou felicíssimo quando Thonolan resolveu tomar Jetamio para companheira e se estabelecer definitivamente lá, pois o seu grande desejo era o de que Jondalar fizesse o mesmo em relação à sua mãe. Muito consciente de seu papel, tratava de colocar-se fora do caminho dos dois sempre que os via juntos, fazendo o possível para não atrapalhar a relação. Não imaginava que com isso, positivamente, estava fomentando-a.

De fato a idéia estivera no pensamento de Jondalar o dia inteiro. Volta e meia percebia-se avaliando Serenio. Cabelos mais para louro do que castanho, um pouco mais claro do que o do filho. Sem ser magra, dava essa impressão devido à altura. Era das poucas mulheres que conhecia que lhe batia pelo queixo. E ele gostava. Achava confortável a altura dela. A semelhança entre mãe e filho era grande, até mesmo nos olhos cor de avelã, embora faltasse ao garoto a expressão de placidez. E nela os traços finos ficavam bonitos.

“Poderia ser feliz com ela”, pensou. 'Por que não pedi-la?” E naquele momento mesmo realmente desejava-a, queria viver com Serenio.

- Serenio?

Ela o olhou, sentindo-se cativa daqueles olhos inacreditavelmente azuis, expressando necessidade e desejo. A força de seu carisma - inconsciente, por isso mesmo mais poderoso - apanhou-a desprevenida, rompendo a muralha que laboriosamente erguera para defender-se do sofrimento. Estava aberta, vulnerável, quase que contra a vontade, sentindo-se atraída.

- Jondalar... - A aceitação estava implícita no timbre da voz.

- Eu... pensar muito hoje - ele lutava com os problemas da língua. A maioria dos conceitos podia expressá-los, mas estava tendo dificuldade em transmitir o pensamento. - Thonolan... meu irmão... viemos de

longe sempre juntos. Agora, ele ama Jetamio, deseja ficar. Se você... eu quero.

- Ora vocês dois aí. Todo mundo está com fome e a comida... era Thonolan, mas logo se interrompeu ao perceber os dois muito juntos, perdi dos um nos olhos do outro. - Desculpe, irmão. Acho que estou atrapalhando.

Eles se afastaram, o momento tinha passado.

- Tudo bem, Thonolan. Não devíamos estar deixando todo mundo esperar. Podemos conversar depois - disse Jondalar.

Quando voltou a olhar para Serenio, ela parecia surpresa e confusa, co mo se não compreendesse o que lhe acontecera, esforçando-se para escudar-se outra vez em sua serenidade.

Eles foram para a área abrigada pela pedreira de arenito, sentindo o calor da grande fogueira armada na casa principal. À chegada dos dois, todas as pessoas se acomodaram em tomo de Thonolan e Jetamio, que se postavam de pé no espaço central vazio, atrás da fogueira. A festa de compromisso dava início a um passo marcado por uma série de rituais que culminariam com a cerimônia matrimonial. Neste meio tempo, a comunicação e o contato entre Thonolan e Jetamio seriam extremamente vigiados.

Um caloroso sentido de comunidade permeava a atmosfera envolvendo o novo casal. Thonolan e Jetamio se deram as mãos, vendo apenas perfeição nos olhos um do outro, nada querendo senão proclamarem a sua felicidade ao mundo e selarem o seu compromisso de uma vez. O shamud deu um passo à frente. Os dois se ajoelharam para que o curandeiro e guia espiritual lhes colo casse na cabeça uma coroa de pilriteiros floridos. O casal foi, então, sempre de mãos dadas, dar três voltas ao redor das pessoas, contornando a fogueira, para depois ser trazido ao seu lugar que fechava com o amor deles o círculo que unia a Caverna dos Sharamudoi.

O shamud voltou-se para os dois e, com os braços dirigidos ao alto, falou:

- O círculo começa e termina no mesmo ponto. A vida também é como o círculo. Começa e termina na Grande Mãe, a Primeira Mãe que em sua solidão criou todas as formas de vida - era uma voz vibrante que se fazia ouvir em meio ao silêncio das pessoas e estalidos das chamas. - Abençoada seja Mudo, começo e fim de nossas vidas. Dela viemos, para ela voltamos. De tudo e em tudo, ela nos abastece. Somos os seus filhos e dela emana as riquezas, que prodigaliza generosamente. De seu corpo obtemos o nosso sustento: comida, água e abrigos. Do seu espírito, a graça da sabedoria e do amor, da habilidade, da inteligência, da inspiração e da amizade. Mas a maior de todas as suas dádivas nos advém de seu infinito amor. A Grande Mãe Terra regozija-se com a felicidade de seus filhos. Compraz-se com as nossas alegrias, por isso nos concedeu a maravilha da graça do prazer. Nós a honramos e reverenciamos quando compartilhamos desta sublime graça. Mas às filhas abençoadas, ela concedeu o maior de todos os seus bens, contemplou-as com o seu próprio poder: a faculdade de criar vida.

Nesse ponto, o shamud olhou para a moça.

- Jetamio, você está entre aquelas que são abençoadas. Se honrar Mu do, sob todos os seus aspectos, você será contemplada com o dom da Mãe, o dom de gerar vida e dar à luz. Mas o espírito da vida que você gera é uma graça que vem da Grande Mãe.

E continuou:

- Thonolan, você ao assumir o compromisso de sustentar alguém torna-se como a Mãe que todos abastece. Por honrá-la desta maneira, ela poderá também contemplá-lo com o poder da criação, de modo que possa ser de seu espírito o filho nascido da mulher

sob a sua guarda, ou de uma outra que também haja sido abençoada por Mudo.

O shamud levantou os olhos, dirigindo-se agora a todos.

- Sempre que cada um de nós estiver cuidando ou provendo com o sustento do outro, estará honrando a Mãe e será por isso abençoado com os frutos de suas dádivas.

Após o shamud afastar-se, Thonolan e Jetamio, sorrindo um para o outro, foram sentar sobre uma esteira. Era o sinal esperado para que o banquete fosse iniciado. Os dois foram os primeiros a serem servidos com uma bebida alcoólica suave, feita de flores de dente-de-leão e mel, e posta em fermentação na última lua nova. Em seguida a bebida foi passada de mão em mão para que todos se servissem.

Os aromas apetitosos deu-lhes a consciência do quanto fora duro aquele dia. Mesmo para os que permaneceram no terraço havia sido também um dia trabalhoso, como se podia constatar pelo primeiro prato a surgir, deliciosa-mente cheirando. Um magnífico salmão, apanhado naquela manhã e assado sobre pranchas perto da fogueira, foi trazido a Thonolan e Jetamio por Markeno e Tholie, a contrapartida familiar deles do lado ramudoi. Como tempero, foi servido um molho feito de labaça silvestre, cozida e triturada até o ponto de pasta.

Jondalar imediatamente apreciou aquele gosto travoso, novo ao seu paladar. Dava um toque perfeito ao peixe. Para acompanhamento, foram trazidas umas pequeninas sementes servidas em cestas que eles iam passando ao redor. Quando Tholie sentou-se, ele perguntou o que eram.

- São de faias que apanhamos no outono passado - respondeu ela. Depois pôs-se a explicar em detalhes como, com pequeninas lâminas de pedra, se removiam

as cascas de fora, extremamente duras, para se retirar as sementes que eram torradas em peneiras com brasas e passadas depois no sal marinho. O segredo estava em revolvê-las constantemente de modo a não se deixar que as peneiras se queimassem e nem as sementes.

- O sal foi um dos presentes de noivado de Tholie. Ela quem o trouxe - explicou Jetamio.

- São muitos os mamutoi que vivem perto do mar, Tholie? - perguntou Jondalar.

- Não, O nosso acampamento era um dos que se achavam mais perto do Mar Beram. A maioria dos mamutoi vivem mais ao norte. É um povo caça dor de mamutes - disse ela, orgulhosa. - Todos os anos, viajamos ao norte para caçar.

- Como foi você conseguir uma companheira mamutoi - indagou Jondalar a Markeno.

- Eu a raptei - respondeu ele, dando uma piscadela para a companheira, uma moça rechonchuda.

Tholie sorriu.

- É verdade - falou ela. - Mas naturalmente tudo se arranjou.

- Nós nos encontramos quando eu fiz uma viagem ao leste para negócios. Eu e ela fomos juntos até o delta do Rio Mãe. Era a minha primeira viagem. Pouco estava ligando se Tholie era sharamudoi ou mamutoi, só sabia que não voltaria para casa sem ela.

Markeno e Tholie contaram, então, as dificuldades que tiveram de enfrentar para poder unirem-se. Foram necessárias muitas negociações até que se chegasse a um acerto, mas assim mesmo ele teve de raptá-la para contornar alguns obstáculos. Ela estava firmemente decidida e a união não se realizaria sem o seu consentimento. Havia precedentes. São raras, mas uniões semelhantes às vezes acontecem.

Os povoados não eram muitos e tão distanciados uns dos outros que, praticamente, não havia violação de

territórios. Isso fazia com que se constituísse numa novidade os pouquíssimos contatos com os estrangeiros que vez por outra apareciam. Embora desconfiadas, no início, as pessoas de modo geral não se mostravam hostis e o comum era ser bem recebido. Quase todos os povos caçadores estavam habituados a viajar grandes distâncias, normalmente para acompanhar as manadas em suas migrações sazonais e havia também aqueles que tinham já uma velha tradição de empreender viagens individuais.

Os atritos quase sempre se originavam da proximidade. A hostilidade, se existisse, tendia a ser intramuros, passada dentro da comunidade. As personalidades violentas eram controladas por códigos de comportamento e, na maioria das vezes, se viam reprimidas pelos costumes de caráter ritualístico, apesar destes não estarem muito enraizados. Os sharamudoi e os mamutoi mantinham boas relações de negócios e entre os dois povos havia semelhanças de língua e costumes. Assim, por exemplo, para os primeiros, a Grande.Mãe Terra era chamada Mudo, enquanto que o segundo a conhecia como Mut, mas tratava-se da mesma deusa, a antepassada primordial, a primeira Mãe.

Os mamutoi tinham um alto conceito de si mesmos que transparecia em suas atitudes calorosas e francas. Como grupo, não temiam nenhum outro, afinal eram eles os destemidos caçadores de mamute. Atrevidos, confiantes, um tanto ingênuos e convencidos de que o resto do mundo os via segundo a imagem que faziam de si mesmos. Apesar de que as discussões parecessem a Markeno intermináveis, os ajustes necessários à união dos dois não se constituíram num obstáculo intransponível.

Tholie era uma típica representante de seu povo: expansiva, amiga, certa de que todos gostavam dela. E, com efeito, dificilmente se podia resistir à sua natureza

sincera e expansiva. Tampouco as pessoas se ofendiam com o caráter pessoal de suas perguntas, pois sabiam não haver intenção de malícia. Era simplesmente interesse e ela não via por que reprimir a sua curiosidade.

Uma garota aproximou-se carregando um bebê.

- Shamio acordou, Tholie. Acho que ela está com fome,

A mãe agradeceu com a cabeça e deu o seio ao bebê, sem interromper a conversa ou deixar de comer. Enquanto isso, foram servidos outros tipos de nozes: amendoins frescos e sementes de olmo em salmoura. Os amendoins eram uns tubérculos adocicados e pareciam um pouco com as cenouras silvestres, Jondalar os conhecia. À primeira mordida, tinha-se a impressão de uma castanha, em seguida o gosto de rabanete surgia como uma surpresa. O seu sabor picante era muito apreciado pela Caverna. Jondalar estava em dúvida se gostava ou não, O segundo prato, apresentado ao jovem casal, foi trazido por Dolando e Roshario: um esplêndido cozido de camurça que tinha a acompanhá-lo um generoso vinho de uva-do-monte.

- Estava achando o peixe delicioso, mas esse cozido está soberbo - falou Jondalar para o seu irmão.

- Jetamio disse que é um prato tradicional da cozinha deles. O tempero é feito com folhas de murta-de-cheiro. A casca da planta é usada para tingir a pele da camurça, é o que dá ao couro o seu tom amarelado. Essa murta cresce nos brejos. Há muitos pés nos terrenos alagadiços onde a Mãe se junta com a Irmã. A minha sorte foi justamente eles estarem lá colhendo murta, no outono passado, senão nunca nos teriam achado.

Jondalar tinha a testa franzida com as lembranças daquele tempo de aflições.

- Tem razão, foi muita sorte nossa. Ainda continuo querendo achar uma maneira de agradecer a essas

pessoas - subitamente, lembrando-se de que o seu irmão estava para tomar-se numa “dessas pessoas”, aprofundou ainda mais as rugas da testa.

- Esse vinho é um presente de noivado para Jetamio - disse Serenio.

Jondalar pegou a cuia e sorveu um gole, aprovando com a cabeça.

- É bem. Muito bem.

- Bem, não. Bom. Muito bom - corrigiu Tholie. - É muito bom - ela não possuía qualquer escrúpulo em corrigi-lo. Ela própria ainda tinha problemas com a língua e dava como certo que ele também gostaria de falar corretamente.

- Muito bom - repetiu Jondalar, sorrindo para a mulherzinha baixota e gorducha com um bebê colado ao seu enorme seio. Ele gostava de Tholie que, com a sua franqueza e o seu temperamento extrovertido, desarmava a natureza tímida e reservada dos outros.

Virando-se, então, para o irmão, disse:

- Ela tem razão, Thonolan. Esse vinho é muito bom. Até mesmo nossa mãe iria concordar e ninguém faz melhores vinhos do que Marthona. Acho que ela também iria gostar muito de Jetamio - dizendo isto, arrependeu-se. Thonolan jamais iria levar a companheira para conhecer a sua mãe. Provavelmente nunca voltariam a ver Marthona.

-. Jondalar, você precisa falar sharamudoi. Ninguém entende zelandonii aqui. Além disso, iria aprender mais depressa se você se obrigasse a falar sharamudoi o tempo todo - disse Tholie, inclinando o corpo para a frente, cheia de sincero interesse. Falava por experiência própria.

Jondalar ficou confuso, mas não zangado. Tholie era tão sincera, além do mais fora indelicadeza sua falar numa Língua que ninguém entendia. Ele enrubesceu, dando um sorriso encabulado.

Tholie notou-lhe a falta de jeito. O fato de ser franca não significava que fosse insensível.

- Por que não aprendemos todos a língua um do outro? Vamos acabar esquecendo até a nossa, se de vez em quando não treinarmos um pouco. zelandonii é uma língua tão melodiosa, adoraria aprendê-la - falou, sorrindo na direção de Thonolan e Jondalar. - Todos os dias podemos tirar um tempinho para treinar - proclamou, como se todos estivessem perfeitamente de acordo.

- Tholie, você pode estar querendo aprender zelandonii, mas talvez eles não tenham interesse em aprender mamutoi. Será que não pensou nisso? - disse Markeno.

Desta vez, foi ela quem ficou vermelha.

-. Não. Realmente não - respondeu, ao mesmo tempo surpresa e decepcionada, dando-se enfim conta de sua presunção.

- Bom, eu quero aprender mamutoi e zelandonii. Acho uma boa idéia - falou Jetamio com ar decidido.

-. Eu também acho uma boa idéia, Tholie -. disse por sua vez Jondalar.

- Ora, que salada estamos nós aqui arrumando. A metade ramudoi tem uma parte mamutoi e a metade shamudoi vai ter uma parte zelandonii - falou Markeno, sorrindo com ternura para a sua companheira.

Era visível a afeição que um tinha pelo outro. Os dois formavam uma boa dupla, achava Jondalar, sem conseguir deixar de dar um sorriso. Markeno era um homem tão alto quanto ele, apenas um pouco menos musculoso. Quando estava perto da companheira, as características físicas se acentuavam ainda mais. Tholie, baixota e gorda, e ele alto e magro.

- Há lugar para mais alguém? - perguntou Serenio. - Seria interessante aprender zelandonii, e acho que pode ser bom para Darvo se ele aprender mamutoi. Quem

sabe se algum dia talvez queira fazer viagens de negócios?

- Por que não? - falou Thonolan, rindo. - Para qualquer canto que se vai, saber outras línguas sempre ajuda - ele olhou para o irmão. - Mas não será por isso que se vai deixar de entender uma linda mulher, não é, Jondalar? Principalmente quando se tem um belo par de olhos azuis - disse rindo, em zelandonii.

Jondalar sorria, ouvindo a pilhéria do irmão.

- Você devia estar falando em sharamudoi - disse Jondalar, dando uma piscadela para Tholie. Com uma faca na mão esquerda, ele espetou um legume dentro de seu prato, à maneira corno via os sharamudoi fazendo e que para ele era um gesto meio forçado. - Como se chama isto?- perguntou a ela. .- Em zelandonii é cogumelo.

Tholie disse-lhe o nome tanto em sua língua como em sharamudoi. Ele então fincou um talo verde e o suspendeu, indagando-a com os olhos.

- Isso é talo de bardana - falou Jetamio, logo percebendo que o no me significaria pouco para ele. Ela se levantou para pegar numa pilha de lixo, perto da área de cozinhar, algumas folhas murchas, mas ainda reconhecíveis.- Bardana - repetiu, mostrando-lhe o pedaço de uma folha sem talo de cor cinza-esverdeado, grande e peluda.

Jondalar balançou a cabeça dando a entender que conhecia, e Jetamio estendeu em sua direção uma outra verde, também grande e larga, que tinha um cheiro inconfundível.

- Claro! Sabia que estava reconhecendo o gosto - falou ele para o ir mão. - Mas nunca tinha visto a folha. Como se chama? - perguntou, voltando-se novamente para Jetamio.

- Trambo - respondeu ela. Tholie não tinha na língua mamutoi nenhuma palavra para designar a planta, mas a

folha, mostrada em seguida por Jetamio, ela a conhecia.

- Isso é um tipo de alga - disse. - Eu a trouxe comigo. Dá no mar e é muito bom para engrossar o caldo dos cozidos - tentava explicar, sem mui ta certeza de estar sendo compreendida. As algas foram usadas porque, além de dar consistência e um certo sabor exótico ao tradicional prato dos shamudoi, expressavam a estreita relação de Tholie com o novo casal. - Já estão quase acabando. Foram dadas também como presente de noivado - ela firmou o bebê, com a cabecinha contra o seu ombro, e se pôs a dar-lhe palmadinhas nas costas. - Você já fez a sua oferenda à árvore sagrada, Tamio?

Jetamio abaixou a cabeça, sorrindo pudicamente. Era uma pergunta que em geral não se fazia tão abertamente, no máximo poderia ser insinuada.

- Espero que a Mãe abençoe a minha união com um bebê tão forte e saudável quanto o seu, Tholie. Shamio já acabou de mamar?

- Ela gosta de sugar só pelo prazer de chupar. Se eu deixar, fica agarra da no seio o dia inteiro. Você quer segurá-la? Preciso sair um pouquinho.

Quando Tholie voltou, o assunto da conversa havia mudado. A comida fora retirada e se serviu mais vinho. Alguém ensaiava um ritmo num tambor de uma só face, ao mesmo tempo que improvisava a letra de uma canção. Tholie pegou de volta o bebê e Thonolan e Jetamio se levantaram para tentar sair às escondidas, mas logo um bando de pessoas, todas rindo muito, se aproximou fazendo um círculo ao redor dos dois.

Era costume os noivos largarem a festa mais cedo para que pudessem ter alguns momentos só para eles, antes do período de separação que antecedia o matrimônio. Mas como convidados de honra não podiam sair com as pessoas ainda presentes. Isso seria indelicadeza. Embora todo mundo soubesse, tinham de escapar num momento em que ninguém estivesse vendo.

Era uma brincadeira, e se esperava que eles representassem o seu papel, fazendo menção de estar saindo, enquanto os outros fingiam não perceber, para depois surpreendê-los em pleno ato, obrigando-os a pedir desculpas. No fim, depois de muita troça e pilhérias, acabavam deixando os dois sair.

- Você não está com pressa nenhuma de ir embora, não é, Jondalar? - perguntou alguém.

- Já está ficando tarde - respondeu Thonolan, sorrindo.

- Ora, está cedo. Sirva-se de um pouco mais, Tamio.

- Não agüento comer mais nada.

- Então tome um copo de vinho. Thonolan, você não iria fazer a desfeita de recusar esse esplêndido vinho de Tamio.

- Bem... nesse caso, aceito um golinho.

- E para você, Tamio, um pouquinho mais?

Ela se inclinou para Thonolan, olhando significativamente numa direção.

- Tudo bem, só mais um gole. Mas nós estamos sem cuias, alguém vai ter de buscá-las.

- Claro. Vocês esperam aqui, não? - falou um deles, se levantando para pegar as cuias, enquanto as outras pessoas fingiam observá-la, dando oportunidade para que Thonolan e Jetamio corressem e fossem esconder-se nas sombras atrás da fogueira.

- Thonolan... Jetamio, vocês aqui? Pensei que fossem beber um pouco de vinho conosco.

- Ah... e vamos. Só estamos dando uma voltinha. Bom, você sabe como é, depois de termos comido tanto... - explicava Jetamio.

Jondalar, perto de Serenio, sentia vontade de prosseguir a conversa anteriormente começada. Os dois estavam divertindo-se com a farsa. Ele inclinou o corpo para perto dela, pedindo-lhe em segredo que saísse logo que a brincadeira cansasse e que Thonolan e Jetamio

houvessem saído. Se tivesse de comprometer-se, teria de ser naquele momento, antes que as suas dúvidas voltassem e o fizessem recuar.

Estavam todos alegres, meio tontos. As uvas-do-monte da última colheita estavam especialmente doces e o vinho ficara mais forte do que de costume. As pessoas rodopiavam ao redor de Thonolan e Jetamio, rindo, pilheriando com os dois. Alguns haviam começado a cantar uma canção em forma de perguntas e respostas, enquanto alguém punha o cozido para requentar e um outro, depois de despejar o resto de chá na cuia, foi botar mais água para ferver. As crianças, ainda muito despertas, corriam umas atrás das outras. As atividades se revezavam e a confusão reinava por toda parte.

Então uma criança, aos berros e correndo, deu um encontrão num homem, não muito bem das pernas, que cambaleou e se chocou contra uma mulher carregando uma cuia de chá quente.

Aconteceu no exato momento quando era maior a algazarra e em meio aos gritos das pessoas acompanhando a corrida do casal que fugia.

Ninguém ouviu o primeiro choro, mas os insistentes gemidos de dor do bebê fizeram com que rapidamente se pusessem em silêncio.

- Meu bebê! Meu bebê se queimou - gritava Tholie.

- Oh, santa Doni - murmurou Jondalar, precipitando-se com Serenio na direção de Tholie, que soluçava com o bebê aos prantos no seu colo.

Todos ao mesmo tempo queriam ajudar. A confusão era ainda pior do que antes.

- Afastem-se, deixem o shamud passar - o efeito calmante da presença de Serenio se fazia sentir.

O shamud, rápido, tirou a roupa da criança.

- Água fria, Serenio. Depressa! Não! Espere. Darvo, você busca a água e Serenio traz cascas de tília. . - sabe onde estão?

- Sei - respondeu e correndo.

- Roshario, há água quente? Se não houver, ponha para esquentar. Precisamos preparar uma tisana de tília e um chá mais fraco para dar como sedativo. As cascas de tua têm de ser escaldadas para fazer as duas coisas.

Darvo chegou trazendo um recipiente derramando pela borda a água que pegou do lago.

- Ótimo, meu filho. Você foi rápido - falou o shamud com um sorriso de aprovação. Em seguida, borrifou com água fria as partes vermelhas e inflamadas que já começavam a empolar. - Precisamos de alguma coisa macia para pôr um curativo em cima, enquanto a tisana não ficar pronta - ele viu uma folha de bardana no chão. - Jetamio, o que é isso?

- Bardana. Havia no cozido - respondeu ela.

- Sobrou alguma? Isto é, folhas?

- Só usamos os talos. Há um montão delas.

- Então traga.

Jetamio correu até a pilha de lixo, voltando com as mãos cheias de folhas rasgadas. O shamud as mergulhou dentro da água, colocando-as em segui da sobre os lugares queimados, tanto da mãe como da filha. À medida que os efeitos calmantes da planta foram fazendo-se sentir, o choro da criança começou a amainar, convertendo-se em soluços intercalados com espasmos.

- Isso ajuda a passar a dor - disse Tholie, que só percebera estar queimada depois do shamud

haver falado. No momento em que o chá despejou, ela estava sentada e conversando, com o bebê satisfeito, tranqüilamente ma mando e, então, não viu mais nada do que a dor de sua filha. - Shamio vai ficar boa?

- A queimadura vai empolar, mas não ficará qualquer cicatriz.

- Oh, Tholie, eu sinto muito - disse Jetamio. - Coitadinha de Shamio e de você também.

Tholie tentava fazer com que o bebê voltasse a mamar, mas ele, agora associando esse ato com a dor, resistia. A lembrança daquele prazer, por fim, acabou prevalecendo, e Shamio parou de chorar, agarrando novamente o seio, para alívio de Tholie.

- Por que você e Thonolan ainda estão aqui? - perguntou ela. - Essa é a última noite em que vão poder ficar juntos.

- Não posso ir embora sabendo que você e Shamio não estão bem. Eu gostaria de ajudar em alguma coisa que fosse preciso.

O bebê voltara a ficar inquieto. A bardana melhorava apenas um pouco e a queimadura ainda doía bastante.

- Serenio, a tisana está pronta? - perguntou o curandeiro, substituindo as folhas por outras mais empapadas de água fria.

- As cascas de tília já ferveram bastante, mas vai levar algum tempo para esfriar. Acho que vou levar para fora, assim irá mais rápido.

- Esfriar! Esfriar! - gritou de repente Thonolan, saindo do abrigo sob a pedreira.

- Aonde ele vai? - perguntou Jetamio.

Jondalar sacudiu os ombros, abanando a cabeça. A resposta veio quando Thonolan, ofegante, entrou de volta correndo. Ele tinha nas mãos alguns pedaços de gelo gotejando, tirados no caminho que levava ao rio.

- Isso serve? - perguntou, mostrando.

O shamud olhou para Jondalar.

- O rapaz é brilhante - disse o shamud ironicamente, como se não esperasse tanta genialidade da parte de Thonolan.

As propriedades da tília serviam ao mesmo tempo para amortecer a dor e fazer dormir. Tanto Tholie como o bebê adormeceram. Thonolan e Jetamio foram, por

fim, convencidos a retirarem-se e terem os seus momentos sozinhos. Mas a alegria despreocupada da festa de compromisso dos dois havia desaparecido. Ninguém queria dizer, mas o acidente deixou uma sombra de tristeza na união deles.

Jondalar, Serenio, Markeno e o shamud permaneceram sentados nas proximidades da maior das casas, aproveitando o resto do calor das brasas já quase apagadas e bebendo vinho enquanto conversavam num meio tom de voz. Todos tinham ido dormir e Serenio insistia com Markeno para que fizesse o mesmo.

- Não há nada que você possa fazer, Markeno. Não há por que ficar de pé. Eu fico com as duas e você vai dormir.

- Ela tem razão, Markeno - falou o shamud. - As duas estão passando bem. E você, Serenio, vá também descansar.

Ela se levantou para ir, mais para encorajar Markeno do que propriamente porque o desejasse. Os outros também se levantaram. Serenio pôs de lado a sua cuia e tocou de leve no rosto de Jondalar, encaminhando-se, em seguida, com Markeno na direção das casas.

- Se precisar, eu o acordarei - falou ao sair.

Depois de ter ido embora, Jondalar despejou as últimas gotas da borra do vinho em duas cuias, oferecendo uma à enigmática figura do shamud que o aguardava, meio encoberto pelas sombras silenciosas. O curandeiro aceitou-a, dando por implícito que os dois tinham o que se dizer. Jondalar raspou da beirada da fogueira as últimas brasas, amontoando-as no centro, e acrescentou mais lenha até ter uma fogueira bem acesa. Por alguns momentos, em silêncio, e sorvendo goles de vinho, ficaram de cócoras, batidos pelo calor trêmulo das chamas.

Ao olhar para cima, Jondalar viu que estava sendo examinado por aqueles olhos de cor indefinida e que à

luz da fogueira eram simplesmente escuros. Havia força e inteligência neles, mas com a mesma intensidade ele lhe devolvia o exame. As chamas crepitando com estalidos sombreavam o velho rosto, dando certa indistinção aos seus traços, mas mesmo à luz do dia Jondalar nunca pôde perceber-lhe quaisquer características específicas, fora a idade. E até essa era misteriosa.

Havia personalidade naquele rosto enrugado. Isso lhe emprestava um to que de juventude, apesar da longa cabeleira branca e desgrenhada. Talvez a figura sob aquelas vestes soltas e largas fosse magra e frágil, no entanto o andar se mostrava lépido, cheio de elasticidade. Somente as mãos não deixavam margem para dúvidas quanto à idade. Mas mesmo com todos os nós de reumatismo e as veias azuis marchetando a pele pergaminhosa, não se via qualquer tremor na cuia que elas levavam aos lábios.

O movimento partiu o contato de olhos. Jondalar achou que o shamud o tivesse feito intencionalmente para aliviar a tensão crescente. Ele também tomou um gole.

- O shamud, bom curandeiro. Pessoa de muito talento.

- Essa é uma graça que recebi de Mudo.

Jondalar procurava descobrir algum traço no timbre ou no tom da voz capaz de revelar um lado mais preponderante da androgenia do curandeiro. Apenas para satisfazer a curiosidade que há tempos lhe remoia o espírito. Ainda não conseguira chegar a uma conclusão se seria o shamud homem ou mulher. A sua impressão era a de que, apesar da neutralidade do gênero, o curandeiro não havia levado uma vida celibatária. Os seus ditos sarcásticos quase sempre vinham acompanhados de olhares carregados de malícia. Ele

queria perguntar, mas não sabia como abordar o assunto em termos delicados.

- A vida do shamud não é fácil. Ser preciso renunciar muitas coisas - ensaiou Jondalar. - O curandeiro nunca quis ter companheira?

Por um instante aqueles olhos inescrutáveis arregalaram-se. Então ou viu-se um sardônica gargalhada. Jondalar, confuso, sentiu subir-lhe no rosto uma onda de calor.

- Que pessoa é essa, Jondalar, você acha que poderia unir-se a mim? Bom, se você tivesse aparecido nos meus anos de juventude, talvez eu ficasse tentado. Ah... mas teria você sucumbido aos meus encantos? Ainda que tivesse ofertado à árvore sagrada um colar de contas, poderia eu tê-lo na minha cama? - falou abaixando a cabeça, numa atitude um tanto recatada.

Por um momento, Jondalar estava convencido de que conversava com uma moça.

- Será que eu deveria ser mais prudente nas minhas palavras? Você é um homem com apetites muito apurados. Será que eu conseguiria aguçar-lhe a curiosidade para novos prazeres?

Jondalar enrubesceu, certo de que se enganara. No entanto, via-se estranhamente atraído pelo olhar libidinoso do shamud e a graça felina que ele projetava nos movimentos sinuosos de seu corpo. Claro, o curandeiro era homem. Só que nos seus prazeres era um homem com os gostos de uma mulher. Muitos curandeiros reuniam em suas pessoas a origem feminina e masculina, ao mesmo tempo. Isso lhes dava maiores poderes. Novamente fez-se ouvir a risada sardônica.

- Mas se para o curandeiro a vida já é difícil, quanto mais então não seria para o companheiro ou a companheira dele? A primeira preocupação de um homem deve ser com a sua cara-metade. Por exemplo, seria difícil abandonar alguém como Serenio no meio da

noite para ir tratar de um doente. Além disso, os períodos de abstinência podem ser muito longos...

O shamud inclinava-se para a frente, falando de homem para homem. Os seus olhos brilhavam com o pensamento de uma mulher encantadora como Serenio. Jondalar, estupefato, abanava a cabeça sem compreender. Mas então um movimento de ombro revelou uma forma de masculinidade de natureza diferente. Algo inexistente nele.

- ...e não sei se gostaria de deixá-la exposta à voracidade dos homens que estariam rondando por perto.

O shamud era mulher. Mas não uma mulher que pudesse sentir-se atraída por ele ou ele por ela, como qualquer coisa mais do que uma simples amizade. Com efeito, o poder do curandeiro advinha de seus dois sexos originais, mas esse era o de uma mulher com gostos masculinos.

O shamud voltou a dar uma sonora gargalhada. Na voz, nenhum sinal mais indicativo de seu sexo. Um pedido de compreensão humana no mudo diálogo de olhos nos olhos. O velho curandeiro, então, prosseguiu:

- Diga-me, Jondalar, qual dos dois sou eu? Com qual você poderia unir-se? Alguns tentam, de um modo ou de outro, encontrar uma relação, mas raramente estas são duradouras. Os nossos dons não nos chegam simples mente como bênçãos. Um curandeiro não tem identidade, exceto em sentido muito lato. Ele perdeu o seu nome pessoal e oblitera o seu eu para assumir a essência de todos. Há recompensas, mas normalmente nessas não se acha incluído o prazer de uma vida em família. Quando se é jovem, nascer predestinado não é necessariamente algo desejável. É difícil ser diferente. Às vezes não se deseja perder a identidade. Mas pouco importa... esse é o seu destino. Não há outra alternativa

para aquele que leva ao mesmo tempo em seu corpo a essência do homem e da mulher.

À luz mortiça da fogueira, o shamud parecia tão velho quanto a própria terra. Com os olhos perdidos nas brasas, era como se estivesse vivendo num outro tempo, num outro lugar. Jondalar levantou-se para reavivar o fogo. Quando as chamas se desprenderam, o curandeiro endireitou o corpo, reassumindo a expressão irônica.

- Isso foi há muito tempo... mas houve suas compensações. Principal mente as que estão ligadas à descoberta do talento e da aquisição do saber. Quando a Mãe chama alguém para o seu serviço, nem tudo é sacrifício.

- Com os Zelandonii é diferente. Nem todos que servem à Mãe saber coisas na juventude. Diferente do shamud. Uma vez pensei também servi Doni. Mas não todos são chamados - falou Jondalar. As rugas em sua testa e os lábios contraídos, sugerindo um amargor ainda não superado, deixavam o shamud curioso. Havia mágoas profundamente enterradas no peito daquele belo rapaz, parecendo tão privilegiado da sorte.

- É verdade, nem todos aqueles que desejam são chamados e nem todos os que são chamados têm o mesmo talento ou vocação. Quando não se tiver certeza, há meios para descobrir-se. São aqueles que usamos para pôr à prova a nossa fé e força de vontade. Isso pode ser bastante esclarecedor, a pessoa acaba conhecendo-se a si mesma, mais do que desejaria. O meu conselho para os que querem entrar no serviço da Mãe é o de que, primeiro, vivam sozinhos. Se não conseguirem isto, jamais passarão pelas provas mais duras.

- Que espécie de provas?

O shamud nunca se mostrara tão franco e Jondalar se via fascinado.

- Por exemplo, os períodos de abstinência, quando devemos renunciar a todos os prazeres. Os períodos de

silêncio, quando não podemos falar a ninguém. Os períodos de jejum, quando passamos o máximo de tempo possível sem dormir. Há ainda outras. Aprendemos a usar esses métodos na busca de respostas e de revelações da Mãe - São usados principalmente por aqueles que estão sendo iniciados. Após algum tempo, aprende-se a submeter a mente à vontade, mas é salutar recorrer-se a estes métodos de vez em quando.

Houve um longo silêncio. O shamud conseguira levar a conversa, contornando as questões que Jondalar realmente gostaria de abordar. Contudo, ele não pôde deixar de perguntar:

- O shamud, que sabe de muitas coisas, poderia dizer o que significa... tudo isto? - disse, abrindo os braços num gesto amplo e vago.

- Sim. Entendo o que está querendo dizer. Você está preocupado com o seu irmão, depois do que aconteceu esta noite e, de modo geral, com ele e Jetamio... e também com você.

Jondalar confirmou com a cabeça.

- Nada é certo... você sabe disto.

Jondalar tomou a balançar a cabeça.

O shamud o examinava, tentando decidir-se até que ponto poderia abrir-se e se aprofundar em suas revelações. Então o velho rosto enrugado se voltou para a fogueira, com uma expressão perdida nos olhos. Jondalar sentiu-o distanciar, como se houvesse surgido um imenso espaço entre os dois, embora nenhum deles se tivesse arredado do lugar.

- É forte o amar que você tem pelo seu irmão - a voz ecoava abafada, lúgubre, como ressoando do além. - Você tem medo de que esse sentimento seja demasiado e o faça viver a vida dele e não a sua. Mas você se engana. É ele quem o conduz para onde você tem de ir, para lugares onde por si mesmo jamais iria. Você está seguindo o seu destino, não o de seu irmão. Vocês

seguirão juntos apenas por uns tempos. As suas forças, Jondalar, são de naturezas diferentes. Quando suas necessidades forem muito grandes, a sua força também o será. Senti que você estava precisando de mim, antes até de acharmos a sua camisa ensangüentada na tora que me foi enviada.

- Eu não enviei a tora. Foi sorte. Foi simplesmente por acaso.

- Não foi por acaso que eu senti a sua necessidade. Outros também sentiram. Não se pode negá-lo, Jondalar. Nem mesmo a Mudo o negaria. Esse é um dom seu. Mas cuidado com as graças que provêm da Mãe, pois elas o tomam seu devedor. Para ser tão bem-dotado como é, Jondalar, Mudo deve ter algum propósito em relação a você. Nada é dado sem retomo. Nem mesmo a dádiva do prazer se constitui numa simples graça. Nela há uma intenção, embora possamos não saber qual seja. Lembre-se disso: você está apenas obedecendo os desígnios da Mãe. Não precisa ser chamado, você nasceu para o seu destino. Mas será posto à prova. Você irá causar dor e sofrerá por isso.

Subitamente os olhos de Jondalar arregalaram-se, surpresos.

- Você será ferido. Na busca da satisfação, encontrará muitas desilusões, e na procura da verdade só achará a dúvida. Mas há compensações. Você nasceu privilegiado: física e mentalmente. Você tem grande capacidade, excepcionais talentos e é dotado de extraordinária sensibilidade. Os seus tormentos resultam de seus privilégios. A você foi dado demasiadamente, irá aprender com o próprio sofrimento. E lembre-se também disso: servir à Mãe não é só sacrifício. Você encontrará o que busca. É o seu destino.

- Mas.. . Thonolan?

- Eu sinto uma ruptura. O destino dele se faz diferente. Ele deve seguir o seu próprio caminho. É um agraciado de Mudo.

Jondalar franziu o rosto. O Zelandonii já dissera algo semelhante e isso não significava necessariamente fortuna. Dizem que a Grande Mãe tem ciúmes de seus filhos diletos e que não tarda a chamá-los de volta. Ele ficou esperando, mas o shamud nada mais disse. Toda a parte da conversa referente à “necessidade”, “força” e “intenções da Mãe” ele não entendera muito bem. Aqueles que servem à Mãe freqüentemente falam por meias palavras, mas ele sentia que não gostava do que havia por trás.

Quando o fogo apagou, levantou-se para ir embora. Começou a andar na direção das casas atrás do ressalto na pedreira, mas o shamud não havia ter minado.

- Não! A mãe e o bebê não! - gritou uma voz súplice em meio à escuridão.

Jondalar, apanhado de surpresa, sentiu um calafrio passar-lhe pela espinha. Perguntou-se se Tholie e a filhinha estariam pior do que ele imaginava. E por que ficou ele tremendo, se não fazia frio?

Capítulo 12

- Jondalar! - era Markeno chamando-o,e ele parou, esperando que o outro o alcançasse. - Essa noite, ache um jeito de não subir de volta tão depressa. Desde o dia do compromisso que Thonolan não vive senão de regras e rituais. Já é tempo de ele ter uma folga - com um sorriso maroto, Markeno retirou a tampa de um odre, fazendo com que Jondalar desse uma cheirada no vinho de uvas-do-monte.

Jondalar fez sim com a cabeça, dando por sua vez um sorriso. Havia diferenças entre o seu povo e esses sharamudoi, mas alguns costumes, sem dúvida, estavam bem difundidos. Ele ficara curioso, querendo saber que "ritual" seria este que os rapazes estariam preparando só para eles. Os dois se puseram a descer juntos pela trilha.

- Como vão passando Tholie e Shamio?

- Tholie está com medo de que Shamio possa ficar com alguma cicatriz no rosto. Mas as duas se encontram em franca recuperação. Serenio acredita que a queimadura não deixará marca, mas nem mesmo o shamud é capaz de afirmar isto.

Caminharam os dois por algum tempo com a mesma expressão preocupada. Numa curva da trilha, deram com Carlono examinando uma árvore. Ao vê-los, o seu rosto se iluminou com um amplo sorriso, tornando ainda mais visível a sua semelhança com Markeno. Ele não era tão alto quanto o filho de sua casa, mas tinha a mesma constituição magra e vigorosa. Deu mais uma olhada e balançou a cabeça.

- Não. Não serve...

- Não serve?

- Para cavernas - falou Carlono. - Não vejo um barco nesta árvore. Nenhum dos galhos seguirá a linha da curva. Nem mesmo aplainando.

- Como sabe? O barco ainda não está pronto - falou Jondalar.

- Ah, mas ele sabe - interpôs Markeno. - Carlono sempre acaba encontrando os galhos apropriados. Se você quiser, fique aqui conversando sobre barcos. Eu vou descer para a clareira.

Jondalar observou-o afastar-se, depois se dirigiu a Carlono, perguntando:

- Como escolher árvores boas para fazer barcos?

- E uma questão de prática. Com o tempo, adquirimos sensibilidade especial para perceber. No momento, não estamos à procura de árvores altas e retas. Queremos as que possuam galhos curvos e em forma de gancho. Então procuramos vê-las como ficariam na formação do piso e das laterais, abauladas. Para isso, temos de achar as árvores que crescem isoladas, com espaço à vontade para expandir-se. Como os homens, algumas crescem melhor agrupadas, lutando para dominar as companheiras. Já outras precisam crescer ao seu modo, sozinhas. Mas as duas têm a sua serventia.

Carlono largou a trilha principal e foi por uma passagem pouco usada. Jondalar ia atrás.

- Às vezes encontramos duas árvores que cresceram juntas - prosseguiu o chefe ramudoi - e são curvas, uma beijando a outra. Como aquelas ali - ele apontou para duas árvores entrelaçadas. - Um par de namorados, como nós chamamos. Freqüentemente acontece cortarmos uma delas e a outra morrer - falou Carlono, enquanto Jondalar o escutava franzindo a testa.

Eles chegaram a uma clareira e Carlono subiu com Jondalar por uma encosta ensolarada na direção de um compacto carvalho de galhos retorcidos e nodosos.

Enquanto se aproximavam, Jondalar olhava, imaginando ver estranhos frutos brotando da árvore, mas já perto, com surpresa, viu que se tratava de urna decoração extremamente inusitada, feita com uma série de objetos. Havia delicadas cestas adornadas com plumas coloridas, pequenas sacolas de couro bordadas com conchas de moluscos e cordões trançados artisticamente. Um comprido colar de tanto tempo estar lá pendurado acabou incrustado na madeira. Ao examinar melhor, Jondalar viu que era um cordão de conchas intercaladas com espinhas de peixe. Os furos nas conchas, fina mente esculpidas, eram produzidos, enquanto os dos ossos eram naturais. Dos galhos ainda se penduravam: miniaturas de barcos, dentes caninos presos por tiras de couro, penas de pássaros, rabos de esquilos. Jondalar jamais vira uma coisa como aquela na vida.

Carlono deu uma risada diante da sua reação de espanto.

- Essa é a árvore sagrada. Imagino que Jetamio já tenha feito a sua oferenda. As mulheres em geral fazem isso quando querem que Mudo as abençoe com filhos. Elas pensam na árvore como uma propriedade sua, mas muitos homens penduram aqui também as suas oferendas. Costumam pedir para terem sorte nas caçadas, proteção para um novo barco e felicidade quando tomam uma nova companheira. Não se faz pedidos para qualquer coisa, eles são reservados para ocasiões especiais.

- É enorme a árvore!

- Essa árvore é a própria Mãe. Mas não foi por isso que eu o trouxe aqui. Você reparou como estão curvos e dobrados os galhos? É que ela seria imensa, mesmo que não fosse a árvore sagrada. São de árvores como esta que se tem de retirar a madeira para os suportes. Depois, então, é que se examina os galhos para ver se eles servem para a construção do interior dos barcos.

Os dois tomaram um caminho diferente para descer à clareira onde fabricavam as embarcações. Lá encontraram Markeno e Thonolan trabalhando numa enorme tora, tanto no sentido da circunferência como no do comprimento. Os dois tinham em suas mãos uma enxó. No atual estágio, o tronco se parecia mais com o cocho que usavam para preparar chá do que com as embarcações de linhas elegantes dos sharamudoi, mas a forma geral já estava esboçada. Posteriormente, a proa e a popa seriam modeladas, mas antes o interior precisava receber acabamento.

- Jondalar passou a ter grande interesse nas construções de nossos barcos - falou Carlono.

- Talvez devêssemos arrumar uma mulher da ribeira para ele, assim te ríamos mais um ramudoi. Seria justo, já que o irmão vai ser um shamudoi - pilheriou Markeno. - Sei de duas que andam espichando o rabo do olho para ele. Uma delas facilmente seria persuadida.

- Com Serenio por perto, acho que elas não têm muita chance - falou Carlono, dando uma piscadela para Jondalar, - Mas não faz mal, os melhores fazedores de barco são shamudoi. Não é o barco na terra e sim na água que torna o homem ramudoi.

- Se está querendo tanto aprender a construir barcos, por que não passa a mão numa enxó e ajuda? - disse Thonolan. - Tenho a impressão de que o meu irmão está mais a fim de conversar do que de trabalhar - ele tinha as mãos e as bochechas manchadas de preto. - Posso até emprestar a minha enxó - acrescentou, atirando a ferramenta na direção de Jondalar, que a apanhou no ar. A enxó, uma resistente lâmina de pedra assentada perpendicularmente no cabo, lhe pôs uma mancha preta na mão.

Thonolan pulou para fora do tronco e foi verificar uma fogueira perto. Estava reduzida a umas poucas brasas vivas, das quais, vez por outra, desprendiam-se

labaredas cor de laranja. Com um pau, ele arrastou alguns carvões acesos para cima de uma tábua já cheia de buracos chamuscados. Carregou-os, então, para o tronco e os despejou, em meio a uma chuva de faíscas na cavidade que haviam aplainado. Markeno, depois de botar mais lenha na fogueira, trouxe um recipiente com água. Os carvões acesos deveriam que us. a tora, mas não estorricá-la.

Thonolan, com uma vareta, remexeu as brasas e, depois, despejou água em alguns pontos estratégicos. O chiado do vapor e o cheiro forte da madeira queimando-se revelavam-lhes as forças elementares em luta: água versus fogo. A água venceu e Thonolan atirou fora os pedaços molhados de carvão. Pulou então novamente para dentro do cocho, pondo-se a raspar a madeira chamuscada, alargando e ao mesmo tempo aprofundando o buraco.

- Deixe-me experimentar fazer isso - disse Jondalar, após observar por alguns instantes.

- Estava mesmo me perguntando se você iria ficar parado aí o dia inteiro - observou Thonolan, sorrindo. Quando falavam entre si, os dois irmãos acabavam deixando-se arrastar pela língua materna. A intimidade com ela e a despreocupação para falar era relaxante. Ambos começavam a dominar o sharamudoi, mas Thonolan estava falando melhor.

Depois de usar um pouco a ferramenta, Jondalar parou para examinar a cabeça da enxó e, em seguida, experimentou usá-la numa posição diferente. Novamente tornou a parar para examinar o gume, e então encontrou o jeito de empunhá-la. Os três se puseram a trabalhar e, enquanto não fizeram uma pausa para descansar, a conversa era pouca entre eles.

- Nunca tinha visto usar fogo para cavar madeira - disse Jondalar enquanto caminhava para o galpão. - Sempre vi esse trabalho feito só com enxó.

- E pode ser feito só com enxó, mas o fogo faz com que ande mais rápido. O carvalho é uma madeira dura - observou Markeno. - Às vezes usamos os pinheiros que dão mais no alto da montanha. A madeira é macia e mais fácil de ser cavada, mas mesmo assim o fogo sempre ajuda.

- Leva muito tempo para se fazer um barco? - perguntou Jondalar.

- Isso depende do quanto você trabalhar e de quantos estão metidos no trabalho. Esse, por exemplo, não vai demorar muito. Bom, você sabe, essa é uma reivindicação de Thonolan. O barco precisa ficar pronto o quanto antes para ele poder unir-se a Jetamio - Markeno deu um sorriso. - Nunca vi ninguém trabalhar tanto e também pressionar tanto os outros. Mas, uma vez começado, sempre bom que não se interrompa o trabalho. Assim a madeira não terá tempo para secar demais. Essa tarde vamos cortar as pranchas para as fileiras. Você gostaria de ajudar?

- Claro que ele vai ajudar - falou Thonolan.

O imenso carvalho que Jondalar ajudara a abater fora levado, sem as ramagens da parte superior, para o outro lado da clareira. Para carregá-lo foi preciso arregimentar todos os braços fortes disponíveis e quase outro tanto para cortá-lo. Jondalar não precisou ser pressionado pelo irmão. Não iria per der a oportunidade.

Primeiro, com malhos de pedra, introduziu-se urna série de cunhas de osso ao longo dos veios, em toda a extensão do tronco. A compacta massa de madeira começou a ceder relutante, mas depois as cunhas acabaram por abrir uma rachadura. À medida que as grossas extremidades das cunhas iam sendo marteladas para dentro do coração da madeira, as estilhas de ligamento soltavam-se, até que, com forte estrépito, as duas partes caíram para os lados, partidas habilmente pela metade.

Jondalar, maravilhado, balançava a cabeça. No entanto, estava apenas começando. As cunhas foram novamente colocadas no centro de cada uma das metades e o processo repetido, dividindo-se outra vez pela metade. E assim se foi fazendo sucessivamente com as seções que se iam separando, sempre cortadas pelas suas metades. Ao final do dia, o colossal tronco estava reduzido a uma pilha de tábuas, cortadas radialmente, todas afinando-se na direção do centro e com uma beirada mais fina do que a outra. Algumas pranchas saíram mais curtas do que outras, devido aos nós da madeira, mas seriam igualmente aproveitadas, O número de tábuas era muito maior do que o necessário às laterais do barco, de modo que as sobras iriam para a cabana a ser construída para o novo casal, no vão embaixo da pedreira, no alto da montanha. A moradia seda vizinha de Roshario e Dolando, e suficientemente espaçosa para alojar Markeno e Tholie com o bebê durante os rigores do inverno. Acreditava-se que se a madeira usada na construção do barco e da cabana fosse da mesma árvore, isso fortaleceria o vínculo do casal com a força do carvalho.

Quando o sol começou a descer no céu, Jondalar reparou que alguns rapazes se metiam dentro das matas. Markeno deixou-se persuadir por Thonolan e continuou no serviço de cavar a base do barco, até que já não houvesse mais ninguém lá, fora eles. Foi Thonolan que, por fim, concordou que estava realmente escuro para continuar trabalhando.

- Isso aqui está muito claro. Você ainda não sabe o que é escuridão - falou uma voz atrás dele.

Antes que Thonolan tivesse tempo para se virar e ver quem falava, uma venda lhe foi posta sobre os olhos e os seus braços seguros.

- O que está acontecendo? - gritou, lutando para se desvencilhar.

Apenas risos abafados foram ouvidos como resposta. Ele se viu suspenso e carregado para um outro lugar. Quando novamente foi colocado no chão, sentiu que lhe estavam retirando a roupa do corpo.

- Parem com isso! O que estão fazendo? Está frio.

- Não vai sentir frio por muito tempo - falou Markeno, depois da venda ser desatada.

Thonolan viu, então, uma meia dúzia de rapazes sorrindo, todos nus. O lugar onde se achavam lhe era desconhecido, principalmente ao lusco-fusco do anoitecer, mas ele ouviu o barulho de uma água correndo por perto.

Ao redor dele, a floresta se mostrava uma densa massa negra. Contudo, o negrume numa certa área se diluía, deixando entrever as silhuetas das árvores, delineadas contra um céu arroxeado. Para mais além, um largo caminho reluzia sinuosamente com os reflexos prateados da superfície acetinada do Grande Rio Mãe. Perto, uma luz brilhava fracamente através das fendas de uma pequena construção de madeira, baixa e retangular. Os rapazes subiram no teto e entraram na cabana por um buraco, valendo-se de um tronco escalonado que se encontrava encostado num canto da parede.

Dentro da cabana, num buraco central, fora armada uma fogueira em cima da qual se achavam algumas pedras esquentando. As paredes dos fundos projetavam no chão um ressalto que estava revestido por tábuas finamente lixadas com areia. Logo que todos entraram, tamparam o buraco no teto com uma coberta móvel. A fumaça safa pelas gretas. As brasas brilhando sob as pedras quentes, depressa fizeram com que Thonolan desse razão a Markeno. Ele já não sentia frio. Alguém atirou água por cima das pedras, fazendo levantar uma nuvem de vapores que embaçou ainda mais o recinto fracamente iluminado.

- Você conseguiu arrumar, Markeno? - perguntou um homem sentado ao lado dele.

- Está aqui, Chalono - respondeu Markeno, suspendendo o odre cheio de vinho.

- Bom, então vamos bebê-lo. Você é um homem de sorte por ter uma companheira capaz de fazer um vinho como este, Thonolan - disse Chalono em meio à concordância geral e passando adiante o odre. Então com um sorriso safado, mostrou um embrulho de couro dentro de uma sacola. - Eu tenho aqui comigo uma outra coisa.

- Agora estou entendendo por que você passou o dia inteiro rondando as matas - observou um dos rapazes. - Tem certeza de que são mesmo dos bons?

- Não se preocupe, Rondo. Eu conheço cogumelos. Pelo menos esses aqui eu conheço - assegurou Chalono.

- E deve conhecer mesmo. Você não perde uma chance de apanhá-los.

A observação maliciosa provocou novas risadas.

- Talvez ele esteja com intenções de ser o shamud, Tarluno - acrescentou Rondo com ar de zombaria.

- Mas veja lá, Chalono. Esses não são os cogumelos do shamud, são? - perguntou Markeno. - Os dele são vermelhos, com pintas brancas, e podem ser mortais, se não se souber prepará-los direito.

- Não. Estes aqui são pequeninos, deliciosos e inofensivos, Só fazem a gente se sentir bem. Eu não gosto de brincar com os do shamud. Não quero ter uma mulher dentro de mim... Prefiro entrar numa mulher - falou Chalono, dando uma risadinha.

- Quem pegou o vinho? - perguntou Tarluno.

- Entreguei o odre para Jondalar. Grandão como ele é, vai acabar bebendo tudo.

- Mas eu já passei o odre para Chalono - falou Jondalar.

- Ainda não vi nenhum cogumelo. Será que você vai ficar com o vinho e os cogumelos? - perguntou Rondo,

- Ora, vamos com calma, Estava tentando abrir essa sacola. Tome, Thonolan, você é o convidado de honra, Merece ser servido primeiro.

- Markeno, é verdade que os mamutoi tiram de uma planta uma bebida melhor do que vinho ou cogumelo? - indagou Tarluno.

- Não sei se melhor, mas já tomei dela uma vez.

- Que tal um pouco mais de vapor? - falou Rondo, atirando uma cuia de água sobre as pedras, sem esperar pela resposta.

- No oeste, se usa colocar alguma coisa no vapor - comentou Jondalar.

- E numa das Cavernas, as pessoas têm o hábito de respirar a fumaça feita por certa planta. Eles deixaram que a gente experimentasse, mas não quiseram contar qual era a planta - acrescentou Thonolan.

- Vocês dois já devem ter experimentado de quase tudo nessa viagem que estão fazendo - observou Chalono. - Isso é o que eu gostaria de fazer, experimentar de tudo o que existe neste mundo.

- Ouvi dizer que os cabeças-chatas tomam uma coisa... - ia Tarluno dizendo.

- Eles são animais e por isso bebem qualquer coisa - interpôs Chalono.

- Mas não foi exatamente o que você acabou de dizer? Que gostaria de experimentar de tudo? - falou Rondo, num tom escarnecedor e arrancando uma risada geral.

Chatono reparou que os comentários de Rondo sempre provocavam risos e quase sempre à sua custa. Para não ficar atrás, começou a contar uma piada que sabia já ter produzido sucesso.

- Vocês conhecem a do velho que era tão cego que apanhou uma cabeça-chata pensando que era uma

mulher e...

- E que o seu pau pendurou-se num outro lugar? Ora, essa é nojenta, Chalono - falou Rondo. - Qual homem que iria confundir uma cabeça-chata com uma mulher?

- Alguns não confundem. Fazem de propósito - disse Thonolan. - A oeste daqui, os homens de uma Caverna gostam de ter prazeres com fêmeas de cabeças-chatas. Isso causar muitos problemas para as outras Cavernas de lá.

- Está brincando!

- Não. Não brincando. Nós fomos cercados por um bando de cabeças chatas - confirmou Jondalar. - Eles estavam muito zangados. Depois as pessoas da Caverna contaram para nós que estava havendo confusão por causa disso.

- Como vocês conseguiram escapar?

Eles deixaram - respondeu Jondalar. - O chefe do bando... inteligente. Cabeças-chatas muito mais inteligentes do que as pessoas pensam.

- Soube de um rapaz que fez uma aposta que ia pegar uma cabeça-chata e pegou mesmo - disse Chalono.

- Quem? Você, Chalono? - troçou Rondo. - Afinal, você disse que queria experimentar de tudo.

Chalono procurava defender-se, mas as risadas não o deixavam falar. Quando, por fim, serenaram um pouco mais, ele tentou novamente.

- Não. Eu não estava querendo dizer isso, quando falei que gostaria de experimentar de tudo. Estava falando de vinho, cogumelos, só coisas desse tipo - ele já se sentia meio alto e a língua começava a ficar um tanto pastosa.- Mas uma porção de garotos, que ainda não conhecem uma mulher, falam de cabeças-chatas como se conhecessem.

- Ora, conversas de garotos - falou Markeno.

- E sobre o que vocês acham que garotas conversam?

- Talvez sobre os machos dos cabeças-chatas - disse Chalono.

- Não quero mais falar sobre esse assunto - cortou Rondo.

- Mas bem que você participava dessas conversas quando éramos garotos, Rondo - falou Chalono, começando a se sentir ofendido.

- Bom, mas eu cresci e esperava que você também. Estou já farto dessas suas histórias nojentas.

Chalono, meio bêbado, se sentiu insultado. Se estava sendo acusado de nojento, então daria realmente motivos para isso.

- Ah, é assim, Rondo? Pois eu sei de uma mulher que teve prazer com cabeça-chata e mais tarde nasceu um filho da mistura dos espíritos...

- Chega! - Rondo encolheu os ombros e apertou os lábios numa expressão de nojo. - Chalono, isto não é coisa com que se brinque. Quem o convidou para essa reunião? Vão com ele daqui! Eu me sinto como se um monte de merda tivesse sido atirado na minha cara. Um pouco de brincadeira ainda passa, mas ele foi longe demais.

- Rondo tem razão - falou Tarluno. - Por que você não vai embora, Chalono?

- Não - disse Jondalar. - Lá fora está frio, muito escuro. Melhor não sair. É verdade, bebê nascido de mistura de espíritos não é assunto para brincadeiras. Mas por que todo mundo sabe da existência deles?

- Meio gente, meio animal. Uma aberração da natureza murmurou Rondo. - Não quero falar nessa coisa. Aqui está muito quente. Bom, antes que eu fique enjoado, vou para fora.

- Esperava-se que essa fosse uma reunião para deixar Thonolan relaxado - observou Markeno.

- Por que não vamos todos dar um mergulho e depois voltamos para começar tudo de novo?

Ainda há uma boa quantidade do vinho de Jetamio. Eu não contei para vocês, mas trouxe dois odres comigo.

- Acho que as pedras ainda não estão bem quentes - falou Markeno. A sua voz era calma, mas só aparentemente.

- Não é bom deixar a água permanecer muito tempo dentro do barco. A madeira não deve ficar encharcada demais, apenas o bastante para amaciá-la e torná-la flexível. Thonolan, as escoras estão à mão para quando precisar mos delas? - perguntou Carlono, franzindo o rosto, preocupado.

- Estão aqui - respondeu, indicando os postes de amieiro que se encontravam no chão, perto da canoa cheia de água.

- É melhor começarmos logo, Markeno. Faço votos para que essas pedras já estejam quentes.

Jondalar, apesar de ver o barco aos poucos ganhando forma, continuava ainda assombrado com a sua transformação. O tronco do carvalho já deixara de ser uma simples tora. O seu interior fora ocado e polido, enquanto o exterior tinha agora o elegante contorno de uma canoa longilínea. O casco não chegava a ter a grossura de um dedo, fora a proa e a popa, duas partes trabalhadas mais solidamente. Ele vira Carlono, com uma enxó de pedra, parecida a um cinzel, raspar a camada externa de um pedaço de madeira, já fina como uma vara, e dar.lhe a espessura que a embarcação teria no final. Quando ele próprio foi tentar, mais admirado ainda ficou com a habilidade e perícia do homem. O barco afinava-se na proa, fazendo um talha-mar pontiagudo, tinha o piso razoavelmente plano e uma popa não tão pronunciada. Proporcionalmente, era bastante comprido em relação à largura.

Os quatro se puseram a transportar, rápido, as pedras que esquentavam na fogueira pata a canoa, fazendo a água que se achava dentro soltar vapores e ferver, O processo era o mesmo que o da fervura da água com pedras quentes para preparar o chá no cocho, perto do galpão, só que aqui levado em grande escala e com outro propósito. O calor não era para cozinhar, e sim para remodelar o recipiente.

Markeno e Carlono, de frente um para o outro, na parte mediana da embarcação, começaram a pôr à prova a flexibilidade da madeira, pressionando-a com extremo cuidado, de modo a alargar o casco, mas sem rachá-lo. Toda a obra de escavar e modelar, executada a duras penas, iria por água abaixo se durante o trabalho de expansão a madeira partisse. Era um momento tenso. Enquanto era feita a pressão no meio do barco, Thonolan e Jondalar estavam a postos, aguardando que a largura atingisse o ponto desejado, para então encaixar a caverna central, a mais larga de todas, o que lhes custou um grande esforço. O casco resistiu.

Instalada a escora central, passou-se ao encaixe das demais cavernas, cada vez menores quanto mais próximas dos extremos da embarcação. Eles retiraram parte do volume da água quente até ser possível, entre os quatro, levantar o casco, jogar fora as pedras, e virar o barco para esvaziar o que restava da água. Finalmente o barco foi escorado com toras para secar.

Os homens respiraram mais aliviados ao afastarem-se para admirar o belo feito, O barco tinha uns quinze metros de comprimento, por dois e meio de largura, mas o trabalho de expansão da madeira alterara o desenho em outro aspecto importante: com o alargamento do meio, as áreas da proa e popa se levantaram, dando à embarcação uma graciosa curvatura nas extremidades. Além de proporcionar uma largura maior para o aumento da estabilidade e capacidade, a expansão da

madeira, ao arrebitar as extremidades, ajudava o barco a enfrentar o embate das ondas e águas revoltas.

- Agora está um perfeito barco de preguiçoso - disse Carlono, enquanto caminhavam para outro recanto da clareira.

- Preguiçoso?!... - exclamou Thonolan, pensando na dureza que fora o trabalho.

Carlono sorriu. Já esperava a reação.

- É uma longa história que se conta de um preguiçoso e sua companheira ranzinza, com um barco que ficou esquecido por todo o inverno. Quando o pobre coitado foi ver, o gelo e a neve, que se acumularam lá dentro, fizeram a madeira expandir-se. Todos acharam que o barco estava arruinado. Mas como era o único que ele tinha, esperou que secasse e o lançou na água: descobriu que navegava muito melhor. Moral da história: daí por diante, todos os barcos passaram a ser construídos desse jeito.

- É uma história engraçada, se é que foi mesmo assim - disse Markeno.

- Tem a sua dose de verdade - atalhou Carlono. - Se estivéssemos fazendo um barco pequeno, teríamos praticamente terminado, fora alguns retoques finais - disse, ao mesmo tempo que se aproximavam de uni grupo de pessoas que, com verrumas de osso, estavam fazendo furos ao longo das beiradas de algumas pranchas. Era um trabalho difícil e tedioso, mas que, em grupo, saía mais rápido e alegre.

- E eu já estaria muito mais perto de juntar os meus trapinhos - falou Thonolan, reparando na presença de Jetamio.

- Vocês todos estão com cara de riso. Isso deve significar que o trabalho de expansão da madeira saiu direito - falou Jetamio, dirigindo-se a Carlono, mas voltando, rápido, os olhos para Thonolan.

- Ao certo mesmo, só saberemos depois que o barco secar - respondeu Carlono, precavidamente, não desejando tentar o destino. - Como estão andando as fileiras?

- Já estão prontas. Agora estamos trabalhando nas tábuas a serem usa das na casa. - respondeu uma mulher de idade. Ela, na maneira de ser, pare cia com Carlono, tanto quanto Markeno, principalmente sorrindo. - Um barco não é tudo na vida de um casal. Neste mundo há mais coisas para serem vividas, querido irmão.

- Ora, Carolio, estou tão doido para ver esses dois juntos quanto você - falou Barono, sorrindo para Thonolan e Jetamio que, em silêncio, trespassavam um ao outro com os seus sorrisos desejosos. - Mas de que adianta uma casa sem um barco?

Carolio olhou-o ofendida. Barono estava apenas repetindo um velho aforismo ramudoi, pretensamente espirituoso e já tão gasto que não tinha a menor graça.

- Raios! - exclamou Barono. - Outra vez se quebrou.

- Hoje ele está completamente desarvorado - disse Carolio. - Ë a terceira verruma que quebra.

Acho que está farto de fazer buracos, por isso estraga as verrumas para se ver livre desse serviço cacete.

- Não seja tão impiedosa com o seu companheiro - falou Carlono.- Todo mundo quebra verrumas. Não se pode evitar que isso aconteça.

- Numa coisa ela tem razão: serviço cacete. Não conheço nada mais chato do que este trabalho comentou Barono, com um largo sorriso para as pessoas que murmuravam em volta.

- Que engraçadinho! O que pode haver de pior do que um companheiro que se julga espirituoso? - disse Carolio, como se buscando o apoio das outras pessoas.

Todos riram. Afinal, sabiam que sob aqueles gracejos existia um grande afeto.

- Se você tiver uma verruma disponível, posso tentar fazer alguns - falou Jondalar.

- O que é que há com esse rapaz? O único aqui que quer fazer buracos - falou Barono, aproveitando imediatamente a chance para levantar-se.

- Jondalar está interessadíssimo na fabricação de nossos barcos - respondeu Carlono. - Em quase tudo ele mete a mão para experimentar.

- Mas, neste caso, podemos fazer dele um ramudoi - falou Barono.

- Sempre achei que ele fosse um rapaz inteligente. Já o outro, eu tenho as minhas dúvidas - acrescentou, sorrindo para Thonolan, que só tinha olhos para Jetamio. - Tenho a impressão de que uma árvore podia despencar sobre a cabeça dele neste momento que não se daria conta. Não temos nenhum trabalho melhor para ele fazer?

- Talvez ele pudesse pegar lenha para a caldeira ou limpar galhos de salgueiro para costurar as pranchas - falou Carlono. - Logo que a canoa estiver seca e com os buracos feitos ao redor do casco, já estaremos com as pranchas na curvatura certa para serem encaixadas. Quanto tempo você acha, Barono, que ainda vai levar para o barco ficar pronto? Temos de comunicar isso ao shamud para que ele comece a tratar da cerimônia. E Dolando também precisa ser avisado. Ele tem de enviar os mensageiros às outras Cavernas.

- O que ainda está precisando ser feito? - indagou Barono, enquanto caminhavam na direção do lugar onde se achavam algumas pesadas estacas afundadas no chão.

- Ainda está faltando abrir os encaixes na popa e na proa e... você vem conosco, Thonolan?

- Hein? Ah... sim.

Logo que saíram, Jondalar apanhou uma verruma com um cabo de osso e observou a maneira de Carolio usá-la.

- Para que os buracos? - perguntou, depois de haver feito alguns.

Apesar das implicâncias, o interesse por barcos de irmã gêmea de Carlo no não ficava a dever o do irmão. Se ele era um perito em goivaduras e na modelagem de cascos, ela o era nos encaixes e amarrações. Prontamente se pós a dar explicações, mas então preferiu conduzir Jondalar a um outro recanto da clareira, onde se encontrava um barco parcialmente desmontado.

Diferente da jangada, que dependia da força ascensional dos materiais usados na construção, o princípio da embarcação dos sharamudoi era o do fechamento de uma bolsa de ar no casco de madeira. Esse foi um importante invento que não só tornou as embarcações mais manobráveis, como também lhes deu uma maior capacidade para o carregamento de cargas. As pranchas, usadas para transformar a piroga inicial num barco de maiores dimensões, eram abauladas para ajustar-se à convexidade da estrutura básica, valendo-se do calor e dos vapores, e depois literalmente costuradas, em geral com galhos de salgueiro e aproveitando os furos previamente feitos, e por fim presas com cravelhas aos sólidos suportes de popa e proa. Posteriormente, acrescentavam-se escoras, em intervalos certos, ao longo de ambos os lados, para reforçar o barco e fixar os assentos.

Quando bem-feitas, o resultado era um casco impermeável, capaz de resistir a pressões resultantes de um uso intensivo de muitos anos. No entanto, acabada chegando o dia em que o desgaste e a deterioração das fibras de salgueiro tornariam imprescindível que se desmontasse completamente o bar co para reconstruí-lo

em seguida. Na ocasião, as pranchas enfraquecidas eram também substituídas, o que prolongava consideravelmente a vida útil do barco.

- Veja onde as pranchas defeituosas foram removidas - disse Carolio, mostrando a Jondalar o barco em reparos. - Há furos ao longo da beirada superior da piroga - indicou-lhe uma tábua cuja curvatura se adaptava ao casco.- Esta foi a primeira das fileiras. Os furos ao longo da beirada mais fina estão em perfeita correspondência com a base. Veja só: ficou sobreposta assim, e costurada à parte superior da piroga. Em seguida, costurou-se a prancha de cima a esta.

Passaram para o outro lado do barco, que ainda não havia sido desmantelado. Carolio mostrou as fibras cortadas e desgastadas em alguns dos furos.

- Este barco estava mesmo precisando de reparos. Veja como as fileiras estão se superpondo. Para barcos pequenos, de uma ou duas pessoas, não são necessárias laterais, basta a piroga. Se bem que em águas agitadas a manobra é bem mais difícil. Antes que se perceba, lá se vai o controle do barco.

- Algum dia eu gostar de aprender - disse Jondalar. Ele reparou na prancha abaulada e perguntou: - A prancha é curvada como?

- Com vapor e tensão, da mesma maneira como se expandiu a base. Os suportes lá adiante, onde se encontram Carlono e o seu irmão, são para fazer as guias de retenção para não deixarem sair do seu lugar as fileiras, enquanto estão sendo costuradas. Uma vez os furos feitos, não é coisa que leve tempo, se houver, claro, muitas mãos trabalhando juntas. Fazer furos é que é o grande problema. Afiamos tanto as verrumas de osso, que elas se quebram com a maior facilidade.

Já anoitecendo, quase todos estavam subindo de volta ao terraço no al to da montanha, quando Thonolan

reparou que o seu irmão estava mais silencioso que de costume.

- Em que está pensando, Jondalar?

- Fazer barcos. É muito mais complicado do que pensei. Nunca ouvi falar antes de barcos como estes, nem vi povo que tivesse tanto domínio sobre as águas como os ramudoi. As pessoas parecem mais à vontade dentro de seus barcos do que andando... E que perícia para manejar os instrumentos!.

Thonolan percebeu os olhos do irmão iluminar-se, cheios de entusiasmo.

- Andei examinando as ferramentas. A enxó, por exemplo, que Carlo no está usando, me dá a impressão de que ficaria muito mais cômoda se tivesse uma boa lasca retirada de seu gume, de modo a produzir uma superfície interna côncava e lisa. Tenho certeza também de que poderia fabricar um bril de sílex que faria andar muito mais depressa esse serviço de abrir furos.

- Ah, então é isso! Por um momento cheguei até a acreditar que você estivesse mesmo interessado na fabricação de barcos. Mas eu devia ter desconfiado. Não se trata de barco e sim das ferramentas usadas para construí-lo. Jondalar, você no fundo nunca deixará de ter alma de ferramenteiro.

Jondalar deu um sorriso, sabendo que Thonolan estava certo. O processo de construção dos barcos era curioso, mas o que realmente o estava interessando eram as ferramentas. Havia, dentre os sharamudoi, bons ferramenteiros, mas ninguém fizera disso uma especialidade. Não havia lá nenhuma pessoa com discernimento para perceber que umas tantas modificações dariam muito mais eficácia às ferramentas. Sempre lhe dera prazer produzir instrumentos adequados aos usos que lhe eram destinados, e a sua mente, criativa por natureza, já visualizava uma série de possibilidades que iriam melhorar aqueles usados pelos

sharamudoi. E talvez fosse uma maneira de ele, com os seus conhecimentos e prática, começar a retribuir àquele povo que tanto devia.

- Mãe! Jondalar! Está chegando mais gente! Já existem tantas barracas, nem sei como vai dar espaço para todo mundo - comunicou Darvo, entrando esbaforido na cabana. Em seguida, saiu correndo novamente. Viera só para trazer notícias. Impossível ficar sossegado dentro da casa, quando um mundo de coisas interessantíssimas estava acontecendo lá fora.

- Há mais convidados agora do que na cerimônia de Markeno e Tholie, e eu já achava que aquela tinha sido uma festa imensa - falou Serenio. - Tal vez seja porque a maioria das pessoas, mesmo sem nunca ter visto um mamutoi, sabia que eles existiam, e dos zelandonii jamais alguém ouviu falar.

- Será que estão achando que não somos gente com dois braços, duas pernas e dois olhos, como todo mundo?

Ele se sentia meio soterrado pelo número de convidados. Em geral, nu ma Reunião de Verão dos Zelandonii, havia até mais gente, mas agora, fora os residentes da Caverna de Dolando e os da Doca de Carlono, as pessoas eram todas desconhecidas. A notícia se difundira com tanta rapidez que outros povos, além dos sharamudoi, haviam comparecido. Os primeiros a chegar foram os mamutoi, não só parentes e amigos de Tholie, mas também aqueles que por curiosidade vieram junto. Depois, foi a vez das populações vivendo em terrenos mais acima, às margens da Mãe e da Irmã.

Além do mais, muitos dos costumes da cerimônia nupcial ele não os conhecia. Entre os zelandonii, o usual era todas as Cavernas se reunirem num de terminado local previamente estabelecido, e lá realizar a cerimônia que uniria diversos casais ao mesmo tempo. Para

Jondalar, tudo aquilo era inteiramente novo. Jamais vira tanta gente concentrada por causa de um só casal. Como único parente de Thonolan, ele tinha um papel de proeminência nas cerimônias e estava sentindo-se nervoso.

- Jondalar, sabe que a maioria das pessoas se surpreenderia se soubesse que você não é tão seguro quanto aparenta? Não se preocupe, você irá sair-se otimamente - falou Serenio, chegando-se para junto dele e rodeando-o com os braços. - Aliás, você sempre se sai...

Ela fizera o que tinha de fazer. A proximidade física de seu corpo o deixava deliciosamente inebriado. As suas palavras tinham o dom de acalmá-lo e, sem se impor, sabia como distrair-lhe o pensamento. Ele a puxou para mais perto e apertou os seus lábios quentes contra os dela, num prolongado beijo, permitindo-se um momento de sensualidade, antes de novamente se ver tomado pelas apreensões.

- Você acha que estou bem, desse jeito? Essa é uma roupa de viagem e não para ser usada em ocasiões especiais - disse Jondalar, subitamente dando-se conta de que estava com um traje típico dos zelandonii.

- Aqui ninguém sabe disso. Ë uma vestimenta diferente, muito especial. Perfeita para a ocasião, acho eu. Poderia passar por uma vestimenta comum, se fosse conhecida, mas não é. As pessoas irão estar de olhos em cima de você e também em Thonolan. Foi por isso que vieram. Se puderem vê-lo de longe, talvez não sintam necessidade de chegar perto. Além disso, nessa roupa, você se sente à vontade. Ela cai bem e assenta muito com você, Jondalar.

Ele a soltou e foi olhar através de uma fenda a multidão do lado de fora. Em seguida, caminhou até a parede do fundo, onde o teto inclinado impediu-o de ir

mais adiante. Depois voltou, e novamente tornou a olhar pela fresta.

- Jondalar, deixe-me preparar um chá para você. Ë feito de uma mistura especial de erva, que aprendi com o shamud. Ele vai acalmar os seus nervos.

- E eu estou parecendo nervoso?

- Não. Mas tem todo o direito de estar. Em poucos instantes o chá estará pronto.

Ela despejou água numa caixa retangular e, em seguida, pôs pedras quentes dentro, enquanto Jondalar, perdido em seus pensamentos, veio sentar-se num banquinho baixo de madeira. Os seus olhos observavam distraída mente o desenho esculpido na caixa: uma série de linhas inclinadas, sobrepondo-se a uma outra riscada em direção oposta, lembrava uma padronagem do tipo espinha-de-peixe.

Às laterais da caixa foram fabricadas com uma única tábua. Os entalhes feitos na madeira e o vapor permitiam que ela se dobrasse nas caneluras, de modo a formar os cantos e tivesse apenas uma juntura presa com cravelhas. Na beirada inferior da tábua havia também outros entalhes que serviam de encaixe para o fundo do recipiente. Eram caixas impermeáveis, principalmente depois que a madeira estava bem encharcada. Cobertas com tampas soltas, tinham muitas serventias, podendo funcionar como panelas de cozinha ou recipientes para armazenar víveres.

A caixa fazia-o pensar em seu irmão. O seu desejo era o de estar com ele naquele momento, antes da cerimônia nupcial. Thonolan havia compreendido, rápido, a técnica dos sharamudoi de curvar e modelar a madeira. Ele, também no seu ofício, se valia do mesmo processo. Na fabricação de lanças, onde se servia do vapor para endireitar a madeira e nos sapatos de neve, ao contrário, para lhe dar uma curvatura, O pensamento levou-o de volta ao inicio da viagem dos dois. Saudoso,

se perguntava se algum dia ainda tornaria a ver a sua terra e a sua gente. Desde que vestira o traje zelandonii se via, quando me nos esperava, atacado por nostálgicas recordações: algumas vívidas e alegres, outras pungentes e acerbas. Desta vez a causa fora a caixa de Serenio.

Ele se levantou bruscamente, tropeçando no tamborete. No que foi endireitá-lo, por pouco não esbarrou em Serenio que chegava trazendo-lhe a cuia de chá quente. O quase acidente o fez lembrar do infeliz episódio ocorrido durante a festa de compromisso. Tanto Tholie como Shamio pareciam estar passando bem, e as queimaduras praticamente haviam sarado. Mas então, recordando-se da conversa que se tinha seguido com o shamud, sentiu-se mal, como se qualquer coisa o incomodasse.

- Jondalar, beba o chá, tenho certeza de que vai sentir-se melhor depois.

Ele havia se esquecido da cuia em sua mão e deu um sorriso. Em seguida, tomou um gole. O chá tinha sabor agradável. Ele achava que havia distinguido o gosto da camomila em meio às ervas usadas para prepará-lo. A sua temperatura cálida produzia um efeito calmante. Passado algum tempo, sentiu que um pouco de sua tensão desaparecera.

- Tem razão, Serenio. Estou melhor. Eu não saber o que está errado.

- Nem todos os dias há uma cerimônia nupcial para um irmão querido. Um pouco de nervosismo é perfeitamente compreensível.

Ele a tomou nos braços e a beijou com tal paixão que sentiu desejos de ficar lá por mais tempo.

- Encontrar você esta noite, Serenio - sussurrou-lhe no ouvido.

- Jondalar, essa noite haverá o festival em honra da Mãe - disse ela, lembrando-o. - Acho que com a presença

de tantos visitantes, nenhum de nós deveria assumir compromissos. Por que não deixar os acontecimentos transcorrerem naturalmente? Nós dois sempre que quisermos podemos ter um ao outro.

- Eu ter esquecido - falou ele, confirmando com um movimento de cabeça, mas sentindo-se, de certo modo, rejeitado. Estranho, nunca se sentira assim antes. Durante festivais, ele é quem procurava se manter livre de compromissos. Por que ficar magoado com o fato de Serenio lhe facilitar as coisas? Num impulso de momento, resolveu que iria passar a noite com ela. Pouco importava que fosse um festival da Mãe.

- Jondalar! - era Darvo que entrava novamente correndo. - Eles me mandaram avisá-lo. Estão esperando por você - disse sem fôlego e envaidecido por lhe ter sido confiada missão tão importante. - Corra, Jondalar! Estão precisando de você lá - repetia, saltando em volta de Jondalar e cheio de impaciência.

- Calma, Darvo - pediu Jondalar, sorrindo. - Não vou perder matrimônio do irmão meu.

Darvo deu um sorriso encabulado, concluindo que, na verdade, não começariam sem a presença de Jondalar, mas nem por isso se viu menos impa ciente. Ele saiu correndo. Então Jondalar respirou fundo e foi atrás.

No momento em que apareceu, uma onda de murmúrios passou pela multidão. Aliviado, viu que Roshario e Tholie aguardavam por ele. As duas o conduziram até uma pequena elevação, próxima à muralha lateral, onde outras pessoas também o esperavam. De pé na parte mais alta do terreno, acima das cabeças, estava uma figura de cabelos brancos, com o rosto parcialmente coberto por uma meia máscara de madeira, representando um pássaro.

Ao chegar perto, Thonolan lhe dirigiu um sorriso nervoso. Jondalar sorriu para ele de volta, tentando transmitir-lhe o seu sentimento de solidariedade. Se ele

estava nervoso, como então não deveria estar Thonolan? Uma pena os costumes dos sharamudoi os haver impedido de ficarem juntos. Mas então, sentindo uma pontada de tristeza, percebeu como Thonolan já estava bem adaptado àquele povo. Enquanto viajavam, ninguém fora mais unido do que eles dois, mas agora começavam a tomar rumos diferentes. Jondalar sentia o distanciamento e por momento uma enorme mágoa se apossou dele.

Com os olhos fechados e cerrando apertadamente as mãos, lutava para se manter sob controle. Parecia que escutava as palavras “alto” e “roupas” em meio ao vozerio que lhe chegava aos ouvidos. Ao abrir os olhos, descobriu que uma das razões de Thonolan parecer tão bem adaptado era o fato de se achar vestido à moda shamudoi.

“Não é de admirar que minhas roupas estejam provocando tantos comentários”, pensou. Chegou quase a lamentar ter preferido se apresentar com trajes tão exóticos para aquela gente. Mas, na verdade, Thonolan era agora um deles, havia sido adotado para facilitar os trâmites de sua união com Jetamio. Jondalar continuava ainda zelandonii.

Ele foi juntar-se ao grupo dos novos parentes de seu irmão com os quais teria um parentesco de primeiro grau, mesmo não sendo formalmente um sharamudoi. Ele e os parentes de Jetamio foram os que contribuíram com a comida e os presentes a serem distribuídos entre os convidados. Como veio mais gente do que o esperado, eles tiveram as suas obrigações muito aumentadas. O grande número de convivas fazia o novo casal crescer em importância e lhe dava uma posição social elevada, de modo que seria extremamente humilhante se as pessoas saíssem de lá insatisfeitas.

Subitamente fez-se silêncio. Todas as cabeças se voltaram para um grupo de pessoas caminhando na

direção deles.

- Você está enxergando alguma coisa? - perguntou Thonolan, pondo-se na ponta dos pés.

- Não, mas você sabe que ela está vindo - respondeu Jondalar.

Ao chegar onde se encontrava Thonolan com a sua parentalha, a falange protetora se abriu como uma cunha, pondo à mostra o tesouro que escondia. Com a garganta seca, Thonolan parou extasiado diante da bela moça, vestida com um manto de flores, que lhe dirigia o mais radioso de quantos sorrisos ele já vira na vida. Era tão aparente a felicidade dele que Jondalar discreta mente sorriu divertido. Como uma abelha que é atraída por uma flor, Thonolan foi arrastado para a mulher amada, levando atrás dele o seu séquito que se juntou ao outro grupo, formando um único bloco. Em seguida, as pessoas se separaram aos pares, quando o shamud começou a tirar de um flajolé uma série de assovios repetitivos. O ritmo era marcado pelas batidas de um enorme tambor de uma só face, tocado por alguém com o rosto semicoberto por uma máscara com as feições de um pássaro. “Um segundo shamud”, pensou Jondalar. Era uma mulher que, apesar de ele não conhecer, lhe pareceu familiar, tal. vez pelo simples fato de também ser alguém que estava a serviço da Mãe. Olhando para ela, os seus pensamentos o levaram de volta ao perdido lar.

Enquanto os dois grupos de parentes se dispunham em diferentes formações, fazendo e refazendo figuras, aparentemente complicadas, mas na verdade simples variações de uma série de passos, o shamud prosseguia tocando a sua pequena flauta, um instrumento feito com um pedaço de madeira oca, re ta e comprida. Possuía bocal, furos no sentido do comprimento, e uma abertura na extremidade, onde se achava esculpida a cabeça de

um pássaro. Alguns de seus sons imitava com extrema precisão o canto de certas aves.

Os dois grupos, por fim, se postaram em duas filas, uma diante da outra, com cada pessoa segurando as mãos levantadas da que se achava em frente, formando uma longa arcada de braços, sob a qual passaram Thonolan e Jetamio. À medida que os dois iam avançando, os pares que se encontravam mais atrás largavam os lugares para acompanhá-los até se formar um extenso cortejo, com o shamud à frente, se dirigindo para o fundo do terraço e contornando o paredão de pedra. Jetamio e Thonolan iam atrás do tocador de flauta, seguidos primeiro por Markeno e Tholie, depois por Jondalar e Roshario, na qualidade de parentes mais próximos do casal. Após, então, vinha por ordem: o restante da parentalha, seguido pelos que não eram parentes, mas pertenciam à Caverna Sharamudoi, e, por fim, os convidados fechando o cortejo. A shamud, tocadora de tambor, ia com as pessoas de sua Caverna.

Eles desceram pelo caminho que levava, à clareira onde eram construí dos os barcos e viraram a uma certa altura para pegar uma trilha que ia dar na árvore sagrada. Ali, enquanto as pessoas iam chegando e acomodando-se em volta do velho carvalho, o shamud, com voz calma e pausada, se dirigiu ao jovem casal: primeiro, dando conselhos e ensinamentos sobre como deveriam proceder para que aquela fosse uma união feliz e duradoura; depois, invocando para os dois as bênçãos e proteção da Mãe. Apenas os parentes mais próximos e os que se encontravam a uma pequena distância podiam ouvir-lhe a voz. Os demais começaram a conversar entre si, mas se interromperam, percebendo que o shamud parara e aguardava silêncio.

Fizeram-se, então, sinais para calar, mas o silêncio que se seguiu estava carregado de expectativas. Nisso, em meio a um clima de quietude nervosa, ressoou pelo

bosque o grasno rouco de um galo juntamente com as batidas em staccato de um pica-pau. Uma cotovia alçou vôo, enchendo o ar com o seu canto doce e sonoro.

Como se esperasse apenas por esse sinal, a figura mascarada fez um gesto ao novo casal para que desse um passo à frente. Na mão do shamud, de re pente, surgiu uma corda na qual ele deu um nó corrediço. Com olhos apenas um para o outro, Thonolan e Jetamio se deram as mãos, passando-as por dentro da laçada.

- Jetamio para Thonolan. Thonolan para Jetamio. Com este nó, eu ligo um ao outro. - Falou o shamud, enquanto puxava o laço, amarrando-os firmemente pelo pulso. - Por este nó, não só estão unidos e comprometidos um com o outro, mas também ligados à linha de parentesco um do outro e à nossa Caverna. Com a união dos dois, se fecha a quadratura iniciada por Markeno e Tholie - esses, ao ouvirem os seus nomes, deram também um passo à frente e os quatro juntaram as mãos. - Como shamudoi, vocês irão gozar das riquezas da terra; e como ramudoi, dos bens ofertados pelas águas. Portanto, serão para sempre sharamudoi, tanto nos bons como nos maus momentos.

Markeno e Tholie voltaram aos seus lugares e, enquanto o shamud tirava da flauta o som de um assovio agudo, Thonolan e Jetamio começaram a caminhar lentamente ao redor do velho tronco de carvalho. Na segunda volta, os espectadores, fazendo votos de felicidades, lhes atiravam plumas de pássaros, pétalas de flores e folhas de pinheiro. Na terceira, numa grande algazarra de gritos e risadas, todos se juntaram a eles. Algumas pessoas começaram a entoar uma velha e tradicional canção, acompanhada, agora, por uma quantidade maior de flautas, enquanto outras se puseram a tocar tambores de diferentes formas. Então uma mulher mamutoi surgiu com a clavícula de um mamute que ela tocava com um malho. Por um

momento, todos pararam para escutar. O som claro e vibrante surpreendeu a maioria das pessoas e, à medida que a mulher continuou a tocar, mais surpresas ainda foram ficando. Conforme o lugar em que o osso era batido, os sons iam variando em altura e tom, de mo do a se afinar com o canto da flauta e dos cantores. Ao terminarem a terceira volta, o shamud passou novamente a encabeçar o cortejo, conduzindo-o à clareira perto do rio.

Jondalar não havia visto a fase final de acabamento do barco. Embora tivesse trabalhado, praticamente, em todas as etapas da construção, o resultado era uma visão fantástica. Parecia muito maior do que se lembrava, e ele, desde o princípio, sempre achara a embarcação grande. Era que agora os 15 metros de comprimento do barco se achavam contrabalançados pelo alto costado de tábuas ligeiramente curvas e por um esguio poste que se levantava da popa. Mas foi a parte da frente que mais arrancou gritos de admiração. A proa em curva alongava-se elegantemente para formar um pescoço que sustentava por meio de cravelhas a cabeça de uma ave aquática, esculpida em madeira.

A parte dianteira estava pintada de vermelho-escuro, amarelo, preto e branco. As duas primeiras cores foram obtidas do ocre terroso, a terceira do manganês e o branco de rochas calcárias. Os olhos do pássaro foram pintados mais abaixo no casco, para que ele enxergasse os perigos ocultos sob a água. Seguiam-se, então, desenhos geométricos que iam da proa à popa. Os assentos dos remadores estavam colocados transversalmente e os remos de cabo comprido e pés largas também lá se achavam, prontos para serem empunhados. Na parte central, haviam armado um toldo amarelo de camurça para proteger contra a chuva e a neve e, finalmente, a embarcação inteira estava enfeitada com penas de pássaros e flores.

Era glorioso e digno de respeito. O pensamento de que contribuíra para a sua criação enchia Jondalar de orgulho e o deixava emocionado com um nó na garganta.

A exigência de um barco - novo ou reformado - fazia parte da cerimônia de núpcias, mas nem todos os casais se viam contemplados com uma embarcação daquele porte e ostentando tamanha magnificência. Foi por simples coincidência que, na época em que Thonolan e Jetamio declararam as suas intenções, a Caverna resolvesse estar necessitando de um barco de grandes dimensões. No entanto, naquele momento, nada parecia mais apropriado, especialmente depois de tantos convidados terem comparecido. Tanto a Caverna como o casal eram merecedores de toda a consideração pelo grande empreendimento.

Thonolan e Jetamio, um tanto encabulados, com os seus pulsos ainda amarrados, subiram na embarcação e foram sentar-se no banco do meio, sob o toldo. Atrás deles subiu uma boa parte dos parentes mais próximos, cabendo a alguns a tarefa de empunhar os remos. Para manter-se em equilíbrio, o barco estava escorado entre duas filas de toras que chegavam até a beirada da água. Entre risadas e gemidos de esforço, o pessoal da Caverna, ajudado pelos convidados, se pôs a empurrá-lo e, garbosamente, a embarcação ganhou as águas.

Por algum tempo a mantiveram perto da margem, só depois de terem certeza de que estava em perfeitas condições, sem qualquer rachadura séria e capaz de manter-se sobre as águas, sem adernar, é que empreenderam a viagem inaugural, descendo o rio até a doca dos ramudoi. Diversos barcos, de diferentes tamanhos, foram lançados ao rio, pondo-se a rodear como patinhos o enorme pássaro.

Aqueles que não foram pelo rio subiram o caminho que levava ao platô na montanha, esperando chegar lá, antes de Thonolan e Jetamio. Na doca, as pessoas

tomaram a trilha da catarata e fizeram baixar a imensa cesta que car regara Thonolan e Jondalar quando pela primeira vez subiram ao terraço. Desta vez levaria Thonolan e Jetamio, ainda amarrados um ao outro. Era por vontade deles que se achavam ligados, por isso não seriam separados, pelo menos durante aquele dia.

A comida foi servida em abundância, fartamente regada por vinho de dente-de-leão, colhido na lua nova. Os convidados receberam, então, os seus presentes, e quanto mais valiosos fossem, maior seria o prestígio de Thonolan e Jetamio. Quando a noite começou a cair, a moradia construída para o novo casal passou a ser visitada pelos convidados que lá entravam furtivamente para deixar com os seus votos de felicidades “uma pequena lembrancinha”. Os presentes eram deixados anonimamente, de modo a não diminuir a opulência ostentada pela Caverna anfitriã. Mas na realidade o valor dos presentes dados e recebidos era posto em confronto e mentalmente se tomava nota, tirando um pouco o caráter de anonimato.

A forma, o desenho, a pintura, os motivos esculpidos denunciavam claramente a procedência, tanto quanto se o presente tivesse sido dado à vista de todos. Não que se identificasse o autor da obra - o que, aliás, não tinha mui ta importância - mas sim a sua origem, ou seja, de que família, grupo ou Caverna provinha. Por um sistema de valor bem conhecido e compreendido por todos, os presentes dados e recebidos pesavam significativamente no prestígio, na honra e no status relativo dos diferentes grupos. Embora não violenta, a competição nesse campo era renhida e duramente disputada.

- Não há dúvida de que todas as atenções são para ele - disse Jetamio a Thonolan, reparando num punhado de mulheres que rondavam Jondalar, encostado

displicentemente contra uma árvore perto do vão da pedreira.

- É sempre assim. Os seus grandes olhos azuis atraem as mulheres, tal como a luz da fogueira chama as mariposas - falou Thonolan, ajudando Jetamio a retirar de uma caixa de carvalho o vinho de uvas-do-monte que iam oferecer a alguns convidados especiais. - Você nunca tinha reparado? Nunca esteve atraída por ele?

- Você sorriu para mim primeiro - o rosto de Thonolan se iluminou com um grande sorriso, provocando imediatamente uma beta resposta. - Mas eu acho que posso entender por quê. Não são só os olhos. A figura dele sobressai muito, sobretudo vestido como está. A roupa lhe assenta muito bem. Mas há alguma coisa mais do que isso. Acho que as mulheres sentem que ele está... como dizer, procurando por alguém. E ele parece um rapaz tão afetuoso, tão sensível... alto, bem-apanhado. De fato é um homem bonito. E os olhos têm certo quê... já reparou como ficam cor de violeta quando ele está perto da fogueira?

- Pensei ouvir você dizer não ter atração por ele - observou Thonolan, desconsolado.

Ela piscou-lhe os olhos com gaiatice.

- Você está com inveja? - perguntou carinhosamente.

Thonolan fez uma pausa antes de responder.

- Não. Jamais na vida. Não sei por que eu não, mas outros homens têm. Olhe só para ele, parece ter tudo, não é? Como você diz, bem apanhado, bonito. Olhe todas essas lindas mulheres ao redor dele. E não é só isto... muito habilidoso com as mãos. Melhor fazedor de ferramentas que conheço. Muito boa cabeça também, mas não conversar muito. As pessoas gostar dele... homens, mulheres, todo mundo. Devia ser feliz, mas não é. Ele precisar encontrar alguém como você, Tamio.

- Não sei se como eu, mas uma mulher precisa. Eu gosto de seu irmão, Thonolan. Espero que ele encontre o que está procurando. Quem sabe não será uma daquelas que estão lá perto dele?

- Acho que não. Já vi isto antes. Talvez ele agradar de uma... - ou mais até. Mas não encontrar o que deseja - eles encheram os odres, tendo o cuida do de deixar ainda no caixote uma certa quantidade de vinho para os mais farristas, e se encaminharam na direção de Jondalar.

- E que tal Serenio? Jondalar parece gostar dela e eu sei que ela simpatiza com ele muito mais do que confessa.

- Ele gostar de Serenio e de Darvo também. Mas talvez não como mulher para ele. Acho que Jondalar está atrás de um sonho... de uma donii, quem sabe? - falou Thonolan, dando-lhe um sorriso amoroso. - A primeira vez que você riu para mim, pensei estar vendo uma donii.

- Nós, sharamudoi, costumamos dizer que o espírito da Mãe foi trans formado num pássaro. Uma linda ave que acorda o sol com os seus cantos e que traz a primavera do sul. No outono, sempre ficam algumas aves para nos fazer lembrar de sua presença - um cordão de crianças passou na frente deles, impedindo-os de andar. - Crianças, principalmente as levadas, não gostam de pássaros. Acreditam que a Mãe está vendo e sabe de tudo que fazem. É a maneira que algumas mães arranjam para ameaçar os seus filhos quando estão fazendo o que não devem. Já ouvi falar de homens, perfeitamente adultos, que ao ver certos pássaros se sentem compelidos a confessar as coisas erradas que fizeram. Há também gente que diz que a Mãe ensina as pessoas que se perdem a encontrar o caminho de volta para casa.

- Nós zelandonii dizer que o espírito da Mãe está transformado numa donii voando no vento. Talvez ela parecer pássaro. Nunca pensei nisso antes - falou ele. Então, transbordante de amor, apertou as mãos dela e lhe sussurrou com a voz embargada: - Mas também nunca pensei encontrar você - ele tentou enlaçá-la, n se viu atado a ela pelo pulso. - Estou feliz por nós dois ter dado o nó, mas quando ficar soltos?

- Quem sabe se isso não é para nos acostumarmos com a idéia de que estamos para sempre juntos um ao outro? - ela deu uma risada. - Daqui a pouco já vai dar jeito para escaparmos. Mas antes que o vinho acabe, vamos levar um pouco para o seu irmão.

- Talvez ele não querer. Jondalar finge beber, mas na verdade não gostar muito. Tem medo de perder o controle e fazer bobagens.

Eles haviam saído da sombra da pedreira e, subitamente, foram notados.

- Ah, aí estão os dois. Estava à sua procura para lhe desejar felicidades, Jetamio - disse uma moça ramudoi de outra Caverna, jovem e cheia de vida.- Você teve tanta sorte. Em nossa Caverna, nunca aparecem rapazes bonitos para passar o inverno - ela lançou a Jondalar o que achava fosse um sorriso sedutor, mas ele estava com os belos olhos voltados na direção de outra moça.

- Tem razão. Tive uma grande sorte - falou Jetamio, sorrindo ternamente para o seu companheiro.

A moça olhou para Thonolan e soltou um suspiro.

- Os dois são bonitos, acho que eu não saberia escolher qual deles.

- E aí ficaria sem nenhum, Cherunio - falou outra moça. - Se você quiser um companheiro, tem de decidir-se por um homem só.

As risadas que se seguiram deixaram Cherunio feliz. Ela estava justa mente querendo chamar atenção.

- Isso é porque ainda não encontrei o homem certo para ser o meu companheiro - falou com um sorriso coquete na direção de Jondalar.

Cherunio era a mais baixa das moças ali, e Jondalar realmente ainda não a tinha notado. Mas agora a via. Apesar de baixinha, era muito feminina e aquele seu jeito alegre, cheio de vida, a tornava atraente. Era o oposto de Serenio. Os olhos de Jondalar mostravam-se interessados. Percebendo que conseguira despertar atenção, ela chegou a estremecer de tanto prazer.

De repente, atraída pelo som das batidas de tambor, virou a cabeça.

- Estou ouvindo o ritmo... eles vão fazer a dança dos pares. Vamos dançar, Jondalar?

- Eu não saber os passos - respondeu ele.

- Eu ensino. Não é difícil - falou, apressada, arrastando Jondalar na direção da música. Ele se deixou levar.

- Esperem, nós também vamos - disse Jetamio.

Quem não gostou de Cherunio ter conseguido tão depressa a atenção de Jondalar foi a outra moça, Radonio.

- Ora, não vai ser difícil - Jondalar ouviu-a dizendo, mas os quatro estavam afastando-se e ele não escutou os sussurros ditos em tom de conspiração que se seguiram.

- Esse é o último odre de vinho, Jondalar - falou Thonolan. - Jetamio disse que somos nós que temos de iniciar a dança, mas que depois não é preciso ficarmos. Logo que der jeito, vamos escapar.

- Você não quer levar o odre com você para os dois festejarem sozinhos?

- Bom, na verdade esse não é o último... temos um outro escondido. Mas acho que não vamos precisar. Estar com Jetamio já é uma festa.

- A língua deles é tão sonora, não acha, Jetamio? - comentou Cherunio. - Você entende alguma coisa?

- Um pouquinho. Mas pretendo aprender e mamutoi também. Foi idéia de Tholie nós todos aprendermos a língua um do outro.

- Tholie dizer que melhor modo de aprender sharamudoi é falar o tempo todo a língua. Ela tem razão. Desculpe, Cherunio, não educado conversar numa língua estrangeira - desculpou-se Jondalar.

- Oh, não tem importância - respondeu Cherunio. Mas, na verdade, tinha. Ela não gostava de se ver excluída das conversas. As desculpas de Jondalar, no entanto, serviram para tranqüilizá-la. Além do que, estar na companhia do belo zelandonii e se ver participando do seleto grupo de Thonolan e Jetamio tinha as suas compensações. Ela estava perfeitamente consciente dos olhares de inveja que despertava nas outras moças.

Fora do vão da pedreira, já perto do lugar onde começava o campo, ar dia uma fogueira. Eles entraram nas sombras e fizeram circular entre os quatro o odre de vinho. Enquanto os pares se formavam, Cherunio e Jetamio mostraram aos dois rapazes os movimentos básicos da dança. Uma melodia começou a ser tocada pelas flautas, acompanhadas por tambores e matracas. Logo a tocadora de osso de mamute se juntou e as possibilidades tonais de seu instrumento, lembrando um xilofone, imprimiu à música um tipo de som extremamente original.

Depois da dança iniciada, Jondalar reparou que se poderia variar os passos básicos de acordo com a imaginação e o talento do dançarino. De vez em quando alguém ou um par causava tamanho entusiasmo que todos paravam para bater o ritmo com os pés e gritar palavras de incentivo. A música e a dança eram contínuas. As pessoas - músicos, dançarmos, cantores - entravam e saíam quando lhes davam vontade, sempre criando uma variedade sem fim de passos, ritmos e

melodias que se iam desenvolvendo enquanto houvesse gente para dar prosseguimento.

Cherunio era urna parceira alegre e Jondalar, bebendo mais vinho do que de costume, entrara no espírito da festa. Alguém começou a cantar uma canção dialogada cujo primeiro verso era conhecido. Logo, no entanto, ele descobriu que os versos passaram a ser improvisados de acordo com as circunstâncias e o momento. As alusões às dádivas e aos prazeres eram constantes e a intenção era provocar risos. Depressa a brincadeira se tornou num desafio entre aqueles que procuravam fazer graça e os outros que se esforçavam para não rir. Alguns chegavam inclusive a apelar para caretas na tentativa de obter a resposta desejada. Então um homem foi para o centro da roda forma da pelas pessoas que se balançavam ao ritmo da música.

- Ei, Jondalar tão grande e altão / Que todas as moças deixou na mão / Mas para ter os beijos de Cherunio / Ele bem gostaria de ser anão.

Os versinhos surtiram efeito. As risadas explodiram por todos os lados.

- Afinal, como é que você vai fazer, Jondalar? - gritou-lhe alguém. - Está querendo mesmo ser anão?

Jondalar riu para Cherunio.

- Não precisar ser anão - falou ele, suspendendo a moça e beijando-a, para alegria da multidão que aplaudia às -gargalhadas, batendo com os pés no chão. Cherunio, sentindo-se verdadeiramente no céu, passou os braços ao re dor do pescoço dele e lhe deu um ardoroso beijo. Ele reparou, então, que alguns casais saíam na direção das cabanas ou das esteiras espalhadas em lugares estratégicos. Justamente era o que também vinha pensando fazer. O apaixonado beijo de Cherunio lhe dera idéias. A moça poderia ter os seus encantos.

Não seria possível sair imediatamente, isso só iria provocar mais risadas, mas talvez pudessem ir aos poucos afastando-se. O passo da dança estava mu dando. Algumas pessoas aproximavam-se juntando-se ao grupo dos cantores ou daqueles que só observavam. Seria o bom momento para sumirem no meio das sombras. Enquanto ele procurava discretamente passar com Cherunio, surgiu de repente Radonio na frente deles.

-Você já teve o zelandonii a noite inteira, Cherunio. Não acha que já é tempo de dividi-lo um pouco com a gente? Afinal de contas, esse é um festival para honrar a Mãe e se espera que todo mundo participe das dádivas.

Radonio insinuou-se entre os dois e beijou Jondalar. Apareceu, então, uma outra moça e o abraçou, depois mais uma outra e outra, até que ele se viu cercado de mulheres. No princípio, chegou a corresponder-lhes os beijos e carícias, mas quando uma quantidade de mãos passaram a boliná-lo intimamente, já não sabia se estava gostando. Supunha-se que os prazeres fossem de livre escolha da pessoa. Ele ouvia o barulho abafado de alguém se debatendo, mas estava muito ocupado tentando desviar-se das mãos que procuravam desatar-lhe as calças para alcançá-lo por dentro delas. Aquilo já era demais.

Ele contorceu o corpo, repelindo-as, não muito delicadamente. Quando, finalmente, entenderam que o rapaz não iria deixar-se tocar, afastaram-se sorrindo, despeitadas. De repente, Jondalar reparou que faltava alguém.

- Onde está Cherunio? - perguntou.

Elas se entreolharam, abafando os risos.

- Onde está Cherunio? - tornou a perguntar. Vendo que a única resposta seriam apenas as risadinhas cochichadas, ele, rápido, deu um passo à frente, agarrando Radonio. Ele a machucava, mas mesmo assim ela não que ria confessar.

- Achamos que ela devia dividi-lo conosco - admitiu por fim Radonio, com um sorriso forçado. - Todas nós estávamos querendo o zelandonii grandão.

- Mas o zelandonii não quer todas. Onde está Cherunio?Radonio virou a cabeça para o lado, recusando-se a responder.

- Você diz que quer o zelandonii grandão? - a sua raiva transparecia na voz. - Pois aqui você tem ele - disse, obrigando-a a ajoelhar-se.

- Você está me machucando! Por que vocês não fazem alguma coisa? - as outras se mostravam indecisas, sem querer chegar perto.

Jondalar, segurando-a pelos ombros, empurrou-a para o chão perto da fogueira. A música tinha parado e as pessoas amontoavam-se ao redor sem saber se deviam ou não intervir. Ela lutava para levantar-se, mas ele a conservava presa sob o seu corpo.

- Você não estava atrás do gigante zelandonii? Agora você ter o que queria. Então, onde está Cherunio?

- Estou aqui, Jondalar. Elas me prenderam ali adiante com a boca tapada. Disseram que estavam apenas fazendo uma brincadeira.

- Brincadeira sem graça - falou ele se levantando e ajudando também Radonio a se pôr de pé.

Ela tinha lágrimas nos olhos e esfregava o braço.

- Você me machucou - disse, choramingando.

De repente, Jondalar compreendeu que a intenção havia sido apenas a de pregar-lhe uma peça e que ele se conduzira sem o menor senso de humor. Afinal, nem ele nem Cherunio estavam feridos. Não devia ter machucado Radonio daquela maneira. A sua raiva se foi e no lugar ficou só o sentimento de vergonha.

- Eu não queria machucar. Você... eu...

- Você não machucou, Jondalar. Não deu para tanto - falou um homem que havia observado a cena. - Além

disso, foi ela quem provocou. Radonio está sempre inventando coisas e arrumando encrencas.

- Bem que você gostaria que ela inventasse coisas com você - disse uma moça, saindo em defesa de Radonio, agora que os ânimos já estavam mais frios.

- Vocês talvez pensem que um homem tem prazer em ser assediado por muitas mulheres ao mesmo tempo, mas não é assim.

- Isso não é verdade - contestou Radonio. - Estamos cansadas de saber o que conversam quando estão sozinhos. Eu ouvi quando você disse que gostava de ter uma porção de mulheres ao mesmo tempo e que também achava graça em menininhas antes dos primeiros ritos e todo mundo sabe que não se pode tocar numa garota, mesmo que ela já esteja preparada pela Mãe.

O pobre do homem ficou vermelho e Radonio, percebendo que estava levando vantagem, aproveitou.

- Sei até que muitos de vocês falam em pegar fêmeas de cabeças-chatas.

Subitamente, avultando-se das sombras, surgiu uma enorme figura de mulher caminhando para junto da fogueira. Ela não era t alta quanto gorda. Na verdade, era obesa. A dobra epicântica em seus olhos e a tatuagem em seu rosto lhe revelavam a origem estrangeira, embora estivesse usando uma túnica de couro shamudoi.

- Radonio! - disse ela. - Não é necessário falar porcarias num festival em honra da Mãe.Jondalar agora a reconhecia.

- Desculpe, shamud - respondeu Radonio, abaixando a cabeça. Ela tinha o rosto vermelho de vergonha e o seu arrependimento era sincero.

Jondalar, de repente, reparava que Radonio ainda era muito criança. Aliás, todas eram quase meninas. Ele se comportara abominavelmente.

- Minha querida - falou com doçura a mulher - um homem gosta de ser convidado e não invadido.

Jondalar olhou para a mulher, interessado. Era mesmo o que ele pensava.

- Mas nós não íamos machucá-lo. Pelo contrário, pensávamos até que ele ia gostar... - depois que tivéssemos começado.

- E poderia, se tivessem sido mais sutis. Ninguém gosta de ser forçado. Você mesma não gostou quando pensou que ele fosse violentá-la, não é?

- Mas ele me machucou!

- Será mesmo? Ou não foi porque ele estava fazendo uma coisa que você não queria? Acho que isso machuca ainda mais. E quanto a Cherunio? Por acaso alguma de vocês pensou que ela também poderia ficar machucada? Não se pode forçar ninguém a gozar dos prazeres. Isso não honra a Mãe. Ao contrário, é abusar da graça que ela nos concedeu.

- Shamud, está na sua vez - ouviu-se alguém dizer.

- Bom, Radonio, eu estou atrasando o jogo deles. Mas lembre-se, esta mos num festival. Mudo quer que os seus filhos estejam felizes. Tudo isso não passou de um incidente sem importância. Não deixe que esta bobagem estrague a sua festa, querida. A dança está outra vez começando. Agora vá divertir-se.

Depois que a mulher voltou para o seu jogo, Jondalar segurou as mãos de Radonio.

- Eu arrependido. Eu não pensar direito. Não querer machucar você. Por favor, estou envergonhado, perdoa?

O primeiro impulso de Radonio foi o de retirar-se com a cara amarrada, mas então deu com aqueles olhos cor de violeta que a fitavam cheios de ansiedade.

- Foi uma idiotice... uma brincadeira infantil e tola - falou ela e,já quase vencida pelo impacto viril da presença dele, começou a tombar na sua direção. Ele a

amparou, curvou-se e a beijou. Um beijo longo, de um homem experiente.

- Obrigado, Radonio - ao dizer isso, deu as costas e se afastou.

- Jondalar! - gritou-lhe Cherunio. - Onde você vai?

Subitamente, com uma pontada de remorso, ele percebeu que se havia esquecido dela. Deu meia-volta e se encaminhou na direção da pequenina Cherunio, tão bonitinha e vivaz. Ela era realmente uma graça. Ele a suspendeu e lhe deu um beijo apaixonado, já quase arrependido de estar indo embora.

- Cherunio, eu tenho uma promessa. Tudo isso não era para acontecer. Mas você fez eu esquecer muito rápido de um outro compromisso meu. Eu es pero... talvez em outra ocasião. Não ficar zangada, por favor - falou ele, dirigindo-se logo em seguida para as cabanas abrigadas sob a pedreira.

- Por que você tem sempre de aparecer para estragar tudo, Radonio? - falou Cherunio, observando-o afastar-se.

A aba de couro na porta de entrada da moradia que ele dividia com Serenio estava abaixada, mas não havia nenhuma trave barrando-lhe a passagem. Ele suspirou aliviado. Pelo menos ninguém se achava com ela. Dentro, estava tudo escuro. Talvez Serenio não estivesse lá. Talvez tivesse ido com alguém para um outro lugar. Na verdade, desde que terminaram as cerimônias, ele não a tornara a ver. E foi ela quem não quis saber de compromissos. Fora ele quem se prometera passar a noite com ela. Talvez Serenio tivesse outros planos ou, quem sabe, não teria ela visto Cherunio com ele?

Tateando conseguiu chegar até o lugar onde havia um tablado coberto com um colchão de penas e forrado com peles. Era a cama de Darvo,junto de uma parede lateral, e estava vazia. Já se esperava. Gente de fora era um acontecimento, sobretudo para garotos da sua idade.

Provavelmente havia feito amizade com alguns outros meninos e estava passando a noite com eles... - e com certeza todos fazendo força para se manterem acordados.

Ao aproximar-se do fundo da cabana, os seus ouvidos ficaram alertas. Teria escutado o rumor de uma respiração? Estendeu a mão sobre o tablado, apalpando um braço. O seu rosto imediatamente se iluminou com um sorriso de alegria.

Saiu da cabana outra vez, pegou da fogueira central um carvão aceso e voltou, carregando-o sobre uma tábua. Acendeu o pavio de uma lamparina e foi colocar duas traves cruzadas na porta, o sinal de que não queriam ser incomodados. Pegou a lamparina e silenciosamente se encaminhou para a cama, ficando a observar Serenio dormindo. Deveria acordá-la? Sim, resolveu, mas de vagar e muito carinhosamente.

A idéia excitava-o. Ele tirou a roupa e se meteu na cama, deixando-se envolver pelo calor que emanava dela. Serenio murmurou qualquer coisa e se virou para a parede. Suave e lentamente, ele começou a acariciá-la, sentindo-lhe a calidez do corpo adormecido, aspirando o seu cheiro de mulher e explorando cada contorno de forma: o braço até as pontas dos dedos, as reentrâncias das dos ombros, a espinha dorsal, chegando às sensíveis cavidades dos rins, depois seguindo o alteamento das nádegas. As coxas. As juntas atrás dos joelhos. A barriga da perna. Os tornozelos. Ao tocar na sola do pé, ela instintivamente o recolheu. Ele rodeou-a então com o braço para empalmar o seio, percebendo o mamilo enrijecer e contrair-se. Teve ímpetos de chupá-los, mas preferiu cobrir as costas dela com o seu corpo e começou a beijar-lhe os ombros e a nuca.

Ele adorava acariciar o seu corpo, explorá-lo e descobri-lo sempre como algo de novo. Adorava os corpos de todas as mulheres. Adorava as sensações que

eles produziam no seu. A sua virilidade já estava ereta, latejava ansiosa, mas ainda controlável. Era sempre melhor quando não se deixava levar mui to depressa.

- Jondalar? - falou uma voz sonolenta.

- Hein.

Ela se virou para deitar de costas e abriu os olhos.

- Já de manhã?

- Não - ele soergueu-se, apoiado sobre um dos braços, e ficou fitando-a, enquanto apalpava-lhe o seio. Curvou-se para chupar o mamilo que havia desejado sentir em sua boca. Acariciou-lhe o ventre, e veio com a mão procurando pelo calor guardado entre as coxas. Pousou-a sobre os pêlos do monte-de-vênus. Aqueles eram os pêlos púbicos mais sedosos e macios que já vira numa mulher. - Eu quero você, Serenio. Essa noite quero honrar a Mãe com você.

- Mas antes você precisa me dar tempo para acordar - falou ela com um sorriso brincando nos cantos dos lábios. - Será que há um pouco de chá frio? Quero lavar a minha boca... o vinho sempre deixa um gosto horrível.

- Vou ver - respondeu ele, levantando-se.

Quando chegou com a cuia, ela sorria languidamente. Às vezes gostava de ficar apenas olhando para ele, admirando-o. Era tão esplendidamente másculo: as costas largas, ressaltadas com os movimentos dos músculos, o peito viril, ornado de caracóis louros, estômago rígido e pernas musculosas e fortes. O rosto quase perfeito demais: queixo quadrado, vigoroso, nariz reto, boca sensual - e ela o sabia como. As suas feições eram tão proporcionais e bem modeladas que se ele não fosse tão másculo e caso o adjetivo se aplicasse a um homem, se diria que era lindo. Até mesmo as mãos traduziam a sua força e sensibilidade. E os olhos - expressivos, magnéticos, fantasticamente azuis - eram capazes de pôr em disparada qualquer

coração feminino, inclusive enchê-la de desejos, antes mesmo de haver visto a sua esplêndida virilidade, dura, soberba, projetando-se para ela.

A primeira vez que o viu naquele estado, chegou a assustar-se um pouco, até constatar a perícia com que ele sabia conduzir-se. Jamais a forçava, dava-lhe o que ela podia absorver. Dir-se-ia, talvez, que era ela quem procurava forçá-lo, querendo açambarcar toda aquela virilidade, desejando poder possuí-la em sua totalidade - Estava feliz por tê-la acordado. Ao pegar a cuia de chá, ela se levantou, mas não o bebeu logo. Abaixou-se e pôs em sua boca a ponta do pênis latejante. Ele fechou os olhos, deixando-se percorrer pela onda de prazer.

Ela sentou-se para tomar um gole e, em seguida, levantou-se.

- Preciso sair - disse. - Ainda há muita gente lá fora? Não estou que rendo vestir-me.

- Estão dançando. Ainda é muito cedo. Talvez melhor usar caixote.

Enquanto ela caminhava de volta para a cama, ele ficou observando-a. “Oh, Mãe, que linda mulher! Que feições encantadoras, que cabeleira macia!” As pernas eram longas e elegantes, as nádegas pequenas, mas bem torneadas, os seios miúdos, rígidos, bem modelados, com os bicos ressaltados - ainda seios de menina. Umas poucas estrias na barriga eram os únicos indícios de sua maternidade e algumas pequeninas riscas junto dos olhos, a única marca da passagem dos anos.

- Achei que ia voltar tarde... afinal há um festival acontecendo - falou ela.

- Por que você aqui? Não dizer “compromisso nenhum”?

- Não encontrei ninguém interessante e me sentia cansada.

- Você interessante... Eu não cansado - falou ele, sorrindo. Depois tomou-a em seus braços e, puxando-a

para junto de si, pôs-se a explorar-lhe a boca quente e úmida com a língua. Invadida por uma torrente de desejos, ela sentiu de encontro à barriga o sexo duro e palpitante.

A intenção dele era a de prolongar, de manter-se sob controle até que ela, por sua vez, não se agüentasse mais. Ele, no entanto, atirou-se, voraz, à sua boca, ao seu pescoço e aos mamilos que chupava e sugava, enquanto ela lhe apertava a cabeça contra o seio. A mão viril procurou o púbis encontrou o quente e molhado. Um gritinho escapou dos lábios de Serenio quando ele tocou o pequenino órgão duro dentro das dobras intumescidas. Ela ergueu o corpo pressionando-o contra o dele, deixando-o afagá-la no ponto que ele sabia dava-lhe prazer.

Jondalar percebeu o que ela estava desejando. Os dois mudaram de posição: ele ficou de lado e ela se pôs de costas, com uma perna passando-lhe por cima do quadril e a outra enfiada entre as dele. Enquanto tinha o centro de seu prazer massageado e acariciado, esticou a mão para pegar no fogoso pênis e guiá-lo através das profundezas de sua abertura. Ao sentir-se penetrada, deixou escapar um grito apaixonado, logo seguido do intenso gozo de dois prazeres vividos ao mesmo tempo.

Movimentando-se dentro dela, ele se sentia envolvido pelo seu calor, enquanto ela o cerrava fortemente, querendo absorvê-lo por inteiro. Por instante, ele emergiu para voltar a penetrá-la até onde desse para alcançar. Sentindo-a altear-se ao encontro de sua mão, pôs mais intensidade nas carícias e voltou a mergulhar. A tensão aumentava. Ela já gritava. Ele estava repleto, estourando. Os seus rins apertaram-se quando ela o estreitou, puxando-o para baixo. Ele massageava-a com mais força e a penetrava cada vez mais. Então, uma avalanche de ondas orgásticas arrastou os dois juntos a um clímax exasperante. Mais

alguns movimentos e estremeceram, ambos sob o impacto da completa satisfação. Imóveis, respirando com dificuldade, deixaram-se ficar deitados com as pernas entrelaçadas. Ela o puxou para si. Somente agora, antes de sobrevir a flacidez do membros já não mais em toda a sua pujança, tinha ela a possibilidade de possuí-lo inteiro. Sempre saía com a impressão de não poder dar-lhe tudo quanto recebia. Ele não desejava mover-se, talvez estivesse quase a ponto de dormir. Mas tampouco era isso o que queda. Por fim, retirou o membro contraído e se enroscou junto dela. Serenio continuava deitada, imóvel, mas ele sabia que ela não estava dormindo.

A sua mente se pôs a divagar e se surpreendeu, de repente, pensando em Cherunio e Radonio e em todas as outras moças. Como seria se fosse com to das elas ao mesmo tempo? Com todos aqueles corpos ardentes, núbeis, rodeando-o com as suas coxas quentes, os seus traseiros roliços e as suas vaginas molhadas? Sentindo o hálito de uma mulher na boca, enquanto as suas mãos estivessem explorando diferentes corpos? Começava a sentir novamente uma pontada de excitação. O que teria dado nele para despedi-las? Às vezes conseguia realmente ser um perfeito idiota.

Ele olhou para a mulher ao seu lado. Quanto tempo seda necessário para despertá-la novamente? Ela sorriu, sentindo-lhe a respiração em seu ouvido. Ele a beijou no pescoço e depois na boca. Desta vez teria de ir devagar, com calma e meticulosamente. Jetamio era uma linda mulher, maravilhosa. Por que não conseguia apaixonar-se por ela?

Capítulo 13

Ayla, quando chegou ao vale, teve um problema. Ela havia planejado partir e pôr a carne para secar na praia e lá dormir como fizera antes. No entanto, o leãozinho ferido só poderia ser devidamente tratado na caverna. O animal era maior do que uma raposa e bem mais pesado também, mas ela tinha força para carregá-lo. O que não conseguiria era transportar uma rena de qualquer tamanho. As pontas das lanças, usadas como suportes da padiola que viera arrastando atrás de Huiin, estavam afasta das numa abertura que não dava para passar pelo estreito caminho que levava à caverna. Ela não sabia como iria conseguir colocar a rena - obtida com mui to esforço - lá em cima e, por outro lado, não tinha coragem de deixá-la na praia à mercê das hienas.

Ayla tinha razão em estar preocupada. O pouco tempo que gastou para carregar o leão até a caverna foi suficiente para que as hienas se aproximassem e se pusessem a rosnar junto da carne amarrada ao jorrão e coberta por uma esteira de capim, apesar das batidas de pé nervosas de Huiin. Antes mesmo de ter chegado à metade do caminho, a funda já estava em ação e uma de suas possantes pedradas acertou em cheio. Embora abominasse tocar em hienas, ela arrastou o bicho por uma das patas traseiras e contornou a pedreira, levando-a para a campina. A hiena cheirava à última carniça que comera. Antes de voltar a atenção para Huiin, deu uma parada no rio para lavar as mãos.

Huiin suava, tremendo e abanando o rabo, num estado deplorável de agitação. Já fora demais para ela ter de agüentar a proximidade do cheiro de um leão da caverna e muito pior era ter o fedor de hienas acompanhando-lhe o rasto. Ela tentara andar em

círculos, mas os paus do jorrão ficaram presos a um buraco e, então, a pobre entrou em pânico.

- Esse foi um dia duro para você, hein, Huiin? - gesticulou Ayla, passando os braços ao redor do pescoço da potranca e a abraçando como se faz com uma criança assustada. Huiin encostou-se nela e abanava a cabeça, resfolegando pesadamente pelo nariz. O contato de Ayla, no entanto, acabou acalmando-a. O animal sempre fora tratado com amor e paciência e em troca Ayla tinha a sua confiança e a ajuda inestimável que ele lhe prestava.

Ela começou a desmantelar o jorrão, ainda sem saber ao certo como iria subir com a rena para a caverna, quando um dos paus se soltou pendurando-se perto do outro, com as duas pontas quase juntas. O problema estava resolvi do. Ela voltou a amarrá-los nessa posição e conduziu Huiin na direção do caminho. A carga ia um tanto instável, mas a distância a percorrer era curta.

O trabalho não significava um esforço qualquer para o cavalo. Ele e a re na tinham praticamente o mesmo peso e a subida era íngreme. A façanha permitiu a Ayla ter uma nova avaliação da força do animal e a perceber as vantagens e que ela passara a dispor. Quando chegaram ao pórtico da caverna, ela retirou toda a tralha e, agradecida, abraçou Huiin. Em seguida entrou, esperando que a potranca a seguisse, mas um relincho ansioso fez com que se voltasse.

- O que está acontecendo? - gesticulou.

O filhote de leão estava exatamente onde ela o deixara. “Ah, o leãozinho”, pensou. “Huiin está sentindo o seu cheiro?” Ela tomou a sair.

- Está tudo bem, Huiin. Esse bebezinho não vai poder fazer mal a você- ela acariciava a pele macia do nariz da potranca, enquanto com um dos braços passado ao redor de seu pescoço musculoso puxava-a delicadamente para dentro. A confiança na mulher mais

uma vez venceu o medo. Ayla conduziu Huiin até onde se achava o filhote de leão. O cavalo cheirou o animalzinho imóvel, retrocedeu em suas patas, relinchou e se abaixou para dar nova cheirada, O cheiro do predador estava lá, mas o pequeno leão não oferecia perigo. Novamente Huiin voltou a focinhar o animal. Por fim pareceu aceitar a idéia de ter um novo agregado à caverna e se dirigiu ao seu lugar, onde se pôs a comer feno.

Ayla, então, voltou a sua atenção para o filhote ferido. Era um pobre animalzinho peludo, com algumas malhas fulvas sobre um fundo bege-claro. Parecia ainda bem novo, mas ela não tinha muita certeza. Leões da caverna eram animais predadores das estepes e ela estudara apenas os carnívoros que viviam nas regiões florestais próximas à caverna do clã. Até então jamais havia caçado em campo aberto.

Procurava lembrar-se das conversas dos caçadores do clã, de tudo que já ouvira deles sobre leões da caverna. Esse parecia ser um pouco mais claro do que os outros que vira. Lembrava-se de tê-los escutado dizer que leões da caverna eram animais muito difíceis de ser enxergados. Eles se mesclavam de tal modo com a cor da relva seca e da terra no chão que se podia até dar um tropeção em algum. Quando dormindo às sombras de arbustos ou sobre pe dras ou aforamentos de rocha, ficavam como blocos petrificados, mesmo vistos de bem perto.

Ao pensar sobre isso, pareceu-lhe que as estepes nessa região eram de um bege um tanto mais claro do que o usual e que certamente os leões que as habitavam fundiam-se com a paisagem de fundo. Ela nunca parara para pensar nisso antes, mas parecia haver certa lógica no fato da pele desses animais, ali, ser mais clara do que a daqueles vivendo no sul. Talvez ela devesse dedicar um pouco de seu tempo ao estudo dos leões da caverna.

Com a perícia de alguém que sabe o que está fazendo, a jovem curandeira apalpou o animal, sondando até onde iam as suas lesões. Uma das costelas estava quebrada, mas não era motivo para maiores preocupações. As contrações espasmódicas e uns fracos ganidos indicavam-lhe os lugares machucados. Deveriam existir também algumas lesões internas. O pior era a ferida aberta na cabeça, sem dúvida causada pela violenta patada de um possante casco.

A fogueira há muito se apagara, mas isso deixara de ser problema. Ela agora tinha as suas pedras-de-fogo e rapidamente podia acender uma fogueira, desde que contasse com boas acendalhas. Colocou água para ferver. Enquanto esperava, enrolou uma faixa de couro bem esticada e apertada ao redor das costelas do leão. Em seguida, pegou as raízes de confrei que colhera no caminho de volta e lhe retirou as cascas marrons, deixando escorrer da planta uma mucilagem gelatinosa. Jogou na água fervendo um punhado de cravos-de-defunto e mergulhou na infusão uma macia pele absorvente para lavar a ferida.

Ao retirar o sangue seco, o ferimento voltou a sangrar. Ela viu que o crânio estava fraturado, mas não esmigalhado. Picou em pedaços as raízes de confrei e aplicou diretamente sobre a ferida a substância viscosa - estancava o sangue e ajudava na calcificação dos ossos - e enrolou a cabeça com outra macia faixa de couro.

Sem saber com que finalidade, ela havia posto para curtir o couro de quase todos os animais que matava, mas nunca poderia imaginar, por mais ab surdos que fossem os seus pensamentos, que esses um dia ainda seria usados num leão da caverna.

“Como Brun iria ficar surpreso se visse o que estou fazendo”, pensou, sorrindo. “Ele jamais tolerou animais carnívoros. Nem mesmo um filhotinho de lobo me permitiu ter na caverna. E agora, veja só! Aqui estou eu

com um filhote de leão! Acho que dentro de pouco tempo estarei sabendo um bocado sobre esses bichos, se é que esse aí vai viver.”

Ela pôs mais água para ferver, pensando em preparar um chá de confrei com camomila, embora ainda não soubesse como faria para dar o medicamento ao leãozinho. Resolveu deixá-lo por algum tempo e foi tratar de tirar a pele da rena. Depois que as primeiras fatias de carne - parecendo umas finas lingüetas - estavam cortadas e prontas para serem penduradas, ela se viu embatucada sem saber o que fazer. O patamar em frente à caverna era de pedra, sem nenhuma terra onde pudesse fincar os varais de segurar cordas. Tão preocupada estava em trazer a carcaça do animal lá para cima que nem chegara a pensar no problema. Por que estava sempre às voltas com pequeninas insignificâncias? Nada na vida pode ser dado como certo.

Em sua frustração, não conseguia ver nenhuma saída. Quando chegou, estava tão cansada, tensa e ansiosa, que só pensou em levar o leãozinho para casa. E agora nem sabia se fizera bem em trazê-lo, O que iria fazer com ele? Ela atirou as estacas no chão e se levantou. Foi até a extremidade do patamar e ficou olhando o vale embaixo, enquanto o vento lhe soprava no rosto, O que dera nela para trazer um leãozinho doente para casa, quando devia estar preparando-se para partir e continuar com a sua busca? Talvez devesse levá-lo de volta às estepes e deixá-lo entregue ao destino que a natureza reserva aos fracos. Será que o fato de viver sozinha fez com que perdesse o juízo? Além do mais, ela nem sabia como poderia cuidar do animal. Como iria alimentá-lo? E se ele sarasse, o que iria acontecer? Já não poderia devolvê-lo às estepes. A sua mãe não o aceitaria de volta e ele morreria. Se fosse ficar com o filhote, seria obrigada a permanecer no vale.

Não havia outro jeito. Para continuar com a sua busca teria de levá-lo novamente às estepes.

Ela entrou na caverna e ficou parada junto do leãozinho que continuava no mesmo lugar. Botando a mão no seu peito viu que o animal estava quente e respirava. O seu pêlo lembrava o de Huiin quando ainda muito novinha. Era um bichinho mimoso e, com aquela faixa na cabeça, estava muito engraçado. Ayla não pôde deixar de dar um sorriso. “É, mas essa gracinha de bebê vai crescer e se tomar num enorme leão”, pensou, avisando-se. Ela levantou-se e olhou de cima o animal. Bom, paciência. Era impossível largar aquele bebê nas estepes para que morresse.

Voltou a sair e ficou olhando para a carne. Já que iria ficar no vale, de veria ir tratando de armazenar comida, Principalmente agora com mais uma boca para alimentar.

Apanhou a estaca, tentando pensar em alguma maneira de firmá-la. Re parou num monte de pedregulhos junto do paredão na extremidade do patamar e procurou fincá-la ali, O pau ficou reto, mas jamais agüentaria o peso das cordas com as carnes. No entanto, teve uma idéia. Voltou à caverna, pegou uma cesta e correu à praia.

Depois de algumas tentativas, viu que se arrumasse as pedras em forma de pirâmide seria possível firmar as estacas. Mas, até que conseguisse ter uma certa quantidade de cordas atravessadas na área do patamar e pudesse nova mente voltar ao trabalho de cortar carne, foram precisas muitas idas e vindas à praia para catar pedras e arrumar os troncos para fazer os varais. Ela armou uma fogueira perto do lugar onde trabalhava e preparou o seu jantar, botando para assar no espeto uma fatia de carne, O seu pensamento estava no leão. Como iria conseguir alimentá-lo? Como fazer para que tomasse

o remédio? Tinha de ser comida de bebê, mas de bebê leão.

Lembrou-se de que as crianças podem comer as mesmas coisas que os adultos, desde que sejam pastosas, fáceis de serem mastigadas e engolidas.Quem sabe se uma sopa com carne cortada bem fininha? Ela já fizera isso pá ra Durc. Por que não também para um leãozinho? Ora, e por que não misturar na sopa o chá medicinal?

Imediatamente pôs mãos à obra, já cortando bem miúdo o próximo pedaço de carne que pegou. Entrou na caverna e colocou as partes cortadas dentro de uma tina de madeira que usava para cozinhar. Resolveu acrescentar um pouco das raízes de confrei que sobraram. O filhote ainda não se mexera, mas lhe parecia que repousava tranqüilo.

Algum tempo depois, achando ter ouvido um barulho, foi outra vez dar uma olhada. O leãozinho estava acordado, miando fracamente, sem condições de se mover ou levantar, mas, com a aproximação de Ayla, rosnou, tentando retroceder com o corpo. Ayla sorriu e se agachou ao seu lado.

“Pobre coisinha”, pensou. “Você tem toda razão, metido aqui numa cova estranha, todo machucado e sem ver ninguém parecido com a sua mãe e os seus irmãozinhos.” Ela esticou a mão na sua direção. “Vem cá, eu não vou fazer mal a você. Ai!... Seus dentinhos são bem afiados, hein? Vamos, pequenino, prove a minha mão, sinta o meu cheiro. Isso vai ajudá-lo a acostumar-se comigo. Daqui por diante eu vou ter de ser a sua mãe. Mesmo que eu descubra onde mora, a sua mãe de verdade não vai saber tratar de você... se é que ela vai aceitá-lo de volta. Não entendo muito de leões da caverna, mas também eu não entendia de cavalos. Mas um bebê é sempre um bebê, não é? Você está com fome? Eu não posso lhe dar leite. Espero que você goste de

sopa de carne cortada fininha. E com o remédio, você vai se sentir bem melhor.”

Ela se levantou e foi dar uma olhada na tina de cozinhar. A consistência muito grossa da sopa depois de fria surpreendeu-a. Remexendo o mingau, encontrou um bolo de carne no fundo da tina, que a custo pescou para fora na ponta de um espeto, com um líquido grosso e viscoso escorrendo dos fiapos de carne grudados um no outro. De repente entendeu, soltando uma gargalhada. O leãozinho assustou-se tanto com o barulho da risada que quase arranjou forças para se levantar e sair correndo.

“Não é de admirar que as raízes de confrei sejam tão boas para tratar ferimentos. Afinal grudou tão bem essa carne que deve também servir para co lar a nossa.”

- Neném, você acha que consegue tomar um pouco dessa coisa? - gesticulou ela para o animal, despejando em seguida um pouco do líquido gosmento num prato menor, feito de casca de vidoeiro. O leãozinho conseguira sair da esteira de capim e fazia força para ficar de pé. Ele rosnou para ela, procurando afastar-se.

Ayla ouviu o barulho de cascos subindo pelo caminho e momentos depois Huiin estava entrando. O cavalo reparando no leão, agora bem acordado e se mexendo, foi investigar. Abaixou a cabeça e cheirou aquela coisinha peluda. O pequenino leão da caverna, que adulto poderia infundir pavor a qual quer cavalo, estava aterrorizado com o outro animal desconhecido que surgia, enorme, à sua frente. Ele bufava, rosnava, e tanto foi retraindo-se que quase acabou no colo de Ayla. Sentindo, então, o calor da perna dela e um cheiro já um pouco mais conhecido, resolveu aninhar-se ali. Era muita coisa estranha e nova naquele lugar.

Ayla o suspendeu para botá-lo no colo e começou a niná-lo, murmurando baixinho alguns sons, da maneira como faria com qualquer bebê. Assim fazia com o seu filho quando ele era pequeno.

- Tudo bem, você vai acabar se acostumando conosco. Huiin, relinchando, balançava a cabeça. O leão no colo de Ayla não lhe parecia perigoso, embora os seus instintos lhe dissessem que o cheiro dele era. Por causa da mulher, ela já mudara muito os padrões de seu comportamento, e talvez fosse possível tolerar aquele leão da caverna.

O animalzinho correspondeu às carícias de Ayla procurando nela um lugar para aninhar-se.

- Você está com fome, não é, neném? - ela esticou o braço para pegar o prato de sopa e o segurou sob o seu focinho. O leão cheirou, mas não sabia o que fazer com aquilo. Ayla meteu dois dedos dentro da papa e os pôs em sua boca. Agora ele sabia o que devia fazer. Como qualquer bebê, chupou.

Sentada em sua pequena caverna, com o leãozinho no colo, ninando-o de cá para lá, enquanto ele lhe lambia os dedos, ela estava tão absorta nas lembranças de seu filho que nem reparava nas lágrimas que lhe escorriam pelo rosto e pingavam sobre o pêlo do animal.

Naqueles primeiros dias, quando Ayla punha o leãozinho em sua cama, com ele chupando-lhe os dedos e ninando-o, se estabeleceu uma relação única entre os dois. Uma relação que seria impossível entre a leoa e o seu filhote. Os procedimentos da natureza eram cruéis, particularmente para as crias do mais poderoso dos predadores. Apesar de que a leoa amamentasse os seus filhotes durante as primeiras semanas e de que, em alguns casos, lhes permitisse mamar nela por uns seis meses, no momento em que os bichinhos abrissem os olhos, já passavam a comer carne. E quando se tratava de comida, o sentimentalismo não existia numa família de leões. Quem caçava era a leoa e, diferente dos outros felinos, ela o fazia em grupo. Três ou quatro leoa formavam uma equipe imbatível que facilmente

derrubava um gigantesco cervo em pleno vigor ou um auroque macho na flor da idade. Apenas o mamute adulto ficava livre de seus ataques, mas os velhos e as crias novas já não estavam tão a salvos. A leoa, entretanto, não caçava para os filhos, o macho é que era a sua preocupação. Ao chefe todo-poderoso cabia a “parte do leão”. Tão logo surgisse, a leoa se retraía e somente depois de vê-lo bem fartado é que vinha ela buscar o seu quinhão. Em seguida era a vez dos filhos adolescentes e, por fim, se ainda houvesse sobras, chegavam os leõezinhos para disputar as migalhas.

Se algum filhote, no auge da fome, tentasse abocanhar algum naco fora de sua vez, muito provavelmente seria agraciado com uma patada fatal. Justamente para evitar esse perigo, a mãe, muitas vezes, punha as crias, por mais famintas que estivessem, longe das presas que matava. Cerca de três quartos dos leões nascidos não chegavam à maturidade. A maioria dos que o conseguiam seriam afastados do bando para tornar-se nômades, e nômades não eram bem recebidos em nenhum lugar, principalmente se fossem machos. Já as fêmeas tinham mais aceitação. Às vezes, quando o bando se achava desprovido de caçadores, se lhes permitia ficar rondando pelas periferias.

O único modo do macho se ver aceito era lutando, e essa quase sempre era uma luta de morte. No caso do chefe da família estar velho ou ferido, um membro mais jovem - ou, mais provavelmente, um valente macho errante - o expulsaria para assumir o lugar. A função dele era a de guardar o território de sua família - delimitado pelo cheiro provindo de suas glândulas e pelo odor da urina da fêmea - e assegurar a continuidade da família como grupo reprodutor.

Ocasionalmente, um macho e uma fêmea errantes se juntavam para for mar o núcleo de uma nova família,

mas teriam de construir o seu nicho longe dos territórios vizinhos. Era uma existência precária.

Ayla, entretanto, não era mãe leoa, era humana, e os humanos não só protegem, como ganham o sustento para os seus rebentos. Neném, como ela continuava a chamá-lo, era tratado como nenhum leão da caverna jamais o fora. Ele não precisava disputar restos de comida com os seus germanos e nem de fugir das patadas dos mais velhos. Ayla o sustentava, caçava para ele. No entanto, se uma parte da caça era dele, ela jamais admitiu dispor daquela que lhe era devida. Deixava Neném, sempre que sentisse necessidade, chupar os seus dedos e geralmente o levava para a sua cama.

Neném foi naturalmente domesticado. Por ele mesmo saía da caverna, sempre que tinha necessidade, exceto no princípio, quando ainda não estava em condições. Mas mesmo então era tal a sua careta de nojo quando se sujava que Ayla acabava rindo. Essas não eram as únicas vezes que ele a fazia rir. As brincadeiras de Neném quase sempre lhe arrancavam boas risadas. O leãozinho adorava ficar espreitando-a, e mais ainda pastava se ela fingisse não perceber a sua intenção, simulando surpresa quando ele de repente saltava sobre as suas costas. Algumas vezes, no entanto, era ela quem o surpreendia, virando-se no último instante para apanhá-lo no colo.

As crianças dos clãs sempre foram tratadas com condescendência. O castigo que se lhes dava consistia geralmente em ignorar aquilo que estavam fazendo de propósito para chamar a atenção dos adultos. À medida que cresciam e tomavam consciência do status dos germanos e das pessoas mais velhas, iam começando a desdenhar os paparicos e mimos como coisa de bebês e passavam ao mesmo tempo a imitar-lhes as atitudes, incentivadas imediata mente com os inevitáveis gestos

de aprovação. Com isso elas procuravam se comportar cada vez mais como adultas.

Ayla, principalmente no princípio, mimava o leãozinho da mesma forma. No entanto ele começou a crescer e as suas brincadeiras às vezes a machucavam sem querer. Se ele estouvadamente a arranhava ou a derrubava num ataque de mentira, ela parava de brincar e fazia o gesto usado na língua clânica para dizer “basta!”. Neném era sensível aos estados de ânimo de Ayla. Quando percebia que ela se recusava a entrar em suas brincadeiras, como na disputa de um pedaço de pau ou de um velho pano de couro, ele tentava captar-lhe as boas graças com qualquer coisa que quase sempre a fazia rir ou então chegava para perto dela, procurando simplesmente chupar-lhe os dedos.

Ao gesto de “basta”, ele passou a dar sempre o mesmo tipo de resposta. Ayla, com a sua habitual finura para apreender movimentos e posturas de corpo, logo reparou no fato e passou a usar sempre o gesto que, sabia, poria paradeiro em alguma coisa que ele estivesse fazendo e que ela não queria. Não era tanto uma questão de treinamento, mas de sensibilidade, dele e dela. Além do que, o leãozinho era rápido para aprender. Ao sinal de Ayla, ele parava no meio de uma passada ou desviava um pulo em pleno ar. Como se soubesse que fizera algo que a desagradava, Neném, em geral, após o “basta” firme e determinado, vinha chupar-lhe os dedos para recuperar a confiança.

Por outro lado, Ayla era sensível às alterações de ânimo do animal e não lhe impunha nenhuma restrição física. O leão, como ela ou Huiin, tinha liberdade de entrar e sair quando bem entendesse. Nunca ocorreu a Ayla prender ou amarrar os seus companheiros bichos. Eles formavam a sua família, o seu clã. Eram criaturas vivas que compartilhavam de sua caverna e de sua vida. No seu mundo solitário, os únicos amigos que possuía.

Bem cedo deixou de preocupar-se com o que o clã poderia achar do fato de ela estar vivendo com animais, mas ficava intrigada com a relação que se estabelecia entre o cavalo e o leão. Os dois eram inimigos por natureza: caça e caçador. Talvez se ela tivesse lembrado disso, quando encontrou o leãozinho ferido, não o teria trazido para a caverna, onde vivia com um cavalo. Jamais poderia supor que os dois pudessem viver juntos e muito menos que fossem se dar bem.

No princípio, Huiin apenas tolerava o filhote de leão, mas depois que o bichinho se levantou e começou a rondar por toda parte, era difícil ignorá-lo. Quando via Ayla puxando de uma das extremidades um pano de couro enquanto o leãozinho, abanando a cabeça e rosnando, puxava da outra, o cavalo não se continha em sua curiosidade, e vinha ver o que estava se passando. Então chegava, farejava o couro e o agarrava com os dentes, fazendo um puxa-daqui-puxa-dali de três. Após Ayla se retirar, a brincadeira prosseguia entre os dois. Com isso, Neném, querendo atrair Huiin para o seu brinquedo, acabou pegando o hábito de arrastar o couro que ia sob o seu corpo, passado entre as patas dianteiras, tal como mais tarde iria fazer com as suas vítimas. Huiin quase sempre condescendia. Na falta de irmãos para brincadeiras de leões, arranjava-se com aqueles dois bichos que tinha à mão.

Havia outra brincadeira. Essa Huiin já não achava tanta graça, mas para Neném ela parecia irresistível: era a de pegar no rabo, mais particularmente no da potranca. Neném, agachado, ficava à espreita dele, observando-lhe as rabanadas tentadoras. Então, silencioso, sorrateiramente, estremecendo-se de gozo, levantava-se e se apoderava do rabo para, em seguida, ficar se deliciando com os punhados de pêlos que lhe enchiam a boca. Às vezes Ayla era capaz de jurar que Huiin fazia o jogo do leãozinho, que a potranca sabia

perfeitamente que o seu rabo estava sendo intensamente cobiçado, e simplesmente fingia não perceber. Também ela gostava de brincar, apenas até então não tivera com quem. Ayla não era dada a inventar brincadeiras, nunca lhe haviam ensinado.

Depois de algum tempo, Huiin se cansava e virava contra o seu atacante, passando a mordiscar-lhe o traseiro. A potranca também sabia ser indulgente, mas não era pelo fato de Neném ser um leão da caverna que se deixaria dominar. Afinal, Neném não passava de um simples bebezinho. Se Ayla transformou-se na mãe do leão, Huiin converteu-se em sua babá. À medida que o tempo passava, com os dois cada vez mais brincando juntos, o que era simples tolerância se transformou em desvelo e atenção, graças principalmente a uma certa particularidade de Neném: ele adorava esterco.

Os excrementos de carnívoros não tinham grande interesse. Neném só gostava daqueles largados pelos animais de pastagens e herbívoros. Quando os três saíam juntos para os campos, Neném deitava e rolava sobre qualquer esterco que achava. Como a maioria das brincadeiras, essa também já visava as suas futuras caçadas. O esterco disfarçava-lhe o cheiro de leão, mas isso não impedia Ayla de dar boas risadas sempre que o via descobrindo uma nova pi lha de porcarias. A do mamute era particularmente apreciada. Ele tomava entre as patas as enormes bolotas que espatifava para depois rolar por cima.

Mas nenhuma era tão maravilhosa quando a de Huiin. A primeira vez que encontrou o monte de excremento seco que Ayla guardava para ajudar a acender o fogo, Neném não cabia em si de contente. Carregava-o de um lado para outro, brincando, rolava e se chafurdava na bosta. Quando Huiin entrou na caverna e sentiu o seu próprio cheiro, era como se o leãozinho fosse uma extensão de seu corpo. A partir daquele

momento todas as prevenções contra Neném desapareceram e a potranca o tomou sob a sua guarda. Guiava-o, protegia-o, e mesmo que Neném se saísse com alguma, isso não diminuía as solícitas atenções da potranca.

Desde que abandonara o clã, Ayla nunca se sentiu tão feliz quanto naquele verão. Huiin, além de fazer companhia, era uma verdadeira amiga. Se não fosse a potranca, ela não sabia o que teria feito durante o longo e solitário inverno. Mas a inclusão de Neném ao seu redil trouxe uma nova dimensão de vida. Alegria. Sempre estava acontecendo algo de divertido entre o dedicado cavalo e o leãozinho brincalhão.

Num dia quente e ensolarado, já em pleno verão, ela estava na campina, observando os dois numa nova brincadeira. Um perseguia o outro, dando longas voltas em círculo. Primeiro, Neném diminuía a corrida, dando tempo para Huiin alcançá-lo. Depois, ele lhe saltava à frente, enquanto a potranca atrasava-se para que o leãozinho desse toda a volta e se pusesse atrás dela, quando, então, ela disparava e ele freava para permitir Huiin pegá-lo. Ayla achava nunca ter visto nada tão engraçado na vida. Encostada numa árvore, segurando a barriga com a mão, ria a mais não poder.

Quando as risadas cessaram, ela por alguma razão tomou consciência do riso. Que som era aquele que emitia, sempre que achava alguma coisa engraçada? Por que fazia aquilo? Vinha tão espontaneamente quando não tinha alguém por perto para lembrá-la de que era algo impróprio. Mas por que impróprio? A não ser ela e o seu filho, não se recordava de ter visto alguém dos dás rindo ou pelo menos sorrindo. No entanto, eles conheciam o humor, sabiam de histórias engraçadas a que reagiam com movimentos aprovadores de cabeça e uma expressão divertida, centrada principalmente nos

olhos. Pelo que ela se lembrava, quando faziam uma careta, qualquer coisa parecida ao seu riso, era no sentido de exprimir medo ou apreensão, nunca felicidade.

Mas se rir era algo que brotava nela com tanta facilidade, que a fazia sentir-se tão bem, por que seria errado? Será que as pessoas como ela também riam? Os Outros? De repente toda a alegria foi embora. Não gostava de pensar nos Outros. A consciência de que não estava mais procurando-os a enchia de emoções desencontradas. Iza lhe dissera para procurá-los, e além do mais era perigoso viver sozinha. Se por acaso adoecesse ou sofresse um acidente, quem viria em seu socorro?

Mas se sentia tão feliz com a sua família de bichos... Podia soltar-se, correr à vontade, que nem Huiin nem Neném iriam lançar-lhe olhares de censura e tampouco lhe diriam para não rir, não chorar, que animais podia caçar, quando, com que armas... As decisões eram suas e isso a fazia sentir-se imensamente livre. O fato de grande parte de seu tempo ser consumido no atendi mento de suas necessidades - alimentos, agasalhos, abrigos - ela não contava. Não era o que lhe restringia a liberdade, embora fossem nessas coisas que concentrasse quase todas as suas energias. Ao contrário. Saber que podia manter-se sozinha lhe dava confiança em si.

Com o decorrer do tempo, principalmente depois da vinda de Neném, a dor pela perda das pessoas amadas foi aplacando. O vazio e a necessidade de convívio com outras pessoas eram um sofrimento tão constante que passou a parecer um sentimento normal. Qualquer coisa que a distraísse era motivo de alegria e os dois animais contribuíam muito para encher o seu vazio. Ayla gostava de pensar neles como formando o arranjo familiar que conhecera com lia, Creb e ela, quando menina, só que no

caso de Neném havia Huiin e ela para tomar conta dele. E quando de noite, com as garras retraídas e as patas dianteiras enroscando-se nela, na sua imaginação o leãozinho era quase como Durc.

Ela se via relutante em partir e procurar pelos Outros, gente de costumes e proibições de que nem podia fazer idéia. Talvez até lhe tirasse essa sua faculdade de rir. “Não. Isso não vão”, falou para si mesma. “Nunca voltarei a viver com pessoas que me impeçam de rir.”

Já cansados da brincadeira, Huiin foi pastar, enquanto Neném deitou perto, ofegando, com a língua pendurada do lado de fora da boca. Ayla assoviou. A potranca se aproximou com o leãozinho atrás.

- Preciso sair para caçar, Huiin - gesticulou Ayla. - Esse leão come de mais e está ficando muito grande.

Depois que se recuperou dos machucados, Neném sempre acompanhava Ayla e Huiin nas suas saídas. Os filhotes de leões nunca eram deixados sozinhos nos covis, tal como os bebês dos clãs que também jamais ficavam desacompanhados, por isso o seu comportamento parecia a Ayla perfeitamente normal. Mas lhe trouxe um problema. Como iria ela caçar com um leão da caverna andando no seu rasto? O problema solucionou-se quando Huiin teve os seus instintos protetores despertados. Entre leões, a mãe, ao sair para caçar, deixava a sua prole aos cuidados de uma fêmea mais nova, de modo que Neném não teve maiores dificuldades em aceitar Huiin nesse papel. Ayla sabia que nenhuma hiena ou outra fera de igual porte ousaria enfrentar os pesados cascos da potranca, se fosse o caso de sair em defesa do leão, só que isto significava que ela teria de voltar a caçar a pé.

No entanto, batendo os terrenos das estepes próximos da caverna á pro cura de animais adequados à

sua funda, ela deparou com uma oportunidade com que não contava.

Até então, sempre evitara o bando de leões que habitava o território a leste de seu vale. A primeira vez, porém, que viu alguns deles, descansando à sombra de uns pinheiros baixos e atrofiados, resolveu que já era tempo de aprender alguma coisa sobre esses seres que encarnavam o seu totem.

Era uma ocupação perigosa. Embora caçadora, facilmente poderia converter-se em presa. Ela, entretanto, já observara antes outros predadores e sabia como fazer para passar despercebida. Os leões notaram que eram observados, mas depois de algum tempo resolveram ignorá-la. Isso não afastava o perigo. A qualquer momento que algum deles quisesse, talvez pela simples razão de estar mal-humorado, poderia partir para cima dela. Ayla, no entanto, quanto mais observava, mais fascinada ficava.

Os leões passavam a maior parte do tempo descansando ou dormindo, mas quando caçavam eram fulminantes nas suas ações. Uma leoa sozinha podia muito mais rapidamente dar cabo de um enorme cervo do que um bando de lobos, atacando juntos ao mesmo tempo. Os leões só caçavam quando tinham fome e podiam ficar vários dias sem comer. Não tinham necessidade como ela de armazenar comida. Caçavam o ano inteiro.

Ayla observou que no verão, com os dias quentes, a tendência deles era caçar à noite. Já no inverno, quando a natureza engrossava-lhes a pele, clareando o seu tom de marfim, de modo a confundi-la com a paisagem in vernal, ela os vira caçando de dia. O frio intenso evitava que a tremenda energia dependida durante as caçadas os aquecesse. À noite, quando a temperatura baixava vertiginosamente, dormiam amontoados em alguma caverna ou no vão de uma pedreira que os defendesse

contra o vento. Ou senão nos terrenos de algum desfiladeiro, por entre as pedras espalhadas pelo chão que absorviam durante o dia um pouco do calor do sol distante para acalentá-los na escuridão.

Após passar um dia no seu posto de observação, Ayla voltou ao vale com novo respeito pelo animal que levava o espírito de seu totem. Ela vira uma leoa jogar por terra um velho mamute com presas tão compridas que chegavam a cruzar-se na frente da cabeça. Nesse dia, o bando inteiro se fartou. Perguntou-se como teria conseguido escapar, aos cinco anos de idade, das garras de um leão. Agora entendia um pouco a razão do espanto das pessoas dos clãs. “Por que teria o Leão da Caverna me escolhido?” Por um instante, um pressentimento atravessou-lhe o espírito. Nada específico, mas qualquer coisa que a deixou pensando em Durc.

Já aproximando-se do vale, uma pedrada certeira derrubou uma lebre para Neném. Subitamente, visualizando-o crescido, transformado num imenso macho, se viu em dúvidas. Teria sido uma decisão acertada levar o filho te de leão para a caverna? Seus temores duraram apenas o tempo de ver o leãozinho correndo ansioso ao seu encontro, feliz por tê-la de volta, doido para chupar-lhe os dedos e lambê-la com a sua língua áspera.

Mais tarde, já anoitecendo, depois de ter tirado a pele da lebre e corta do a carne em pedaços para dar a Neném, depois de haver limpado o lugar de Huiin e trazido feno fresco, e depois de ter preparado e comido o seu jantar,ela se sentou com os olhos fixos no fogo, enquanto saboreava uma cuia de chá quente e pensava nos acontecimentos do dia. Neném dormia próximo ao fundo da caverna, afastado do calor direto da fogueira. Revendo em pensa mento as circunstâncias que a levaram a adotá-lo, não encontrava outra resposta para

a sua atitude, fora a de que agira por vontade de seu totem. Ela não sabia por que, mas o fato era que o espírito do Grande Leão da Caverna havia enviado alguém de sua família para que fosse criado por ela.

Com a mão no amuleto pendurado em seu pescoço e apalpando os objetos do saquinho, ela se dirigiu ao seu totem na silenciosa língua dos clãs:

- Não foi dado a essa mulher compreender o quão poderoso é o Leão da Caverna. Essa mulher, no entanto, está agradecida por ter sido iluminada em seu pensamento. Talvez ela nunca venha a saber por que foi escolhida, mas essa mulher se sente grata por ter consigo o filhote de leão e o cavalo.

Ela fez uma pausa e depois prosseguiu:

- Algum dia, O Grande Leão da Caverna, essa mulher saberá por que lhe foi enviado o filhote...se assim for do desejo de seu totem.

O habitual volume de trabalho de Ayla em todos os verões -nos preparativos para o inverno seguinte - se viu aumentado com a introdução do leãozinho em sua vida. Carnívoro puro e simples, Neném tinha necessidade de grande quantidade de carne para satisfazer as exigências de seu crescimento, fazendo-se a olhos vistos. A caça miúda consumia muito tempo e Ayla estava precisando sair atrás de animais maiores, não só pelo leãozinho, como por ela. Mas para isso tinha de contar com a ajuda de Huiin.

Neném percebeu que Ayla estava programando algo especial. Ela havia retirado os arreios da caverna e chamado Huiin para ajustar no animal as duas pesadas traves que ele puxava arrastando. O jorrão fora aprovado, mas ela queria arranjar um jeito melhor de prender os paus, de modo que lhe fosse possível também carregar os cestos. Além disso, uma das traves precisava conservar-se meio solta para que Huiin pudesse subir

com a carga até a caverna. O patamar como local para secar as carnes também fora aprovado.

Ela não tinha noção de como faria para caçar com Neném ao seu lado e nem do que ele poderia aprontar-lhe. Mas tinha de tentar assim mesmo. Depois de tudo pronto, montou Huiin e se pôs a caminho. Neném seguiu atrás, tal como teria feito com a sua mãe. O acesso às terras a leste do rio se fazia muito mais facilmente, por isso ela nunca pegava outro rumo, salvo quando empreendia suas excursões exploratórias. O íngreme penhasco do lado ocidental continuava por vários quilômetros até transformar-se numa encosta abrupta e pedregosa que, por fim, abria caminho para as planícies. Uma vez que a cavalo ela podia percorrer grandes distâncias, passou a conhecer bem as estepes orientais, onde tinha mais facilidade para caçar.

Ayla aprendera muito sobre as manadas que freqüentavam esses terrenos: os seus hábitos migratórios, os caminhos que percorriam e os lugares em que atravessavam os rios. Mas ela continuava ainda tendo de cavar armadilhas no caminho dos animais e esse não era um trabalho fácil com um leãozinho travesso rondando por perto. Ele simplesmente achava que o buraco que Ayla cavava era mais outra brincadeira que ela estava inventando para diverti-lo.

Neném ora escavava a terra com as suas patas, desmoronando as bordas do buraco, ora pulava por cima, ora para dentro, quando então tranqüilamente voltava a sair. Depois ia rolar-se no monte de terra sobre o velho couro da barraca que ela ainda usava para fazer os seus buracos. Quando foi arrastar o couro, Neném resolveu também puxá-lo à sua maneira, fazendo daquilo a brincadeira do puxa-daqui-puxa-dali. A terra acabou esparramando pelo chão.

- Neném! Como é que vou conseguir fazer esse buraco? - falou Ayla, exasperada, mas rindo, o que só

serviu para animá-lo ainda mais. - Venha cá, vou dar uma coisa para você arrastar - ela remexeu dentro das cestas, que retirara do lombo de Huiin para deixar a potranca pastar à vontade, e pegou a pele da rena que trouxe para cobrir o chio, no caso de chover. - Tome, vá arrastar isso - disse, colocando o couro à sua frente. Era tudo que ele queria. Não conseguia ver um pedaço de couro sem arrastá-lo pelo chio. Estava tio encantado puxando-o por entre as suas patas dianteiras, que Ayla teve de rir.

Apesar de Neném, ela conseguiu fazer o buraco e cobri-lo com o velho pano de couro e uma camada de terra por cima. A cobertura estava precária mente fixada com quatro pregos e, quando pronta, Neném não pôde deixar de vir investigar. Acabou caindo na armadilha e pulou para fora com expressão indignada. Depois disso, resolveu manter-se afastado.

Novamente arrumada a armadilha, Ayla assoviou para Huiin e foi postar-se atrás de uma manada de onagros. Nunca mais tivera coragem de caçar cavalos, e mesmo onagros a deixavam com uma sensação de desconforto. Esses burros selvagens eram parecidos demais com cavalos. A manada, no entanto, estava numa posição tão perfeita para ser levada na direção da armadilha que ela não podia dar-se ao luxo de perdê-la.

Após as travessuras de Neném junto do buraco, as suas preocupações ainda aumentaram mais. Certamente ele seria um entrave durante a caçada. No entanto, quando se puseram atrás da manada, o leãozinho assumiu outra atitude. Ele espreitava os onagros tal como fazia com o rabo de Huiin, como se de fato não importasse o seu tamanho de bichinho novo e pudesse derrubar um daqueles animais. Ayla compreendeu então que as brincadeiras de Neném eram uma versão em escala menor dos movimentos de um leão adulto, daquilo que no futuro ele viria a precisar. Era um caçador de nascença, instintivamente compreendendo a

necessidade de um comportamento matreiro e silencioso.

Para sua surpresa, Ayla descobriu que Neném podia ser de grande valia. Quando a manada estava bastante perto da armadilha, o seu cheiro e o do leão começaram a ser sentidos, desviando os animais da trilha. Ela, então, aos urros e berros fez com que Huiin disparasse de modo a provocar o estouro dos animais. Neném, tomando isto como um sinal, lançou-se, por sua vez, na perseguição. O seu cheiro ajudava a aumentar o pânico dos onagros que se puseram a correr direto para a armadilha.

Ayla, com a lança na mão, escorregou do lombo de Huiin e a toda velo cidade partiu na direção de um dos onagros que, grunhindo em desespero, tentava escapar da armadilha. Mas Neném já havia passado à frente. Ele pulou no dorso do animal, mas desconhecendo ainda a sua capacidade de sufocar a vítima com um abraço fatal, se pôs a lhe dar mordidas no pescoço com os seus dentes de leite, pequeninos demais para surtir efeito. A experiência ha via chegado muito prematuramente para o leãozinho.

Se ele ainda vivesse no seu meio, junto de leões, nenhum adulto teria deixado que se imiscuísse na caçada. Qualquer tentativa seria imediatamente rechaçada com um bofetão assassino. Apesar de toda a sua velocidade, os leões eram corredores de pouco fôlego, enquanto as suas presas podiam correr longas distâncias. Se não conseguissem apanhar de saída a caça, muito provavelmente a perderiam. Não podiam, por isso, se dar ao luxo de deixar um filhote treinar os seus dotes de caçador - a não ser em suas brincadeiras - enquanto não estivessem beirando a idade adulta.

Mas Ayla era humana. Ela não possuía a velocidade nem da caça, nem do caçador, além de que lhe faltavam garras e presas. A sua arma era o cérebro, e por meio

dele criou os meios para suprir a falta dos predicados naturais em seus concorrentes. A armadilha - que permitia à sua espécie mais fraca e vagarosa caçar - dera ao leãozinho igual oportunidade.

Quando ela, ofegante, chegou, o onagro - preso dentro do buraco - olhava apavorado, com o filhote de leão rosnando montado em seu pescoço e tentando com os pequeninos dentes de leite abocanhá-lo numa mordida fatal. Um firme golpe de lança pôs fim à luta da besta. Com o filhote pendurado, rasgando-lhe a pele do pescoço, ela tombou. Somente quando todo o movimento cessou, Neném soltou a sua caça. Ayla tinha um sorriso encorajador de mãe orgulhosa, enquanto o filhote, altivo, de pé sobre um animal muito maior do que ele, tentava rosnar, convencido de que era o autor da façanha.

Ayla pulou para dentro do buraco e o cutucou para o lado.

- Vamos, Neném, afaste-se. Tenho de amarrar essa corda ao redor do pescoço do bicho. Huiin precisa retirá-lo.

O leãozinho era um feixe de nervos, entrando e saindo do buraco, enquanto Huiin puxava o onagro para fora. Quando, por fim, o trabalho foi realizado, Neném pôs-se a pular para cima e para baixo do animal. Ele não sabia o que fazer. Entre leões, o primeiro pedaço da caça cabia ao matador. Filhotes nunca participavam de caçadas e pelas normas vigentes eram os últimos a se servirem.

Ayla estendeu o corpo do onagro para fazer um corte abdominal que ia do ânus à garganta. Um leão o teria aberto de maneira parecida, rasgando em primeiro lugar o ventre, a parte mais macia. Neném olhava gulosamente, enquanto Ayla cortava a parte inferior para, em seguida, abrir as pernas do animal e cortar o resto.

Neném não conseguiu mais conter-se. Meteu-se pela abertura do abdômen e abocanhou as entranhas sanguinolentas que se estufavam. Os seus dentes finos, parecendo agulhas, dilaceravam as partes tenras do intestino. Ele conseguira agarrar algo. Pulou para fora e se pôs a puxar como se estivesse num jogo do puxa-daqui-puxa-dali. Ayla tinha terminado de cortar e se virou, levantando a cabeça. Imediatamente explodiu numa estrondosa gargalhada. Neném tinha cravado os seus dentes num pedaço do intestino e, inesperadamente, ao puxar não encontrou resistência. A coisa ia saindo, saindo... Aflito, ele continuava a desenroscar uma comprida corda de tripas que já se estendia com vários metros de comprimento. A sua expressão de surpresa era tão engraçada que Ayla não conseguia conter-se. Deixou-se cair no chão, rindo até as lágrimas e fazendo força para controlar-se.

O leãozinho, sem entender o que ela fazia no chão, largou o rolo de tripas para observar o que estava acontecendo. Quando ele saltou na sua direção, ela sempre rindo agarrou-lhe a cabeça e esfregou o rosto nos seus pêlos. Depois, com ele no coto lambendo as suas mãos, coçou-lhe atrás das orelhas e as bochechas meio sujas de sangue. Ele se pôs a chupar os seus dedos enquanto rosnava baixinho, apoiando as patas dianteiras sobre as coxas dela.

“Não sei por que você me foi enviado, Neném”, pensou. “Mas fico contente por isso ter acontecido.”

Capítulo 14

Já pelo outono, o leãozinho da caverna já estava maior do que um lobo e o seu jeito de bebê rechonchudo começava a desaparecer com as pernas já encompridando-se e o corpo mostrando-se forte e musculoso. Apesar de seu enorme tamanho, ele continuava ainda filhote de lego e Ayla vez por outra exibia as marcas dos machucados e arranhões com que saia das brincadeiras. Ela nunca lhe batia, ele era um bebê. Fazia apenas o gesto de “basta, Neném” e o afastava para o lado dizendo:

- Chega, você está muito bruto.

Isso era suficiente. Neném, arrependido, vinha atrás dela em atitude submissa, a mesma que num bando teriam os leões mais fracos para com os outros, seus superiores. Ayla não resistia. O perdão chegava, mas com Neném já mais contido em suas demonstrações de carinho. Antes de saltar e botar as patas sobre os seus ombros - para abraçá-la e não derrubá-la - ele encolhia as garras de suas patas dianteiras. Ela tinha de retribuir o abraço e ele, com os dentes à mostra, abocanhando os braços ou os ombros, tal como ainda iria fazer com a sua fêmea, procurava ser delicado, nunca ferindo a pele.

Ela aceitava e retribuía as investidas e os gestos carinhosos, mas nos clãs um filho, enquanto não houvesse matado o seu primeiro animal e atingido a maioridade, obedecia à mãe. Ayla agia com o filhote da mesma maneira. Ele a tinha aceitado como mãe; era, portanto, natural que ela tivesse o seu domínio.

Por outro lado, a mulher e o cavalo formavam a família de Neném. Os dois eram tudo que ele possuía. As poucas vezes em que se encontrara com outros leões,

nas saídas para as estepes com Ayla, as suas tentativas de aproximação foram belamente rechaçadas, como provavam as cicatrizes que agora ostentava no nariz. Depois desse corpo-a-corpo que lhe enviou de volta Neném com o nariz sangrando, ela, quando estava com ele, passou a evitar o território dos leões, mas, sozinha, continuou ainda com as suas observações.

Ela se percebeu comparando Neném com os filhotes que cresciam jun to de suas famílias. Uma das primeiras coisas que reparou foi que Neném era grande para a idade. Diferente dos outros, ele nunca havia passado fome, por isso jamais teve o seu pêlo sem brilho e esfiapado ou as costelas desenhando-se sob a pele. E muito menos ainda se viu ameaçado de morrer de fome. Com Ayla para alimentá-lo e tendo os seus constantes cuidados, nada lhe faltava para que atingisse o máximo de suas potencialidades físicas. E ela, como uma boa mulher dos clãs que tem o seu bebê saudável e bem alimentado, sentia-se orgulhosa vendo o seu filhote crescer lustroso e grandão.

Havia outro aspecto que ela também reparou que o punha na dianteira dos outros leõezinhos de sua idade. Neném era um tremendo caçador. Depois daquela primeira vez, quando se mostrou tão encantado com o onagro, passou sempre a acompanhar Ayla. Ao invés de ficar brincando de caçar como outros filhotes, ele de fato estava treinando com presas de verdade. Uma leoa jamais teria permitido, mas com Ayla se dava o contrário, ela o encorajava e até agradecia a ajuda que ele lhe dava. Os métodos de Neném caçar se revelaram tão compatíveis com os dela, que era como se os dois atuassem em equipe.

Somente uma vez Neném saiu fora de tempo na perseguição da manada, dispersando-a antes que os animais estivessem perto da armadilha. Foi tamanho o desgosto de Ayla, que ele compreendeu que fizera uma

grande bobagem. Na vez seguinte, observava-a atentamente, refreando-se. Só depois que ela deu a partida é que ele se soltou. Apesar de que ainda não tivesse consegui do matar um animal, Ayla sabia que isso não iria demorar a acontecer.

Neném também descobriu que era muito divertido caçar pequenos animais com Ayla e a sua funda. Enquanto ela colhia plantas - uma coisa desinteressante - ele, se não estivesse dormindo, estava correndo atrás de tudo que se mexesse. Mas, caçando junto dela, havia aprendido a ficar tal como ela, imóvel, petrificada à vista de alguma caça. Silenciosamente, ele observava-a arrumar a pedra na funda para só correr depois da pedra ter sido lançada. Quase sempre ela ia ao seu encontro quando ele já estava voltando, com a presa arrastada por entre as patas. Outras vezes ia encontrá-lo, parado, com os dentes ferrados na garganta do animal. Ela ficava sem saber se fora a sua pedra que matara o bicho ou se havia sido ele, à maneira dos leões, que estrangulara a jugular da presa, terminando o que ela começara. Com o passar do tempo, Ayla aprendeu a reparar nas atitudes de Neném, quando ele parava, farejando algum bicho que ela própria ainda não tinha visto.

A primeira caça que talvez pudesse ser tributada a ele foi a de um animal de pequeno porte.

Neném, depois de brincar sem muito interesse com um pedaço de carne que Ayla lhe dera, foi dormir. Acordou faminto, ouvindo os passos dela, subindo o caminho que passava por cima da caverna e levava às estepes. Huiin também não estava à vista. Filhotes desprotegidos naqueles ermos eram um prato fácil para hienas e outros carnívoros. Ele cedo aprendera essa lição. Disparou atrás de Ayla e chegou ao topo do penhasco na frente dela. Depois, pôs-se a caminhar ao seu lado, mas então parou. Ayla ainda não tinha visto o

hamster gigante que, no entanto, já notara a presença dos dois. Antes que a sua pedra tivesse sido atirada, o hamster já estava correndo a toda velocidade - Ela não tinha muita certeza se o acertara.

No instante seguinte, Neném partiu em busca do hamster. Quando chegou para encontrá-lo, ele já estava com o focinho enterrado no meio das entranhas esguichando sangue. Quem seria o autor da façanha? Ela o empurrou para o lado, querendo ver se descobria alguma marca de pedra. Por um mo mento ele resistiu - apenas o tempo dela lhe lançar um olhar duro - então cedeu sem discussão. Já havia comido bastante da mão de Ayla para saber que era ela quem o alimentava. Mesmo depois de examinar o hamster, Ayla ainda continuou incerta sobre qual dos dois teria matado o animal, mas o de volveu a Neném, fazendo-lhe muitas festas e elogios. O fato da pele estar rasgada já era para ser considerado uma bela proeza.

Uma lebre foi o primeiro animal que ela teve realmente certeza de que fora ele quem havia matado. Aquela foi uma das raras vezes que Ayla perdera um tiro. Ela sabia que o seu lançamento tinha saído defeituoso. A pedra caíra a poucos passos de onde se achava, mas Neném lhe vira os movimentos que ele entendia como uma ordem para atacar. Quando ela chegou, o leãozinho já estava estripando o animal.

- Que maravilha, Neném! - disse ela efusivamente naquela estranha mistura de gestos e sons, tal como se o leãozinho fosse um menino do clã, merecedor de todos os elogios por ter conseguido matar o seu primeiro animal. Neném não entendia o que ela falava, mas sentia que Ayla estava contente com ele. O sorriso, a atitude, a postura, tudo nela comunicava alegria. Mesmo que fosse pequeno para isso, ele havia satisfeito uma necessidade de caçar instintiva e agora recebia os cumprimentos do

membro mais importante de sua família. Ele sabia que se portara bem.

Os primeiros ventos frios do inverno trouxeram uma baixa de temperatura, placas de gelo nas bordas do rio e preocupações para Ayla. Ela havia feito um grande suprimento de comida e mais uma provisão extra de carne seca para Neném, mas achava que não fosse suficiente para durar até o final do inverno. Também tinha feito um suprimento de cereais e feno para Huiin, mas neste caso era um luxo e não uma necessidade. Os cavalos não deixavam de pastar durante o inverno. Somente quando a neve estava muito alta no chão, sem vento para limpar os terrenos, é que passavam fome. Na verdade, nem todos sobreviviam ao frio da estação.

Também os carnívoros conseguiam a sua comida no inverno, eliminando os fracos e deixando mais alimento para os fortes. O número de caçadores e caçados aumentava ou diminuía de forma cíclica, mas mantendo-se, de certo modo, equilibrado entre uns e outros. Nos anos em que rareavam os animais de pastos e herbívoros, havia maior mortandade de carnívoros que passavam fome. O inverno era uma estação dura para todos.

Com a chegada do frio, as preocupações de Ayla se tomaram mais prementes. Ela não podia caçar animais de porte com os terrenos congelados, duros como pedra. O seu método pressupunha buracos cavados no chão. Uma grande quantidade de animais estavam hibernando, escondidos em suas tocas com os alimentos que armazenavam. Eles eram difíceis de ser achados, principalmente por não se poder localizá-los através do faro. Ayla não acreditava que pudesse conseguir uma quantidade suficiente de caças para manter o leãozinho bem alimentado.

No princípio do inverno, quando a temperatura conservava os alimentos frios - só mais tarde é que se congelavam - ela procurou matar o maior número possível de animais de porte e estocá-los nos esconderijos que construía embaixo de pedras empilhadas. Os movimentos das manadas no inverno lhe eram desconhecidos e, como havia imaginado, não estava tendo muito sucesso em suas caçadas. As suas preocupações de vez em quando a deixavam sem dormir, mas nunca lamentou ter abrigado o leãozinho. Com ele e Huiin, rara mente sentia a solidão introspectiva que, em geral, suscitamos longos invernos. Ao contrário, as suas risadas estavam constantemente enchendo a caverna.

Sempre que saía para pegar carne em um de seus esconderijos, Neném estava por perto, pronto para abocanhar algum naco congelado, mal ela começava a remover as pedras.

- Neném, saia daqui, vamos! - dizia rindo para o leãozinho que, contorcendo o corpo, tentava passar por entre as pedras. Depois, agarrado à carcaça congelada, levava-a arrastando pelo caminho e entrava em casa. Como se soubesse que o nicho no funda da caverna já fora usado anteriormente por leões, fez dali um lugar privativo dele. Era onde punha as caças apanhadas nos esconderijos que ficavam descongelando enquanto ele, deliciado, roía um dos pedaços endurecidos de gelo. Já Ayla esperava que a sua carne, primeiro, descongelasse para depois cortá-la.

À medida que via o suprimento de carne nos esconderijos abaixando, cada vez mais ela passou a vigiar o tempo. Quando por fim amanheceu um dia frio, mas claro e brilhante, resolveu que já era tempo de sair para caçar, ou pelo menos tentar. Ela não tinha nenhum plano particular em mente, embora não fosse por falta de pensar. Esperava que alguma idéia surgisse ou que a vista do local lhe sugerisse alguma possibilidade ainda

não imaginada. O que não podia era ficar esperando até que se esgotasse toda a carne estoca da para então agir.

Logo que viu Ayla retirando os cestos que iam no lombo de Huiin, Neném compreendeu que estavam de saída para caçar. Excitado, rosnando, entrava e saía da caverna sem parar. Huiin, também feliz com a perspectiva, balançava a cabeça relinchando. Ao chegarem às estepes, frias e ensolaradas, a tensão e as preocupações de Ayla aos poucos foram desaparecendo, dando lugar à esperança e ao prazer de novamente estar em atividade.

As estepes estavam brancas com uma fina camada de neve fresca que o vento levemente agitava. No ar, sentia-se os estalidos de estática de tifo intenso era o frio, e o sol, não fosse pela sua luz, bem podia não estar lá. A cada respiração, eles exalavam um fiozinho de fumaça e o gelo que se formava ao redor da boca de Huiin transformava-se numa nuvem de cristais quando ela bufava resfolegando.

Ayla dava graças por ter o seu capuz de carcaju e por todas as suas caça das que lhe renderam as peles extras que estava usando.

Ela olhou para o leãozinho que se movia silenciosamente, com a graça sinuosa dos felinos. Súbito, Ayla levou um susto. O corpo de Neném estava quase do mesmo comprimento que o de Huiin e ele já estava aproximando-se da altura de um cavalo. A sua juba avermelhada também começava a formar-se. Ayla se perguntava como pôde tudo isso lhe ter passado despercebido. De repente Neném se pôs alerta, tenso, com o corpo esticado para frente e o rabo apontando teso atrás dele.

Ela não estava acostumada a pegar rastos de animais no inverno, mas mesmo a cavalo podia ver as pegadas de lobos sobre a neve. As marcas das patas estavam bem nítidas e definidas, nem um pouco

desfiguradas pelo vento ou pelo sol. Sem dúvida feitas muito recentemente. Neném pulou à frente. Eles estavam perto. Ela pôs Huiin para galopar e emparelhou com Neném no momento justo em que um bando de lobos cercava um velho macho que se guia distanciado de sua manada de antílopes-saiga.

Neném também tinha visto. Sem conseguir conter a sua ânsia, correu para o meio da alcatéia dispersando-a. Vendo a cara de decepção e surpresa dos bichos, Ayla teve vontade de rir, mas ela não queda encorajar Neném. “Ele está agitado demais”, pensou, “faz muito tempo que não caçamos.”

Os antílopes, com os seus saltos colossais, saíram em debandada pela planície. Os lobos tomaram a reagrupar-se e se puseram novamente em marcha, num passo que rapidamente os aproximaria de sua presa, mas que os deixada cansados antes de alcançá-la. Ayla, outra vez calma, lançou um olhar firme de desaprovação a Neném. Ele voltou a caminhar a seu lado. Não estava arrependido; havia se divertido bastante.

Enquanto seguiam a alcatéia, um pensamento foi se formando na cabeça de Ayla. Ela não sabia se conseguiria matar um antílope com a sua funda, mas um lobo tinha certeza de que podia. Pessoalmente, não gostava da carne de lobo, mas já que Neném estava com tanta fome, por que não para ele? Afinal, estavam caçando para satisfazê-lo.

Os lobos haviam apressado o passo. O antílope velho, exausto demais, não conseguira manter-se junto da manada e estava novamente atrás. Ela jogou o corpo para frente, fazendo Huiin aumentar a velocidade. Os lobos, precavendo-se contra os chifres e os cascos, cercavam o velho macho. Ayla tomava posição para atacar. Enquanto procurava por pedras na dobra de sua roupa, ela escolheu um determinado lobo. Quando os cascos de Huiin já estavam perto, ela atirou

violentamente uma pedra, logo seguida de outra. A mi ra fora perfeita. Um dos lobos caiu. No princípio, ela pensou que o rebuliço que se seguiu fosse causado pelas suas pedradas. Mas não. Era Neném que, to mando os movimentos da funda como sinal para atacar, disparara atrás dos animais. Só que pouco estava interessado em lobos quando tinha à sua frente um apetitoso antílope-saiga. A alcatéia preferiu deixar o campo às corajosas investidas de Neném e à galopada desenfreada de Huiin, com uma mulher em seu lombo brandindo furiosamente uma funda.

Mas Neném não era o perfeito caçador que ele se imaginava. Ainda não. Faltava ao seu ataque a força e a astúcia do leão adulto. Ayla precisou de um momento para compreender a situação. “Não, Neném! Você está atacando o animal errado”, disse para si mesma. “Ora”, corrigiu-se, “claro que ele está pegando o certo.” Neném, empenhado numa luta de morte, aferrava-se ao antílope que, compelido pelo medo, havia encontrado novas forças para fugir a toda pressa.

Ayla agarrou a lança na cesta atrás dela, enquanto Huiin, atendendo à sua premência, correu atrás da caça. A força para correr do velho antílope, porém, não passou do primeiro ímpeto. Ele começou a fraquejar. Huiin logo estava cobrindo a distância que os separava. No momento em que ficaram lado a lado, Ayla suspendeu a lança e a arremessou, sem se dar conta da fúria de seus berros.

Ela fez a volta e retornou trotando para encontrar Neném de pé sobre o cadáver do velho antílope. Pela primeira vez, o leão proclamava o seu feito. Embora ainda não fossem os rugidos tonitruantes de um macho em toda a sua plenitude, o urro triunfante de Neném já trazia a marca de sua futura força. Até Huiin assustou-se.

Ayla escorregou de seu lombo e lhe acariciou o pescoço, tranqüilizando-a.

- Não é nada, Huiin. Você está desconhecendo Neném?

Sem pensar que o leão talvez não fosse gostar e pudesse atacá-la, Ayla empurrou-o para o lado e se pôs a estripar o antílope antes de carregá-lo. Ele se inclinou diante de uma autoridade maior e também diante de alguma coisa mais que era exclusivo a Ayla: a confiança que o seu amor pelo animal lhe dava.

Em seguida, ela resolveu procurar o lobo para pelá-lo. Valia a pena, era uma pele boa e quente. Ao voltar, deu com Neném arrastando a caça. Percebeu que a sua intenção era levar o antílope até a caverna, apesar deste ser um animal adulto, bem maior do que ele. Isso lhe deu uma nova visão de sua força e da que no futuro teria. No entanto, se o antílope fosse arrastado por todo o caminho, a sua pele acabaria estragada. Os antílopes-saiga, embora bastante difundidos, vivendo tanto nas montanhas como nas planícies, não eram numerosos. Até então, Ayla nunca havia caçado algum e esse era um animal que tinha para ela especial significado. Havia sido o totem de lia. Por isso queria conservar o seu couro.

- Pare! - gesticulou para Neném. O leão hesitou apenas um momento antes de soltar a “sua” caça. Depois foi, durante todo o caminho de volta, vigiando ansiosamente o jorrão, onde Ayla a havia posto. O seu interesse, enquanto ela retirava a pele e os chifres, era maior do que o costumeiro. Quando por fim lhe entregou o animal sem a pele, ele o carregou para o seu nicho e, mesmo depois de bem fartado, ainda ficou vigilante, dormindo junto da car caça.

Ayla achou graça. Compreendia que Neném estava protegendo uma caça que lhe era devida. Ele parecia sentir que havia algo de especial naquele antílope. Ela

também, mas por outras razões. Ainda encontrava-se excitada. A velocidade, a perseguição, a caçada, tudo fora emocionante, mas o principal era que, daqui por diante, possuía uma nova modalidade de caçar. Com a ajuda de Huiin e agora de Neném, tinha possibilidade de caçar o ano inteiro, fosse no verão ou no inverno. Sentia-se poderosa e agradecida. Não teria problemas em manter Neném bem alimentado.

Então, por qualquer razão que não saberia explicitar, foi dar uma olhada em Huiin. O cavalo estava deitado, perfeitamente confiante e tranqüilo, apesar da proximidade do leão da caverna. Com a chegada de Ayla, Huiin levantou a cabeça. Ela afagou o animal e, sentindo necessidade de aconchego, se deitou perto. Huiin resfolegou com brandura, soltando uma baforada pelas narinas, feliz por ter a mulher a seu lado.

Caçar no inverno com Huiin e Neném, sem precisar cavar armadilhas, se tornou uma diversão, um esporte. Desde os primeiros tempos, quando treinava com a funda, Ayla sempre adorou caçar. Cada nova técnica que vencia - rastreamento, tiro duplo, armadilha, lançamento de lança - era uma sensação de tarefa cumprida. Mas nada igualava às alegrias de uma caçada com um cavalo e um leão. Os animais pareciam gostar tanto quanto ela. Durante os preparativos, Ruim balançava-se sobre os cascos, abanando a cabeça com as orelhas empinadas, enquanto Neném entrava e saía sem parar, rosnando baixinho, impaciente. O inverno só começou a afetá-la depois que Ruim a trouxe para casa sob uma pesada nevasca que não a deixava ver nada à sua frente.

A trinca normalmente saía pouco depois de romper o dia. Em geral, quando acontecia avistarem logo a caça, estavam de volta antes do meio do dia. O método usado era o de seguir a provável vítima até estarem em boa posição para atacar. Então, Ayla dava o sinal com a

funda e Neném, ansioso, já preparado, disparava à frente. Huiin, sentindo a premência de Ayla, galopava atrás. Com o leão aferrado ao lombo do animal em pânico - sangrando-o com as suas garras e dentes, algumas vezes até matando-o - a corrida quase nunca era muito longa. Ao chega perto, a lança de Ayla cravava na caça, ferindo-a num golpe mortal.

No princípio, nem sempre tiveram sucesso. Ou porque o animal escolhido era rápido demais, ou por Neném não conseguir agarrar firme a caça, ou então pelo fato de que Ayla, a cavalo e galopando, ainda não ter aprendido a empunhar corretamente a sua pesada lança. Muitas vezes ela errava o alvo e cravava a lança defeituosamente, e Ruim, por sua parte, nem sempre conseguia uma boa aproximação. No entanto, mesmo fracassando, o esporte era emocionante e sempre havia uma possibilidade de uma próxima vez.

Com o tempo todos melhoraram. À medida que foram percebendo os respectivos pontos fracos e fortes, a trinca - tão díspar em suas figuras - se tornou numa bem entrosada equipe de caçadores, tanto que, quando Neném matou o seu primeiro animal, a sua façanha quase passou despercebida.

Enquanto avançava a todo galope, Ayla viu que o veado que estavam caçando cambaleava e em seguida caía. Huiin diminuiu a velocidade ao passar pelo animal tombado. Ayla saltou do cavalo ainda andando e correu de vol ta, com a lança levantada, pronta para terminar o serviço começado por Neném, mas então se deu conta de que nada tinha a fazer. O leão havia feito tu do sozinho. Distraidamente, ela se pôs a preparar o veado para levá-lo à caverna.

De repente lhe deu o estalo. Como?! Neném tão novinho e já caçador? Se estivessem num clã isso daria a ele a condição de adulto. Tal como ela que, antes de se tornar mulher, foi chamada “Mulher Caçadora”, Neném

também ficara adulto antes de atingir a sua maturidade física. “Ele deveria ter uma cerimônia de passagem”, pensou. “Mas que tipo de cerimônia poderia Neném entender?” Ela sorriu.

Desamarrou o veado do jorrão e pôs a esteira e as traves dentro das cestas. Já que Neném fora o matador, a caça era dele. No início, o leão não entendeu. Ora ia para junto do veado morto, ora para junto de Ayla. Quando ela partiu, Neném pegou o animal pelo pescoço e foi com ele arrastando sob as patas por todo o caminho de volta. Primeiro até a praia, depois pela íngreme subida no penhasco e por fim à caverna.

Após a façanha de Neném, não se notou imediatamente qualquer mu dança significativa. Os três continuaram a caçar como sempre o fizeram. No entanto, cada vez mais as galopadas de Huiin passavam a ser meros exercícios e a lança uma arma desnecessária. Quando Ayla queria ficar com um pouco da carne ou guardar o couro, ela pegava o animal antes de Neném, embora na selva a maior parte sempre fosse devida ao macho da família. Mas Neném ainda era novo. Nunca passara fome, como bem atestava o seu vigor, além do mais estava acostumado a submeter-se a ela.

Por volta da primavera, Neném começou a ausentar-se da caverna e a empreender as suas excursões sozinho. Raramente ficava fora muito tempo, mas as saídas iam ficando cada vez mais freqüentes. De uma destas voltou com as orelhas sujas de sangue. Ayla imaginou que ele tivesse encontrado outros leões. Ela já não lhe bastava. Neném procurava por criaturas semelhantes a ele. Depois que ela limpou-lhe as orelhas, o leão passou o resto daquele dia seguindo-a, de tal forma que acabou incomodando. De noite, se meteu dentro da cama de Ayla e lhe procurou os dedos para chupar.

“Dentro de pouco tempo ele estará indo embora”, pensou ela. “Vai querer constituir a sua família, arrumar companheiras que cacem para ele e ter filhotes para mandar. Bom, é disso que ele precisa.” A figura de Iza veio-lhe à lembrança. “...Você é moça, Ayla, precisa de um homem, de alguém como você, de uma pessoa da sua espécie. Encontre o seu povo. Encontre o seu companheiro”, dissera Iza. “Logo estaremos na primavera, eu devia estar pensando em partir. Mas ainda é cedo. Neném vai ficar enorme, será grande até mesmo para um leão da caverna. Ele já está muito maior que os leões de sua idade. Mas ainda não crescido de todo. Por enquanto não conseguiria sobreviver sozinho.”

A primavera seguiu-se imediatamente após uma pesada tempestade de neve. Às inundações restringiam-lhes as saídas e as de Huiin ainda mais. Ayla podia subir às estepes e Neném facilmente também galgava o caminho, mas para o cavalo a subida era forte demais. Por fim, as águas retrocederam. A praia e a pilha de ossos ganharam os seus novos contornos, e Huiin mais uma vez desceu o caminho que levava à campina. Mas mostrava-se nervosa, irritadiça. Ayla notou que algo fora do comum estava acontecendo quando Neném soltou um gemido por causa de um coice de Huiin. Ela ficou surpresa. Nunca o cavalo se mostrara impaciente com o leão. No máximo umas mordidas de vez em quando para mantê-lo na linha, mas coices jamais. Ela imaginou que o estranho comportamento de Huiin fosse conseqüência de um longo período forçado de inércia. No entanto, Neném à medida que crescia cada vez mais se mantinha afastado do lugar do cavalo na caverna, consciente dos domínios de seu companheiro. Ayla ficou curiosa, O que teria atraído o leão para lá? Quando foi verificar, percebeu um cheiro forte que vagamente vinha sentindo por toda a manhã, sem prestar atenção. Huiin tinha a

cabeça abaixada, as patas traseiras afastadas e o rabo voltado para o lado esquerdo - A sua abertura vaginal mostrava-se intumescida e latejante. Ela levantou os olhos para Ayla, soltando um relincho agudo.

Ayla se viu tomada por um mundo de emoções que a levavam de um extremo a outro. A primeira foi a de alívio. “Bom, então é esse o problema”, disse para si mesma. Ela conhecia os períodos de cio dos animais. Em alguns, a época de acasalamento se fazia com mais freqüência, já para outros, como os de pastagem, o normal era se dar uma vez por ano. Estavam justamente na estação quando os machos brigam pelo seu direito de acasalar e quando eles se misturam com as fêmeas, mesmo que os seus hábitos, fora deste período, fossem o de viver separadamente.

A estação de acasalamento era um dos aspectos de comportamento animal que mais a intrigavam, tal como o dos cervos que perdem os seus chifres para tê-los todos os anos crescendo cada vez maiores e resistentes. Era sobre este tipo de coisa que ela, quando criança, costumava fazer um mundo de perguntas a Creb. Ele se queixava dela por isso. Mas Creb também não sabia por que os animais se acasalavam. Certa vez, no entanto, condescendeu em responder dizendo-lhe que assim o faziam porque nessa época os machos fazem valer a sua superioridade sobre as fêmeas, ou talvez, disse ele também, porque como as pessoas, os machos tivessem de aliviar as suas necessidades.

Huiim já havia tido uma época de acasalamento na primavera passada, mas então não pôde ir ao encontro do garanhão que relinchava nas estepes, acima da caverna. Desta vez, a necessidade de Huiin parecia mais premente. Ayla nunca a vira tão inchada e ganindo tanto. Ruim se deixou abraçar, tornou a abaixar a cabeça, pondo-se outra vez a ganir.

Subitamente, Ayla sentiu o estômago embrulhado, apertando-se num nó de ansiedade. Ela apoiou-se em Huiin, tal como quando se sentia triste ou com medo. Huiin iria deixá-la! Era tão inesperado... no entanto, ela deveria estar contando com uma coisa desta. Ficara pensando no seu futuro, no de Neném, e se esquecido de que a época de acasalamento de Huiin estava para chegar. A égua precisava de um garanhão, de ter o seu companheiro.

Com muita relutância, saiu da caverna e fez sinal para que Huiin a seguisse. Ao atingirem a praia abaixo, Ayla montou. Neném tentou segui-la, mas ela lhe deu ordem para ficar. Não queria o leão por perto naquela situação. Não estava saindo para caçar, mas Neném não podia saber disso. Foi preciso que lhe desse uma segunda ordem, num gesto firme e incisivo para que ele se mantivesse no lugar, olhando-a se distanciar com a égua.Nas estepes fazia frio e calor ao mesmo tempo. De meio-dia em diante o sol das profundezas de um céu azul-pálido ardia cingido por um halo nebulento. O azul parecia esmaecer-se, esbranquiçado com a intensidade da luz. A neve derretida vaporizava-se numa fina camada de neblina que, se não tirava a visibilidade, suavizava as abruptas angulosidades, enquanto nas sombras frias e úmidas o ruço se adensava aplainando contornos. A perspectiva era inexistente. Toda a vista achava-se compactada, emprestando à paisagem um imediatismo, um sentido de presente, de aqui e agora, como se não houvesse outros tempos, outros lugares. Objetos distantes pareciam estar a poucos passos; no entanto, para alcançá-los, seria uma eternidade.

Ayla não guiava o cavalo, deixava-se conduzir, apenas inconscientemente ia tomando nota do rumo e de certas indicações do terreno. Pouco lhe importava para onde estava indo e nem tomava conhecimento de suas lágrimas salgadas que tornavam mais nebuloso ainda o

ambiente à sua volta. Ela se sentava bambamente, com o corpo sacolejando e os pensamentos todos voltados para dentro de si. Lembrava-se da primeira vez que avistara o vale e da manada de cavalos pastando na campina. De quando ela tomara a resolução de lá permanecer e de sua necessidade de caçar. Recordou-se, então, do dia em que levara Huiin para viver com ela, dando-lhe a segurança de uma fogueira e de uma caverna. Doía-lhe pensar que isto não iria durar muito, que mais dia menos dia Huiin voltaria para o seu meio, como ela própria teria de fazer.

Huiin mudou de passo, despertando a atenção de Ayla. A égua tinha achado o que procurava. Mais à frente,estava uma pequena manada de cavalos.

O sol derretera a neve que cobria uma pequena colina, deixando à mostra os brotos verdes que começavam a despontar da terra. Os animais, loucos para trocar o capim seco da última safra por um outro tipo de comida, mordiscavam os rebentos frescos e suculentos. Ruim parou, quando os outros cavalos olharam na sua direção. Ayla ouviu o relinchar de um garanhão. Olhando para o lado, ela o avistou numa pequena elevação do terreno. Era num tom escuro de marrom-avermelhado, com a crina, o rabo e as pontas das patas pretos. Nunca vira um cavalo com cores tão escuras. A maioria possuía tonalidades claras, quase sempre de cinza, marrom e bege. Ou então como Ruim, amarelo cor de palha.

O garanhão relinchou e levantou a cabeça encrespando o lábio superior. Então galopou na direção de Ruim, parando à pequena distância, pondo-se a escavar o chão com as patas. O pescoço estava arqueado, o rabo levantado. A ereção era esplêndida.

Huiin relinchou em resposta. Ayla escorregou de seu lombo e lhe deu um abraço, afastando-se em seguida. A égua voltou a cabeça, olhando para a mulher

que havia cuidado dela desde que era uma pobre potranquinha indefesa.

- Vá com ele, Huiin. Você encontrou o seu companheiro. Vá!

Huiin sacudiu a cabeça, relinchou timidamente e encarou o magnífico garanhão. Ele se pôs atrás dela e, mordiscando-lhe as ancas, conduziu-a para perto de sua manada, como se ela fosse uma fujona impenitente. Ayla, sem conseguir mover-se do lugar, ficou observando. Quando o garanhão trepou sobre Huiin, ela não pôde deixar de pensar em Broud, lembrando-se da dor horrível que sentira. Com o tempo deixou de doer, ficou só desagradável, mas sempre odiou as trepadas de Broud. Deu graças por ele ter acabado cansando-se e desistindo.

No entanto, lá estava Ruim que, apesar de todos os seus gemidos, não procurava escapar do garanhão. Ayla, observando-os, sentia estranhas vibrações dentro de seu corpo, sensações que não sabia explicar. Não conseguia tirar os olhos do cavalo baio que, com as patas passadas por cima do lombo de Huiin, bombeava, retorcia-se e berrava. Ela se percebia quente, molhada entre as coxas, palpitando ao ritmo dos movimentos do garanhão e incompreensivelmente desejosa. Com a respiração ofegante e o coração ecoando-lhe na cabeça, ansiava ardentemente por alguma coisa que não conhecia.

Depois de haverem terminado, Huiin espontaneamente seguiu o seu macho, sem ao menos voltar a cabeça para Ayla. Ela achava que não fosse agüentar o vazio imenso que sentia dentro de si. Percebeu, então, a fragilidade do mundo que construíra no vale, o quão efêmera fora a sua felicidade e que existência precária levava. Deu as costas e começou a correr de volta ao vale. Correu até que o coração parecesse estourar e que a dor nas ilhargas ficassem como punhaladas. Esperava que, de alguma forma,

correndo, a sua imensa tristeza e solidão ficassem para trás.

Na encosta que levava ao vale tropeçou e rolou pelo morro abaixo. Onde parou, ficou, exausta e arquejante. No entanto, não se moveu depois que a respiração serenou. Não desejava sair do lugar. Para que? Ela estava amaldiçoada, não estava?

“Por que eu não posso simplesmente morrer? Como de fato deveria estar? Por que tenho de perder sempre tudo o que eu amo?” Ela sentiu um hálito quente e uma língua áspera lambendo o sal das lágrimas em suas bochechas. Abriu os olhos, dando com um enorme leão da caverna.

- Neném! - gritou, estendendo os braços.

O leão escarrapachou-se ao seu lado e apoiou as patas dianteiras sobre ela. Ayla virou-se e abraçou seu pescoço, enterrando o rosto na juba.

Quando chorou tudo o que tinha de chorar, quis levantar-se, mas sentiu as conseqüências do tombo. Mãos escalavradas, joelhos e ombros arranhados, o queixo e o quadril machucados e o rosto do lado direito inflamado. Capengando, voltou para a caverna. Enquanto tratava dos machucados, a razão aos poucos foi voltando. “E se eu tivesse tido uma fratura? Sem ninguém para me socorrer, isso seria pior do que a morte.”

“Mas eu não tive. Se o meu totem quer que eu viva, ele deve ter um motivo para isso. Talvez o espírito do Leão da Caverna me tenha enviado Neném porque sabia que um dia Huiin fria embora.

“Mas Neném também irá. Não levará muito tempo para que queira ter a sua companheira. E ele encontrará uma, mesmo que não tenha sido criado no meio de outros leões. Será tão grande e forte que vai poder defender um bom território para ele. Além disso, Neném

é bom caçador. Nunca irá passar fome enquanto estiver procurando pela sua família... ou por uma leoa."

Ela esboçou um leve sorriso irônico, "Quem me visse, pensaria que eu sou uma mamãe dos clãs, preocupada com que o filho cresça para se tornar num forte e valente caçador. Ora, mas afinal Neném não é meu filho. Ele é só um leão, um leão qualquer... qualquer não. Ele está quase do tamanho de um leão adulto, já caçou, e os outros de sua idade nunca fizeram isto. Mas vai embora. - - vai me deixar também."

"Durc já deve estar grande. Ura também está crescendo. Oda vai ficar triste quando a sua filha se tornar a companheira de Durc e for viver no clã de Brun. De Brun, não. &ora, clã de Broud. Quanto tempo será que ainda falta para uma nova reunião de clãs?"

Ela pegou, atrás de sua cama, um feixe de varas cobertas de ranhuras. Ainda continuava colocando todas as noites uma marca assinalando a passagem do tempo. Tomara-se um hábito, um ritual. Ela desatou o feixe e esparramou as varas no chão. Tentou contar os dias, desde que chegara ao vale. Pro curava ajustar os dedos às ranhuras, mas eram marcas demais, muitos dias que haviam passado. Ela sentia que as marcas se deviam juntar e somar de uma maneira que não sabia como. Era tão frustrante... Percebeu, então, que não precisava das marcas. Poderia pensar nos anos, contando as primaveras passa das. "Dure nasceu na primavera que antecedeu a última reunião de clãs", disse para si mesma. "A primavera seguinte fechou o ano de seu nascimento." Ela fez uma marca no chão. "O outro ano foi aquele em que ele andou." Ela pôs mais outra marca no chão. "A primavera seguinte seria o fim do período de sua amamentação e o inicio do ano em que ele foi desmamado... só que já não estava mais mamando." Ela fez o terceiro traço na terra.

“Foi quando eu parti”, pensou, engolindo em seco e pestanejando os olhos lacrimosos. “Nesse verão, achei o vale e Huiin. Na primavera seguinte, encontrei Neném.” Ela riscou no chão a quarta marca. “E nesta primavera agora...” Ela não queria pensar na partida de Huiin como um acontecimento que lembrasse o ano, mas era um fato. Fez a quinta marca.

“Esses traços são todos os dedos de uma das mãos”, pensou, suspendendo a mão esquerda. “E essa quantidade é a que Durc tem agora.” Ela juntou o polegar e o indicador da direita aos dedos da esquerda. “E é também. a quantidade para a próxima reunião de clãs. Quando eles voltarem para casa, Ura virá junto para ser a companheira de Durc. Os dois ainda não terão idade para se juntarem, mas todo mundo quando olhar para ela vai ver que Ura foi feita para ele. Será que o meu filho ainda se lembra de mim? Será que Durc nasceu com as memórias das pessoas dos das? Até que ponto ele se parece comigo? E de Broud, o que terá? Será que vai ficar mais parecido com a gente dos elas?”

Ela tornou a juntar as varas e reparou na regularidade do número de marcas entre as ranhuras adicionais que fazia quando o seu espírito entrava em luta, causando o seu sangramento. “Qual espírito de homem viria aqui lutar com o meu? Mesmo que o meu totem fosse um ratinho, jamais eu ficaria grávida. Para se formar um bebê é preciso que haja um homem com o seu órgão. É isso que eu penso.”

“Huiin! Será que era isso o que o garanhão estava fazendo com você? Será que ele vai formar um bebê em você, Huiin? Talvez algum dia vá encontrá-la com a sua manada e então saberei. Oh, Huiin, vai ser maravilhoso...

O pensamento da égua com o garanhão fê-la estremecer e a sua respiração ficou um pouco apressada. Mas logo a figura de Broud se interpôs, ter

minando com as suas boas sensações de prazer. “...Foi o órgão dele que formou Durc. Se Broud soubesse que iria dar um bem para mim, jamais teria feito isso. E Durc formará um em Ura. Ela também não é deformada. Acho que Ura foi começada pelo homem dos Outros que forçou Oda a ter relações com ele. Ura é perfeita para Durc. Ela tem uma parte dos das e uma parte desse homem dos Outros. Um homem dos Outros...”

Ayla se via inquieta. Neném saíra e ela sentia necessidade de se movimentar. Saiu, então, e caminhou até a linha de arbustos junto ao rio. Nunca fora tão longe, embora com Huiin já houvesse estado naquele lugar. Ela tinha de se acostumar novamente a caminhar e também a carregar a sua cesta nas costas. Chegando à outra extremidade do vale, passou a seguir o rio que contornava o alto do penhasco para seguir na direção do sul. Logo após a curva, as águas redemoinhavam ao redor de pedras tão perfeitamente espaçadas na forma de um caminho que pareciam ter sido postas lá de propósito. Naquele ponto, o íngreme paredão rochoso era apenas uma elevação no terreno. Ela subiu e olhou do alto as estepes do lado ocidental.

Não havia nenhuma diferença marcante entre a planície do leste e a do oeste, salvo o fato do terreno a oeste ser ligeiramente mais acidentado e ela não estar tão familiarizada com este lado. Fez, então, a volta, cruzou o rio e caminhou toda a extensão do vale para subir à sua caverna.

Já era quase noite quando chegou. Neném ainda não estava lá. A fogueira achava-se apagada, e a caverna fria e solitária. Parecia mais vazia ainda do que quando entrou lá pela primeira vez. Acendeu a fogueira e ferveu água para tomar chá. Não tinha vontade de cozinhar. Pegou um pedaço de carne seca, algumas passas de cereja, e foi sentar-se na sua cama. Há muito tempo não ficava sozinha na caverna. Então se levantou e foi

remexer na sua velha cesta de viagem, onde acabou encontrando a manta de carregar Durc. Embrulhou-a co mo um bolo e ficou apertando contra o peito, enquanto olhava fixamente para o fogo. Ao se deitar enroscou-se nela.

O sono foi perturbado por pesadelos. Sonhou com Durc e Ura, já crescido e vivendo juntos. Sonhou com Huiin num outro lugar, acompanhada por um cavalinho baio. Depois acordou suando, cheia de medo. Só quando estava perfeitamente acordada é que se deu conta de que tivera o seu pesadelo de sempre: a terra tremendo e espalhando pânico. Por que volta e meia lhe sobre-vinha esse sonho?

Levantou-se, remexeu na fogueira atiçando o fogo, e botou o chá para esquentar. Depois ficou bebericando. Neném ainda não estava lá. Pegou a manta de Durc, lembrando-se outra vez da história de Oda com o homem dos Outros. “...Oda disse que ele se parecia comigo. Um homem como eu, como seria?''

Tentando visualizá-lo, ela procurava recordar-se de suas próprias feições que uma vez vira refletidas num lago, mas tudo que conseguia lembrar era do cabelo emoldurando-lhe o rosto. Ela, naquela ocasião, os usava soltos, sem as tranças que agora fazia para ficar com o rosto livre. Era um cabelo amarelo, como o pêlo de Huiin, só que num tom mais forte, mais dourado.

Sempre que tentava pensar no rosto de um homem dos Outros, aparecia-lhe diante dos olhos a cara de Broud com o seu sorriso cruel e escarnecedor. Não. Era impossível imaginar o rosto de um homem dos Outros. Os seus olhos começaram a pesar e ela voltou a deitar-se. Desta vez sonhou com Huiin junto do garanhão baio. Depois com um homem. As suas feições eram indistintas, estavam escondidas por sombras. Apenas uma coisa aparecia nítida: ele tinha os cabelos amarelos.

Capítulo 15

- Você está indo muito bem, Jondalar.Ainda vamos fazer de você um homem do rio - falou Carlono. - Num barco grande não tem muita importância se você perder uma remada. O pior que pode acontecer é atrapalhar o ritmo dos outros, já que você não é o único remador. Agora, em barcos pequenos como este, o controle é importante. Falhar uma remada pode ser muito perigoso e até fatal. Nunca deixe de prestar atenção no rio. Não se esqueça de que ele é imprevisível. Aqui parece calmo porque é profundo. Mas basta você mergulhar um pouco o remo para perceber a força da correnteza. É difícil lutar contra ela, precisa-se de jeito.

Enquanto manobravam a pequena piroga de dois homens nas proximidades da doca dos ramudoi, Carlono prosseguia nos seus comentários. Jondalar ouvia vagamente. Estava mais preocupado com o manejo de seu remo e em levar o barco na direção certa. Os seus músculos, entretanto, estavam atentos ao sentido da conversa de Carlono.

- Você pode pensar que seja mais fácil descer o rio porque não precisa lutar contra a correnteza. Mas aí é que está justamente o problema. Quando você vai contra o fluxo das águas, você tem a sua atenção constantemente presa ao barco e ao rio, pois sabe que, se esmorecer, perde tudo o que ganhou. Além disso, você tem tempo para desviar de alguma coisa que de repente surja na sua frente. Já descendo, é fácil você afrouxar o ritmo e se deixar levar pelos seus pensamentos ao mesmo tempo em que as águas vão arrastando-o. Mas o leito do rio está cheio de pedras e muitas assentadas bem no fundo. A correnteza pode atirá-lo para cima de uma delas, antes mesmo que você

se dê conta. Outras vezes são toras encharcadas, meio submersas, que podem dar um encontrão no barco quando menos se está esperando. “Nunca dê as costas para a Mãe Essa é uma regra que não pode ser esquecida. A Mãe é cheia de surpresas. Quando você mais acha que tem tudo sob controle, que está tu do certo, é que ela se sai com alguma coisa inteiramente inesperada.

O velho relaxou o corpo e pôs o remo para fora da água. Com ar pensativo, examinava Jondalar, reparando na concentração do rapaz. Os cabelos louros estavam puxados para trás e amarrados na nuca por uma tira de couro, se revelando uma boa medida. Jondalar havia adotado os trajes dos ramudoi, igual aos dos shamudoi, apenas com algumas modificação de modo a torná-lo mais apropriado à vida na ribeira.

- Por que você não vai para a doca e me deixa lá, Jondalar? Acho que já é tempo de você experimentar sozinho. É diferente quando está só a pessoa e o rio.

- Você acha que já estou preparado para isto?

- Para alguém que não nasceu nisso, até que aprendeu muito depressa.

Jondalar estava doido para pôr à prova as suas habilidades de remador. Os garotos ramudoi geralmente tinham as suas pirogas antes de se tomarem homens feitos. Entre os zelandonii, há muito ele já se provara como homem. Quando era pouco mais velho do que Darvo, antes mesmo de haver aprendido o seu oficio e de se tomar rapaz, já tinha matado o seu primeiro cervo. E agora era capaz de atirar uma pesada lança mais longe do que a maioria dos homens. No entanto, ali não se sentia à altura dos outros, se bem que na planície fosse bom caçador. Nenhum ramudoi podia considerar-se verdadeiramente homem enquanto não houvesse arpoado um bom esturjão, tal como na terra nenhum

shamudoi seria digno de ser chamado homem se não tivesse matado uma camurça nas montanhas.

Jondalar decidira que só tomaria Serenio para companheira depois que tivesse provado a si mesmo que tinha condições de ser tanto um shamudoi co mo um ramudoi. Dolando tentara convencê-lo de que não havia necessidade de nenhuma das duas coisas. Ninguém duvidada dele. Se alguém quisesse alguma prova, a caçada do rinoceronte era mais do que suficiente. Jondalar ficara sabendo que até então eles nunca haviam caçado rinocerontes. A planície, em geral, não era o terreno deles.

Jondalar não sabia e nem procurava entender o porquê dessa sua necessidade de se provar melhor do que alguém. Até então nunca se sentira obriga do a sobrepujar os efeitos dos outros caçadores. O seu maior interesse eram instrumentos de pedra e, na verdade, a única coisa em que gostava de sobres sair era no seu ofício de ferramenteiro. Mas não num sentido competitivo. Encontrava imensa satisfação pessoal em trabalhar e desenvolver a sua técnica. Mais tarde, numa conversa particular com Dolando, o shamud comentou com esse que o homem dos zelandonii agia dessa maneira devido à sua necessidade de se ver aceito.

Há tanto tempo já estava vivendo com Serenio, que ele sentia necessidade de formalizar a sua união. Praticamente ela já era sua companheira. A maioria das pessoas pensava nos dois nesses termos. Ele a tratava com consideração e afeto e, para Darvo, era o homem da casa. Mas depois da noite em que Tholie e Shamio se queimaram, sempre surgia uma coisa ou outra que parecia interferir, além de que lhe estava faltando um certo estado de espírito. Fera tão fácil ir levando a vida com ela. Será mesmo que precisava? Perguntava-se ele.

Serenio não pressionava. Continuava sem exigir nada e como sempre mantendo-se em sua reserva

defensiva. Entretanto, nos últimos tempos, Jondalar surpreendia-a olhando para ele, de forma persistente, com um olhar parecendo brotado nas profundezas de sua alma. Era ele quem ficava desconcertado e o primeiro a desviar a vista. Resolveu, então, impor-se a tarefa de pro var que poderia ser um perfeito sharamudoi e deixou que suas intenções ficas sem conhecidas de todos. Alguns viram isso como um anúncio de compromisso, embora nenhuma festa fosse dada para celebrar o acontecimento.

- Não vá muito longe por enquanto - avisou Carlono quando saía da pequena canoa. - Primeiro procure aprender a manobrá-la sozinho. Dê essa chance a você.

- Vou levar o arpão comigo. Já que estou nisso, não faria mal se aprendesse também a usá-lo - falou Jondalar, indo buscar a arma que se achava na doca. Ele a acomodou no fundo da canoa, debaixo dos assentos e junto enrolou a corda. Em seguida, a ponta farpada do osso no suporte fixado na amurada, amarrando-a por baixo. A extremidade de um arpão com sua afiada ponta provida de farpas não era coisa que se deixasse solta num barco. Em caso de acidente, seria tão difícil arrancá-la das carnes de um peixe como das de uma pessoa. Raramente as pirogas que viravam iam ao fundo, mas a tralha que levavam ia.

Jondalar instalou-se no assento traseiro, enquanto Carlono segurava o barco. Quando sentiu que o arpão estava amarrado bem firme, ele pegou o re mo de duas pás e deu a partida. Sem o lastro de outra pessoa sentada à frente, a pequenina embarcação navegava mais à superfície - Era difícil manobrá-la, mas uma vez acostumado com o novo empuxo de flutuabilidade, ele rápida mente deslizou pelo rio abaixo, usando o remo apenas como leme, posto do lado de fora, perto da popa. Resolveu, então, remar rio acima. Seria mais fácil lutar

contra a correnteza enquanto estava ainda descansado e depois deixar que ela o arrastasse de volta.

Ele havia descido o rio, bem mais do que imaginara. Quando viu a doca aproximando-se, por pouco não se dirigiu para lá, mas mudou de idéia e seguiu adiante. Estava decidido a vencer todos os desafios que estabelecera para si, e esses eram muitos. Com isso ninguém - sobretudo ele mesmo - poderia acusá-lo de estar ganhando tempo e protelando o compromisso que prometera assumir. Sem diminuir o ritmo, sorriu para Carlono que lhe acenava.

Mais acima o rio alargava e a correnteza perdia um pouco de sua força, ficando mais fácil remar. Ele avistou na margem oposta uma faixa de areia e se dirigiu para lá. Era uma pequena praia sombreada por salgueiros. Remou para perto, passando com o seu barco facilmente sobre os bancos de areia. Então relaxou um pouco, permitindo que o barco deslizasse de costas, governando-o com o remo. Distraidamente observava a água quando, subitamente, teve a atenção despertada para uma forma grande e silenciosa sob a superfície.

Ainda estava cedo para esturjões. Normalmente subiam o rio no princípio do verão, mas a primavera chegara quente e prematuramente, com pesa dos aguaceiros. Ele olhou mais de perto e enxergou outros peixes, enormes, deslizando suavemente sob a água. “Eles estão emigrando!” Era a sua grande chance. 'Poderia pegar o primeiro esturjão do ano!”

Levantou o remo e pegou as partes do arpão para armá-lo. Sem controle, a canoa volteou, levada ligeiramente de banda pela correnteza. Quando ele amarrou a corda na proa, a piroga estava enviesada na correnteza, mas firme. Impaciente, aguardou a chegada dos próximos peixes. Não ficou desapontado. Uma enorme forma escura ondulava na sua direção. Agora

sabia de onde viera o “peixe Haduma” e do tamanho do Haduma havia uma quantidade ali.

Pescando com os ramudoi, Jondalar aprendeu que a água desvirtua a verdadeira posição do peixe. O animal nunca está onde parece estar. Essa foi uma maneira que a Mãe usou para esconder os peixes, até que um dia teve o seu segredo revelado. Quando o esturjão se aproximou, ele ajustou bem a sua pontaria de modo a compensar a refração da água. Jogou o corpo um pouco para o lado, esperou e lançou o arpão da proa.

Com igual força, o pequeno barco foi jogado na direção oposta: da posição enviesada em que se achava para a correnteza central. Mas Jondalar acertara no alvo. A ponta do arpão ficara enterrada no gigantesco esturjão... - só que um tanto duvidosamente. O peixe estava longe de se dar por vencido. Ele procurou as águas mais profundas do meio do rio, nadando contra a corrente. A corda rapidamente se desenrolou, até que, com um forte puxão, se retesou na água.

A canoa sacolejou, quase atirando Jondalar para fora. Enquanto ele ten tava agarrar-se à amurada, o remo pulou, ficou por instante balançando e caiu no rio. Jondalar soltou as mãos e foi debruçar-se para apanhá-lo. A canoa virou. Neste momento, o esturjão, encontrando a corrente central para subir o rio, miraculosamente dá um encontrão na canoa, endireitando-a e jogando Jondalar - agarrado ao casco - para dentro. Ele se sentou, esfregando um ferimento em seu queixo, enquanto a piroga era rebocada, águas acima, numa velocidade que jamais ele conhecera na vida.

Agarrado na amurada, chegou para frente, vendo as margens desfilarem pelos seus olhos esbugalhados, pasmos de admiração e medo. Ele apanhou a corda esticada dentro da água e lhe deu alguns puxões, achando que poderia arrancar o arpão. Ao invés disso

conseguiu que a proa fosse para baixo, mergulhando tanto que chegou a entrar água dentro da canoa, O esturjão saracoteava, jogando a pequenina embarcação de lá para cá, enquanto Jondalar, preso à corda, gingava o corpo de um lado para outro.

Ele não viu quando passaram pela clareira onde se achavam os barcos em construção e nem enxergou as pessoas na praia, olhando, de boca aberta, a piroga subindo o rio no rasto de um enorme peixe, com Jondalar agarrado a uma corda e lutando para desvencilhar o arpão.

- Vocês viram aquilo? - perguntou Thonolan. - O meu irmão indo atrás de um peixe fugindo? Acho que não me falta mais nada para ver nesse mundo - o seu sorriso transformou-se numa gostosa risada. - Vocês viram Jondalar pendurado naquela corda, tentando soltar aquele peixe? - dizia dando tapas nas coxas, sem se agüentar de tanto rir. - Ele não pegou um peixe. O peixe é que o pegou.

- Thonolan, isso não tem graça nenhuma - falou Markeno, fazendo força para se manter sério. - O seu irmão está em dificuldade.

- Disso sei eu. Mas vocês viram? Ele, subindo o rio, arrastado por um peixe?

Thonolan, ainda rindo, ajudou Markeno e Barono a suspender um barco para colocá-lo dentro da água. Também Dolando e Carolo entraram. Eles deram a partida e se puseram a remar o mais rápido que podiam no sentido da montante. Jondalar estava em dificuldade. Podia estar realmente em perigo.

O esturjão já não se mostrava com muita força. O arpão estava consumindo-lhe a vida, e mais o barco e o homem que ele arrastava junto. A vertiginosa corrida começava a perder a sua impetuosidade. Isso deu tempo para Jondalar pôr as idéias em ordem. Ele continuava sem qualquer controle. Não tinha noção do lugar em que

poderia parar. Havia subido demasiadamente o rio. Achava que nunca havia ido tão longe, desde que lá chegara em meio a uma tempestade de neve e ventos ululando à sua volta. De repente ocorreu-lhe que poderia cortar a corda. Não tinha cabimento ser arrastado para terrenos tão distantes.

Ele soltou a mão da amurada para pegar a faca. Enquanto tirava-a da bainha, o esturjão, reunindo as suas últimas forças, tentou livrar-se das dolorosas farpas cravadas em sua carne - O peixe se debatia e lutava com tamanha violência que a proa o acompanhava em cada um de seus mergulhos. Emborcada, a canoa ainda flutuaria, mas virada para cima e cheia de água iria ao fundo. Em meio a balanços, mergulhos e sacolejos, Jondalar se esforçava para cortar a corda. Com isso só foi ver a tora encharcada que vinha na direção dele, arrastada a toda velocidade pela correnteza, quando ela se chocou contra a canoa, arrancando-lhe a faca da mão.

Ele logo se recuperou. Procurou dar um puxão na corda, de modo a afrouxá-la. Assim talvez a canoa não mergulhasse tão perigosamente. Num derradeiro e desesperado esforço para se libertar, o esturjão arremessou-se na direção da margem, conseguindo finalmente expulsar o arpão de sua carne. Mas era tarde demais. Os últimos vestígios de vida escoaram pelo rasgão aberto em seu flanco. A enorme criatura foi ao fundo do rio para, em seguida, voltar à tona e, de barriga para cima, ainda estremecer-se pela última vez, dando testemunho da prodigiosa luta travada pelos primitivos peixes.

O rio, em seu longo e sinuoso curso, fazia uma pequena curva no lugar em que o esturjão escolheu para morrer, lá criando um conflito de correntezas na curva e no remanso redemoinhoso perto da praia, para onde o último mergulho do esturjão o levara. A canoa, puxando uma corda bamba, balançava batendo contra o peixe e a

tora que com ele dividia a última morada no espaço entre o remanso e o fluxo das águas.

Nesse meio tempo Jondalar pensava na sorte que tivera por não haver cortado a corda. Sem remo, não conseguiria controlar a canoa se ela começas se a descer o rio. A praia estava perto: uma estreita faixa rochosa que se encolhia ao redor da curva para formar um íngreme barranco com árvores tão perto da margem que as raízes nuas irrompiam pela terra, como se quisessem agarrar o ar para suporte. Talvez ele pudesse arrumar lá qualquer coisa que lhe servisse de remo. Preparou-se para mergulhar. Respirou profundamente e saltou para fora da canoa.

Era mais fundo do que esperava. O seu corpo estava todo mergulhado e, com os seus movimentos na água, a canoa se mexeu pegando o rumo da cor rente central, enquanto o peixe veio para mais perto da praia. Jondalar começou a nadar atrás da piroga, tentando agarrar a corda. Mas a barquinha, muito leve, mal roçava a superfície, indo embora com rodopios, saltitante, numa velocidade muito maior do que a dele.

A água gelada deixava o seu corpo dormente. Ele se virou na direção da praia e se dirigiu para o esturjão que, batido pelas correntes, era atirado contra o barranco. Ele o agarrou pela boca e o arrastou. Não havia motivos para que fosse abandoná-lo. Puxou-o só um pouco para dentro da praia, pois estava muito pesado, mas esperava que a água não chegasse lá. “Bom”, pensou, “sem barco não preciso mais de remo, mas talvez possa arranjar um pouco de lenha para fazer uma fogueira” Ele estava encharcado e morrendo de frio.

Quando foi pegar a sua faca só encontrou uma bainha vazia. Esquecera que a havia perdido no rio e outra não possuía. Tinha o costume de carregar uma faca extra na sacola que levava amarrada à cintura, mas

isso no tempo em que usava os seus trajes zelandonii. Desistira da sacola quando passou a vestir-se à maneira ramudoi. Talvez conseguisse uma tábua e um pau para fazer fogo. Mas como cortar madeira sem uma faca? E gravetos? E acendalhas, co mo raspá-las nas plantas? Estava tremendo de frio. “Bom, pelo menos ajuntar um pouco de lenha eu posso.”

Ele olhou ao seu redor, escutando o barulho de qualquer coisa correndo no meio do mato. O chão era musguento, coberto de folhas e madeira podre. Nenhum galho seco por ali. “Mas você pode conseguir lenha miúda”, pensou, enquanto olhava procurando por pinheiros para pegar os galhos secos que ficam presos sob as ramagens verdes. Mas aquela não era uma floresta de pinheiros como as que existiam em sua terra. O clima ali era mais ameno. Não sofria tanto as influências das geleiras do norte. Era frio, mas úmido. Uma floresta de clima temperado e não boreal. As árvores eram aquelas com que se fabricavam os barcos: de madeira dura.

Ao redor dele encontrava-se uma floresta de carvalhos e faias com uns tantos p de salgueiros e carpas: árvores de grossos troncos cascudos e marrons, ou, se fossem mais finos, com cascas cinzentas e macias. Mas lenha miúda mesmo não havia nenhuma por ali. Era primavera, até mesmo os brotos estavam cheios de seiva, deitando botões. Ele já havia aprendido um pouco e sabia que não era fácil 'cortar aqueles galhos rígidos e resistentes, mesmo com um bom machado de pedra. Novamente estava tremendo e batendo com os dentes. Procurava aquecer-se esfregando as palmas das mãos uma na outra, mexendo com os braços e correndo sem sair do lugar. Outra vez escutou o barulho no matagal perto. “Deve ser algum animal que estou incomodando”, disse para si mesmo.

Foi, então, que pensou na seriedade de sua situação. “Sem dúvida irão sentir a minha falta e virão me procurar. Thonolan iria reparar que não estou lá. Ou será que não?” Os seus caminhos cada vez se cruzavam menos, principalmente porque Jondalar estava mais envolvido com o modo de vida dos ramudoi, enquanto Thonolan cada vez mais se transformava num autêntico shamudoi. Jondalar nem sabia por onde andava o seu irmão naquele dia, talvez caçando camurça.

“Bom, Carlono viria. Viria mesmo? Afinal, ele me viu subindo o rio na canoa... Hi, a canoa! Ela escapuliu!”, pensou, estremecendo-se, mas não de frio. “Se encontrarem a canoa sozinha, vão pensar que eu me afoguei. Por que me viriam procurar se estão achando que morri afogado?” Novamente ele se pôs a pular, batendo com os braços e correndo sem sair do lugar. Nada o fazia parar de tremer e ele já começava a ficar cansado. Não era possível continuar pulando indefinidamente.

Sem fôlego e tiritando violentamente, sentou-se no chão com o corpo enroscado, tentando manter-se aquecido. Outra vez ouviu o mesmo barulho, agora mais perto. Preferiu ignorar. Mas então surgiu-lhe diante dos olhos um par de pés, sujos, descalços e... - humanos.

Ao levantar os olhos, foi tamanho o susto que quase deixou de tremer. Em frente dele, a uma pequena distância, estava uma criança com dois enormes olhos castanhos escondidos pelos supercílios extremamente salientes. Um cabeça-chata! Um garoto cabeça-chata!

Ele se via alvoroçado com a surpresa e quase esperava que o animalzinho corresse e voltasse para o mato, já que fora surpreendido. Mas não. Continuava de pé, sem se mexer. Por alguns instantes, ficaram os dois se examinando, até que Jondalar percebeu algo como gestos de aceno, pelo menos era o que lhe pareciam os movimentos contrafeitos que a coisa fazia na sua

direção. O cabeça-chata tomou a repetir os gestos, agora fazendo menção de dar um passo para trás.

“O que será que ele estava querendo? Será que deseja que eu o acompanhe?” Quando o cabeça-chata voltou a fazer os mesmos gestos, Jondalar se encaminhou na sua direção, certo de que ele ida fugir. Mas não. Ele apenas deu mais um passo para trás, repetindo mais uma vez o gesto. Jondalar pôs-se a segui-lo, no princípio devagar, depois num passo mais rápido, intrigado e ainda tremendo de frio.

Instantes depois, estavam passando pela moita de arbustos que encobria uma pequena clareira. Ali ardia uma fogueira da qual se desprendia muito pouca fumaça. Uma fêmea levantou os olhos, assustada. Cheia de medo, ela se afastou quando Jondalar procurou pelo calor trêmulo da fogueira. Agradecido, sentou-se agachado junto do fogo. Com o canto dos olhos percebia as duas criaturas agitando as mãos enquanto emitiam alguns sons guturais. A sua impressão era a de que conversavam, mas ele estava mais interessado em aquecer-se e o seu único desejo naquele momento era possuir uma boa pele para cobrir-se.

Não prestou atenção quando a fêmea sumiu atrás dele e, de repente, apanhado inteiramente desprevenido, sentiu uma pele sendo colocada sobre os seus ombros. Antes que a fêmea abaixasse a cabeça e saísse de gatinhas, ele surpreendeu-lhe um pálido brilho nos olhos castanhos. Sentia que ela tinha medo dele.

Por fim, ajudado pelo fogo, a pele e a sua roupa de camurça que, apesar de molhada, sempre esquentava um pouco, Jondalar conseguiu aquecer-se o suficiente para deixar de tremer. Foi então que se deu conta do lugar onde se encontrava. “Nossa Mãe! Isso é um acampamento de cabeças-chatas!” Subitamente, atinando com a procedência daquela fogueira, recuou as

mãos que mantinha estendidas na direção das chamas, como se as sentisse queimando.

“Fogueira! Eles usam fogueiras?” Hesitante, estendeu outra vez as mãos na direção do fogo, como se não acreditasse no que os seus olhos viam e tivesse de tocar para crer. Reparou na pele pendurada em seus ombros. Segurou uma ponta e esfregou-a entre os dedos. “E de lobo”, concluiu. “E está muito bem curtida. Como é macia. O lado de dentro, então, é perfeito. Duvido que os sharamudoi fizessem melhor.” A pele parecia não estar cortada em nenhum feitio especial. Era o couro inteiro do animal.

Finalmente o calor penetrara suficientemente no seu corpo para que se levantasse e se pusesse de costas para a fogueira. Viu que o macho o observava. Jondalar não sabia por que resolvera que se tratava de um macho. Envolvi do numa pele, amarrada por uma comprida correia, não era tifo óbvio assim. Embora desconfiado, o garoto tinha o olhar direto e não aparentava medo como o da fêmea. Ele se lembrou dos Losadunai dizendo que as fêmeas dos cabeças-chatas não lutavam, que ficavam inteiramente passivas, sem a menor graça. Por que iria alguém querer uma fêmea destas?

Observando melhor o macho, Jondalar começou a achar que não era tão novo como pensara. Seria um adolescente, não uma criança. A estatura baixa o havia enganado, mas agora, olhando mais atentamente, via que ele tinha uma musculatura forte, bem desenvolvida, e a barba que começava a despontar.

O cabeça-chata rosnou qualquer coisa e a fêmea, às pressas, correu até uma pilha de lenha onde pegou algumas toras para botar na fogueira. Ele virou a cabeça para olhá-la. Ela era mais velha, talvez fosse mãe do macho. Parecia pouco à vontade, evitando levantar os olhos. Afastou-se de cabeça abaixada e, quando chegou

no fundo da clareira, continuou andando, de modo a ser pôr fora do alcance de sua vista. Ela fazia tudo com discrição e Jondalar, sem que se desse conta, tinha a cabeça toda virada para trás. Por instante ele desviou os olhos e quando voltou a olhar ela se escondera tão bem que custou a enxergá-la. Se não soubesse que a fêmea se achava lá, não a teria visto de forma alguma. “Ela está assustada. Eu me admiro”, pensou Jondalar, “que não tenha fugido quando o outro a mandou buscar lenha.”

“Mandou buscar?! Mas como? Cabeças-chatas não falam, como poderia ele lhe ter dado esta ordem? Com todo este frio, eu devo estar ficando maluco. Não posso estar raciocinando direito.”

Apesar de recusar-se a acreditar, Jondalar continuava com a sensação de que o macho havia de fato dado uma ordem à fêmea. De alguma maneira ele tinha falado com ela. A atenção de Jondalar voltou-se outra vez para o macho e, agora, teve a nítida impressão de que havia qualquer coisa de hostil nele. Não saberia dizer onde estava a diferença, mas percebia que o cabeça-chata não havia gostado de que ele tivesse ficado observando a fêmea. Não tinha dúvidas de que se houvesse feito algum movimento em relação à fêmea, ele esta ria em maus lençóis. A prudência e a experiência mandavam que não se olhas-se para fêmeas de cabeças-chatas, não às vistas de um macho, seja lá que ida de tivesse este.

Como Jondalar não fizesse qualquer movimento e tivesse parado de olhar para a fêmea, a tensão diminuiu. Mas, face a face com o cabeça-chata, ele sentia que ambos se mediam, e o mais embaraçoso era que ali se achavam dois homens se encarando. No entanto, nunca em sua vida vira alguém com uma figura semelhante. As pessoas que encontrara em todas as suas viagens eram reconhecíveis como seres humanos. Podiam falar línguas

diferentes, ter outros costumes, viver em moradias estranhas, mas continuavam sendo seres humanos.

O cabeça-chata parecia diferente. Mas chegaria a ser um animal? Era mais baixo, atarracado, e os seus pés descalços não faziam a menor diferença dos dele. As pernas mostravam-se um pouco arqueadas, mas ele caminhava tão ereto quanto qualquer homem. Possuía um pouco mais de pêlo do que a média, principalmente nos braços e ombros, mas poderia ser considerado como alguém cabeludo. Ele mesmo conhecia homens com tanto cabelo quanto este cabeça-chata. O peito era rotundo, já bastante musculoso e, por mais criança que fosse, o melhor a fazer era não se meter com este garoto. Ele já vira homens adultos, dotados de tremenda musculatura, e nem por isso deixavam de ser considerados como seres humanos, O rosto... não, a cabeça. Essa sim se mostrava diferente. Mas até que ponto diferente? As sobrancelhas eram pesadas e grossas, a testa não se erguia bastante, inclinava para trás; a cabeça, entretanto, era grande. Pescoço curto, a falta de queixo via-se compensada pelas mandíbulas ressaltadas e o nariz era grande e adunco. “Um rosto humano, não como os das pessoas que conheço”, disse para si Jondalar, “mas de qualquer forma aquelas eram feições humanas. E eles.., usam fogo.”

“No entanto, não falam. Será que conseguem mesmo comunicar-se? Oh, Doni! Ele chegou até a comunicar-se comigo! Como sabia que eu estava que rendo uma fogueira? E por que um cabeça-chata ajudaria um homem?” Jondalar se via desconcertado. Além do que, o rapazinho cabeça-chata muito provavelmente tinha salvo a sua vida.

Por fim, o garoto pareceu ter tomado uma decisão, Inesperadamente, acenou para Jondalar como fizera antes e começou a dirigir-se para fora da clareira pelo mesmo caminho por onde haviam passado. Ele esperava

que o homem o seguisse e foi o que Jondalar fez, dando graças quando saiu de perto da fogueira por ter ainda aquela pele de lobo pendurada nos seus ombros. Ao se aproximarem do rio, o cabeça-chata correu à frente, agitando os braços e soltando uns berros agudos e fortes. Um pequeno animal correu em disparada e o esturjão estava um pouquinho menor. Era claro que, grande como era e desvigiado, o peixe não poderia ficar ali por muito tempo sem ser tocado.

Vendo a raiva que o cabeça-chata teve do animal, Jondalar de repente pensou em algo que ainda não lhe ocorrera. Seria o peixe o motivo por que ele estava recebendo aquela ajuda? Estaria o cabeça-chata pretendendo um pedaço do esturjão?

O cabeça-chata enfiou a mão numa das dobras da pele que vestia e re tirou uma lasca de sílex extremamente afiada. Passou-a sobre o esturjão como se fosse cortá-lo, fazendo, em seguida, gestos indicando que um pedaço seria para ele e outro para Jondalar. Então, esperou. Estava mais do que claro. Desejava ficar com urna porção do peixe. Um mundo de perguntas passava pela cabeça de Jondalar.

Onde o cabeça-chata teria arrumado a ferramenta? Ele queria olhá-la de perto, mas de antemão sabia não ser um instrumento tifo refinado quanto os seus. Fora feito de uma lasca grossa, não de uma lâmina fina, mas sem dúvida era uma faca afiada, perfeitamente utilizável. Havia sido fabricada por alguém, feita intencionalmente para atender um fim específico. Mas não era só a ferra menta que o intrigava, havia outras perguntas incomodando-o. O rapaz não tinha falado, no entanto, indiscutivelmente, se fizera entender. Jondalar não sabia se ele próprio seria capaz de tornar os seus desejos conhecidos com tanta clareza e facilidade.

O cabeça-chata aguardava uma resposta. Jondalar fez sim com a cabeça, sem muita certeza se o seu gesto

seria compreendido. Mais do que o gesto, a intenção foi comunicada. Imediatamente o rapaz se pôs a cortar o peixe.

Enquanto observava, a cabeça de Jondalar era um turbilhão de perguntas que abalavam profundamente velhas convicções arraigadas. O que é um animal? Um animal chegaria ali, abocanhada um pedaço do peixe e sairia cor rendo. Se fosse um bicho mais inteligente, iria considerar o homem perigoso e esperar que ele fosse embora. Um animal não poderia saber que alguém, quase morto de frio, precisa do calor de uma fogueira. Muito menos teria fogo e levaria essa pessoa para junto do calor. Jamais iria pedir por um pedaço de peixe - Isso é comportamento de gente, mais até, um comportamento verdadeiramente humano.

As estruturas de crenças que cresceram com os seus ossos e eram o Sangue de sua vida naquele instante balançavam-se. “...Ora, bobagem, os cabeças-chatas sempre foram animais. Não havia quem não o dissesse. Isso era evidente, não? Eles não falam. Mas só por isso? Era essa a única diferença?”

Jondalar pouco se importava se o rapaz levasse um pedaço ou o peixe inteiro, mas ele estava curioso. Que quantidade irá pegar? De qualquer modo o peixe teria de ser retalhado. Era um animal pesado demais para ser transportado. Até mesmo quatro homens juntos teriam dificuldade para levantá-lo.

Subitamente, esqueceu-se do cabeça-chata. O seu coração bateu apressa do. Será que ouviu direito?

- Jondalar! Jondalar!

O cabeça-chata pareceu assustado, mas Jondalar já estava passando por entre as árvores para ter uma melhor visão do rio.

- Aqui, Thonolan! Estou aqui!

O seu irmão tinha vindo procurá-lo. No meio do rio estava um barco lotado de gente. Ele acenou. As pessoas

o viram e acenaram de volta, remando na sua direção.

O gemido de alguém fazendo esforço trouxe outra vez a sua atenção pa ra o cabeça-chata. Na praia, o esturjão estava partido pela metade - no sentido do comprimento, com um corte que ia da espinha dorsal até a barriga - e o rapaz colocando uma das bandas sobre um pano de couro estendido do lado. Jondalar observou-o ajuntar as pontas do couro, formando uma trouxa, que colocou às costas. Então, com as metades de cabeça e rabo apontando para fora da saca, ele desapareceu no mato.

- Espere! - gritou Jondalar correndo atrás. Ele o alcançou quando entrava na clareira. Com a sua aproximação a fêmea, que carregava um grande cesto às costas, escondeu-se nas sombras. Não havia qualquer sinal que indicasse a clareira ter sido usada, nem mesmo os vestígios de uma fogueira apareciam. Se ele não sentisse um resto de calor não acreditaria que naquele lugar tivesse existido uma.

Jondalar tirou a pele de lobo dos ombros e a estendeu, querendo devolvê-la, O macho soltou um grunhido e a fêmea prontamente veio buscá-la. Em seguida, os dois silenciosamente entraram pela mata, indo embora.

Enquanto caminhava de volta para a margem, Jondalar sentia-se gelado com as suas roupas molhadas. Quando chegou junto ao tio, o barco estava atracando. Ele sorriu ao seu irmão que saltava. Os dois se atiraram um nos braços do outro, estreitando-se num forte e caloroso abraço.

- Thonolan, que bom vê-lo aqui! Estava com medo de que quando vis sem o barco vazio, eu fosse dado como morto.

- Ora, quantos rios já cruzamos juntos, meu irmão! Estou cansado de saber que você nada. Quando

encontramos o barco, deduzimos que você tivesse vindo para esse lado e que poderia ter distanciado muito.

- Quem pegou a metade deste peixe? - perguntou Dolando.

- Fui eu quem dei.

- Você deu? A quem? - perguntou Markeno.

- Mas para quem você poderia ter dado? - indagou Carolio.

- Para um cabeça-chata.- Um cabeça-chata? - exclamaram uma porção de vozes ao mesmo tempo.

- E por que você fria dar a metade de um peixe deste tamanho para um cabeça-chata? - perguntou Dolando.

- Primeiro ele me deu urna ajuda e depois pediu um pedaço do peixe.

- Que maluquice é esta? Como é que um cabeça-chata vai pedir um pedaço de peixe? - falou Dolando com raiva. Jondalar ficou surpreso. O chefe dos sharamudoi raramente se deixava encolerizar. - Onde está ele?

- Ele já foi embora. Meteu-se pelo meio da mata. Eu estava empapado e tremia tanto que achava que nunca mais iria conseguir esquentar o meu corpo. Foi então que o garoto cabeça-chata apareceu e me trouxe para a sua fogueira...

- Fogueira? E desde quando eles têm fogueiras? - perguntou Thonolan.

- Já vi cabeças-chatas junto de fogueiras - disse Barono.

- Eu já andei vendo alguns deles deste lado do rio... mas só de longe - observou Carolio.

- Não sabia que estavam de volta. Quantos deles havia aqui? - indagou Dolando.

- Apenas o garoto e uma fêmea mais velha. Talvez a mãe dele - respondeu Jondalar.

- Bom, se estão com as fêmeas, deve haver mais deles por aqui - falou o chefe, passando os olhos pelas

matas perto. - O que devíamos fazer era caçar todo esse bando de cabeças-chatas se limpar de uma vez o lugar desta praga.

Havia um tom sério de ameaça na voz de Dolando. Jondalar o olhou com atenção. Ele já percebera em outros comentários anteriores do chefe esse sentimento de animosidade em relação aos cabeças-chatas, mas nunca tão car regado de rancor.

A liderança entre os sharamudoi era uma questão de competência e de força de persuasão. Dolando fora tacitamente reconhecido como chefe, não só porque era o melhor em todos os sentidos, mas também por ser um homem competente que, além de saber atrair as pessoas a si, era extremamente hábil para tratar dos problemas que porventura surgissem. Ele não mandava. Convencia, coagia, usava de artifícios e fazia acordos. Em geral, era quem apaziguava os conflitos inevitáveis entre pessoas vivendo juntas. Politicamente astuto, convincente, as suas decisões quase sempre eram aceitas, mas ninguém era obrigado a segui-las.

Quando sentia que o seu julgamento era correto, ele tinha bastante confiança em si para pressionar as opiniões a seu favor, ou senão passar a responsabilidade da questão para outro com mais experiência e saber. A sua tendência era não se envolver em disputas pessoais, a não ser que fosse expressamente convocado. Apesar de ser normalmente calmo, a raiva era capaz de torná-lo uma pessoa cruel, estúpida, que tanto podia prejudicar um pobre coitado sem condições de se defender como pôr em risco os interesses de toda a Caverna. Quanto aos cabeças-chatas, odiava-os. Para ele, não passavam de simples animais. Animais perigosos, ruins, que deviam ser eliminados.

- Eu estava gelado - contrapôs Jondalar - e o cabeça-chata me ajudou. Ele me levou até a sua fogueira e ainda me deu uma pele para usar. Por mim, ele poderia ter

levado o peixe inteiro, mas pegou só a metade. Eu não estou nem um pouco disposto a sair por aí à caça de cabeças-chatas.

- Em geral, eles não trazem grandes problemas para nós - falou Barono. - Mas é sempre bom saber quando estão por perto. São muito espertos. Não é nada agradável pensar que de repente você pode ser apanhado por um bando deles.

- São umas bestas assassinas - cortou Dolando.

Barono ignorou a interferência.

- Você provavelmente teve sorte de haver sido um cabeça-chata novo e uma fêmea velha. Elas não lutam.

Thonolan não estava gostando do rumo que a conversa tomava.

- Como é que vamos fazer para carregar essa esplêndida metade de peixe pescado pelo meu irmão? - disse ele, sorrindo com a lembrança de Jondalar puxado pelo esturjão. - Depois do trabalho que o bicho lhe deu, estou ad mirado de que tenha deixado escapar uma metade dele.

O seu riso contagiou todos, aliviando a tensão.

- Será que isso quer dizer que Jondalar é uma metade ramudoi? - falou Markeno.

- Quem sabe s& nós não o levamos para caçar e ele consiga a metade de urna camurça? - disse Thonolan. - Assim a sua outra metade fica sendo shamudoi.

- Qual das metades irá querer Serenio? - pilheriou Barono, piscando o olho.

- Uma metade dele já é mais do que suficiente - troçou Carolio, com uma expressão no rosto que dava perfeitamente a entender que ela não estava referindo-se à altura de Jondalar. No estreito convívio da Caverna, as proezas de Jondalar nas peles não haviam passado despercebidas. Ele ficou corado, mas o gracejo picante acabou por diminuir a tensão, tanto no que dizia

respeito a Jondalar quanto a Dolando com a sua intempestiva raiva.

Eles trouxeram uma rede de fibra e estenderam ao lado da metade do esturjão. Com esforço e soltando gemidos, puseram o peixe sobre a rede e a carregaram para a água, amarrando-a à popa do barco.

Enquanto os homens pelejavam com o peixe, Carolo virou-se para Jondalar e disse disfarçadamente.

- O filho do Roshario foi morto por cabeças-chatas. Ele era ainda muito moço. Nem noivo chegara a ficar. Um rapaz cheio de alegria, corajoso, o orgulho de Dolando. Ninguém sabe como aconteceu, mas Dolando pôs a Caverna inteira caçando cabeças-chatas. Alguns foram mortos... depois disso, desapareceram. Antes ele nunca se incomodou muito com os cabeças-chatas, mas desde...

Jondalar balançou a cabeça, num gesto de compreensão.

- Corno conseguiu esse cabeça-chata levar a outra metade do peixe? - perguntou Thonolan, enquanto entravam no barco.

- Ele simplesmente pegou e carregou - falou Jondalar.

- Hein? Pegou e carregou?

- Sozinho, e olhe que ele ainda não era de todo adulto.

Thonolan aproximou-se da cabana de madeira onde vivia o seu irmão com Serenio e Darvo. Era uma construção feita de tábuas assentadas obliqua mente contra a viga-mestre do teto que, por sua vez, fazia também uma linha inclinada até o chão. A moradia lembrava o feitio de uma tenda, mas só que de madeira. Tinha a parede da frente triangular, mais alta e larga do que as laterais de forma trapezóide. Às tábuas eram assentadas como os pranchões dos cascos das

embarcações, isto é, com uma borda mais grossa sobrepondo a borda mais fina da tábua vizinha e nesta costurada.

Eram construções fortes, bem acabadas, com o tabuado tão cerrado que apenas nas mais antigas se via a luz passando através das frestas feitas na madeira seca e empenada. Com a pedreira para protegê-las dos temporais, as jun tas das tábuas não precisavam ser tão vedadas como nos barcos. A iluminação se fazia principalmente pela fogueira armada por cima de uma forração de pedras, ou então pela abertura na parede frontal.

Thonolan olhou para o seu interior, querendo saber se o seu irmão ainda estava dormindo.

- Entre - falou Jondalar, fungando. Ele se achava sentado no tablado, coberto de peles e com outras tantas ao seu redor. Na mão, segurava uma cuia com qualquer coisa fumegando dentro.

- Como vai o seu resfriado? - indagou Thonolan, sentando na beirada do tablado.

- O resfriado está pior, mas eu estou melhor.

- Ninguém pensou nas suas roupas molhadas e na ventania que soprava pela garganta do rio.

- Já me dou por feliz por terem me achado.

- Bom, e eu fico feliz por você estar sentindo-se bem - Thonolan, estranhamente, falava parecendo procurar pelas palavras. Irrequieto, levantou-se, foi até a entrada e voltou. - Você está precisando de alguma coisa que eu possa fazer?

Jondalar abanou negativamente a cabeça e esperou. Havia algo incomodando Thonolan, que ele tentava colocar para fora. Precisava apenas de tempo.

- Jondalar... - começou ele - você já está vivendo com Serenio e o filho dela há bastante tempo.

Por um momento Jondalar achou que o seu irmão fosse fazer algum comentário sobre o fato dele ainda não

ter formalizado a sua relação, mas estava enganado.

- Como é que a pessoa sente quando se é o homem da casa?- Você tem uma companheira, Thonolan. Você é o homem da casa.

- Eu sei, mas faz alguma diferença ter um filho de sua casa? Jetamio quer tanto ter um bebê e agora... ela perdeu mais uma vez.

- Eu sinto muito.

- Eu não me incomodo se ela nunca tiver um filho. A única coisa que não quero é perdê-la - falou Thonolan com a voz embargada. - Gostaria que ela parasse de tentar.

- Acho que ela não tem outra alternativa. A Mãe dá.

- Então por que a Mãe não deixa que ela conserve a criança? - gritou Thonolan, saindo e passando por Serenio que entrava naquele instante.

- Ele lhe falou de Jetamio? - perguntou Serenio.

Jondalar confirmou com a cabeça.

- Esse, ela conseguiu conservar por mais tempo. Doeu-lhe muito perde-lo. Fico satisfeita por Jetamio ser feliz com Thonolan. Ela merece isso.

-Ela vai ficar boa?

- Não é a primeira vez que uma mulher perde uma criança, Jondalar. Não se preocupe... Jetamio dentro de pouco tempo estará ótima. Vejo que encontrou o chá. É de hortelã, borragem e lavanda, caso queira saber. O shamud disse que seria bom para o seu resfriado. Como você está passando? Vim até aqui só para ver se ainda estava acordado.

- Estou muito bem - ele deu um sorriso, querendo aparentar saúde.

- Neste caso, acho que vou voltar para ficar com Jetamio.

Depois que Serenio saiu, Jondalar pôs de lado a cuia e se deitou nova mente. Tinha o nariz entupido e estava com dor de cabeça. Não sabia exata mente por que, mas

a resposta de Serenio o havia perturbado. Não queria mais pensar no assunto, isso lhe punha uma dor aguda na boca do estômago. “Deve ser do resfriado”, pensou.

Capítulo 16

A primavera se fez verão e a mudança se estendeu a todos os frutos da terra. À medida que amadureciam, Ayla os colhia, mais por hábito do que por necessidade. Poderia se poupar deste trabalho. Estava mais do que abastecida. Havia, inclusive, sobrado alimentos do ano passado. Mas ela não estava habituada a ficar parada e nem tinha como encher o seu tempo.

Mesmo com as caçadas de inverno, mais uma atividade para a sua vida, ela não conseguia manter-se suficientemente ocupada. No entanto, curtia a pele de quase todos os animais que matava, continuava tecendo cestas e esteiras, esculpindo gamelas e já acumulara tantas ferramentas, acessórios e objetos domésticos que os tinha em quantidade para abastecer um clã inteiro. Assim é que, ansiosa, aguardava pelas coletas de verão.

Igualmente ansiosa esperava pelas caçadas de verão. Descobrira que o método que imaginara para caçar com Neném - com algumas adaptações para compensar a falta de Huiin - continuava ainda dando certo. O leão caçando cada vez melhor restabelecia o equilíbrio da equipe. Se ela quisesse, podia abster-se de caçar. Além de colocar para secar toda a carne que sobrava, ficava também uma parte das caças que Neném pegava sozinho e ele praticamente saía sempre vitorioso em seus ataques. Entre a mulher e o leão formou-se uma relação única. Ela era a mãe, portanto a parte forte. Era parceira nas caçadas, portanto um igual, e Neném era tudo que ela tinha para amar.

Observando os outros leões, Ayla chegara a algumas interessantes conclusões sobre os seus hábitos de caça. Durante o verão, eram caçadores noturnos; no inverno, diurnos. Embora houvesse renovado o seu pêlo

na primavera, Neném conservara uma grossa manta de pêlos que seria quente demais para ele caçar num dia de verão. Às energias dependidas durante as perseguições o deixavam extremamente acalorado. Tudo que Neném queda era dormir, de preferência nos recessos frescos e sombrios da caverna. No inverno, quando as geleiras ao norte faziam rugir as suas ventanias, as temperaturas, durante a noite, caíam a tal ponto que o frio era de matar mesmo com uma pele nova e pesada. Os leões da caverna, então, sentiam-se felizes em poder enroscar-se no interior de um bom abrigo, bem protegido dos ventos. Eram animais carnívoros e adaptáveis. Tanto a grossura e a coloração da pele como os seus hábitos de caça se adaptavam às condições climáticas. O importante é que não faltas sem presas para eles.

Na manhã do dia seguinte em que Huiin partiu, Ayla tomou uma importante decisão quando acordou e deu com Neném dormindo ao seu lado, junto do cadáver de um veadinho malhado. Iria partir. Não procurou opor nenhum argumento contrário ao seu pensamento. Era caso resolvido, mas não naquele verão. Neném ainda precisava dela. Era muito novo ainda para ser deixado sozinho. Nenhum bando de leão iria aceitá-lo. Enquanto não tivesse ida de para ter uma companheira e formar a sua família, ele precisava da segurança da caverna, tanto quanto ela.

Iza lhe havia dito para procurar a sua gente e encontrar o seu companheiro e era o que ela iria fazer. Algum dia prosseguiria na sua busca. Mas sentia-se aliviada por não ter, por enquanto, de trocar a sua liberdade pela companhia de pessoas com hábitos desconhecidos. Embora não o admitisse, havia outra razão. Ela não queria partir enquanto não tivesse absoluta certeza de que Huiin não voltaria. Sentia uma terrível saudade da égua. Adorava aquele animal que, desde que chegara ao vale, fazia parte de sua vida.

- Ande, acorde preguiçoso - falou Ayla. - Vamos dar um passeio e ver se arrumamos alguma coisa para caçar. Você não saiu ontem à noite - ela deu uma cutucada no leão e se retirou da caverna, fazendo-lhe sinal para que a seguisse. Ele levantou a cabeça, soltou um imenso bocejo, pondo à mostra os afiados dentes, ergueu-se e começou a caminhar, relutante, atrás dela. A sua fome e a de Ayla eram iguais, quase nenhuma. Por ele, teria ficado dormindo.

Na véspera, ela havia colhido plantas medicinais. Um trabalho que lhe dava prazer e de gratas recordações. Em seus tempos de criança, vivendo com o clã, colher plantas medicinais para lia significava escapar de olhos sempre vigilantes e prontos para censurar o seu comportamento. Era quando tinha um pouco de tempo para respirar e seguir as suas inclinações naturais. Mais tarde, as colhia pelo prazer que tinha em estudá-las e, hoje, possuía um apreciável conhecimento da matéria.

Para Ayla, as propriedades medicinais estavam tão associadas às plantas que as distinguia mais pelo uso que podia fazer delas do que pela sua aparência. Assim, os molhos de agrimônia, pendurando-se de cabeça para baixo no interior quente e sombrio da caverna, os conhecia mais como uma infusão boa para tratar machucados e lesões internas do que como uma planta perene, alta e esguia, de folhas dentadas e minúsculas flores amarelas dando em cachos afunilados.

As unhas-de-cavalo, cujas folhas lembravam o nome e que ocupavam uma pequena parte da armação de secar, tinham aplicações diversas: secas e postas para queimar, a fumaça desprendida era um bom alívio para asma; preparadas como chá ao lado de outros ingredientes, serviam como remédio para tosse; por fim, constituíam um saboroso tempero de comida. Ao ver as

grandes folhas peludas de confrei, junto de raízes que estavam secando ao sol, imediatamente lembrou-se de fratura de ossos e compressas para machucados. As cravinas de tons luminosos eram para ser usadas em ulcerações, feridas abertas e escoriações da pele. A camomila ajudava na digestão e servia como uma suave loção para machucados. As pétalas de rosa trepadeira que boiavam numa gamela com água se destinavam a preparar um líquido adstringente para a pele.

Todas essas plantas ela as havia colhido para repor as que ficaram velhas sem ter sido usadas. Não tinha necessidade de ter uma farmacopéia tão completa, mas era uma coisa que lhe dava prazer, além de que a ajudava a estar sempre com os seus conhecimentos em dia. No entanto, com a quantidade de folhas, flores, raízes e cascas - em vários estágios de preparação - espalha das por toda parte da caverna, não era o caso de pensar em colher novas plantas. Não havia lugar para tanto. Ela estava sem o que fazer e se sentia enfastiada.

Desceu à praia, deu a volta do penhasco e passou a caminhar ao longo dos arbustos que margeavam o rio. Neném vinha atrás rosnando de uma maneira que ela sabia ser a sua voz habitual quando conversava. Os outros leões faziam sons parecidos, mas cada um tinha a sua particularidade. De longe ela reconhecia a voz ou os fortes rugidos de Neném. Eles começavam nas profundezas de seu peito com uma série de grunhidos que iam em crescendo até ter minar no sonoro trovejar de um estupendo baixo, que lhe deixava os tímpanos vibrando, quando era solto muito perto dela.

Ao chegar a uma pedreira, onde em geral descansava, Ayla parou. Não estava muito interessada em caçar, por outro lado não sabia o que gostaria de fazer. Neném encostou-se nela, procurando chamar-lhe a atenção. Ela coçou as suas orelhas e depois o pescoço, enfiando a mão lá no fundo da juba. A pele dele estava

agora mais escura do que no inverno, embora continuasse ainda bege e a juba havia crescido fulva, num forte tom de ferrugem, quase da cor de ocre. Ele levantou a cabeça para que Ayla o coçasse sob o queixo, deixando escapar um rosnado de satisfação. Ela esticou o braço para coçá-lo do outro lado. Foi então que, olhando-o com atenção, o percebeu sob um novo aspecto. O lombo de Neném batia pouco abaixo de seu ombro. Ele estava quase da altura de Huiin, só que bem mais corpulento do que a égua. Ela não se dera conta do quanto crescera.

Os leões da caverna que habitavam as estepes daquelas frias regiões, vizinhas às geleiras, viviam num ambiente ideal para o estilo de caça ao qual estavam mais afeitos. Ali era um continente de terras de pastagem, povoado super abundantemente de caças das mais variadas. Boa parte dos animais era de porte avantajado: bisões e bovinos, com quase o dobro do tamanho que no futuro teriam as suas contrapartidas; gigantescos veados com chifres de três metros de comprimento, além dos mamutes e rinocerontes lanosos- As condições eram favoráveis para que as espécies carnívoras se desenvolvessem de modo a poder caçar essa fauna de animais colossais. O leão da caverna fazia parte desse nicho e o compunha admiravelmente. Os seus futuros descendentes teriam a metade de seu tamanho, insignificantes comparativamente. Foram os leões da caverna os maiores felinos que a natureza conheceu.

Neném se constituía no mais alto exemplo desse que era o supremo representante dos predadores - enorme, fortíssimo, envolvido por uma pele luzindo de vigor e saúde juvenil - no entanto totalmente subjugado pelas delícias dos afagos de Ayla. Caso resolvesse atacá-la, ela não teria como defender-se, mas não pensava nisso, não o via como alguma coisa perigosa. Aos seus

olhos, Neném não passava de um gatinho e essa era a sua defesa.

O domínio que ela exercia sobre o leão se fazia inconscientemente e era dessa forma que ele o entendia. Ao levantar e pôr a cabeça de lado para mostrar-lhe o ponto em que queria ser coçado, Neném se entregava por inteiro aos prazeres das carícias, e Ayla, por sua vez, gostava de afagá-lo porque sabia que ele tinha satisfação com isso. Querendo alcançar o outro lado do seu corpo, ela subiu numa pedra e, enquanto se via debruçada sobre as suas costas, ocorreu-lhe uma idéia. Não parou para pensar um instante, simplesmente passou a perna por cima do lombo de Neném e o montou, como tantas vezes fizera com Huiin.

Para o leão, aquilo era inesperado, mas os braços ao redor de seu pescoço eram conhecidos e o peso dela insignificante. Por algum tempo não fizeram qualquer movimento. Quando os dois haviam passado a caçar juntos, Ayla adaptara o seu gesto de atirar com a funda a um movimento de braço seguido de uma ordem de comando: vá! No momento em que se lembrou disto, sem hesitar fez o movimento e gritou a palavra chave.

Sentindo junto ao seu corpo o feixe de músculos do animal, agarrou-se à juba no instante em que ele se arremessou à frente. Com a graça sinuosa dos felinos e uma mulher colada ao seu lombo, o leão disparou pelo vale. O vento batia no rosto de Ayla, esvoaçando os cabelos escapados das tranças. Faltava-lhe o controle sobre o animal. Ela não o conduzia, tal como fazia com Huiin. Ia para onde ele a levasse, mas se sentia exultante, inebriada com a velocidade que nunca conhecera na vida.

O ímpeto da carreira durou pouco. Foi igual às corridas de seus ataques. O leão diminuiu a velocidade e fez uma curva muito aberta para, então, seguir trotando na direção da caverna. Com Ayla ainda montada, subiu o

íngreme caminho e parou no lugar que era o dela na caverna. Sem saber como expressar as emoções indescritíveis que estava sentindo, ela apeou do lombo e o abraçou. Depois que o soltou, Neném, com o rabo abanando, dirigiu-se para o fundo, indo se espichar no seu lugar predileto. Instantes depois estava dormindo.

Sorrindo, ela o observava. “Com esse passeio de hoje o dia já acabou para você, não é? Bom, depois do presente que me deu, você pode dormir à vontade, Neném.”

Lá pelo fim do verão, Neném passou cada vez mais a ausentar-se da caverna. A primeira vez em que ele desapareceu por mais de um dia, Ayla ficou tão aflita que, na segunda noite quando ele não voltou, não conseguiu dormir. Por fim, Neném surgiu na manhã seguinte, tão cansado e desgrenhado quanto ela própria estava. Ele não havia trazido nenhuma caça. Ela lhe deu alguns pedaços de carne seca que foram engolidos avidamente. Não ficou brincando com as tiras de carne quebradiças, como em geral costumava fazer, antes de engoli-las. Apesar de cansada, Ayla saiu com a sua funda e voltou trazendo duas lebres. Neném acordou de seu sono exausto e veio ao encontro dela na entrada. Pegou uma das lebres e voltou para o seu canto. Ayla, então, carregou a outra para o fundo da caverna e veio também para o seu canto dormir.

Na vez seguinte, quando ele ficou três dias fora, ela já não ficou tão preocupada, mas a sua vida se tornou vazia e era como se trouxesse um peso no coração. Neném sempre chegava machucado, cheio de arranhões, e ela imaginava que andasse em escaramuças com outros leões. Talvez já estivesse suficientemente maduro para pensar em fêmeas. Diferente das éguas, as leoas não tinham uma estação especial para reproduzirem. O período do cio se dava em qualquer época do ano.

À medida que o outono avançava, as prolongadas ausências de Neném cada vez iam ficando mais freqüentes, e quando voltava quase sempre era para dormir. Ayla tinha certeza de que ele devia dormir também em outros lugares, mas saudoso da segurança de sua caverna acabava voltando. Ela nunca sabia quando esperá-lo ou de que direção ele iria surgir. Simplesmente chegava. Às vezes pelo estreito caminho que levava à praia, outras com um salto impressionante sobre o patamar em frente da caverna.

Ayla sempre ficava feliz de vê-lo e os cumprimentos de Neném eram também calorosos, de vez em quando calorosos demais. Se ele se mostrasse muito entusiástico em suas expansões de afeto, atirando-a ao chão quando lhe punha as pesadas patas dianteiras sobre os ombros, ela imediatamente fazia o seu gesto de “basta”.

Em geral, Neném ficava alguns dias. Ocasionalmente, os dois saíam para caçar e ele ainda continuava lhe trazendo algumas caças, mas não com a assiduidade de antes. Então voltava a ficar irrequieto. Ayla tinha certeza de que ele estava caçando sozinho e tendo que defender as suas presas dos ataques de aves de rapina, hienas e lobos. Quando Neném começava a andar de lá para cá, ela já sabia que dentro de pouco tempo ele iria desaparecer. A caverna, então, se mostrava tão vazia que começou a temer a chegada do inverno. Seria uma temporada triste e solitária.

Fazia um outono diferente, seco e quente. As folhas ficaram amarelas, depois marrons, sem mostrar os matizes brilhantes das pinceladas de gelo. Agarrados às árvores, eram cachos murchos e escuros farfalhando com o vento numa época em que há muito já deveriam estar revestindo o chão. O tempo estava louco: outono devia ser úmido, frio, com rajadas de vento e súbitos aguaceiros. Ayla não conseguia evitar uma sensação de

medo, como se o verão estivesse retendo as mudanças do tempo para que o inverno investisse furiosamente.

Todas as manhãs ela saía da caverna esperando encontrar uma drástica mudança no clima, e então, quase decepcionada, via um sol quente levantando-se num céu irrepreensivelmente azul. Os fins de tarde passava-os no patamar observando o sol baixar no horizonte, iluminado por uma bruma avermelhada - ao invés de nuvens pesadas e carregadas - compondo um glorioso espetáculo de cores. Depois, as estrelas começavam a faiscar, enchendo a escuridão tão profusamente que era como se o céu estivesse estilhaçado em in finitos pedacinhos.

Há dias ela não saía das proximidades do vale e, quando amanheceu mais um dia quente e claro, pareceu-lhe tolice desperdiçar aquele tempo tão lindo. O inverno logo estaria chegando para trancafiá-la em sua solitária caverna.

“Pena Neném não estar aqui”, pensou ela.”Seria um bom dia para caçar. Talvez eu faça isso sozinha. Não. Sem Neném e Huiin, eu tenho de arrumar um outro jeito de caçar”, disse para si mesma, desistindo de pegar a lança. “Levarei só a minha funda. Será que devo carregar uma pele? Está tão quente. Iria morrer de calor. Podia levá-la dentro de minha cesta. Ora, mas eu não preciso de nada. Já tenho de tudo, em quantidade mais do que suficiente. O que quero é dar um bom passeio. Para isso não preciso de cesta. - - e nem de pele. Só a caminhada já vai me esquentar.”

Enquanto descia o caminho da caverna, ela se sentia estranhamente leve e desembaraçada. Não tinha fardos para carregar, animais com que se preocupar, e a sua caverna estava bem sortida. Mas gostaria que não fosse assim. A falta absoluta de responsabilidade lhe enchia de sentimentos contraditórios: era uma estranha

sensação de frustração que se misturava com uma desacostumada liberdade.

Chegando á campina, tomou a direção que levava às estepes do lado leste quando, então, se pôs a andar em passos mais apressados. Não tinha qual quer destino em mente, caminhava para onde o seu capricho a levasse. Nas estepes, a seca da estação se fazia mais acentuada. A relva estava tão murcha e amarfanhada que uma folha de gramínea que machucou entre os dedos esfarinhou-se completamente. O vento se incumbiu de carregar o pó da palma da mão. O chão sob os seus pés, compactado com a dureza de uma rocha, partia-se na forma de um xadrez. Ela tinha de estar atenta onde pisava para não tropeçar nos torrões empedrados ou torcer os tornozelos em algum buraco ou sulco no terreno. Nunca vira a terra tão árida. A atmosfera parecia sugar a umidade de sua respiração. Ela trouxera apenas um pequeno odre, contando enchê-lo nas aguadas ou riachos conhecidos, mas muitos se achavam secos. A manhã nem ia pela metade e a sua bolsa de água já estava quase vazia.

Quando chegou a um riacho, certa de que acharia água e só encontrou lama, resolveu voltar. Esperando ainda poder encher o odre, pôs-se a caminhar ao longo da margem, indo dar numa poça lamacenta, tudo que restava de uma outrora profusa cisterna. Assim mesmo resolveu provar. Talvez estivesse bebível. No que se agachou, percebeu marcas frescas de cascos. Sem dúvida passara por lá, não há muito tempo, uma manada de cavalos. Qualquer coisa numa das marcas lhe chamou a atenção. Ela era excelente rastreadora e, não fosse isto, já vira demais as marcas largadas pelos cascos de Huiin para não conhecer as mínimas variações de contornos no desenho de suas pegadas e o modo como a égua calcava a terra que tomavam aquelas impressões únicas. Depois de examiná-las, teve absoluta certeza de que Huiin passara por lá, e não fazia muito tempo. A

manada devia estar por perto. O coração de Ayla batia forte.

Não foi difícil pegar o rasto. A beirada quebrada de um ressalto no chão, onde uni casco resvalara, as pisaduras na relva amassada, a terra solta, não ainda assentada, tudo indicava a direção que os cavalos haviam tomado. Ayla, excitada, mal respirava enquanto seguia os pequeninos indícios. Até mesmo a atmosfera parada parecia prender o seu ar em ansiosa expectativa. Já fazia tanto tempo... Huiin ainda se lembraria dela? Só em saber que a égua estava viva já era uma grande coisa.

A manada estava muito mais longe do que ela imaginara. Alguma coisa havia posto os cavalos a correr, obrigando-os a sair em disparada pela planície. Antes mesmo de avistar o bando de lobos dando em cima da carcaça de um animal, Ayla já lhes ouvira os rosnados e o barulho do tumulto que provocavam. Ela não pretendia chegar perto, mas não pôde resistir. Precisava se certificar de que o animal tombado não era Huiin. A visão de um pêlo castanho-escuro deixou-a aliviada. Uma cor fora do comum, a mesma do garanhão que vira com Huiin. O cavalo morto certamente fizera parte da manada.

Com o pensamento nos cavalos que viviam soltos na natureza, tão vulneráveis aos ataques das feras, ela prosseguiu no rasto da manada. Huiin era nova e forte, mas sempre podia acontecer alguma coisa. O melhor seria levar de volta a égua com ela.

Já estava quase na metade do dia quando finalmente Ayla avistou os cavalos. Eles ainda estavam nervosos por causa da perseguição sofrida. Ela se achava a favor do vento. Logo que os animais lhe sentiram o cheiro, começaram a andar, obrigando-a a dar uma longa volta para se pôr em posição contrária. Quando chegou a certa distância que dava para vê-los

individualmente, reconheceu Huiin. Com o coração disparado, engolindo em seco, procurava conter as lágrimas que teimavam em vir aos olhos.

“Huiin parece saudável”, pensou Ayla. “Está gorda... gorda não. Prenhe. Oh, Huiin, que maravilha!” Ela mal conseguia conter-se de tanta alegria. Então não pôde resistir mais. Tinha de ver se ainda era lembrada. Assoviou.

Imediatamente Huiin levantou a cabeça olhando na sua direção. Ao segundo assovio, veio andando para encontrá-la. Ayla não agüentou e saiu correndo. De repente, apareceu galopando, interpondo-se entre as duas, uma égua bege que, mordiscando as ancas de Huiin, conduziu-a de volta. Era a égua madrinha tratando de arrebanhar os cavalos e pô-los a salvo daquela figura desconhecida e provavelmente perigosa.

Ayla estava de coração partido. Ela não podia acompanhar indefinidamente os cavalos. Já se afastara do vale muito mais do que havia pretendido, além do que eles podiam locomover-se rapidamente e se perder dela. Mesmo dali, se quisesse chegar à caverna antes do anoitecer, teria de correr. Por uma última vez, ainda deu um assovio alto e demorado, mas sabia de que nada adiantaria. Então, triste e desalentada, puxou a roupa de couro mais para o alto do ombro, abaixou a cabeça defendendo-se contra o vento, e se virou para voltar.

O desamparo era tão grande que não prestava atenção a nada. Tudo que sentia era mágoa e desapontamento. Um rosnado subitamente a fez voltar a si. Havia topado com o bando de lobos que, mergulhados em sangue, banqueteavam o garanhão baio, fartando-se a mais não poder.

“É melhor que eu veja por onde vou”, pensou, retrocedendo nos passos. “Foi tudo por minha culpa. Se não tivesse sido tão afoita, talvez aquela égua não afastasse a manada de mim.” Ao fazer a volta, deu ainda

uma olhada no animal caído. “É uma cor muito escura. Parece a mesma do garanhão da manada de Huiin.” Ela olhou com mais atenção. “Um certo jeito na cabeça, a cor, a conformação... sim, era o garanhão baio!”, pensou, estremecendo-se. “Como é que um garanhão em pleno vigor de seus anos foi deixar-se apanhar por lobos?”

A pata esquerda dianteira, dobrada numa estranha posição, deu-lhe a resposta. Mesmo um cavalo novo e forte podia quebrar a perna quando correndo em terrenos traiçoeiros. Uma grande rachadura no chão havia permitido aos lobos sentirem o gosto de sua carne jovem. “Que pena”, pensou Ayla, abaixando a cabeça. “Ainda poderia ter bons anos de vida.” Já longe dos lobos, acabou por fim percebendo o perigo que ela própria corria.

O céu, que estivera tão claro pela manhã, era agora uma massa compacta de nuvens ameaçadoras. A alta pressão atmosférica, que vinha contendo o inverno a distância, por fim cedera e a frente fria que se mantivera à espera se precipitou violentamente sobre a região. O vento achatava a relva seca, ao mesmo tempo que lhe açoitava os pedaços no ar. A temperatura descia rapidamente. Ela sentia o cheiro da neve a caminho e se achava muito distante da caverna. Olhou ao seu redor, procurando orientar-se, e desatou a correr. E tinha de ser uma corrida para valer a fim de tentar chegar antes da tempestade desabar.

Mas não teve sorte. Em passadas largas, levaria mais da metade de um dia para alcançar o vale e o inverno já havia esperado muito para fazer a sua entrada. Ao atingir o riacho seco, grandes flocos de neve úmida começaram a cair. Eram, quando o vento soprava mais forte, agulhas de gelo penetrando-lhe na pele, depois foram ficando secos, soprados como uma pavorosa nevasca. Os montes cresciam na base sólida da neve úmida, enquanto os ventos em rede moinho se

digladiavam em contracorrentes, açoitando-a, ora numa ora em outra direção.

Ela sabia que a sua única salvação seria se continuasse caminhando, mas não tinha certeza se estava no rumo certo. As indicações conhecidas na paisagem mostravam-se difusas. Ela parou, procurando localizar-se e também para controlar o pânico que começava a invadi-la. Como fora idiota em sair sem a sua pele. Poderia ter trazido a sua barraca, pelo menos abrigada agora estaria. As orelhas ficaram geladas, os pés dormentes, e os dentes rangiam batendo com força. Toda ela estava fria. Ao seu redor ouvia o vento zunindo furiosa mente.

Então, prestou atenção. “Mas esse barulho não era vento, ou era?” Novamente procurou ouvir. Protegendo a boca com as palmas das mãos, ela assoviou alto, o mais forte que podia, e se pôs à escuta.

O relinchar agudo e esganiçado de um cavalo se fez ouvir. Mais uma vez, ela assoviou. Em meio à tempestade, tal como uma assombração, avultou-se a figura de um cavalo amarelo. Com as lágrimas congelando no rosto, Ayla correu ao seu encontro.

- Huiin, Huiin... oh, Huiin! - dizia repetidamente, abraçada ao vigoroso pescoço da égua e com o rosto enterrado no meio da crina. Quando montou, inclinou-se toda sobre o pescoço, procurando aquecer-se com o calor do animal. Huiin, seguindo os seus instintos, se dirigiu à caverna. Era para onde estava indo. A inesperada morte do garanhão havia desnorteado a manada, apesar da égua madrinha manter os animais juntos, sabendo que algum dia surgiria outro garanhão. Ela teria conservado Huiin fazendo parte da manada, não fosse o som do conhecido assovio e a lembrança de Ayla, sugerindo calor e proteção. Como Huiin não fora criada livre na natureza, não estava tão sujeita às influências da égua madrinha. A tempestade trouxera-

lhe à lembrança a caverna, um lugar que a abrigava das ventanias e nevascas e onde era tratada com amor.

Quando chegaram, Ayla tremia tanto que foi um custo para ela conseguir acender o fogo. No entanto, depois que o teve aceso, não foi para perto da fogueira; agarrou as suas peles de dormir e se deitou junto de Huiin, aconchegando-se ao calor de seu corpo.

Mas Ayla, nos dias que se seguiram, pouco pôde apreciar a volta da adorada amiga. Ela acordava com febre e tossindo secamente. O que a sustentava eram os seus chás medicinais, quando se lembrava de levantar para prepará-los. Huiin salvara a sua vida, mas não podia ajudá-la na pneumonia.

O tempo quase todo ela passava delirando. Foi o momento da confrontação de Neném com Huiin que lhe deu forças para levantar-se, O leão chegou à caverna, pulando das estepes, acima, para o patamar, mas foi barrado na entrada pelo grito de alarme de Huiin. O relinchar defensivo e apavorado da égua tirou Ayla de seu estupor. Ela viu Huiin, com as orelhas caídas para trás e, em seguida, empinando-se nervosamente, enquanto o leão, mostrando os dentes e rosnando na garganta, preparava-se para dar o bote. Imediata mente, ela pulou da cama e se pôs entre a presa e o predador.

- Pare, Neném! Isso assusta Huiin. Você devia estar contente de vê-la outra vez aqui conosco.

Depois, virando-se para a égua, disse:

- Huiin, é Neném quem está aí. Você não precisa ficar com medo dele. Todos os dois parem com isso de uma vez! - falou ralhando. Ela não acreditava que houvesse qualquer perigo, afinal aqueles animais foram criados juntos na caverna e eram como uma parte daquele lugar.

Os cheiros eram conhecidos de ambos os animais, principalmente o da mulher. Neném correu para cumprimentar Ayla, esfregando-se nela, enquanto Huiin

relinchava agora não de medo ou raiva, mas da maneira como o fazia quando Neném não passava de um mero filhote de leão. Foi, então que ele reconheceu a sua antiga babá.

- Eu não lhe disse, Huiin, que era Neném quem estava aí - falou, dirigindo-se à égua e logo tomada por um acesso de tosse.

Quando foi atiçar o fogo, ela esticou o braço para pegar a bolsa de água. Estava vazia. Enrolada na pele de dormir, saiu para encher uma gamela com neve. Enquanto esperava a água ferver, procurava controlar os espasmos que a obrigavam a tossir. Sentia a garganta dilacerada. Por fim, graças a um cozimento de raízes de ênulas misturadas com cascas de cerejas silvestres, a tosse aquietou-se e ela voltou para a cama. Neném foi instalar-se no canto do fundo da caverna e Huiin acomodou-se em seu lugar junto à parede.

O vigor e a vitalidade natural de Ayla acabaram prevalecendo sobre a doença, mas ela ainda levou muito tempo para ficar boa inteiramente. Estava felicíssima em ter de volta a sua família de bichos, embora já não fosse a mesma coisa. Os dois haviam mudado. Huiin estava pesada da prenhez e tinha vivido com cavalos selvagens que viam os carnívoros como uma ameaça a suas vidas. Mostrava-se reservada com o leão que já fora para ela um companheiro de brincadeiras. Por seu lado, Neném já não era o mesmo leãozinho gracioso e divertido. Ele deixou a caverna tão logo passou a tempestade e, à medida que o inverno avançava, cada vez menos foi aparecendo por lá.

A estação já tinha transcorrido mais de sua metade e Ayla continuava com acessos de tosse, principalmente quando fazia algum esforço mais forte. Mas se cuidava. E também de Huiin, que era alimentada com cereais e levada para pequenos passeios. Finalmente, quando

surgiu uma manhã clara e fria, ela levantou-se cheia de energia, achando que um bom exercício faria bem às duas.

Amarrou os balaios em Huiin, pegou as compridas lanças, as traves que formavam o jorrão, comida, um odre extra de água, roupas, cestas, a barraca, enfim tudo que se lembrava e que servisse para atender qualquer caso de emergência. Não queria novamente ser apanhada desprevenida. A vez em que se mostrara displicente, havia quase morrido. Antes de montar, estendeu sobre o lombo de Huiin um macio pano de couro, Era uma inovação que adotara desde que a égua tinha voltado. Depois de tanto tempo sem montar, as coxas ficavam doloridas e a pele ferida. A manta de couro fazia uma grande diferença.

Feliz por se ver ao ar livre e sentindo-se bem por não estar mais tossindo, Ayla uma vez mais se dirigiu às estepes, deixando que Huiin escolhesse a sua própria andadura. Montava tranqüilamente, sonhando como próximo fim do inverno, quando sentiu os músculos da égua retesarem. Imediatamente a sua atenção foi despertada. Alguma coisa vinha em sua direção, locomovendo-se com a furtiva sutileza de um carnívoro, Huiin, já perto da época de parir, estava mais vulnerável do que nunca. Ayla passou a mão na lança, embora até então nunca houvesse tentado matar um leão da caverna.

Quando o animal aproximou-se, viu uma juba fulva e uma muito conhecida cicatriz no focinho, Escorregou do lombo do cavalo e correu ao encontro do gigantesco leão.

Neném parecia tão emocionado com o encontro que as suas costumeiras esfregadelas de cumprimento por pouco não a derrubaram. Ela envolveu-lhe o pescoço num abraço e passou a coçá-lo nas orelhas e debaixo do queixo à maneira que ele adorava. Neném soltava roncos

de gozo. Nisso, não muito distante, um outro leão rugiu. Neném interrompeu os seus rosnados e se pôs teso, numa postura que Ayla ainda não lhe conhecia. Atrás dele surgiu uma leoa que se aproximava cautelosa. A um rugido de Neném, ela parou.

- Você tem uma companheira, Neném! Sabia que isto ia acontecer. Sabia que algum dia você teria a sua própria família - Ayla olhou para ver se havia mais leoas. - Por enquanto só uma, não é, Neném? Ela deve ser nômade igual a você. Agora, vai ter de lutar pelo seu território, mas isso já é um bom começo. Algum dia você terá uma linda família.

O leão relaxou-se um pouco e outra vez chegou para perto de Ayla, dando-lhe marradas. Ela o afagou na testa e deu-lhe um último abraço. Havia reparado que Huiin estava nervosíssima. O cheiro de Neném podia ser conhecido, mas o da leoa não. Ayla voltou a montar e, quando ele quis aproximar-se, ela lhe fez sinal para ficar no lugar. Por um instante o leão ficou parado, depois, rugindo baixo, deu as costas e foi embora seguido pela companheira.

“Bom, Neném se foi. Partiu para viver com bichos iguais a ele”, pensou Ayla, enquanto retornava. “Talvez ele apareça para fazer uma visitinha, mas nunca voltará para mim como fez Huiin.” Ela esticou o braço para acariciar a égua. “Que bom que você tenha voltado...

Ver Neném com uma leoa deixou-a pensando nela própria, no seu futuro tão incerto. “Neném tem agora a sua companheira, você também já teve o seu companheiro, Huiin. E eu? Será que ainda vou ter alguém?

Capítulo 17

Jondalar saiu do vão sob a pedreira e olhou o terraço coberto de neve que terminava abruptamente num precipício. Os altos paredões laterais emolduravam os contornos brancos e arredondados das colinas do outro lado do rio. Dano, que já esperava por ele, acenou-lhe. O rapaz se achava ao lado do toco de uma árvore, próximo à pedreira, a uma certa distância do ponto onde começava o campo, no lugar em que Jondalar havia escolhido para fazer as suas ferramentas. Era em pleno céu aberto, com boa luz e longe do caminho das pessoas que, assim, não corriam o risco de pisar em alguma lasca de pederneira. Ele se encaminhou na direção de Dano.

- Jondalar, espere um momento.

- Thonolan?! - disse Jondalar sorrindo e esperando o seu irmão alcançá-lo. Eles se puseram a caminhar juntos pela neve endurecida. - Eu prometi a Dano que esta manhã iria lhe ensinar algumas técnicas especiais. Como está Shamio?

- Agora está bem. Começa a sarar de sua gripe. Mas ela nos deixou preocupados. Jetamio nem conseguia dormir por causa da tosse dela. Temos pensado em alargar o espaço de nossa casa. Queremos ver se no próximo inverno já estamos com tudo pronto.

Jondalar sondou Thonolan com os olhos. Será que as responsabilidades com uma companheira e com uma família que estava crescendo haviam muda do o seu jeito folgazão? Mas a sua expressão de felicidade era uma constante. Subitamente Thonolan enrubesceu e se abriu num grande sorriso de satisfação.

- Meu irmão, eu tenho uma coisa para lhe contar. Você reparou como Jetamio está com as formas mais

arredondadas? Eu pensava que fosse só um jeito de quem está com saúde e bem instalado na vida. Mas não. Jetamio foi outra vez abençoada.

- Isso é ótimo, Thonolan. Eu bem sei o quanto ela deseja ter um filho.

- Ela já sabia há muito tempo, mas não me quis dizer. Não queria que eu ficasse preocupado. Desta vez parece que ela vai conservar a criança. O shamud falou para não darmos a coisa como certa, mas se tudo correr bem, o bebê nascerá na primavera. Jetamio disse que tem certeza de que é uma criança de meu espírito.

- E ela deve saber. Mas quem diria, o boa-vida do meu irmão com casa e companheira esperando filho!

O riso de Thonolan se alargou ainda mais. A felicidade nele era tão visível que Jondalar não pôde também deixar de dar um sorriso. “Está tão satisfeito que parece até que é ele quem vai ter a criança”, pensou Jondalar.

- Ali, à esquerda - falou Dolando em voz baixa. Ele apontava para um bloco de pedra erguendo-se da crista de um penhasco que lhes tomava todo o campo de visão. Jondalar olhou, mas estava emocionado demais para focalizar os olhos em qualquer coisa que não fosse de extrema grandiosidade. Atrás deles estava a floresta pela qual haviam passado. Na parte mais baixa, ela era formada por carvalhos que a certa altura começavam ceder terreno às faias. No alto, dominavam os pinheiros e abetos, árvores que eram mais familiares a Jondalar. Ele já havia visto de longe a crosta da terra elevar-se em picos até mais grandiosos, mas ao deixarem para trás as árvores, a inesperada imponência do espetáculo o fazia prender a respiração. Apesar da vista já lhe ser bastante conhecida, ela ainda o emocionava como se a estivesse vendo pela primeira vez.

A proximidade dos cumes montanhosos o assombrava. Havia um senti do de imediato, como se lhe bastasse estender o braço para tocar no tempo. Em reverente silêncio, o presente falava da sublevação das forças naturais da terra prenhe, parindo a rocha nua. Sem a floresta, o arcabouço da Grande Mãe ficava exposto, nu, naquela vertiginosa paisagem. Para mais além, o céu, de um azul forte e enorme, era um pano de fundo para os ofuscantes reflexos do sol que fragmentavam os cristais de gelo colados às rachaduras e brechas da pradaria alpina, batida pelos ventos.

-Estou vendo! - falou Thonolan. - Um pouco mais para a direita, Jondalar. Viu? Naquela ponta do penhasco...

Jondalar mexia com os olhos até que por fim enxergou a pequenina e graciosa camurça equilibrando-se na beirada do precipício. O animal ainda conservava um pouco de sua pele de inverno, mas em alguns pontos ela já começava a ficar com os tons acinzentados de verão, que a fazia confundir-se com a rocha. Dois pequenos chifres saíam retos de sua testa e se curvavam nas pontas para trás. Era como um antílope que lembrasse um cabrito.

- Estou vendo agora - disse Jondalar. - Lá está ele.

- Talvez não seja ele. As fêmeas também têm chifres - corrigiu Dolando.

- Lembra muito um íbice, não, Thonolan? Só que menores... e os chifres também são. Mas, assim, de longe.

- Como fazem os Zelandonii para caçar íbices, Jondalar? - perguntou uma moça. Nos seus olhos havia um brilho de interesse e curiosidade e também de amor.

Ela era apenas uns poucos anos mais velha do que Darvo e, no momento, estava vivendo uma paixão juvenil por Jondalar. Nascera shamudoi, mas fora criada no rio pelo fato do segundo companheiro de sua mãe ser

ramudoi. Agora a mãe terminara a sua relação de forma intempestuosa, trazendo-a de volta aos shamudoi. Ela não estava tão acostumada às escarpadas montanhas como a maioria das meninas shamudoi e só recentemente mostrara vontade de caçar camurças, depois de descobrir a admiração de Jondalar pelas mulheres que caçavam. Para sua surpresa, se viu extremamente interessada.

- Na verdade, não sei muito, Rakario - respondeu Jondalar, dando-lhe um sorriso gentil. Ele já percebera a paixão da garota. Nada podia fazer senão responder delicadamente, embora não desejasse encorajá-la. - Havia íbices nas montanhas que ficavam ao sul de onde morávamos e também em outras mais a leste, mas nós não caçávamos em terrenos altos. Ficavam muito distantes. De vez em quando, nas reuniões de verão, formava-se um grupo para sair numa expedição de caça, mas eu ia junto apenas para me divertir, já me dando por satisfeito em seguir as instruções dos caçadores mais experimentados. Estou ainda aprendendo, Rakario. Pergunte a Dolando que é exímio na caça de animais monteses.

A camurça saltou para um lugar mais elevado, pondo-se calmamente a olhar a vista de seu novo posto de observação.

- Como se pode pegar um animal que dá um salto deste? - Rakario suspirou em muda admiração, vendo a graça natural e a segurança com que o animalzinho firmava os seus pés. - E se segurar num lugar tão pequeno?

- Quando pegarmos um, Rakario, dê uma olhada nos pés - falou Dolando. - Somente o contorno deles é duro. A parte de dentro é flexível como a palma de sua mão. Por isso é que não escorregam ou se desequilibram. A parte macia, do lado de dentro, agarra, e a do lado de fora firma. O importante, quando se caça camurças, é

lembrar que elas olham sempre para baixo. Estão sempre vigiando o lugar por onde caminham e sabem o que há sob os seus pés. Os olhos são muito afastados um do outro e situados mais para trás na cabeça, desse modo enxergando o que se passa dos lados, mas não o que vem do alto. Essa é a vantagem que a gente leva. Quando se consegue aproximar por cima delas, é possível agarrá-las por trás. Mas para isto é preciso mui ta cautela e paciência.

- E se elas se mexerem antes de você conseguir chegar perto? - perguntou Rakario.

- Olhe para cima. Está vendo o tom de verde daquela relva? Aquilo é um verdadeiro banquete depois das forragens de inverno. A camurça que está lá é a vigia. As outras, machos, fêmeas e filhotes, estão metidas entre as pedras e folhagens. Se a comida estiver boa, elas não se mexem muito, pelo menos enquanto não sentirem nenhum perigo por perto.

- Por que estamos aqui parados conversando? Vamos logo - falou Darvo.

Ele estava irritado com Rakario, que o tempo todo se mantinha pendurada em Jondalar e também impaciente, querendo que começassem logo a caçar. Já acompanhara alguns caçadores de outras vezes, mas só para pegar o rasto, observar e aprender. Jondalar sempre o levava quando saía com os shamudoi para caçar. Desta vez, no entanto, Darvo havia recebido licença para tentar pegar um animal. Se o conseguisse, seria o primeiro a matá-lo e, por isso, merecedor de atenções especiais. Mas ele não estava obrigado a fazê-lo, poderia ser naquele ou em outro dia qualquer. Haveria mais ocasiões. Pegar uma camurça, um animal ágil e extremamente adaptado àquele meio, era empresa das mais difíceis. Qualquer um que conseguisse aproximar-se do animal deveria tentar. Se fossem assustadas e se pusessem a correr, seria impossível

seguir as camurças num terreno cheio de buracos e esconderijos.

Dolando começou a subir por uma formação rochosa, cuja estratificação se fazia obliquamente em linhas paralelas. As camadas mais moles de depósitos sedimentários da parte externa se haviam desgastado, deixando muito convenientemente alguns degraus para que eles firmassem os pés. A subida que os levaria a se pôr à retaguarda das camurças seria cansativa, mas não perigosa. Não era preciso ter grandes habilidades de alpinista.

O bando de caçadores seguia atrás de seu chefe. Jondalar esperava para se pôr ao fim da fila. Quase todos já haviam começado a subida, quando ele ouviu a voz de Serenio chamando-o. Surpreso, virou-se. Serenio não gostava de caçar. Raramente ultrapassava os limites do terreno onde ficavam as mora dias. Jondalar não podia imaginar o que a teria levado lá, mas, vendo-lhe a expressão do rosto, sentiu um calafrio passando pelo seu corpo. Ela viera cor rendo e teve de dar algum tempo até poder respirar e falar.

- Ainda bem... que consegui alcançá-los. Preciso encontrar Thonolan... Jetamio... trabalho de parto... - Ela conseguiu recompor-se, depois de alguns momentos.

Jondalar tampou os cantos da boca e gritou:

- Thonolan! Thonolan!

Uma das figuras que ia mais à frente na fila virou-se. Jondalar acenou-lhe.

O silencio que se seguiu entre os dois, enquanto esperavam, era embaraçoso. Ele queria perguntar se Jetamio estava bem, mas qualquer coisa o impedia.

- Quando começou o trabalho de parto? - perguntou por fim.

- Ontem à noite, ela estava sentindo dores nas costas, mas não falou nada com Thonolan. Ele estava querendo muito vir a essa caçada e ela tinha medo de

que, se contasse, ele desistisse. Falou apenas que não tinha muita certeza se já eram as dores do parto. Tenho a impressão de que queria fazer para ele uma surpresa. Quando Thonolan chegasse, o bebê já teria nascido - explicava Serenio. - Jetamio não queria preocupá-lo e nem que ele ficasse nervoso enquanto ela estivesse no seu trabalho de parto.

“Isso é bem de Jetamio, não querer preocupar Thonolan e ele é louco por ela”, disse Jondalar para si mesmo. De repente, lhe ocorreu um pensa mento sombrio. “Mas se Jetamio queria fazer uma surpresa, por que Serenio teria vindo aqui procurar Thonolan?”

- Está acontecendo algum problema, não é?

Serenio abaixou a cabeça, fechou os olhos e respirou fundo antes de responder.

- O bebê estava em posição errada e ela era muito estreita para que ele passasse - O shamud acha que foi por causa da paralisia que ela teve há uns anos atrás. Ele me pediu para buscar Thonolari... e você também para ajudar o seu irmão nesse momento.

- Oh, não! Santa Doni, não!

- Não! Não pode ser! Por que isso? Por que ida a Mãe abençoá-la com um filho para depois levar os dois?

Thonolan, dando murros na palma da mão, andava feito um louco de uni lado para outro, na casa onde vivera com Jetamio. Jondalar se via inteiramente impotente, não tendo nada a oferecer, fora o consolo de sua presença. E ninguém podia fazer alguma coisa também. Thonolan, na sua terrível dor, expulsava todo mundo que se aproximasse dele.

- Jondalar, por que logo ela? Por que a Mãe teve de levá-la? Jetamio teve tão pouca coisa neste mundo e sofreu muito... Era pedir tanto assim? Ter um filho? Alguém que fosse de sua carne e sangue?

- Não sei, Thonolan. Nem mesmo um Zelandoni saberia responder suas perguntas.

- Mas por que isso? Por que tanto sofrimento? - Thonolan havia para do em frente ao irmão e falava suplicante. - Ela quase não me reconheceu quando eu cheguei. Jondalar, ela estava tão sentida. Eu via isto nos seus olhos. Por que tinha de morrer?

- Ninguém sabe por que a Mãe dá e tira a vida.

- A Mãe! Ora a Mãe! Ela pouco está se importando. Eu e Jetamio, nós dois a honrarmos, e de que adiantou? Nem por isso deixou de levá-la. Eu odeio a Mãe! - novamente ele voltou a andar de lá para cá.

- Jondalar... - era Roshario quem chamava, hesitando em entrar.

Jondalar saiu.

- O que é?

- O shamud abriu para tirar o bebê, depois que ela... - Roshario pestanejava, querendo conter as lágrimas. - Ele achava que talvez pudesse salvar a criança... isso às vezes é possível. Mas já não dava mais. Era um menino. Não sei se você vai querer ou não dizer para Thonolan.

- Obrigado, Roshario.

Jondalar percebia que ela estivera chorando. Jetamio era como se fosse sua filha. Fora Roshario quem a criara, quem cuidara dela na doença e depois durante o longo período de convalescença. E agora havia acompanhado toda a agonia do malfadado parto. De repente, Thonolan passou pelos dois, esbarrando neles com seu velho baú de viagem. Ele se dirigia para o caminho que contornava o penhasco.

- Acho que agora não é uma boa ocasião. Eu falo com ele depois - disse Jondalar, correndo atrás de seu irmão. - Onde você está indo? - indagou, quando conseguiu alcançá-lo.

- Vou embora. Nunca deveria ter parado aqui. Ainda não cheguei ao fim de minha viagem.

- Você não pode partir agora - disse Jondalar, segurando-o pelo braço.

Thonolan contorceu-se com força, desvencilhando-se.

- Por que não? O que me prende aqui? - falou, soluçando.

Jondalar novamente segurou-o, obrigando-o a girar com o corpo. O rosto estava tão transtornado pela dor que Jondalar quase não o reconhecia. Era um sofrimento profundo demais que lhe dilacerava a própria alma. No entanto, houve ocasiões que ele chegou a invejar a felicidade de Thonolan no seu amor por Jetamio que o fazia pensar em sua inaptidão para amar. Teria vali do a pena? Será que o amor valia tantas dores e aflições? Um pesar tão amargo?

- Você vai deixar que Jetamio e o filho dela sejam enterrados sem você estar presente?

- Filho? Como você sabe que era um filho?

- O shamud tirou a criança. Achou que talvez desse para salvar o bebê, mas infelizmente foi impossível.

- Não quero ver a criança que matou Jetamio.

- Thonolan, Thonolan. Foi Jetamio quem pediu para ser abençoada. Ela queria engravidar e se sentia feliz com isto. Você teria coragem de impedir essa felicidade? Teria preferido que Jetamio tivesse uma vida longa e triste? Uma vida sem filhos e sempre ansiando por tê-los? Ela conheceu o amor e a felicidade. Primeiro por ter se unido a você e depois por ser abençoada pela Mãe. Foi por pouco tempo, é verdade, mas ela me disse que jamais poderia ter sonhado em ser tão feliz como foi junto de você. Falou também que nada lhe dava tanta alegria como você saber que estava esperando um filho. Um filho seu, como ela dizia, Thonolan. Um filho de seu espírito. Talvez a Mãe soubesse que tinha de ser um ou outro, e por isso preferiu dar a ela esta alegria.

- Jondalar, ela nem me reconheceu - falou Thonolan, com a voz embargada.

- O shamud deu qualquer coisa para que ela tomasse quando o fim já estava próximo. Não havia esperança da criança nascer e deste modo Jetamio não sofreria tanto. Mas ela sabia que você estava lá.

- A Mãe, quando levou Jetamio, carregou tudo. Eu, que estava cheio de amor, agora estou vazio. Nada sobrou em mim. Como pode ter ela morri do? - Thonolan começou a cambalear. Jondalar estendeu as mãos para ampará-lo no momento em que ia cair, depois o apoiou contra o ombro, enquanto ele chorava o seu imenso desespero.

- Por que não para casa, Thonolan? Se formos agora, lá pelo inverno teremos chegado à geleira e na primavera já estaremos em casa. Por que você quer ir para o leste? - dizia Jondalar com um tom saudoso na voz.

- Você vai, Jondalar. Já devia ter feito isto há muito tempo. Eu sempre disse que você sempre foi e será um Zelandonii. Quanto a mim, sigo para o leste.

- Você dizia que a sua viagem seria até a foz do Grande Rio Mãe. Mas depois que chegar ao Mar Beran, o que pretende fazer?

- Quem sabe? Talvez eu prossiga, contornando o mar. Talvez vá para o norte caçar mamutes com o povo de Tholie. Os mamutoi dizem que há uma outra cadeia de montanhas, bem longe, a leste. A palavra casa não tem a menor significação para mim, Jondalar. Prefiro bem mais sair à cata de coisas novas. Já é tempo de pegarmos caminhos diferentes, meu irmão. Você segue para oeste e eu para leste.

- Se você não quer voltar, por que então não ficar aqui mesmo?

- Sim, por que não ficar aqui, Thonolan? - falou Dolando, que apareceu para se juntar a eles. - E você também, Jondalar... seja como shamudoi ou ramudoi, tanto faz. Vocês agora pertencem a este lugar. Aqui têm

família e amigos. Vai nos dar muita pena ver os dois partirem.

- Dolando, você sabe que eu estava disposto a passar o resto de minha vida aqui, mas agora não posso. Tudo aqui está cheio demais de Jetamio. Eu lembro que nunca mais vou tê-la. Desculpe, Dolando, vou sentir saudades de todo mundo, mas tenho de Ir embora.

Dolando concordou com a cabeça. Não desejava forçá-los a ficar, mas queria que eles soubessem que lá poderiam contar sempre com uma família.

- Quando vão partir?

- No máximo dentro de alguns poucos dias - respondeu Thonolan. - Eu gostaria de acertar ainda um negócio, Dolando. Não vou levar nada comigo, fora roupa e certas coisas necessárias à viagem, mas queria ver se dava para conseguir um pequeno barco.

- Tenho certeza de que isso pode ser arranjado. Vocês vão descer o rio... e depois? Para leste? Nunca mais vão voltar para Zelandonii?

- Quanto a mim, eu vou para o leste - falou Thonolan.

- E você, Jondalar?

- Ainda não sei. Há Serenio, Darvo...

Dolando balançou a cabeça, dando a entender que compreendia. Jondalar não chegara a formalizar a sua união com Serenio, mas Dolando sabia que, nem por isso, a decisão seria mais fácil. Ele tanto podia ir para leste, oeste, ou ficar. Que rumo iria tomar era o que todos se perguntavam.

- Roshario está cozinhando o dia inteiro. Acho que faz isso para se manter ocupada e não ter tempo de pensar - disse Dolando. - Dará grande prazer a ela se vocês forem comer conosco. Ela gostaria que Serenio e Darvo também fossem. E mais prazer ainda teria se comesse um pouco, Thonolan. Roshario está muito preocupada com você.

“Deve estar também sendo muito duro para Dolando”, pensou Jondalar. Ele estivera tão absorvido com Thonolan que se esquecera da dor da Caverna. Ali fora o lar dela. Dolando a tratara como se fosse uma filha de sua casa. Jetamio era chegada a muitas pessoas. Tholie e Markeno eram a sua família. Ele sabia que Serenio havia estado chorando e Darvo mostrava-se triste, sem querer falar.

- Vou perguntar a Serenio - disse Jondalar. - Tenho certeza de que Darvo gostaria de vir. Talvez vocês devam contar só com ele. Eu preciso ter uma conversa com Serenio.

Os três caminharam de volta e pararam por alguns instantes junto da fogueira na casa central. Tinham falado pouco, mas gostaram de ter estado juntos. Haviam sido alguns momentos tristes e saudosos e sabiam que logo esta riam ocorrendo mudanças que os impediriam de voltar a se juntarem.

A sombra do penhasco começava a pôr um frio de tarde no terraço, embora do lado da frente se visse o sol incidindo sobre a garganta do rio. Ali, junto da fogueira e à luz do lusco-fusco, era quase como se nada houvesse mudado, como se estivessem quase esquecidos da terrível tragédia. Os três se deixavam ficar, querendo segurar o tempo, cada um entregue ao seu pensa mento que, se fosse exposto, iria surpreendê-los por se saberem pensando nas mesmas coisas. Eles reviam os acontecimentos que levaram os dois Zelandonii para a Caverna e todos se perguntavam se algum dia ainda voltariam a se encontrar.

- Vocês não vão resolver entrar? - perguntou, por fim, Roshario, sem agüentar esperar mais. Ela não queria perturbá-los. Sentia-lhes a necessidade daqueles últimos momentos de silenciosa comunhão. Nisso, o shamud e Serenio saíram de suas cabanas e Darvo largou a companhia de alguns meninos que se

agrupavam a uma pequena distância. Outras pessoas também se aproximaram da fogueira. O clima estava irremediavelmente quebrado. Roshario, então, conduziu todos para a sua moradia, inclusive Jondalar e Serenio, que não se demoraram muito.

Os dois, em silêncio, caminharam para a borda do penhasco e depois fizeram a volta do paredão, dirigindo-se a um tronco caído que fazia um banco confortável para se observar o pôr-do-sol a montante do rio. A natureza, com um panorama de matizes metálicos, conspirava, na pura beleza do ocaso, para o silêncio deles. Ao brilho dos raios descendentes, o cinza plúmbeo das nuvens, iluminando como prata, esparramava um fulgor de ouro que se estilhaçava no rio. Então, os tons de fogo transformavam o ouro em cobre brunido que o bronze obscurecia para desaparecer novamente em meio à prata.

Quando os tons prateados já estavam esmaecidos, apenas levemente manchando as sombras, Jondalar chegou a uma conclusão. Ele virou a cabeça, encarando Serenio. “Sem dúvida é uma mulher bonita”, pensou. “De convívio fácil e agradável.” Ele ia abrir a boca para falar, mas...

- Vamos voltar? - disse Serenio.

- Serenio... eu... bom, nós temos vivido juntos e...

Ela tapou-lhe a boca com um dedo, silenciando-o.

- Agora não. Vamos voltar.

A voz tinha uma nota de insistência e os olhos revelavam desejo. Ele segurou-lhe a mão e beijou primeiro os dedos para depois abri-la e beijar a palma. A boca, sequiosa para explorar outras áreas, encontrou o pulso e per correu o braço, querendo tocar nas dobras da parte interna do cotovelo, escondido pela manga que ele afastou.

Suspirando, olhos fechados, cabeça jogada para trás, toda ela era convite. Com uma das mãos apoiando-

lhe a cabeça, ele beijou a garganta palpitante. Depois a orelha, a boca. Ela estava expectante, ávida. Beijava-a devagar, com amor, saboreando a maciez sob a língua, as pregas do palato, e atraindo-lhe a língua para a sua boca. Quando se separaram, ela ofegava pesadamente. A mão tocou nele, sentindo-lhe a resposta quente e latejante.

- Vamos voltar - repetiu ela, numa voz rouca.

- Por que voltar? Por que não aqui?

- Se ficarmos aqui, irá terminar muito depressa. Quero o calor das peles e da fogueira para não precisarmos correr.

Nos últimos tempos, o amor deles era feito não com fastio, dir-se-ia, antes, de forma maquinal. Sabiam como dar prazer um ao outro e tendiam a cair numa rotina, explorando e inovando apenas raramente. Essa noite, Jondalar percebeu, Serenio não estava querendo o trivial. E ele estava ansioso por satisfazê-la. Segurando a sua cabeça entre as mãos, beijou-a nos olhos, na ponta do nariz, nas faces e na orelha, que bafejou levemente com o seu hálito quente. Depois, mordiscou-lhe o lóbulo e procurou novamente a garganta. Quando a sua boca encontrou mais uma vez a dela, ele a beijou apaixonadamente, ao mesmo tempo que lhe puxava o corpo para mais perto.

- Acho que devemos ir, Serenio - disse, suspirando em seu ouvido.

- Era o que eu dizia.

Com o braço passando-lhe por cima do ombro e o dela ao redor de sua cintura, os dois caminharam de volta, contornando o penhasco. Desta vez, ele não se pôs atrás para permitir a passagem de um de cada vez. Nem mesmo reparou no precipício que se despencava abruptamente ao seu lado.

Estava escuro no terraço, tanto pelo negrume da noite como pelas sombras que o alto paredão projetava,

impedindo a luz do luar de filtrar-se para lá. No céu, apenas algumas poucas estrelas despontavam por entre as nuvens. Quando eles atingiram o vão embaixo da pedreira, era mais tarde do que imaginavam. Ninguém se achava junto da fogueira central, embora a lenha ainda estivesse queimando com altas labaredas. Viram Dolando e Roshamio e mais algumas outras pessoas dentro de suas casas. Na entrada da deles, Darvo e Thonolan jogavam um jogo feito com peças esculpidas de osso. Nas longas noites de inverno, ele e o irmão costumavam jogá-lo, o que podia levar a metade de uma noite. Era absorvente e ajudava a esquecer as preocupações.

A casa em que vivia com Serenio estava escura. Ele empilhou alguma lenha no lugar da fogueira e foi buscar uma brasa na casa central para acendê-la. Feito isto, atravessou duas tábuas na entrada e estendeu de lado a lado um pano de couro, construindo um ambiente aconchegante e privado.

Enquanto Serenio buscava as cuias de beber, ele tirou a roupa que usava externamente. Em seguida, apanhou o odre com suco de uva-do-monte e serviu aos dois. A premência para satisfazer os seus desejos havia passado. A caminhada de volta dera tempo para ele pensar. “Ela é a mulher mais encantadora e ardente que já conheci”, pensava, saboreando o suco caloroso. “Já devia há muito tempo ter formalizado a nossa união. Talvez ela e Darvo gostassem de voltar comigo para casa. Bom, seja aqui ou lá, quero Serenio para minha companheira.”

Sentia-se aliviado com a decisão. Era menos um problema a ser resolvido. Mostrava-se feliz pela decisão. Era o certo, o devido. Por que demorara tanto a tomá-la?

- Serenio, eu tomei uma decisão. Não sei se já lhe disse o quanto você significa para mim.

- Agora não - falou ela, pondo de lado a cuia e lhe rodeando o pescoço com os braços. Levou, então, os lábios para junto dos dele, pressionando com força. Foi um beijo longo, demorado, vagaroso, que devolveu o ar dor perdido.

“Ela tem razão”, pensou Jondalar, “a conversa pode ficar para depois.”

Quando o calor da paixão voltou a se impor, ele a conduziu ao tablado de dormir, coberto de peles. A fogueira esquecida punha uma fraca luz no ambiente, enquanto ele lhe explorava a redescobria o corpo. Serenio jamais deixara de corresponder, mas desta vez ela se abria para ele de uma maneira como nunca o fizera. Repetidamente, encontrou a sua satisfação, embora não conseguisse absorvê-lo em sua totalidade. Os auges se sucediam, um atrás do outro, e quando Jondalar pensava ter atingido o seu limite, ela, valendo-se das técnicas dele, aos poucos tomava a reanimá-lo. Num último esforço extasiante, alcançaram o prazeroso alívio e, exaustos, se deixaram ficar deitados, por fim satisfeitos.

Como estavam dormiram, nus, por cima das peles. Quando a fogueira apagou, o frio da madrugada os acordou. Enquanto ela fazia uma outra fogueira, acesa nas últimas brasas, ele vestiu uma túnica e saiu para encher o odre. Na volta, o calor dentro da casa era reconfortante, principalmente de pois do rápido mergulho que dera no lago gelado. Sentia-se revigorado, bem- disposto, e tifo perfeitamente satisfeito que estava pronto para qualquer coisa que surgisse. Serenio pós algumas pedras para esquentar e, em seguida, saiu para fazer suas necessidades. Ao voltar, estava tão molhada quanto ele.

- Você está tremendo - falou Jondalar, embrulhando-a numa pele.

- Você pareceu gostar tanto de seu mergulho que eu também resolvi dar um. Mas que frio! - disse sorrindo.

- O chá está quase pronto. Vou lhe trazer uma cuia. Fique aqui senta da - disse ele, forçando-a a reclinar-se no tablado e empilhando uma quantidade de peles ao seu redor, até que ela ficasse apenas com o rosto do lado de fora. “Não seria nada mal se eu resolvesse levar a minha vida com uma mulher como Serenio”, pensou. “Será que conseguiria convencê-la a ir comigo para casa?”A lembrança de Thonolan veio deixar uma nota triste em seus pensa mentos. “...Ah, se eu pudesse convencê-lo também a vir comigo. Não posso entender essa sua mania de querer ir para o leste.”

Ele entregou a Serenio uma cuia contendo chá de betônica, pegou outra para si e veio se sentar na beirada do tablado.

- Serenio, você algum dia já pensou em fazer uma viagem?

- Você está se referindo a uma viagem para algum lugar que eu não conheço? Para um lugar onde as pessoas falam uma língua que eu não entendo? Não, Jondalar, nunca senti muita vontade de fazer esse tipo de viagem.

- Mas você entende zelandonii e muito bem. Quando resolvemos com Tholie e os outros aprender línguas, fiquei surpreso da rapidez com que você aprendia. Não será como se tivesse de aprender uma língua inteiramente desconhecida.

- O que você está querendo dizer, Jondalar?

Ele sorriu.

- Estou querendo tentar persuadi-la a ir comigo para minha casa, depois que tivermos formalizado a nossa união. Você irá gostar dos Zelandonii.

- O que você quer dizer com “depois de formalizarmos a nossa união”? O que o leva a pensar que faremos uma coisa dessas?

Ele ficou confuso. “Claro, deveria ter consultado Serenio antes. Não poderia ter posto esta idéia de viagem assim tão de supetão. As mulheres gostam de ser consultadas, não querem que as coisas sejam apresentadas a elas como fato consumado.” Ele deu um sorriso sem graça.

- Eu resolvi que já era tempo de formalizarmos esse nosso arranjo. Já devia ter feito isso antes, Serenio. Você é uma linda e encantadora mulher e Darvo também é um ótimo garoto. Ficaria muito orgulhoso de tê-lo como um filho legítimo de minha casa. Mas estava esperançoso que você pudesse considerar a idéia de viajar comigo. - - de ir viver com os Zelandonii. Natural mente, se você não quiser...

- Jondalar, você não pode decidir sozinho essa questão de formalizar o nosso arranjo. Eu não pretendo ser a sua companheira. Há muito tempo que já resolvi sobre isto.

Jondalar ficou vermelho, sentindo-se extremamente embaraçado. Nunca lhe passara pela cabeça o fato de Serenio não querer tornar-se sua companheira. Ele vira só o seu lado, preocupado apenas com os seus sentimentos, sem imaginar que ela talvez não o considerasse digno.

- Eu... eu peço... desculpas, Serenio. Pensei que você também gostasse de mim. Não deveria ter sido tão presumido. Você me deveria ter dito para ir embora... eu acharia um outro lugar - ele se levantou e começou a reunir algumas de suas coisas.

- Jondalar, o que está fazendo?

- Pegando as minhas coisas para mudar daqui.

- E por que vai querer mudar?

- Não é que eu deseje, mas você não me quer aqui e...

- Depois de uma noite como essa, como pode dizer que eu não o desejo? O que tem isso a ver com a

formalização de nossa união?

Ele voltou e veio sentar-se na beirada do tablado, ficando a olhá-la dentro dos olhos, enigmáticos como sempre.

- Por que não quer ser a minha companheira, Serenio? Será que eu não sou... bastante homem para você.

- Você... não ser bastante homem...? - disse com a voz embargada. Ela tinha os olhos fechados, pestanejando. Por fim, deu um profundo suspiro e falou: - Oh, Jondalar! Você não ser suficientemente homem! Se não for, quem mais poderá ser nesta terra? E este é justamente o problema. Você é homem demais, tudo em você é demais. Eu não agüentaria conviver com essa idéia.

- Eu não entendo. Se estou querendo que seja a minha companheira, por que me vem dizer que sou bom demais para você?

- Realmente não pode entender, não é? Você me deu demais, Jondalar. - já me deu mais do que qualquer outro homem. Se fosse sua companheira, eu teria demasiado, mais do que qualquer outra mulher já teve na vida. Elas ficariam invejosas. Iriam querer que os seus homens fossem tifo generosos, bons e afetuosos quanto você. Elas já sabem que uma simples carícia sua é capaz de fazê-las sentir-se mais vivas, mais... Oh, Jondalar, você é tudo que uma mulher pode desejar.

- Se eu sou tudo isto que você diz, por que então não se toma minha companheira?

- Porque você não me ama.

- Serenio... mas eu...

- Sim, eu sei. À sua maneira, você me ama. Gosta de mim, jamais faria uma coisa que me magoasse e seria bom e maravilhoso o tempo todo. Mas eu estaria sempre sabendo que você não me ama. Ainda que chegasse a convencer-me do contrário, lá no fundo eu saberia. E,

então, começaria a perguntar-me o que há de errado comigo, o que está me faltando e por que você não pode amar-me.

Jondalar ouvia de cabeça baixa.

- Serenio, um homem pode ser o companheiro de uma mulher sem amar desta maneira como você fala - ele olhou ansioso para ela. - Quando há outras coisas entre um homem e uma mulher, quando os dois têm um afeto sincero um pelo outro, eles podem levar uma vida feliz.

- É verdade. Algumas pessoas conseguem isto. Algum dia eu tomarei a me unir a alguém e se houver mais coisas entre mim e o meu companheiro, pode ser que não seja necessário que um ame “outro. Mas, com você, isto não é possível, Jondalar.

- Por que comigo não?

Era tão grande a tristeza que via nos olhos dele que ela quase resolveu reconsiderar tudo o que havia dito.

- Por que eu iria amá-lo, Jondalar. É uma coisa que não posso evitar. Iria amá-lo e todos os dias estaria morrendo um pouco, sabendo que você não me ama do mesmo modo. Nenhuma mulher consegue ficar sem amá-lo, Jondalar. E cada vez que fizéssemos amor, como esta noite, por exemplo, mais espedaçada eu estaria por dentro. Com todo esse meu amor e desejo, e sabendo que por mais que você quisesse não poderia correspondê-lo, depois de algum tempo eu estaria ressequida, vazia, e acabaria achando um jeito de tomar a sua vida tão desgraçada quanto a minha. E, no íntimo, você continuaria a mesma pessoa maravilhosa, dedicada e generosa porque conhece os motivos que me levaram a uma tão grande transformação. Você iria se odiar por isto, Jondalar. No fim, todo mundo estaria se perguntando o porquê de um homem como você estar agüentando uma velha amarga e rabugenta. Não,

Jondalar, não gostaria de fazer este mal. - nem a você, nem a mim.

Ele se levantou, foi até a entrada e voltou.

- Serenio, por que eu não consigo amar? Os outros homens, eu vejo, se apaixonam. O que há de errado comigo? - o seu olhar era tão angustiado que sofria por ele, amando-o até mais e desejando que, de alguma forma, ele pudesse amá-la.

- Eu não sei, Jondalar. Talvez você ainda não tenha encontrado a mulher certa. Quem sabe se a Mãe não lhe está reservando alguém especial? Ela não costuma fazer muitos iguais a você. Realmente, arcar com um homem como você é dificílimo. A maioria das mulheres não conseguiriam. Se todo o seu amor for concentrado numa só, ela não resistirá, a não ser que seja uma mulher favorecida pela Mãe com predicados iguais aos seus. Ainda que me amasse, eu não sei se poderia conviver com o seu amor. Se você amar uma mulher tanto quanto ama o seu irmão, ele terá de ser muito forte.

- Ora veja, eu não consigo me apaixonar, mas mesmo que isto acontecesse, nenhuma mulher agüentaria o meu amor - falou ele, dando um riso amargo e irônico. - Com isto, é para ficarmos desconfiados das graças que a Mãe nos concede - os seus olhos à luz rubra da fogueira mostravam-se num tom escuro de violeta e cheios de apreensão. - O que você quer dizer com “se amar uma mulher tanto quando ama o seu irmão?” Se nenhuma mulher é forte bastante para arcar com o meu amor, você está com isso pretendendo dizer que eu preciso... de um homem?

Serenio deu um sorriso, depois acabou rindo.

- Absolutamente. Eu não estou dizendo que ama o seu irmão como um homem ama uma mulher. Você não é o shamud que tem o corpo de um sexo e inclinações do outro. A essas alturas, você já saberia, já teria atendido os apelos de sua verdadeira vocação e, tal como o

shamud, teria encontrado aí um amor. Não - prosseguiu ela, sentindo uma onda de calor com o seu pensamento - você gosta muito do corpo de uma mulher. Mas isto não impede que você ame o seu irmão mais do que tudo neste mundo. Foi por esta razão que desejei tanto tê-lo esta noite. Quando Thonolan partir, você irá junto e eu nunca mais vou vê-lo, Jondalar.

Logo que Serenio acabou de dizer isso, percebeu que ela tinha razão. Pouco importava o que antes havia decidido: quando chegasse a ocasião, iria embora com Thonolan.

- Como sabia disso, Serenio? Eu jamais poderia desconfiar. Quando cheguei aqui, estava certo de que seria a minha companheira e que eu fria instalar-me definitivamente com os sharamudoi, no caso de você não querer voltar comigo.

- Acho que todo mundo sabe que você sempre acompanhará Thonolan para qualquer lugar que ele for, O shamud disse que esse é o seu destino.

A curiosidade de Jondalar sobre o shamud nunca fora satisfeita. De repente, ele perguntou:

- Diga-me uma coisa, Serenio. O shamud é homem ou mulher?

- Você quer realmente saber?

Ele pensou melhor.

- Não. Acho que não tem importância. O shamud não quis dizer-me... talvez o mistério seja importante para... ele?

Seguiu-se, então, um silêncio. Jondalar olhava para Serenio, querendo reter a imagem dela naquele instante. Os cabelos ainda estavam molhados e em desalinho, mas ela já se sentia aquecida e afastara as peles para o lado.

- E quanto a você, Serenio? O que pretende fazer?

- Eu o amo, Jondalar - disse simplesmente, como se apenas constatas se um fato. - Não vai ser fácil esquecê-lo, mas você me deu algo. Eu tinha medo de amar. Foram

tantas as coisas que eu amei e perdi que acabei afastando o amor de minha vida. Sabia que iria perdê-lo também, mas mesmo assim eu o amei. Agora sei que posso voltar a amar e, se outra vez perder, nem por isso o amor deixará de existir para mim. Isto foi você quem me deu e... talvez tenha dado outra coisa também - surgiu um sorriso misterioso. - Pode ser que daqui a uns tempos alguém que eu vá amar muito entre na minha vida. Ainda está cedo para se ter certeza, mas acho que fui abençoada pela Mãe. Depois que perdi o meu último filho, pensava que isso não fosse mais possível... afinal, tantos anos sem receber a sua bênção. Deve ser uma criança de seu espírito, Jondalar. Se o bebê sair com os seus olhos, eu saberei.

A testa de Jondalar vincou com as suas costumeiras ruga.

- Serenio, neste caso eu devo ficar. Na sua casa não há um homem para sustentar a criança e você.

- Jondalar, não precisa preocupar-se. Jamais uma mãe e o seu filho deixaram de ser amparados. Mudo disse que todas as mulheres que ela abençoa devem ser ajudadas. Por isso, criou os homens, para que eles levem, às mies, as dádivas da Grande Mãe Terra. A Caverna, tal como a Mãe, mantém os seus filhos. Ela irá cuidar de mim e do meu bebê. Você deve seguir o seu destino, e eu o meu. Não quero esquecê-lo, Jondalar, e se tiver um filho de seu espírito, pensarei em você da mesma forma como penso no homem que amei quando Darvo nasceu.

Serenio havia mudado, mas continuava a mesma mulher que nada pedia, que nenhuma obrigação impunha. Ele a abraçou. Ela o olhou dentro de seus irresistíveis olhos azuis. Os dela nada escondiam: o amor, a tristeza por per dê-lo, e ao mesmo tempo a alegria pelo tesouro que carregava em seu ventre.

Através de uma fenda na parede viram uma luz pálida anunciando o novo dia. Ele se levantou.

- Onde você vai, Jondalar?

- Só um instantinho lá fora. Bebi muito chá .- ele deu um sorriso que lhe iluminou os olhos. - Mas não deixe a cama esfriar, a noite ainda não acabou - disse, enquanto se inclinava para beijá-la. - Serenio... - a voz era embargada pela emoção - você significa para mim mais do que qualquer outra mulher que já conheci em minha vida.

Não era o bastante. Ele iria partir, mas ela sabia que, se pedisse, ele fica ria. Só que não o fez e, em troca, ele lhe deu o máximo que conseguia dar de si. No entanto, era mais do que qualquer mulher já recebera.

Capítulo 18

- A minha mãe disse que você queria me ver.

Pela postura dos ombros e o olhar preocupado, Jondalar percebeu o estado de tensão de Darvo. O garoto vinha evitando-o e ele imaginava qual fosse a razão. Embora sorrisse, tentando parecer natural, as suas atitudes, que sempre foram calorosas e amigas, se mostravam hesitantes. Com isto, mais nervoso ainda ficou Darvo, cujo medo era justamente ver confirmadas as suas suspeitas. Pelo seu lado, Jondalar vinha protelando a conversa com o garoto. Ele retirou da prateleira uma roupa cuidadosamente dobrada e sacudiu-a.

- Acho que dentro de pouco tempo isto estará servindo para você. Que ria que ficasse com esta roupa, Darvo.

Por instantes os olhos do menino se iluminaram, olhando cheio de prazer para a camisa zelandonii com os seus ornatos intricados e exóticos. Mas então o ar de preocupação tornou a aparecer.

- Você vai embora, não é? - disse em tom de acusação.

- Thonolan é meu irmão, Darvo, e.

- E eu não sou nada.

- Isso não é verdade. Bem sabe o quanto eu gosto de você. Mas Thonolan está sofrendo muito e parece completamente fora de seu juízo. Eu fico com medo por ele. Não posso deixá-lo sozinho e, se eu não cuidar do meu ir mão, quem fará isso? Por favor, tente entender. Não estou fazendo esta viagem para o leste porque quero.

- Você voltará?

Jondalar fez uma pausa.

- Não sei. Não posso prometer. Não sei para onde estamos indo e nem por quanto tempo vamos ficar viajando - ele estendeu a camisa na direção de Darvo. - Queria que você ficasse com isso. É uma lembrança do homem dos zelandonii. Darvo, escute, quero que saiba que você sempre será o primeiro filho de minha casa.

O menino, com as lágrimas ameaçando cair, olhou para a túnica recama da de contas.

- Eu não sou filho de sua casa! - gritou. Em seguida deu as costas e saiu correndo.

Jondalar quis ir atrás dele, mas desistiu. Foi até o tablado e lá colocou a camisa. Depois, devagar, saiu.

Carlono, de sobrolho franzido, olhava para as nuvens baixas.

- Acho que o tempo vai manter-se firme, mas se vier algum temporal, encostem na margem, apesar de que, enquanto não passarem pela garganta, não vão encontrar muitos lugares para aportar. Quando chegarem à planície do outro lado da garganta, a Mãe se divide em diversos canais. Lembrem-se: vocês devem sempre conservar-se perto da margem esquerda. O rio dobra para o norte antes de atingir o mar e, em seguida, para leste. Logo depois da curva ele se junta, à esquerda, a outro grande rio, que é o maior dos tributários. Um pouco mais adiante já é começo do deita, a saída para o mar. Mas até chegar lá há muita água para correr. O deita é imenso e perigoso. Muitos pântanos, brejos e bancos de areia. A Mãe, então, novamente se separa, quase sempre em quatro canais que dão origem a muitos pequenos cursos e a um ou dois grandes rios. Conservem-se no canal da esquerda que segue para o norte. Há um acampamento mamutoi perto da foz.

O experiente barqueiro já fizera antes essa viagem, inclusive havia desenhado na terra um mapa para mostrar-lhes como chegar à foz do Grande Rio Mãe, e

agora estava apenas repetindo as informações. Os dois precisavam ter tubo bem guardado na memória, principalmente porque as decisões às vezes tinham de ser tomadas com rapidez. Ele não se sentia muito confiante vendo Jondalar e Thonolan viajando por um rio desconhecido sem terem ao lado um bom barqueiro para guiá-los, mas haviam insistido, ou melhor, Thonolan insistira, e Jondalar, para não deixa-lo ir sozinho, o acompanhava. Esse pelo me nos tinha adquirido uma certa experiência no manejo das embarcações.

Agora estavam eles no cais, já com a bagagem dentro de um pequeno barco. Entretanto faltava à despedida dos dois o clima de excitação que em geral acompanha aventuras daquele tipo. Thonolan viajava unicamente por não agüentar ficar com eles e Jondalar teria preferido muito mais estar voltando para a sua casa.

Thonolan perdera o seu brilho. A sua natureza franca e calorosa havia desaparecido e ele era hoje um homem macambúzio, quase sempre mal-humorado, dado a rompantes de raiva que, freqüentemente, o levavam a atitudes impensadas e imprudentes. A primeira discussão séria entre os dois só não ter minou em socos porque Jondalar recusou-se a lutar. Thonolan acusava o ir mão de estar tratando-o como criança. Ele queria ter o direito de levar a vida como bem entendesse, sem ter Jondalar sempre nos seu calcanhares. Quando soube da possibilidade de Serenio estar grávida, ficou furioso. Era impensável que Jondalar fosse abandonar uma mulher que, talvez, carregasse um filho de seu espírito para segui-lo em seu destino incerto. Ele insistiu para que Jondalar ficasse e fizesse o que qualquer homem decente faria: responder pelo sustento da mulher.

Mesmo Serenio recusando-se a ser sua companheira, Jondalar não deixava de sentir que Thonolan tinha razão. Desde que nascera, ele fora

educado na crença de que a responsabilidade do homem e o seu único propósito era o de prover às necessidades das mães com os seus filhos, sobretudo o de uma mulher que tinha sido abençoada com uma criança que, por misteriosas vias, havia absorvido o seu espírito. Mas Thonolan estava resolvido a partir e ele insistira em acompanhá-lo, temendo que o irmão pudesse praticar algum desatino. A relação entre os dois continuava tensa e difícil.

Jondalar não sabia muito bem como despedir-se de Serenio, quase tinha medo de encará-la. No entanto, no momento em que se curvou para beijá-la, ela tinha um sorriso no rosto. Não se permitiu qualquer demonstração maior de sentimentos, apenas os olhos estavam um pouco inchados e vermelhos. Ao procurar por Darvo, ele ficou desapontado por não vê-lo entre as pessoas que vieram até o cais. Quase todo mundo se encontrava lá. Quando Jondalar entrou no barco e se sentou no banco traseiro, Thonolan já estava instalado. Carlono desatou a corda e ele suspendeu o remo. Ao dar uma última olhada para o terraço em cima, viu um menino perto da beirada do penhasco, usando uma camisa que ainda levaria alguns anos para servir-lhe, mas de modelo inconfundível. Uma camisa zelandonii, sem dúvida. Jondalar sorriu e acenou com o remo. Darvo retribuiu-lhe, e ele então mergulhou o remo de duas pás na água.

Os dois irmãos ganharam a corrente central e viraram a cabeça, olhando pela última vez o cais e os amigos que lá haviam deixado. Será que algum dia ainda tornariam a ver os sharamudoi, ou pelo menos algum deles? Perguntava-se Jondalar quando começaram a descer o rio. A viagem que se tinha iniciado como uma aventura - um pouco contra a sua vontade - cada vez mais perdia interesse e mais ele se via afastado de casa. O que esperava Thonolan encontrar nessa sua

caminhada para o leste? E o que o estaria aguardando nessas paragens?

A grande garganta do rio foi prenunciada por um céu pesado e sombrio. Blocos de rocha nua brotavam da água, fazendo altas bordas-falsas dos dois lados da embarcação. Na margem esquerda uma série de muralhas rochosas e pontiagudas formava um relevo acidentado que se alteava até os longínquos picos gelados. Na da direita, as montanhas de topos arredondados - erodidos e sem vida - davam a ilusão de meras colinas, mas que vistas do pequeno barco pareciam de uma altura formidável, Os enormes blocos e pontas de pedra vinham à superfície, dividindo o rio que redemoinhava em caracóis de água cristalina.

Os dois estavam lá como se fizessem também parte do meio em que viajavam, impulsionados tal como os detritos flutuando sobre as suas cascas ou as vasas nas profundezas silenciosas. Eles não controlavam nem a velocidade nem a direção. Quando muito, contornavam algum obstáculo à frente. No ponto em que o rio se alargava, com quase dois quilômetros entre as margens, ele era como um mar com ondas altas que jogavam a embarcação para o fundo. Depois, voltou a estreitar-se e os dois sentiram uma mudança na força quando o fluxo das águas começou a encontrar resistência. A correnteza ficara muito mais forte já que o mesmo volume de água era agora obrigado a passar por uma estreita garganta.

Eles já haviam feito mais de um quarto do caminho, quando a chuva que há algum tempo ameaçava despencou num tremendo temporal, açoitando as ondas para o interior da pequena embarcação. Não havia nenhuma praia à vista, apenas rochedos íngremes e molhados.

- Eu posso dirigir, enquanto você retira a água do barco, Thonolan - falou Jondalar. Até então haviam

conversado pouco, mas a animosidade entre os dois desaparecera depois que passaram a remar ritmicamente para manter o barco no rumo certo.

Thonolan recolheu o seu remo e, com um recipiente de madeira, pareci do a uma caçamba, se pôs a esvaziar o barco.

- Entra mais água do que a que consigo tirar - falou gritando, com a cabeça voltada para trás.

- Essa chuva não deve demorar. Se você conseguir manter um certo equilíbrio, acho que podemos sair dessa - respondeu Jondalar, lutando contra o tumulto das águas.

O temporal cedeu. As nuvens continuavam ameaçadoras, mas conseguiram passar pela garganta sem maiores atropelos.

Igual a um cinto muito apertado que é desamarrado, o rio lamacento e regurgitando se espalhava ao atingir a planície. Canais serpenteavam ao redor de ilhas de salgueiros e juncos, formando esplêndidos viveiros de gansos, garças, cegonhas, patos e um número infindável de outros pássaros.

A primeira noite eles acamparam em meio à relva da pradaria à margem esquerda. A base dos picos alpinos começava a afastar-se da margem, mas as montanhas arredondadas da margem direita continuavam a dirigir o curso do Grande Rio Mãe para o leste.

Jondalar e Thonolan entraram tifo rapidamente na rotina da viagem que era como se não tivessem vivido aquele número de anos com os sharamudoi. No entanto, o clima já não era o mesmo. Desaparecera o alegre espírito de aventura que antigamente os animava, quando iam procurar qualquer coisa que estivesse atrás de uma curva, movidos simplesmente pelo prazer de uma descoberta. O dinamismo de Thonolan era agora qualquer coisa que chegava às raias do desespero.

Jondalar tentara uma segunda vez falar na possibilidade de voltarem, mas acabaram numa acirrada discussão, e depois disso preferiu não tocar mais no assunto.

Quando conversavam era quase exclusivamente para troca de informações. Só restava a Jondalar esperar que o tempo aplacasse a dor de Thonolan. Algum dia talvez ele resolvesse voltar para casa e, então, seria possível reassumir a sua vida. Enquanto isto não acontecesse, Jondalar estava firmemente decidido a permanecer ao seu lado.

Eles viajavam multo mais rapidamente descendo o rio na piroga do que se tivessem vindo caminhando pela margem. Levados pela corrente, facilmente ganhavam velocidade. Tal como Carlono dissera, o rio virava para o norte quando chegava à barreira formada pelas montanhas de topo arredondado, muito mais antigas do que a cadeia ao redor da qual o rio fluía. Mesmo diminuídas pela avantajada idade, essas montanhas representavam um obstáculo para o rio no seu afã de alcançar o mar interno.

Inibido no seu curso, ele procurava outro rumo. A estratégia para o norte funcionava, pelo menos até o ponto onde fazia a última de suas curvas na direção do leste, quando então mais outro grande rio vinha dar a sua contribuição de água e limo para a já sobrecarregada Mãe. Com o caminho, por fim, desimpedido, um só curso não lhe era mais suficiente. Embora ainda tivesse muitos quilômetros a percorrer, o grande rio novamente tornava a dividir-se em vários canais num delta em forma de leque.

O delta era um pântano de areia movediça, charcos de água salgada e pequenas ilhas instáveis. Algumas dessas ilhotas lodosas permaneciam lá um certo número de anos, o tempo para que pequeninas árvores pusessem algumas raízes de fora que seriam minadas pelas

infiltrações no terreno ou carregadas pelas inundações sazonais. Quatro canais - dependendo da estação e das circunstâncias - seguiam para o mar, mas os seus cursos eram variáveis. Sem qualquer razão aparente, a água, subitamente, safa de um leito estabelecido para um novo curso, destroçando a vegetação e deixando atrás um sumidouro de areia movediça.

O Grande Rio Mãe, depois de percorrer cerca de 1.200km, havia praticamente chegado ao seu destino. No entanto, o delta com suas centenas de quilômetros de lama, vasas, areia e água era o ponto mais perigoso ao longo de todo o percurso.

Enquanto seguiam pelas partes mais fundas dos canais à esquerda os dois não tiveram muita dificuldade de manobrar a piroga. A correnteza os levou ao redor da curva e botou a pequenina embarcação no rumo do norte. Mesmo quando surgiu o último dos grandes tributários, este os arrastou para a cor rente central. Mas eles não perceberam a tempo que o rio logo se dividiria em canais e, antes que se dessem conta, foram varridos para um canal do meio.

Jondalar conseguira uma certa perícia no manejo do pequeno barco. Thonolan, menos, mas os dois estavam muito aquém dos experientes barqueiros ramudoi. Eles tentaram virar a piroga e retroceder na contracorrente para entrarem no canal desejado. O certo seria se tivessem invertido a direção em que vinham remando, pois a forma da proa e da popa não diferia muito, mas nem chegaram a pensar nesta possibilidade.

Ficaram com o barco atravessado na corrente. Jondalar gritava para Thonolan, cada vez mais impaciente, que ele fizesse força para mudar a direção da proa. Nisso, um enorme tronco encharcado, com uma parte submersa e cheio de raízes, veio descendo pelo rio. As raízes arrebanhavam tudo que houvesse em seu

caminho. Quando os dois perceberam, já era tarde demais.

Com estrondo, a ponta dentada do enorme tronco - quebradiça e enegrecida no ponto onde um raio a partira - enterrou-se na fina amurada da piroga. A água logo começou a entrar pelo furo feito no costado. No momento em que foram atingidos, uma das raízes que se achava pouco abaixo da superfície bateu nas costas de Jondalar, derrubando-o. Ele ficou lívido de dor. Uma outra raiz, que por pouco não pegou os olhos de Thonolan, lhe deixou um arranhão no rosto.

Subitamente, imersos na água fria, os dois agarrados ao tronco, viram,desolados, o pequeno barco com todos os seus pertences afundar-se em meio às bolhas de água.

Thonolan, que ouvira o gemido de dor de seu irmão, perguntou:

- Você está bem, Jondalar?

- Uma raiz me pegou nas costas e está doendo um bocado, mas acho que não é nada sério.

Com Jondalar atrás, seguindo vagarosamente, Thonolan começou a abrir caminho por entre as raízes, mas a força da correnteza os arrastava, junto com os entulhos, de volta para o centro do tronco. Inesperadamente, o enorme toco chocou-se contra um banco de areia submerso. As águas fluindo ao redor e por entre as aberturas da teia de raízes trouxe à tona os objetos que se achavam presos, sob o tronco. O cadáver de uma rena, inchado de água, surgiu na frente de Jondalar. Morto de dor, ele tratou de sair de lá.

Uma vez desvencilhados do tronco, nadaram para uma ilhota no meio do canal. Lá havia alguns pés de salgueiro, pelo menos enquanto as inundações não os arrancasse. As árvores próximas da margem já estavam parcialmente submersas, afogadas, sem nenhum broto primaveril nos galhos e com as raízes se desprendendo,

dobrando-se sobre as corredeiras. O chão era um charco esponjoso.

- Acho que devemos prosseguir para ver se arrumamos um lugar mais seco - falou Jondalar.

- Você está sentindo um bocado de dor. Não me venha dizer que não, porque sei que está.

- Mas nós não podemos ficar aqui - disse Jondalar, admitindo.

Eles se meteram dentro da água fria, pondo-se a atravessar o estreito banco de areia junto da ilhota. A correnteza estava mais forte do que tinham imaginado e só depois de serem arrastados para um ponto bem baixo no canal é que foram encontrar terra seca. Mas então, desapontados, sentindo frio e cansaço, perceberam que tinham ido dar numa outra ilhota. Era mais larga e comprida, apenas pouco acima do nível do rio, mas igualmente encharcada e sem lenha seca.

- Não vamos poder fazer uma fogueira aqui - falou Thonolan. - Te mos de ir em frente. Onde Carlono disse que era mesmo o acampamento mamutoi?

- Na ponta norte do delta, perto do mar - respondeu Jondalar, olhando, ansioso, nessa direção. A dor em suas costas aumentara e ele não tinha muita certeza se conseguiria nadar através de outro canal. Tudo que se achava à vista eram cursos de água encapelada, montes de detritos e alguns punhados de árvores formando uma pequenina ilha aqui e ali. - Impossível dizer a que distância está daqui - acrescentou.

Eles começaram a patinar pelo lamaçal indo no rumo do norte e depois afundaram outra vez dentro da água. Jondalar reparou num grupo de árvores mais abaixo no canal e se dirigiu para lá. Cambaleantes, respirando com dificuldade, subiram para uma praia de areia cinzenta, situada na extremidade do canal. A água escorria-lhes das longas cabeleiras e caía sobre as vestes de couro, encharcadas.

O sol da tarde filtrava-se por uma rachadura nas nuvens escuras, pondo um brilho dourado na paisagem, mas pouco servia para aquecer. Uma súbita rajada de vento soprada do norte rapidamente atravessou-lhes as roupas molhadas, deixando-os gelados. Até então a atividade mantinha-os aquecidos, mas o esforço despendido acabou desgastando-lhes as reservas. Tremendo com o vento frio, arrastaram-se até o mirrado bosquete de amieiros.

- Vamos acampar aqui - falou Jondalar.

- Ainda está claro, prefiro continuar.

- Até conseguirmos arrumar um abrigo e fazer uma fogueira já vai ser de noite.

- Se continuarmos, há probabilidade de encontrarmos o acampamento mamutoi antes que escureça.

- Thonolan, tenho a impressão de que não vou conseguir.

- Como é que está este machucado?

Jondalar suspendeu a sua túnica de couro. O ferimento nas costas começava a mudar de cor ao redor de um talo que sem dúvida tinha sangrado e depois fechado com a água fria. No couro, havia um furo. Ele não sabia se estaria ou não com alguma costela partida.

- Até que eu gostaria de descansar um pouco e acender uma fogueira.

Olhando à volta, viram uma grande extensão de água lamacenta, bancos de areia movediça e uma vegetação profusa e emaranhada. Os galhos enreda dos uns nos outros procuravam apoiar-se em qualquer coisa que existisse no chão escorregadio, tentando resistir à correnteza que os arrastava para o mar. A certa distância de onde se achavam, havia alguns arbustos verdes e um pequeno arvoredo plantado em ilhotas estáveis.

Caniços e vegetação de brejo prendiam-se em qualquer lugar onde fosse possível enraizamento. Perto, uma moita de juncos com um metro de altura, cujas folhas graminiformes pareciam mais resistentes do que de fato eram, equiparava-se em tamanho aos cálamos de folha reta e em forma de espada, crescendo entre espigas de gramíneas que mal tinham dois centímetros de comprimento. No pântano perto da beirada da água, cavalinhas, taboas e juncos, com mais de três metros de altura, sobrepunham-se aos homens e, pairando acima de tudo, os caniços de folhas duras e penachos vermelhos.

Thonolan e Jondalar tinham apenas a roupa que vestiam. Haviam perdi do tudo quando o barco afundou, até mesmo os baús que os acompanhavam desde o início da viagem. Thonolan adotara a vestimenta dos shamudoi e Jondalar a variação que os ramudoi davam ao traje. No entanto, desde que ele afundara no rio, à ocasião de seu encontro com os cabeças-chatas, passara a trazer, atada ao cinto, uma sacola com ferramentas. Agora dava graças por ter tido a idéia.

- Vou ver se consigo um pedaço de junco velho para uma verruma de fazer fogo - falou Jondalar, tentando esquecer-se de sua dor nas costas. - Veja se consegue pegar alguma lenha seca.

Havia juncos velhos em quantidade mais do que suficiente para um pau de verrumar. Folhas compridas, entrelaçadas ao redor de uma armação de amieiro, fizeram uma coberta que ajudava a guardar o calor da fogueira. A folhas verdes da parte de cima da vegetação e raízes novas, assadas junto com os rizomas adocicados dos cálamos, serviram de entrada para o jantar. O tronco de um amieiro novo, afiado numa das pontas e atirado com a precisão que a fome impunha, lhes rendeu dois patos. Em seguida eles teceram, com os talos compridos e macios da taboa, esteiras flexíveis que usaram para

aumentar a cobertura em cima deles e para se cobrirem enquanto as roupas secavam. Mais tarde, usaram-nas para forrar o chão e dormir.

Jondalar não dormiu bem. Sentia as costas doendo. Sabia que por dentro alguma coisa estava quebrada, mas não lhe era possível pensar nisso agora. Primeiro, eles tinham de encontrar um caminho que os levasse a alguma terra firme.

Pela manhã, pescaram peixes com cestas feitas de folhas de taboa, galhos de amieiro e cordas de Libras vegetais. Depois de alimentados, enrolaram os materiais de fazer fogo e as cestas dentro das esteiras, ataram-nas com cor das, puseram a tralha nas costas, apanharam as lanças e se puseram a caminho. As lanças não passavam de pedaços de paus pontudos, mas já haviam garanti do a eles uma refeição e as cestas de pescar uma outra. A sobrevivência dependia da sabedoria e também de como se achassem equipados.

Os dois irmãos tinham uma pequena divergência de opinião a respeito de que direção tomar. Thonolan achava que haviam atravessado o deita e que ria ir para o leste, no rumo do mar- Jondalar para o norte. Estava certo de que ainda havia um outro canal a ser atravessado. Concordaram em seguir na direção nordeste. Jondalar provou estar certo, embora ele tivesse preferido que, desta vez, estivesse errado. Por volta do meio do dia eles chegaram ao canal que se localizava mais ao norte do grande rio.

- Vamos ter de nadar outra vez - falou Thonolan. - Será que consegue?

- E que mais posso fazer?

Eles se encaminharam para a água. De repente, Thonolan parou.

- Por que não amarramos nossas roupas como costumávamos fazer? Assim não vamos ter de ficar esperando que sequem depois.

- Tenho minhas dúvidas. Ainda que molhadas, as roupas sempre ajudam a aquecer um pouco - Thonolan vinha se mostrando mais razoável, embora a sua voz denotasse irritação e amargura. - Mas se é como você quer... - disse Jondalar, encolhendo os ombros e condescendendo.

Nus, de pé, sentiam-se gelados com o ar frio e úmido. Jondalar ficou tentado a atar a sua sacola de ferramentas ao redor da cintura, mas Thonolan já estava enrolando-a na túnica e amarrando tudo numa tora que encontrara. Nunca ele sentira tanto frio como quando a água lhe tocou no corpo nu e, se não cerrasse fortemente os dentes, teria gritado no momento em que se viu mergulhado. No entanto, a água gelada de certa forma amortecia a sua dor. Enquanto nadava, procurava proteger as costas, seguindo devagar atrás de Thonolan, que se encarregara de puxar a tora.

Ao saírem da água, arrastando-se para um banco de areia, a foz do Grande Rio Mãe - o destino inicial da viagem - ficou à vista. Lá estavam as águas do mar interno. Mas não houve a emoção esperada. A viagem perdera o propósito e o fim do rio há muito deixara de ser o objetivo. Além do mais, eles não estavam ainda em terra firme, O deita ainda não fora vencido. Eles se encontravam num banco de areia que, em outros tempos, havia sido o leito de um canal deslocado para um outro lugar. Faltava-lhes ainda cruzar aquele antigo rego de água.

Uma ribanceira arborizada, cheia de raízes pendurando-se da terra, no ponto onde outrora as águas escavaram a margem, acenava-lhes convidativamente. No entanto, não fazia muito tempo que aquele canal desaparecera. A água ainda enlameava a terra no meio do leito vazio e a vegetação mal tinha enraizado. Os insetos já haviam descoberto as poças de água estagnada e um enxame de mosquitos atacava os dois.

Thonolan desamarrou as roupas do tronco.

- Ainda temos de passar por esse charco e a margem está muito enlameada. É melhor atravessarmos primeiro para depois pormos a roupa.

Jondalar balançou a cabeça concordando. A sua dor era muito forte para pensar em discutir naquele momento. A sua impressão era a de que, enquanto nadava, alguma coisa se havia deslocado dentro dele.

Thonolan desceu a pequena rampa que anteriormente fazia o declive da margem para o rio, batendo nos mosquitos que o mordiam.

Os dois haviam sido bastante avisados para jamais dar as costas ao Grande Rio Mãe. Aquele canal, embora estivesse abandonado, ainda pertencia à Mãe. Mesmo ausente, ela se fazia notar pelas surpresas que largava atrás de si. As centenas de toneladas de vasas que todos os anos eram carreadas para o mar se espalhavam pela área do deita de mais de mil quilômetros quadrados. O canal vazio, sujeito às inundações causadas pelas marés, era um pântano de água salgada de pouca drenagem. A relva e o junco, recém-brotados, achavam-se enraizados no barro úmido e lodoso.

Os dois escorregaram pela rampa, patinando na lama de torrões finos e pegajosos. Ao tocarem o chão plano, os seus pés nus sumiam no meio do barro. Thonolan corria à frente, esquecido de que Jondalar não estava em condições de dar as suas costumeiras passadas largas. Podia andar, mas a descida pela lama escorregadia fora muito penosa. Com cuidado, procurava onde pôr os pés, sentindo-se um tanto tolo em estar andando nu pelo pântano, oferecendo a sua delicada pele à gana insaciável dos insetos.

Thonolan distanciara-se tanto que Jondalar estava prestes a gritar, chamando-o. Então, justo no momento em que ia fazê-lo, ouviu um grito pedindo socorro e Thonolan afundando no chão. Esquecendo-se da dor,

correu a acudi-lo. O medo tomou conta dele ao dar com o seu irmão se debatendo dentro de um pântano de areia movediça.

- Thonolan! Oh, Mãe! - gritou Jondalar, precipitando-se na sua direção.

- Afaste-se, senão você vai afundar também!

Quanto mais Thonolan lutava para sair do lodaçal, mais depressa se enterrava.

Jondalar, inteiramente desvairado, olhava ao redor, procurando por qualquer coisa que servisse para puxar Thonolan. “A camisa! Podia atirá-la para que Thonolan agarrasse numa das suas extremidades”, pensou. Mas lembrou-se então que era impossível. A trouxa de roupas sumira. Ele abanou a cabeça. Os seus olhos bateram no toco de uma velha árvore, meio enterrada no barro. Correu para arrancar urna das raízes, mas as que poderiam servir há muito foram arrancadas pela violência das águas a caminho do mar.

- Thonolan, onde está a trouxa de roupas? Preciso de uma coisa para puxá-lo daí.

O desespero na voz de Jondalar teve efeito contraproducente. F.coou no pânico de Thonolan de modo a lembrá-lo de seu sofrimento, levando-o a uma atitude de plácida aceitação.

- Jondalar, já que a Mãe está querendo me levar, vamos deixar que ela satisfaça o seu desejo.

- Não! Thonolan, não! Você não pode desistir. Você não pode morrer. Oh, Mãe, oh, Grande Mãe, não o deixe morrer assim - Jondalar caiu de joelhos e estendeu a mão com o corpo todo esticado. - Pegue a minha mão. Por favor, Thonolan, segure a minha mão - implorava.

Thonolan, surpreso, viu a dor e o sofrimento estampados no rosto de seu irmão e também enxergou alguma coisa mais, algo que já vislumbrara de for ma breve e passageira. Naquele momento conscientizou o amor de seu irmão por ele, um amor tão grande quanto

o dele por Jetamio. Não era a mesma coisa, mas um amor igualmente forte. O entendimento se fez a nível do inconsciente, por intuição. Sabia que, mesmo que não conseguisse sair do atoleiro, tinha de apertar a mão de Jondalar.

Sem o saber, quando ele parou de debater-se, passou a afundar mais lentamente. Ao esticar o corpo para alcançar a mão de Jondalar, se pusera em posição mais horizontal, espalhando o peso sobre a areia molhada e solta, ficando quase como se flutuando. Ele esticou o braço até tocar os dedos de Jondalar que, por sua vez, avançou com o corpo até conseguir agarrar a mão de Thonolan.

- Por aqui! Segure-o direito! Já estamos chegando - falou alguém em mamutoi.

Jondalar soltou a respiração, deixando a tensão esvair-se dele. Percebeu que tremia, mas viu que tinha Thonolan firmemente preso. Em poucos instantes, uma corda lhe foi passada para que a atasse à mão do irmão.

- Agora, reine - disse alguém para Thonolan. - Estique o corpo como se estivesse nadando. Você sabe nadar?

- Sei.- Ótimo! Muito bem! Deixe o corpo bem relaxado que nós fazemos o resto.

Algumas mãos arrastaram Jondalar da beijada do pântano e momentos depois Thonolan também já estava do lado de fora. Todos, então, passaram a seguir uma mulher que caminhava fincando o chão com uma longa vara, de modo a evitar buracos traiçoeiros. Só depois que chegaram a um terreno firme é que alguém notou que os dois homens estavam inteiramente nus.

A mulher que conduzira a operação de resgate jogou a cabeça para trás, examinando-os. Ela era grande, não tanto pela altura ou gordura, mas, antes, pelo físico corpulento e a aparência majestosa.

- Por que estão nus? - perguntou ela, depois de algum tempo. O que estariam fazendo aqueles dois homens por ali, inteiramente nus?

Jondalar e Thonolan olharam para os seus corpos nus e borrados de lama.

- Entramos no canal errado e uma tora chocou-se contra o nosso barco- começou Jondalar. Ele se sentia desajeitado, sem conseguir manter uma certa dignidade.

- Depois disso, tivemos de tirar as roupas para que elas secassem, então achei que o melhor seria se vestíssemos depois de havermos atravessado o canal e passado por esse pântano de lama. Eu ia na frente, carregando a trouxa, porque Jondalar estava ferido e...

- Ferido? Quem está ferido? - perguntou a mulher.

- Meu irmão - respondeu Thonolan.

Ouvindo isto, Jondalar lembrou-se de seus machucados, que passaram a latejar dolorosamente.

A mulher reparou na sua palidez.

- Ele precisa ser examinado por um mamute - falou ela, dirigindo-se a um de seus acompanhantes. - Vocês não são mamutoi. Onde aprenderam a falar a nossa língua?

- Com uma mulher mamutoi que está vivendo com os sharamudoi. Ela é minha parenta.

- Tholie?

- Você a conhece?

- Ela também é minha parenta. É filha de um primo meu. Se você é parente de Tholie, então é meu parente também - disse a mulher. - Meu nome é Brecie dos Mamutoi, chefe do Acampamento dos Salgueiros. Os dois são bem-vindos.

- Eu sou Thonolan dos Shararnudoi e esse é o meu irmão, Jondalar dos Zelandonii.

- Ze-lan-do-ni-i? - repetiu Brecie. - Nunca ouvi falar desse povo. Se são irmãos, como é que um é sharamudoi e outro... zelandonii? Ele parece estar passando mal -

disse ela, deixando a conversa para outra ocasião. - Ajudem o rapaz, não sei se ele pode andar - acrescentou, se dirigindo a alguns companheiros.

- Acho que posso - falou Jondalar, subitamente tonto de dor. - Se não for muito longe daqui...

Mas ele deu graças quando um dos homens mamutoi se adiantou para segurá-lo por um braço e Thonolan pelo outro.

- Jondalar, eu já teria ido embora há muito tempo se não tivesse pro metido a mim mesmo que iria esperar até que você estivesse em condições de viajar. Bom, eu estou de partida e acho que você deveria voltar para casa... mas não quero discutir.

- Por que você quer ir para o leste, Thonolan? Já chegou à foz do Grande Rio Mãe e o Mar Beran está a dois passos daqui. Por que não voltamos agora?

- Eu não estou indo para o leste e sim para o norte, ou mais ou menos nesta direção. Brecie falou que em breve eles vão para o norte caçar mamutes. Vou prosseguir em frente. Pretendo bater num outro acampamento mamutoi. Não voltarei para casa, Jondalar. Seguirei até que a Mãe resolva me levar.

- Não fale assim! Parece que deseja morrer - disse Jondalar gritando e já arrependido do que dissera, temendo que essa possibilidade pudesse concretizar-se só pelo fato de ele admiti-la.

- E se for assim? Por que eu vou querer sem... Jetamio? - falou com a voz embargada e o nome soluçando baixinho.

- Antes de encontrá-la, porque queria viver? Você é moço, Thonolan. Tem uma longa vida pela frente, novos lugares para conhecer e muitas coisas diferentes ainda para ver. Dê a você uma segunda chance de conhecer uma outra mulher como Jetamio - disse Jondalar, implorando.

- Você não pode entender... porque nunca esteve apaixonado. Não há outra mulher como Jetamio.

- Então pretende segui-la até o mundo dos espíritos e me arrastar com você, não é? - ele não gostava de falar assim, mas apelava para o sentimento de culpa de Thonolan, o que talvez fosse uma maneira de mantê-lo vivo.

- Você está me acompanhando porque quer. Por que não volta para casa e me deixa em paz?

Thonolan, todo mundo sofre quando perde uma pessoa que ama muito, mas ninguém vai para o outro mundo por causa disto.

- Algum dia você vai passar por isto também. Algum dia você vai saber que quando se ama muito uma mulher é melhor passar para o outro mundo do que viver neste sem ela.

- Mas se isto acontecesse comigo, você me largaria sozinho? Se eu quisesse morrer porque perdi alguém que amava, você me abandonaria? Agora me diga uma coisa: você seria capaz de voltar para casa, sabendo que eu estava sofrendo e passando por um momento dificílimo na vida?

Thonolan olhou para o chão e depois dentro dos olhos azuis e preocupados de seu irmão.

- Não. Acho que se soubesse que você estava passando por um momento muito difícil eu não o abandonaria. Mas entenda, Jondalar - ele tentou esboçar um sorriso que ficou como uma careta em seu rosto amargurado - se eu resolver passar o resto de minha vida viajando, você vai querer fazer isto também? Você já está farto de viajar e um dia terá de voltar para casa. Agora, me diga: se fosse eu quem quisesse ir para casa e você não, acho que iria querer que eu fosse, não é?

- Sim, iria. Quero que você vá para casa logo, Thonolan. Não porque algum de nós queira, mas porque

você precisa de sua Caverna, de sua família e das pessoas que o amam e que conheceu a vida inteira.

- Você não entende. Essa é uma das coisas que nos fazem diferente um do outro. A Noria Caverna dos Zelandonii é o seu lar e sempre o será, mas quanto a mim, o meu lar é onde eu estiver. Sou tanto sharamudoi quanto já fui zelandonii. Deixei a Caverna e as pessoas que amava, da mesma forma que a minha família zelandonii. Isso não quer dizer que não fique imaginando se Joharran já tem crianças em sua casa ou se Folara cresceu tão bonita quanto prometia. Bem que gostaria de voltar para contar a Willomar as nossas aventuras e saber quais os planos dele para a próxima viagem. Ainda me lembro da minha excitação quando ele voltou de uma delas. Fiquei ouvindo as suas histórias e sonhando em poder também viajar. Você se lembra que ele trazia um presente para cada uma das pessoas quando chegava das viagens? Para mim, para Folara e para você também. E sempre alguma coisa muito bonita para a mãe. Quando você voltar leve também um presente bonito para ela.

Ouvindo esses nomes familiares, Jondalar foi invadido por saudosas recordações.

- Por que você mesmo não leva alguma coisa bonita para ela? Não acha que a mãe gostaria de vê-lo outra vez, Thonolan?

- A mãe sabia que eu não iria voltar. Ela, no momento de partirmos, me desejou só boa viagem e não disse até à volta. Mas você, Jondalar, deu mais aborrecimentos para Marona do que eu.

- Por que iria ela estar mais aborrecida comigo do que com você?

- Porque sou filho da casa de Willomar e ela sabia que eu deveria ser um viajante. Talvez não gostasse da idéia, mas compreendia. Ela conhecia bem os filhos que teve... Foi por isso que designou Joharran para sucedê-la

como chefe. Ela sabe que você é um zelandonii. Se fizesse a viagem sozinho, ela não teria dúvidas de sua volta, mas você partiu comigo e não vou voltar. Eu não sabia disto quando iniciamos a viagem, mas acho que ela sim. A mãe gostaria de vê-lo de volta, Jondalar. Você é o filho da casa de Dalanar.

- E que diferença faz isso? Há anos que os dois romperam os laços. O que não impede, é verdade, de serem bons amigos quando se encontram nas reuniões de verão.

- Agora pode ser que sejam simplesmente amigos, mas as pessoas ainda falam de Marthona e Dalanar. O amor dos dois deve ter sido qualquer coisa de muito especial para ser lembrado tanto tempo depois e você, como filho da casa dele, é tudo que ela tem para recordar desse período. Você tem de voltar, porque nunca deixará de ser um zelandonii. Ela sabe disso e você também. Prometa que um dia voltará, meu irmão.

Era difícil prometer o que Thonolan pedia. Tanto se continuasse a viagem ou se resolvesse voltar, estaria se dando por vencido. Enquanto não se comprometesse, a sua sensação era a de que ainda poderia conseguir as duas coisas. Na promessa de regressar estava implícito que Thonolan não voltaria com ele.

- Prometa, Jondalar.

- Prometo - condescendeu. - Algum dia voltarei para casa.

- Afinal, meu irmão - falou Thonolan, sorrindo - alguém tem de contar para eles que conseguimos atingir o ponto final do Grande Rio Mãe. Como não estarei lá, isso terá de ficar a seu cargo.

- Por que não vai estar lá? Você poderia vir comigo.

- Acho que a Mãe teria me levado naquele pântano se você não estivesse lá para implorá-la. Não posso fazer com que compreenda isso, Jondalar, mas sei que ela em breve virá me buscar e eu quero ir.

- Você está tentando um jeito de se matar, não é?

- Não, irmão - Thonolan sorriu. - Tentando não. Simplesmente eu sei que a Mãe não irá demorar para vir à minha procura e queria que você soubesse que estou preparado para quando chegar o momento.Jondalar sentiu um nó apertando-se na garganta. Desde o acidente no pântano de areia movediça, Thonolan tinha uma absurda certeza de que não viveria por muito mais tempo. Ele sorria, mas não com o mesmo sorriso de antigamente. Jondalar preferia antes vê-lo com raiva do que nessa atitude de cal ma aceitação. Não havia desafio nele, nenhum desejo de viver.

- Você não acha que estamos em dívida com Brecie e com o Acampa mento dos Salgueiros? Eles nos têm dado comida, roupa, armas, tudo enfim. Está pretendendo aceitar todas essas coisas sem dar nada em troca? - Jondalar queria provocar raiva no irmão e saber se ainda lhe restava alguma manifestação de vida. Ele se sentia ludibriado com a promessa que livrara Thonolan de sua última obrigação. - Você está certo de que a Mãe lhe reservou um destino e que por isso pode parar de pensar nos outros e em tudo mais, não é? Só você tem importância, apenas a vontade de Thonolan importa.

Thonolan sorriu. Compreendia a raiva de Jondalar e não tinha por que culpá-lo. Como teria ele próprio reagido se Jetamio houvesse anunciado antecipadamente a sua morte?

- Jondalar, eu quero lhe dizer uma coisa. Nós éramos muito amigos e...

- E não somos mais?

- Claro que somos. Comigo você pode desabafar e dizer tudo o que pensa, mas não precisa ser perfeito durante todo o tempo, sempre tão obsequioso e...

- Sei, eu sou tão bom que nem Serenio me quis para companheiro - falou com sarcasmo e amargor.

- Ela sabia que iríamos partir, por isso não quis afligir-nos ainda mais. Se você a tivesse pedido a mais tempo, ela teria aceitado ser a sua companheira. E mesmo quando a pediu, Jondalar, se você tivesse insistido um pouco mais, ela não teria recusado, mesmo sabendo que não a amava. Foi você quem recusou e não ela.

- Então como você pode dizer que sou tão perfeito? Juro, Thonolan, eu queria amar Serenio.

- Eu sei que queria. Aprendi uma coisa com Jetamio e gostaria que você também soubesse disto. Quando uma pessoa quer apaixonar-se, ela não pode ter reservas, tem de estar aberta e assumir todos os riscos. Às vezes pode mos nos machucar, mas se não for assim nunca seremos felizes. Talvez a mulher que encontrou não fosse aquela por quem esperava apaixonar-se. Mas não importa, você deveria amá-la exatamente pelo que ela é.

- Eu estava querendo saber por onde andavam - falou Brecie, aproximando-se dos dois. - Programei uma pequena festa de despedida para vocês, já que estão decididos a partir.

- Eu me sinto em dívida com você, Brecie .- disse Jondalar. - Afinal, vocês cuidaram de mim e nos deram tudo. Não está direito irmos embora sem deixarmos alguma coisa em retribuição.

- Já fomos mais do que pagos pelo seu irmão. Enquanto você ficou parado convalescendo de seus ferimentos, ele não deixou de caçar um só dia. Ele é um caçador de sorte, apesar de se arriscar demais. Vocês vão embora sem nos dever coisa alguma.

Jondalar olhou para o irmão, que sorria para ele.

Capítulo 19

A primavera no vale era uma flamejante explosão de cores, onde predominava o verde vernal. No entanto, uma mudança no tempo chegara para alarmar e diminuir o costumeiro entusiasmo de Ayla pela estação. Depois de fazer uma entrada tardia, o inverno se impôs duramente, com pesadas nevascas. E agora as primeiras inundações da primavera, com uma violência desmedida, carregavam o gelo derretendo-se.

Emergindo pela estreita garganta a montante do rio, a torrente de água chocava-se com tamanha força contra a ponta do penhasco que, em cima, a caverna de Ayla chegava a sacolejar. O nível das águas estava prestes a atingir o patamar. Ayla preocupava-se com Huiin. Ela, se necessário, poderia ir até as estepes, mas para um cavalo, sobretudo para uma égua prenhe, a subida era pesada demais. Ansiosa, passava os dias observando o rio cada vez mais al to, revolvendo-se em ondas que batiam no paredão para depois voltarem redemoinhando ao redor da parte exterior da borda. A jusante, metade do vale achava-se submerso e o matagal ao longo do curso usual do pequeno rio estava completamente inundado.

Certa noite, quando as inundações estavam no seu auge, Ayla pulou da cama, acordada por um barulho surdo, parecido a um trovão, vindo do chão da caverna. Ela ficou petrificada. Só depois, quando as enchentes começaram a ceder, é que soube explicar. Um enorme bloco de pedra, colidindo contra o penhasco da caverna, desencadeara uma avalanche de ondas que penetraram pela rocha. Com o impacto, uma parte da barreira rochosa rompera-se, jogando um enorme pedaço do paredão dentro do rio.

Obrigado a achar um novo caminho de modo a contornar a obstrução de suas águas, o rio mudou o seu curso. A fenda na rocha trouxe uma passagem bastante conveniente, mas a praia agora estava mais estreita. Uma imensa pilha formada de ossos, madeiras e pedras tinha sido varrida de lá. O bloco de pedra, que parecia formado da mesma rocha que a garganta, fora alojar-se não muito distante do paredão da caverna.

Apesar de toda essa nova redistribuição da paisagem e das inúmeras plantas arrancadas pelas raízes, só as mais fracas sucumbiram. Quase toda a vegetação perene subitamente brotou de suas bem assentadas bases e novos rebentos passaram a encher os buracos vazios. Depressa, as feridas na rocha nua e na terra estavam cobertas, dando uma ilusão de perenidade. Não tardou muito a nova paisagem estar com um aspecto que parecia ter sido sempre o dela.

Ayla adaptou-se às mudanças em seu vale. Para cada pedaço de pedra ou de madeira a que estava acostumada dar um determinado uso, ela encontrou um substituto. No entanto o acontecimento deixou-a marcada. A sua caverna e o vale já não lhe inspiravam a mesma segurança. Em todas as primaveras ela passava por um período de indecisão, pois se tivesse de abandonar o vale e sair em busca dos Outros, isso teria de ser feito durante essa época do ano. Precisava, no caso de não encontrar ninguém, se dar tempo para a viagem e achar um novo lugar para passar o inverno.

Nessa primavera a decisão parecia mais difícil do que nunca. Após a doença, temia ser apanhada de surpresa pelo frio do final do outono ou do princípio do inverno e, por outro lado, a sua caverna já não lhe parecia tão segura quanto antes. A doença a tornara mais consciente dos perigos a que se achava exposta e do quanto necessitava da companhia de seres humanos. Mesmo depois de ter os seus animais de volta, sentia

que eles não bastavam para preencher o vazio de sua vida. Eram amigos e lhe respondiam, mas a comunicação não deixava de ser muito limitada. Ela não podia compartilhar idéias, relatar experiências, contar histórias, expressar admiração por alguma descoberta ou um novo feito. Ali não havia ninguém para lhe dar uma olhada de aprovação. Ninguém para aplacar os seus medos ou consolá-la de suas tristezas. No entanto, até que ponto estaria disposta a trocar a sua independência e liberdade pelo conforto da segurança e da companhia de outras pessoas?

Ela se dera conta da vida limitada que tinha levado, depois que provara o gosto da liberdade. Gostava de tomar as suas próprias decisões e nada sabia sobre o seu povo de origem, nada a respeito de sua vida antes de ir para o clã. Ignorava o quanto os Outros iriam exigir-lhe, sabia apenas que havia certas coisas que não estava disposta a ceder. Huiin era uma delas. Não iria pela segunda vez desistir do cavalo. Caçar não sabia se poderia tão facilmente deixar de fazê-lo, e rir? Será que iriam impedi-la disto?

Havia um problema bem maior que tornava todos os outros insignificantes. Mas deste ela procurava não tomar conhecimento. E se os Outros não a aceitassem? Um clã formado pelos Outros talvez não estivesse disposto a ter em seu meio uma mulher que insistia em possuir uma égua como companheira e que gostava de caçar e rir. No entanto, se ela desistisse de tudo e, ainda assim, eles a recusassem? Enquanto não os encontrasse, sempre havia alguma esperança. Mas o que seria dela se tivesse de viver toda a sua vida sozinha?

Estes pensamentos passaram a atormentá-la desde que os primeiros blocos de neve começaram a derreter-se. Agora, graças às circunstâncias, podia protelar a sua decisão. Não tiraria Huiin do vale, um lugar que ela tão bem conhecia, enquanto a égua não tivesse parido. Ela

sabia que, em geral, as crias de cavalos nascem em determinada época da primavera. Como curandeira, estava sempre de olho em Huiin. Já assistira diversos partos de mulheres para saber que a égua poderia entrar em trabalho de um momento para outro. Por isso nenhuma expedição de caça era empreendida, e só saía para pequenas cavalgadas, no intuito exclusivo de fazer um pouco de exercício.

- Acho que saímos do rumo daquele acampamento mamutoi, Thonolan. Andamos demais para leste - falou Jondalar. Eles seguiam o rasto de uma manada de gigantescos veados, pensando em refazer as suas provisões, que começavam a escassear.

- Eu não... Olhe! - disse Thonolan, apontando para um animal desconfiado. Era um enorme veado de chifres palmados que fazia uma armação de mais de três metros. Sem saber se o veado pressentira o perigo, Jondalar ficou à espera para ver se o animal soltava o seu bramido de alarme. Mas, antes que o animal tivesse tempo de emitir qualquer som, surgiu uma corça cor rendo diretamente para cima deles. Thonolan atirou a sua lança de ponta de pedra à maneira dos mamutoi, de modo a cravar a lâmina entre as costelas. A pontaria foi perfeita. A corça tombou quase junto de seus pés.

No entanto, antes que pudessem reivindicar o feito, descobriram o motivo do veado estar tão nervoso e porque a corça praticamente se oferecera à lança deles. Tensos, ficaram observando uma leoa da caverna galopando na direção de onde se achavam. Por um momento a fera pareceu confusa com o animal tombado no chão. Era algo inusitado. Um animal morto e não por ela. Mas não hesitou por muito tempo. Farejou a corça para se certificar de que estava realmente morta e a abocanhou pelo pescoço, passando a arrastá-la.

Thonolan ficou indignado.- Essa leoa miserável roubou a minha caça!- Essa leoa miserável também estava atrás do mesmo animal que você. E se acha que a corça lhe pertence, eu é que não vou discutir com ela.

- Pois eu vou.

- Não seja ridículo - falou Jondalar com desdém. - Você não vai conseguir tirar um veado da boca de uma leoa.

- Não vou desistir sem pelo menos tentar.

- Esqueça essa corça, Thonolan. Podemos encontrar uma outra caça - disse Jondalar, acompanhando o seu irmão que já ia em busca da leoa.

- Só quero ver para onde ela levou o animal. Deve ser uma leoa desgarrada, do contrário toda família já estaria aqui dando em cima do bicho. Acho que é nômade e que está arrastando a corça para algum lugar escondido dos outros leões. Podemos ver para onde ela foi. Em algum momento vai ter de afastar-se e, então, podemos pegar um pouco de carne fresca para nós.

- Eu é que não quero carne fresca tirada da boca de uma leoa da caverna.

- Mas essa carne não é dela. Eu é que cacei a corça. Além disso, a minha lança ainda está cravada no animal.

Inútil discutir. Eles seguiram a leoa até uma garganta sem saída. O chão estava coalhado de pedras caídas dos paredões. Ficaram observando. Como Thonolan havia previsto, a leoa pouco depois se afastou. Ele, então, se dirigiu para a garganta.

- Thonolan, não vá! Você não sabe quando essa leoa vai voltar.

- Vou apenas pegar a minha lança e um pouco de carne - ele se pôs a engatinhar por cima da beirada do penhasco, desprendendo cascalhos que caíam dentro da garganta. Jondalar, com relutância, ia atrás.

O território a leste do vale tomara-se tão conhecido que Ayla começou a fartar-se de estar lá, principalmente depois que deixara de caçar. Há dias fazia um tempo feio e chuvoso. Assim, quando, já pronta para montar, viu um sol quente dissolvendo as nuvens, não suportou a idéia de novamente estar batendo pelos mesmos terrenos.

Depois de amarrar as cestas e os paus que lhe serviam de jorrão, desceu com Huiin pelo íngreme caminho que ia dar na praia e contornou o penhasco. Ao invés de ir para as estepes, preferiu percorrer todo o vale. Ao chegar ao fim da campina, onde o rio virava para o sul, ela reparou na abrupta colina cascalhosa que uma vez escalara para ter uma visão do lado oeste. Para o cavalo, entretanto, era uma subida perigosa. Isso a animou a ir mais adiante para ver se havia alguma saída mais acessível para a parte oeste do vale. Enquanto prosseguia na direção sul, olhava ao seu redor, com ávida curiosidade, O território era novo para ela. “Por que nunca viera para aquelas bandas?” O alto paredão rochoso gradativamente convertia-se numa colina já menos alcantilada. Ao ver um ponto raso no rio, ela instigou Huiin a fazer a travessia.

A paisagem era a de um campo aberto, diferindo apenas em alguns de talhes que a tornavam mais interessante. Seguiu a cavalo até encontrar-se nu ma região um tanto acidentada com gargantas pedregosas e altiplanos abruptos e escarpados. Havia ido mais longe do que planejara. Estava perto de uma garganta pensando em voltar quando ouviu qualquer coisa que a deixou gelada, fazendo o seu coração disparar: o rugido trovejante de um leão da caverna e... um grito humano.

Ela parou, ouvindo as batidas de seu coração ressoar em seus ouvidos. Fazia tanto tempo que não escutava um som humano, Sim, era humano e qualquer coisa mais. Um som emitido por alguém de sua espécie. Tão assombrada estava que não conseguia raciocinar.

Havia apelo no grito... um grito de socorro. Mas ela não podia enfrentar um leão da caverna e nem expor a vida de Huiin.

Apesar de que a ordem dada a Huiin fosse, quando muito, um leve sinal sugerido pelo corpo, a égua lhe sentiu a aflição e se virou na direção do desfiladeiro. Ayla se aproximou devagar, desmontou e olhou dentro da garganta. Não havia saída, apenas uma muralha cascalhenta na outra extremidade. O leão rosnou, exibindo a sua juba avermelhada. Foi, então, que ela percebeu a atitude de Huiin, sem demonstrar nem um pouco de nervosismo. Ela sabia por que.

- Ora, é Neném! Aquele é Neném, Huiin! - imediatamente começou a correr para a garganta, esquecida de que talvez lá se achassem outros leões. Tampouco se lembrou de que Neném deixara de ser o seu jovial companheiro de caçadas e era agora um enorme e perigoso leão. Desse leão da caverna, não tinha medo.

Ela subiu por umas pedras salientes e foi ao seu encontro. Neném virou-se e rosnou.

- Pare com isto, Neném! - ordenou por meio de gestos que enfatizava com alguns sons. O leão ficou quieto e logo ela estava ao seu lado, tirando-o do caminho para ver o que ele apanhara. O animal estava mais do que acostumado com Ayla e a atitude dela era firme demais para que ele pensasse em resistir-lhe. Afastou-se, como sempre o fizera quando Ayla queria tirar-lhe da boca algum animal em cuja pele estava interessada, ou por desejar ficar com uma parte da carne para ela. Além do mais, Neném não estava com fome, pois já havia comido a gigantesca corça que a leoa lhe trouxera. Havia atacado apenas para defender o seu território e, mesmo assim, hesitara. Os humanos não faziam o seu gênero de caça. Tinham o cheiro muito

parecido ao da mulher que o criara, um cheiro que era tanto de mãe como de um bom companheiro de caçadas.

Havia dois deles lá, viu Ayla. Ela ajoelhou-se para examiná-los. Estava principalmente preocupada como curandeira, mas o seu espanto e curiosidade eram também enormes. Sabia que eram homens dos Outros, embora fossem os primeiros que se lembrava de haver visto. Nunca conseguira visualizar-lhes as figuras, mas no momento em que bateu os olhos nos dois soube por que Oda dissera que os homens dos Outros eram parecidos com ela.

Imediatamente viu que não havia esperanças para aquele que tinha cabelos mais escuros. Ele estava caído numa posição desconjuntada, com o pescoço partido. As marcas de dentes na garganta explicavam tudo. Embora ela nunca o tivesse visto, a sua morte a entristecia. Lágrimas de pesar lhe encheram os olhos. Não porque o amasse, mas sentia que perdera qualquer coisa de muito valiosa, antes de ter tido a oportunidade de apreciá-la. Estava arrasada. A primeira vez que via alguém de sua espécie, esse estava morto.

Ela gostaria de conhecer-lhe a história e honrá-lo com um funeral, mas um exame mais atento no outro a fez compreender que isto era impossível. O que tinha cabelos amarelos ainda respirava, mas a sua vida estava esvaindo através de um rasgão aberto na perna. A única esperança seria levá-lo o mais rapidamente para a caverna, onde ela poderia tratá-lo. Não havia tempo para fazer um enterro apropriado.

Neném farejava o homem de cabelos escuros, enquanto Ayla estancava o sangue da perna do outro com um torniquete feito de couro da funda e uma pedra lisa. Ao terminar, tirou o leão de perto do cadáver. “Sei que está morto, Neném, mas ele não é para você”, disse para si mesma. O leão saltou da borda do paredão e foi verificar se a corça ainda permanecia num buraco na

rocha onde ele a deixara. Pelos seus rosnados, Ayla sabia que estava preparando-se para comer.

Depois que o sangue passou a jorrar em menor quantidade, ela assoviou chamando Huiin e desceu da borda do penhasco para armar o jorrão. A égua agora estava mais nervosa e Ayla lembrou-se de que Neném tinha uma companheira. Ela a abraçou, fazendo-lhe algumas carícias para acalmá-la e, em seguida, foi examinar a esteira amarrada entre os dois paus que iam arrastados atrás do cavalo. O trançado estava forte, daria para agüentar o peso do homem de cabelos amarelos. Mas havia o outro e ela não sabia o que fazer com ele. Não queria deixá-lo para os leões.

Ao subir de volta pelas pedras, reparou que uma rocha no fundo da garganta estava solta, numa posição desequilibrada com unia parte assentada sobre um enorme bloco que, por sua vez, parecia também em desequilíbrio. Subitamente se lembrou de como Iza fora enterrada. O corpo da velha curandeira havia sido colocado numa cavidade do chão da caverna e coberto por pedras e cascalhos. Isso lhe deu uma idéia. Ela arrastou o cadáver para o fundo da garganta, deixando-o junto do escorregamento de pedras.

Neném, com o focinho sujo do sangue da corça, chegou para ver o que Ayla fazia. Depois seguiu-a, farejando o homem que ela arrastava para a borda da pedreira, onde Huiin, desconfiada, esperava com o jorrão já atado ao seu lombo.

- Agora saia do caminho, Neném!

Com cuidado, Ayla procurou acomodar o homem no jorrão. As pálpebras tremeram e ele soltou alguns gemidos de dor. Depois, voltou a fechar os olhos. Felizmente estava desacordado. Era um homem pesado e o esforço que Ayla tinha de fazer para removê-lo seria muito doloroso se ele estivesse consciente. Quando, por fim, viu que o homem estava bem seguro na padiola,

pegou uma comprida e pesada lança e se dirigiu outra vez para o fundo da garganta. Pesarosa, olhou para o homem morto no chão. Apoiou a lança contra uma pedra e, na língua formal dos clãs, se dirigiu com gestos silenciosos ao mundo dos espíritos.

Ela vira como Creb, o velho mog-ur, com os seus gestos fluídicos e elo quentes, havia encomendado o corpo de Iza aos espíritos extraterrenos. Esses mesmos gestos ela os usara quando encontrou o corpo do feiticeiro na caverna, em meio aos escombros provocados por um terremoto. No entanto, nunca entendeu o sentido daquela gesticulação. Isso não era importante, conhecia-lhe a intenção. Enquanto realizava os ritos, belos e silenciosos, que poriam aquele estranho desconhecido no caminho do mundo espiritual, velhas lembranças desfilavam diante de seus olhos cheios de lágrimas.

Então, fazendo da lança uma alavanca, do mesmo modo como usava o seu pau de cavar para remover pesadas toras ou levantar raízes, ela deslocou o enorme bloco e saltou para trás, pondo-se ao abrigo da chuva de pedras que despencou sobre o morto.

Antes que a poeira houvesse assentado, já tinha conduzido Huiin para fora da garganta. Montou e começou o longo trajeto de volta. As paradas foram apenas para ver como passava o homem e colher algumas raízes de confrei. Ela, entretanto, sentia-se dividida. Ao mesmo tempo que tinha pressa de levá-lo para a caverna, não queria exigir muito de Huiin. Só depois que conseguiu passar com o homem pelo rio e ver a ponta do penhasco é que relaxou um pouco. E só quando parou para trocar a posição dos paus do jorrão, antes de iniciar a subida para a caverna, é que se permitiu acreditar que havia conseguido chegar em casa com o homem ainda vivo.

Ela conduziu Huiin para dentro, acendeu uma fogueira para ferver água, desamarrou o homem e o arrastou para o lugar que era o dela na caverna. Tirou os arreios da égua e a abraçou cheia de gratidão. Passou em revista o estoque de ervas medicinais, separando as que iria precisar. Então, antes de dar seqüência aos preparativos, segurou no amuleto e respirou profundamente.

Os pensamentos estavam tumultuados demais para que pudesse formular uma prece especial ao seu totem. Via-se tomada por inexplicáveis desejos e esperanças vagas e confusas, mas queria ajudar aquele homem. Queria a força de seu poderoso totem para auxiliá-la no trabalho de salvá-lo. Não podia deixá-lo morrer. Não sabia exatamente por que, mas jamais alguma coisa fora tão importante. Fosse lá o que tivesse de fazer, aquele homem não podia morrer.

Ela pôs mais lenha na fogueira e verificou a temperatura da água dentro de um pote de couro, suspenso diretamente sobre o fogo. Quando viu que estava soltando fumaça, jogou pétalas de cravina dentro. Por fim, dirigiu-se para o homem ainda inconsciente. Pelos rasgões na roupa deduziu que, além do ferimento na coxa direita, havia outros. Ela precisava despi-lo, mas o traje que o homem usava não era a manta amarrada por correias com que estava acostumada.

Ao examinar com mais atenção para ver como iria fazer, descobriu que o couro da roupa havia sido cortado em peças separadas que se juntavam por meio de cordões, de modo a vestir os braços, as pernas e o corpo. Ela estudou as junturas com cuidado. Resolveu que, para tratar a perna, o melhor seria se cortasse as calças. Mais surpresa ficou quando, depois de cortar a roupa de fora, encontrou uma outra diferente de tudo quanto já vira na vida. Pedaços de conchas, ossos, dentes de animais e penas coloridas estavam nela presos numa forma bem

ordenada. Seria uma espécie de amuleto? Não gostava da idéia de cortá-la, mas não havia outro jeito. Ela o fez com cuidado, procurando seguir o desenho e conservá-lo tanto quanto possível.

Sob a vestimenta enfeitada havia outra, cobrindo a parte inferior do corpo. As pernas estavam vestidas com peças separadas e costuradas com cordões. Depois, as duas se juntavam numa só peça que era amarrada ao redor da cintura à maneira de uma sacola que se fechava com um cordão de puxar, mas com uma aba sobrepondo-se à outra na parte da frente, de modo a deixar uma abertura. Essa também ela cortou e, de passagem, viu que realmente estava diante de um homem. Removeu o torniquete e retirou devagar o couro duro e empapado de sangue da perna dilacerada. Durante o caminho, havia parado algumas vezes para afrouxar o torniquete e comprimir as artérias com a mão, tanto para controlar o sangramento como para permitir a circulação da perna. Quando certas medidas e precauções não eram devidamente tomadas, um torniquete às vezes podia provocar a perda de um membro.

Quando chegou a vez dos calçados, novamente ela se surpreendeu. Também estes eram cortados e costurados de modo a tomar a forma dos pés. Resolveu tirá-los, cortando entre os cordões e correias de enrolar. A ferida na perna outra vez sangrava, mas não muito. Ela fez um rápido exame para saber da extensão dos outros machucados. Eram ferimentos e arranhões superficiais, mas sempre havia a possibilidade de infecções. Todo ferimento causa do por garras de leão tinha tendência a inflamar-se perigosamente. Isso acontecia até mesmo com os pequenos arranhões que Neném lhe deixava na pele. Mas infecções não eram a sua primeira preocupação. A perna sim. Um outro ferimento, uma feia inchação na cabeça, provavelmente

causada pelo tombo no momento em que foi atacado, ela olhou só por alto. Não sabia dizer se era ou não grave, mas não tinha tempo para pensar nisto agora; a perna começara a sangrar.

Ao mesmo tempo em que apertava a virilha, limpava o ferimento com uma pele de coelho – raspada e espichada até tornar-se numa pelica macia e absorvente - que mergulhava na infusão morna de cravinas. O líquido era adstringente e anti-séptico. Seria depois usado também para conter o sangue dos ferimentos menores. Ela limpou o machucado por dentro e por fora. Sob a pele, via uma parte da musculatura da coxa rompida. Pegou pó de raiz de gerânio e esparramou em quantidade sobre a ferida. O efeito coagulante foi imediato. Enquanto mantinha apertado o ponto de compressão da artéria com uma das mãos, com a outra ela enxaguava as raízes de confrei. Depois mastigou-as até tomá-las numa pasta que cuspiu dentro do pote contendo a solução de cravinas. Seria usada num curativo a ser aplicado diretamente sobre a ferida aberta. Ela repôs os músculos no lugar e procurou fechar o feri mento, apertando-o. No entanto, ao retirar as mãos, a ferida voltou a abrir-se e os músculos escorregaram, saindo da posição.

Novamente ela tornou a fechar, mas sabendo que a ferida não se manteria assim. Não acreditava que uma faixa enrolada firme ao redor da coxa fosse funcionar, além disso não queria que a cicatrização se fizesse defeituosamente e mais tarde fosse trazer problemas irremediáveis para o homem. “Se ao me nos pudesse ficar ali sentada mantendo aquele corte fechado até que se desse a cicatrização”, pensou, sentindo-se impotente e desejando que lia estivesse ao seu lado. Tinha certeza de que a velha curandeira saberia o que fazer, apesar de que ela própria nunca aprendeu a tratar um caso como aquele.

Mas então se lembrou de uma coisa. Foi quando perguntou a Iza como poderia se tornar uma curandeira de sua linha. “Eu não sou sua filha, lia”, disse ela naquela ocasião. “Para dizer a verdade, nem sei o que significam estas memórias de que vocês falam...”

Iza explicou-lhe, então, que a elevada posição social das curandeiras de sua linha se devia ao fato de serem elas as melhores. As mães passavam às filhas o conhecimento com que nasciam e mais alguns outros advindos da experiência. Ayla fora treinada por lia que lhe ensinara tudo o que podia, tal vez não tudo o que soubesse, mas o bastante para que ela fosse uma boa curandeira, pois Ayla possuía algo mais. Era uma espécie de dom, disse Iza.Você não tem as memórias, minha filha, mas possui uma maneira particular de pensar, de entender... uma maneira de saber como ajudar...

“Se ao menos pudesse pensar numa maneira para ajudar este homem”, pensou Ayla, olhando para a pilha de roupas que cortara para despi-lo. Uma idéia lhe ocorreu. Ela soltou a perna e pegou numa das peças de roupa- Eram partes cortadas separadamente e depois juntadas com um fio de tendões. Ela separou os pedaços da vestimenta, examinando como eles se amarravam uns aos outros. O cordão passava por um furo de uma peça e depois se enfiava pelo furo da outra, juntando as partes.

Para fabricar travessas de cascas de vidoeiro, ela fazia algo parecido, furando buracos e ligando as extremidades com um nó. Será que seria possível fazer a mesma coisa na perna do homem? Amarrar aquele rasgão até que a pele se fechasse?

Rapidamente ela se levantou e trouxe o que parecia ser uns gravetos marrons e secos que, na verdade, eram tendões ressequidos tirados de uma corça. Usando uma pedra lisa e arredondada como martelo, bateu na tira seca, até reduzi-la a compridos fios de fibras de

colágeno. Separou-os e pegou um fio fino e duro do tecido conjuntivo, que mergulhou na solução da cravina. Igual ao couro, o tendão ficava flexível depois de molhado e quando seco, não tratado, era duro e teso. Uma vez os fios preparados, ela passou em revista as suas facas e furadores, escolhendo qual instrumento seria melhor para fazer furos na carne do homem. Lembrou-se, então, de que guardava algumas estilhas de uma árvore atingida por um raio. Era o que lia usava para furar bolhas, furúnculos e inchações que precisavam ser drenadas. Para o que ela tinha em mente, as estilhas deviam servir.

Lavou o sangue escorrido, sem saber ainda direito como começar. Quando fincou a estilha fazendo o primeiro furo, o homem se mexeu resmungando. O trabalho precisava ser feito rapidamente. Ela enfiou o fio no furo e, depois de passá-lo no buraco oposto, puxou as duas pontas, amarrando-as com um nó.

Resolveu que não devia dar muitos nós, pois não tinha certeza se conseguiria removê-los mais tarde. Fez apenas quatro ao longo do corte e mais três para firmar os músculos no lugar. Ao terminar, sorriu olhando para os nós amarrando a carne do homem. Havia dado certo, O corte não se abriu mais e os músculos tinham parado no lugar. Se a ferida cicatrizasse normalmente, sem inflamar, ele poderia no futuro usar a sua perna sem maiores problemas.

Ela fez uma compressa com raízes de confrei e enfaixou a perna com um couro macio. Em seguida, cuidadosamente, limpou os outros machucados e arranhões, quase todos no peito e ao redor do ombro direito, O galo na cabeça incomodava-a, mas não havia ferimento, apenas inchação. Preparou uma solução de flores de arnica, fazendo uma compressa que fixou sobre o lugar inchado com uma tira de couro amarrada em volta da cabeça.

Por fim, permitiu-se relaxar, sentando sobre os calcanhares, Quando ele acordasse, havia remédios que ela lhe poderia dar, mas por enquanto havia feito tudo o que podia, E então, endireitando uma pequenina ruga no couro enfaixando a perna, pela primeira vez olhou realmente para o homem.

Ele não era robusto como os homens dos clãs. Musculoso sim e com pernas incrivelmente compridas. Os cabelos dourados que se encaracolavam no peito ficavam como uma penugem brilhante sobre os braços. A pele era pálida. O pêlo do corpo era menos abundante e mais fino do que o dos homens que conhecera. Ele era mais comprido e delgado, mas não que fosse diferente. O membro flácido repousava em meio a macios caracóis dourados. Ela esticou a mão para sentir-lhes a textura, Nisso, recuou, reparando numa cicatriz recente e num machucado sobre as costelas, começando a desaparecer. Ele devia ter sofrido outros ferimentos há pouco tempo.

Ela se aproximou, querendo ver-lhe o rosto. Era chato em comparação com os dos homens dos clãs. A boca de lábios carnudos estava relaxa da. As mandíbulas não eram tão acentuadas, mas o queixo era forte, com uma risca no meio. Ela tocou no dela, lembrando-se de que o do seu filho também era partido. Ninguém nos clãs tinha este tipo de queixo. A forma do nariz não se mostrava muito diferente. O nariz da raça clânica era adunco e comprido. O do homem era menor. Os olhos fechados pareciam muito separados e salientes no rosto. Mas, então, ela percebeu que lhe faltava as pesa das sobrancelhas para sombreá-los. A testa, vincada com ligeiras rugas de preocupação, era alta e reta. Aos olhos dela, acostumados apenas com as pessoas dos clãs, parecia muito ressaltada. Ela tocou para senti-la e depois levou a mão na dela. Eram iguais. Como devia parecer estranha às pessoas dos clãs.

Os cabelos do homem eram longos, lisos e amarelos. Uma parte deles ainda se achava presa na nuca por uma tira, mas no geral fazia uma massa emaranhada. “Como os meus, só que mais claros”, pensou ela. Pareciam com alguma coisa que já vira antes. Subitamente, estarrecida, lembrou-se. O sonho! O seu sonho com o homem dos Outros. Ela não conseguira ver-lhe o rosto, mas os cabelos no sonho apareceram amarelos.

Cobriu-lhe o corpo e, em seguida, saiu rápido para o patamar. Surpresa, viu que ainda era dia, com a tarde começando a cair. Tanta coisa havia acontecido, tanta energia concentrada - mental, física e emocional - fora expandi da tão intensamente que imaginara que fosse muito mais tarde. Ela tentava arranjar os pensamentos, mas eles se enredavam confusamente.

Por que teria resolvido justamente neste dia ir para o lado oeste das estepes? Por que estaria ela lá no momento preciso em que o homem gritou? Por que, com tantos leões nas estepes, fora exatamente Neném que o atacou? Só podia ter sido o seu totem que a conduzira para lá; E o que dizer de seu sonho com um homem de cabelos amarelos? Seria esse o homem? Por que te ria sido ele levado para lá? Ela não sabia que significação poderia ter esse homem em sua vida, mas percebia que esta jamais seria daqui por diante a mesma. Finalmente havia visto o rosto dos Outros.

Sentindo Huiin atrás fuçando a sua mão, ela se virou. A égua pôs a cabeça sobre o seu ombro. Ela estendeu os braços enlaçando-lhe o pescoço, depois encostou a cabeça nele. Por algum tempo deixou-se ficar colada ao animal, querendo preservar a intimidade e o conforto daquela sua vida, sentindo-se um pouco temerosa do futuro. Então, pôs-se a afagar Huiin com tapinhas, percebendo os movimentos do potrinho dentro da barriga.

- Já não deve demorar muito, não é, Huiin? Graças a você pude trazer o homem hoje para cá. Sozinha, nunca teria conseguido.

“Bom, é melhor eu entrar e ver se ele está bem”, pensou, nervosa, com medo de que pudesse acontecer alguma coisa se o deixasse sozinho, ainda que por apenas um momento. Ele não se havia mexido. Assim mesmo, ela plantou-se ao seu lado, observando-lhe a respiração, sem conseguir desviar os olhos dele. Foi então que notou algo estranho. Ele não tinha barba! Todos os homens que já vira possuíam barba cerrada e escura. Será que os homens dos Outros eram imberbes?

Ela encostou a mão no seu queixo, sentindo o pêlo áspero e espetado começando a crescer. “Alguma barba ele tinha, mas tão curta”, concluiu espantada e abanando a cabeça. Apesar de grande e musculoso, subitamente a figura dele pareceu-lhe ser mais a de um menino do que a de um homem adulto.

Ele virou a cabeça, gemeu e murmurou qualquer coisa. Eram palavras ininteligíveis, embora houvesse algo nelas que a fazia sentir como se devesse entendê-las. Ela pôs a mão na sua testa e depois na face. A febre subia. “E melhor ver se consigo que ele tome um pouco de chá de salgueiro”, pensou.

Enquanto esperava a água do chá ferver, ela fez uma nova vistoria no seu estoque de ervas medicinais. Nunca soube o motivo que a levara a fazer uma farmácia tão completa como a que tinha, quando não havia ninguém ali, fora ela, para ser tratado. Fizera-o simplesmente por hábito. Agora, no entanto, dava graças por isso. Havia muitas plantas que ela não tinha achado no vale ou nas estepes e que nas cercanias da antiga caverna eram facilmente encontradas. Mas as que se achavam lá bastavam, além de que estava colhendo algumas outras que não existiam nas regiões mais ao sul. Iza lhe ensinara como testar nela própria uma

planta desconhecida - fosse para ser usada como remédio ou comida - mas ela ainda se achava um tanto insegura de suas novas aquisições, pelo menos para usá-las no homem.

Além das cascas de salgueiro, ela separou uma outra planta de uso bem conhecido. Tinha um caule peludo que, ao invés de ter as folhas prendendo-se a ele, parecia brotar do meio de grandes folhas de duas pontas. Quando ela acolheu, a planta estava carregada de flores brancas que agora eram murchas e marrons. Lembravam tanto a agrimônia que Ayla sempre achou que fosse uma variedade desta erva, até que, na reunião dos clãs, soube por urna curandeira do seu verdadeiro nome: eupatório. A mulher a usava com o mesmo fim que ela. A planta era posta para ferver até se obter um xarope espesso e isso levava tempo. Fazia suar muito e era um medicamento forte. Ayla não tinha vontade de usá-lo no homem, enfraquecido pela perda de sangue, a não ser que fosse necessário. No entanto, era melhor estar prevenida.

Lembrou-se de folhas de alfafa. Quando embebidas em água quente, ajudavam na coagulação do sangue. Ela vira algumas no campo.. . e um bom caldo de carne também ajudaria o homem recuperar as suas forças. A curandeira que existia nela havia voltado a pensar, já não estava mais tão perdida em suas confusões anteriores. Desde o princípio uma só idéia a movia: aquele homem precisava viver.

Ela conseguiu, aninhando a cabeça dele em seu colo, lhe dar um pouco de chá de salgueiro. As pálpebras tremeram e ele murmurou qualquer coisa, mas continuava desacordado. Os cortes e arranhões tinham ficado quentes e vermelhos. A perna visivelmente estava mais inchada. Ela substituiu o curativo e fez uma nova compressa para o machucado na cabeça. Pelo menos a inchação começava a ceder. Ao anoitecer, a sua

preocupação aumentou. O seu desejo era o de que Creb estivesse lá invocando espíritos para ajudá-la no tratamento, tal como ele fazia quando ela cuidava de lia em sua doença.

Depois que escureceu o homem começou a ficar agitado, se sacudindo e gritando. Uma palavra era constantemente repetida em meio a outras que ela suspeitava fossem avisos de alarme. Ayla achava que talvez fosse o nome de alguém, possivelmente do outro homem.

Por volta do meio da noite, ela, com uma colher de osso, lhe deu em pequenos goles o xarope de agrimônia. Era amargo e ele procurou repelir o medicamento abrindo de repente os olhos, mas não havia qualquer sinal de reconhecimento vindo de suas profundezas obscurecidas. Passado algum tempo, ela lhe deu um chá de datura, e foi mais fácil. Ele tomou-o como se quisesse lavar a boca do outro gosto ruim e amargo. Ayla dava graças por ter encontrado datura perto do vale, uma planta que tanto servia para aliviar as dores como para fazer dormir.

Àquela noite ficou de vigília, esperando a febre ceder, mas somente pouco antes do amanhecer é que ela, depois de atingir o seu máximo, começou a baixar. Então lavou-lhe o corpo, empapado de suor, com água fria, trocou as cobertas da cama e os curativos. A partir daí, ele dormiu mais sossega do, enquanto ela cochilava sobre uma pele ao seu lado.

De repente, ela se encontrou olhando para o sol brilhante que chegava pela boca da caverna. Por que estaria tão alerta? Ao se virar para o lado, deu com o homem, e todo o dia anterior desfilou pela sua mente. Ele parecia tranqüilo e dormindo normalmente. Ela se deixou ficar deitada quieta. Então, ou viu a respiração pesada de Huiin. Rápido, se levantou, indo para o outro lado da caverna.

- Huiin - disse excitada - chegou o momento?

A égua não precisava responder.

Ayla já ajudara nos partos de muitas crianças e ela própria tinha um filho, mas no caso de uma égua aquela era a primeira vez. Huiin, no entanto, sabia o que fazer, o que não impedia de parecer agradecida por ter a presença confortadora de Ayla ao seu lado. Foi somente já no fim, com o potro quase todo expelido, é que ela ajudou a puxá-lo. Então, feliz, sorriu vendo Huiin lamber o pêlo marrom e esfiapado do seu rebento.

- Essa é a primeira vez que eu vejo uma mulher servindo de parteira para uma égua - falou Jondalar.

Ayla imediatamente girou o corpo e olhou para o homem que, apoiado sobre um dos cotovelos, a observava.

Capítulo 20

Olhava diretamente para ele. Não conseguia evitá-lo, mesmo sabendo que estava tendo um procedimento descortês. Uma coisa era vê-lo dormindo inconsciente e outra bem diferente era tê-lo diante de si completamente desperto. O homem tinha olhos azuis!

Ayla sabia que os dela eram também azuis. Era um dos traços por que se fazia freqüentemente notada, além de que já havia visto os seus olhos refletidos nas águas de um lago. Os olhos das pessoas dos das eram castanhos. Nunca vira alguém de olhos azuis e, ainda por cima, naquele tom de azul tão forte. Ela mal podia acreditar que fosse verdade.

Via-se presa àqueles olhos, parada, sem conseguir mexer-se, até que, por fim, notou que tremia e olhava diretamente para o homem. Sentiu o sangue lhe subindo no rosto e, embaraçada, desviou rápido os olhos. Encarar era uma descortesia, além do fato de que uma mulher jamais devia olhar direta mente para um homem, sobretudo tratando-se de um estrangeiro.

Ela abaixou os olhos, esforçando-se para poder dominar-se. “O que irá ele pensar de mim?” Mas fazia tanto tempo que não via gente... além do mais, era a primeira vez que encontrava alguém dos Outros, pelo menos que ela se lembrasse. A sua vontade era encará-lo e fartar a sua visão com a figura de um ser humano, de alguém tão fora do comum. Mas era importante também que ele tivesse boa opinião dela. Não podia começar errando desde o primeiro momento, agindo inconvenientemente e parecendo curiosa.

- Desculpe, eu não pretendia perturbá-la - falou ele, sem saber se a tinha ofendido ou se ela era apenas tímida. Não obtendo resposta, ele deu um sorriso

forçado, dando-se conta de que falara em zelandonii. Mudou, então, para mamutoi. Outra vez nenhuma resposta - Resolveu tentar sharamudoi, e também nada.

Ela o observava, lançando olhares furtivos, á maneira das mulheres dos clãs quando se achavam à espera do sinal que lhes dava licença para se aproximarem. Mas ele não esboçava nenhum gesto, pelo menos algum que ela entendesse. Só dizia palavras e nenhuma se parecia com os sons que integravam a língua gestual dos das. Eram palavras guturais, com sílabas articuladas, que se emendavam uma na outra. Ela nem sabia dizer onde uma começava e a outra terminava. A voz dele ribombava em seus ouvidos num tom grave e agradável,mas a deixava frustrada. Ela sentia que num determinado nível básico deveria entendê-lo, no entanto lhe era impossível.

Continuou aguardando algum sinal. A espera tomava-se embaraçosa. Foi então que se lembrou dos seus primeiros tempos no clã, quando Creb teve de ensiná-la a falar. O feiticeiro contou-lhe que ela só sabia fazer sons. Talvez, como ele pensasse, fosse esse o modo de comunicação utilizado pelos Outros. Mas será que esse homem não conhecia nenhum gesto? Por fim, quando ela chegou à conclusão de que ele não faria qualquer sinal, viu que precisava arrumar uma maneira de comunicar-se - Quanto mais não fosse, para que ele tomasse os remédios, já preparados.

Jondalar se via confuso, sem saber o que pensar. Nada do que ele dizia provocava alguma reação na mulher. Começava a achar que talvez ela fosse muda. Mas não. Prontamente se tinha virado na sua direção quando lhe falou pela primeira vez. “Que mulher estranha”, pensou, sentindo-se pouco à vontade. “Aonde estariam as outras pessoas, o povo dela?” Ele passou os olhos pela caverna, vendo a égua cor de palha com o seu potrinho baio. Subitamente, ocorreu-lhe outro

pensamento. “Mas o que está fazendo uma égua dentro de uma caverna?” Ele nunca tinha visto o nascimento de um cavalo, nem mesmo nas planícies. “Será que a mulher possuía poderes especiais?”

Toda a coisa começava a lhe parecer irreal, numa atmosfera de sonho, embora não acreditasse que estivesse dormindo. “Talvez seja pior. Talvez seja ela alguma doníi que veio para me buscar”, pensou, arrepiando-se, sem muita certeza se estava ou não diante de um espírito do mal. - - se é que ela era mesmo um espírito. Com alívio, viu Ayla movendo-se, caminhando, hesitante, para a fogueira.

A postura dela era a de uma mulher acanhada. Movia-se como se não quisesse ser vista por ele. Ela lhe lembrava. - - alguma coisa já vista. A roupa também era bastante esquisita. Parecia ser simplesmente um couro enrolado no corpo e amarrado por uma correia. Onde ele já vira isso antes? Não conseguia lembrar-se.

Ela tinha arrumado um jeito interessante de usar os cabelos. Estavam divididos em partes bem ordenadas na cabeça e trançados. Ele já vira cabelos trançados, mas nunca naquele feitio. Não que fosse feio, apenas diferente. Logo que a viu achou que fosse bastante bonita. Pareceu-lhe jovem – havia inocência no olhar - mas agora, tanto quanto podia perceber sob aquela vestimenta disforme, achou que o corpo era o de uma mulher madura. Ela parecia evitar o seu olhar inquiridor. Por quê? Ele começava a ficar verdadeira mente intrigado. A mulher era um enigma.

Ele não havia percebido a sua fome, até sentir o cheiro do suculento caldo que ela lhe trouxe. Uma dor aguda na perna direita, que o impediu de sentar-se, lhe deu consciência de seus ferimentos. Todo o corpo doía. Então, pela primeira vez, ele se perguntou onde estava e como teria chegado àquele lugar. Subitamente lembrou-

se de Thonolan indo para a garganta. . - do rugido e do maior leão da caverna que já vira em toda a sua vida.

- Thonolan! - gritou, olhando em pânico pela caverna. - Onde está Thonolan? - não havia ninguém lá, exceto a mulher. O seu estômago embrulhava-se. Ele sabia, mas não queria acreditar. Talvez Thonolan estivesse em outra caverna das redondezas. Talvez uma outra pessoa estivesse cuidando dele. - Onde está o meu irmão? Onde está Thonolan?

Ayla reconhecia uma das palavras. Era a que ele repetia seguidamente quando, das profundezas de seu sono, gritava aflitamente. Imaginando que o homem estivesse perguntando pelo companheiro, ela baixou a cabeça em sinal de respeito pelo morto.

- Onde está o meu irmão, mulher? - gritou Jondalar, agarrando-lhe os braços e sacudindo-a. - Onde está Thonolan?

Ayla estava chocada com aquela explosão. A altura da voz, a fúria, a frustração, as emoções incontidas, tudo a perturbava. Os homens dos clãs jamais deixavam transparecer suas emoções tão abertamente. Eles podiam sentir intensamente, mas a hombridade se media pela capacidade de autodomínio.

Os olhos dela transmitiam tristeza. Ela podia ver pelos músculos em seu ombro e pelas mandíbulas fortemente cerradas que ele estava lutando para não aceitar uma verdade já sabida. O povo que a havia criado não se comunicava apenas por meio de simples sinais e gestos de mãos. Também atitudes, expressões faciais, posturas, tinham significados e faziam parte do vocabulário da língua. A flexão de um músculo, por exemplo, podia ser reveladora de alguma leve nuança do estado de espírito. Ayla estava acostumada a decifrar a linguagem corporal. Além do mais, a perda de uma pessoa amada era dor universal.

Os olhos dela também comunicavam sentimentos, revelando pesar e compaixão. Ela abanou a cabeça, depois tomou a baixá-la. Ele já não podia mais negar o que sabia. Soltou-a. Os ombros caíram resignados.

- Thonolan... Thonolan... por que você tinha de prosseguir nesta viagem? Oh, Doni, por quê? Por que foi você levar o meu irmão? - dizia alto e soluçando. Ele procurava resistir àquele sofrimento atroz e não se deixar levar pela dor, mas nunca conhecera desespero tão grande. - Por que foi levá-lo e me deixar sozinho? Você sabia que ele era a única pessoa que eu amava. Oh, Grande Mãe, ele era o meu irmão.. - o meu irmão. Thonolan... Thonolan...

Ayla sabia o que era a dor. Ela ainda carregava as marcas de seu sofri mento. Solidária, sofria por ele, desejando poder consolá-lo. Sem saber como se deu, encontrou-se abraçada ao homem, ninando-o, enquanto ele dava vazão à sua angústia gritando o nome do companheiro. Jondalar não conhecia Ayla, mas sentia que ela era uma mulher compreensiva e generosa. Via o seu sofri mento e se solidarizava com ele.

Agarrado a ela, a dor avolumava-se em seu peito tal como as forças de um vulcão que, depois de liberadas, não podem ser contidas. Um soluço forte sacudiu-lhe convulsivamente o corpo. Depois, os gritos lancinantes, arranca dos do fundo da garganta, quando cada ato de respirar era um doloroso esforço. Desde criança que não se soltava daquela maneira. Não era de sua natureza revelar a intimidade de seus sentimentos. Esses eram demasiadamente fortes e, cedo, ele aprendeu a controlá-los. No entanto, a explosão ocasionada pela morte de Thonolan reavivou certas chagas que se encontravam profundamente sepultadas.

Serenio tinha razão. O amor dele era demasiado para que o comum das pessoas pudesse arcar com o seu peso. E assim era também ele na raiva que, uma vez

desencadeada, não seria contida enquanto não fosse inteiramente esgotada. Certa vez, quando rapazinho, tomado de justa indignação, distribuiu tamanha pancadaria que uma pessoa saiu gravemente ferida. Todas as suas emoções eram desmedidas e violentas. Até mesmo a sua mãe sentira a necessidade de pôr um certo distanciamento entre os dois. Ela via com tristeza e em silêncio os amigos se afastarem por causa do seu temperamento: obsessivo, apaixonado ao extremo e exigindo demais de todos. Esses mesmos traços ela tinha visto no homem que fora, em outros tempos, o seu companheiro e na casa de quem Jondalar havia nascido. Apenas o irmão parecia saber lidar com este amor, aceita-lo com tranqüilidade e dispersar com uma risada as tensões que ele provocava.

Quando Jondalar passou do limite, não sendo mais possível a mãe li- dar com ele - o tumulto espalhara-se pela Caverna inteira - ela o despachou para Dalanar. Foi uma medida inteligente. Na volta, Jondalar não só tinha um ofício, como também havia aprendido a controlar o seu gênio. Era, então, um homem excepcionalmente bonito, alto, musculoso, com uns olhos extraordinários e dono de um carisma inconsciente que lhe vinha da alma. Às mulheres, em particular, pressentiam qualquer coisa a mais do que aquilo que ele estava disposto a revelar. Tornou-se um irresistível desafio. Ninguém conseguia ganhá-lo. Por mais que elas penetrassem em seu interior, nunca conseguiam tocar nos seus sentimentos mais profundos e, ainda que conseguissem tê-lo, a posse nunca era plena. Logo ele aprendeu até onde podia chegar com cada uma delas, mas a relação lhe parecia superficial e insatisfatória. A única mulher que se entendeu com ele em pé de igualdade estava comprometida com a sua verdadeira vocação. De qualquer forma, a união não teria dado certo.

A dor era tão intensa como o resto de sua natureza, mas a moça que o abraçava havia conhecido dor igual. Ela perdera tudo e não foi só uma vez. Ela sentira o bafo gelado do mundo dos espíritos e não foi só uma vez. No entanto, perseverara. Sentia que aquela explosão apaixonada era mais do que uma simples lamentação de pesar, e, pensando em suas próprias experiências, pôde compreendê-lo.

Quando começou a amainar aquele penoso soluçar, ela se percebeu cantarolando baixinho, abraçada com ele. Esse cantarolar já havia servido para acalmar Uba, a filha de Iza, e era com essa mesma cantilena monótona e desafinada que ela via o seu filho fechando os olhos e que também já lhe servira para embalar a sua própria dor e solidão. Era o que o momento pedia. Por fim, exausto, ele relaxou o abraço e se deitou com a cabeça voltada para o lado, fitando as pedras da parede. Ela, então, virou-lhe o rosto para limpar as lágrimas com água fria. Ele fechou os olhos. Não podia ou não queria olhar para ela. Pouco depois o seu corpo reinou, adormecendo.

Ela foi ver como estava passando Huiin com o seu filhote. Em seguida, saiu da caverna. Também se sentia esgotada, mas aliviada. Indo para a extremidade do patamar, pôs-se a olhar o vale embaixo, lembrando-se da angustiante volta com o homem preso ao jorrão arrastado por Huiin. Quanta esperança então! O pensamento deixava-a nervosa. Mais do que nunca sentia que aquele homem tinha de viver. Correu à caverna para se certificar de que ele estava respirando. Depois, levou de volta o caldo frio para a fogueira - ele não havia precisado do caldo e sim de apoio e amparo - e foi passar em revista mais uma vez os remédios, querendo ver se estava tudo pronto para lhe dar quando acordasse. Por fim se sentou sobre a pele ao seu lado.

Não se cansava de olhar para o homem. Ficava examinando-o, como se quisesse, de uma só vez, compensar todos aqueles anos que passara ansiando pela visão de uma figura humana. Agora, já mais acostumada com as particularidades dele, via o rosto mais como um todo e não os traços individualizados. Queria tocá-lo, correr com os dedos pelo contorno do rosto, sentir a textura das sobrancelhas e... de repente se lembrou.

Os olhos dele aguavam! Ela lhe havia limpado o rosto. Os ombros dela ainda estavam até molhados da água saída de seus olhos. “Creb nunca pôde entender por que brotava água de meus olhos quando eu ficava triste e ninguém sabia explicar isto. Ele achava que eu tinha olhos fracos. Mas os olhos do homem também soltam água quando ele fica triste. Neste caso, todos os Outros devem também ter olhos que soltam água.”

A vigília de uma noite inteira e as intensas emoções vividas acabaram por vencê-la. Embora ainda fosse dia, caiu dormindo na pele ao lado dele. Quando começava a anoitecer, Jondalar acordou. Tinha sede e procurava por alguma coisa para beber. Não desejava acordar a mulher. Ouvia o barulho da égua com o seu potro, mas só via o pêlo amarelo de Huiin, deitada junto da parede oposta, perto da entrada.

Olhou para a mulher. Estava dormindo de costas, com o rosto virado para o outro lado. Dava apenas para enxergar a linha do pescoço e um pouco do formato do queixo e do nariz. Lembrando-se da cena de sua explosão, sentiu-se envergonhado. Fora a sua dor que desencadeara os outros senti mentos. Sentia os olhos se enchendo de lágrimas e os fechou apertados. Pro curou não pensar em Thonolan, não pensar em nada. E o conseguiu. Pouco depois voltou a dormir. Acordou no meio da noite, mas agora os seus gemidos haviam despertado Ayla.

Estava escuro e a fogueira se apagara. Ayla foi tateando pela escuridão. No lugar onde guardava os seus suprimentos pegou lenha, iscas e as pedras de fazer fogo.

A febre de Jondalar havia outra vez subido, mas ele estava bem acorda do. No entanto, achava que devia estar meio dormindo. Era impossível que a mulher tivesse produzido fogo com tamanha rapidez. Não havia um só carvão aceso quando ele acordara e em instantes uma fogueira aparecera.

Ela lhe trouxe o chá de salgueiro que tinha feito mais cedo. Ele ergueu o corpo para pegar a cuia, o gosto era amargo, mas ele bebeu assim mesmo para matar a sede. Imediatamente reconheceu o sabor. Parecia não haver ninguém neste mundo que não conhecesse as propriedades do salgueiro. Agora estava desejando um pouco de água pura. Também tinha vontade de urinar. Mas como dizer uma coisa e outra para a mulher? Pegou na cuia vazia do chá e a virou, mostrando que não havia nada dentro; depois a levou à boca.

Ayla imediatamente compreendeu e surgiu com um odre. Encheu a cuia e deixou a bolsa de água perto dele. A sede estava aliviada, mas o seu outro problema com isto se agravou ainda mais. Ele se pôs a remexer com o corpo, numa atitude de desconforto. Ayla logo compreendeu também. Ela tirou da fogueira um pedaço de lenha para servir como tocha e se dirigiu para a parte da caverna onde tinha o seu estoque de utensílios diversos. Precisava de um recipiente de determinado tipo, mas ali chegando encontrou outros objetos que lhe podiam também ser úteis.

Ela havia feito algumas lamparinas. Eram pedras em que tinha talhado um fundo que enchia de gordura derretida banhando um pavio de musgo. Não as utilizava muito. Em geral, a iluminação da fogueira lhe bastava. Pegou uma das lamparinas, encontrou os pavios e

procurou pelas bexigas cheias de gordura congelada. Ao ver uma que estava vazia, apanhou-a também. Botou uma bexiga cheia de gordura perto da fogueira para que o calor derretesse o conteúdo e levou a vazia para Jondalar. Mas como lhe explicar para o que era? Desdobrou-a e apontou para a parte do saco com uma abertura. Ele olhava perplexo. “Não há outra maneira”, pensou Ayla. Ela puxou a coberta e pro curou colocar o odre entre as suas pernas. Rápido, ele percebeu, tirando o recipiente de suas mãos.

Sentia-se ridículo, deitado de costas, sem poder levantar-se para urinar normalmente. Ayla, percebendo-lhe a falta de jeito, foi encher a lamparina, perto da fogueira. “Ele nunca deve ter estado doente antes, ou pelo menos com alguma doença que o deixasse de cama”, pensou. Quando veio pegar o odre, ele lhe deu um sorriso sem graça. Ela saiu, esvaziou o saco e o devolveu para ele usar sempre que precisasse. Em seguida foi terminar de encher a lamparina. Depois de acendê-la, veio com a luz para perto da cama e retirou a coberta de cima da perna.

Mesmo doendo, ele tentou sentar-se pata ver. Ela escorou-lhe o corpo. Quando os seus olhos bateram nos ferimentos no peito e nos braços, ele compreendeu por que estava sentindo mais dor no lado direito. Mas o que real mente o incomodava era a dor forte na perna. “Até que ponto seria competente essa mulher? Só chá de salgueiro não faz um curandeiro”.

Depois de removida a compressa de raízes, ele se preocupou ainda mais. A lamparina não iluminava como a luz do dia, mas dava para ver a gravidade do ferimento. A perna estava inchada e com uma ferida em carne viva. Olhando mais de perto, achou ter visto alguns nós amarrando a carne. Ele não sabia nada sobre a arte de curar. Até há pouco tempo, o seu interesse não era nem maior nem menor do que o que qualquer pessoa

que goza de boa saúde. Mas teria alguma vez um Zelandonii amarrado a carne de alguém?

Enquanto ela preparava um novo curativo - agora com folhas - ele a observava com atenção. Queria lhe perguntar que folhas eram aquelas, conversar, enfim tentar ter uma medida de sua capacidade. Mas ela não sabia nenhuma das línguas que ele falava. De fato, pensando melhor, ainda não a ouvira falar nada. Como poderia ser curandeira se não falava? Mas ela parecia saber o que fazia e, seja lá o que estivesse botando na sua perna, a coisa havia melhorado bastante a dor.

Ele se relaxou. Que mais poderia fazer? Ficou olhando-a limpar o seu peito e braços com uma esponja molhada num líquido refrescante. Só então, quando a viu desamarrando a tira de couro que prendia a compressa em sua cabeça, é que percebeu que estava também aí machucado. Antes que fosse atada uma nova faixa, ele tocou no ferimento, sentindo o galo e um ponto mais dolorido.

Ayla foi à fogueira para esquentar a sopa. Ele continuava observando-a, tentando descobrir quem era ela.

- Isso cheira bem - falou, sentindo o aroma da sopa chegar até ele.

O som de sua voz parecia deslocado naquele lugar. Ele não sabia ao certo por que, mas era qualquer coisa mais do que saber que não seria entendido. Quando havia encontrado os sharamudoi, ninguém falava a língua um do outro, no entanto houve uma conversa, imediata e fluente, com os dois lados se esforçando para trocar algumas palavras que pudessem dar início a um processo de comunicação. Mas aquela mulher não fazia a menor tentativa para estabelecer alguma forma de entendimento. Aos seus esforços, respondia apenas com olhares de perplexidade. Parecia que não só não

compreendia as línguas que ele falava, como também não tinha a menor vontade de comunicar-se.

"Não", disse ele a si mesmo. "Isso não é verdade." Eles se haviam comunicado. Quando sentiu sede, ela lhe dera água; quando quis urinar, lhe trouxera o odre, embora não pudesse dizer como teria ela adivinhado essa sua necessidade. Sobre a comunicação que se estabelecera entre os dois, quando ele se deixou levar por sua dor - o sofrimento ainda era muito recente - mas a pergunta estava incluída dentre as outras indagações.

- Sei que você não pode me entender - falou um tanto hesitante. Não tinha idéia do que dizer a ela, mas sentia necessidade de falar. E uma vez que começou, as palavras se soltaram. - Quem é você? Onde está a sua gente? - fora do circulo de luz feito pela fogueira e pela lamparina, ele pouco enxergava, mas não tinha visto ninguém mais ali a não ser ela e não havia qualquer evidência de outras pessoas na caverna. - Por que você não quer falar?

Ela olhou para ele, muda.

Um estranho pensamento começou a insinuar-se na mente de Jondalar. Ele se recordou da noite em que estivera sentado com um curandeiro diante de uma fogueira. O shamud falara-lhe então sobre certas provas por que têm de passar aqueles que servem à Mãe. Ele não havia dito qualquer coisa como pessoas que passam temporadas sozinhas? Períodos vividos em silêncio, sem poder falar com ninguém? Períodos de abstinência e de jejum?

- Você vive aqui sozinha, não é?

Ayla outra vez olhou para ele, surpreendendo-se com o seu ar admira do, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Por uma razão qualquer, ela tomou consciência de que novamente estava sendo descortês e, rápido, abaixou os olhos para a sopa. No entanto, ele parecia não prestar a mínima atenção à sua atitude

indiscreta, continuando a olhar ao redor da caverna, produzindo sem parar aqueles sons com a boca. Ela encheu uma cuia e ficou segurando-a, sentada diante dele, de cabeça baixa, aguardando o tapinha em seu ombro que indicaria o reconhecimento de sua presença. Nenhum tapinha veio. Ela levantou os olhos. O homem a olhava com ar indagativo, ainda falando, falando.

“Ele não sabe! Não vê o que eu estou dizendo. Tenho certeza de que não conhece um só sinal.” Subitamente, lhe deu o estalo. “Mas se ele não conhece os meus gestos e eu não sei o que quer dizer as suas palavras, como vamos poder falar um com o outro?”

Ela se estremeceu com a lembrança de Creb tentando lhe ensinar falar e ela sem ver que ele estava falando com as mãos. Nunca lhe passara pela cabeça que se podia falar por gestos e ela, nesta época, só falava com sons! Mas agora, depois de tanto tempo se expressando somente na língua dos clãs, estava completamente esquecida do sentido das palavras.

“Mas eu não sou mais uma mulher dos elas. Estou morta. Fui amaldiçoada. Nunca poderei voltar para eles. Daqui por diante devo viver com os Outros, por isso tenho de aprender a maneira deles falarem. Preciso voltar a entender o que quer dizer as palavras e aprender a dizê-las, do contrário nunca me farei entender. Mesmo que eu tivesse encontrado um clã dos Outros, eu não poderia falar com as pessoas. Seria por isso que o meu totem me fez ficar aqui, até que esse homem aparecesse para me ensinar a falar?” Ela estremeceu, sentindo de repente frio, mas nenhuma corrente de vento passara por lá.

Jondalar divagava, fazendo perguntas. Não esperava nenhuma resposta. Falava simplesmente para se ouvir. A mulher não dava mostra de qualquer reação e ele achava que sabia o motivo. Estava certo de que ela ou permanecia ainda em treinamento, ou já estava a

serviço da Mãe. Isso explicava urna série de coisas: o seu ofício de curandeira, o domínio dela sobre o cavalo, o motivo de estar vivendo sozinha e não querer falar e talvez até mesmo como ela o encontrara e o levara para lá. Ele se perguntava em que lugar estada, mas isso não tinha no momento muita importância. Já era muita sorte estar vivo. No entanto, uma outra coisa dita pelo shamud o incomodava.

Agora percebia que se tivesse prestado mais atenção ao velho curandeiro de cabeça branca saberia que o seu irmão estava fadado a morrer. E também não foi ele avisado de que seguiria Thonolan porque o seu irmão o conduziria a lugares que ele, por si só,jamais iria?

Ayla pensava numa maneira de iniciar o seu aprendizado de palavras. Creb, lembrou-se, havia começado com o som dos nomes das pessoas. Armando-se de coragem, ela olhou diretamente nos olhos de Jondalar e, batendo no peito, disse:

- Ayla.

Os olhos dele se arregalaram.

- Com que então resolveu falar? É esse o seu nome? - disse apontando para ela. - Diga outra vez.

Ela acentuava a palavra de forma estranha, dividindo-a em duas partes, com os sons saindo do fundo da garganta, como se os engolisse. Ele já ouvira pessoas falando diferentes línguas, mas nenhuma com as características sonoras que ela conseguia imprimir à voz. Era-lhe quase impossível repetir o nome, mas ele procurou dizê-lo da forma mais aproximada que podia.

- Aai-laá?

Aos ouvidos dela, o seu nome soou de uma maneira quase irreconhecível. Havia pessoas nos das que tinham grande dificuldade de pronunciá-lo, mas nenhuma delas o dizia como ele: com os sons encadeados e uma alteração na altura da voz que fazia a primeira sílaba

soar mais forte do que a segunda. Ela não se lembrava de ter alguma vez na vida ouvido o seu nome dito daquela maneira, no entanto lhe parecia muito correto. Então apontou para ele e inclinou a cabeça esperando.

- Jondalar. Meu nome é Jondalar dos Zelandonii.

Era demais. Impossível pegar todas aquelas palavras de uma vez só. Abanou a cabeça e apontou novamente na direção dele. Jondalar via que ela estava confusa.

- Jondalar - disse, repetindo mais devagar.

Ela se esforçou para copiar-lhe os movimentos da boca.

- Dun-daá - foi o melhor que conseguiu como aproximação.

Ele percebia que ela estava tendo problemas para emitir os sons corretamente e o esforço que fazia para superar a dificuldade. “Será que tinha alguma deformidade na boca impedindo-a de falar? Seria essa a razão por não ter ainda falado? Por que não podia?” Ele novamente tornou a repetir o nome, devagar, pronunciando cada som com o máximo de clareza possível, como se falasse para uma criança ou alguém desprovido de inteligência.

- Jon-da-lar... Jo-onn-daa-la-ar.

- Dun-da-laá - tentou Ayla outra vez.

- Bem melhor! - falou, aprovando com a cabeça e sorrindo. Havia sido urna façanha. Ele já não estava tão certo se seda Ayla alguém buscando os serviços da Mãe. Tampouco ela lhe parecia muito inteligente. Mas continuou a sorrir e a aprovar com a cabeça.

“Ele faz a cara de felicidade! Fora Durc, ninguém nos clãs sorria desse jeito.” E nela era uma coisa tão natural. “Agora ele também está fazendo a mesma coisa.”

A cara de surpresa dela era tão cômica que Jondalar se viu obrigado a conter uma risada, mas o seu sorriso

se acentuou e os olhos se iluminaram, divertidos. Um sorriso contagiante. Os cantos da boca de Ayla se levantaram e, encorajada pelo riso franco dele, ela lhe respondeu com um amplo e prazeroso sorriso.

- Oh, mulher - falou Jondalar - você pode não falar muito, mas quando sorri é encantadora - o homem que existia nele começou a vê-la como mulher e uma mulher muito atraente. E era assim que a olhava.

Alguma coisa estava diferente, O sorriso ainda continuava, mas os seus olhos. - eram à luz da fogueira como duas violetas escuras e existia qual quer coisa neles além da expressão divertida. Ela podia não saber o que havia naquele olhar, mas o seu corpo sabia e respondia, palpitante, com contrações sentidas em suas profundezas, as mesmas sensações que experimentara vendo Huiin com o seu garanhão. Os olhos dele se mostravam tão irresistíveis que ela se viu obrigada a fazer um movimento de cabeça para se impedir de olhar para eles. Pôs-se a remexer nas cobertas da cama, endireitando, depois pegou a cuia e se levantou, evitando encará-lo.

- Acho que você é tímida - disse Jondalar, suavizando a intensidade de seu olhar.

Ela lhe lembrava uma mocinha durante os seus primeiros ritos, fazendo-o sentir-se excitado, mas contido em seus desejos. Os seus anseios refletiram-se na virilha e a coxa machucada doeu.

- Bom, tudo bem - falou, dando um sorriso irônico. - Não estou mesmo em condições.

Ele se deitou e pôs de lado as peles que Ayla tinha usado para escorar-lhe a cabeça, nivelando a cama. Estava exausto. O corpo lhe doía e, lembrando-se do motivo, a dor ainda aumentou mais. Não queria nem lembrar nem pensar. Queria apenas fechar os olhos e apagar tudo da mente, mergulhar num esquecimento que pusesse fim a toda a sua dor. Sentindo um leve

toque no braço, abriu os olhos, vendo Ayla com uma cuia na mão. Bebeu o líquido que ela lhe trouxe e não muito depois sentiu a dor diminuindo e uma sonolência ir tomando conta dele. Sabia que o seu torpor se devia a alguma coisa que ela lhe dera e a agradecia por isso, mas como poderia a mulher saber o que estava querendo, se não lhe dissera uma só palavra?

Ayla percebera as suas caretas de dor e sabia o quanto ele se achava machucado. Como boa e experiente curandeira, já tinha o chá de datura pronto antes que ele tivesse acordado. Quando as rugas da testa se aplainaram e o corpo se relaxou, ela apagou a lamparina, abafou a fogueira e arrumou a pele para dormir ao seu lado. Mas estava longe de querer dormir.

Enquanto se dirigia, na penumbra mal-iluminada pelas luzes das brasas, para a boca da entrada, ela ouviu o relinchar baixinho de Huiin e foi ter com o animal. Ficou feliz por ver Huiin deitada. A égua, depois de ter tido o seu potrinho, estava nervosa com o cheiro do homem na caverna. Mas se agora mostrava-se relaxada, a ponto de se deitar, era porque estava aceitando a presença dele lá. Ayla sentou-se junto de Huiin, em frente ao seu peitoral, de mo do a poder afagar-lhe a cara e coçar atrás de suas orelhas. O potrinho, deitado junto das tetas da mãe, ficou curioso e saiu do lugar para se meter entre as duas. Ayla concedeu-lhe também algumas carícias e coçadelas. Depois estendeu os dedos para ele. O bichinho começou a chupá-los, mas logo soltou,descobrindo que ela não tinha nada para lhe dar. Só a sua mãe podia satisfazer a sua necessidade de mamar.

“Ele é um lindo bebê, Huiin. E vai crescer forte e sadio, igual a você. Agora, você tem alguém e eu também. E difícil acreditar que isso aconteceu. Depois de todo esse tempo e agora não estar mais sozinha. Quantas e quantas luas já passaram desde que recebi a

minha maldição e que nunca mais vi ninguém. E um homem, Huiin. Um homem dos Outros e eu acho que ele vai vi ver.” Ela limpou as lágrimas nas costas da mão. “Os olhos dele também produzem água, iguais aos meus. Ele sorriu para mim e eu para ele, Huiin.”

“Eu sou alguém dos Outros, como disse Creb. Iza me falou para que eu encontrasse a minha gente, para que achasse o meu companheiro. Huiin, será que esse homem é quem vai ser o meu companheiro? Será que ele foi enviado aqui para isto?”

“Neném! Ele me foi dado por Nenén. Foi escolhido do mesmo modo que eu. Foi testado e marcado por Neném, pelo filhote de leão da caverna que o meu totem me enviou. E, agora, o totem dele é também o Leão da Caverna. Isso significa que ele pode ser o meu companheiro. Um homem com o totem do Leão da Caverna é forte o suficiente para ter uma mulher com o mesmo totem. Eu poderia até ter mais filhos.”

Ela franziu a testa. “Ora, mas os bebês não são feitos por totens. Sei que foi Broud quem gerou Durc quando ele colocou o seu órgão dentro de mim. São os homens que fazem os bebês e não os totens. Dun-da-laá é um homem...”

Subitamente ela pensou em seu órgão endurecido pela vontade de urinar e nos seus olhos azuis com uma expressão de embaraço. Sentia-se perturbada, com uma estranha palpitação dentro dela. Por que teria essas sensações tão esquisitas? Havia começado quando viu Huiin com o cavalo de pêlo marrom-escuro.

“Um cavalo marrom-escuro! E, agora, Huiin teve um potro da mesma cor. Foi aquele garanhão quem fez o bebê nela. Dun-da-laá pode fazer um bebê em mim. Ele pode ser o meu companheiro..”

“E se ele não me quiser? lia disse que os homens fazem isso quando gostam da mulher. Mas nem todos. Broud não gostava de mim. Eu não iria odiar se Dun-da-

lai..” De repente, ela ficou vermelha. “Sou tão grande e tão feia! Por que iria ele querer fazer isso comigo? Por que iria me desejar para companheira? Ele talvez já tenha uma. E se ele quiser ir embora?”

“Mas ele não pode. Tem de me ensinar a falar novamente com palavras. Será que ele ficaria se eu pudesse entender a sua língua?”

“Eu vou aprendê-la. Vou aprender todas as palavras dele Assim talvez ele fique, mesmo que eu seja grande e feia. Ele n pode partir agora. Há tanto tempo que estou sozinha.”

Ayla deu um salto, quase em pânico, e correu para fora da caverna. O negrume no céu já começava a matizar-se num tom aveludado de azul-escuro. A noite estava quase findando. Ela ficou observando as árvores e alguns conhecidos pontos da paisagem irem aos poucos ganhando forma. Quis entrar e olhar o homem outra vez, mas dominou a vontade. Então pensou em lhe trazer alguma carne fresca para a primeira refeição e foi buscar a funda.

“E se ele não gostar que eu cace? Bom, eu já havia decidido que nunca mais admitiria alguém me impedindo de fazer as coisas que me dão prazer.” No entanto,, ela não entrou para pegar a funda, e preferiu descer à praia e tomar um banho de rio. A água estava especialmente boa e pareceu lavar o mundo de emoções que a confundia. Depois da inundação da primavera, o seu lugar preferido de pescar havia desaparecido, mas ela descobrira um outro, pouco mais abaixo no rio, e se dirigiu para lá.

Jondalar acordou com o cheiro de comida cozinhando que o fez lembrar a fome que vinha sentindo. Usou o odre para urinar e deu um jeito de aprumar o corpo para que pudesse ver ao seu redor. A mulher havia saído e também a égua com o potro. A parte que os

animais ocupavam era o único canto na caverna que parecia, ainda que remotamente, um lugar de dormir. Havia apenas uma casa. A mulher realmente vivia ali sozinha. Havia também os animais, mas estes não contavam.

Neste caso, onde andava o povo dela? Haveria outras cavernas nas redondezas? Na área reservada aos utensílios ele via peles, couros, plantas penduradas em engradados, carnes e comida, tudo em quantidade para abastecer uma imensa Caverna. Todas essas coisas seriam só para ela? Se vivia sozinha, para que tanto? E quem o teria levado para lá? Talvez fosse o povo dela que o tivesse encontrado e o levado para aquela caverna.

“Sim, deve ter sido isto. Ela deve ser a Zelandonii deles e eu fui trazido aqui para que ela cuidasse de mim. Ela é moça, pelo menos na aparência, mas é competente. Disso, não tenho dúvidas. Provavelmente está aqui por causa de alguma prova que resolveu impor-se. Talvez para se aperfeiçoar em algum tipo especial de arte... - Quem sabe se animais? Sim, certamente deve ser isto. A gente dela me encontrou e como não havia ninguém mais para cuidar de mim, ela permitiu que eu ficasse aqui. Para ter um tal domínio sobre os animais, ela deve ser uma Zelandonii dotada de grandes poderes.”

Ayla entrou na caverna carregando uma travessa esbranquiçada - feita do osso da bacia de um animal - onde se achava uma enorme truta, acaba da de assar. Ela sorriu para ele, surpresa de vê-lo acordado. Botou a travessa de lado e veio arrumar as peles e o acolchoado de palha, de modo que ele pudesse sentar-se confortavelmente. Para começar, deu-lhe um chá de salgueiro. Seria para baixar a febre e aliviar a dor. Depois, colocou a travessa sobre o colo dele, serviu e voltou trazendo uma gamela com cereais cozidos, talos

frescos de cardo, salsa e os primeiros morangos da estação.

A fome de Jondalar era bastante para comer qualquer coisa que lhe aparecesse pela frente, mas após as primeiras mordidas passou a comer devagar, querendo saborear melhor o gosto. Ayla havia aprendido com Iza a lidar com ervas, não só no sentido medicinal, mas também no do preparo de temperos. Tanto a truta como os cereais tinham sido preparados por mão de mestre. Os talos frescos estavam crocantes e macios na medida certa, e os morangos, apesar de poucos, contribuíam com uma pitada de doce que vinha deles, próprios e do sol que os amadureceu. Jondalar estava impressionado. Sua mãe era conhecida como excelente cozinheira, embora os sabores da comida dela fossem diferentes, e ele entendia as sutilezas da boa cozinha.

Ayla ficou feliz por vê-lo saboreando com prazer a sua comida. Depois que ele terminou, trouxe-lhe uma cuia de chá de hortelã e começou a se preparar para trocar os curativos. Retirou, primeiro, a compressa da cabeça. A inchação desaparecera, restando apenas um ligeiro ferimento. Os machucados no peito e nos braços também saravam. Talvez ficassem pequeninas cicatrizes, mas nada que fosse prejudicá-lo. O problema era a perna, Iria cicatrizar-se da forma correta? Iria ele poder usá-la normalmente? Parcialmente? Ou ficaria aleijado para sempre?

Ela removeu o curativo, dando um suspiro de alívio ao ver que as folhas de couve selvagem haviam reduzido a ulceração, tal como havia espera do. Sem dúvida tinha melhorado, embora ainda não se pudesse dizer até que ponto ficaria perfeita. Os nós dados com fios de tendão pareciam estar dando bom resultado. Para o tipo de lesão que era, a perna estava indo muito bem, quase já com o seu formato normal, apesar de que talvez ficasse com uma enorme cicatriz e um pouquinho deformada.

Era a primeira vez que Jondalar olhava de fato a sua perna e não gostava nada do que estava vendo. Parecia muito mais sério do que imaginara. Ele ficou pálido e por diversas vezes engoliu em seco. Percebia a intenção daqueles nós amarrando a sua carne e achava que talvez pudessem dar certo. Mas será que algum dia voltaria a caminhar?

Ele conversava com ela, perguntando-lhe onde havia aprendido o seu ofício, mas sem esperar por qualquer resposta. Ayla apenas distinguia o seu nome e nada mais. Queria pedir a ele para que lhe ensinasse o significado das palavras, mas não sabia como. Sentindo-se frustrada, saiu para buscar lenha. Estava morrendo de vontade de aprender a falar, mas como poderiam eles fazer para ter um simples início de comunicação?

Jondalar pensava na comida que acabara de comer. Fosse quem fosse que a estivesse abastecendo, a mantinha bem fornida, mas não restava dúvida de que a mulher sabia como cuidar de si mesma. Os morangos, a truta e os talos de cardo eram frescos. Já os cereais deviam ser do outono passado, sobra dos do estoque de inverno. Havia, portanto, um planejamento ali. Nada de passar fome no final do inverno e no princípio da primavera. Isso provava também que a região era bem conhecida e habitada há algum tempo. A fuligem negra ao redor da abertura e, em particular, a terra socada no chão eram indícios que levavam a crer que o uso que se fazia da caverna não era recente.

Com efeito, era uma caverna muito bem equipada, cheia de instrumentos e utensílios. No entanto, quando se observava melhor os objetos, eles chamavam a atenção pela total ausência de adornos e enfeites lapidados, de certa forma bastante primitivos. Ele olhou a cuia de madeira em que tinha bebido o chá. “Na verdade, não é que seja uma peça rústica ou grosseira”, disse a si mesmo. “De fato, muito bem-feita. A julgar

pelo desenho dos veios da madeira, a cuia fora esculpida de um nó.” Examinando mais atentamente, pareceu a Jondalar que a peça fora modelada de modo a aproveitar as figuras sugeridas pelos veios. Não era difícil imaginar o rosto de um pequeno animal nos nós e curvas. Teria ela feito intencionalmente? Era muito sutil. Ele gostava bem mais daquela peça do que de outras que já vira, exageradas em ornatos.

A cuia era funda, de forma simétrica, alargando-se na borda e muito bem-acabada. A madeira estava lisa e macia. Mesmo dentro, não se percebia nenhuma saliência ou ranhura. Um nó de madeira é muito difícil de ser trabalhado, e seriam precisos dias para se fabricar uma peça daquelas. Quanto mais a olhava mais convencido ficava de que a cuia disfarçava em sua simplicidade um magnífico trabalho de artesanato. “Marthona iria apreciar isso”, pensou, lembrando-se do gosto que a sua mãe tinha para arranjar os seus objetos, mesmo os mais simples e prosaicos.

Quando Ayla entrou trazendo o carregamento de lenha, ele levantou os olhos e abanou a cabeça, desaprovando a sua vestimenta de couro extrema mente grosseira. Então reparou no colchão em que estava deitado. Como a roupa dela, o colchão era simplesmente um pano de couro, sem forma, que envolvia o feno fresco posto numa vala no chão. Ele puxou uma ponta para examinar. Bem na beirada, o couro estava ligeiramente duro e com alguns pêlos de veado ainda presos, mas era maleável e aveludado. Tanto o grão duro de fora como o de dentro haviam sido raspados junto com os pêlos, dando ao couro aquela sua textura macia. Mas o que mais impressionava Jondalar eram as peles. Uma coisa era puxar e esticar o couro sem o grão para lhe dar flexibilidade, e outra bem diferente era o tratamento de peles, já que aqui apenas o grão de dentro era removido. As peles sempre tinham tendência a endurecer mais,

embora as que forrassem a sua cama fossem extremamente maleáveis.

O tato delas lhe lembrava algo que ele não sabia direito onde localizar.

“Nada de ornatos esculpidos e enfeites, mas tudo feito com o maior capricho e lavor”, pensou. Peles e couros curtidos com a maior perícia e cuidado, mas roupas sem corte, costuras ou amarrações. Nada de bordados com contas ou penas. Nada de tinturas colorindo. Nenhum adorno de qualquer tipo que fosse. No entanto, ela havia recomposto e costurado a sua perna. Estranhas contradições. A mulher era um mistério.

Jondalar, sem prestar muita atenção, observava Ayla preparando a fogueira. Ele já vira fazer fogo inúmeras vezes. “Por que ela simplesmente não pegava um carvão aceso na fogueira em que faz a comida?” Imaginou, então, que essa se tivesse apagado. Distraído, olhava sem ver para o que a mulher fazia. Primeiro, ela arrumando as acendalhas; depois, pegando duas pedras e batendo uma contra a outra e, por fim, soprando uma pequenina chama que logo se avivou. Tudo feito com tanta rapidez que, antes de que se desse conta, a fogueira já estava acesa, ardendo com labaredas.

- Nossa Mãe! Como você conseguiu fazer essa fogueira tão depressa?!- vagamente, ele se recordava de um fogo feito muito rápido durante a noite, mas tomou a coisa como uma ilusão de seus sentidos.

Ouvindo aquele vozerio intempestivo, Ayla se virou,olhando.o perplexa.

- Como você fez esse fogo? - perguntou outra vez, levando o corpo à frente. - Oh, Doni! Ela não entende uma palavra do que eu digo - falou desesperado, atirando a mão para o alto. - Ao menos você sabe o que fez? Venha cá, Ayla - pediu, acenando-lhe.

Imediatamente ela se dirigiu para ele. Era a primeira vez que o via fazer um gesto com uma intenção definida. Percebia que alguma coisa, o deixara extremamente agitado. Ayla tinha a testa franzida, concentrada nas palavras dele, desejando com todas as forças poder entende-las.

- Como você fez esse fogo? - perguntou Jondalar mais uma vez, agitando a mão na direção do fogueira e pronunciando as palavras muito devagar e com cuidado, como se dessa forma ela pudesse entender.

- Fo... - disse ela, procurando repetir a última palavra. Era alguma coisa importante. O esforço para concentrar-se no que ele dizia deixava-a tremendo e procurava entendê-lo, como se fosse algo que dependesse só de sua força de vontade.

- Sim, fogo! Fogo! - gritava Jondalar, gesticulando na direção das chamas. - Você tem uma idéia do que pode significar produzir fogo com essa rapidez?

- Fo...?

- É. Como aquele - dizia, fincando o ar com o dedo na direção da fogueira.

Ela se levantou e foi até a fogueira e apontou.

- Foco? - falou.

Ele soltou um suspiro e se reclinou sobre as peles, subitamente percebendo que a havia forçado a entender palavras que ela não podia saber.

- Desculpe, Ayla. Foi estúpido o que eu fiz. Como você pode dizer o que fez se não sabe o que estou falando?

A tensão se esvaíra. Ele fechou os olhos, sentindo-se exausto e frustra do. Ayla, entretanto, estava excitada. Tinha finalmente uma palavra. Uma só, mas já era um começo. Bom, mas como fazer com que o processo prosseguisse? Como dizer a ele que queria aprender mais? Que tinha de aprender muito mais?

- Dun-da-laá.

Ele abriu os olhos.

Ela apontou novamente para a fogueira.

- Foco?

- Sim, fogo. Aquilo é fogo - falou, confirmando com a cabeça. Depois fechou os olhos, sentindo-se cansado e um tanto idiota por ficar tão excitado e se torturar demasiado, física e emocionalmente.

Ele não estava interessado. O que poderia ela fazer para ser entendida? Sentia-se desapontada, furiosa por não conseguir pensar em alguma coisa que expressasse a sua necessidade. Tentou mais uma vez.

- Dun-da-laá - ela esperou que ele abrisse os olhos novamente. - Foco? - falou com os olhos suplicantes e esperançosos.

“O que significa isso?”, pensou Jondalar. A sua curiosidade fora despertada.

- O que é que há com esse fogo, Ayla?

Ela sentiu, pela expressão do rosto e pela postura dos ombros, que ele estava fazendo uma pergunta. Jondalar lhe prestava atenção. Ela olhava ao seu redor, pensando numa madeira de lhe falar, quando os seus olhos bateram num pedaço de pau perto da fogueira. Foi buscá-lo e, com a mesma expressão súplice e esperançosa, se postou na frente dele, segurando o pau para o alto.

Jondalar enrugava a testa, estupefato. Depois, achando que começava a entender, as rugas foram suavizando-se.

- Você quer saber o nome disto? - perguntou, admirado pelo súbito interesse dela em querer aprender a sua língua, quando até aquele momento se havia mostrado completamente desinteressada em falar. Falar? Mas ela não estava querendo aprender uma língua e sim querendo aprender a falar. Podia ser essa a razão por que estivera muda até aqui? Por não saber falar?

Ele tocou no pedaço de madeira.

- Pau - disse.

O ar no peito dela explodiu. Ayla não sabia que o vinha prendendo durante todo aquele tempo.

-Pau?

- Pau - repetiu ele devagar, exagerando na forma da boca, de modo a pronunciar com clareza.

- Pa-u - disse ela procurando imitar-lhe o movimento dos lábios.

- Muito bem - disse Jondalar, balançando a cabeça.

O coração de Ayla dava saltos. Teria ele compreendido? Afobada, olhava novamente ao seu redor, procurando alguma coisa que desse prosseguimento à comunicação dos dois. Viu a cuia e a pegou, estendendo o objeto na direção dele.

- Você, por acaso, está querendo que eu lhe ensine a falar?

Ela não entendeu. Abanou a cabeça e apontou para a cuia.

- Quem é você, Ayla? De onde vem? Como pode fazer todas essas coisas e não saber falar? Você é um enigma. Bom, mas se quiser saber alguma coisa sobre você, acho que tenho de começar por ensinar-lhe a falar.

Ela se sentou na pele ao lado dele, ansiosa, esperando com a cuia ainda na mão. Estava com medo de que, depois de todas aquelas palavras ditas, ele se esquecesse daquela que lhe perguntara. Novamente estendeu a cuia na sua direção.

- O que você quer? Cuia ou beber? Acho que isso não tem importância.

Ele tocou na vasilha e disse:

- Cuia.

- Cuu-ia - repetiu. Depois sorriu aliviada.

Jondalar deu prosseguimento à idéia dela. Pegou no odre que ela lhe deixara e derramou um pouco de água dentro da cuia.

-Água - falou ele.

- A-ga.

- Tente outra vez - disse animando-a. - Água.

- A-coa.

Ele fez sim com a cabeça e levou a cuia aos lábios, tomando um gole.

- Beber. Beber água.

- Be-be - disse com clareza, omitindo apenas o r da silaba final. - Bebe acoa.

Capítulo 21

- Ayla, não agüento mais ficar dentro dessa caverna. Olhe para o sol. Eu já posso me movimentar pelo menos para ir até lá fora.

Ela não entendeu tudo que ele disse, mas percebeu que era uma queixa e teve pena de seu sofrimento.

- Pontos - disse, tocando num dos nós. - Cortar pontos. Manha ver perna.

Ele sorriu, como se tivesse acabado de vencer uma batalha.- Com que então vai tirar os pontos e amanhã de manhã vou poder sair da caverna, não é?

Falando ou não a língua, Ayla não iria comprometer-se mais do que pretendia.

- Ver - disse com veemência. - Ayla ver... - ela lutava com o seu reduzido vocabulário. - Perna. - - não pronta. Dun-da-laá não sair.

Jondalar voltou a sorrir. Sabia que tinha forçado o sentido das palavras dela, esperando que Ayla fosse concordar com ele, mas ela não caíra na sua conversa e insistira para fazer-se entendida. Ele se sentia satisfeito. Podia não sair da caverna no dia seguinte, mas isso demonstrava que finalmente ela começava a aprender um pouco.

Ensinar Ayla a falar tomou-se um desafio e os progressos dela davam-lhe prazer. No entanto os avanços se faziam de forma desigual. Ele estava intrigado com o seu processo de aprender. Era espantosa a extensão do vocabulário que Ayla já possuía. Ela parecia ter a capacidade de memorizar as palavras tão logo ele lhe fosse dando o significado. Um dia ficou uma tarde quase inteira dizendo-lhe os nomes de tudo que ele e ela pudessem lembrar e, quando terminaram, Ayla repetiu todas as palavras com as suas associações

corretamente. Mas a pronúncia lhe era difícil. Ela não conseguia reproduzir, por mais que se esforçasse, determinados sons. E realmente esforçava-se.

Mas ele gostava de seu jeito de falar. Ela tinha uma voz grave e agradável, com uma sonoridade exótica que vinha de seu estranho modo de acentuar as palavras. Jondalar preferiu, por enquanto, não corrigir a maneira como ela juntava as palavras. A correção do discurso ficaria para mais tarde. As dificuldades dela tomaram-se mais visíveis quando começaram a passar das palavras que designavam coisas específicas e ações. Os mais simples conceitos abstratos eram problemas. Ela, por exemplo, queria uma palavra para cada matiz de cor. Não podia entender como o verde-escuro dos pinheiros e o claro dos salgueiros fossem os dois escritos pela mesma palavra. Quando conseguia perceber uma forma de abstração do pensamento, parecia que a idéia lhe chegava como uma revelação ou algo há muito tempo esquecido.

Certa vez ele fez um comentário elogioso sobre a sua fantástica memória. Ela achou difícil entendê-lo ou acreditar.

- Não, Dun-da-laá. Ayla não lembrar bem. Ayla, menina pequena, tentar muito. Não boa memória. Tentar, tentar. Todo tempo tentar.

Jondalar abanava a cabeça, desejando ter tão boa memória quanto ela ou a sua persistência e imensa vontade de aprender. Todos os dias ele notava progressos, mas ela nunca estava satisfeita. Contudo, quanto mais aumentava a possibilidade de comunicação entre os dois, mais se aprofundava o mistério de Ayla. Quanto mais ele sabia sobre ela, mais perguntas iam ficando sem respostas. Para certas coisas, era uma mulher extraordinariamente capaz e inteligente, para outras, ingênua e ignorante ao extremo. Com isto ele nunca tinha muita certeza como julgá-la. Algumas de

suas técnicas - como a de fazer fogo - eram das mais avançadas que já vira na vida, enquanto outras eram tão primitivas que ele quase não acreditava que houvesse alguém usando-as.

De uma coisa, porém, Jondalar não tinha dúvida: estivesse ou não o povo dela vivendo nas redondezas, Ayla era perfeitamente capaz de tomar conta de si mesma. E dele também, confirmou, vendo-a colocar de lado as cobertas para examinar-lhe a perna ferida.

Ela já tinha pronta a solução anti-séptica, mas estava nervosa enquanto se preparava para tirar os pontos. Não achava que a ferida fosse abrir, a cicatrização estava tendo um encaminhamento normal, mas era uma técnica nova, nunca usada, por isso se via insegura. Há dias já vinha pensando em retirar os pontos, e agora a queixa de Jondalar a fez resolver-se.

Debruçou-se sobre a perna, olhando com atenção os pontos. Com cuidado, puxou a ponta de um dos fios, feitos do tendão de uma corça. A pele crescera agarrada à linha e se suspendeu junta. Ela se perguntava se deveria ter esperado tanto tempo. Bom, era tarde para pensar nisso agora. Segurou entre os dedos o nó e, com a faca mais afiada que possuía - uma que nunca fora usa da - cortou o mais próximo possível do nó. Depois de dar uns puxões para experimentar, viu que o ponto sairia facilmente. Botou, então, o nó entre os dentes e deu um puxão rápido, de uma só vez. A linha saiu.

Jondalar estremeceu, recuando com o corpo. O corte não se abriu. Ela apenas lamentava estar causando-lhe aquele pequeno desconforto. Um fio de sangue escorreu do lugar onde a pele se rompera ligeiramente, mas os músculos e a carne estavam bem cicatrizados. Desconforto era um pequeno preço a pagar. Ela resolveu retirar os outros pontos o mais depressa possível para acabar de uma vez com aqueles instantes desagradáveis. Jondalar apertava os dentes e cerrava as

mãos cada vez que sentia um dos puxões. Por fim, os dois se inclinaram sobre a perna, querendo ver o resultado.

Ayla decidiu que se tudo corresse bem daria licença para que ele se firmasse sobre a perna e saísse um pouco da caverna. Pegou a faca, a vasilha com a solução anti-séptica, e se levantou. Jondalar reteve-a.

- Posso ver essa faca? - perguntou, apontando.

Ela lhe deu o objeto e ficou observando-o, enquanto ele o examinava.

- Mas isto é sílex! Não é uma simples lâmina. Foi feita com uma certa técnica, mas só que muito primitiva. Nem mesmo cabo tem, apenas um retoque de um lado para não ferir a pessoa. Onde você conseguiu isso, Ayla? Quem fez a faca?

- Ayla fazer.

Ela sabia que ele estava comentando sobre a qualidade do trabalho do objeto. Queria explicar-lhe que não era tão boa ferramenteira como Droog, mas que havia aprendido a talhar com o melhor dos talhadores de pedra dos clãs. Jondalar examinava a faca minuciosamente e, segundo parecia, com certa surpresa. Ayla gostaria de discutir as qualidades do instrumento, as propriedades do sílex, mas infelizmente lhe era impossível. Faltava-lhe o vocabulário específico e a compreensão necessária para formular conceitos. Era desalentador.

Estava louca de vontade de falar, de conversar sobre qualquer coisa com ele. Há tantos anos que não trocava idéias com uma pessoa. Só agora, depois da chegada de Jondalar, é que realmente se dava conta do isto lhe fazia falta. Sentia-se como se estivesse diante de um banquete, provando só de suas migalhas, ao invés de estar devorando as iguanas.

Jondalar devolveu-lhe a faca, balançando a cabeça espantado. Era afia da e, sem dúvida, bastante

satisfatória. Entretanto, mais curioso ainda havia ficado. Ayla era tão competente quanto qualquer zelandonii, com conheci mentos de técnicas avançadíssimas, como essa dos pontos. No entanto, que faca mais primitiva! Se ele ao menos pudesse lhe fazer algumas perguntas, fazê-la entender e ela lhe contar... E por que não conseguia falar? Estava aprendendo agora rapidamente. Então, por que não teria aprendido antes?

Fazer Ayla falar tornara-se uma suprema ambição, para ele e para ela.

Jondalar acordou cedo. A caverna ainda estava escura, mas já se via, pela entrada e pelo buraco no teto, os primeiros alvores da madrugada. A luz, perceptivelmente, ia ficando mais clara, enquanto ele observava as reentrâncias e saliências na parede ganharem forma. Vez por outra, fechava os olhos para continuar vendo as formas que ficaram gravadas em seu cérebro. Precisava se levantar e ir lá fora para olhar outras coisas. Sentia-se cada vez mais excitado, certo de que aquele seria o grande dia. Impaciente, estava a ponto de sacudir a mulher que dormia ao seu lado. Ia tocá-la, mas parou com a mão no ar, mudando de idéia.

Ayla dormia com o corpo enroscado e as peles empilhadas ao seu redor. Ele sabia que estava ocupando o lugar dela dormir na caverna. As peles de Ayla se achavam sobre uma esteira colocada ao seu lado e não numa cavidade no chão - como a dele - revestida por um acolchoado de palha. Ela dormia vestida, pronta para pular ao primeiro chamado. Subitamente, virou-se, ficando deitada de costas. Jondalar a examinava com atenção, procurando ver se havia nela algum traço marcante que desse uma pista sobre a sua origem.

A forma do rosto, com a estrutura óssea das maçãs, se comparada com a das mulheres zelandonii, tinha um quê particular, mas não havia nada fora do comum em

Ayla, anão ser o fato de ser extraordinariamente bonita. “Não. Não era uma questão só de beleza”, pensou ele, concluindo, agora que a olhava em profundidade. “Havia algo em suas feições que seria reconhecido como belo por qualquer padrão de beleza.”

Quanto ao feitio dos cabelos - presos em tranças regulares, deixadas soltas dos lados e atrás, e na frente embutidas umas sob as outras - não era comum, mas ele já vira outros arranjos de modo até mais estranho. Algumas das tranças se haviam desfeito e o cabelo fora puxado para trás da orelha, caindo em desalinho. Uma das bochechas estava manchada de carvão. Então ele se deu conta de que, desde que recobrara a consciência - e provavelmente isso já devia estar acontecendo antes - ela só o largava por alguns instantes. Nada escapava aos seus cuidados e...

O fio de seus pensamentos foi interrompido por Ayla que abriu os olhos, soltando um gritinho de surpresa.

Ela não estava acostumada a abrir os olhos e dar com uma cara na sua frente, sobretudo uma com um par de brilhantes olhos azuis e uma barba loura desgrenhada. Rapidamente se sentou. Tão depressa, que por um momento se sentiu meio tonta, mas logo recuperou o domínio de si e se levantou para atiçar o fogo. Estava apagado. Novamente ela se esquecera de abafar a fogueira. Foi buscar o material para fazer um novo fogo.

- Você podia me mostrar como faz fogo, Ayla? - perguntou Jondalar quando a viu apanhando as pedras.

Desta vez ela compreendeu.

- Não difícil - disse, trazendo as pedras e as acendalhas para perto da cama. - Ayla mostrar - ela bateu uma pedra contra outra. Em seguida, fez um montículo de fibras vegetais e felpa de cardo, e lhe deu a pirita de feno e o pedaço de sílex.

O sílex, Jondalar imediatamente o reconheceu. A outra, achava já ter visto também, mas jamais lhe teria ocorrido usar as duas para qualquer coisa que fosse, sobretudo para fazer fogo. Ele bateu uma contra outra como viu Ayla fazendo. Nada, apenas duas pedras se chocando uma contra outra e soltando, segundo lhe pareceu, uma minúscula faísca. Bateu novamente, já quase não acreditando que pudesse produzir fogo com pedras, apesar de ter visto Ayla fazê-lo diversas vezes. Uma faísca grande, agora, pulou das pedras. O seu espanto logo se transformou em interesse. Após algumas tentativas mais, ajudado por Ayla, ele tinha uma pequena fogueira crepitando ao seu lado. Olhou, então, outra vez para as pedras.

- Quem lhe ensinou a fazer fogo desta maneira?

Ayla sabia o que ele lhe perguntava, mas como explicar?

- Ayla fazer - respondeu.

- Sim, eu sei que você faz. Mas quem lhe mostrou?

- Ayla mostrar - como lhe contar sobre aquele dia em que descobrira as pedras-de-fogo, quando ela se vira sem fogueira e com a machadinha que brada? Por um momento, meteu a cabeça entre as mãos, tentando ver se conseguia explicar. Depois, triste, olhou para ele, abanando a cabeça. - Ayla não saber falar.

Ele percebeu toda a sua frustração.

- Irá saber, Ayla, e então medi Isso não vai demorar muito. Você é uma mulher surpreendente - ele deu um sorriso. - É hoje que vou sair, não é?

- Ayla ver... - ela afastou as cobertas para examinar a perna. No lugar dos pontos formaram-se pequeninas cascas e o estado geral da perna ia indo bem. Já era tempo de fazê-lo levantar e tentar saber de suas verdadeiras condições. - Sim. Dun-da-laá sair.

O sorriso que se estampou no rosto dele foi o maior que Ayla já vira em toda a sua vida. Jondalar se sentia

como um rapazinho indo para a Reunião de Verão depois de um longo inverno.

- Bom, então vamos lá, mulher - ele empurrou as peles, louco para se levantar e sair.

O entusiasmo era contagioso. Ela devolveu o sorriso, mas havia ainda uma restrição.

- Dun-dalaá comer comida.

Não demorou muito a ficar pronta. Ela só teve de fazer o chá, a comida fora preparada na véspera. Ela levou cereais para Huiin e ficou alguns momentos escovando-lhe os pêlos com uma escova de cardo, O potrinho não foi esquecido, e também ganhou as suas carícias e escovadelas. Jondalar observava-a. Já tinha reparado antes em Ayla com a égua, mas aquela era a primeira vez que a via fazendo certos sons parecidíssimos com o relinchar de um cavalo e outros guturais com as sílabas mutiladas. Os gestos e sinais que ela fazia com as mãos nada lhe diziam, era como se não os visse. Ele não sabia que também faziam parte da língua que Ayla usava para se comunicar com o animal, mas, por uma razão qualquer, sentia que ela estava conversando com a égua e que esta a entendia.

Enquanto Ayla fazia festinhas nos seus bichos, ele se perguntava que mágica teria ela usado para cativar os animais daquela maneira. Ele próprio já se sentia também cativo. Foi então que, surpreso e encantado, viu Ayla trazendo a égua e o potro na sua direção. Jondalar nunca tinha acariciado um cavalo, nem chegado tão perto de um potrinho felpudo. A total confiança e falta de medo dos animais conquistaram-no. Principalmente o cavalinho parecia ter simpatizado com ele depois das primeiras cautelosas palmadinhas, logo transformadas em afagos e coçadelas nos indefectíveis lugares de sempre.

Ele se lembrou de que ainda não dissera a Ayla o nome do animal. Então falou, apontando:

-Cavalo.

Mas Huiin tinha um nome próprio e Ayla fez não com a cabeça.

- Huiin - replicou.

Para ele, os sons que ela emitiu não expressavam nenhum nome. Eram apenas uma perfeita imitação da voz do cavalo. Jondalar estava perplexo. Ela não era capaz de falar uma língua, mas sabia falar como um cavalo. Conversar com um cavalo, seria isso possível? Só podia ser mágica e das grandes.

Pensando que a expressão de perplexidade dele era por não estar entendendo, Ayla bateu no peito dela e disse o seu nome. Depois apontou para Jondalar e disse o dele. Por fim para Huiin e mais uma vez relinchou.

- É esse o nome da égua, Ayla? Eu não consigo fazer sons assim. Não sei falar com cavalos.

Depois de uma segunda demonstração mais paciente, ele fez uma tentativa, mas soou como uma palavra lembrando a voz do cavalo. Mas ela pareceu ficar satisfeita e conduziu os animais de volta ao lugar deles na caverna.

- Ele está me ensinando a falar com palavras, Huiin. Vou aprender to das as suas palavras. Eu tinha de dizer o seu nome para o homem. Agora te mos de pensar num para o seu filho. Será que você gostaria de que Dun-dalaá escolhesse o nome de seu bebê?

Jondalar já havia ouvido falar de certos zelandonii que tinham a capacidade de atrair animais para os caçadores. Havia inclusive homens que sabiam imitar a voz de alguns animais para fazê-los chegar perto. Mas nunca soube de ninguém que conversasse com um animal e muito menos que o convencesse a morar junto com ele. No entanto, por causa dela, uma égua selvagem havia parido bem na frente de seus olhos e deixado que ele tocasse no seu filhote. Subitamente, cheio de admiração e também com um pouco de medo, atinara

com o que a mulher tinha feito. Quem era ela? Que tipo de magia possuía? Entretanto, observando Ayla, com um sorriso feliz no rosto, vindo na sua direção, ele nada via de extraordinário nela. Uma mulher como qualquer outra, só que podia falar com cavalos e não com gente.

- Dun-da-laá ir lá fora?

Ele já quase havia se esquecido. O seu rosto iluminou-se cheio de impa ciência. Antes que ela tivesse tempo de alcançá-lo, ele já estava tentando levantar-se. Todo o entusiasmo de repente desaparecera. Tal era a sua fraqueza que qualquer movimento lhe causava dor. Por um momento, achou que fosse ficar nauseado e tonto, depois melhorou. Ayla viu o seu sorriso entusiasmado transformar-se numa careta de dor e ele empalidecer.

- Acho que vou precisar de um pouco de ajuda - disse Jondalar, aflito, forçando um sorriso.

- Ayla ajudar - falou, oferecendo-lhe o ombro para servir de apoio, ao mesmo tempo que estendia a mão para auxiliá-lo. No início, ele não quis jogar muito peso sobre Ayla, mas ao ver que ela o agüentava bem, que tinha força e sabia como puxá-lo para levantar-se, lhe aceitou a ajuda.

Finalmente ficou de pé, firmando-se sobre a perna boa e escorando-se num dos paus do engradado. Ayla olhou para ele e os seus olhos se arregalaram e o queixo caiu. Ela sabia que o corpo de Jondalar era mais comprido do que o de qualquer homem dos clãs, mas ainda não havia visualizado o comprimento no sentido da altura, nem como seria ele de pé. Nunca vira ninguém tão alto.

Desde que deixara de ser criança, não se lembrava de alguma vez ter de levantar os olhos para olhar alguém. Mesmo antes de ficar adulta, já era mais alta do que qualquer pessoa dos clãs, inclusive mais alta do que qualquer homem. Sempre fora grande e feia. Muito alta,

pálida e de rosto achatado. Nenhum homem a queria, nem mesmo depois que o seu poderoso totem foi der rotado, apesar de que todos houvessem gostado de ser o possuidor do totem que vencera o seu Leão da Caverna, permitindo que ela engravidasse. Nem mesmo sabendo que o seu filho seria infeliz, se ela não tivesse companheiro antes do seu nascimento, eles a quiseram. E Dure foi infeliz. Iam matá-lo. Disseram que era uma criança deformada. Foi Brun quem o aceitou. Mas o seu filho havia triunfado sobre a sua má fortuna. Agora teria forças para sobrepujar a desgraça de haver perdido a mãe. Ele seria alto - ela já havia notado isto antes de partir - mas não tanto quanto Jondalar.

Perto daquele homem ela se sentia realmente pequena. A primeira impressão que teve de Jondalar foi a de que ele era muito jovem, e jovem para ela tinha a conotação de pequeno. Olhando-o nessa nova perspectiva, reparou que a sua barba crescera. Não sabia por que ele antes estava sem barba quando o encontrara. Agora, reparando nos pêlos duros e dourados que lhe despontavam do queixo, via que não era nenhum menino, mas um homem. Um homem alto, forte e plenamente adulto.

Jondalar, sem entender o motivo, sorria vendo a expressão de espanto no rosto de Ayla Também ela era mais alta do que tinha imaginado. A maneira dela se locomover e portar-se dava a impressão de alguém de estatura muito mais baixa. Realmente era bem alta e gostava de mulheres altas. Eram as que em geral atraíam os seus olhares, se bem que Ayla atrairia o olhar de qualquer homem, achava ele.

- Bom, vamos. Já esperamos muito.

- Ela havia tomado consciência da proximidade do corpo nu de Jondalar.

- Dun-da-laá precisar vestido - disse Ayla usando a palavra que Jondalar lhe dera para designar a roupa que

ela usava, embora estivesse se referindo a um traje para ele. - Precisar cobrir - ela apontou para o seu membro. Essa palavra também ele ainda não tinha ensinado. Então por qualquer razão inexplicável, ela corou.

Não por acanhamento, pois já vira muitas vezes homens e mulheres nus. Também não era por qualquer coisa ligada à preocupação. Ele precisava estar protegido neste local, porque tinha de precaver não contra acidentes ou insetos, mas contra os espíritos malignos. Embora as mulheres dos clãs não participassem dos rituais masculinos, ela sabia que os homens não gostavam de ter os seus membros descobertos quando saíam. Mas por que realmente o seu rosto estava corado e quente e o interior de seu corpo palpitante, isso ela não sabia.

Jondalar olhou para o seu corpo. Ele também era supersticioso em relação ao seu membro, só que as suas superstições não envolviam uma peça de roupa. Se um inimigo seu induzisse algum zelandonii a fazer baixar as forças do mal sobre ele ou se alguma mulher lhe lançasse uma praga, seria preciso muito mais do que um simples trapinho para protegê-lo.

A sua preocupação era no sentido de que talvez estivesse cometendo alguma gafe social, que como estrangeiro poderia ser perdoada, mas a prudência mandava que, quase estivesse vi se prestasse o máximo de atenção a todo e qualquer detalhe das normas, de modo a evitar possíveis ofensas. Ele vira para onde Ayla tinha apontado e percebera o seu rubor, deduzindo imediatamente que ela achava impróprio que saísse com o seu membro descoberto. De qualquer forma, sentar nu sobre uma pedra dura era algo muito desconfortável e acabaria restringindo-lhe os movimentos. De repente surgiu o pensamento dele, apoiado sobre uma perna só, agarrando-se a um poste e tão louco para sair que nem

percebeu estar nu. O grotesco da situação arrancou-lhe uma estrondosa gargalhada.

Jondalar não podia saber do efeito de suas risadas sobre Ayla. Para ele, rir era tão natural quanto respirar. Ayla, no entanto, havia crescido entre pessoas que não riam; que, inclusive, encaravam o seu riso com tal estranheza que ela se viu obrigada a cortá-lo de sua vida para poder adaptar-se mais facilmente. Era uma das tantas coisas que ela teve de pagar para ter a sua sobrevivência garantida. Só depois que o seu filho nasceu é que voltou a descobrir o prazer de rir. Essa era uma das características que ele herdara dela. Embora soubesse que, incentivando as risadas de seu filho, estava cometendo algo de censurável, ela, quando se via sozinha com ele, não conseguia resistir à vontade de fazer-lhe cócegas para vê-lo soltar as suas gostosas risadinhas de bebê.

Para Ayla o riso comportava unia carga de significado muito maior do que a de uma simples e espontânea resposta a um estímulo. Representava o único elo que tinha com o seu filho, a parte dela que via nele e que era expressão de sua própria identidade. O filhote de leão que ela adorava lhe havia feito dar boas risadas que muito contribuíram para fortalecer essa expressão. Rir era qualquer coisa de que não estava disposta a abdicar. Isso seria abdicar da lembrança do filho e desistir do seu próprio eu.

Ela nunca pensara na possibilidade de que alguém mais no mundo pudesse rir. Fora ela e Durc, não se lembrava de ninguém mais rindo. A risada muito particular de Jondalar - calorosa, exultante, franca - era um convite ao riso. Quando ele ria havia um prazer irrefreável. Ayla adorou as suas risadas do primeiro momento que as escutou. Contrariamente, aos homens dos das, para quem o riso era motivo de censura, o próprio som do riso de Jondalar já o sancionava. Era

mais do que um riso. Um convite impossível de ser recusado.

E Ayla não recusou. Passado o primeiro momento de surpresa, sorriu. Depois, riu francamente. Não sabia o que estava havendo ali de engraçado. Ria porque Jondalar ria.

- Dun-da-laá - falou quando já estava mais serena - qual a palavra para esses ha, ha, ha, que fazemos?

- Rir? Riso?

- Qual... palavra certa?

- Todas as duas. Quando fazemos isso é rir. Por exemplo, nós rimos. E quando falamos sobre a coisa é riso - explicou ele.

Ayla ficou por um instante pensativa. A palavra não expressava tudo o que ele havia dito. Falar não é só dizer palavras. Ela já conhecia muitas palavras, mas sempre ficava frustrada quando tentava exprimir os seus pensamentos. Havia um modo de arrumá-los e um certo sentido que não conseguia pegar. Apesar de entender a maior parte do que Jondalar dizia, as palavras para ela serviam apenas para dar uma pista. A compreensão se fazia muito mais pela sua capacidade de ler a linguagem não intencional do corpo dele. Ayla sentia que faltava precisão e profundidade em suas conversas. Pior ainda era a sensação de que sabia falar se pudesse lembrar e a tensão insuportável que lhe sobrevinha - tal como um doloroso nó que precisava desfazer - sempre que estava prestes a consegui-lo.

- Dun-da-laá, rir?

- Sim, correto.

- Ayla rir. Ayla gostar rir.

- Mas agora “Jondalar gostar sair”. Onde estão as minhas roupas?

Ayla foi buscar as roupas que cortara no corpo dele. Além de mancha das, haviam sido feitas em farrapos

pelas garras do leão. As contas e os outros motivos bordados na camisa estavam despencando.

- Devo ter ficado muito ferido mesmo - falou Jondalar suspendendo as calças e olhando para o couro duro com o sangue coagulado nelas. - Não dão para ser usadas.

Ayla pensava a mesma coisa. Ela foi até onde tinha o seu depósito de mantimentos e voltou trazendo algumas compridas correias e um pano de couro ainda não usado, que começou a enrolar na cintura dele, à moda dos homens dos das.

- Eu faço isso, Ayla - disse Jondalar, passando o pano por entre as pernas e o suspendendo na frente e atrás, de modo a arrumar uma tanga. - Mas se você me der uma ajudazinha, seria bom - acrescentou, enquanto pro curava prender a correia na cintura.

Ela o ajudou na amarração, depois ofereceu-lhe o ombro como suporte e fez sinais para que ele se apoiasse sobre a perna. Jondalar firmou o pé no chão e, cautelosamente, fez menção de andar. Doía mais do que imaginara. Começava a duvidar se iria consegui-lo. Mas, armando-se de coragem, apoiou-se pesadamente sobre Ayla e deu um pequeno passo arrastando o pé, depois um segundo. Quando atingiram a entrada, deu um luminoso sorriso para Ayla. Então, olhou para o patamar de pedra e os pinheiros crescendo próximos ao penhasco do outro lado do rio.

Ela o deixou ali, amparando-se na parede da caverna, enquanto buscava uma esteira e uma pele para colocar na beirada do patamar de onde ele poderia ter a bela vista do vale. Voltou, então, para ajudá-lo novamente. Ele estava cansado e cheio de dores, quando, por fim, acomodou-se sobre as peles, vendo pela primeira vez a paisagem que o rodeava, mas inteiramente feliz consigo mesmo.

Huiin e o seu potrinho estavam na campina embaixo. Os animais haviam saído da caverna pouco depois que Ayla os levara para cumprimentar Jondalar. O vale era um frondoso paraíso encravado no meio das áridas estepes. Ele jamais poderia imaginar a existência daquele lugar. Virando o corpo, viu a estreita garganta a montante do rio e um pedaço da praia rochosa. A sua atenção, entretanto, foi outra vez atraída para o verdoso vale que se estendia ao longo do rio até ser cortado por uma curva muito ao longe.

A primeira conclusão a que ele chegou foi a de que Ayla vivia ali sozinha. Não havia o menor sinal de outra habitação. Por alguns momentos ela ficou sentada junto dele, depois entrou na caverna para voltar trazendo um punhado de sementes. Então franziu os lábios, soprando melodiosos gorjeios tremulados, ao mesmo tempo que atirava as sementes ao seu redor. Jondalar, espantado, viu chegar um passarinho que se pôs a picar os grãos. Logo um bando de cores e tamanhos diversos estava rodopiando em volta dela, com bater de asas e picando saltitantes as sementes no chão.

Os diferentes cantos - gorjeios, trilos, grasnados - enchiam o ar, enquanto na terra a disputa se fazia num espetáculo de plumas que subiam leva das pelo vento. Jondalar custou a acreditar nos seus ouvidos quando descobriu que muitos daqueles cantos saíam dos lábios da mulher. Ela podia produzir toda uma gama de sons. Às vezes detinha-se num determinado canto, chamando um pássaro que vinha pousar-lhe no dedo para fazer com ela um dueto. Alguns, Ayla os levou até Jondalar que os tocava, antes que eles batessem as suas asas e voassem.

Quando as sementes acabaram, quase todos foram embora, menos um, de plumagem negra, que lá ficou para continuar trocando o seu canto com Ayla. Era um

tordo que ela imitava à perfeição nas múltiplas variações de seu sonoro canto.

Quando o passarinho se foi, Jondalar respirou fundo. Ele vinha prendendo a respiração, sem querer perturbar o espetáculo de pássaros montado por Ayla.

- Onde você aprendeu isso? É lindo, Ayla. Nunca tinha conseguido chegar tão perto de passarinhos.

Ela lhe sorriu, sem saber direito o que ele dizia, mas notando o seu ar impressionado. Então assoviou novamente um outro canto, esperando que ele dissesse o nome do pássaro. Mas Jondalar apenas sorriu, cumprimentando-a por aquele magnífico talento. Ela tentou mais uma vez e, depois de tentar mais uma segunda, resolveu desistir. Ele não entendia o que ela queria e sua testa franzia-se com o pensamento voltado para alguma outra coisa. “Ela podia imitar com muito mais perfeição os cantos dos pássaros do que o shamud o fazia com a sua flauta! Será que a mulher comungava com os espíritos da Mãe, através dos pássaros?” Um passarinho baixou do céu, aterrissando nos pés de Ayla. Jondalar olhou-o desconfiado.

Mas a apreensão logo desapareceu na alegria de estar ao sol, sentindo a brisa fresca e olhando para o belo vale à sua frente. Ayla também se via transbordante de felicidade na companhia dele - Era tão difícil acreditar que Jondalar estivesse sentado no patamar de sua caverna, que ela tinha medo de fechar os olhos e não encontrá-lo lá quando tornasse a abri-los. Finalmente, convencida da realidade dele, fechou-os só para saber quanto tempo agüentaria sem olhar para ele e pelo prazer de vê-lo ainda lá quando voltasse a descerrá-los. E se acontecesse de ele falar enquanto ela estivesse de olhos fechados, o som grave e trovejante de sua voz seria mais uma dádiva caída do céu.

Depois que o sol estava alto, fazendo-se notar com o seu calor, as águas cintilantes do rio atraíram a atenção

de Ayla. Ela, desde que ele chegara, temerosa de deixá-lo sozinho, havia abandonado os seus banhos matinais. Mas agora via que ele estava bem e se precisasse dela teria apenas que lhe gritar.

- Ayla ir para água - falou, gesticulando com os braços como se nadasse.

- Nadar - disse Jondalar, repetindo-lhe os gestos. - A palavra é nadar e bem que eu gostaria de poder ir com você.

- Nadá - tentou ela, devagar.

- Nadar - corrigiu-a Jondalar.

- Nadar - tomou a repetir Ayla. Ele confirmou com a cabeça e ela começou a descer para a praia. “Ainda vai custar um pouco até que Dun-da-la possa andar por esse caminho... na volta vou levar para ele um pouco de água fresca”, pensou Ayla. “Mas a perna está indo bem. Acho que vai poder caminhar normalmente. Talvez fique mancando um pouco, mas nada que vá prejudicá-lo. Tomara?”

Na praia, depois que desatou a correia da roupa, ela resolveu que lavaria também os cabelos. Saiu, então, à procura de raízes de saboeiro. Olhando para cima, viu Jondalar e lhe acenou. De volta à praia, se dirigiu para um lugar, fora do campo de visão dele, sentando-se na beirada de um enorme bloco de pedra que, até a primavera, havia feito parte do penhasco. Ali começou a desfazer as tranças. Um novo lago, formado depois da recomposição da paisagem, tornara-se o seu lugar predileto para tomar banho. Era profundo e a pedra perto tinha uma cavidade que ela usava para socar as raízes de saboeiro, de modo a desprender-lhes a substância saponácea.

Jondalar tomou a vê-la quando, já com os cabelos lavados, nadava subindo o rio. As suas braçadas eram fortes e regulares. Na volta, ela preguiçosa mente, deixou-se arrastar pela correnteza até o bloco de pedra,

onde se sentou para secar ao sol, enquanto desembaraçava os cabelos com um pauzinho e os escovava com espinhos de cardo. Quando finalmente enxugaram, o calor já estava forte: Embora Jondalar não a tivesse chamado, ela começava a preocupar-se. “Ele já deve estar cansado...”, pensou. Então, dando uma olhada na roupa, achou que já era tempo de trocá-la por uma limpa. Pegou-a do chão e subiu, carregando-a na mão.

Jondalar estava sentindo o sol multo mais do que Ayla. Era primavera quando ele e Thonolan haviam começado a viagem. O pouco bronzeado que adquirira depois de haver saído do acampamento mamutoi sumira durante o tempo em que esteve encerrado na caverna de Ayla. A sua cor era ainda a do inverno, ou pelo menos fora até ele sair para sentar-se no patamar. A queima dura do sol o incomodava, mas Ayla não se achava à vista. Resolveu, então, ignorar o desconforto, não querendo importuná-la naqueles poucos momentos que ela se dava, após tanto tempo de dedicada atenção. Ele começava a se perguntar por que estaria Ayla demorando tanto. Louco para vê-la voltar, olhava ora para o lado do caminho, ora para o rio, imaginando que talvez ela tivesse resolvido entrar novamente na água.

Ele tinha os olhos postos em outra direção, quando Ayla surgiu na ponta do patamar. Um único olhar para as costas vermelhas e irritadas foi o bastante para enchê-la de vergonha. “Olhe só que queimadura! Que curandeira sou eu para deixar um doente tanto tempo debaixo do sol!” Ela correu para ele.

Jondalar, ao ouvir o barulho dos passos, virou-se. Dava graças por Ayla estar de volta, mas não deixava de se sentir também um pouquinho contrariado por ela não ter chegado antes. Mas então, pouco importavam as queimaduras. De boca aberta, sem respirar, olhava pasmo para a mulher nua que, à luz do sol brilhante, caminhava na sua direção.

Enquanto ela andava, a pele morena e dourada ondulava com uma musculatura lisa e forte, desenvolvida por toda uma vida dura de trabalho. As per nas magnificamente modeladas eram maculadas na sua perfeição apenas por uma pequena cicatriz na coxa esquerda. De onde se achava, dava para ele ver as nádegas firmes e arredondadas, e, acima da penugem castanha do púbis, a curva de um ventre marcado por ligeiras estrias de gravidez. Gravidez? Os seios amplos, mas belamente formados, eram empinados como os de uma me nina e com aréolas cor-de-rosa e mamilos pontudos. Os braços longos, bem proporcionados, revelavam a sua força latente.

Ayla fora criada entre pessoas, tanto homens como mulheres, fortes por natureza. Para dar conta dos trabalhos exigidos das mulheres clânicas - levantar e carregar pesos, cortar lenha, curtir couro - o seu corpo foi obrigado a desenvolver a força muscular necessária. A caça dera elasticidade aos seus movimentos e a sobrevivência no seu mundo solitário dependia da força de seu trabalho.

Era provavelmente a mulher mais forte que Jondalar já vira. “Não é de admirar que tenha conseguido me levantar e agüentar com o meu peso”, falou ele para si mesmo. E sem dúvida também era a mulher de corpo mais escultural que ele já vira. Mas não era só o corpo. De início, ele a julgara como simplesmente uma mulher bonita, mas então ainda não a tinha visto em plena luz do dia.

Ayla tinha pescoço longo - com uma minúscula cicatriz na garganta - maxilares delicados, lábios canudos, nariz fino e reto, maçãs altas e olhos azuis-acinzentados. As feições finamente cinzeladas se casavam todas em per feita harmonia. As longas pestanas e as sobrancelhas em arco eram num tom

castanho-claro, um pouco mais escuras que as ondas caindo soltas de seus cabelos dourados, brilhando ao sol.

- Oh, Mãe! - disse Jondalar suspirando.

Ele não tinha palavras para descrevê-la. O efeito total era deslumbrante. Era encantadora, estonteante, magnífica. Nunca vira mulher mais bela. Por que ela escondia aquele corpo espetacular sob uma roupa enorme, sem forma? Por que prendia aquela gloriosa cabeleira com tranças? E ele que pensara que ela fosse apenas bonita. Por que não a teria visto antes?

Enquanto ela cruzava a distância que os separava, ele sentiu o início de uma ereção, logo tomada numa exigência palpitante, premente. Desejava-a com uma urgência que nunca sentira por outra mulher. As suas mãos ansiavam por acariciar aquele corpo perfeito, para descobrir os seus lugares secretos. Ele queda explorar, provar, dar-lhe os prazeres. Sem se perguntar se teria condições, já estava pronto para possuí-la quando, respirando-lhe o cheiro da pele quente, ela se debruçou, aproximando. Por outro lado, sentia que ela não era uma mulher que se pudesse abordar facilmente.

- Dun-da.laá! Voltar. Estar... fogo... - falou Ayla procurando por uma palavra que expressasse a vermelhidão de sua queimadura. Então, ela hesitou, freada pelo magnetismo animalesco de seu olhar, atraída para as profundezas daqueles olhos intensamente azuis. O coração batia forte, os joelhos fraquejavam, o rosto ardia e o corpo lhe tremia com aquela súbita umidade entre as coxas.

Não sabia o que havia de errado com ela. Virou a cabeça para o lado,desviando à força os seus olhos dos dele. O olhar caiu sobre o membro empinado, desenhando-se sob a tanga. Súbito, uma vontade irreprimível de estender a mão, de tocar... Ela fechou os olhos, respirando fundo, tentando dominar o tremor. Ao abri-los, procurou evitar-lhe o olhar.

- Ayla ajudar Dun-dalaá entrar na caverna.

A queimadura doía e ele se sentia cansado, depois de tanto tempo do lado de fora, mas mesmo assim o seu fogoso desejo se manteve inflamado enquanto fazia a curta e penosa caminhada, apoiado sobre ela, em contato coma sua nudez. Depois de acomodá-lo na cama, Ayla correu até onde estava o seu estoque de ervas medicinais e, em seguida, saiu.

Ele se pôs a imaginar onde poderia ter ido. Compreendeu, ao vê-la entrar trazendo um punhado de folhas grandes e peludas, de tom verde-acinzentado. Eram bardanas. Ayla retirou-lhes o grosso veio central e as rasgou dentro de uma vasilha. Acrescentou água e, com uma pedra, as macerou como papa.

O desconforto era grande e a queimadura parecia arder ainda mais. Súbito, ele sentiu o mingau frio e refrescante em suas costas, dando mais uma vez graças por Ayla ser curandeira.

- Ahhh. - - que coisa boa... - gemeu ele, enquanto ela com as mãos espalhava as folhas úmidas. Jondalar estava consciente da sua nudez. Até aquele momento Ayla ainda não parara para se vestir e, agora, ajoelhada ao seu lado, ele lhe sentia a proximidade como uma emanação palpável. O cheiro da pele quente e de outros misteriosos odores femininos o excitavam. Ele esticou o braço, correndo com a mão pela coxa, até encontrar as nádegas.

Ayla empertigou-se, imediatamente parando o que fazia. Com os sentidos todos voltados para a mão que a acariciava, mantinha-se rígida sem saber o que ele fazia e o que se esperava dela. Apenas sabia que não queria que ele interrompesse. Ele subiu com a mão querendo tocar-lhe no mamilo. Um arrepio forte correu-lhe pelo corpo, fazendo-a suspirar.

Jondalar ficou surpreso, vendo-lhe a expressão de espanto. Não era perfeitamente normal um homem

querer tocar numa bela mulher? Principalmente que, juntos como estavam, já ficavam tocando um no outro? Ele retrocedeu com a mão, sem saber o que pensar. “Ela se comporta como se nunca tivesse sido tocada por um homem. No entanto é uma mulher e não uma garotinha ingênua. Afinal, aquelas estrias na barriga eram um indício claro de que já devia ter tido algum filho, embora por lá não se visse o menor sinal de criança. Bom, ela não era a primeira mulher a perder o seu filho e, para ter sido abençoada pela Mãe, certamente deveria ter tido os seus ritos de passagem.”

O corpo dela ainda vibrava de suas carícias. Ela não sabia por que ele parara. Então se levantou e afastou-se.

“Talvez ela não goste de mim”, pensou Jondalar. Nesse caso, por que ficara tão colada a ele, quando era tão óbvio que a desejava? Mas ela não podia satisfazer-lhe, pois estava tratando de sua queimadura. Além disso, nada em suas maneiras sugeria qualquer coisa nesse sentido. De fato, parecia completamente alheia ao efeito que tinha causado sobre ele. Estaria assim tão acostumada com esse tipo de resposta à sua beleza? Por outro lado, não era a indiferença fria de uma mulher experiente. Mas como uma mulher com aquela aparência podia não saber o efeito que exercia sobre os homens?

Jondalar pegou o pedaço de uma folha macerada que caiu de suas costas. Os sharamudoi também usavam bardana em queimaduras - “Ela sabe das coisas. Mas claro! Ah, Jondalar, como pode você ser tão imbecil? O shamud não lhe contou sobre as provas por que passam aqueles que servem à Mãe? Ela deve ter renunciado aos prazeres. Não é de admirar que esconda a sua beleza sob aquela pavorosa roupa sem forma. Ela nunca teria se aproximado se você não estivesse com essa queimadura, seu idiota. E aí você a agarra como qualquer adolescente descarado.”

A sua perna latejava e, apesar do medicamento ter melhorado um pouco, a queimadura ainda incomodava. Ele se deitou, procurando uma posição de lado, e fechou os olhos. Estava com sede, mas não queria virar-se para pegar o odre justamente quando encontrara uma posição mais suportável. Sentia-se miserável, pelas dores e pela grosseria que achava ter cometido. Estava realmente envergonhado.

Ele não se sentia humilhado por cometer gafes há muito tempo, desde que era um garotinho. Havia se educado no autocontrole até que isto se tomara numa verdadeira arte. Agora ultrapassara os limites e fora rejeitado. Aquela bela mulher que tinha desejado mais do que qualquer outra o rejeitara. Ele sabia como se passariam as coisas daqui por diante. Ela agiria como se nada houvesse acontecido, mas iria evitá-lo sempre que pudesse. Quando Mo lhe fosse possível manter-se afastada, saberia pôr uma distância entre os dois. Se ria fria e arredia. A sua boca poderia sorrir, mas os olhos estariam dizendo a verdade. Não haveria calor neles; pior ainda: mostrariam piedade.

Ayla, depois de vestir uma roupa limpa, foi trançar os cabelos, envergonhada por ter deixado Jondalar pegar uma queimadura de sol. Era culpa dela. Ele não tinha condições para se pôr ao abrigo do sol. Ela se divertia, to mando banho de rio e lavando os cabelos, quando deveria estar prestando atenção ao doente. “E espera-se que eu seja uma curandeira, uma curandeira da estirpe de Iza, da mais prestigiosa linha de curandeiras dos clãs. O que diria Iza de tamanha desatenção, de tanta falta de cuidados com um doente?” Ayla se sentia acabrunhada. Ele havia passado tão mal, sofrido tanto e ela ainda lhe fora arrumar mais sofrimentos.

Mas não era só por isso que Ayla se sentia aflita. Jondalar a havia tocado. O calor da mão dele ainda estava na sua coxa. Sabia exatamente onde tinha sido

tocada. Era como se as suaves carícias a tivessem marcado a fogo. Por que teria ele tocado no mamilo? Aquele ponto ainda ardia com o seu to que. O membro dele havia estado na plenitude de sua virilidade e ela sabia o que isto significava. Quantas vezes já vira os homens fazendo o sinal convencionado quando queriam aliviar as suas necessidades? Broud lhe fazia o sinal, mas ela - lembrou-se, estremecendo - odiava ver o seu membro duro e intumescido.

No entanto agora se sentia diferente. Teria até gostado se Jondalar lhe houvesse feito o sinal.

“Não seja ridícula. Como poderia ele com aquela perna? Mal se agüenta nela.”

Mas o seu sexo estava duro quando ela voltara do rio e os seus olhos... À lembrança dos olhos de Jondalar, ela estremeceu. Estavam tão azuis, revelando a sua necessidade, mostrando...

Ela não soube completar. Parou de fazer as tranças, entregando-se às lembranças de Jondalar. Ele a havia tocado e...

Subitamente, ela interrompeu o fio de seus pensamentos e se sentou com o corpo reto. Não teria ele feito o sinal? Será que parou por ela não se mostrar receptiva? Uma mulher deve sempre estar disponível para atender às necessidades do homem. Essa era uma das regras básicas que toda mulher dos clãs aprendia quando o seu espírito entrava pela primeira vez em luta e sangrava. Do mesmo modo como aprendia também as posturas e os gestos, quase imperceptíveis, que animavam o homem a querer aliviar as suas necessidades. Ela nunca havia entendido por que uma mulher iria querer ter uma atitude dessas, mas agora sabia.

Queria que aquele homem aliviasse as suas necessidades com ela, mas qual seria o sinal dele? “Se, por um lado, eu não conheço o seu sinal, por outro ele

também desconhece os meus gestos. E se eu recusá-lo s saber? Tal vez ele nunca mais tome a tentar. Mas será que realmente ele me quis? Eu sou tão feia e grande...”

Depois de prender a última das tranças, ela foi atiçar o fogo para preparar um remédio contra dor. Quando chegou trazendo-o, ele deitava-se de lado na cama. Bom, já que conseguira acalmar-se sozinho, ela não iria incomodá-lo. Sentou-se de pernas cruzadas ao lado da cama e esperou que ele abrisse os olhos. Jondalar não se mexia, mas ela sabia que não estava dormindo. A sua respiração não era regular e a testa contraía-se, revelando um certo mal-estar.

Jondalar, ao ouvir-lhe os passos, fechara os olhos fingindo dormir. Ele esperava, com os nervos tensos, reagindo contra a vontade de abri-los e ver se Ayla se achava lá. “Por que está ela tão quieta? Por que não vai embora?” Ele estava deitado sobre um braço que começou a ficar dormente com a falta de circulação. Se não mudasse logo de posição, ficaria insuportável. A per na latejava. Tinha vontade também de mexê-la, pois já estava cansado de mantê-la na mesma posição. O rosto comichava com a barba crescendo e as costas pegavam fogo. Talvez ela já não estivesse mais lá. Talvez tivesse ido embora, sem que ele lhe percebesse os movimentos. Ou será que ficara ali, olhando para ele?

Ayla observava com toda a atenção. Havia olhado para aquele homem mais do que para qualquer pessoa em sua vida. Não era de bom-tom as mulheres dos clãs olharem diretamente para os homens, mas ela já se havia permitido uma série de outras infrações. Teria se esquecido das regras de boas maneiras que Iza lhe ensinara? Já não se lembrava mais dos cuidados devidos a um doente? Ela olhava para o chão, segurando sobre o colo a cuia de chá de datura. Aquela era a forma correta de uma mulher abordar o homem: sentada no chão, de cabeça baixa, esperando que ele lhe desse um tapinha

no ombro como sinal do reconhecimento de sua presença. Já era tempo de que ela voltasse a lembrar-se das regras da boa educação.

Jondalar abriu ligeiramente os olhos, tentando ver se Ayla se achava lá, mas sem querer que ela soubesse que estava acordado. Ele viu um pé e, rapidamente, tomou a fechar os olhos, Sim, ela estava, Por que ficava ali sentada? Que poderia estar esperando? Por que não ia embora e o deixava sozinho com as suas mágoas e humilhações? Ele tomou a espiar por entre as pálpebras semicerradas. O pé não saíra do lugar. Ela estava sentada de pernas cruzadas e segurava uma cuia. Oh, Doni, ele estava morto de sede, Seria para ele aquela cuia com um líquido? Será que ela estava esperando que acordasse para lhe dar algum remédio? Mas se quisesse poderia sacudi-lo. Não precisava ficar esperando.

Ele abriu os olhos, Ayla se achava sentada, de cabeça baixa, olhando para o chão, Vestia uma de suas roupas sem forma e os cabelos estavam presos por uma série de tranças. A sua aparência era limpa e esfregada. Desaparecera a mancha de carvão da bochecha. A roupa estava limpa, feita de uma pele ainda não usada. Sentada, de cabeça baixa, ela tinha um jeito tão natural, tão simples. Nenhum artifício, nenhuma falsa modéstia e nada de olhares de esguelha, maliciosos.

As tranças contribuíam para essa impressão, bem como a roupa cheia dobras e papos que lhe camuflavam o corpo. Esse era o truque, o artifício que usava para esconder o seu corpo de mulher adulta e os belos e sedosos cabelos. Não podia esconder o rosto, mas essa sua maneira de olhar para baixo e para os lados desviava a atenção dela. Por que se mantinha escondida? Devia ser pela prova que se havia imposto. A maioria das mulheres que ele conhecia estariam se pavoneando com aquele magnífico corpo, tirando o melhor partido

daquela gloriosa cabeleira dourada e dariam tudo para ter um rosto tão belo.

Observando-a em sua imobilidade, Jondalar se esquecera de seus incômodos. Por que estaria tão quieta? Talvez não quisesse olhar para ele, cogitou novamente, sentindo vergonha e se lembrando de sua dor. Já não agüentava mais, precisava mudar de posição.

Ayla olhou para cima quando o viu mexendo com o braço. Afinal, por mais comportada que se mostrasse, se ele não conhecia a significação de sua postura, como iria dar-lhe o tapinha no ombro? Jondalar estava surpreso de ver-lhe a expressão envergonhada e compungida, com os olhos sinceramente suplicantes. Nada de condenação, piedade ou rejeição. Parecia, antes, embaraçada. Mas que motivo teria para estar envergonhada?

Ela lhe deu a cuia. Ele tomou um gole, fazendo uma careta pelo amargor, e em seguida bebeu o resto e pegou o odre para lavar o gosto da boca. Sem conseguir ajeitar-se direito, voltou a deitar. Então, ela tornou a sentá-lo e endireitou as peles na cama. Ele não voltou a deitar imediatamente.

- Ayla, há tanta coisa sobre você que eu gostaria de saber e que não posso. Ignoro onde aprendeu a sua arte de curar. - - nem sei como vim parar aqui. Tudo que sei é que lhe sou grato. Você salvou a minha vida e, o mais importante, salvou a minha perna. Sem ela, mesmo que tivesse vivido, jamais poderia voltar para casa. Desculpe ter me comportado como um idiota, mas você é tão linda, Ayla, Eu não sabia. Você disfarça muito bem a sua beleza. Nem sei por que faz isso, mas deve ter os seus motivos. Você está aprendendo depressa. Talvez, quando souber falar um pouco mais, me possa contar... se você quiser e puder falar, se não, aceito as coisas como estão. Sei que não entende tudo o que estou dizendo, mas quero, assim mesmo, falar. Nunca mais voltarei a incomodá-la, Ayla.

Capítulo 22

- Querer falar direito... Dun-da-laá.
- Mas você diz o meu nome perfeitamente.
- Não! Ayla falar errado - ela abanou a cabeça.
- Falar certo.
- Jondalar. Jon-dadar.
-Zon...
- Zon, não. Jon... Jondalar - disse ele articulando muito devagar.
- Zon... Jon - continuou ela, pelejando com aqueles sons desconhecidos. - Jon-da-larr - conseguiu por fim dizer, enfatizando o som gutural do r.
- Bem. Muito bem.

Ayla sorriu, triunfante. Depois, com um sorriso meio de mofa, falou:

- Jon-da-lar du Zelan-do-nii.

Ele lhe havia dito o nome de seu povo mais vezes do que o seu nome propriamente e ela vinha treinando escondido.

- Ótimo! - Jondalar estava sinceramente surpreso. Ela ainda não o pronunciara perfeitamente, mas só um zelandonii perceberia a diferença. A calorosa aprovação valeu os esforços feitos e ela deu um belo sorriso de vitória.
- O que é zelandonii?
- É a minha gente. O povo que nasceu da Mãe e que vive em terras mui to distantes a sudoeste daqui. Doni significa a Grande Mãe da Terra. Os Filhos da Terra, acho que essa é a melhor forma de explicar. Na verdade todos chamam a si mesmos, cada qual em sua língua, Filhos da Terra, que é a mesma coisa que “povo”.

Eles estavam de frente um para o outro, encostados contra dois troncos opostos de vidoeiros, pertencentes a

um grupo de árvores cujos caules se desenvolveram em diversos troncos grossos provindos de uma base comum. Embora usando um bordão e mancando ainda bastante, Jondalar dava graças por estar na verdosa campina do vale. Desde os primeiros passos vacilantes, ele não parara um só dia de se esforçar e fazer progressos. A primeira descida fora um penoso sacrifício e também um triunfo. A volta acabou tomando-se até mais fácil.

Ele ainda não sabia como Ayla, sem ajuda nenhuma, dera com ele na caverna. Afinal, se alguém a tinha auxiliado, onde estava essa pessoa? Era uma pergunta que há muito queria fazer, mas primeiro ela não iria entendê-lo, de, pois lhe pareceu impróprio perguntar só por perguntar, no sentido de mera mente satisfazer a sua curiosidade. Esperava pelo momento propício, que pareceu por fim ter chegado.

- Quem é o seu povo, Ayla? Onde vive?

O sorriso sumiu de seu rosto. Ele estava quase arrependido de haver perguntado. Depois de um longo silêncio, quando já achava que a pergunta não havia sido entendida, ela falou:

- Nenhum povo. Ayla de nenhum povo - respondeu, desencostando da árvore e saindo da sombra. Jondalar pegou o bastão em que se apoiava e foi mancando atrás dela.

- Mas você tem de ter um povo. Deve ter tido a sua mãe. Quem cuidou de você? Quem a ensinou tratar das pessoas? Onde está o seu povo nesse mo mento, Ayla? Por que você está sozinha?

Ela caminhava na frente, olhando para o chão. Não estava evitando as perguntas. . - precisava responder-lhe. Nenhuma mulher dos clãs podia recusar-se a responder uma pergunta feita por um homem. Na verdade, nos das, todas as perguntas eram respondidas, fossem elas feitas por um homem ou por uma mulher. No entanto, no caso das mulheres, estas não faziam

perguntas de caráter pessoal ao homem e eles raramente se questionavam entre si. Em geral só a mulher era indagada. As perguntas de Jondalar lhe traziam lembranças, mas algumas Ayla não sabia como responder e para outras não tinha resposta.

- Se você não quiser contar...

- Não - ela olhou para ele e abanou a cabeça. - Ayla contar - os seus olhos pareciam confusos. - Não saber palavras.

Jondalar novamente ficou em dúvida se deveria ou não ter levantado o assunto, mas estava curioso e ela, por seu lado, parecia disposta a responder. Pararam junto ao bloco de pedra que se desprendera do penhasco para alojar-se no meio da campina. Ele se sentou numa beirada onde a pedra partira, fazendo um banco com encosto e um assento de boa altura.

- Como chama a sua gente, Ayla? - perguntou Jondalar.

Ayla pensou por um momento.

- Gente... homem, mulher... criança... - ela novamente abanou a cabeça, sem saber como explicar. - Os clãs - disse, enquanto fazia um gesto que expressava o conceito.

- Como uma família? Uma família é composta por um homem, uma mulher e os filhos, todos vivendo numa casa... bom, em geral.

Ela confirmou com a cabeça.

- Família... maior.

- Seria um pequeno grupo? Diversas famílias vivendo juntas formam uma Caverna - explicava Jondalar - mesmo que não morem numa.

- Sim. Como um clã pequeno. Muita gente, como os clãs.

Quando ela disse a palavra pela primeira vez, ele quase não a ouviu e nem percebeu o gesto que Ayla fez com a m Era uma palavra gutural, dita em tom baixo,

pronunciada, segundo pareceu a Jondalar, engolindo o miolo da sílaba. Nunca imaginaria aquele som como correspondendo a uma palavra. Até então as únicas palavras que ouvira da boca de Ayla foram as que ele lhe ensinou. Jondalar estava interessado.

- Glun? - falou, tentando imitá-la.

A pronúncia parecia, mas não estava inteiramente correta.

- Ayla não dizer direito palavras de Jondalar. Jondalar não dizer direito palavras de Ayla. Jondalar falar bonito.

- Eu pensava que você não conhecesse nenhuma palavra, Ayla. Nunca a ouvi falar em sua língua.

- Não conhecer muitas palavras. Os elas não falar com palavras.

Jondalar não entendeu.

- Se não falam com palavras, então como fazem?

- Eles falar... com mãos - disse ela, sabendo que, de certa forma, não era bem assim.

Ayla reparou que, inconscientemente, gesticulava enquanto se esforçava para encontrar as palavras. Ao ver a cara de espanto de Jondalar, pegou-lhe as mãos e as guiou num certo tipo de movimento, enquanto mais uma vez dizia:

- Os clãs não falar com muitas palavras. Os clãs falar... com mãos.

A testa de Jondalar foi aos poucos perdendo as rugas. Ele, por fim, começava a compreender.

- Você está querendo me dizer que o seu povo fala com as mãos? Mostre como. Diga alguma coisa na sua língua.

Ayla pensou por um instante.

- Tenho tantas coisas para dizer a você, mas preciso antes aprender a falar a sua língua. Agora, a sua forma de vida é a única que me resta. Como posso lhe dizer quem é o meu povo? Eu não sou mais uma mulher dos

clãs. Como posso explicar que estou morta? Que eu não tenho um povo? Para os clãs, estou caminhando no outro mundo, tal como o homem que viajava com você. O seu germano, acho eu. O seu irmão.

"Gostaria de lhe dizer que fiz os sinais sobre a sua sepultura, para que aliviasse um pouco a dor em seu coração, Jondalar. Gostaria de lhe dizer também que, apesar de não conhecê-lo, eu lamentei a sua morte.

"Eu não sei quem eu sou e nem de que povo venho. Devo ter tido mãe e uma família que se pareciam comigo... e com você também. Mas só conheço essas pessoas como os Outros. Iza é a única mãe de que me lembro. Foi ela quem me ensinou as mágicas de curar e fez de mim uma curandeira. Agora, está morta. E também Creb.

"Jondalar, sinto uma enorme vontade de conversar com você sobre Iza, Creb e Dure." Ela neste ponto fez uma pausa para pegar o fôlego. "Meu filho também foi separado de mim, mas ele vive. Esse é o meu único consolo. E agora, também você, depois que o Leão da Caverna o trouxe para cá. Eu tinha medo de que os homens dos Outros fossem iguais a Broud, mas você é parecido com Creb, gentil e paciente. Quero pensar em você como sendo, um dia, o meu companheiro. Quando eu o encontrei, achei que tinha sido trazido para cá por essa razão. Imagino que quis acreditar nisso porque eu me sentia muito sozinha, desejando imensamente ter alguém para companhia e você é o primeiro homem dos Outros que eu vejo... pelo menos que eu me lembre. Pouco importava quem você fosse, eu apenas estava querendo um companheiro. Agora é diferente. Cada dia que passa, mais eu gosto de você. Sei que existem várias pessoas dos Outros vivendo não muito longe daqui, e que há, além de você, outros homens. Um deles talvez pudesse se tomar o meu companheiro. Mas eu não quero e tenho medo de que depois de você sarar, não vá querer

permanecer aqui comigo. Também tenho medo de perdê-lo. Gostaria de poder lhe dizer que eu me sinto muito... muito agradecida por você estar aqui.”

Ela se interrompeu, mas sentindo que ainda havia mais coisas a dizer.

Jondalar a observava e não era de todo incompreensível o que ela dizia. Os movimentos - não só os gestos que fazia com as mãos, mas o jogo facial, os olhos, a postura - eram tão expressivos que ele se sentia profundamente comovido. Ela fazia lembrar uma dançarina silenciosa, exceto pelos sons ásperos que, estranhamente, se harmonizavam com os delicados movimentos. Ele percebia unicamente através do plano emocional. De forma alguma poderia acre ditar que o que sentia fosse o expressado por ela. No entanto, quando Ayla se interrompeu, sabia que ela tinha passado algo. Também percebera que aquela língua de movimentos e gestos não era, como imaginara, uma extensão da gesticulação que ele às vezes usava para enfatizar o seu discurso. No caso dela, antes, dava a impressão de que os sons eram o que enfatizava os movimentos.

Ao terminar, Ayla por alguns momentos ficou parada, pensativa, de pois, graciosamente, deixou-se cair aos pés dele, permanecendo de cabeça baixa. Jondalar ficou esperando. Vendo que ela não se mexia, começou a se sentir embaraçado. Ayla parecia estar aguardando por ele, fazendo-o sentir como se ela estivesse lhe prestando uma homenagem. Tal deferência, dirigida à Grande Mãe Terra, seda perfeita, mas a Mãe, sabia-se, era ciumenta e não veria com bons olhos um filho receber uma homenagem que só a ela era devida.

Por fim Jondalar abaixou-se e lhe tocou no braço.

- Levante-se Ayla. O que você está fazendo?

Um toque no braço não era exatamente um tapinha no ombro, mas era o mais próximo que ela poderia imaginar como o sinal que se usava nos clãs para permitir à mulher falar. Então, ergueu os olhos.

- Mulher dos clãs sentar quando querer falar. Ayla querer falar com Jondalar.

- Mas você não precisa ficar sentada no chão para falar comigo - ele segurou-a, procurando levantá-la. - Se está querendo falar, pois então fale normalmente.

Ayla insistia em permanecer onde se achava.

- É costume dos clãs. - Os seus olhos se mostravam suplicantes, pedindo-lhe que a entendesse. - Ayla querer falar... - A frustração era grande e as lágrimas começaram a brotar. Novamente ela tentou. - Ayla não falar direito. Ayla querer contar. Jondalar dar fala para Ayla... querer contar...

- Está você tentando dizer obrigado?

- Obrigado? O que é isto?

Ele fez uma pausa.

- Bom, Ayla, você salvou a minha vida, tem cuidado de mim, tratado dos meus ferimentos e me dado comida. Por tudo isto eu digo: muito obrigado.

Ela franziu o rosto.

- Ser diferente. Quando homem estar ferido, Ayla tomar conta. Ayla tomar conta de todo homem. Jondalar ensinar Ayla falar... é mais. É mais que obrigado - ela olhava, aflita, ansiando por que ele pudesse entendê-la.

- Você pode não falar direito, mas se comunica muito bem. Agora levante-se, senão vou ter também de ficar abaixado junto de você. Sei que é curandeira e que o seu ofício é o de cuidar de todos que estejam precisando de ajuda. Você pode achar que não seja nada de mais ter salvado a minha vi da, mas isso não me faz menos agradecido. Para mim, não custa nada ensinar a minha língua, ensiná-la a falar, mas começo a perceber que isso é uma coisa muito importante para você e que

se sente assim agradecida. O meu costume é dizer muito obrigado. O seu, eu acho mais bonito. Por favor, agora levante-se.

Ayla sentiu que ele entendera. O sorriso dela transmitia mais gratidão do que poderia imaginar. Aquela era uma idéia difícil de ser comunicada e que lhe era muito importante. Sentia-se exultante com o seu sucesso. A sua alegria precisava se expandir e para isso nada como se pôr em ação. Huiin e o potro não estavam longe. Ela soltou um assovio forte e estridente. A égua levantou as orelhas, vindo galopando na sua direção. Ayla saiu correndo e deu um salto, indo aterrissar suavemente no seu lombo.

Com o potro seguindo de perto, deu uma longa volta pela campina. Tão grande era a atenção que vinha dedicando a Jondalar que desde que o encontrara pouco tinha montado. E agora aquela cavalgada era uma deliciosa sensação de liberdade. Voltando ao ponto de partida, encontrou Jondalar esperando-a. A sua boca já não estava mais aberta como quando a vira partir em cima da égua, mas sentia um frio percorrendo pela sua espinha, enquanto imaginava se não seda aquela mulher um ser sobrenatural ou, quem sabe, até mesmo uma donii. Vagamente ele se lembrava de um sonho no qual aparecia um espírito protetor na forma de uma moça afastando dele um enorme leão.

Mas então se lembrou da frustração muito humana de Ayla quando não conseguia se fazer entender. “Certamente nenhuma forma de espírito da Grande Mãe Terra teria problemas dessa ordem. Contudo, não restava dúvida de que tinha um jeito fora do comum para lidar com animais. Passarinhos que atendiam o seu chamado para comer em suas mãos, uma égua que, lhe ouvindo o assovio, corria para se deixar montar... e agora mais essa desse povo que não fala com palavras, mas por gestos. “Ayla, neste dia, dera muito o que

pensar”, dizia a si mesmo Jondalar, enquanto coçava o potrinho. Quanto mais pensava nela, mais misteriosa ela lhe parecia.

Se o seu povo não falava, ele podia agora entender por que ela não sabia falar. Mas que povo era esse? Onde estaria vivendo? Ayla disse que não pertencia a nenhum povo e que vivia sozinha no vale. .Mas, neste caso, com quem aprendera o seu ofício de curandeira? E esse seu fantástico dom para lidar com animais, de onde vinha? Onde teria ela conseguido as pedras-de-fogo? Era jovem demais para ser uma Zelandoni com tamanhos poderes. Em geral, se levava muitos anos, quase sempre vividos em retiro, para se obter o domínio de tais artes. Seria essa a gente dela? Ele sabia da existência de certos grupos de servidores da Mãe que se devotavam ao conhecimento dos profundos mistérios da vida. Eram pessoas altamente respeitadas. Zelandoni havia passado muitos anos com um desses grupos. O shamud também lhe falaria sobre certas provas que os servidores da Mãe se impõem para alcançarem sabedoria e o do mínio de suas artes. Será que Ayla teria vivido com um desses grupos que falavam só por gestos? E que agora morava sozinha para aperfeiçoar-se nos seus conhecimentos?

“E você, Jondalar, pensando em gozar dos prazeres com ela. Não é de admirar que tivesse reagido daquela maneira. Mas que desperdício, bonita como é e abdicar dos prazeres. Mas, bonita ou não, Jondalar, você vai respeitar-lhe a vontade.”

Enquanto isso o potrinho dava marradas, esfregando-se contra ele, pro curando ter carícias mais caprichadas daquelas mãos que sempre acabavam encontrando os lugares certos para coçar-lhe os comichões em seu couro trocando de pêlo. Jondalar ficava encantado de se ver procurado pelo potro. Até então, cavalos para ele não tinham outra significação que a de alimento. Nunca lhe ocorrera que pudessem

ser animais amigos e sensíveis e que gostassem de suas carícias.

Ayla, feliz, sorriu, vendo a amizade que se formava entre os dois. Ela lembrou-se de urna idéia que tivera e naturalmente a explicou para Jondalar.

- Jondalar poder dar nome para potro?

- Dar um nome para o potro? Você quer que eu dê um nome para o animal? - ele não sabia direito o que pensar, mas estava encantado. - Eu não sei, Ayla. Nunca pensei em dar nome a nada e muito menos a um cavalo. Como se dá nome a um cavalo?

Ayla percebia o seu ar confuso. Era uma idéia que ela própria não havia aceitado de imediato. Os nomes tinham um certo peso, uma significação especial. Era o que identificava. Identificar Huiin como indivíduo único, separado do conceito de cavalo, tinha suas conseqüências. Com esse nome não mais a égua era um mero animal fazendo parte das manadas que rondavam pelas estepes. Estava associada aos humanos, confiada a uma pessoa da qual dependia a sua segurança. Ela era única em sua espécie, a única a ter um nome.

No entanto, isso impunha obrigações a Ayla. O conforto e o bem-estar do animal não só exigiam-lhe bastante trabalho, como também era motivo de preocupações. A égua estava sempre presente em seu pensamento. As suas vi das estavam inextricavelmente enredadas.

Foi principalmente após a volta de Huiin que Ayla se dera conta da relação que se tinha estabelecido entre ela e a égua. Agora, embora não calculada- mente ou de forma planejada, o pedido a Jondalar não era destituído de in tenção. Ela desejava que permanecesse lá. Se Jondalar se afeiçoasse ao cavalinho era mais uma razão para que ele ficasse onde o animal tinha de estar, isto é, no vale com Huiin e ela.

Mas não havia necessidade de pressioná-lo. Por algum tempo ele não iria a nenhum lugar, pelo menos enquanto a sua perna não estivesse totalmente curada.

Ayla acordou sobressaltada. A caverna estava às escuras. Ela ficou deita da de costas, fitando a densa escuridão e procurando novamente dormir. Depois, resolveu sair da cama - havia cavado uma cova rasa no chão de terra, ao lado da outra que era usada por Jondalar - e ir até a entrada da caverna. No meio do caminho, ouviu o bufado de Huiin reconhecendo a sua passagem por lá.

"Outra vez deixei a fogueira apagar", pensou ela, enquanto caminhava ao longo da parede. "Jondalar não conhece direito a caverna, e isso tem de estar mais iluminado para ele poder se levantar no meio da noite."Chegando à entrada, ela resolveu ficar um pouco do lado de fora. A lua, numa fase de quarto, por enquanto se achava bem por cima da borda do penhasco da margem oposta, mas logo estaria desaparecendo atrás das rochas. O meio da noite já havia passado e a madrugada não poderia tardar muito. Embaixo, a escuridão era apenas quebrada pelo brilho prateado das estrelas refletindo-se no rio rumorejante.

A mudança da cor no céu se fazia quase imperceptivelmente, mas era sentida em algum nível do inconsciente. Sem saber por que, Ayla resolveu não voltar para a cama. Ficou observando a lua apagando-se, antes de ser tragada pelo paredão da margem oposta. Quando os últimos vislumbres de luz foram eclipsados, ela se estremeceu com um arrepio de mau agouro.

Aos poucos, o céu clareava, enquanto as estrelas iam perdendo-se dentro de um azul luminoso. Ao longe, na outra extremidade do vale, o horizonte já estava vermelho. Um sol em brasa, dilatando-se na forma de um

arco perfeito, lançava, das fronteiras da terra, chispas de fogo sobre o vale.

- Deve estar havendo um incêndio nos campos do lado leste - falou Jondalar.

Ayla virou-se. A figura dele estava banhada pelo brilho pálido da orbe incandescente que lhe punha nos olhos uma cor de lavanda, nunca consegui da pela luz da fogueira.

- Sim. Incêndio grande. Grande. Muita fumaça... Não saber você acordado.

- Eu já estou acordado há muito tempo. Estava esperando que você voltasse e, como não apareceu, resolvi levantar. A fogueira está apagada.

- Eu sei. Outra vez Ayla esquecer. Não fazer direito para durar toda a noite.

- Abafar. Você não abafou o fogo, por isso a fogueira apagou.

Ele a seguiu de volta à caverna abaixando a cabeça ao passar pela porta de entrada. Era mais por precaução do que por necessidade. A abertura da entrada, embora não fosse das maiores, tinha altura suficiente para que ele passasse. Ayla pegou as duas pedras de fazer fogo e as acendalhas.

- Você disse que encontrou essa pedra-de-fogo na praia? Ainda existe mais delas lá?

- Sim. Não muitas. Água carregar... levar.

- Alguma inundação? Isto é, o rio transbordou e carregou as pedras fogo? Talvez devêssemos apanhar todas as que sobraram.

Ayla, com ar vago, concordou com a cabeça. Tinha outros planos para aquele dia. Desejava poder contar com a ajuda de Jondalar, mas não sabia como levantar o assunto. A carne começava a rarear e ela não sabia se ele tinha objeções a fazer se ela saísse para caçar. De vez em quando caçava com a sua funda e Jondalar não perguntava de onde haviam saído os hamsters e jerbos

gigantes que trazia para a caverna. Mas eram caças pequenas que matava com funda, e estas até mesmo os homens dos clãs permitiam. O que estava precisando, entretanto, era de um bom e grande animal e isso significava sair com Huiin e cavar uma armadilha.

Não que ela estivesse ansiando pela caçada. Teria preferido caçar com Neném, só que o leão não estava mais lá. Mas a falta de seu companheiro era, de suas preocupações, a menor. Jondalar a preocupava mais. Sabia que mesmo que ele se opusesse, ela não deixaria de caçar. Afinal não pertencia ao clã de Jondalar. Ela estava em sua caverna e ele não se achava inteiramente curado. No entanto, Jondalar parecia estar gostando do vale, de Huiin, do potrinho e até dela. Não tinha vontade de atrapalhar as coisas. Por outro lado sabia, por experiência própria, que os homens não gostavam de mulheres caçadoras, mas que outra alternativa tinha?

Ela queria mais do que a simples concordância de Jondalar. Estava precisando de sua colaboração. Não desejava levar o potro à caçada, pois no momento do estouro da manada o animalzinho poderia machucar-se. Mas ela tinha certeza de que o potro não a seguiria se Jondalar lhe fizesse companhia. Não seria por muito tempo. Ela podia localizar a manada, cavar a armadilha e voltar no dia seguinte para pegar a caça. Mas como pedir a um homem para ficar fazendo companhia a um potrinho, enquanto ela estivesse fora caçando?

Ao preparar a sopa para a refeição matinal, um olhar para o seu minguado suprimento de carne seca convenceu-a de que alguma coisa tinha de ser feita o quanto antes. Resolveu que um bom modo de abordar o assunto seria se, primeiro, expusesse de forma atenuada o seu gosto por caçadas, dando-lhe uma bela demonstração de sua perícia com a funda. Conforme a reação, sabe ria ou não se poderia pedir-lhe ajuda.

Os dois haviam criado o hábito de todas as manhãs darem uma caminha da ao longo da vegetação bordeando o rio. Era um bom exercício para ele e o passeio encantava Ayla. Naquela manhã, ela enfiou a funda na correia de sua cintura. Tudo que necessitava era da cooperação de algum animalzinho pondo-se ao alcance de sua pontaria.

As suas esperanças se concretizaram quando, afastando-se da margem e entrando na campina, o barulho dos seus passos fez levantar vôo um casal de pássaros. Ao vê-los, ela imediatamente passou a mão na funda e em algumas pedras. Enquanto derrubava o primeiro, o outro ganhou velocidade, mas a segunda pedrada acertou-o também em cheio. Antes de ir buscá-los, Ayla deu uma olhada em Jondalar. A cara era de espanto, mas o importante é que havia nela um sorriso.

- Isso é fantástico, mulher. É assim que você vem apanhando os animais? Pensava que fizesse armadilhas com laços. Que arma é esta?

Ayla lhe entregou a tira de couro e foi pegar os pássaros.

- Acho que o nome disto é funda - disse Jondalar, depois que ela voltou. - Willomar me falou de uma arma como esta. Na ocasião não cheguei a imaginar direito como era, mas deve ser esta. Você é uma grande atiradora, Ayla. Mesmo que a pessoa leve jeito, essa é uma arma que requer muito treino e perícia.

- Você não importa de eu caçar?

- Sé você não caçar, quem iria fazer isto?

- Homens dos clãs não gostar mulheres caçadoras.

Jondalar a examinava. Ela estava preocupada, ansiosa. Talvez os homens não gostassem de mulheres que caçassem, mas isso não a impediu de aprender a caçar. Por que teria escolhido precisamente aquele dia para lhe dar aquela demonstração de sua pontaria? Por que estaria querendo a sua aprovação?

- A maioria das mulheres Zelandonii caçam, principalmente na juventude. Minha mãe era conhecida por ser uma excelente rastreadora. Não sei por que uma mulher não possa caçar, desde é claro que ela queira. Eu gosto de mulheres caçadoras, Ayla.

Ele percebeu a sua tensão desaparecer. Sem dúvida havia dito o que ela desejava ouvir. E era a pura verdade. No entanto, não sabia por que isso parecia tão importante para ela.

- Precisar sair para caçar. Precisar ajuda.

- Bem que eu gostaria, mas acho que ainda não tenho condições.

- Você não ir, você tomar conta do potro. Eu levar Huiin.

- Ah, então é isso! Você quer que eu fique com o potro para que possa sair com a égua, não é? - ele deu uma risada. - Bom, não deixa de ser uma inversão de costumes. Em geral, depois de uma mulher ter filhos, é ela quem fica com as crianças. Ao homem cabe caçar para eles. Mas, claro, eu fico com o potro. Alguém tem de caçar e eu não quero que o pobrezinho seja ferido.

O sorriso dela foi de alívio. Ele não se importava. Realmente não dava a mínima importância.

- Antes de planejar a sua caçada, você deveria dar uma olhada no lado das estepes que pegou fogo. Com um incêndio desse, é capaz de nem ter necessidade de caçar.

- Caçada com fogo? - perguntou ela.

- Às vezes manadas inteiras morrem intoxicadas pela fumaça e a pessoa nada mais tem a fazer do que ir lá buscar a sua carne já cozinhada. Existe uma história engraçada sobre um homem que encontrou uma caça depois de um incêndio nos campos e os problemas que ele teve de enfrentar na Caverna para provar que a carne tinha sido assada por ele mesmo. Essa é uma velha história...

Um sorriso se esboçava no seu rosto. Ela havia compreendido. “De fato um incêndio que rapidamente se propagasse nas estepes podia dar cabo de uma manada inteira, e eu não precisaria cavar uma armadilha”, pensou Ayla.

Quando ela retirou as traves e os arreios que amarravam as cestas, Jondalar ficou intrigado, sem entender a finalidade daquela complicada tralha.

- Huiin trazer carne para a caverna - explicou ela, apontando para os paus e as correias. - Huiin trazer você para a caverna - acrescentou.

- Ah, então foi assim que eu vim parar aqui! Há tempos que queria saber como tinha sido isso possível. Achava que outras pessoas me tivessem encontrado e trazido para cá.

- Não outras pessoas.. Eu encontrar você e o outro homem.

O rosto de Jondalar tomou-se tenso e sombrio. Ele não esperava que ela fosse mencionar Thonolan e, de repente, se sentiu tomado de dor e saudade.

- Você tinha de deixá-lo lá? Não podia ter trazido também o meu ir mão? - falou ele, investindo contra ela.

- Homem morto, Jondalar. Você ferido... muito ferido - disse Ayla, novamente lamentando não poder expressar-se. Ela gostaria de contar que havia enterrado o homem e que sofrera com a sua morte, mas como dizer? Quando muito conseguia trocar informações; jamais poderia discorrer sobre um assunto. Queria falar sobre certos pensamentos que nem mesmo sabia se eram possíveis de serem traduzidos em palavras. Era como se estivesse asfixiada. No primeiro dia, ela o amparara na dor, mas se via agora impossibilitada de compartilhar de seu sofrimento.

Gostaria de ter o desembaraço dele com as palavras, de poder dispô-las em ordem tão naturalmente como ele o fazia, de possuir a sua liberdade de

expressão. Mas havia uma barreira que não conseguia cruzar, uma lacuna que, quando estava prestes a vencer, lhe escapava. A intuição lhe dizia que poderia fazê-lo, que era apenas uma questão de encontrar a chave que abria o conheci mento fechado nela.

- Desculpe, Ayla. Não devia ter gritado com você dessa maneira, mas Thonolan era meu irmão - disse quase chorando.

- Irmão... você e o outro homem... ter mesma mãe?

- Sim, eu e ele tínhamos a mesma mãe.

Ela fez que sim com a cabeça e se virou na direção da égua. Desejava poder dizer-lhe que sabia o que era a afeição entre germanos, da afeição especial que unia dois homens nascidos da mesma mãe. Creb e Brun haviam sido irmãos.

Depois de amarrar as cestas aos arreios, ela entrou para buscar as lanças que, por serem grandes demais para passar pela entrada, tinham de ser arrumadas do lado de fora da caverna. Enquanto observava, Jondalar percebeu que o cavalo não representava apenas uma companhia para a mulher. Era-lhe sem dúvida de grande valia. Ele jamais havia imaginado o quanto podia um cavalo ser útil. Mas, ali, estava outra das espantosas contradições de Ayla. Era capaz de usar o animal de uma maneira que ele nunca vira outro povo fazer, um verdadeiro progresso, mas por outro lado a sua lança não podia ser mais primitiva.

msadas que rondavam pelas este Ele já caçara com muitos povos. Cada um tinha a sua forma particular de lança que, entretanto, não chegava a variar muito de uma para outra. Já a de Ayla era radicalmente diferente de todas as outras. Contudo, havia algo na lança que não lhe parecia de todo desconhecido. O pau era liso e reto com uma ponta aguda e temperada a fogo, mas não deixava de ser um instrumento tosco e grosseiro.

Visivelmente não fora construído para ser arremessado, sendo mais grosso do que a lança que ele tinha usado para matar o rinoceronte. Como conseguiria aproximar-se de um animal empunhando um pedaço de pau pesado como aquele? Quando Ayla voltasse, ele perguntaria. Agora, seria tomar muito tempo. Ela estava aprendendo a língua, mas ainda falava com muita dificuldade.

Antes de Ayla partir com Huiin, Jondalar conduziu o potro para dentro da caverna, lá ficando a conversar com o animal, coçando-o e paparicando-o até ter certeza de que Ayla e a égua já estivessem longe. Parecia estranho estar sozinho na caverna, sabendo que a mulher ficaria fora quase todo o dia. Com a ajuda de seu bordão, ele se levantou. Então, cedendo à curiosidade, pegou uma lamparina e a acendeu. Deixou o bordão de lado - dentro da caverna não precisaria dele - empalmou a lamparina e se pôs a caminhar ao longo das paredes, querendo saber até onde conduziam e também para ter uma idéia da dimensão da caverna. Não houve surpresa quanto ao tamanho: era o que ele imaginara e, fora o pequeno nicho, não havia nenhuma outra passagem. O nicho, porém, o intrigava. Tudo indicava que o lugar fora recentemente ocupado por um leão da caverna, guardando, inclusive, as suas pegadas.

Depois de examinar o restante, ficou convencido de que Ayla já habitava o lugar há alguns anos. Mas os vestígios de um leão lá lhe pareciam incompreensíveis. Deveria ter-se enganado. Voltou a examinar o nicho com mais atenção. Não. Não havia dúvida, um leão morara naquele canto e não há mui to tempo.

Mais um mistério. Será que algum dia ainda conseguiria decifrar todos estes desconcertantes enigmas?

Ele apanhou uma das cestas de Ayla - pelo visto, nunca usada - resolvido a descer à praia para procurar pedras-de-fogo. Podia, pelo menos, tentar ser útil a ela.

Com o potro saltando adiante dele e ajudado pelo cajado, desceu a custo o caminho da caverna. Chegando embaixo, encostou o cajado contra o paredão rochoso, próximo à pilha de ossos. Ficaria feliz quando não precisasse mais daquele pedaço de pau.

Por um momento parou para coçar e afagar o potrinho que fuçava a sua mão. Depois, soltou uma gargalhada vendo o cavalinho correr para dentro de uma poça de terra solta, onde ele e a mãe costumavam chafurdar-se deliciados. Ali, ficou a contorcer-se de patas para o ar e soltando ganidos de prazer. Quando se levantou, sacudiu-se, atirando terra em todas as direções e, em seguida, foi para um dos seus lugares prediletos, à sombra de um pé de salgueiro, onde se deitou para descansar.

Sem pressa, Jondalar se pôs a caminhar pela praia, com a cabeça abaixada, examinando as pedras no chão.

- Achei uma! - gritou excitado, assustando o potrinho. Depois se sentiu meio idiota. - Aqui está mais uma - falou sorrindo, encabulado. Então se abaixou para pegar a pedra de cor cinza-amarelada. Mas parou ao ver uma outra maior. - Há sílex nesta praia.

“Ora veja! Ela consegue as pedras para suas ferramentas bem aqui. Você também poderia arrumar um martelo de pedra e um furador e fazer deter minadas ferramentas, Jondalar! Algumas boas e afiadas lâminas e também um buril Ele tomou a ficar de pé e examinou a pilha de ossos e pedras que o rio havia atirado contra o penhasco. “É possível que eu encontre também um bom osso e um chifre de veado. Você podia inclusive fazer uma lança mais decente para ela.”

“Só que talvez ela não queria uma lança 'mais decente'. Pode ser que tenha os seus motivos para usar as que fabrica. Mas isso não quer dizer que não faça uma para você, Jondalar. Isso é melhor do que ficar sentado o dia inteiro. Você, se quisesse, podia também

esculpir um pouco. Antigamente até que tinha uma boa mão para entalhar.”

Ele revirou a pilha, depois pôs-se a remexer na parte debaixo do monturo, por entre o mato crescido, à procura de pedaços de ossos soltos, caveiras e chifres. Deu com dezenas de pedras-de-fogo, enquanto procurava por um bom martelo de pedra.

A primeira batida no córtex do nódulo de sílex encontrou-o com um sorriso nos lábios. Ele não sabia o quanto estava saudoso de seu trabalho. Agora que dispunha de pederneira, pensava em um mundo de coisas que poderia fabricar. Queria uma boa faca e um machado, ambas as ferramentas com cabo. Também desejava fabricar algumas lanças e um furador para consertar as suas roupas. Ayla talvez gostasse de seus instrumentos. Iria mostrá-los a ela.

O dia, afinal, não se tinha arrastado tão enfadonho como ele temera. Antes que tivesse ajuntado e embrulhado as suas novas ferramentas num pano de couro emprestado de Ayla, o sol já começava a baixar no céu. Ao chegar a caverna, o potrinho o cutucava, pedindo-lhe atenção. Imaginava que o animal estivesse com fome. Ayla havia deixado uma papa de cereais cozi dos. O cavalinho primeiro recusou, depois acabou comendo. Mas isto foi no meio do dia. Onde estaria ela?

Quando a noite baixou, Jondalar ficou realmente preocupado. O potro estava precisando de Huiin. Ayla já devia estar de volta. Foi aguardá-la no patamar. Resolveu fazer uma fogueira para orientá-la no caso de estar perdida. “Ora, ela não iria perder-se”, pensou mas ainda assim fez a fogueira.

Já era bem tarde quando Ayla finalmente voltou. Jondalar ouviu os passos de Huiin e desceu ao seu encontro com o potrinho saltando na frente dele. Ayla apeou na praia e arrastou a carcaça de um animal para fora do jorrão. Ajeitava paus para subir pelo estreito

caminho, quando Jondalar chegou ao sopé do penhasco. Ela tinha uma tocha na mão, acesa no fogo das estepes. Jondalar a segurou para que ajeitasse uma segunda caça no jorrão. Ele capengou na sua direção, querendo ajudar, mas não foi preciso. Observando-a manobrar com o peso daquela imensa massa morta, não só sentiu-lhe a força, como também percebeu como Ayla a tinha adquirido. O cavalo e o jorrão ajudavam, talvez fossem até indispensáveis, mas ela continuava sendo uma só.

O potrinho procurava, ansioso, pelas tetas da mãe, mas Ayla o afastou durante a subida.

- Você certo, Jondalar - falou ela, depois que chegaram ao patamar.- Incêndio grande. Nunca ver antes incêndio tão grande. Longe daqui. Mui to, muito animal morto.

Alguma coisa na voz de Ayla fez com que ele a olhasse atentamente. Ayla estava exausta e a carnificina que presenciara lhe deixara os olhos fundos e extenuados. Tinha as mãos negras e a cara e a roupa manchadas de fuligem e sangue. Após desatar os arreios e o jorrão, abraçou-se a Huiin, com a cabeça encostada em seu pescoço, entregando-se ao cansaço, enquanto a égua, com a cabeça abaixada e as patas dianteiras afastadas, deixava a sua cria se saciar em seus úberes intumescidos. Também o animal estava cansado.

- Esse incêndio deve ter acontecido muito longe dali. Já é tarde. Você levou o dia inteiro andando a cavalo? - perguntou Jondalar.

Ela levantou a cabeça e se virou para ele. Por um momento quase se havia esquecido da presença de Jondalar.

- Sim, dia inteiro - ela respirou fundo. Ainda não podia deixar-se levar pelo cansaço. Tinha muito o que fazer. - Muito animal morto. Outros também querer comida... muito lobo, hiena, leão. Tinha um, eu não conhecer ainda... dentes grandes - falou, pondo os dedos

indicadores na boca aberta como se fossem dois longos caninos.

- Mas então você viu o tigre-dos-dentes-de-sabre! Achava que este animal não existisse. Um velho, que costumava contar histórias nas reuniões de verão, dizia ter visto um animal deste na sua mocidade, mas ninguém acreditava. Você viu mesmo um? - ele já começava a lamentar não ter podido ir.

Ela confirmou com a cabeça. Depois fechou os olhos, estremecendo com os ombros.

- Botar medo em Huiin. Tigre ficar na espreita, mas funda espantar e eu fugir com Huiin.

Os olhos de Jondalar se arregalaram com aquela descrição em termos simples, expressados de forma sincopada.

- Você conseguiu botar para correr um tigre-dos-dentes-de-sabre com a sua funda...? Nossa Mãe, Ayla!

- Muita carne. Tigre não precisar de Huiin. Funda espantar - ela tinha vontade de contar, de relatar como foi e de falar e compartilhar do medo que sentiu, mas lhe faltavam os meios. Estava cansada demais para pensar nos gestos e tentar sintonizá-los com as palavras que sabia.

“Não é de admirar que esteja tão cansada”, pensou Jondalar. “Talvez eu tenha feito uma bobagem sugerindo que ela fosse pegar animais nas terras incendiadas. Bom, de qualquer maneira ela trouxe duas corças. Mas haja nervos para enfrentar um desses tigres assassinos. Que mulher!”

Ayla deu uma olhada nas mãos, pegou a tocha que Jondalar deixara fim. cada no chão e se voltou para descer outra vez à praia. Chegando à beirada do rio, suspendeu a mão, iluminando ao redor. Arrancou um pé de capericoba e esmigalhou as folhas e as raízes junto com areia e água. Depois de esfregar as mãos e o tosto

com essa papa, limpando a sujeira da viagem, tornou a subir.

Chegando à caverna, sentiu-se feliz ao ver que Jondalar havia posto pedras de cozinhar para esquentar. Era exatamente o que estava querendo, uma boa cuia de chá quente. Antes de ter saído pela manhã, havia preparado alguma coisa para comer e esperava que agora ele não a fizesse cozinhar. Não era o momento para se preocupar com comida. Tinha duas corças para pelar e cortar em pedaços e serem postos para secar.

Havia procurado por dois animais que não estivessem chamuscados, pois queda guardar-lhes os couros. Ao começar o trabalho, lembrou-se de que ainda não fizera as novas facas que pretendia. Com o uso, diminutas lascas iam se soltando das beiradas e as facas acabavam ficando cegas. Sempre era melhor fabricar novas e deixar as velhas para tipos de serviços que não requeriam um fio amolado, como o de raspar, por exemplo.

A faca cega punha.lhe os nervos à flor da pele. Enquanto cortava o couro, lágrimas de desânimo e cansaço escorregavam pelo seu rosto.

- Ayla, o que está acontecendo? - perguntou Jondalar.

Ela, sem responder, pôs-se a cortar o couro ainda com mais raiva. Não podia explicar. Ele tirou a faca da mão e a examinou.

- Você está cansada. Por que não se deita e descansa um pouco?

Ela disse não com a cabeça, embora desejasse desesperadamente fazer o que Jondalar dizia.

- Ter de tirar a pele, pôr carne para secar. Não poder esperar. Hienas vir roubar.

Ele não se deu ao trabalho de sugerir que poderiam trazer a carne para dentro da caverna. Não valia a pena argumentar com ela.

- Eu fico vigiando - falou Jondalar. - Você está precisando de um descanso. Entre e vá se deitar, Ayla.

Ela não podia estar mais agradecida. Ele vigiando a carne! Nem chegara a pensar em pedir uma coisa desta, pois não estava acostumada a ter gente ajudando-a. Entrou meio cambaleante na caverna e, com uma imensa sensação de alívio, caiu na cama. Queria dizer a ele o quanto se sentia agradecida, mas os seus olhos encheram-se mais uma vez de lágrimas. Sabia que qualquer tentativa neste sentido seda em vão. Ela não sabia falar!

Durante a noite, Jondalar entrou e saiu seguidamente da caverna. De vez em quando ele ficava parado ao lado da cama de Ayla, observando-a dormir. Ela estava inquieta, batendo com os braços e balbuciando em sonho coisas ininteligíveis.

Ayla caminhava em meio à neblina chorando e pedindo por ajuda. Uma mulher alta, de feições indistintas e com a figura envolta pela névoa, surgiu para tomá-la nos braços.

- Eu disse que tomaria cuidado, mãe. Mas para onde você foi? Por que não veio quando eu chamei? Chamei, chamei e você não apareceu. Onde você estava, mãe? Mãe! Não suma outra vez! Não me deixe!

A visão da mulher alta desapareceu. A neblina clareava, deixando entrever a figura de uma outra mulher, essa baixa e atarracada. As suas pernas, musculosas e fortes, eram ligeiramente arqueadas para fora, mas ela caminhava reta, erguida sobre os seus pés. O nariz, largo e adunco, ficava como um arco alto por cima da boca. A ausência de queixo era compensada por mandíbulas muito acentuadas que se projetavam para a frente do rosto. A testa baixa escorregava para trás, mas a cabeça era grande. Pescoço curto e grosso. Os supercílios salientes com espessas sobrancelhas

sombreavam os grandes olhos castanhos, inteligentes e cheios de amor e tristeza.

- Iza! - gritou Ayla, acenando-lhe. - Iza, me ajude! Por favor, me ajude! - Mas Iza olhava-a com ar zombeteiro. - Iza, você não me ouve? Por que não me entende?

- Ninguém pode entendê-la, se você não falar direito - respondeu uma outra voz. Ayla viu um homem caminhando com a ajuda de um cajado. Era velho e aleijado. Um braço fora amputado na altura do ombro. O lado esquerdo do rosto estava desfigurado por uma hedionda cicatriz e pela falta do olho, mas o olho do lado direito transmitia força, inteligência e bondade. - Você precisa aprender a falar, Ayla - disse Creb por meio dos gestos que fazia só com uma das mãos. No entanto, ela o ouvia. Ele falava com a voz de Jondalar.

- Como eu posso falar, Creb? Não consigo me lembrar. Ajude-me, Creb!

- O seu totem é o Leão da Caverna - disse o velho mog-ur.

Nisso, em meio a um clarão alaranjado, um tigre saltou sobre um auroque, engalfinhando-se com o imenso bisão de pele castanho-avermelhada, que foi ao chão, berrando apavorado. Ayla, ofegante, observava o tigre-dos-dentes-de-sabre rosnar para ela, com as pernas e o focinho pingando sangue. A besta avançava na sua direção mostrando as afiadas presas que cada vez se torna varri mais longas e pontudas. Ela estava metida dentro de uma minúscula gruta, espremendo o corpo contra a parede de pedra em suas costas. Um leão da caverna rugiu.

- Não, não! - gritava ela.Uma gigantesca pata com as garras de fora alcançou-lhe a coxa esquerda, rasgando a sua carne com quatro riscos paralelos.

- Não! Não! Eu não posso... não posso! - gritava, perdida no nevoeiro redemoinhando à sua volta. - Eu não

posso lembrar!

A mulher alta surgiu estendendo-lhe os braços.

- Eu vim para ajudá-la...

Por instantes, a neblina dissipou, permitindo que Ayla visse um rosto, não muito diferente do seu. Então, tomada de uma terrível náusea, viu o chão abrir-se e de dentro brotar emanações com o cheiro azedo de coisas úmidas e podres.

- Mãe! Mãeee!

- Ayla, Ayla! O que é isto? - dizia Jondalar, sacudindo-a. Ele estava no patamar quando lhe ouviu gritando palavras numa língua desconhecida. Correu para dentro mancando, numa rapidez que não se imaginava capaz.

Ayla se sentou e ele a tomou nos braços.

- Oh, Jondalar, foi um sonho horrível. Um pesadelo que sempre me vem - falou ela aos soluços.

- Já passou, Ayla. Está tudo bem agora.

- Foi um terremoto. Foi assim que ela morreu... num terremoto.

- Quem?

- A minha mãe. E Creb também. Oh, Jondalar, tenho horror de terremotos - disse tremendo, com ele abraçando-a.

Jondalar segurou-lhe nos ombros e afastou para olhá-la de frente.

- Conte sobre este sonho, Ayla.

- Desde que eu me entendo por gente que tenho esses sonhos. Eles estão sempre voltando. Num, eu estou dentro de uma pequena gruta, querendo escapar de uma enorme pata que me quer pegar. Acho que foi assim que o meu totem me marcou. Do outro, nunca pude lembrar-me. Mas, todas as vezes que eu acordava dele, era tremendo e enjoada. Hoje, pela primeira vez,

consigo lembrar do que sonhei. Eu vi, Jondalar. Eu vi a minha mãe.

- Ayla, você está se ouvindo?

- O que quer dizer?

- Você está falando, Ayla. Falando!!

Ayla já soube falar. Não na língua em que estava expressando-se, mas a compreensão, o ritmo e o sentido da língua falada já fizeram parte de sua vida. Havia esquecido porque a sua sobrevivência passara a depender de um outro modo de comunicação e também porque quis apagar da memória a tragédia que a pusera sozinha no mundo. Inconscientemente, vinha memorizando mais do que o simples vocabulário que Jondalar lhe ensinava. A sintaxe, a gramática e a acentuação integravam os sons que lhe ouvia saindo da boca.

Como toda criança começando a falar, Ayla, da mesma forma, tinha a aptidão e o desejo de aprender. Faltava-lhe apenas o exercício da fala. A sua motivação, porém, era mais forte do que a de uma criança, bem como possuía uma memória mais apurada. Ela aprendia mais rapidamente. Embora não conseguisse reproduzir exatamente algumas das entonações e inflexões de Jondalar, falava como uma verdadeira nativa da língua dele.

- Estou mesmo! Eu posso, Jondalar! Posso pensar por palavras!

Foi então que os dois tomaram consciência de que se achavam abraça dos e Jondalar deixou cair os braços.

- Já amanheceu? - perguntou Ayla, reparando na luz que se filtrava pela boca da entrada e pela abertura no teto. Ela afastou as cobertas. - Nossa Mãe! Tenho de botar logo essa carne para secar - também as expressões mais particulares de Jondalar haviam sido aprendidas.

Ele sorriu. Era qualquer coisa de impressionante ouvi-la tão de repente falando, mas não deixava de ser

cômico escutá-la dizendo as suas frases de uma forma extremamente original.

Ela correu à entrada. Mas então ficou paralisada. Esfregou os olhos e olhou outra vez. A carne, muito bem cortada em forma de lingüetas, estava pendurada numa série de cordas estendidas de fora a fora do patamar, com diversas pequenas fogueiras armadas em meio aos varais. Será que estava ainda sonhando? Teriam as mulheres do clã se juntado lá para ajudá-la?

- No caso de estar com fome, há um pedaço do quarto traseiro assando na fogueira - falou ele com displicência e sorrindo orgulhoso.

- Como?! Foi você quem fez isso?

- Foi - o sorriso ampliou-se ainda mais. A reação dela à pequenina surpresa que pretendera ultrapassava em muito as suas expectativas. Podia não estar ainda em condições de caçar, mas tirar a pele e cortar a carne dos animais que ela trazia era uma coisa que poderia perfeitamente fazer, sobretudo agora com as suas novas facas.

- Mas você é homem! - falou ela espantada.

A pequenina surpresa era muito mais surpreendente do que ele poderia supor. Nos povos clânicos, a aquisição dos conhecimentos necessários à sobre vivência era extraída da memória. Neles, o instinto havia evoluído na forma de lembranças das realizações e feitos de seus antepassados, um tipo de memória que armazenavam na parte posterior do cérebro e que se transmitia por herança. Como homens e mulheres haviam atravessado gerações fazendo trabalhos diferentes, as memórias de uns e outros acabaram, por sua vez, também diferenciadas. Cada sexo tinha as suas funções específicas e um não sabia realizar a do outro.

Um homem dos clãs poderia achar ou caçar uma corça e trazê-la à caverna. Podia até tirar a pele do animal, embora não tão eficientemente como uma

mulher. Se realmente fosse pressionado, conseguiria cortar a carne em nacos, mas nunca lhe ocorreria fatiá-la para secar e, mesmo que lhe ocorresse, não saberia como fazê-lo. Sem dúvida alguma jamais cortaria aqueles pedaços de carne que Ayla tinha diante de seus olhos; finos e fatiados de modo a secarem uniformemente.

- Será que um homem não pode cortar uma carne? - Jondalar não ignorava que alguns povos tinham costumes diferentes no que dizia respeito à divisão de trabalho entre homens e mulheres, mas ele pensara só em ajudá-la e nunca ofendê-la.

- Nos clãs, as mulheres não caçam e os homens não preparam comida - tentou Ayla explicar.

- Mas você caça.

A observação pegou-a de surpresa. Sem perceber, ela havia assumido a posição de uma verdadeira mulher dos clãs.

- Mas... eu não pertenço realmente aos das - falou Ayla, confusa. - Eu sou como você, Jondalar. Pertenço aos Outros.

Capítulo 23

Ayla freou Huiin, saltou e deu o odre pingando água para Jondalar. Ele o pegou e sedentamente bebeu alguns goles. Estavam bem longe do vale, quase nas estepes e um tanto distanciados do rio.

A relva dourada, batida pelo vento, ondulava ao redor dos dois. Haviam colhido sorgo e centeio silvestre numa área onde cresciam vários cereais, inclusive trigo de duas espécies diferentes e os pés de cevada que se inclinavam ao peso de suas espigas ainda verdes. Era um serviço duro e tedioso o de colher espiga por espiga e retirar-lhes as pequeninas e duras sementes. Os grãos redondos do sorgo iam sendo postos numa cesta com uma divisória dentro e pendurada no pescoço, de modo a deixar as mãos livres. O sorgo era separado com facilidade, mas mesmo assim seria necessário um segundo joeiramento. Já o centeio, no outro lado da divisória, se desprendia com apenas algumas sacudidelas.

Ayla pendurou a cesta no pescoço e se pôs imediatamente a trabalhar. Jondalar logo depois seguiu-lhe o exemplo e ficaram os dois lado a lado colhendo. Passado algum tempo, ele se virou perguntando:

- Como é andar a cavalo, Ayla?

- É difícil explicar - respondeu, fazendo em seguida uma pausa para pensar. - Quando se corre é emocionante. Mas também não deixa de ser quando se anda devagar. Montar Huiin me faz bem.

Ela voltou a trabalhar, mas logo depois parou outra vez.

- Você gostaria de experimentar?

-O quê?

- Montar em Huiin.

Jondalar examinou-a, procurando saber se realmente estava sendo sincera no seu oferecimento. Já há algum tempo ele vinha querendo montar, mas Ayla parecia manter uma relação tão pessoal com o animal que lhe era difícil abordar o assunto.

- Bem que gostaria, mas será que Huiin vai deixar?

- Não sei - ela olhou para o sol querendo ver em que momento do dia estavam. Em seguida rodou o cesto para as costas. - Mas poderemos saber.

-Agora?

Ela confirmou com a cabeça, já preparada para voltar.

- Pensei que você tivesse ido buscar água para continuarmos depois com a nossa colheita.

- Realmente, mas eu me havia esquecido de como anda rápido o serviço quando ele é feito a quatro mãos. Estava só dando uma olhada na minha cesta. Não estou acostumada a ser ajudada.

Jondalar estava sempre surpreendendo-a com os seus múltiplos talentos. Além de ter boa vontade, era capaz de fazer qualquer coisa que ela fazia. E se ele não soubesse, aprendia. Não só tinha curiosidade, como se mostrava interessado em tudo. Ayla se via nele. Isso a fazia sentir como devia ter ela parecido estranha às pessoas dos das. Contudo elas a aceitaram e procuraram ajustá-la aos seus padrões.

Jondalar deu um piparote na cesta, jogando-a às costas, pondo-se a caminhar ao seu lado.

- Estou pronto para dar esse dia por encerrado. Você já está mais do que abastecida, Ayla. Além disso, a cevada e o trigo ainda não estão no ponto. Não entendo por que quer tanto cereal.

- É para Huiin e o potrinho. Os dois também vão precisar de capim. Huiin sai para comer no inverno, mas quando a neve está muito alta, uma quantidade de cavalos morre.

A explicação foi suficiente para que ele não fizesse qualquer outra objeção. Voltaram caminhando pela relva crescida, e, como não estavam mais em serviço, gozando o calor do sol batendo diretamente sobre as suas peles nuas. Jondalar usava apenas uma tanga e tinha a pele tão bronzeada quanto a de Ayla, agora vestida com o seu traje de verão: um pano de couro que ia da cintura às coxas, cuja finalidade maior era a de provê-la com muitas dobras e bolsos para carregar a funda, ferramentas e outros objetos. Fora isso, a única outra peça que levava no corpo era o pequeno saquinho de couro pendurado no pescoço. Por diversas vezes Jondalar se surpreendeu admirando-lhe o físico forte e flexível, mas não fez nenhum gesto para tocá-la e nem ela encorajava qualquer coisa nesse sentido.

Montar Huiin era o que o mobilizava no momento, O que fatia o cavalo? Se necessário, saberia como se safar. Não fosse por ainda mancar um pouquinho, a sua perna poderia ser dada como curada e, com o tempo, ele achava que não iria ficar nenhum defeito. O tratamento de Ayla fora miraculoso. Ele não tinha como agradecer-lhe. Já estava pensando em ir embora, não havia mais razão para prolongar a sua estadia, mas ela parecia não ter pressa em vê-lo partir, e assim ia protelando a viagem. Queria ajudá-la a preparar-se para o próximo inverno, pelo menos isso lhe devia.

E ela tinha também de pensar nos cavalos. Era uma coisa que não havia ocorrido a ele.

- Estocar comida para os cavalos lhe dá muito trabalho, não é?

- Não muito.

- Eu estive pensando. Você disse que precisa guardar capim também, não é? Será que não daria jeito de cortar os pés inteiros dos cereais e levá-los para a caverna? Assim, ao invés de colher só as sementes - ele

apontou para as cestas - você sacudiria os grãos numa cesta e ficaria depois com a palha.

Ayla parou. O seu rosto franzia-se, enquanto ela pensava na idéia.

- Talvez... Se cortarmos os pés inteiros e coloca-los depois para secar, os grãos quando forem sacudidos vão soltar-se... É, vale a pena tentar - um belo sorriso espalhou-se pelo seu rosto. - Jondalar, acho que vai dar certo!

O entusiasmo dela era tanto e tão sincero que ele não pôde deixar de também. A admiração e a atração que sentia por Ayla, o prazer que só de olhá-la, tudo isto se espelhava em seus olhos maravilhosamente sedutores.

A resposta veio franca e espontânea.

- Jondalar, gosto tanto quando você sorri para mim... com a boca... com os olhos.

Ele soltou a sua inesperada risada, exuberante, divertida, franca. “Ela é tão natural”, pensou. “Acho que não conseguiria ser outra coisa senão essa pessoa direta e sincera que é. Que mulher fantástica!”

Ayla acompanhou-o na explosão de alegria. Contagiada pelo bom humor de Jondalar, o seu sorriso foi alargando-se até explodir numa expressão de total júbilo incontido.

Quando conseguiram controlar-se, os dois estavam arquejantes, enxugando as lágrimas em meio às risadas que ameaçavam voltar. Nenhum deles saberia dizer o que havia de tão prodigiosamente engraçado. Era um riso que se auto-alimentava, que lhes servia para aliviar as tensões acumuladas.

Quando novamente voltaram a caminhar, Jondalar passou o braço ao redor da cintura de Ayla, num reflexo carinhoso da alegria que haviam com partilhado. Sentindo-a retesar, imediatamente soltou-a. Havia prometido a si e também a Ayla - mesmo que na ocasião

ela não tivesse compreendido - que jamais a forçaria. Se Ayla fizera votos de abster-se dos prazeres, ele não iria criar uma situação embaraçosa em que ela se visse obrigada a recusá-lo. Até agora vinha mantendo-se extremamente respeitoso.

No entanto, sentindo exalar-lhe da pele quente o forte perfume feminino olhando os seus seios fartos e intumescidos, pensou subitamente no longo tempo que já fazia que não se deitava com uma mulher e o formato de sua tanga denunciava-lhe a natureza dos pensamentos. Ele apressou o passo, que rendo disfarçar a intumescência que estava visível demais. Era tudo que podia fazer para conter o ímpeto e se impedir de avançar sobre Ayla. Suas passadas foram alargando-se até estar praticamente correndo.

- Oh, Doni, como desejo essa mulher! - murmurou em voz baixa.

As lágrimas se comprimiam nos cantos dos olhos de Ayla, enquanto o observava, disparado na frente dela, cada vez se afastando mais. “O que eu fiz de errado? Por que ele foge de mim? Por que não faz o sinal? Está tifo claro que está precisando. Por que não quer aliviar as suas necessidades comigo? Será que sou tão feia assim?” Ela estremeceu lembrando-se do braço cíngindo-a pela cintura. Ele exalava pelas narinas o seu cheiro de homem. Não querendo encará-lo, sentindo-se tal quando era criança e fazia alguma coisa que sabia errada - só que desta vez não tinha noção do que fizera - ela se pôs a andar devagar, arrastando os pés.

Chegando ao matagal perto do rio, Jondalar procurou por uma sombra fresca, O seu desejo era tanto que não conseguia reprimir-se. Logo que se viu atrás da espessa cortina de folhas, fora da vista de Ayla, jatos de um líquido branco viscoso derramaram-se em espasmos sobre o chão e, ainda segurando o seu membro intumescido, encostou a cabeça numa árvore, tremendo.

Estava simplesmente aliviando-se, nada mais do que isso. Pelo menos agora já poderia olhar para Ayla sem atirar-se a ela e violentá-la.

Apanhou um pau para desprender a terra no chão e cobrir a essência de seus prazeres com um produto da Mãe, O Zelandoni lhe dissera que derramar as dádivas da Mãe, como ele acabara de fazer, era desperdício, mas que, se necessário, as dádivas deveriam ser devolvidas a ela: despejadas no chão e de, pois tapadas com terra. O Zelandoni tinha toda razão. Era mesmo um desperdício, e não tivera o menor prazer.

Ele caminhou ao longo do rio, com vergonha de aparecer na frente dela. Ayla esperava junto do enorme bloco de pedra, abraçada com o potro e a cabeça enterrada no pescoço de Huiin. Parecia tão desamparada, assim abraçada aos animais, buscando neles consolo e apoio. No entanto, seria ele quem deve ria estar dando-lhe este apoio. Tinha certeza de que fora o causador de suas tristezas e estava envergonhado como se houvesse cometido algum ato repreensível. Relutante, saiu do matagal.

- Há ocasiões em que um homem não consegue esperar para fazer pipi - mentiu Jondalar, sorrindo sem graça.

Ayla ficou surpresa. Por que diria ele palavras que não correspondiam com a verdade? Ela sabia o que havia feito. Tinha se aliviado.

Um homem dos clãs, no caso de querer aliviar-se, para isso pediria até a companheira do chefe. Se Jondalar não podia controlar a sua necessidade e se lá não havia outra mulher, deveria ter-lhe feito o sinal, por mais feia que fosse ela. Nenhum homem adulto se aliviava sozinho. Só adolescentes, que tinham alcançado a maturidade física e não haviam ainda matado o seu primeiro animal, pensariam em tal coisa. Mas Jondalar, ao invés de fazer-lhe o sinal, preferiu resolver o seu

problema sozinho. Ela estava mais do que magoada. Sentia-se humilhada.

Ayla ignorou-lhe as palavras e evitou olhá-lo de frente.

- Se quiser montar, eu fico segurando Huiin, enquanto você sobe na pedra para poder passar a perna por cima do seu lombo. Vou falar com Huiin que você quer dar uma volta. Talvez ela deixe.

Jondalar se lembrou que fora por isso que haviam interrompido a colheita. O que teria acontecido com o entusiasmo dele? Como poderiam as coisas ter mudado tanto durante esse pouco tempo que gastaram para ir de um lado ao outro do vale? Tentando dar a impressão de que tudo continuava na mesma, subiu na pedra, enquanto Ayla trazia a égua para perto. Ele também evitava olhar diretamente para ela.

- Como você faz para Huiin entender a direção que está querendo ir?

Ayla teve de pensar um pouco antes de responder.

- Não sou eu quem faço Ruim ir numa determinada direção. Ela quer ir para onde eu tenho vontade de ir.

- Mas como o animal sabe para onde você quer ir?

- Não sei... - realmente ela não sabia. Nunca pensara nisso antes.

Jondalar resolveu desistir. Estava disposto a ir onde a égua o levasse, se é que ela estivesse disposta a isso. Ele apoiou a mão sobre o fio do lombo de Ruim para se firmar e com muita cautela montou.

Huiin empinou as orelhas. Sabia que não era Ayla. A carga estava mais pesada e faltava aquela sensação imediata de comando dada pela tensão muscular das coxas e pernas de Ayla. Mas a mulher estava perto, segurando-lhe a cabeça e o homem não era um desconhecido. Incerta, ensaiou curvetas, mas logo se acalmou.

- O que faço agora? - perguntou Jondalar, sem noção do que fazer com as mãos e sentado sobre o animal, com as suas compridas pernas escanchadas, balançando no ar.

Ayla afagava Huiin, tranqüilizando-o. Depois, dirigiu-se a ele numa língua que era um misto de gestos da língua clânica e palavras em zelandonii.

- Jondalar gostaria que você o levasse para um passeio, Huiin. - O tom instigador da voz e as mãos exercendo uma leve pressão eram indicações suficientes para que o animal, muito afinado com o comando de Ayla, se pusesse a andar. - Se você precisar segurar, passe os braços ao redor do pescoço de Huiin - aconselhou ela.

Acostumada a levar peso no seu lombo, a égua não deu pinotes, nem empacou, mas sem alguém para guiá-la, caminhava hesitante. Jondalar levou o corpo à frente para acariciar-lhe o pescoço, pensando em tranqüilizar não só ela como a si próprio. O gesto era parecido com o que Ayla fazia quando que ria apressar a andadura do animal. Um súbito sacolejão fez com que Jondalar imediatamente seguisse o conselho de Ayla. Ele se abraçou ao pescoço do animal com o corpo todo jogado à frente. Para Huiin, esse era o sinal de correr.

O cavalo disparou num galope desenfreado pelo campo afora. Jondalar agarrava-se ao seu pescoço com todas as forças. A sua longa cabeleira voava para trás. Ele sentia o vento batendo forte contra o rosto. Quando, por fim, ousou abrir um pouquinho os olhos, viu a terra passando por ele numa velocidade vertiginosa. Era assustador e emocionante! Entendia agora por que Ayla não soube descrever a sensação. Era como deslizar por uma colina gelada no inverno ou como quando o imenso esturjão o havia arrastado pelo rio acima. Os seus olhos foram atraídos por uma mancha indistinta movimentando-se ao seu lado. Era o potrinho halo que

corria emparelhado com a mãe. Um assovio fino e penetrante chegou aos ouvidos de Jondalar. Imediatamente a égua fez uma curva fechada e galopou de volta.

- Ei, sente-se direito! - gritou ela para Jondalar quando Huiin já estava mais perto. Ele se sentou reto. A égua começou a diminuir a velocidade e veio num meio galope até o bloco de pedra, onde parou.

Jondalar tremia ligeiramente ao desmontar, mas os seus olhos brilhavam excitados. Ayla afagou os flancos suados de Huiin que, em seguida, foi trotando para a praia perto da caverna. Jondalar e ela foram atrás.

- Você viu o potro correndo junto de Huiin o tempo todo? Ele é um verdadeiro campeão!

Pelo modo como Jondalar falava, Ayla percebia que a palavra tinha um certo sentido que ela não estava pegando.

- O que você quer dizer com campeão?

- Nas reuniões de verão há diversas modalidades de competições, mas as mais emocionantes são as corridas - explicava ele. - Dentre os participantes, há alguns corredores que realmente se esforçam e estes, de alguma forma, acabam sempre sendo campeões. A palavra, por extensão, passou a designar toda pessoa que luta para vencer em alguma coisa, aquela que tem por objetivo alcançar um determinado tipo de vitória. É uma palavra de aprovação, de incentivo... dita como um elogio. O potrinho é um campeão. Ele gosta de vencer.

Continuaram a caminhar. O silêncio, entre eles, foi ficando cada vez mais constrangedor. Por fim, Jondalar, querendo romper o mutismo, perguntou:

- Eu não entendi direito. Pensei que você não tivesse uma maneira de se comunicar com Huiin. Quando eu sentei com o corpo reto, ela começou a diminuir a velocidade.

- Nunca havia pensado nisto antes. Foi só quando eu vi os dois se aproximando é que me ocorreu que você tinha de endireitar o corpo para Huiin parar de correr. Não soube explicar isto antes. Só percebi naquele momento em que era preciso que diminuísse a sua velocidade.

- Mas, neste caso, existe uma maneira de você se fazer entendida pelo cavalo. São sinais... certos tipos de sinais que você passa para ele. Será que o potrinho conseguiria também aprender estes sinais?

Ao contornarem o penhasco na parte onde este fazia a ponta para dentro do rio, encontraram Huiin rolando na lama da beirada do rio. Junto dela estava o potrinho de pernas para o ar. Jondalar, sorrindo, parou para observar, enquanto Ayla, de cabeça baixa, continuou a caminhar. Ele a alcançou na subida da caverna.

- Ayla...

Ela se virou. Ele não soube como prosseguir.

- Ayla... eu... eu gostaria de lhe dizer muito obrigado.

Essa era outra palavra que ela tinha certa dificuldade em compreender. A língua clânica não possuía nenhuma expressão de sentido correspondente. Para ter a sua sobrevivência garantida, os membros de cada um dos pequenos clãs dependiam tanto uns dos outros que a ajuda mútua passou a ser um fato normal da vida. Dizer obrigado seria o mesmo que uma criança agradecer à mãe pelos cuidados que tinha com ela ou que a mãe esperasse isto de seu filho. Favores ou presentes impunham obrigações. Deviam ser retribuídos com algo da mesma espécie e valor que aquilo que fora dado ou feito, e nem sempre eram recebidos com prazer.

Nos clãs, o que mais se aproximava do sentido de “obrigado” era um tipo de gratidão que uma pessoa devia a outra que lhe era superior na hierarquia social.

Como, por exemplo - e este era ocaso mais comum - a gratidão que uma mulher sentia por um homem que a dispensasse de algum serviço ou obrigação. A Ayla, pareceu que Jondalar a estava agradecendo pelo passeio que dera no cavalo.

Jondalar, Huiin deixou que se sentasse no seu lombo. Por que você diz “muito obrigado” para mim?

- Porque foi você quem me proporcionou este passeio, Ayla. E não é só isso. Eu tenho que lhe agradecer por muito mais coisas. Você tem feito de mais por mim... você me tratou e...

- Será que o potro de Huiin iria agradecê-la por ela tomar conta dele? Por que obrigado?

- Mas você salvou a minha vida.

- Eu sou uma curandeira, Jondalar - ela procurava lhe explicar que quando alguém salva a vida de uma pessoa, essa dá em troca uma parte de seu espírito para o seu salvador, que fica para sempre obrigado a protegê-la. De fato, as duas pessoas ficam mais ligadas do que se tivessem nascidas germanas. Mas ela era uma curandeira. Uma parte do espírito de cada pessoa lhe tinha sido dada junto com o pedaço de dióxido de manganês negro que carregava no seu amuleto. Ninguém estava obrigado a lhe dar mais nada. - Não há por que agradecer, Jondalar - falou Ayla.

- Sei que não é necessário. Sei também que é uma curandeira, mas é importante para mim que saiba como eu me sinto. As pessoas agradecem pela ajuda que recebem. Diz-se muito obrigado por uma questão de cortesia... de costume.

Eles subiam o caminho da caverna um atrás do outro. Ayla não respondeu, mas o comentário de Jondalar a fez lembrar-se de Creb lhe explicando que era falta de educação olhar para além das pedras que delimitavam dentro da caverna a casa de um homem. Ela havia tido mais dificuldade em aprender os costumes

do que a língua dos clãs. Jondalar, agora, lhe dizia que era costume as pessoas expressarem a gratidão que sentiam uma pela outra, uma cortesia, mas isso a confundia ainda mais.

Como poderia ele querer expressar gratidão, quando há bem poucos instantes a estava envergonhando? Se um homem dos clãs lhe tivesse demonstrado tamanho desprezo, ela deixaria de existir para ele. Ia ser muito difícil entender os costumes de Jondalar. De uma certa forma ela percebia, mas nem por isso se sentia menos humilhada.

Ele tentou romper a barreira que se levantara entre ambos. Deteve-a no momento em que ela ia entrar na caverna.

- Desculpe-me se de algum modo a ofendi.

- Ofendi? Não entendo esta palavra.

- Acho que, por minha causa, você ficou zangada e se sentiu mal.

- Não. Eu não fiquei zangada, mas é verdade que me senti mal.

A admissão o deixou desconcertado.

- Perdoe-me - disse ele.

- Perdoe-me? Isso também é cortesia? Um costume? Isso não me faz sentir melhor, Jondalar.

Ele passou a mão pelos cabelos. Ayla estava certa. Fosse o que fosse que havia feito - e ele sabia que fizera alguma coisa - desculpas de nada adiantavam. Também de nada resolvia ele fugir da questão, evitando encarar o problema de frente, apenas por estar com medo de criar novos embaraços.

Ela entrou na caverna, pôs de lado a sua cesta e atiçou a fogueira para começar a preparar a refeição da noite. Jondalar a seguiu, colocou a cesta dele ao lado da dela, puxou para perto do fogo uma esteira e se sentou para observá-la.

Ayla costumava usar algumas das ferramentas que ele lhe dera de, pois de haver cortado a corça. Na verdade gostava delas, mas para alguns trabalhos preferia servir-se da faca sem cabo a que estava habituada e Jondalar via que ela a manejava - uma lasca de sílex muito mais grossa do que as suas lâminas - com a mesma destreza que tinham as pessoas habituadas às finas lâminas providas de cabo. Experimentado cortador de sílex, julgava, avaliava e comparava os méritos de um e outro tipo. Não que um instrumento fosse mais fácil de usar do que o outro, pois afinal toda faca afiada era capaz de cortar. A questão é a enorme quantidade de sílex no estado bruto que cada um desses instrumentos gasta na sua fabricação, além de que carregá-los não deixa também de se constituir num outro problema.

Ayla se sentia nervosa com ele observando-a nos mínimos detalhes. Finalmente ela se levantou e foi buscar camomila para fazer chá, esperando que isso a acalmasse e que fosse um meio de desviar a atenção de Jondalar. Ele se deu conta de que mais uma vez estava evitando enfrentar o problema. Resolveu criar coragem e abordar diretamente o assunto.

- Você tem razão, Ayla. Pedir desculpas não significa muito, mas não sei que outra coisa lhe possa dizer. Não sei o que fiz para deixá-la tão ofendi da assim. Diga-me, por favor, por que se sentiu mal?

“Ele devia novamente estar falando palavras falsas. Seria possível que não soubesse? Mas parecia realmente confuso.” Ela baixou os olhos, desejando que aquela pergunta não tivesse sido feita. Já era ruim demais ter de sofrer semelhante humilhação. Discutir o assunto, pior ainda. Mas a pergunta fora feita.

- Sinto-me mal porque... porque não sou aceitável - disse, sem erguer os olhos que estavam fixos na cuia de chá em seu colo.

- O que você quer dizer com “não aceitável”? Não entendo.

“Por que fazia ele essas perguntas? Para que se sentisse ainda pior? Ayla encarou-o. Jondalar tinha o corpo curvado para a frente. A postura e os olhos evidenciavam sinceridade e falavam também de sua angústia.

- Nenhum homem dos clãs, tendo uma mulher aceitável por perto, pensaria em se aliviar sozinho - ela corou com a confissão do próprio fracasso. Abaixou os olhos e ficou olhando para as mãos. - Você estava cheio de necessidade e assim mesmo fugiu de mim. Ainda acha que eu não tenho motivos para me sentir mal?

- Você está dizendo que se sentiu ofendida por não ter eu.. . - ele jogou o corpo para trás, levantando os olhos para o teto. - Oh, Doni! Como pode você ser tão idiota, Jondalar?

Ela o olhou surpresa.

- Achava que não queria ser incomodada, Ayla. Estava procurando respeitar a sua vontade. O meu desejo era muito forte naquele momento. Não pude Mas todas as vezes que eu a tocava, sentia o seu corpo estremecer. Como pode pensar que um homem não a ache aceitável?

Subitamente foi-se fazendo o entendimento, derretendo o gelo em seu dolorido coração. Jondalar a queria! Ele pensava que era ela quem não o que. ria! Novamente os costumes atrapalhando. Costumes diferentes.

- Jondalar, bastava você ter feito o sinal.. Que importância tem o fato de eu querer ou não?

- Claro que tem importância o que você quer. Você não... - ele ficou subitamente vermelho - você não me quer? - o seu olhar se mostrava inseguro, temeroso de uma rejeição. Ela conhecia o sentimento. Apenas estava surpresa de vê-lo num homem. Mas era algo que serviu

para dissipar qualquer dúvida que ainda restasse e que fez despertar uma onda de calor e ternura.

- Eu o desejo, Jondalar. Desejei-o desde a primeira vez que o vi. Na ocasião em que estava doente, muito doente, quando ainda não sabia se iria viver, eu ficava olhando-o; e sentia. - . dentro de mim crescendo esse senti mento. Mas você nunca fez o sinal para mim - ela abaixou os olhos outra vez. Havia falado mais do que pretendia. As mulheres clânicas eram mais sutis em seus gestos convidativos.

- E eu, todo esse tempo pensando... Mas que sinal é este de que você tanto fala?

- Nos clãs, quando um homem deseja uma mulher, ele faz o sinal.

- Mostre.

Ela fez o gesto e corou. Normalmente não era um sinal feito por mulheres.

- Isso é tudo? Basta que eu faça isso? E depois o que faz você?

Espantado, ele viu Ayla levantar-se, ajoelhar-se e se pôr à sua disposição.

- Você está dizendo que basta um homem fazer esse sinal para que a mulher se ponha assim? Só isso e os dois já estão prontos?

- Um homem nunca faz o sinal se já não estiver pronto. E hoje, você estava pronto, não é?

Foi a vez dele corar. Havia se esquecido de que “estava pronto” e como! E também do que tinha feito para se impedir de cometer uma violência. Teria dado tudo, então, para saber desse sinal.

- E se a mulher não quiser o homem? Ou se ela ainda não estiver pronta?

- Quando o homem faz o sinal, a mulher tem de se colocar em posição. - Ela se lembrou de Broud. O seu rosto anuviou-se com a lembrança de uma época marcada pelo aviltamento de sua pessoa.

- Em qualquer momento, Ayla? - a expressão de sofrimento no rosto dela o fazia pensar. - Mesmo que seja a primeira vez para a mulher?

Ela confirmou com a cabeça.

- Foi assim que aconteceu com você? Algum homem lhe fez um sinal?

Ela fechou os olhos, engoliu em seco e tomou a confirmar.

Jondalar estava indignado e estupefato.

- Você está querendo dizer que não há ritos de passagem? Que não há ninguém para tomar conta e impedir um homem de se exceder? Que espécie de povo é esse? Será que eles não ligam para a primeira vez de uma menina? Que deixam qualquer homem no auge de seu calor pegar uma inocente mocinha? Violentá-la, sem que ela esteja ainda pronta? Pouco importando se vai ou não machucar? - ele se havia levantado e andava furioso de um lado para outro. - É cruel! Desumano! Como pode alguém permitir tal coisa? Será que não têm compaixão? Que absolutamente não se importam com coisa alguma?

A explosão era tão inesperada que Ayla deixou-se ficar sentada, de olhos arregalados, vendo-o cada vez mais exaltado em sua cólera esbravejante. Mas, então, ela começou a abanar a cabeça, negando-lhe a veracidade das palavras que se tomaram extremamente insultuosas.

- Não! - disse por fim com voz firme. - Isso não é verdade, Jondalar. Eles se importam sim! Iza me encontrou e tomou conta de mim. Eles meado taram. Trouxeram-me para o clã, mesmo eu pertencendo a um outro povo. Eles não eram obrigados a me aceitar e aceitaram. Creb não podia saber que Broud me machucava. Ele nunca teve companheira. Não podia entender deste tipo de problema de mulher. Além disso, Broud estava no seu direito. Quando fiquei grávida, lia cuidou de mim. Ela chegou a ficar doente para conseguir

um remédio de que eu precisava para não perder o meu filho. Se não fosse l eu teria morrido quando o meu filho nasceu. E Brun aceitou a criança, apesar de todos acharem que ela era deformada. Mas isso não é verdade. O meu filho é forte e sadio... - ela se interrompeu, percebendo Jondalar olhando-a fixamente.

- Você tem um filho? Onde está ele?

Ayla ainda não falara de seu filho. Apesar de já ter passado muito tempo, era-lhe doloroso falar dele. Sabia que qualquer menção ao assunto acaba ria levantando perguntas.

- É verdade. Eu tenho um filho. Ele ainda vive com os clãs. Quando Broud me obrigou a partir, eu o deixei com Uba.

- Obrigou-a a partir? Como assim? - perguntou Jondalar, voltando a sentar-se. Então, Ayla tinha um filho. Ele estava certo quando imaginara que ela já havia estado grávida. - Por que alguém obrigaria uma mulher a abandonar o seu filho? Quem é esse Broud?

Como poderia ela explicar? Por um momento, fechou os olhos para pensar.

- Ele é o atual chefe. Antes dele, na ocasião em que fui encontrada, o chefe era Brun, o homem que deu licença para que Creb me incorporasse ao clã. Mas Brun ficou velho e passou para Broud o seu lugar de chefe do nosso clã. Broud sempre teve ódio de mim. Já me odiava desde que eu era menina.

- Foi esse homem quem a machucou, não é?

- Quando eu me tornei mulher, lia me falou do sinal, mas ela me disse também que os homens não costumam se aliviar com mulheres de que não gostam. Broud fazia isto comigo porque sentia-se feliz com uma coisa que sabia ser abominada por mim. Mas eu tenho a impressão de que ele agia a mando do meu totem. O espírito do Leão da Caverna sabia o quanto eu queria ter um filho.

- O que tem esse Broud a ver com o seu filho? A Grande Mãe Terra só abençoa quando for de sua vontade. O seu filho foi do espírito dele?

- Para Creb, são os espíritos que fazem os bebês. Ele dizia que quando uma mulher engole o espírito de um totem masculino, se esse for suficiente mente forte para vencer o espírito do totem feminino e lhe retirar a força vi tal, uma nova vida começará a crescer dentro da mulher.

- Essa é uma estranha maneira de tratar a questão. É a nossa Mãe que mistura o espírito de um homem com o de uma mulher quando a Mãe deseja abençoar uma de suas filhas.

- Eu não acredito que sejam os espíritos que fazem os bebês. Nem os espíritos dos totens, nem nesta mistura de espíritos feita por essa sua Grande Mãe. Acho que a vida começa porque um homem põe o seu órgão cheio dentro de uma mulher. É por isso que os homens sentem tanta necessidade de se aliviarem e porque as mulheres querem tanto os homens.

- Isso não pode ser, Ayla. Você sabe quantas vezes é possível um homem botar a sua virilidade dentro de uma mulher? Ela jamais poderia ter ta manha quantidade de filhos. Um homem faz uma mulher com a dádiva do prazer que lhe concede a Mãe. Ele abre a mulher para que os espíritos possam entrar. Mas a dádiva da vida, a mais sagrada de todas as dádivas da Mãe, essa só é concedida às mulheres. S vocês que recebem os espíritos, criam vida e se tomam mães, do mesmo jeito que a Grande Mãe Terra. O homem que nunca deixa de honrá-la, que sabe ser reconhecido pelas dádivas que lhe são concedidas e que assume o compromisso de cuidar de uma mulher com os seus filhos, o espírito dele, Doni talvez escolha para as crianças nascidas em sua casa.

- O que é a dádiva do prazer?

- Ah, então é isso! Você nunca conheceu os prazeres, não é? - falou Jondalar, espantando-se quando pensou na idéia. - Não é de admirar que não entendesse quando eu... Bom, Ayla, você é uma mulher que foi abençoada com um filho sem ter conhecido os primeiros ritos. Esses clãs de que você tanto fala são muito estranhos. Em toda a minha vida nunca encontrei uma pessoa que não tivesse conhecimento da Mãe e de suas dádivas. A dos prazeres, Ayla, é concedida quando um homem e uma mulher sentem que se querem e se entregam um ao outro.

- Quando um homem está cheio e precisando aliviar as suas necessidades, não é assim? É isto que você chama de dádiva do prazer, quando o homem põe o seu órgão no lugar por onde passam os bebês? - disse ela.

- É. Mas não é só isto, existem mais coisas.

- Pode ser. Mas todo mundo dizia que por causa do meu totem forte demais não poderia ter filho e eu tive. Não houve quem não ficasse surpreso. E o meu filho não nasceu defeituoso. O que acontece é que ele tem alguns traços meus e outros da gente dos clãs. Agora veja bem, Jondalar: eu só fiquei grávida depois que Broud começou a fazer o sinal para mim. Nenhum homem me queria. Eu sou muito grande e feia. Nem mesmo na reunião dos clãs encontrei um homem que me quisesse tomar, apesar de que fosse reconhecida como filha de lia e tivesse o conceito dela.

Qualquer coisa na história de Ayla começava a inquietar Jondalar, sem que ele pudesse atinar por quê.

- Você disse que foi encontrada por uma curandeira. - qual é mesmo o nome dela? Iza, não? Onde ela a encontrou? De onde você vinha?

- Eu não sei. Iza falava que eu pertencia aos Outros. . - de outras pessoas parecidas comigo. Como você, Jondalar. Tudo que sei de mim é depois de já estar vivendo no clã. Da minha vida anterior eu não tenho

qualquer lembrança. Nem mesmo de minha mãe eu me lembro. Você é o único homem que já vi parecido comigo.

Enquanto ouvia, Jondalar sentia o estômago revolvendo-se.

- Na reunião dos clãs, uma mulher me contou uma história sobre um homem dos Outros. Eu passei a ter medo deles até que, então, eu o conheci, Jondalar. Essa mulher era mãe de um bebê, uma menina muito parecida com Durc. Poderia até ser minha filha. Oda queria arranjar o meu filho para companheiro de sua filhinha. Eles, no clã dela, também diziam que o seu bebê era defeituoso, mas a minha opinião é que o seu bebê foi formado quando um homem dos Outros forçou Oda. Ele quis aliviar as suas necessidades nela.

- O homem forçou a mulher?

- E também matou uma filha que ela já tinha. Oda estava na companhia de mais duas mulheres quando surgiram vários homens dos Outros. Mas eles não fizeram o sinal. Quando um deles agarrou Oda, a filhinha dela caiu e bateu com a cabeça numa pedra.

De repente Jondalar lembrou-se do grupo de rapazes pertencentes a uma Caverna em terras do oeste. Ele não queria tirar conclusões apressadas, mas se havia uma turma daquele tipo, por que não haveria outras?

- Ayla, você está a todo instante dizendo que não se parece com a gente dos clãs. Por quê? Como são essas pessoas diferentes de você?

- Elas são bem mais baixas. Daí eu ter ficado tão espantada quando você e levantou. Eu sempre fui mais alta do que qualquer pessoa. Inclusive mais alta que os homens. Por isso eles não me quiseram. Sou alta demais e também muito feia.

- E o que mais? - ele não queria perguntar, mas não conseguia impedir-se. Precisava saber.

- Os olhos são castanhos, lia achava que havia qualquer coisa de errado com os meus por eles serem da cor do céu. Durc saiu com os olhos deles e as... não sei como explicar. As sobrancelhas são grossas, mas a testa de meu filho é igual à minha. As cabeças são mais chatas...

- Cabeças-chatas! - disse Jondalar com os lábios se contraindo numa careta de nojo. - Nossa Mãe, Ayla! Você esteve vivendo com esses animais! Você deixou que um daqueles machos... - Ele teve um estremecimento. - Você é mãe de uma aberração, nascida da mistura de espíritos... meio humano, meio animal! - como se tivesse tocado em alguma coisa repelente, ele deu um salto, recuando com o corpo. Era uma reação preconceituosa, baseada em pressupostos cruéis e irracionais, nunca questionados pelas pessoas de seu meio.

Ayla, de início, não compreendeu. Olhava para Jondalar, espantada, franzindo o rosto. Mas lhe via a expressão de repugnância, igual à dela quando pensava em hienas. Subitamente, as palavras ganharam sentido.

Animais?! Ele estava chamando as pessoas que ela amava de animais? Então o seu adorável e bondoso Creb - que dentre os sagrados homens dos clãs era simplesmente o mais temido e poderoso de todos - não passava de um animal? E Iza, que a tinha criado, lhe servido de mãe e ensinado o seu ofício, também Iza não passava de uma hiena fedorenta? E Durc?! O seu filho?

- O que você quer dizer com animais? - falou Ayla gritando, de pé, encarando-o. Nunca antes havia levantado a voz. Ela própria se surpreendia com o seu volume e a agressividade com que falava. - Então Creb e lia são animais? O meu filho, metade bicho, metade gente? As pessoas dos clãs não passam de hienas fedorentas?

“Por acaso animais costumam recolher uma menina que estava à beira da morte? Iriam aceitá-la em seu

meio? Iriam tratar desta criança e criá-la? Onde você acha que eu aprendi a achar alimentos? E a cozinhar, quem você pensa que me ensinou? Onde poderia eu ter aprendido o meu ofício de curandeira? Se essas pessoas fossem animais, hoje eu não estaria viva, e nem você também, Jondalar.

"Você diz que as pessoas dos clãs são animais e que os Outros são humanos, não é? Pois então lembre-se disto: esses animais salvaram uma criança dos Outros, enquanto que esses que você diz que são humanos mataram uma das deles. Se eu tivesse de escolher entre os dois, ficaria com os que você chama de hienas fedorentas.

Ela saiu intempestivamente da caverna e desceu à praia, onde assoviou chamando Huiin.

Capítulo 24

Jondalar estava estarrecido. Ele acompanhou-a e se pôs a observá-la do patamar. Com um salto acrobático, ela pulou no lombo da égua e saiu galopando pelo vale. O fato de Ayla ter sido sempre uma pessoa serena e dócil tornava ainda mais surpreendente aquele súbito rompante de cólera.

Por outro lado, Jondalar sempre se acreditara justo, sem preconceitos em relação aos cabeças-chatas. Achava que se devia deixá-los em paz e, tanto quanto possível, evitar incomodá-los. Jamais matara um deles propositalmente. Mas a idéia de um homem usando uma fêmea de cabeça-chata para os seus prazeres ofendia-lhe a sensibilidade, e o contrário, que um macho pudesse fazer a mesma coisa com uma mulher, era algo de impensável que revolvia todos os nervos de seu corpo. Era a profanação da mulher.

E ele que tanto a desejara. Lembrando-se das histórias contadas entre risadinhas por garotos e rapazes, sentiu um aperto nas virilhas, como se tivesse sido contaminado e o seu membro já estivesse murchando e caindo de podre. Por alguma especial graça da Grande Mãe, ele fora poupado.

E pior ainda, ela parira uma aberração, uma cria de espíritos malignos. Coisa que, entre pessoas decentes, era imprópria até para falar. A própria existência de um ser desses era veementemente negada por alguns, apesar dos insistentes falatórios a respeito.

Ayla, certamente, jamais negara a sua história. Ali ficara de pé, admitindo com toda a franqueza, defendendo o seu filho tão veementemente como qualquer mãe que visse o seu filho caluniado. Ela se sentira insultada, furiosa por ele ter falado em termos

depreciativos. Teria realmente sido criada por um bando de cabeças-chatas?

Ele havia encontrado alguns durante a viagem. Chegara mesmo a se perguntar se de fato seriam animais. Houve inclusive aquele incidente com o macho e a fêmea mais velha. Agora, voltando a pensar na coisa, a faca que o macho tinha usado para cortar a sua batida de peixe não era igual à de Ayla? E a mãe dele? Ela usava um couro enrolado no corpo, tal como Ayla. Tinha até os mesmos maneirismos de Ayla. Principalmente no princípio, com aquela sua mania de olhar para o chão, como se querendo esconder-se dele. As peles na cama dela tinham a mesma textura que a pele de lobo que lhe haviam emprestado. E a lança! Aquela lança pesada e primitiva de Ayla não era igual àquelas carregadas pelo bando de cabeças-chatas que ele e Thonolan encontraram na saída a geleira?

Durante todo esse tempo estava tudo ali, bem à sua frente. Bastava ele ter olhado. Por que teria inventado essa história de Ayla ser uma servidora da Mãe? De alguém que se estava pondo à prova para aperfeiçoar-se em suas virtudes? Será que Ayla teria de fato aprendido o seu ofício com uma curandeira cabeça-chata?

Ele a via cavalgando ao longe no vale. Ela esteve magnífica em sua raiva. Ele conhecera muitas mulheres que, por qualquer razão, levantavam a voz. Marona era uma. Podia ser uma verdadeira megera de voz estridente, briguenta e mal-humorada, lembrou-se pensando na mulher à qual fora prometido. Eram pessoas voluntariosas que tinham um tipo de força que o atraía. Ele gostava de mulheres fortes. Constituíam-se num desafio. Sabiam manter-se firmes e não se curvavam facilmente quando ele tinha um de seus rompantes de raiva, por sinal agora raros. Em Ayla, apesar de sua serenidade, suspeitava um interior de

ferro. “Lá está ela no seu cavalo”, disse para si mesmo. “Uma mulher notável... linda.”

Subitamente, como se tivesse recebido um jato de água fria, ele se deu conta do que fizera. O sangue fugiu-lhe do rosto. Afinal, Ayla havia salvo a sua vida e ele a repeliu como algo asqueroso. Apagara com uma sórdida repulsa os cuidados que lhe foram dispensados generosamente. Havia chamado o seu filho de aberração, uma criança que sem dúvida ela amava. Sentia-se mortificado por tanta insensibilidade.

Ele entrou na caverna e se atirou na cama. Na cairia dela. Esse tempo to do havia dormido na cama da mulher que acabara de vilmente desprezar.

- Oh, Doni! - gritou. - Como foi me deixar fazer isso? Por que não veio em meu socorro? Por que não me impediu?

Enterrou a cabeça nas peles, sentindo-se um desgraçado, de uma maneira como há muito tempo não sentia. Pensava que isso já não fosse mais acontecer-lhe. Havia agido sem pensar, tal como fazia quando era um rapazinho. Será que nunca iria aprender? Por que não usara de discrição? Logo estaria indo embora. A sua perna já estava curada. Por que não se tinha controlado até o momento de partir?

Com efeito, o que estava ele fazendo ainda ali? Por que já não teria agradecido a ela e se mandado? Nada mais o impedia. Por que tinha ele de ficar lá e crivá-la com perguntas sobre coisas que não eram de sua conta? Então poderia lembrar-se dela no futuro como a bela e misteriosa mulher que vivia sozinha num vale. A mulher que encantava animais e lhe salvara a vida.

“Ora, Jondalar, porque você bem sabe que não consegue resistir a uma bela e misteriosa mulher.”

“E por que tudo isto o estava incomodando tanto? Que diferença fazia se ela tinha vivido com cabeças-chatas?”

“Porque queria essa mulher, Jondalar, e depois pensou que ela não fosse bastante boa para você, por ter ela... permitido...”

“Que imbecil! Você não ouviu? Ela não permitiu. Foi violentada. Não teve ritos de passagem. E você a culpa! Ela estava lhe contando, abrindo-se com você e aliviando a sua dor e, então, o que faz você, seu idiota?”

“Você é pior do que o cabeça-chata, Jondalar. Pelo menos esse ela sabia como ele se sentia. Ele a odiava, Só pensava em feri-la. E você? Ela confiava em você. Ela lhe disse como se sentia a seu respeito. Você, Jondalar, que quis tanto essa mulher, só não a teve por medo de ver o seu orgulho ferido.”

“Se prestasse mais atenção a ela e não se preocupasse tanto com você, deveria ter reparado que Ayla não se comportava como uma mulher experiente. Agia como uma mocinha amedrontada. Será que já não teve muitas garotinhas em sua vida para saber a diferença?”

“Só que Ayla não se parece com uma mocinha amedrontada. Não. Ela é simplesmente a mulher mais linda que você já viu. Tão bela, tão inteligente e tão segura de si que ficou com medo de se ver recusado. Você, o grande Jondalar, o querido de todas as mulheres! Mas pode estar certo de que ela não vai querer mais saber de você.”

“E você a pensar que ela fosse uma mulher segura, quando nem mesmo sabe que é bonita. Pensa realmente que é grande demais e feia. Como pode alguém achá-la feia?”

“Você se esqueceu de que ela cresceu entre cabeças-chatas? Quem poderia imaginar que eles se dessem conta da diferença que existe entre eles e nós? Mas quem poderia imaginar também que eles fossem criar uma menina? Será que nós faríamos o mesmo com uma criança deles? Quantos anos teria, então, Ayla?

Devia ser muito novinha. A cicatriz na perna é antiga. Deve ter sido pavoroso. Imagine, perdida sozinha nesse mundo e ainda ferida por um leão.”

“E tratada por cabeças-chatas! Como é que um cabeça-chata poderia saber tratar de alguém? Mas Ayla é uma ótima curandeira e aprendeu com eles. Tão boa que chegou a pensar que ela fosse uma servidora da Mãe. Você devia, Jondalar, era trocar o seu ofício de ferramenteiro pelo de contador de lorotas. Não quis enxergar a verdade clara diante de seus olhos. Mas, agora, que sabe da história, isso faz alguma diferença? Você está menos vivo porque ela aprendeu o seu ofício com cabeças-chatas? É ela menos bonita porque... pariu uma aberração? Mas o que faz com que o filho dela seja uma aberração da natureza?”

“Você ainda quer essa mulher, Jondalar.”

“Tarde demais. Ela nunca mais iria acreditar e confiar em você.” Ele se viu invadido por uma nova onda de vergonha. Com as mãos fechadas, pôs-se a dar murros nas peles. “Seu idiota! Oh, seu estúpido, estúpido idiota! Você estragou tudo, seu cretino. Por que não vai embora?”

“Porque não pode. Você vai ter de enfrentá-la, Jondalar.”

“Você não tem roupas, não tem armas, não tem comida. Você não pode viajar de mãos abanando.”

“Onde vai conseguir víveres? E todas as outras coisas? Esse lugar é de Ayla. Terá de conseguir com ela. Pelo menos alguns pedaços de sílex terá de lhe pedir. Se tiver ferramentas, você poderá fazer algumas lanças. Só assim poderá caçar para ter comida, peles e roupas. E também fazer um saco de dormir e um baú para carregar as coisas. Mas isso tudo leva tempo. Depois, um ano viajando ou até mais.. . vai ser triste sem Thonolan.”

Ele enterrou-se no meio das peles. “Por que Thonolan teve de morrer? Por que aquele leão não me matou no seu lugar?” As lágrimas se comprimiam nos cantos de seus olhos. “Thonolan não teria agido tão estupidamente como eu. Queria saber onde fica esse desfiladeiro. Pobre irmão. Espero que um zelandonii o tenha ajudado no seu caminho para o outro mundo. É horrível pensar que os seus ossos estejam por aí jogados, roídos pelas feras.”

O barulho de cascos vindo da direção do caminho da praia o fez pensar que Ayla se aproximava. Era apenas o potrinho. Ele se levantou, saiu para o patamar, e ficou olhando o vale embaixo. Ayla não estava à vista.

- O que há, meu amiguinho? Você ficou para trás? A culpa é minha, mas elas logo vão estar de volta... não por mim, mas por você. Além disso, Ayla vive aqui. . - sozinha. Há quanto tempo já estaria morando nesse lugar? Só, sem ninguém. Não sei se eu conseguiria fazer o mesmo.

“Aí está você, chorando pela sua imbecilidade, e olhe só pelo que ela tem passado. E não está chorando. É uma mulher fantástica. Linda. Esplêndida. E você, Jondalar cretino, perdeu tudo isso, Oh, Doni, daria tudo para poder endireitar as coisas.”

Jondalar estava enganado. Ayla chorava. Chorava de uma maneira como nunca o fizera. Mas o seu choro não a fazia menos forte, apenas a ajudava no sofrimento. Ela pusera Huiin para galopar até que o vale tivesse ficado muito para trás. Então parou na curva de um rio que era tributário do outro perto da caverna, O terreno na parte interna da curva freqüentemente se via inundado pelas enchentes que deixavam uma camada de aluvião fazendo uma fértil base para as plantas que cresciam lá. Era um lugar onde ela costumava caçar ptármigas, além de outros tipos de galináceos e animais

que iam desde a marmota até gigantescos cervos que iam para aquela área de irresistível verdume.

Ela deu a volta com a perna por cima do lombo de Huiin e apeou. Bebeu um gole de água e lavou o rosto sujo, riscado de lágrimas. Sentia-se como se estivesse acordando de um pesadelo. O dia inteiro se constituíra numa série estonteante de altos vertiginosos e baixos angustiantes, em vôos e mergulhos cada vez mais extremados. Achava que não conseguiria agüentar mais nada, fosse numa ou noutra direção.

A manhã tinha começado bem. Jondalar insistira em ajudá-la a colher cereais e ela ficara surpresa com a sua rapidez para aprender. Tinha certeza de que era a primeira vez que ele fazia aquele trabalho, mas bastou mostrar lhe para que, imediatamente, pegasse o jeito. No entanto, melhor do que o par extra de mãos para ajudá-la, era a companhia. Mesmo que não se falas sem, a presença dele ao seu lado a fazia sentir o quanto estava saudosa do convívio de pessoas.

Depois, houve um ligeiro desentendimento. Nada sério. Ela queria continuar colhendo e ele parar. O odre havia ficado vazio. Quando voltou do rio, percebeu a vontade dele de montar em Huiin. Havia pensado que isto pode ria conservá-lo mais tempo no vale. Jondalar gostava do potro e, se tivesse prazer em montar, era possível que permanecesse até o filhote de Huiin ficar maior. Imediatamente aceitara o seu oferecimento. Então ficaram muito alegres e se puseram a rir. Desde que Neném fora embora que ela não ria tanto. Adorava as risadas de Jondalar. Só de ouvi-las já ficava com outro ânimo.

“Depois, ele tocou em mim”, pensou. “Ninguém nos clãs tinha aquele jeito de tocar, pelo menos fora das fronteiras de pedras de suas casas. De noite, talvez. Afinal, ninguém sabe o que um homem faz com a sua companheira debaixo das peles. Era bem possível que

até tocassem nas mulheres como Jondalar. Será que todos os Outros fazem isso do lado de fora de suas casas? Eu gostei de ser tocada. Por que teria fugido?”

Quando ele se aliviou sozinho, ela teve vontade de morrer, tanta era a sua vergonha. Estava certa de ser a mulher mais feia do mundo. Depois na caverna, ele disse que a queria, que pensava que era ela quem não o quisesse. Quase chorou de tanta felicidade. Pelo modo como ele a olhava, percebia a sua paixão ir em crescendo, num sentimento de desejo e atração cada vez mais forte. Havia ficado tão zangado, ouvindo-a falar de Broud, que ela chegou a se convencer, naquele instante, de que era amada. “Quem sabe se numa outra vez quando estiver precisando aliviar-se...”

Mas nunca se esquecerá da maneira como Jondalar a olhou. Parecia que ele estava diante de um pedaço de carne nojenta e podre. Chegou até a estremecer-se.

“Iza e Creb não são animais! São pessoas. Pessoas que me amavam e que cuidaram de mim. Por que Jondalar os odiaria tanto? A terra havia sido antes deles. A espécie de Jondalar... a minha espécie veio depois. Será que é assim a minha gente?”

“Dou graças por ter deixado Durc com o clã. Poderiam pensar que ele é deformado. Broud pode odiá-lo por ser meu filho, mas nunca ele será tratado como animal... como uma aberração. Foi essa a palavra usada e ele não precisava explicar o significado para mim.”

As lágrimas voltaram-lhe aos olhos. “Meu bebê, meu filhinho... você não é deformado. É forte e saudável. E tampouco é animal ou... aberração.”

“Como poderia ele ter mudado tão depressa? Estava olhando para mim com os seus olhos azuis, olhando... e, então, deu um pulo como se eu fosse queimá-lo ou como se eu fosse um daqueles espíritos malignos com nomes conhecidos só pelos mog-urs. Chega a ser pior do que uma maldição de morte. Na maldição, as pessoas apenas

se afastam e deixam de me enxergar, como se eu já estivesse morta e não pertencesse a este mundo. Mas não olham para mim como se eu fosse... uma aberração?”

O sol abaixava no céu, trazendo o frio da tarde. Mesmo no mais quente do verão, fazia frio nas estepes durante a noite. Na sua roupa de verão, ela tremia. “Se eu tivesse me lembrado de trazer a barraca e peles... Não. Huiin ficaria indócil por causa do potro. Além disso, ela precisa de dar de mamar para ele.”

Ayla se levantou para voltar. Huiin ergueu a cabeça da relva e veio trotando na sua direção, espantando, no caminho, um casal de ptármigas. A reação de Ayla foi quase incontinenti. Ao mesmo tempo que puxava a funda da cintura, se abaixava para pegar pedras. Os pássaros mal haviam saído do chão, quando voltaram a cair, um depois do outro. Ela foi buscá-los e procurar pelo ninho. Mas nisso, parou.

“Ora, para que estou querendo ovos? Será que vou fazer o prato predileto de Creb para Jondalar? Por que iria eu cozinhar para ele? Principalmente esse prato, o de que Creb mais gostava?” Mas, ao dar com o ninho - um pequeno buraco na terra onde encontravam sete ovos - ela encolheu os ombros e os pegou com cuidado.

Depositou-os ao lado das ptármigas, perto do rio, e foi pegar a palha de algumas plantas que cresciam na beirada da água. Em poucos instantes teceu uma cesta que, depois de usada para carregar os ovos, seria jogada fora. Aproveitou também a palha para amarrar as patas do casal de pássaros. Os seus pés já começavam a se revestir de uma plumagem mais espessa que faria para eles um sapato de inverno.

Inverno. Ela estremeceu. Não queria pensar nisso. Seria frio e triste. Mas o inverno nunca estava inteiramente fora das cogitações. O verão era apenas o tempo de se preparar para ele.

E Jondalar estava indo embora. Ela sabia disso. Uma idiotice pensar que fosse ficar no vale. Por que iria? Se ela tivesse um povo, ficaria? Sem ele, agora seria muito pior... mesmo tendo olhado para ela daquela maneira.

- Por que teve Jondalar de aparecer na minha vida?

Ela se assustou com a sua própria voz. Não estava acostumada a se ouvir falando sozinha.

- Mas agora eu posso falar. Pelo menos isso Jondalar fez por mim. Se eu encontrar pessoas vou poder conversar. E eu sei que existe muita gente vi vendo a oeste daqui. Iza tinha razão. Deve haver uma quantidade de gente, um mundo de Outros.

Ela colocou as ptármigas no lombo de Huiin, pendurando uma de cada lado, e ajeitou a cesta de ovos entre as coxas. “...Eu venho dos Outros... 'Encontre um companheiro', me dizia Iza. Pensei que Jondalar tivesse sido enviado para mim pelo meu totem. Mas alguém enviado pelo meu totem me olha ria daquela maneira?”

- Como pôde ele ter olhado assim para mim? - gritou em meio a um profundo e sentido soluço. - Oh, Leão da Caverna, eu nunca mais quero ficar sozinha... - ela se deixava levar pela égua, com o corpo mole, desolada, novamente abandonando-se Às lágrimas. Huiin reparava na falta de comando, mas não tinha importância. Sabia o caminho. Passado algum tempo, Ayla endireitou o corpo. - Ninguém vai me fazer ficar aqui. Já devia há muito tempo estar procurando por gente. Agora eu posso falar. Posso dizer às pessoas que Huiin não é um cavalo para ser comido - continuava ela a falar em voz alta. - Vou estar com tudo preparado e na primavera que vem eu parto - sabia que desta vez não iria protelar a sua saída do vale.

“Jondalar ainda não está indo embora. Ele vai precisar de roupas e armas. Talvez esteja aqui para me ensinar, a mando do Leão da Caverna. Neste caso, eu

tenho de aprender tudo, antes que ele vá embora. Vou ficar observando-o, fazendo-lhe perguntas. Estou pouco ligando para o seu jeito de me olhar. Nesses anos todos que eu vivi no clã, Broud não deixou um dia de me odiar. Saberei agüentar, mesmo Jondalar... me odiando." Ela fechou os olhos, querendo reprimir as lágrimas.

Então, lembrando-se do que Creb lhe dissera há muito tempo, segurou no amuleto: "Quando você encontrar um sinal enviado pelo seu totem, guarde-o no amuleto. Isso lhe trará sorte." E estavam todos eles ali guardados dentro daquele saquinho. "Oh, Leão da Caverna, tenho estado tão sozinha nesses anos todos! Ponha um pouco de sorte no meu amuleto."

O sol já se pusera atrás da garganta na montante do rio, quando ela chegou ao vale. Dentro de pouco tempo estaria escuro. Jondalar viu-a e correu para a praia. Ayla havia instigado Huiin a galopar e por um triz não esbarrou nele na curva do penhasco. Por pouco não caiu, com o susto da égua. Jondalar quis ampará-la, mas retirou rapidamente a mão ao tocar-lhe no corpo nu. Estava certo de que ela o desprezava.

"Ele me odeia", pensou Ayla. "Não suporta nem tocar em mim." Ela engoliu um soluço e ordenou que Huiin prosseguisse. O cavalo atravessou a praia cascalhenta e subiu para a caverna com Ayla montada. Na entrada, apeou e correu para dentro, desejando ter um outro lugar para ir. A sua vontade seria esconder-se. Deixou os ovos perto da fogueira e apanhou um monte de peles, que levou para a área onde tinha os seus mantimentos. Botou as peles em meio às cestas, esteiras e bacias e se meteu dentro delas com a cabeça coberta.

Momentos depois ouviu o barulho do casco de Huiin seguido pelo do potro. Estava tremendo, lutando contra as lágrimas e toda ouvidos para os movimentos de

Jondalar dentro da caverna. Queria que ele saísse para poder chorar.

Jondalar aproximou-se. Ela sabia que ele estava lá, embora não lhe ouvisse o barulho dos passos de pés descalços pisando no chão de terra.

- Ayla - chamou ele.

Ela não respondeu.

- Ayla, eu lhe trouxe um pouco de chá.

Ela se mantinha imóvel.

- Ayla, você não precisa vir para cá. Eu me mudo para o outro lugar da fogueira.

“Ele me odeia. Não suporta nem ficar perto de mim”, pensou ela.

- Sei que isso de nada adianta, mas eu preciso falar com você. Perdoe-me, Ayla. Não tenho palavras para expressar o quanto estou sentido. Você não merecia o que eu fiz. Não precisa me responder, mas eu tenho que falar, Ayla. Você sempre foi honesta comigo. Para mudar um pouco, já é tempo de eu também me mostrar franco e leal com você.

“Não faço outra coisa senão pensar desde que você saiu com Huiin. Não sei por que eu fiz... enfim, agi daquela maneira, mas vou ver se consigo explicar. Depois do ataque daquele leão, quando eu acordei aqui, não tinha noção de onde me encontrava. Não entendia por que você não falava comigo. Você era um mistério. Que estaria uma moça fazendo aqui sozinha? Foi então que comecei a inventar uma história a seu respeito. Imaginei que fosse uma zelandoni que se estava submetendo a um tipo de provação... que fosse uma mulher sagrada atendendo ao chamado da Mãe. Quando me vi recusado nas grosseiras tentativas que fiz para compartilhar dos prazeres com você, pensei que a abstinência fosse também uma das provas que se havia imposto. Passei, então, a formar uma idéia de que os clãs

se constituíam num estranho grupo de zelandoni do qual você fazia parte.

Ayla, apesar de que ainda permanecesse imóvel, havia parado de tremer e escutava.

- Eu só pensava em mim, Ayla - ele se agachou, sentando-se sobre as pernas. - Não sei se você vai acreditar, mas eu... bom, sempre fui considera do como... digamos, um homem atraente. Era eu quem escolhia as mulheres e no seu caso me vi rejeitado. Não estava acostumado a isso. Sentia o meu orgulho ferido e não queda admitir a possibilidade de uma recusa. Acho que foi por isso que inventei essa história sobre você. Precisava me dar uma desculpa, já que parecia não querer nada comigo.

“Mas se eu tivesse prestado mais atenção, veda que você não era nenhuma mulher vivida que estava me rejeitando e sim qualquer coisa como urna mocinha antes de seus primeiros ritos.. - insegura, um pouco amedronta da e querendo agradar. Se alguém tinha de saber disso, seria.. - bom, não interessa.

Ayla afastou as cobertas e tão grande era a sua tensão que escutava as batidas de seu coração.

- Tudo que via era Ayla, uma mulher feita. Acredite em mim, você tem uma aparência muito diferente da de uma menina. Achei que brincava comigo quando me disse que era grande e feia. E estava falando sério, não é? Real mente você se acha assim. Talvez para os cabe... para as pessoas que a criaram, você fosse muito alta e diferente. Mas Ayla, precisa saber que não é grande e nem feia. Você é linda. A mulher mais linda que já vi em toda a minha vida.

Ela se havia virado e estava sentada.

- Eu? Linda? - falou. Mas subitamente, sem acreditar nas palavras dele, se meteu por entre as peles, temendo outra vez ser magoada. - Você está zombando de mim.

Jondalar estendeu a mão para tocar nela, mas desistiu, tomando a abaixá-la.

- Você tem razão em não querer acreditar em mim. Principalmente de pois. . - de hoje. Mas eu tenho que aceitar isso e tentar assim mesmo explicar. E difícil que alguém possa imaginar todas essas coisas por que você tem passado. Órfã criada por... pessoas diferentes, separada do filho, e por fim obrigada a abandonar o único lar que conheceu para vir morar aqui sozinha. Isso é uma provação que nenhum servidor da Mãe seria capaz de imaginar. Poucas pessoas conseguiriam sobreviver à vida que teve. Você, Ayla, tem um espírito forte, O seu interior é forte, mas vai precisar ser mais forte ainda. Você tem de saber o que pensam as pessoas sobre esse povo a quem dá o no me de clãs. E eu pensava como todo mundo, também achava que se tratassem de animais.

- Não são animais!

- Mas eu não sabia, Ayla. Há gente que tem ódio desses clãs de que você fala. Eu não sei por quê. Quando penso sobre isso, vejo que animais, isto é, animais de verdade, daqueles que caçamos, não são odiados. Talvez seja por que no fundo de seus corações, Ayla, as pessoas sabem que os cabeças-chatas... é assim que os chamamos, sejam humanos. Eles são tão diferentes que chegam a ser assustadores... ou, quem sabe, ameaçadores. Mas, mesmo assim, alguns homens violentaram mulheres cabeças-chatas para terem os seus prazeres com elas. Nem sei se seria justo falar deste modo, talvez melhor seja como você diz: “aliviar as necessidades”. Não posso entender por que se fala deles como animais, principalmente sabendo que há misturas de espíritos e que crianças nascem...

- Você tem certeza de que são espíritos? - perguntou Ayla. Ele falava com tanta certeza que era possível que tivesse razão.

- Seja o que for, você não é a única, Ayla, que teve um filho nascido da mistura de gente com cabeça-chata, apesar das pessoas não falarem.

- Eles são clânicos e humanos - interrompeu ela.

- Você vai ouvir muitas vezes essa palavra, Ayla. E bom que saiba. Também deve saber que um homem violentar uma mulher “clânica” não é um ato tão pavoroso quanto seria o da mulher que compartilha dos prazeres com um macho cabeça-chata. Isso, para muita gente, é indesculpável.

- Uma aberração?

Jondalar ficou pálido, mas não recuou.

- É, Ayla, uma aberração.

- Eu não sou uma aberração - falou ela, corada. - E Durc também não é uma aberração. Não gostava do que Broud fazia comigo, mas aquilo não era uma aberração. Se fosse um outro homem quem tivesse feito, que estivesse querendo apenas aliviar suas necessidades e não fazendo por ódio, eu teria aceitado como qualquer mulher dos clãs; Se pudesse eu teria ficado com eles. Mesmo na qualidade de segunda mulher de Broud. Faria qualquer coisa para poder ficar junto de meu filho. Pouco estou ligando para essas pessoas que não aprovam.

Ele tinha de admirá-la, mas sabia que a vida não seria fácil para ela.

- Ayla, não estou dizendo que você deva sentir vergonha. Estou apenas lhe avisando o que a espera. Quem sabe se você contasse que vinha de um outro povo e...

- Jondalar, por que você me diz para falar palavras que não são verdadeiras? Não entendo por quê. Nos clãs, ninguém fala inverdades. Logo seria sabido. Seria visto. Mesmo que a pessoa evite mencionar alguma coisa, fica-se sabendo. Às vezes por cortesia é permitido, mas se sabe. Eu posso ver quando você diz palavras que

não são verdadeiras. O seu rosto me diz e também os seus ombros e as suas mãos.

Ele ficou vermelho. As suas mentiras eram tão visíveis assim? Dava graças por ter usado sempre da maior sinceridade. Ayla tinha muito o que lhe ensinar. A honestidade e a retidão de caráter eram parte dessa sua força interior.

- Não é que você tenha de aprender a mentir, apenas achei que deveria saber dessas coisas antes da minha partida.

Ela sentiu um nó formando-se no estômago e a garganta apertando-se. “Então ele vai embora.” A sua vontade era a de voltar e mergulhar dentro das peles e esconder a cabeça.

- Eu já imaginava que você fosse, mas não há nada ainda preparado para viajar. De que vai precisar?

- Se você pudesse me arrumar algumas de suas pedras de sílex, poderia fazer umas ferramentas e lanças. E se me dissesse onde estão as roupas com que cheguei, eu gostaria de consertá-las. Não sei se trouxe para cá, mas talvez a minha mochila ainda dê para ser usada.

- Mochila? O que é?

- É um bauzinho que eu carrego pendurado nas costas. Não existe uma palavra em zelandonii para isso. Mochila é o nome em mamutoi. Aquelas roupas que estava usando são mamutoi...

Ayla abanava a cabeça.

- Por que uma palavra diferente?

- Mamutoi é uma outra língua.

- Uma língua diferente? Mas que língua você me ensinou?

Jondalar sentiu um aperto no coração.

- Eu lhe ensinei a minha língua... a dos Zelandonii. Não pensei...

- Zelandonii... eles vivem para o lado do oeste? - Ayla se sentia in quieta.

- Bem... é. Mas bem longe no oeste. Os mamutoi vivem perto.

- Jondalar, você me ensinou uma língua falada por um povo que vive longe daqui e não a que falam as pessoas que moram perto. Por quê?

- Eu... não pensei sobre isso. Limitei-me a ensinar a minha língua - disse ele, de repente sentindo-se pessimamente. Nada que fazia dava certo.

- E você é a única pessoa que pode falar essa língua por aqui?

Ele confirmou com a cabeça.

O estômago dela dava voltas. Havia pensado que Jondalar fora enviado para ensinar-lhe a falar e, quando acabava, ela só podia conversar com ele.

- Jondalar, por que você não me ensinou a língua falada por todo mundo?

- Porque não existe esta língua.

- Eu me refiro à língua que você usa para falar com os seus espíritos ou, quem sabe, com a sua Grande Mãe.

- Não temos uma língua especial para falar com ela.

- Como você conversa com as pessoas que não sabem a sua língua.

- Aprendendo a nova língua. Eu sei três línguas e algumas palavras de outras.

Ayla voltara a tremer. Pensava que poderia sair do vale e falar com as pessoas que encontrasse. E, agora, o que faria? Ela levantou-se e ele fez o mesmo.

- Eu quero saber todas as palavras que você conhece, Jondalar. Preciso aprender a falar. Você tem de me ensinar... Você tem!

- Ayla, eu não posso lhe ensinar mais duas línguas. Isso leva tempo. Na verdade, nem sei falá-las direito. Uma língua não é feita só de palavras.

- Mas podemos começar por elas. Temos de começar desde o princípio. Qual é a palavra para fogo em mamutoi?

Ele lhe disse e, antes que tivesse tempo para fazer outras objeções, ela já estava perguntando uma série de palavras, na ordem em que tinha aprendido na língua zelandonií. Depois de já haver passado por uma longa lista, Jondalar voltou a interrompê-la.

- Ayla, de que adianta ficar dizendo um mundo de palavras. Você não vai conseguir lembrar-se de todas elas.

- Eu sei que a minha memória podia ser melhor. Mas vamos ver. Diga as palavras que eu não acertar.

Começando pela palavra fogo, ela repetiu nas duas línguas, de trás para diante, todas as palavras que tinham sido ditas. Quando terminou, Jondalar olhava pasmo para ela. Lembrou-se de que quando Ayla estava aprendendo zelandonii, a sua dificuldade não era a de memorizar o sentido das palavras, mas de aprender a estrutura e o conceito da língua.

- Como consegue fazer isto?

- Deixei de dizer alguma?

- Não. Absolutamente nenhuma.

Ela sorriu aliviada.

- Quando eu era menina, era muito pior. Tinha de ficar repetindo tudo muitas e muitas vezes. Nem sei como Iza e Creb tiveram paciência comigo. Sei que havia pessoas que achavam que eu não fosse muito inteligente. Agora estou melhor, mas foi preciso muito treino e exercício. Qualquer um lá nos clãs tinha melhor memória do que eu.

- Você está dizendo que a capacidade de memorizar do pessoal dos clãs é ainda maior do que a sua?

- As pessoas dos clãs não se esquecem de coisa alguma, mas já nascem sabendo de quase tudo de que precisam, de modo que não têm muito o que aprender.

Tudo que têm de fazer é lembrar-se. Elas possuem as memórias... não sei como você chamaria isto. As crianças quando estão crescendo vão aprendendo a recorrer às suas memórias. Basta que sejam lembradas uma vez. Os adultos não precisam. Sabem como puxar pelas memórias. Como eu nasci sem as memórias da gente dos clãs, lia era obrigada a repetir seguidamente tu do aquilo que me ensinava, até que eu conseguisse dizer as minhas lições sem um erro.

Jondalar estava perplexo com a capacidade mnemônica de Ayla. Quanto às memórias, ele não havia entendido direito do que se tratava.

- Havia pessoas que não acreditavam ser possível eu me tornar uma curandeira já que me faltavam as memórias de Iza. Mas ela dizia que não tinha importância. Achava que, mesmo sem as memórias, eu daria boa curandeira porque encontrava outras qualidades em mim. Era qualquer coisa que ela dizia não entender direito como se processava, mas que me fazia descobrir os tratamentos corretos para as doenças. Como eu não possuía a memória do uso das plantas medicinais, ela me ensinou a testá-las para que eu pudesse, por mim mesma, descobrir o modo de empregá-las.

“As pessoas dos clãs também possuem uma antiga língua que é formada só de gestos, sem o emprego de qualquer som. Todos conhecem esta língua. É a que usam para celebrar cerimônias, se dirigirem aos espíritos e também parar se comunicarem quando não se entenderem. Eu também sei essa língua.

“Porque tive de aprender coisa por coisa, fui obrigada a desenvolver o meu poder de concentração e também a prestar muita atenção a tudo, para evitar de que tivesse de ser “lembrada” mais de uma vez e as pessoas não se mostrassem impacientes comigo.

- Será que estou entendendo direito? Você está dizendo que todos... esses clãs, além de possuírem a sua própria língua, têm uma outra, numa velha forma, que é entendida por todo mundo? Que todos podem falar... se comunicar entre si?

- Na reunião dos clãs todos puderam.

- Será que estamos falando do mesmo povo? Dos cabeças-chatas?

- Se for este o nome que você dá às pessoas dos clãs, acho que estamos. Eu já lhe disse qual a aparência delas - falou Ayla abaixando os olhos. - Foi quando você me disse que eu não passava de uma aberração.

Ela se lembrou dele estremecendo-se cheio de nojo e de seu olhar caloroso transmudando-se numa expressão fria de desprezo. Foi justamente quando lhe estava falando sobre os clãs e achando que os dois se estavam entendendo. Agora ele parecia não querer aceitar o que ela dizia. Subitamente se sentiu constrangida. Havia falado de uma maneira muito franca e aberta. Com passos rápidos, se dirigiu para a fogueira. Vendo as ptármigas e os ovos, postos lá por Jondalar, começou a depená-las para estar fazendo alguma coisa.

Jondalar havia percebido que a desconfiança dela havia aumentado. Ele a tinha magoado demais, nunca recuperaria outra vez a sua confiança, embora por um momento chegasse a pensar que ainda fosse possível. O desprezo que agora sentia era por ele próprio. Apanhou as peles de Ayla e as carregou de volta para a cama dela. Em seguida, pegou as que usava e as levou para um lugar do outro lado da fogueira.

Ayla pôs os pássaros de lado e correu para a cama. Não tinha vontade de ficar arrancando penas naquele instante e nem queria que ele lhe visse os olhos molhados.Jondalar procurou arrumar as peles ao redor dele, de um jeito confortável. “...Memórias, foi o que ela disse. Com que então cabeças-chatas possuíam um tipo

especial de memória! E esta língua feita de gestos, conhecida por todos? Era fantástico. Difícil de acreditar, não fosse por um detalhe: Ayla não mentia.”

Acostumada ao silêncio e à solidão, Ayla sentia a presença de outra pessoa na caverna. Apesar de reconfortante, lhe era necessário um certo espírito de adaptação e ajustamento às novas circunstâncias. Além do mais, todos aqueles altos e baixos do dia acabaram por deixá-la esgotada, inteiramente exausta. Não queda sentir, pensar, reagir. Nada que tivesse a ver com o homem com quem dividia a sua caverna. Só queria descansar.

No entanto, o sono não vinha. Estava se sentindo tão confiante depois de ter aprendido a falar, concentrara-se, empenhara-se tanto para conseguir isto e, agora, era como se tivesse sido tapeada. Por que teria ele lhe ensinado a sua língua, sabendo que já estava de partida? Ela nunca mais o veria. Na primavera estaria largando o vale para sair em busca das pessoas que viviam per to de lá, e, quem sabe, também em busca de outro homem.

Mas não desejava outro homem. Queria Jondalar com os seus olhos e aquele seu jeito de tocar nela. Lembrou-se de como se sentira quando ele chegara. Jondalar era o primeiro homem do povo dela que via e, aos seus olhos, a sua figura representava a de todos os outros. Não era exatamente a de um indivíduo. Depois, ela não sabia quando ele deixara de ser um exemplo para se tomar unicamente Jondalar. Tudo que sabia é que sentia falta do som de sua respiração e do calor dele ao seu lado. A sua cama vazia casava-se perfeitamente com o vazio dentro dela.

O sono também não chegava para Jondalar. Não conseguia sentir-se confortável. Parecia frio o lado que estava acostumado a ter a proximidade de Ayla. A culpa que sentia era um tormento constante. Não se lembrava

de um dia tão ruim na vida. Nem mesmo a língua havia ensinado certo. Quando iria Ayla precisar de zelandonii? Para se chegar à terra de seu povo era todo um ano de viagem e isso se não houvesse paradas maiores durante o caminho.

Ele pensou na viagem com o seu irmão. Tudo parecia tifo inútil. Quanto tempo já fazia que teriam partido? Três anos? Isso significava pelo menos uns quatro anos fora de casa. Quatro anos de vida perdidos. - sem nenhum propósito. O seu irmão morto. Jetamio e o filho do espírito de Thonolan também mortos. O que sobrou?

Desde os seus tempos de criança que procurava manter as suas emoções sob controle, mas ele também estava naquele momento enxugando os olhos nas peles. As lágrimas não eram só pelo irmão, mas por ele também. Pela oportunidade maravilhosa que perdera.

Capítulo 25

Jondalar abriu os olhos. O sonho coma sua casa fora tão real que as paredes de pedra pareciam desconhecidas, como se o que sonhara fosse a realidade e a caverna de Ayla uma ficção. Os últimos vestígios fantasiosos se iam dissipando, mas as paredes continuavam parecendo fora do lugar. Quando, por fim, acordou, percebeu que olhava de um ângulo diferente. Ele se achava do outro lado da fogueira.

Ayla não estava lá. Perto da fogueira se encontravam duas ptármigas de penadas e um cesto onde ela guardara as penas. Já devia ter saído há algum tempo. A cuia que ele normalmente usava - a que fora esculpida de modo a ter o veio da madeira esboçando a figura de um animal - estava à vista. Junto, a cesta impermeável em que ela preparava o seu chá todas as manhãs e um galhinho limpo de vidoeiro. Ayla, sabendo que ele gostava de esgarçar com os dentes as fibras de um graveto para limpar o sarro acumulado durante a noite, criara o hábito de ter um pronto para ele usar, quando acordasse pela manhã.

Jondalar se levantou e se espreguiçou, sentindo os músculos doloridos da cama dura a que não estava habituado. Ele já dormira antes sobre o chão limpo, mas uma forração de palha podia fazer uma bela diferença para o conforto, além de que proporcionava um cheiro agradável. Ayla trocava a palha regularmente, não dando para que se acumulassem odores desagradáveis.

O chá estava quente na cesta. Ayla não devia ter saído há muito tempo. Ele despejou um pouco e sentiu o reconfortante aroma de hortelã. Todas as manhãs apostava consigo mesmo para ver se adivinhava que ervas ela havia usado. Hortelã era uma de suas favoritas

e quase sempre entrava na composição com outras. Depois de provar achou que tinha percebido o gosto de folha de framboesa e talvez o de alfafa.

Dirigiu-se, então, para fora da caverna, carregando a cuia e o graveto.

De pé, na beirada da parte do terraço que dava para o vale, enquanto mastigava o graveto, ele olhava o arco de sua urina regando a rocha do penhasco. Ainda não estava totalmente acordado. As suas ações eram movimentos mecânicos, criados pela força do hábito. Quando terminou, esfregou os dentes com o pedacinho de pau esgarçado e enxaguou a boca com o chá. Era um ritual que o deixava refrescado e lhe dava tempo para pensar na programação do dia.

Só depois de beber a última gota é que se sentiu acordado, mas então toda a sua alegria desapareceu. Aquele não seria um dia qualquer. As ações da véspera não o permitiriam. Ele reparou no graveto que ia pôr fora e ficou rodando-o entre os dedos. Aquele pedacinho de pau dizia muito.

Havia sido muito cômodo de sua parte entregar-se aos cuidados de Ayla. Tudo que ela fazia era de uma delicadeza tão sutil, que ele jamais tinha de lhe pedir. Ela sempre se antecipava aos seus desejos. O graveto era um bom exemplo. Sem dúvida, Ayla se levantara cedo, saíra e fora buscar aquele pauzinho de vidoeiro que limpara e pusera lá para ele. Quando foi que começou a fazer isso? Ele se lembrou de que logo que havia começado a andar, certa manhã pegara um gravetinho e que, na manhã seguinte, se tinha sentido muito satisfeito por dar com um palito perto de sua cuia. Mas, nesta época, ainda tinha dificuldade de enfrentar o íngreme caminho da caverna.

E o chá quente? A qualquer momento que acordasse pela manhã o chá já estava preparado. Quando ela o fazia? A primeira vez que Ayla lhe trouxera

a cuia, ele agradecera efusivamente. E depois disso? Qual a última vez que lhe dirigiu uma palavra de agradecimento? E quantas outras pequeninas atenções, feitas sempre na maior discrição? Jamais ela fazia alarde. Marthona era assim, tão delicada em suas atenções e em seus gestos que ninguém se sentia obriga do. Sempre que se oferecia para ajudar Ayla, ela se mostrava tão surpresa e agradecida que era como se, de fato, nunca esperasse qualquer retribuição por tudo que vinha fazendo por ele.

- E eu nunca lhe dei nada... pior ainda do que nada! - falou em voz alta. - Mesmo antes do que aconteceu ontem - ele olhou para o graveto, girou-o entre os dedos, e lhe deu um piparote, jogando-o fora.

Huiin e o potro estavam no vale, correndo em círculos, cheios de animação. De repente, Jondalar se viu interessado.

- Como corre o danadinho! Numa corrida, acho que venceria a sua mãe.

- Numa corrida curta sim, mas nunca numa longa - falou Ayla aparecendo no alto do patamar. Jondalar, com os olhos brilhando e sorrindo orgulhoso do potrinho, virou-se na direção dela. Difícil resistir ao entusiasmo dele. Ayla devolveu o sorriso, apesar das desconfianças. Tinha esperado que ele criasse amizade pelo filhote de Huiin, mas agora isto já não interessava mais.

- Estava mesmo imaginando por onde você andava - falou Jondalar, sentindo-se desajeitado na sua presença. O sorriso lhe desaparecera do rosto.

- Eu acendi cedo o forno de terra para assar as ptármigas e fui ver se estava tudo pronto. “Ele não parece muito contente de me ver”, pensou Ayla, dando as costas para entrar na caverna. O seu sorriso também desaparecera.

- Ayla! - chamou Jondalar, correndo atrás. Quando ela se voltou, ele parecia não saber o que dizer. - Eu... eu

estava pensando... se não poderia fazer algumas ferramentas. Bem, se você não se importar. Não quero acabar com as suas pedras de sílex.

- Tudo bem. Todos os anos as enchentes carregam e trazem sílex.

- Deve vir de algum depósito de greda localizado num ponto qualquer na montante do rio. Se eu soubesse onde fica e se não fosse muito longe daqui, iria buscar. A pedra é melhor quando apanhada diretamente na mina. As de Dalanar saem de um depósito perto da Caverna dele. Não há quem não conheça a qualidade do sílex dos Lanzadonii.

O brilho de entusiasmo voltara aos seus olhos, como sempre acontecia quando falava de seu ofício. “Droog também era assim”, pensou Ayla. “Adorava ferramentas e tudo que estava ligado à sua fabricação?” Ela sorriu pensando em Droog no dia em que ele viu o filho de Aga - o que nasceu depois que os dois se tomaram companheiros - batendo uma pedra contra outra. “Droog ficou tão orgulhoso que chegou mesmo a dar ao garoto um martelo de pedra. Ele tinha enorme prazer em ensinar a sua técnica; até para mim, que era menina, havia ensinado.”

Jondalar viu-lhe o olhar vago e o leve sorriso que sombreava o rosto.

- Em que está pensando, Ayla?

- Em Droog. Era um ferramenteiro que costumava me dar licença para vê-lo trabalhando. A sua única exigência era que eu ficasse em silêncio e não atrapalhasse a sua concentração.

- Você pode, se quiser, ficar me observando - falou Jondalar. - Inclusive eu gostaria que me mostrasse a técnica que emprega para fazer as suas ferramentas.

- Eu não sou muito boa. Faço apenas as ferramentas de que preciso. As de Droog são muito melhores que as minhas.

- Os seus instrumentos dão perfeitamente para serem usados. A sua técnica é que eu gostaria de ver como é.

Ayla condescendeu com a cabeça e entrou na caverna. Jondalar se pôs à espera. Como ela não voltou logo, ele ficou sem saber o que exatamente Ayla havia querido dizer. Seria para fazerem as ferramentas agora ou mais tarde, em outra ocasião? Resolveu entrar para procurá-la justamente no momento em que ela saía. Não querendo ofendê-la com algum toque inadvertido, saltou para trás, por pouco não perdendo o equilíbrio.

Ayla respirou fundo, aprumou os ombros e levantou o queixo. Se ele não suportava ficar perto dela, não iria deixá-lo saber o quanto isso a magoava. Logo Jondalar estaria indo embora. Ela começou a descer, carregando as ptármigas, a cesta de ovos e uma enorme trouxa de couro amarrada com uma corda.

- Deixe-me ajudá-la a carregar alguma coisa - disse ele apressando-se a segui-la.

Ela parou, hesitando. Depois lhe entregou a cesta.

- Primeiro as ptármigas - falou Ayla ao botar a trouxa na praia. Era apenas uma declaração, mas pareceu a Jondalar que ela esperava pelo seu consentimento ou, então, que ele tomasse conhecimento do que fazia. Não estava inteiramente errado. Apesar de todos aqueles anos de independência, os costumes clânicos ainda continuavam comandando muitas de suas ações. Ela estava habituada a cumprir em primeiro lugar as tarefas ordenadas pelo homem.

- Claro, faça isso. Preciso pegar as minhas coisas antes de começar a trabalhar - falou ele.

Ela pegou as aves e se dirigiu para o buraco que, cedo pela manhã, havia cavado e forrado com pedras. O fogo estava apagado no fundo, mas as pedras soltaram um chiado quando a água respingou nelas. Ayla dera uma batida pelo vale e encontrara a combinação ideal de

ervas e legumes para preparar as ptármigas: unha-de-cavalo pelo leve sabor salgado; urtiga, capeiçoba e azedinhas para dar o toque picante; cebola silvestre, alho e sálvia para tempero e perfume. Fora isso, a fumaça acrescentaria ainda um pouco de seu sabor e as cinzas da madeira poriam mais um toque de sal.

As ptármigas foram recheadas com os seus próprios ovos, aninhados em meio aos legumes e ervas - três ovos numa e quatro em outra. Ayla costumava envolvê-las em folhas de uva antes de bem para o forno, mas fio vale não davam uvas, por isso, lembrando-se de que os peixes eram às vezes assados envolvidos no feno fresco, resolveu proceder da mesma maneira. Depois de colocar as aves no fundo do buraco, ela as cobriu com mais uma camada de feno, que tampou com pedras e por último com barro.

Jondalar havia espalhado pelo chão uma série de objetos de chifres, ossos e sílex. Alguns destes, Ayla já os conhecia, outros nunca os vira antes. Ela desatou a sua trouxa, arrumou as ferramentas, de modo a ficar ao seu alcance, e se sentou com o couro estendido sobre o colo. Isso a protegeria dos perigosos estilhaços que pulavam da pedra enquanto trabalhava. Deu, então, uma olhada para Jondalar. Ele examinava interessado as ferramentas dela. Depois, trouxe diversos nódulos de sílex para perto. Ayla se fixou principalmente em dois, O bom ferramenteiro se conhecia já no momento em que selecionava as suas pedras, lembrou-se pensando nas recomendações de Droog. Estava querendo uma pedra de veio fino. Optou pela menor. Jondalar balançou a cabeça inconscientemente aprovando.

- Você sempre soube que iria ser ferramenteiro? - perguntou ela, lembrando-se agora do garotinho que mostrara a sua vocação quando mal havia começado a andar.

- Durante algum tempo, achei que fosse ser escultor e, talvez, até me tomar num servidor da Mãe ou, pelo menos, trabalhar junto daqueles que dedicam as suas vidas ao seu serviço - uma sombra de tristeza e de dolorosa saudade anuviaram-lhe o rosto. - Mas, então, me mandaram viver com Dalanar, com quem aprendi o meu ofício. Foi uma escolha acertada. Gostei muito de ter ido. Hoje eu faço bem o meu ofício e como escultor não sei se seria grande coisa.

- O que é um escultor, Jondalar?

- Ah, era isso o que estava faltando!

Ayla assustou-se, sentindo-se confusa, sem entender de que ele estava falando.

- Nenhuma escultura, nada de pinturas, bordados ou qualquer tipo de decoração. Nem mesmo cores.

- Não estou entendendo.

- Oh, desculpe, Ayla. Como é que poderia saber do que estou falando? Um escultor é uma pessoa que produz animais de pedra.

Ayla franzia a cara, ainda sem entender.

- Como pode alguém produzir um animal de pedra? Todo animal é feito de carne e osso. É uma coisa que vive e respira.

- Não estou falando de um animal de verdade. Estou me referindo a imagens e representações. O escultor modela figuras, faz com que a pedra adquira uma certa semelhança com o animal. Há escultores que, quando têm uma visão da Mãe, esculpem a sua figura.

- Figuras...? Feitas de pedra?

- Não somente de pedra. Podem ser feitas de outros materiais também. De marfim, osso, madeira, chifre. Ouvi dizer que existem até de barro. Aliás, já vi algumas figuras de neve muito bem-feitas.

AyIa abanava a cabeça, procurando visualizar o que ele falava, até que ouviu a palavra neve. Lembrou-se, então, daquele dia de inverno, quando havia feito uma

pilha de neve junto da parede próxima da entrada da caverna. Ela não havia visto a figura de Brun naquele monte de neve?

- Uma figura de neve? Acho que estou entendendo - disse, confirmando com a cabeça.

Jondalar não estava muito convencido se de fato Ayla entendera, mas lhe era impossível explicar melhor, sem dispor de nenhum exemplo para ilustrar o que dizia. “Que vida triste Ayla deve ter levado no meio desses cabeças chatas”, pensou. “Até as roupas são simples, feitas apenas para cobrir o corpo. Será que só sabem caçar, comer e dormir? Que não conseguem nem mesmo apreciar as dádivas da Mãe? Nenhuma beleza, mistério ou imaginação? Não sei se ela poderá compreender o que tem perdido da vida.”

Ayla pegou o bloco de pedra e o examinou com atenção, tentando resolver por onde começar. Não faria uma machadinha. Era um instrumento útil, mas, como dizia Droog, simples demais. Também não achava que fosse uma técnica que Jondalar gostasse de ver. Ela pegou um objeto que não fazia parte dos instrumentos utilizados por Jondalar: o osso da pata de um mamute. Utilizava-o como suporte, pois a resiliência do osso evitava que a pedra se fragmentasse enquanto estivesse sendo trabalhada. Ela o revirou de um lado para outro, até encontrar o melhor jeito de posicioná-lo entre as penas.

Em seguida, apanhou o martelo de pedra. Esse instrumento, os dois ti aliam iguais. Apenas o dela era menor para poder se ajustar mais comodamente à sua mão. Firmando o bloco de pedra sobre a bigorna de osso de mamute, ela deu uma forte martelada, O córtex (a camada externa) partiu, deixando à mostra o seu interior cinza-escuro. A lasca que pulou tinha uma parte abaulada no ponto onde batera o martelo - o bulbo de percussão - e se afinava na outra direção, fazendo uma

beirada afiada. Poderia ser usada como um instrumento cortante. As primeiras facas produzidas no mundo não passavam de meras lascas de bordas afiadas, mas o que Ayla pretendia era algo que exigia técnica mais avançada e complexa.

Ela examinou a ferida deixada no coração da pedra. Era como o negativo da lasca que se desprendera. A cor estava boa, a textura macia, quase cerosa, e nenhum corpo estranho incrustado. Boas ferramentas poderiam sair dali. Ela deu outra martelada, retirando mais outro pedaço do córtex.

À medida que continuou aparando, Jondalar percebeu que a intenção seria modelar o núcleo central. Depois de removida toda a camada gredosa, Ayla ainda continuou martelando, acertando alguns pontos até ficar com a forma de um ovo achatado, toscamente modelado. Então trocou o martelo de pedra por outro de osso, mais comprido e resistente. Virando a pedra para o outro lado, e trabalhando da beirada para o centro, ela se pôs a desbastar o topo. O martelo de osso, por ter maior flexibilidade, tirava agora lâminas de sílex compridas e finas e com o bulbo de percussão já não tão acentuado. Ao terminar, o ovo de pedra estava com a parte de cima plana e ovalada, como se dele houvesse saído uma fatia.

Ela fez uma pausa. Segurou no amuleto pendurado em seu pescoço, fechou os olhos e dirigiu o pensamento para o Leão da Caverna. Droog, antes de enfrentar a tarefa seguinte, sempre invocava a ajuda de seu totem. Além de destreza, era preciso contar com a sorte e ela se via nervosa, com Jondalar observando-a atentamente. Queria fazer um bom trabalho, sentindo que, no mo mento, a fabricação dos instrumentos era mais importante do que eles próprios. Se inutilizasse a pedra, era como se estivesse pondo em dúvida a capacidade de Droog e de todo o povo clânico. Do contrário, por mais que ela depois tentasse explicar que não era nenhuma

especialista na matéria, Jondalar jamais lhe acreditaria. Ele já havia reparado antes no amuleto, e agora observando-a segurá-lo com ambas as mãos e os olhos fechados, perguntava-se sobre qual seria a significação do objeto. Ela parecia quase tifo reverente quanto ele, quando segurava numa donii. Só que uma donii era a figura de uma mulher na plenitude de sua maternidade, cuidadosamente esculpida. Um símbolo da Grande Mãe Terra e do maravilhoso mistério da criação. Certamente o saquinho de couro, encaroçado das coisas que levava dentro, não poderia ter a mesma significação.

Ayla tomou a levantar o martelo de osso. Queria agora retirar uma lasca do núcleo com a mesma dimensão do topo oval, mas que saísse com as beiradas retas e afiadas. Havia, no entanto, uma importante etapa antes a cumprir: a plataforma detalhamento. Para isso precisava lascar um fragmento que deixa ria um dente na beirada da face plana, cuja superfície era perpendicular à lasca, que em última instância era o que pretendia.

Segurando com firmeza no núcleo de sílex, ela fez cuidadosamente a pontaria. Tinha de dosar a força e acertar justo no alvo desejado. Se a força fosse pouca, a lasca sairia com um ângulo errado, se fosse muita, a beirada, tão laboriosamente feita, partiria. Ela respirou fundo, prendendo o ar, e deu uma pancada seca. A primeira batida tinha grande importância. Se saísse bem, era sinal de boa sorte. Uma pequena lâmina voou e ela soltou o ar dos pulmões, ao ver o dente formado.

Mudando a posição do núcleo na mão, deu nova pancada, desta vez com mais força. O martelo acertou perpendicularmente no dente e mais uma lâmina se desprendeu. O seu formato era oval, mas um tanto alongado. Um dos lados saiu com a superfície plana que fora talhada anteriormente. O reverso, formado da face bulbóide interna, era mais liso e grosso na extremidade

acertada pelo martelo e se afinava para formar uma lâmina extremamente fina e afiada que rodeava toda a peça.

Jondalar pegou a lasca.

- Essa é uma técnica difícil de ser dominada. É necessário muita firmeza e precisão. Que gume! É um belo instrumento e nada primitivo.

Ayla soltou um imenso suspiro de alívio, sentindo-se orgulhosa da proeza e também por não haver desmerecido os clãs. Na verdade, por não ser genuinamente clânica, representava-os até melhor. Se fosse alguém dos clãs o autor da façanha, Jondalar teria ficado preso demais à sua figura e não consegui ria - mesmo que o tentasse - julgar objetivamente o trabalho.

Ayla o observava virando a lasca de um lado para outro na mão, quando, de repente, sentiu que passava por uma estranha transformação interior. Tomada de um frio sobrenatural, tinha a impressão de haver largado o seu corpo para ficar olhando de longe os dois.

Veio-lhe nitidamente à lembrança uma outra vez que experimentara igual sensação de desnorteamento. Ela, então, seguia as luzes de uma fileira de lamparinas no interior de uma caverna, quando, agarrada às paredes úmidas, se via inexplicavelmente atraída para um pequeno recinto mal-iluminado, cravado no coração da montanha e oculto por uma colunata de grossas estalactites.

Lá encontrou dez mog-urs sentados ao redor de uma fogueira. O grão mog-ur, Creb, com a sua poderosa mente, aguçada pela beberagem que lia ensinara a Ayla como preparar para os feiticeiros, descobriu-lhe a presença no recinto secreto. Ela, por sua vez, também havia tomado inadvertidamente a bebida, e sentia a mente girando, fora de todo o controle. O mog-ur retirou-a de suas profundezas abismais para levá-la com

ele numa fascinante e assustadora viagem de volta aos princípios primordiais.

Durante o curso do processo, o grande homem sagrado dos clãs, cujo cérebro era ímpar entre os seus pares, abriu novos caminhos no cérebro de Ayla, onde só havia vestígios e tendências. No entanto, o cérebro dela era parecido, mas não exatamente igual ao dele. Ela pôde acompanhá-lo em suas memórias, retrocedendo à origem comum dos dois e passando pelos diversos estágios, evolutivos, mas Creb não conseguiu segui-la, quando ela, por si mesma, voltando ao presente, deu um passo além.

Ayla não compreendeu o que havia magoado tanto o grande feiticeiro, apenas percebeu que houve uma mudança nele e na relação dos dois. Tampouco atinara com os caminhos que ele forjara em seu cérebro, mas por um instante sentiu com absoluta certeza que fora enviada ao vale para cumprir um propósito determinado e que neste se achava incluído o homem alto e louro.

Enquanto se via ao lado de Jondalar na praia rochosa daquele desolado vale, formavam-se da atmosfera, fantasticamente densa, ondas luminosas que ora os envolviam, ora desapareciam no vazio ao redor deles. Ela tinha uma vaga sensação de seu próprio destino como um elo fundamental de muitas cor rentes ligando o passado, o presente e o futuro através de uma crucial transição. De repente, assustada, encontrou-se morta de frio, olhando para uma testa franzida e um rosto preocupado. Então sacudiu o corpo, como se espantando a lúgubre sensação de irrealidade.

- Você está bem, Ayla?

- Sim, estou.

Um misterioso frio passou pelo corpo de Jondalar, arrepiando-lhe os pêlos na nuca. A sua vontade era protegê-la, mas de quê? Não o sabia. Durou apenas um

instante. Ele procurou ignorar, mas o seu estado de ansiedade ainda perdurou por algum tempo.

- Acho que o tempo vai mudar - falou Jondalar. - Senti um vento frio.

Os dois olharam para o céu azul-claro sem sombra de nuvem.

- Essa é uma época de grandes temporais. Eles se armam rapidamente e caem quando menos se espera.

Jondalar assentiu. Então, para voltar a um mundo de maior substancialidade, ele retomou o assunto sobre a fabricação de ferramentas.

- Qual o próximo passo, Ayla?

Ela voltou a abaixar a cabeça para o trabalho e, muito concentradamente, cortou mais cinco lâminas ovais, todas de afiadíssimos gumes. Por fim, depois de um último exame no que restara da pedra, resolveu deixá-la de lado, vendo que já não dava para cortar mais nada aproveitável.

Voltou-se, então, para as seis lâminas de sílex cinza. Apanhou a mais fina. Com uma pedra redonda e achatada, retocou uma beirada longa e afia da, cegou a parte traseira, no lado contrário à extremidade onde havia o abaulamento resultante do impacto de percussão. Quando se deu por satisfeita, a apresentou na palma da mão a Jondalar.

Ele a pegou e examinou com toda a atenção. Em corte transversal, era bastante grossa, mas adelgaçava-se ao longo de seu comprimento, até tomar-se num gume cortante, afiado e fino. Tinha largura bastante para ser empunhada com comodidade, e da parte traseira fora tirado o gume para não cortar o portador. “Sob certos aspectos, lembrava a ponta das lanças dos mamutoi”, pensou ele, “mas não fora feita para ter cabo ou ser encaixada num pedaço de pau.” Era simplesmente uma faca de corte e, pelo modo como já vira Ayla usando-a, sabia que funcionava muito bem.

Jondalar colocou-a de lado e fez um aceno a Ayla para que prosseguisse. Ela pegou outra lâmina, desta vez um pouco mais grossa, e usando o canino de um animal aparou a ponta ovalada. Assim fazendo, cegava apenas ligeira. mente a extremidade, o bastante para fortalecer a borda, de modo que a ponta arredondada não se partisse no ato de raspagem de pêlos e grãos de couro. Ayla deu-a como pronta e pegou outra peça.

Ela pôs uma pedra da praia, grande e lisa, sobre a bigorna de osso de mamute. Em seguida, fazendo pressão sobre a pedra com o canino-retocador, talhou um “V” no centro da longa borda afiada, suficientemente grande para modelar a extremidade de uma lança e convertê-la numa ponta. De uma lâmina oval mais longa, valendo-se de técnica semelhante, ela fez uma ferramenta que podia ser usada para fazer furos em couro ou cavar buracos em madeiras, chifres e ossos.

Ayla não sabia de que outros tipos de ferramenta poderia vir a precisar e, sendo assim, -resolveu deixar para outra ocasião o emprego que iria dar às duas últimas lâminas restantes. Pondo de lado o osso de mamute, ela juntou as pontas do couro e foi sacudi-lo no monturo junto do penhasco. Não havia sola de pé, por mais cascuda que fosse, que os estilhaços de sílex não atravessassem. Jondalar não fizera qualquer comentário sobre as suas ferramentas, mas ela reparou que ele mexia nelas e as segurava como se quisesse experimentá-las.

- Gostaria que você me emprestasse o seu couro.

Ayla lhe passou o avental, feliz por haver terminado a sua demonstração e curiosa de assistir agora à dele. Jondalar estendeu o couro sobre o colo, fechou os olhos, pondo-se a pensar na pedra e sobre o que faria com ela. Em seguida, apanhou um dos nódulos de sílex que havia levado para lá e o examinou.

O silício, um minério de grande dureza, desprendera-se dos depósitos de greda formados durante o período cretáceo. A pedra de Jondalar ainda trazia as marcas de sua origem na camada exterior gredosa, apesar do longo percurso feito através da estreita garganta a montante do rio, arrastada pelas águas tumultuosas das enchentes até a praia rochosa. O sílex era o melhor material encontrado na natureza para a fabricação de ferramentas. Era duro, mas graças à sua estruturação, em diminutos cristais, podia ser trabalhado. Dele era possível fazer o que se quisesse, tudo dependendo da inventividade do entalhador.

Jondalar procurava na pedra as características próprias do sílex de calcedônia, o mais puro e transparente de todos. Em geral, desprezava qualquer pedra portadora de fissura ou que não produzisse um determinado tipo de som quando batida contra outra pedra, pois pelo ouvido sabia se a pedra apresentava ou não falhas e inclusões. Finalmente conseguiu escolher uma.

Colocou-a sobre a coxa, segurando-a com a mão esquerda. Com a direi ta pegou o martelo de pedra, girando-o até acomodá-lo na posição certa. O instrumento era novo e Jondalar ainda não estava familiarizado com ele. Cada martelo tinha a sua individualidade. Quando sentiu que o tinha ajeito, segurou firme no sílex e bateu. Um bom pedaço da camada externa cinza-esbranquiçada soltou-se. Por dentro, o cinza do sílex era mais claro do que aquele que fora trabalhado por Ayla. Tinha um brilho azulado e veio fino. Uma boa pedra. Era um bom começo.

Ele se pôs a bater seguidamente. Ayla conhecia bem este trabalho para saber que estava diante de um verdadeiro mestre. Ele era infinitamente melhor do que ela, O único que já vira entalhar com aquela confiança fora Droog. Mas a forma que Jondalar estava dando à

sua pedra não se parecia com coisa alguma produzida pelos ferramenteiros dos clãs. Ela chegou mais perto para melhor observar.

Ao invés da forma oval de sempre, Jondalar produzia um núcleo mais cilíndrico, ainda que não propriamente circular. Como desbastasse os dois lados, ele criava um ressalto ao longo de todo o comprimento da peça. Depois do córtex removido, o ressalto ainda se mostrava áspero e ondulado. Ele descansou o martelo para apanhar um segmento de chifre de veado que tinha sido cortado abaixo da primeira forquilha, de modo a eliminar todos os galhos.

Agora, com este martelo de chifre, pôs-se a tirar lascas menores para retificar o ressalto. Ele também preparava o núcleo, mas não com intenção de remover lascas grossas de uma forma predeterminada. Isso Ayla imediatamente percebeu. Quando ficou satisfeito com o ressalto, apanhou outro instrumento, um que despertara nela muita curiosidade. Esse também era feito de um fragmento de chifre de veado, só que mais comprido do que o primeiro. Ao invés de ter sido feito um corte abaixo da forquilha, dois galhos do chifre se projetavam da haste central, cuja base terminava em ponta.

Jondalar levantou-se e apoiou o núcleo de sílex com o pé. Depois, colocou a ponta do chifre em forquilha exatamente acima do ressalto que modelara com tanto cuidado. Segurou o galho superior de modo que o inferior ficasse voltado para a frente e avançando mais além. Então, com um segmento de osso pesado e comprido, começou a bater na ponta do galho que se projetava adiante.

Uma fina lâmina se desprendeu do cilindro. Tinha o comprimento do núcleo, mas com apenas uma sexta parte de sua largura. Ele levantou-a para que Ayla a visse contra o sol. Sua transparência filtrava a luz. O ressalto, tão cuidadosamente modelado, percorria o

centro da face externa em toda a sua extensão e tinha dois afiados gumes.

Como não batia diretamente no sílex, ele não tinha necessidade de mirar com muita precisão ou de medir cuidadosamente a distância. A força de percussão era dirigida justo para o ponto pretendido. Com a força do golpe distribuída entre dois flexíveis objetos intermediários - o martelo de osso e a pancada sobre o chifre - não havia quase bulbo de percussão. A lâmina saiu longa, estreita e uniformemente fina. Assim, não precisando avaliar com exatidão a força de suas marteladas, ele tinha muito mais controle sobre os resultados.

A técnica de entalhamento de Jondalar significava um grande avanço, de conseqüências altamente revolucionárias. Tão importante quanto a lâmina produzida era a cicatriz deixada no núcleo, O ressalto que ele tinha feito desaparecera. Em seu lugar ficara um fosso, ladeado por dois ressaltos. Este fora o propósito do cuidadoso trabalho inicial. Ele posicionou a ponta do furador em cima de um dos novos ressaltos e tornou a bater com o martelo de osso. Uma outra lâmina longa e estreita caiu, deixando agora mais dois ressaltos. Novamente ele posicionou o furador em cima de um dos ressaltos, desprendendo mais outra lâmina e formando novos ressaltos.

Depois de haver esgotado todo o material que prestava, ele estava não com seis, mas com 25 lâminas enfileiradas. Da mesma quantidade de pedra, havia feito mais do que o quádruplo de gumes e mais do que o quádruplo dos moldes deixados por Ayla. Compridas e finas, de gumes extrema mente amolados, as lâminas naquele estágio eram perfeitamente utilizáveis como instrumentos cortantes, contudo não se constituíam ainda no produto final. Seriam ainda modeladas para atender diferentes finalidades, basicamente

ferramentas. Dependendo da forma e da qualidade do nódulo de sílex, não só quatro, mas seis ou sete vezes mais era o número de moldes que podia, com esta avançada técnica, ser feito de pedras do mesmo tamanho do que a que ele usara. O novo método não só dava ao ferramenteiro mais controle, como também punha o seu povo numa inigualável posição de vantagem.

Jondalar apanhou uma das lâminas e a entregou a Ayla. Ela, primeiro, passou de leve o polegar na borda, examinando o fio, depois fez uma certa pressão para testar-lhe a resistência e a virou para o outro lado. A lâmina, pela própria natureza do material, tinha as extremidades curvas. Ayla esticou a palma da mão, observando-lhe a oscilação causada pelo arqueamento. A for ma, no entanto, não limitava as suas funções.

- Jondalar, é... não sei como dizer.. - É maravilhosa, uma coisa importantíssima. E são tantas. Mas ainda não estão acabadas, não é?

- Não, ainda não - sorriu ele.

- São tão fininhas e delicadas... lindas. Talvez se quebrem com mais facilidade, mas acho que com as extremidades retocadas podem dar ótimas raspadeiras - o lado prático de Ayla já visualizava as ferramentas que pode riam sair daqueles moldes.

- É. E como as suas, são boas facas. Mas eu gostaria de pôr uma espiga nelas para poder engatar cabos.

- O que é espiga?

Ele pegou uma das lâminas para explicar.

- Se eu apenas cegar um lado e fazer uma ponta, fico com uma faca. Se eu tirar algumas lascas da parte interna, vou conseguir endireitar um pouco a curva. Bom, agora, se eu pressionar, quebrando na beirada, do meio para baixo, de modo a fazer uma crista com um dente na extremidade inferior, isso é o que será a espiga da ferramenta.

Ele pegou um pequeno segmento de chifre.

- Por exemplo, se eu encaixar a espiga num pedaço de osso, madeira ou num chifre como este, a faca terá um cabo. O instrumento assim ficará muito mais fácil de ser manejado. Se deixar o chifre por algum tempo de mo lho na água, ele vai dilatar-se e ficar mais mole. Então você poderá enfiar a espiga, pressionando-a no miolo do chifre, onde a matéria encolhe, comprimindo-se ao redor da espiga. Em geral fica firme por muito tempo, sem precisar de amarrar ou colar.

Ayla se via interessadíssima no novo método, já com vontade de experimentá-lo, tal como sempre acontecia quando observava Droog em seu trabalho. No entanto, não sabia se isso iria transgredir os costumes e regras de Jondalar. Quanto mais ficava sabendo sobre o povo dele, menos o entendia. O fato dela caçar parecia não ter importância, mas talvez fabricar ferramentas já não fosse a mesma coisa.

- Eu gostaria de tentar... Será que as mulheres são impedidas de fabricar ferramentas?

A pergunta o agradou. Era necessário ter muita habilidade para o tipo de instrumentos fabricados por Ayla. Ele estava certo de que mesmo os melhores ferramenteiros vez por outra obtinham resultados bastante insatisfatórios, enquanto que os piores podiam produzir algumas ferramentas passíveis de serem usadas. Até mesmo quando, por acidente, se quebrava um pedaço de sílex, era possível obter-se qualquer coisa utilizável. No entanto ele pensara que Ayla queria provar o seu método como melhor, e via que ela estava agora não só pronta a reconhecer o dele pelo que realmente representava - um importante avanço - como também querendo experimentá-lo. Como se sentiria se alguém lhe mostrasse algo de radicalmente novo? Claro, iria desejar aprender, respondeu para si, com um leve sorriso.

- As mulheres podem dar boas ferramenteiras. Joplaya, a minha prima, é uma das melhores que conheço. Só que é uma moça terrivelmente implicante. Se eu lhe dissesse isso, ela nunca me deixaria esquecer o elogio que lhe fiz - falou ele com um sorriso saudoso.

- Nos clãs, as mulheres podem fazer ferramentas, mas armas não.

- As mulheres Zelandonii fabricam armas. Depois de terem filhos, raramente voltam a caçar, mas se na mocidade tinham esse hábito, elas aprenderam a usar armas. Durante as caçadas, se perdem ou se estragam muitos instrumentos, por isso feliz é o homem que tem uma companheira que sabe fabricar equipamentos de caça. Ele estará sempre com os seus suprimentos em ordem. Além disso, como as mulheres têm mais intimidade com a mãe, alguns homens acham que as armas feitas por elas trazem sorte. Mas a culpa é sempre do ferramenteiro, principalmente se for mulher, quando o homem não se sai bem ou se ele for um mau caçador.

- Será que posso aprender?

- Qualquer pessoa que faz ferramentas como você, Ayla, pode aprender o processo que eu uso.

Ele a respondera num sentido que não foi bem o que ela pretendera com a pergunta. Nunca passara pela sua cabeça que fosse incapaz de aprender, mas não era isso o que queria saber e sim se teria ou não permissão para fabricar instrumentos. A resposta de Jondalar a fez parar para pensar um instante.

-Não... acho que não.

- Claro que pode aprender.

- Eu sei que posso, Jondalar, mas nos clãs nem todo mundo que faz arma poderia usar o seu processo. Alguns, talvez, até conseguissem. Droog, por exemplo. Mas qualquer coisa nova é difícil para eles. Tudo que sabem sai de suas memórias.

Ele chegou a pensar que Ayla estivesse pilheriando, mas depois viu que falava sério. Com que então ainda que os ca... os ferramenteiros dos clãs quisessem e tivessem oportunidade não conseguiriam aprender?

Mas, então, ocorreu a Jondalar que até há bem pouco tempo ele não achava os cabeças-chatas com capacidade para fazer ferramentas de espécie alguma. Agora sabia que eles se comunicavam, fabricavam objetos e haviam adotado uma estranha menina órfã em seu meio. Nesses últimos dias, ele ficara sabendo mais sobre os cabeças-chatas do que qualquer pessoa no mundo, exceto naturalmente Ayla. Talvez fosse útil conhecê-los melhor. Parecia haver bem mais coisa aí do que se poderia imaginar.

A lembrança dos cabeças-chatas o fez pensar no dia anterior e ele, de repente, ficou vermelho de vergonha. Havia ficado tão absorvido no trabalho que se esquecera. Até então, olhava para Ayla, mas sem ver realmente as suas tranças douradas que brilhavam ao sol, fazendo vivo contraste com a pele bronzeada ou os seus olhos claros, azuis-acinzentados, colorindo-se com uma luminosidade translúcida igual à das lâminas de sílex.

“Oh, Mãe, como é bonita!” A consciência da proximidade de Ayla, sentada muito perto dele, fez com que sentisse um movimento nas virilhas. Subitamente os seus interesses tomavam outro rumo e, ainda que tentasse, não conseguiria escondê-los. Não tentou.

Ayla sentiu a mudança que a pegou inteiramente desprevenida. Como alguém podia ter olhos tão azuis? Nem o céu, nem as gencianas que davam nos campos perto da caverna de seu clã tinham um azul tão forte e vibrante. Ela sentia... aquela estranha sensação começando a invadi-la, O seu corpo pulsava, desejando que ele lhe tocasse. Ela se inclinava para a frente,

atraída, arrastada na sua direção, mas então, num supremo esforço, conseguiu fechar os olhos e se afastar.

“Por que me olhar desse jeito se eu sou... uma aberração? Quando nem consegue me tocar sem estremecer-se.” O coração batia forte e ela arfava como se tivesse saído de uma corrida, tentando ritmar a respiração.

Enquanto estava de olhos fechados, sentiu que ele se levantara. O couro que lhe cobria o colo fora posto de lado e as lâminas, feitas com tanto cuida do, se achavam espalhadas no chão. Ela ficou vendo-o afastar-se, com os ombros pendurados, movimentos contrafeitos, até que desapareceu atrás da curva do penhasco. Ele parecia tão infeliz, tão desgraçado quanto ela.

Tão logo passou pela curva, Jondalar pôs-se a correr. Correu até ter as pernas doendo, latejantes, e a respiração entrecortada por roncos de cansaço. Então parou, arquejando pesadamente.

“Seu estúpido imbecil, O que está faltando para você se convencer? Só porque ela é uma pessoa razoável, que põe à sua disposição os seus supri mentos, não quer dizer que esteja querendo alguma coisa com você, principalmente essa 'coisa'. Ontem ela se sentiu magoada e ofendida por você não... ora, mas isso foi antes de você botar tudo a perder, seu idiota!”

Ele não gostava de pensar no assunto. Sabia o que havia sentido e o que ela havia visto: a sua careta de nojo e repugnância. Mas o que havia mudado? Ela não continuava sendo a mesma mulher que viveu com os cabeças-chatas? Durante anos e anos a fio? Havia se transformado numa deles. A fêmea de um de seus machos.

Propositalmente ele trazia à lembrança tudo aquilo que, na sua vida, era considerado sujo, repulsivo, odioso, e Ayla fazia parte disto. Quando garoto, costumava com outros meninos esconder-se atrás dos matos para

dizerem os palavrões mais escabrosos que sabiam e um destes era “fêmea de cabeça chata”. Já mais velho, não muito, mas o suficiente para saber o que significava um “fazedor de mulher”, ele e esses mesmos meninos se juntavam nos cantos escuros da caverna para conversas sussurradas sobre garotas e arquitetar planos em meio a risadinhas debochadas para pegar fêmeas de cabeças-chatas. As conseqüências os deixavam aterrorizados.

A idéia, então, de um macho cabeça-chata com uma mulher era impensável. Somente quando já estava rapaz tal possibilidade era mencionada e assim mesmo não na frente de qualquer um. Por sua vez, quando rapazes e meninos se punham a pilheriar para saber quem contava a história mais imunda e sórdida, essas sempre envolviam cabeças-chatas com mulheres. O que acontecia depois com o homem que gozava dos prazeres com uma tal mulher, não se sabia. Impossível de se dizer e a piada consistia justamente nisso.

Mas sobre aberrações da natureza ou sobre as mulheres que as pariam, não se falava. Eram seres formados das misturas poluídas de espíritos, uma força do mal deixada solta neste mundo e abominada até mesmo pela Mãe, a criatura de toda a vida na Terra. As mulheres que os geravam eram intocáveis.

Podia Ayla ser isso? Qualquer coisa repelente? Suja? Obscena? Um agente do mal? Ayla, tão sincera e íntegra? Com aquele seu imenso dom de curandeira? Tão inteligente, corajosa, delicada e bela. Podia uma moça tifo linda ser tão sórdida?

“Acho que ela nem entenderia o que quer dizer tudo isso, mas o que pensaria dela alguém que não a conhecesse? E se a encontrassem e ela dissesse por quem foi criada? Se ela contasse que era mãe... de tal criança? O que pensaria Zelandoni? E Marthona? E, naturalmente, ela não deixaria de contar e enfrentar todos eles. Acho que Ayla enfrenta qualquer um, até

mesmo Zelandoni. Ela quase podia ser, com esse seu talento para curar e esse seu jeito para lidar com animais, uma Zelandoni.”

“Mas se Ayla não é o mal, então tudo que se diz sobre os cabeças-chatas é mentira! Ninguém acreditará nisso.”

Ele não prestava atenção para onde estava indo. Com surpresa, sentiu um focinho mole tocando na sua mão. Não havia visto os cavalos. Resolveu parar para fazer umas carícias no potrinho. Huiin, sempre pastando, ia devagar encaminhando-se na direção da caverna. Jondalar deu por encenadas as carícias e o animal imediatamente partiu, saltando na frente de sua mãe. Ele não tinha pressa para voltar a enfrentar Ayla.

Ela, no entanto, não estava na caverna. Havia seguido ao redor da curva do penhasco e ficou observando-o correr pelo vale. Às vezes também sentia vontade de correr, mas não podia imaginar por que de repente sentira ele aquela necessidade de fazê-lo com tal ímpeto. Seria por sua causa? Ela pôs a mão em cima do fogão de barro. Estava quente. Em seguida, encaminhou-se para o bloco de pedra solto no vale. Jondalar, novamente perdido nos seus pensamentos, surpreendeu-se ao levantar os olhos e ver os animais amontoa dos ao redor dela.

- Desculpe, Ayla. Não devia ter corrido dessa maneira.

- Às vezes eu também tenho necessidade de correr. Ontem deixei Huiin correr por mim. Ela vai mais longe.

- Eu peço desculpas por isso também.

Ela balançou a cabeça compreendendo. “Outra vez cortesias... costumes. O que realmente quer isso dizer?” Em silêncio, encostou-se na égua e Huiin apoiou a cabeça sobre o seu ombro. Jondalar já as vira assim. Era quando Ayla tinha algo a afligi-la. As duas pareciam

buscar consolo uma na outra. Ele próprio, ao acariciar o potro, encontrava uma certa satisfação.

Mas o cavalinho, por mais que gostasse de paparicos, começou a ficar impaciente com tanta inércia. Sacudiu a cabeça, levantou o rabo e saiu saltitante pelo campo. Depois voltou aos pinotes, dando um encontrão em Jondalar, como se o chamasse para brincar. Ele e Ayla se puseram a rir, quebrando a tensão.

- Você vai lhe dar o nome - falou ela num tom de simples comunicação, sem qualquer premência na voz. Se ele não desse, ela provavelmente daria.

- Não sei que nome poderia dar. Nunca tive de pensar nisso antes.

- Nem eu, até que apareceu Huiin.

- E o seu filho, não foi você quem lhe deu o nome?

- Não. Foi Creb quem deu. Durc era o nome do personagem de uma história de que eu gostava muito. De todas as lendas e narrativas, essa era a minha predileta e Creb sabia disso. Acho que escolheu o nome para me agra dar.

- Não sabia que os clãs tinham as suas lendas. Mas como você pode contar histórias sem falar?

- Da mesma maneira que você conta com palavras. Só que mostrar é em certos casos ainda mais fácil do que dizer.

- Imagino que sim - disse Jondalar, sem saber que tipo de histórias poderiam os cabeças-chatas contar, ou melhor, mostrar. Estava longe de imaginar que fossem capazes de inventar histórias.

Os dois observavam o potro com o rabo esvoaçando, a cabeça esticada, feliz em suas correrias. “Está prometendo ser um belo garanhão. Um verdadeiro campeão!”, pensou Jondalar.

- Campeão? - perguntou. - Que tal o nome de Campeão para o potro?- parecia combinar. Volta e meia era o modo como ele se referia ao cavalinho.

- Gostei. Ë um bom nome. Agora, só falta lhe dar o nome na forma apropriada.

- Como assim?

- Eu não tenho muita certeza se é correto fazer isto para um cavalo, mas eu dei nome a Huiin na forma como as crianças dos das recebem os seus. Eu vou lhe mostrar.

Com os cavalos seguindo atrás, ela conduziu Jondalar a um barranco nas estepes que fora o leito de um rio e que tinha o terreno, agora, parcialmente, nivelado. A erosão em um dos lados punha à mostra a distribuição das camadas horizontalmente estratificadas. Para surpresa de Jondalar, Ayla com um pau escavacou a terra vermelha e pegou um punhado com as duas mãos. De volta ao rio, perto da caverna, ela misturou a terra com água, fazendo uma pasta.

- Creb misturava a cor vermelha com gordura de urso da caverna. Mas como eu não tenho isso, faço com lama comum... é mais apropriada para um cavalo. Seca e sai mais depressa. O nome é o que importa. Você tem de segurar na cabeça dele.

Jondalar acenou chamando o cavalinho que saltitava cheio de vida, mas entendeu o gesto e se pôs quieto quando ele passou o braço ao redor de seu pescoço e ficou fazendo-lhe festinhas. Ayla, na velha língua gestual dos das, conclamou os espíritos para assistirem à cerimônia. Ela não queria realizar o ritual com todos os seus rigores. Não tinha muita certeza se os espíritos ficariam ofendidos com uma cerimônia para dar nome a um cavalo, apesar de que, com Huiin, não houve nenhum problema neste sentido. Pegou, então, um punhado da lama vermelha.

- O nome deste cavalo é Campeão - falou em voz alta, ao mesmo tempo que gesticulava. Em seguida, fez uma linha vermelha que saía do tufo da crina branca na testa e descia até a ponta do nariz.

Tudo tinha de ser feito rapidamente, pois o potrinho se retorcia, querendo escapulir do abraço de Jondalar. Afinal, ao se ver solto, saiu saracoteando, pondo-se a dar cabeçadas no ar, louco para livrar-se daquela coisa estranha e úmida em seu focinho. Voltou-se, então, para Jondalar, e lhe deu uma marrada que deixou uma mancha vermelha em seu peito nu.

- Acho que eu também tive a minha cerimônia - falou ele sorrindo. Nisso, como se para fazer jus ao nome, Campeão disparou numa louca corre ria pelo campo.

- Por que você usa essa terra vermelha? - perguntou Jondalar, limpando com a mão a lama de seu peito.

- Por ser... santa... para os espíritos - respondeu Ayla.

- Quer dizer sagrada? Nós dizemos sagrada, tal como o sangue da Mãe.

- Sim, como sangue... Creb... o mog-ur, esfregou uma pasta feita de gordura de urso e terra vermelha no corpo de Iza, depois que o espírito dela partiu. Ele disse que era para l renascer no outro mundo com o sangue que mancham os bebês quando nascem - era uma lembrança que a fazia sofrer.

Os olhos de Jondalar se esbugalharam.

- Você está dizendo que os cabeças-chatas... quer dizer, os clãs, usam terra sagrada para enviar os espíritos ao outro mundo? Tem certeza?

- Ninguém está devidamente enterrado se não houver isso.

- Ayla, nós também usamos terra vermelha. Ë o sangue da Mãe. A terra é passada no corpo e posta na sepultura para que a Mãe leve o espírito de volta ao seu ventre e ele possa renascer - uma expressão de dor passou-lhe pelos olhos. - Thonolan não teve terra vermelha.

- Lá não havia, Jondalar, e eu não podia perder tempo para buscar. Tinha de vir com você para a caverna, pois do contrário teria de preparar não uma, mas duas sepulturas. A única coisa que pude fazer foi pedir ao meu to tem e ao espírito do Grande Urso da Caverna que ajudassem o seu irmão a encontrar o caminho dele.

- Você enterrou Thonolan? O seu corpo não foi deixado às feras?

- Coloquei o corpo dele perto do paredão e desprendi uma rocha para que fosse coberto por pedras e cascalhos. Mas terra vermelha não consegui pôr.

Jondalar achou a idéia dos cabeças-chatas enterrando os seus mortos ainda mais difícil de aceitar. “Mimais não fazem enterros, Só o homem se indaga de onde vem e para onde vai depois da morte. Será que os espíritos dos clãs poderiam conduzir Thonolan no seu caminho?”

- Isso é muito mais do que o meu irmão poderia ter tido se você não estivesse lá, Ayla. E quanto a mim, nem se fala.. - eu tenho a minha vida.

Capítulo 26

- Ayla, não me lembro de ter comido nada tão gostoso na minha vida. Onde aprendeu a cozinhar assim? - falou Jondalar, pegando um outro pedaço da ptármiga, tão fina e delicadamente temperada.

- Foi Iza quem me ensinou. Onde mais poderia ter aprendido? Esse era o prato favorito de Creb - ela não sabia por que, mas a pergunta a deixava um tanto irritada. - Uma curandeira conhece plantas, Jondalar. Aquelas que temperam também servem para curar.

Ele lhe percebeu o tom de irritação e ficou sem saber o que o teria causado. Havia apenas querido fazer-lhe um cumprimento. A comida estava muito boa. De fato, excelente. E pensando nisso, lembrou-se de que tudo que Ayla preparava era delicioso. Muitas das comidas tinham gostos diferentes, mas novas experiências se constituíam numa das razões por que se viajava. Apesar dos sabores desconhecidos, não havia dúvida quanto à qualidade.

E ela fazia tudo sozinha. Tal como o chá pela manhã havia preparado de uma forma tão natural que a pessoa esquecia do quanto trabalhara. Tinha caçado, colhido plantas e cozinhado. Tudo fora providenciado e ele nada tinha a fazer, senão comer. “Você não contribuiu com coisa alguma, Jondalar. Só aproveita e nada dá em troca... é como se fosse pior do que nada.”

“E agora você vem com palavras de elogio. Ela tem toda a razão para estar aborrecida. Vai ficar feliz quando você for embora. Só serve para lhe dar mais trabalho ainda.”

“Você podia, pelo menos, caçar para pagar a carne que come. E é tão pouco por tudo que ela vem fazendo... Será que não consegue pensar em alguma coisa mais

duradoura? Ela é ótima caçadora. De que vai adiantar um pouco mais de carne?

“Como é que consegue arranjar-se para caçar com essa sua lança pavorosa? Será que vai achar que estou ofendendo os clãs se eu oferecesse...

- Ayla... eu... bom, queria lhe dizer uma coisa, mas não é com a intenção de ofendê-la.

- Por que você agora fica preocupada se eu vou ou não me ofender? Se tem alguma coisa para dizer, diga.

A irritação ainda se fazia sentir e Jondalar estava quase desistindo de falar.

- Tem razão. É um pouco tarde para isso. Bom, é que eu estava imaginando... como você se arruma para caçar com essa sua lança?

Ayla ficou espantada com a pergunta.

- Eu cavo um buraco e corro, ou melhor, provoco um estouro da mana da, fazendo com que os animais se dirijam para o buraco no chão.

- Claro, uma armadilha! E assim você consegue chegar perto para p der cravar a lança. Ayla, você já fez tanto por mim que eu queria deixar-lhe alguma coisa antes de ir embora. Alguma coisa que valesse a pena. Mas não queria ofendê-la. Se não gostar da idéia, esqueça o que eu falei, está bem?

Ela confirmou com a cabeça, um pouco apreensiva, mas curiosa.

- Bom. - . você é uma boa caçadora, principalmente quando se sabe com que arma caça. Mas queria lhe mostrar um modo que facilitaria muito as coisas. Bem, eu queria lhe oferecer uma arma melhor para caçar. Se você permitir, naturalmente.

A irritação desapareceu.

- Você quer me oferecer uma arma melhor para caçar?

- E também uma maneira mais fácil de pegar o animal. A não ser que não queira. É preciso algum

tempo e...

Ela abanava a cabeça, sem acreditar.

- As mulheres dos clãs não caçam e nenhum homem me queria deixar caçar, nem mesmo com a funda. Creb e Brun só permitiram porque queriam satisfazer o meu totem, O Leão da Caverna é um totem masculino muito poderoso e fez com que os dois soubessem que era por vontade dele que eu caçava. Eles não tiveram coragem de desafiar o meu totem - subitamente se lembrou de forma muito viva de uma cena de sua vida. - Eles fizeram uma cerimônia especial para mim - ela tocou na pequenina cicatriz em sua garganta. - Creb ofereceu o meu sangue em sacrifício aos Velhos Espíritos para que eu pudesse caçar. Quando cheguei a este vale, a única arma que sabia manejar era a funda. Mas não era o bastante e tive de fazer lanças iguais às que via com os homens dos das. Aprendi a caçar com eles.. . bom, tanto quanto eu pude. Nunca imaginei que algum dia um homem fosse me oferecer uma arma - ela abaixou os olhos, já inteiramente rendida. - Ficarei imensamente agradecida, Jondalar. Não tenho palavras para lhe dizer o quanto.

As rugas de tensão na testa de Jondalar desapareceram. Achava que tinha visto uma lágrima brilhando nos olhos de Ayla. Poderia isso significar tanto assim para ela? E ele que estava com medo de que fosse ofendê-la. Será que ainda chegaria um dia a compreendê-la? Quanto mais a conhecia, era como se menos a entendesse. Ela disse que havia aprendido a caçar sozinha.

- Vou precisar fazer algumas ferramentas especiais e também arrumar alguns ossos. Aqueles de patas de veado que encontrei servem perfeitamente, mas precisam ficar de molho. Você tem algum recipiente que eu possa usar para botar os ossos dentro da água?

- De que tamanho deve ser? Tenho uma porção - disse ela, levantando-se.

- Isso pode esperar até você acabar de comer, Ayla.

Ela já não tinha tanta fome. Estava muito excitada, mas resolveu sentar-se de novo, pondo-se a remexer na comida. Jondalar ainda não havia termina do. Ele, por fim, reparou que ela não estava comendo.

- Quer dar uma olhada nos recipientes agora? - perguntou Jondalar.

Ela imediatamente saltou sobre os pés e correu para a área do depósito, trazendo de lá uma lamparina. Estava escuro no fundo da caverna. Jondalar ficou segurando a lamparina, enquanto Ayla ia retirando cestas, gamelas, potes de casca de vidoeiro, tudo posto em pilhas e aninhado um dentro do outro. Ele suspendeu a lâmpada para iluminar ao redor. Havia tanta coisa, muito mais do que ela poderia usar.

- Foi você quem fez isso tudo?

- Foi - respondeu, desfazendo as pilhas.

- Você deve ter gastado dias... luas... estações para fazer isso tudo. Quanto tempo levou?

Ayla pensava numa maneira de responder.

- Estações foram muitas. A maioria dessas coisas foi feita durante os invernos. É uma época em que eu não tenho nada para fazer. Há algum recipiente do tamanho de que você vai precisar?

Ele examinava os utensílios que ela espalhara pelo chão e ia pegando em vários, mais para ver do que para escolher. Difícil de acreditar. Por mais rápida e habilidosa que fosse Ayla, aquelas cestas magnificamente tecidas e as gamelas de fino acabamento precisariam de muito tempo para serem feitas. “Há quanto tempo estaria vivendo aqui sozinha?”

- Essa aqui está ótima - falou Jondalar, escolhendo uma gamela grande na forma de um cocho de bordas altas.

Ela voltou a empilhar tudo ordenadamente, enquanto ele segurava a lâmpada. “Ela não podia ser muito criança quando veio para cá, mas parece ainda tão moça, ou será que não? Difícil avaliar. Havia nela qualquer coisa de intemporal, uma certa inocência que estava em desacordo com o seu corpo maduro de mulher. Já era mãe. Em tudo por tudo uma mulher feita. Que idade teria?”

Eles desceram à praia. Jondalar encheu a gamela com água e foi examinar as tíbias que achara no monturo.

- Esse aqui possui uma rachadura que eu não tinha reparado - disse, mostrando um osso e jogando-o logo fora. Os outros, mergulhou-os dentro da água.

Enquanto caminhavam de volta à caverna, ele procurava imaginar que idade poderia ter Ayla. “Não pode ser muito moça... não teria tempo para ser tão boa curandeira. Seria da minha idade?”

- Ayla, há quanto tempo você está aqui? - perguntou, depois que entraram na caverna, sem conseguir conter mais a curiosidade.

Ela parou, pensando num modo de responder, ou de, pelo menos, fazê-lo entender. Lembrou-se de suas varas de contar. Era uma coisa que Creb lhe ensinara, mas que ela não deveria saber. Jondalar talvez desaprovasse. “Bom, de qualquer maneira ele está indo embora”, pensou.

Ela pegou o feixe de varas com as marcas da passagem dos dias.

- O que é isso?

- Você não quer saber há quanto tempo estou aqui? Eu não sei como lhe explicar, mas desde que cheguei a este vale ponho uma marca todas as noites numa vara, O número de noites que estou aqui é igual ao número de marcas.

- Você sabe quantas marcas existem?

Ela lembrou-se de sua frustração quando, certa vez, tentara dar um sentido àquelas marcas.

- São tantas quantas as que estão aí - respondeu.

Jondalar, intrigado, pegou uma das varas. Ayla não sabia as palavras usadas para contar, mas tinha a intuição delas. Mesmo na Caverna, nem todo mundo podia compreendê-las. A poucos era dada a faculdade de conhecer a poderosa mágica das contas. Zelandoni lhe explicara um pouco sobre isto. Jondalar não sabia tudo quanto dizia respeito àquelas palavras, mas mesmo assim sabia mais do que a maioria daqueles que não faziam parte do grupo de servidores da Mãe. “Onde teria Ayla aprendido a marcar varas? Como alguém criado por cabeças-chatas podia ter o entendimento das palavras usadas para contar?”

- Como você aprendeu a fazer isso?

- Creb me mostrou. Há muito tempo atrás, quando eu era menina.

- Creb, o dono da casa em que você viveu? Ele conhecia as palavras de contar? Será que não estava fazendo essas marcas por algum outro motivo?

- Creb era. - mog-ur... santo homem. As pessoas dependiam dele para saber a ocasião de determinadas cerimônias, como a de dar nome ou quando, por exemplo, deveriam realizar-se as reuniões de clãs. Era pondo marcas num pau que ele sabia. Acho que Creb não acreditava que eu pudesse compreender. É uma coisa difícil até para os mog-urs. Ele só me mostrou porque eu estava fazendo muitas perguntas. Depois me disse para que nunca mais voltas se a tocar no assunto. Quando eu já estava um pouco mais velha, uma vez ele me pegou marcando os dias do ciclo da lua- Ficou furioso comigo.

- Esse... mog-ur - Jondalar tinha dificuldade de pronunciar a palavra- era uma pessoa santa que seria qualquer coisa como um Zelandoni?

- Não sei. Você quando fala num Zelandoni parece que está se referindo a um curandeiro. Não era o caso do mog-ur. lia sim. Ela é que era curandeira, quem conhecia plantas e ervas, O mog-ur entendia de espíritos e intercedia junto a eles para ajudar lia em seus trabalhos.

- Um Zelandoni pode, além de ser um curandeiro, ser uma pessoa dotada de outros predicados. É alguém que dedicou a sua vida a servi-la. Alguns não têm qualquer dom mais especial, simplesmente são movidos pelo desejo de estar no seu serviço, mas são as pessoas que podem falar com a Mãe.

- Os dons de Creb eram outros. Ele era o mais poderoso, o mais eminente... podia fazer... não sei como explicar.

Jondalar balançava a cabeça concordando. Nem sempre, da mesma for ma, conseguia explicar os dotes de um Zelandoni, que era também como os mog-urs, o guardião do saber. Ele voltou a sua atenção para as varas.

- O que significam essas aqui? - perguntou, apontando para as marcas extras.

Ayla enrubesceu.

- É... é a minha condição de mulher - respondeu, procurando pelas palavras.

As mulheres dos clãs deviam evitar os homens durante os seus períodos de menstruação, e eles, por sua vez, as ignoravam totalmente. Elas ficavam semi-reclusas - sofrendo a maldição da mulher - pois os homens temiam a misteriosa força vital que permitia à mulher produzir vida. Algo que impregnava o espírito do totem delas com uma extraordinária força que afugentava as essências fecundadoras dos espíritos de totens masculinos. Quando uma mulher sangrava, a essência do totem do macho era banida. Nenhum

homem desejava ter o espírito de seu totem travando uma guerra durante esse período.

Mas Ayla, pouco depois de haver levado Jondalar para a caverna, se viu diante de um dilema. Ela não podia se manter em absoluto isolamento, Não enquanto a vida daquele homem estivesse por um fio e ele precisando de toda a sua atenção. Resolveu, portanto, ignorar os regulamentos. Mais tarde, durante esses períodos, trataria de evitar os seus contatos com ele. Mas como fazer isso se na caverna não havia mais ninguém, fora eles dois? Ela não podia, tal como era costume nos clãs, dedicar-se exclusivamente a tarefas femininas. Ali não havia nenhuma outra mulher para substituí-las nos afazeres diários. Tinha que caçar para o homem, cozinhar para ele, além de que Jondalar a queria ter por perto durante as refeições.

Tudo que lhe restava fazer para guardar o mínimo do decoro feminino era não tocar no assunto e se cuidar para que o fato pudesse passar despercebido. Como, então, poderia responder à pergunta dele?

Jondalar, entretanto, aceitou as palavras dela sem dar mostra de nojo ou apreensão. Nele não havia o menor indício de preocupação.

- A maioria das mulheres costumam tomar nota de seus períodos. Foi Iza ou Creb quem lhe ensinou fazer isto? - perguntou ele.

Ayla abaixou a cabeça, querendo esconder o embaraço.

- Não. Fiz isso para que pudesse saber. Não queria ser apanhada fora da caverna despreparada.

Com surpresa, ela viu que ele balançava a cabeça aprovando.- A esse respeito, as mulheres têm uma história para contar, Dizem que a lua, Lumi, é o amante da Grande Mãe Terra. Nos dias em que Doni está sangrando, ela não goza dos prazeres com o seu amado que, furioso, com o seu orgulho ferido, se afasta dela,

escondendo a sua luz. Mas Lumi não consegue ficar longe de Doni por muito tempo. Sente-se solitário e saudoso de seu corpo quente e farto. Ele volta a espreitá-la. Doni, no entanto, está zangada. Não quer olhar para o amante. Ele, então, começa a rodeá-la e a mostrar-se a ela em todo o seu esplendor. Doni não consegue resistir e mais uma vez abre-se ao bem-amado e, felizes, vivem por algum tempo.

“Por isso a maioria dos festivais da Mãe se realiza na lua cheia. As mulheres dizem que as suas fases coincidem com as de Doni. Costumam chamar os períodos em que estão sangrando de tempo de lua. É observando Lumi que sabem quando isto lhes vai acontecer. Doni deu, às mulheres, palavras de contar para que, quando a lua estivesse escondida pelas nuvens, elas pudessem saber da época de seu sangramento. Essas palavras, hoje, são usadas para diversas coisas muito importantes.

Apesar de desconcertada com o fato de um homem falar tão abertamente de um assunto da intimidade feminina, Ayla estava fascinada com a história.

- Às vezes eu também observo a lua, mas mesmo assim continuo colocando as minhas marcas numa vara. O que são palavras de contar?

- São. . - nomes para as marcas que estão em suas varas, Um para cada uma delas. São usados para expressar o número de alguma coisa. Essas palavras podem dizer, por exemplo, quantos veados um espia viu numa manada, pode dizer quantos dias são necessários para se chegar até onde estão os animais e muitas coisas mais. Se for uma manada grande, como a dos bisões durante o outono, o espia deve ser um zelandonii, pois ele é quem sabe a maneira certa de usar as palavras de contar.

Ayla se sentia interessada, quase chegando a compreender o que dizia Jondalar. Estava perto de

resolver muitos problemas cujas respostas lhe escapavam.

Jondalar deu uma olhada na pilha de pedras de cozinhar e apanhou algumas!

- Vou mostrar para você como é - falou, enfileirando as pedras e dizendo à medida que ia apontando para cada uma:

- Um, dois, três, quatro, cinco...

Ayla observava cada vez mais interessada.

Ao terminar, ele olhou à sua volta, procurando mais objetos para contar. Pegou as varas de Ayla e voltou a contar:

- Um - falou, botando a primeira de lado. - Dois - disse, enquanto punha a segunda vara perto da primeira. - Três, quatro, cinco...

Ayla, então, se lembrou nitidamente de Creb com os dedos espichados e lhe dizendo: ano do nascimento, ano de andar, ano de desmamar... Ela esticou a mão e olhando para Jondalar ia mostrando cada um de seus dedos:

- Um, dois, três, quatro, cinco.

- Isso mesmo. Sabia que você estava no caminho de entender quando vi as suas varas.

Ela deu um sorriso de triunfo. Pegou, então, uma das varas e começou a contar as marcas. Jondalar prosseguiu quando ela parou por não saber contar os números mais altos. Mas mesmo ele teve de interromper quando bateu na segunda marca extra. A testa franziu-se com o pensamento mergulhado em profunda concentração.

- É esse o tempo que você está aqui? - perguntou, apontando para as varas que Ayla tinha posto para fora do depósito.

- Não - respondeu ela, levantando-se para pegar o resto. Desatou outros feixes, espalhando todas as varas pelo chão.

Jondalar, ao olhar para aquilo tudo, empalideceu. O seu estômago dava voltas. Anos! As marcas representavam anos! Ele as enfileirou, de modo a ver todas as ranhuras na madeira. Depois ficou por algum tempo estudando-as. Apesar de Zelandoni lhe ter explicado como contar números maiores, ele tinha de pensar.

Então, sorriu. Ao invés de contar os dias, contaria as marcas extras, aquelas que representavam um ciclo completo das fases da lua, ou seja, cada período de sangramento de Ayla. À medida que contava em voz alta, ia fazendo para cada marca um traço no chão de terra. Depois de ter 13 marcas, omitiu uma, tal como Zelandoni lhe explicara, e fez apenas 12 traços. Os ciclos da lua não correspondiam exatamente aos anos ou estações. Quando ele terminou com as marcas dela, havia chegado ao fim da terceira vara. Parou e olhou pasmo para Ayla.

- Três anos! Você já está aqui há três anos! É o tempo que eu estou viajando. Você esteve aqui sozinha todo esse tempo, Ayla?

- Eu tinha Huiin e depois...

- Mas você nunca mais viu ninguém?

- Depois que deixei o clã, não.

Ela pensou nos anos e na maneira que usava para contá-los. Começava quando tinha encontrado o vale e adotado a potranca. A este, denominava ano de Ruim. Na primavera seguinte havia encontrado o filhote de leão. Era o ano de Neném. Portanto, do ano de Huiin ao ano de Neném havia o que Jondalar chamava um. Dois era o ano do garanhão, e três o ano de Jondalar e do potrinho. Ela se lembrava melhor dos anos pela maneira como os chamava, mas gostou das palavras de contar. As marcas haviam permitido a Jondalar saber há quanto tempo ela estava no vale. Queria aprender a fazer isso também.

- Você sabe quantos anos tem, Ayla? Quantos anos já viveu desde que nasceu? - perguntou subitamente Jondalar.

- Deixe-me pensar - ela levantou uma das mãos com os dedos estica dos. - Creb disse que Iza imaginava que eu tivesse essa quantidade... cinco anos... quando eles me encontraram - Jondalar fez cinco riscos no chão. - Durc nasceu na primavera em que houve a reunião dos das. Eu levei o meu filho comigo. Creb dizia que entre uma reunião e outra há essa quantidade - falou, acrescentando mais dois dedos da outra mão.

- Isso faz sete - disse Jondalar.

- No verão antes de me terem achado, houve uma reunião de clãs.

- Bom, vamos tirar um. Agora deixe-me pensar - pediu Jondalar, botando mais riscos no chão. Mas então ele abanou a cabeça incrédulo. - Tem certeza? Quer dizer que o seu filho nasceu quando você estava com 11 anos?

- Claro que tenho, Jondalar.

- Já ouvi falar de mulheres que foram mãe com essa idade, mas são bem poucas. Com 13 ou 14 anos é o comum e assim mesmo há quem pense ser ainda cedo. Você praticamente não passava de uma menina, Ayla.

- Não. Eu já não era mais menina. Há muito tempo que tinha deixado de ser criança. Estava muito grande para ser criança. Era mais alta do que qualquer pessoa, inclusive mais alta do que os homens. E também já era bem mais velha do que as meninas dos clãs, quando elas se tomam mulheres. Acho que não poderia esperar mais - falou com um ligeiro sorriso nos lábios. - Havia pessoas que pensavam que eu nunca fosse tomar-me mulher por causa de meu totem ser muito forte. Iza ficou feliz quando viu... que as fases da lua haviam começado para mim. E também eu até... o sorriso desapareceu - esse foi o ano de Broud. O ano seguinte foi o de Durc.

- Um ano antes de seu filho nascer, Ayla, você estava com dez anos! Ser violentada aos dez anos! Como pôde ele fazer uma coisa dessas?

- Eu era mulher e mais alta do que qualquer outra. Mais alta até do que ele.

- Mais alta sim, mas não maior. Já vi alguns desses cabeças-chatas! Podem não ser altos, mas são fortíssimos. Eu não gostaria de me ver engalfinhado com um deles.

- Cabeças-chatas não, Jondalar. Homens - corrigiu Ayla com delicadeza. - Os homens dos clãs.

Jondalar se interrompeu. Apesar do tom delicado de voz, Ayla tinha os maxilares cerrados, numa expressão firme e obstinada.

- Depois de tudo o que aconteceu, você ainda insiste que ele não é um animal?

- Talvez você possa chamar Broud de animal por ele ter me forçado. Mas como você chamaria os homens que também forçaram as mulheres dos clãs?

Não era bem a maneira como Jondalar encarava este assunto.

- Nem todos os homens são iguais a Broud, Jondalar. A maioria não é. Creb, por exemplo. Mesmo sendo um poderoso mog-ur, era uma pessoa boa e delicada. Brun também, apesar de chefe. Era enérgico, mas sempre justo. Ele me aceitou em seu clã. Se fez algumas coisas, foi porque se viu obrigado. Ele não podia desrespeitar os costumes clânicos. Mas eu fui honrada com a sua gratidão. Os homens dos clãs raramente mostram-se gratos a uma mulher na frente dos outros. Brun me permitiu caçar. Aceitou Durc e, quando eu par ti, ele prometeu proteger o meu filho.

- E quando foi que você partiu?

Ela parou para pensar. Ano do nascimento. Ano de andar. Ano de desmamar.

- Durc estava com três anos quando eu parti.

Jondalar acrescentou mais três riscos.

- Você, então, tinha 14 anos? Só 14? E desde essa época está aqui vi vendo sozinha? Há três anos? - ele contou todos os traços riscados no chão.- Você está com 17 anos, Ayla. Toda uma vida em 17 anos...

Por algum tempo Ayla ficou em silêncio, pensando. Então falou:

- Durc está agora com seis anos. Os homens já devem estar levando-o para o campo de treinamento. Grod irá fazer uma lança de tamanho apropria do para ele e Brun vai ensiná-lo como deve ser usada. E se ainda estiver vivo, o velho Zoug também irá ensinar ao meu filho como atirar com funda. Durc já deve estar treinando a caçar animais pequenos. Ele e o seu amigo Grev... Durc é mais moço, porém é mais alto do que Grev. Sempre foi alto para a sua idade. Nisso, me puxou. E corre muito rápido. É o que corre mais rápido no clã. Há de ser muito bom também com uma funda e Uba o ama. Ama-o tanto quanto eu.

Ayla só reparou que tinha os olhos cheios de lágrimas quando um soluço saiu em meio à sua respiração. Tampouco soube como de repente se encontrou nos braços de Jondalar, com a cabeça apoiada em seu ombro.

- Está tudo bem agora, Ayla - disse ele, acariciando-a com brandura. “Mãe aos 11 anos, arrancada de junto do filho aos 14. Impedida de vê-lo crescer. Nem ao menos sabe se ele está vivo e acredita piamente que a criança é amada e bem-tratada e que vão ensiná-la a caçar... como qualquer outro menino.”

Ayla se sentia consolada quando, por fim, levantou a cabeça do ombro de Jondalar, mas ao mesmo tempo estava mais leve, como se a sua dor agora lhe pesasse menos. Era a primeira vez, desde que saíra do clã, que compartilhava os seus sofrimentos com alguém. Agradecida, sorriu para Jondalar.

Ele devolveu-lhe o sorriso, cheio de ternura e dó e mais alguma coisa. Algo brotado da fonte inconsciente do seu eu que se refletia nas profundezas azuis de seus olhos e tocava numa corda sensível de Ayla. Por um longo momento a linguagem franca dos olhos, declarando mudamente aquilo que não ousavam dizer em voz alta, os encerrou num íntimo abraço.

A tensão foi demasiada para Ayla. Ela ainda não adquirira tranqüilidade suficiente para enfrentar um olhar direto. Bruscamente afastou os olhos e se pôs a reunir as varas marcadas. Jondalar levou algum tempo até cair em si e vir ajudá-la a amarrar os feixes. Trabalhando do lado dela, ele sentia mais o seu cheiro de mulher, quente e agradável, do que quando a teve nos braços. Ayla, por sua vez, ainda guardava na lembrança os lugares em que os seus cor pos se haviam encontrado, onde ela fora tocada pelas mãos acariciantes de Jondalar e o gosto salgado da pele dele misturado com o sabor de suas lágrimas.

Os dois se davam conta de que se haviam tocado e que nem por isso se sentiram ofendidos. No entanto, evitavam se olhar diretamente nos olhos, com cuidado de não se encostarem, temendo romper aquele momento de ternura tão naturalmente surgido.

- Quantos anos você tem, Jondalar? - perguntou ela, depois de haver pegado os feixes de varas.

- Quando comecei a viagem, estava com 18 anos. Thonolan tinha 15... e 18 quando morreu. Pobre Thonolan, tão moço ainda... - o seu rosto revelava a dor que ainda sentia. - Agora, estou com 21... e ainda não tenho uma companheira. Já não devia estar mais sozinho. A maioria dos homens de minha idade já encontrou a sua cara-metade e está com a sua casa construída. Com Thonolan foi assim. Ele tinha 16 anos na época de seu matrimônio.

- Encontrei só dois homens. Onde está a companheira dele?

- Morreu de parto. A criança também - os olhos de Ayla se encheram de pesar. - Foi por isso que retomamos a viagem. Thonolan não suportou mais permanecer onde estávamos. Desde o princípio, essa viagem era muito mais dele do que minha. Ele andava sempre à procura de aventuras, sempre irrequieto. Um tipo ousado, mas todo mundo gostava dele. Eu nada fazia senão acompanhá-lo. Era meu irmão e o melhor amigo que já tive. Depois que Jetamio morreu, tentei convencê-lo a voltar para casa, mas não consegui. Estava tão amargurado que não pensava em outra coisa a não ser seguir a companheira para o outro mundo.

Ayla lhe via a expressão de tristeza, lembrando-se de seu imenso desespero quando soube da morte do irmão.

- Se era o que ele queria, talvez esteja feliz. Ë difícil continuar vivendo depois da morte de uma pessoa muito querida - falou ela, docemente.

Ele agora entendia um pouco mais a dor inconsolável de Thonolan. Tal vez Ayla tivesse razão. Ela devia saber. Já havia sofrido e penado demais. Mas escolhera viver. Thonolan era impetuoso, arrebatado, cheio de coragem. Em Ayla a coragem se revelava na perseverança.

Ayla não estava conseguindo dormir direito, e os pequenos ruídos de mexidos e viradas de corpo que vinham do outro lado da fogueira indicavam que Jondalar também permanecia acordado. A sua vontade era levantar-se e ir para junto dele, mas a atmosfera de ternura formada num momento de solidariedade na dor parecia tifo tênue que tinha medo de quebrá-la se quisesse mais do que ele estava disposto a dar.

À luz mortiça da fogueira abafada, ela lhe via a forma do corpo sob as peles de dormir, o braço moreno atirado para fora das cobertas e uma perna musculosa com o calcanhar apoiado no chão. Via-o melhor quando fechava os olhos do que olhando para o seu vulto adormecido. Os seus cabelos louros e lisos amarrados na nuca com urna tira de couro, a sua barba mais escura e encaracolada, os olhos fantásticos, mais eloqüentes do que as suas palavras, e as mãos grandes, sensíveis, de dedos longos, tudo expressando muito mais do que os olhos dela podiam ver. Ele sempre sabia o que fazer com as mãos, fosse segurando um pedaço de sílex ou coçando o potrinho nos lugares desejados... Campeão, um bom nome. Foi ele quem deu...

Como podia um homem tifo alto e forte ser tão delicado? Enquanto ele a consolava, ela tocara em seus músculos rígidos, sentindo-os se moverem sob os seus dedos. Ele não tinha vergonha de se mostrar carinhoso e nem escondia as suas tristezas. Os homens dos clãs eram mais reservados. Até Creb, apesar de saber que ele a amava, não mostrava abertamente os seus sentimentos, nem mesmo dentro dos cercados de pedras que delimitavam a sua casa.

O que faria quando Jondalar fosse embora? Não queria pensar sobre isso. Mas era preciso enfrentar a realidade... ele estava de partida. Dissera que queria dar-lhe alguma coisa antes de partir.

Ayla se remexia, dava voltas na cama, de vez em quando surpreendendo o vulto de Jondalar com o seu torso nu e moreno, os membros largos, a cabeça virada de costas para ela. Num certo momento, viu-lhe a coxa com a cicatriz de forma irregular, mas nada de anormal. Por que teria ele sido enviado? Ela estava aprendendo as novas palavras... será que foi para que lhe ensinas se a falar? Ele ia mostrar um modo diferente de caçar, melhor, mais fácil. Quem poderia imaginar que um

homem ainda fosse ensiná-la a caçar? Nisto também Jondalar diferia dos homens dos clãs. “Talvez eu também possa lhe dar alguma coisa para que se lembre de mim.”

Por fim ela cochilou com o pensamento dele tomando-a nos braços e sentindo-lhe o calor do corpo junto ao seu. Acordou pouco antes do dia clarear e havia sonhado com Jondalar caminhando pelas estepes. Descobrira o que poderia fazer para lhe dar. Era algo que estivesse sempre junto de sua pele, que guardasse o calor de seu corpo.

Rápido, se levantou e foi buscar as roupas que tinha cortado na noite em que o trouxera para a caverna. Em seguida, dirigiu-se para perto da fogueira. O couro estava endurecido pelo sangue seco, mas se fosse molhado ela poderia ver como a roupa tinha sido feita. A camisa, com aquele magnífico desenho, depois de reformada em algumas partes, poderia ser aproveitada. As calças teriam de ser feitas novas, mas parte da parka dava para ser aproveita da. Os calçados estavam perfeitos, precisavam apenas de outras correias.

Ela se inclinou na direção das brasas para examinar as costuras. Nas beiradas das peles havia pequeninos furos por onde passavam fios de tendões e tiras finas de couro que emendavam as diversas peças da roupa. Na noite em que as cortara já tinha reparado naquele tipo de trabalho. Não sabia ao certo se conseguiria reproduzi-lo, mas iria tentar.

Jondalar se mexeu. Ela prendeu a respiração. Não queria que ele a visse com as suas roupas. Só depois quando estivessem prontas. Ele voltou a ficar quieto, com a respiração pesada de quem dormia profundamente. Ayla tornou a juntar as roupas e as meteu sob a sua pele de dormir. Mais tarde pode ria passar em revista a sua pilha de peles curtidas e escolher algumas.

Uma luz fraca começou a penetrar pelas fendas da caverna. A respiração e pequeninas mudanças nos movimentos do corpo indicavam que Jondalar não tardaria muito a acordar. Ela levou mais lenha para a fogueira, botou pedras para esquentar e apanhou o recipiente de fazer chá. O odre estava quase vazio e o chá sempre saía melhor quando preparado com água fresca. Huiin e o potro estavam de pé em seu canto. Ayla já estava saindo, mas voltou ao ouvir um relincho baixinho da égua.

- Tive uma Ótima idéia, Huiin - falou ela por gestos e sorrindo. - Vou fazer para Jondalar roupas do tipo que ele usa. Você acha que o nosso amigo vai gostar? - O sorriso subitamente desapareceu. Ela encostou a testa em Huiin, com um braço passando em torno do seu pescoço e o outro rodeando o do potro. “Depois, então, ele irá me deixar”, pensou. Ela não podia forçá-lo a ficar. Tudo que tinha a fazer era ajudá-lo a partir.

Quando apareceram as primeiras luzes da madrugada, desceu à praia, tentando esquecer o triste futuro sem a companhia de Jondalar e procurar) do consolar-se com o pensamento de que pelo menos as roupas que faria esta riam junto dele. Despiu-se para um rápido banho de rio e voltou para a caverna, depois de arrumar um graveto e encher o odre.

“Essa manhã vou experimentar alguma coisa diferente”, disse para si mesma. “Uma mistura de anis com camomila.” Limpou o graveto, colocou-o junto da cuia e começou a preparar o chá. “As framboesas já estão maduras. Acho que vou colher algumas.”

Deixou o chá preparado para Jondalar, escolheu uma cesta de coletar e saiu. Huiin e Campeão foram atrás e ficaram no pasto perto da área das framboesas. Ela aproveitou também para desencavar algumas cenouras e amendoins com as suas raízes

esbranquiçadas e ricas em amido. Podiam ser comidas cruas, mas ela as preferia cozidas.

No caminho de volta viu Jondalar no patamar banhado pelo sol.

Ela acenou-lhe quando foi para o rio lavar as raízes. De volta a caverna, jogou-as num caldo de carne que já havia começado a fazer. Provou, salpicou dentro algumas ervas secas e dividiu as framboesas em duas porções. Foi então que se serviu de uma cuia de chá frio.

- Camomila e mais alguma coisa que não consegui identificar - falou Jondalar.

- Não sei como você chama essa planta. Parece um capim, mas é doce. Vou mostrá-la depois a você - ela reparou que ele havia posto para fora as suas ferramentas e algumas das laminas que fabricara.

- Gostaria de começar cedo - disse ele, vendo-lhe o interesse. - Há ainda algumas ferramentas que preciso fazer antes.

- Já é tempo de caçar. A carne seca é muito magra e os animais a essa altura já estão gordos. Estou louca por um assado bem suculento.

- Só de ouvir você falando - disse, sorrindo - já fico com água na boca. Você cozinha maravilhosamente bem, Ayla.

Ela ficou vermelha e abaixou a cabeça. Era bom saber que ele pensava assim, mas estranho que tivesse reparado em alguma coisa que se devia esperar.

- Não quis deixá-la encabulada.

- Iza dizia que quando se elogia uma pessoa, os espíritos ficam com ciúme. Faça o seu trabalho bem e isto é o bastante.

- Acho que Marthona gostaria de conhecer essa Iza. Ela também dizia que o melhor elogio é o seu próprio serviço bem-feito. Acho que todas as mães se parecem.

- Marthona é a sua mãe?

- É. Ainda não tinha dito?

- Pensava que fosse, mas não tinha muita certeza. Você tem outros germanos, fora o que morreu?

- Tenho um irmão mais velho, Joharran, que é o atual chefe da Noria Caverna. Ele nasceu na casa de Joconan. Minha mãe depois da morte de Joconan foi ser a companheira de Dalanar, a casa de quem eu nasci. Depois os dois desfizeram o nó e ela foi ser a companheira de Willomar dono da casa onde nasceram Thonolan e a minha irmã mais moça, Folara.

- Você viveu com Dalariar, não é?

- Durante três anos. Foi com ele que eu aprendi o meu ofício. É um dos melhores ferramenteiros que há. Quando fui viver na sua casa, eu tinha 12 anos, mas já era homem há mais de um ano. A minha virilidade chegou muito cedo e eu, como você, também era grande para minha idade - o seu rosto assumiu uma expressão estranha que Ayla não entendeu. - Foi melhor eu ter partido...

Então, sorrindo outra vez, disse:

- Nessa ocasião é que conheci minha prima Joplaya, filha de Jerika e também nascida na casa de Dalanar, depois que ele tomou Jerika para companheira. Joplaya é dois anos mais moça do que eu. Aprendíamos juntos a trabalhar a pedra. Nunca deixou de haver uma certa competição entre nós dois, mas, apesar de achar que ela era muito talentosa, eu nunca lhe confessei isto. Joplaya sabe que é boa. Tem um excelente olho e a mão muito firme. Um dia ainda irá trabalhar tão bem quanto Dalanar.

Ayla ficou em silêncio por algum tempo. Depois disse:

- Uma coisa não estou entendendo, Jondalar. Folara tem a mesma mãe que você, portanto é a sua irmã, não é?

- É.

- Você nasceu na casa de Dalanar e Joplaya também é da casa de Dalanar. Então por que ela é sua prima? Qual a diferença entre irmã e prima?

- Irmãs e irmãos vêm da mesma mulher. Os primos já não são parentes tão próximos. Eu nasci na casa de Dalanar e sou provavelmente do espírito dele. As pessoas dizem que nós nos parecemos muito. Acho que Joplaya também é do espírito dele. Jerika, a sua mãe, é baixa, mas ela é alta como Dalanar. Não tão alta quanto ele... acho que um pouco mais alta do que você. Ninguém sabe ao certo de quem é o espírito que a Grande Mãe escolhe para misturar com o de uma mulher. Desse modo, Joplaya e eu podemos ou não ser do espírito de Dalanar e por isso somos só primos.

Ayla balançou a cabeça, compreendendo.

- Talvez Uba pudesse ser minha prima, mas para mim é uma irmã.

- Irmã?

- Nós não somos germanas de verdade. Uba era a filha de Iza, nascida depois que me encontraram. Iza dizia que nós duas éramos suas filhas - Ayla falava como se dirigindo a ela própria, toda voltada para si mesma. - O companheiro de Uba não foi o homem que ela teria escolhido. Havia um outro, mas a mulher que sobrava para este era sua germana e, nos clãs, germanos não podem unir-se.

- Nós não nos unimos com irmãos e irmãs - falou Jondalar: - Em geral, também não com primos, embora isso não seja de todo proibido. Não é bem-visto. Há espécies de primos que são mais próximos do que outras.

- Quais?

- De muitas formas. Alguns são mais próximos do que outros. Os filhos das irmãs de sua mãe são primos. Os filhos do companheiro do irmão da mãe, os filhos...

Ayla abanava a cabeça sem entender.

- Tudo muito confuso. Como se sabe quem é primo e quem não é? Quase todo mundo pode ser primo.. . Quem sobrada para quem numa Caverna?

- A maioria das pessoas não se une com aquelas que são da mesma Caverna. Quase sempre é com alguém encontrado nas reuniões de verão. Eu tenho a impressão de que a união de primos é às vezes permitida porque só se vai saber se a pessoa escolhida para companheiro ou companheira é realmente um parente quando se mencionam os laços... os laços de parentesco. Mas normalmente as pessoas conhecem os seus primos mais próximos, mesmo que vivam numa outra Caverna.

- Como Joplaya?

Jondalar, com a boca cheia de framboesas, balançou a cabeça confirmando.

- Jondalar, e se não for os espíritos que fazem os bebês? E se for o homem? Nesse caso, as crianças não seriam tanto do homem como da mulher?

- O bebê cresce dentro da mulher, Ayla. Ele vem dela.

- Então por que os homens e as mulheres gostam tanto de se juntarem?

- E por que a Mãe nos daria a dádiva do: prazer? Você deveria perguntar isso a um Zelandoni.

- Por que você fala “dádiva do prazer”? Há muitas outras coisas que dão prazer e que também deixam as pessoas felizes. Será que um homem sente tanto prazer assim quando ele põe o seu órgão dentro de urna mulher?

- Não é só o homem quem sente. Uma mulher... mas você não sabe, não é? Nunca passou pelos primeiros ritos. Um homem a abriu, fez de você mulher, mas não é só isso. Como as outras pessoas puderam permitir uma coisa destas? É vergonhoso!

- As pessoas não compreendiam, apenas viam o que Broud fazia e isso não era uma vergonha. O modo como

ele fazia é que era. Feito, não por prazer, mas por ódio. Eu sentia dor e raiva, mas não vergonha. E nem prazer também. Não sei se foi Broud quem fez o meu bebê ou se foi ele quem me tomou mulher para que eu pudesse ter um. Sei apenas que o meu filho me fez feliz. Durc era o meu prazer.

- A Mãe concede a dádiva da vida e essa é também uma alegria, mas existem mais coisas quando um homem se junta com uma mulher. Isso também é uma dádiva e deve ser feito com alegria para honrar a Mãe.

“Talvez haja mais coisas que você não saiba”, pensou ela. No entanto Jondalar falava com tanta certeza. Será que tinha razão? Ayla não acreditava muito no que ele dissera, mas ficou pensativa.

Depois de haverem comido, Jondalar foi para a parte larga do patamar, onde havia colocado as suas ferramentas. Ayla o seguiu e se sentou perto. Ele espalhou pelo chão as lâminas para poder melhor compará-las. Diferenças mínimas as tomavam mais apropriadas para este ou aquele serviço. Jondalar pegou uma das lâminas, olhou-a contra o sol e depois a mostrou para Ayla.

A lâmina tinha algo mais do que dez centímetros de comprimento e menos do que dois de espessura. A parte alta no centro da face externa era reta e se afinava uniformemente até as beiradas, tão finas que a luz se filtrava através. Ela fazia uma curva para cima na direção da face interna, lisa e de formato bulbóide. Os dois gumes eram retos e afiados. Quando olhada contra o sol, podiam ser vistas as linhas que se irradiavam de um bulbo de percussão extremamente plano. Jondalar puxou um fio da barba e o cortou, sem qual quer resistência. Tanto quanto se podia desejar, era uma lâmina perfeita.

- Vou guardar esta para barbear - disse Jondalar.

Ayla não sabia de que ele estava falando, mas havia aprendido com Droog que devia ouvir qualquer comentário ou explicação sem fazer perguntas para não atrapalhar a concentração. Ele pôs de lado a lâmina e pegou uma outra. Os dois gumes desta afinavam-se iguais, fazendo-a mais estreita numa extremidade. Então apanhou uma pedra da praia, com mais ou menos o dobro do tamanho de seu punho, e apoiou sobre esta a parte estreita da ferramenta. Com a ponta rombuda de um chifre, martelou de leve a extremidade, de modo a dar-lhe um formato triangular. Pressionando as bordas do triângulo contra a bigorna de pedra, lascou pequenas estilhas, formando na lâmina uma ponta afiada e fina.

- Esta aqui servirá como furador - falou, depois de fazer com o instrumento um furo numa ponta do couro de sua tanga. Então, mostrando-o para Ayla, disse: - É uma ferramenta boa para fazer os furos das costuras de roupas.

“Será que ele a tinha visto examinando as suas vestimentas?”, perguntou-se Ayla. Parecia que estava sabendo do que ela planejava.

- Vou fazer também uma sovela grande. Será igual a esta, só que maior e mais forte. Será usada para perfurar madeira ou ossos e chifres.

“Não. Ele estava simplesmente falando de ferramentas”, pensou Ayla aliviada.

- Eu também já usei... sovelas para fazer furos em sacolas, mas não com uma ponta tão fina assim.

- Você gostou desta? - ele sorriu. - Posso fazer uma outra para mim.

Ayla a pegou e agradeceu, abaixando a cabeça, à maneira dos clãs. Mas, então, se lembrou.

- Obrigada.

Um sorriso grande de satisfação iluminou o rosto de Jondalar. Ele pegou outra lâmina e a apoiou contra a pedra. Com o martelo de chifre, quadrangulou uma das

extremidades, deixando um ligeiro cotovelo. Em seguida, segurando a ponta quadrada, de modo a mantê-la perpendicular ao golpe do martelo, bateu firme na beirada. Uma lasca de pedra soltou-se, deixando a lâmina com a ponta forte e fina.

- Já tinha visto essa ferramenta? - perguntou Jondalar.

Ela a pegou para examinar e a devolveu, fazendo sinal que não.

- É um buril. Um instrumento usado por entalhadores e escultores, O deles é um pouquinho diferente. Vou usar este para fazer a arma de que lhe falei.

- Buril... buril - repetiu Ayla, querendo familiarizar-se com o nome.

Depois de fazer mais algumas ferramentas, todas parecidas com as que já estavam prontas, ele foi até a borda do penhasco sacudir o avental e, em seguida, puxou para perto a gamela em forma de cocho. Retirou uma tíbia, enxugou-a e se pôs a revirá-la na mão, resolvendo por onde começar. Então se sentou e, escorando o osso contra o pé, usou o buril para riscar uma linha no sentido do comprimento. Depois fez uma segunda que se juntava com a primeira num determinado ponto. Uma terceira linha pequena formou a base de um triângulo afilado.

Riscou novamente sobre a primeira linha, retirando uma raspa de osso, comprida e encaracolada. Com as outras linhas fez o mesmo, raspando-as com a ponta do cinzel que cada vez cortava mais fundo no osso. Sempre raspando por cima das mesmas linhas, ele chegou ao centro oco do osso. Por fim, de pois de um último repasse para ter certeza de que não havia nenhum segmento que tivesse ficado preso, fez pressão sobre a base. A ponta comprida do triângulo veio para cima e ele retirou a peça inteira. Colocou-a de lado, pegou

novamente no osso e riscou outra linha comprida que se encontrava com um dos lados recém-cortado.

Ayla observava com atenção, não querendo perder nada. Mas passado algum tempo, vendo que o trabalho continuava sempre igual, os seus pensamentos se voltaram para a conversa tida durante a refeição matinal. A atitude de Jondalar havia mudado. Não por ele ter dito qualquer coisa de especial, apenas uma mudança no teor de seus comentários.

Lembrou-se de que ele dissera “Marthona iria gostar de lia” e também de que falara qualquer coisa como “todas as mães serem parecidas”. Será que a mãe dele gostaria de uma cabeça-chata? Seriam eles realmente parecidos? E mais adiante, apesar de zangado, Jondalar se havia referido a Broud como homem... o homem que tinha aberto a passagem nela para que o seu filho nascesse. E ainda dissera mais: que não entendia como as outras “pessoas” puderam permitir uma coisa destas. Dissera sem reparar e isto era o que a ale grava mais. Era sinal de que ele já pensava nos clãs como um povo. Não ani mais, cabeças-chatas ou aberrações... mas gente!

A sua atenção foi atraída de novo para o que ele fazia, quando o tipo de trabalho mudou. Agora Jondalar havia apanhado um dos triângulos de osso e um forte raspador de sílex e alisava as bordas aguçadas do osso que ia saindo em compridas espirais.

Em pouco tempo ele estava com um pedaço arredondado de osso que se afinava numa ponta extremamente aguda.

- Jondalar, você está fazendo... uma lança?

Ele sorriu.

- Pode-se fazer uma ponta fina num osso, do mesmo modo que se faz na madeira. Só que o osso é mais resistente e não se lasca, além de ser também mais leve.

- Mas essa lança não está muito pequena? - perguntou ela.

Jondalar soltou uma de suas gostosas gargalhadas.

- Estaria, se a lança estivesse toda aí. Por enquanto estou só fazendo a ponta. Há gente que faz pontas de sílex. Os mamutoi, por exemplo. As de pedra são boas principalmente para a caça de mamutes. O sílex é frágil e se quebra, mas se a ponta tiver gumes afiados, iguais aos de uma faca, vai penetrar mais facilmente no couro do mamute. Já para a maioria das outras caças, o osso dá ponta melhores. Os fustes são de madeira.

- E como você faz para juntar as duas peças?

- Veja - falou ele, virando a ponta para baixo, de modo que Ayla pudesse ver a base. - Eu posso, com um buril ou uma faca, fazer uma fenda nessa extremidade e esculpir um pino na ponta do fuste para ser encaixado na fenda. Assim... - disse, botando o indicador de uma das mãos entre o polegar e o indicador da outra mão. - Depois junto com cola ou resina e amarro bem apertado com cordões molhados de couro ou tendão. Quando secar e encolher, as duas peças estarão bem coladas uma na outra.

- É uma ponta tão pequena. O fuste não pode ser mais do que um pauzinho!

- Será maior do que um pauzinho e não tão pesado quanto a sua lança. Tem de ser assim, do contrário não se consegue atirá-la.

- Atirar?! Você atira urna lança?

- Você não atira pedras com a sua funda? Então, por que não fazer o mesmo com uma lança? Daqui por diante, Ayla, você não vai mais precisar cavar buracos no chão, e logo que pegar o jeito conseguirá arremessar a lança em plena corrida. Com a pontaria que tem com a funda, acho que vai aprender bem depressa.

- Jondalar! Você sabe o quanto na minha vida tenho desejado matar um veado ou um bisão com uma funda?

Nunca tinha pensado em atirar uma lança - ela franziu a cara. - Mas e a força? Você tem força suficiente para atirar. E eu? As minhas pedradas são perigosas e vão longe quando atiradas com a funda, mas se for com a mão já não é a mesma coisa.

- Realmente, a força não é muita, mas você leva a vantagem da distância. Agora você tem razão numa coisa. É pena não se poder atirar uma lança com uma funda, mas... ele se interrompeu, deixando a frase por acabar. - Fico imaginando se... a sua testa franzia-se. O pensamento era fantástico demais, exigindo-lhe a atenção imediata. - Não, acho que não... Onde podemos arrumar os fustes?

- Perto do rio, Jondalar, existe alguma razão que me impeça de ajudar na fabricação das lanças? Aprenderia mais depressa com você por perto para me dizer o que estou fazendo de errado. Preciso aproveitar a sua presença.

- Ah, claro - respondeu. Mas, enquanto estava descendo o caminho da praia, ele tinha uma certa sensação de peso. E que tinha esquecido de sua partida e se sentia triste por ser lembrado.

Capítulo 27

Ayla agachou-se e olhava através da relva dourada e alta que se curvava ao peso das espigas maduras. Os seus olhos estavam fixos nos contornos de um animal. Na mão direita achava-se uma lança em posição de lançamento e, na esquerda, uma outra já preparada. O vento chicoteava em seu rosto algumas madeixas louras escapadas das tranças. Ela virava a lança na mão, procurando pelo ponto de equilíbrio. Então inclinou-a, empunhou-a firme, e fez pontaria. Deu um salto à frente e lançou.

- Oh, Jondalar! Nunca vou conseguir acertar nada com essa lança! - disse exasperada. Ela se dirigiu para uma árvore com o tronco envolvido por um colchão de couro e retirou a lança ainda balançando-se do traseiro de um bisão que Jondalar havia desenhado com um pedaço de carvão.

- Você é exigente demais consigo, Ayla - disse Jondalar, orgulhoso.- E muito melhor do que pensa. Está aprendendo rapidamente, mas poucas vezes vi alguém com tanta força de vontade. SÓ faz treinar, não tem mais um momento livre. Acho que talvez seja esse o seu problema. Está forçando de mais. Precisa relaxar-se.

- Foi treinando que aprendi a usar a funda.

- Mas você não ganhou essa sua pontaria da noite para o dia, não é?

- Não. Precisei de muitos anos. Só que não pretendo levar anos para caçar com essa lança.

- Não vai ser preciso. Já poderia estar caçando desde agora se quisesse e provavelmente daria um jeito de matar alguma coisa. Claro que não pode ter a força de tiro e a velocidade com que está acostumada. Isso você nunca terá, Ayla. O que está lhe faltando é acertar

a distância de seus lançamentos. Se quer continuar com os seus treinos, por que não muda por algum tempo para a funda?

- Eu não preciso mais de treinar com funda.

- Mas precisa relaxar-se. Acho que isso ajudará a prepará-la para a lança. Vamos, faça uma experiência.

Realmente a tensão dissipou-se quando ela se viu com a sua velha correia de couro na mão, dominando os movimentos e o ritmo dessa querida arma. Era a gratificante satisfação do mestre gozando a plenitude de sua arte, embora para ela tivesse sido árdua a luta para chegar àquele ponto. Podia acertar em tudo que quisesse, principalmente nos alvos parados que arrumava para treinar. A admiração de Jondalar a encorajava a querer exibir-se.

Ela pegou um punhado de pedras da beirada do rio e se dirigiu a um ponto afastado no vale. Começou com uma demonstração da sua técnica de duas pedras seguidas, depois fez uma série de disparos consecutivos, mostrando o quanto podia ser rápida numa seqüência quase ininterrupta de tiros.

Jondalar se juntou a ela e lhe arrumava os alvos. Sobre o grande bloco de rocha, enfileirou quatro pedras que Ayla derrubou com quatro rápidos disparos. Ele jogou para cima duas pedras que também foram acertadas em pleno ar. Então fez uma coisa que a surpreendeu. Ficou de pé no meio do campo, equilibrando uma pedra em cada ombro e olhando-a de frente, com um sorriso no rosto. Não ignorava a força dos disparas de Ayla. As suas pedradas se não matassem - conforme o lugar no corpo que atingissem - pode riam machucar muito. Era uma prova de confiança: a que ele tinha em Ayla e a que ela tinha em si mesma.

Jondalar ouviu o vento zunindo em seus ouvidos e o barulho das pedras em seu ombro sendo atingidas, uma imediatamente à outra. Ele não saiu inteiramente ileso

da perigosa brincadeira. Um estilhaço da pedra voara, enterrando em seu pescoço. A sua aparência era imperturbável, mas um fio de sangue o denunciou quando retirou a lasca de dentro da pele.

- Jondalar! Você está ferido! - exclamou Ayla ao vê-lo.

- Não é nada. Só um pequenino estilhaço de pedra. Mas você é fantástica, mulher. Nunca vi ninguém usar uma arma deste jeito.

E ela nunca vira ninguém olhando-a como ele o fazia. Os olhos faiscavam, cheios de respeito e admiração. A voz ressoava rouca, calorosa em seus elogios. Ayla corou, inundada por um mundo de emoções que, sem ter como extravasar-se, aflorou na forma de lágrimas.

- Se conseguisse atirar uma lança assim...- ele se interrompeu, fechando os olhos, procurando visualizar o que estava pensando. - Ayla, posso usar a sua funda?

- Você quer atirar com ela? - perguntou, entregando-lhe a arma.

- Não exatamente isso.

Ele pegou uma das lanças que se espalhavam pelo chão e procurou encaixar a extremidade que levava o conto no bojo da funda, formado para segurar as pedras. Mas faltava-lhe uma certa familiaridade com a arma e, de pois de algumas tentativas desajeitadas, ele se viu obrigado a devolvê-la junto com a lança.

- Você acha que poderia atirar essa lança com a funda?

Ayla percebeu o que ele estava pretendendo e conseguiu arrumar um jeito, embora difícil de ser manobrado: com o conto da lança projetando-se para fora da funda, ela procurou segurar, ao mesmo tempo, o fuste e as pontas da correia. Era impossível obter equilíbrio e faltava a ela força e controle no disparo

daquele comprido projétil, mas assim mesmo conseguiu arremessá-lo.

- Ou a funda teria de ser mais comprida, ou a lança mais curta - falou Jondalar, tentando visualizar algo que jamais vira. - E a funda é flexível de mais. A lança precisa de um suporte. Alguma coisa em que se apoiar como.. - um pedaço de madeira ou osso.. - com uma escora que não a deixe escorregar. Ayla! Não tenho certeza, mas penso que vai funcionar. Acho que vou construir um atirador de lanças!

Ayla observava Jondalar trabalhando no seu invento, fascinada tanto pela idéia de se construir alguma coisa a partir de um conceito, como pelo trabalho em si. A cultura do povo que a criara não era dada a invenções e ela não imaginava que os seus métodos de caça e o jorrão puxado por Huiin fossem descobertas saídas da mesma fonte criadora.

Jondalar usava os materiais de acordo com a necessidade e adaptava as ferramentas às novas exigências do trabalho. Ele lhe pedia conselhos, valendo-se de sua experiência de anos com uma arma de atirar, mas logo ficou claro que a sua invenção, embora inspirada na funda, era um projeto inteiramente original.

Uma vez resolvidos os princípios básicos, pôs-se a trabalhar na lança, fazendo algumas modificações para obter maior rendimento da arma. As sutilezas envolvidas no arremesso da lança eram tão conhecidas para Ayla quanto para Jondalar as operações que regiam a funda. Com os olhos brilhando de prazer, Jondalar comunicou que, logo que tivesse alguns modelos em condições de funcionar, sairiam os dois para treinar.

Ayla resolveu deixá-lo com as suas ferramentas. Estava querendo experimentar uma outra que era também das dele. Ainda não havia progredido muito nas roupas que pretendia fazer para presenteá-lo. Os dois

estavam sempre juntos. O único tempo que sobrava para ela ou era muito cedo pela manhã, ou então já tarde da noite quando ele estivesse dormindo.

Enquanto Jondalar ficou dando os últimos retoques em sua obra, ela veio para o patamar trazendo a velha roupa dele e os novos couros. À luz do dia, podia enxergar melhor os pontos que amarravam as diferentes partes das peças que compunham o traje. Achou tão interessante o processo e tão curiosa a roupa, que lhe deu vontade de fazer uma igual para ela. O elaborado trabalho com contas e penas, não tentou reproduzi-lo, mas reparou bastante nele, achando que seria um bom desafio para a longa temporada de inverno que teria pela frente.

De onde se achava, podia ver se Jondalar estava na praia ou fazendo o caminho para subir à caverna. Daria tempo para esconder o seu trabalho antes que ele tivesse alcançado o patamar. Mas no dia em que Jondalar subiu correndo e orgulhosamente exibiu, já prontos, os seus dois atiradores de lança, ela mal pôde disfarçar as roupas no meio de uma pilha de couros. Ele, entretanto, estava radiante demais para ver qualquer coisa que não fosse a sua grande obra.

- O que você acha, Ayla? Será que vai dar certo?

Ela pegou um dos atiradores. Era um aparelho simples, mas engenhoso. Consistia numa plataforma de madeira, estreita e lisa, medindo aproximada mente a metade do comprimento da lança. No meio, havia um sulco para apoiar a arma e uma escora entalhada na forma de gancho. Dois laços de couro, para se enfiar os dedos, se prendiam um de cada lado, na frente da engenhoca.

O aparelho, primeiro, era posto em posição horizontal, com dois dedos passados pelos laços que seguravam conjuntamente o atirador e a lança, apoiada no sulco da plataforma, com o seu canto batendo contra

a escora. No mo mento de atirar - segurando-se por meio das correias a parte da frente – a traseira empinava-se num efeito que aumentava a ação do braço. Era uma força adicional que impunha maior velocidade e potência no instante da largada.

- Acho, Jondalar, que já é tempo de começarmos a treinar.

Os dois passavam os dias treinando. O colchão na árvore que servia de alvo ficou tão perfurado que acabou se desmontando e um outro teve de ser posto no lugar. Neste, Jondalar desenhou a figura de um veado. À medida que foram adquirindo mais técnica, pequenas adaptações se foram fazendo necessárias. Os dois se ensinavam mutuamente as técnicas de suas respectivas armas. Os potentes lançamentos de baixo para cima de Jondalar tendiam a subir mais, enquanto os dela faziam uma trajetória mais regular e se desviavam um pouco para o lado. Todos os dois tiveram de fazer alguns ajustes no atirador, de modo a adaptá-la melhor ao estilo de cada um.

Uma competição amigável começou a se desenvolver entre eles. Ayla tentava, mas não conseguia equiparar-se nas distâncias alcançadas pelos tiros dele, enquanto para Jondalar era impossível rivalizar-se com a pontaria dela. Os dois estavam abismados com a fantástica vantagem de que passaram a dispor com a nova arma. Uma vez de posse da técnica necessária, as lanças de Jondalar podiam ser atiradas com muito mais força e precisão, além de alcançarem mais do dobro da distância anterior. No entanto essas sessões de treinamento com Jondalar tiveram, sobre Ayla, um efeito muito maior do que o produzido pela arma.

Ayla sempre treinara e caçara sozinha. Primeiro, como uma brincadeira em segredo, morta de medo de ser descoberta. Depois, treinando a sério, mas ainda em

segredo. A sua permissão para caçar foi dada de má vontade, com uma série de restrições. Jamais alguém caçara junto dela. Se errasse ou acertasse dava na mesma - não havia ninguém para encorajá-la ou aplaudi-la. Nunca teve uma pessoa com quem pudesse conversar sobre armas, que discutisse com ela técnicas de caça, que lhe desse conselhos sobre determina dos problemas e que lhe ouvisse as sugestões com interesse e respeito. E, principalmente, ninguém para brincar, fazer provocações e rir. Nunca tivera a mínima vivência da camaradagem, da amizade, do companheirismo alegre e divertido.

Apesar dos treinamentos terem aliviado enormemente as tensões, ainda havia uma distância entre os dois, parecendo difícil de ser superada. Quando o assunto não incorria em riscos, como caçadas, a conversa se fazia animada. Qualquer alusão de caráter pessoal, entretanto, provocava silêncios constrangedores e evasivas polidas. Um roçar de corpo casual era como um choque que os fazia pular para trás, ao qual sempre se seguiam atitudes rígidas e formais encobrindo persistentes lembranças.

- Amanhã - falou Jondalar, enquanto recolhia uma lança que disparara. Um pouco da palha do colchão saiu junto, pelo buraco no couro, grande e esfarrapado.

- Amanhã o quê? - indagou Ayla.

- Amanhã sairemos para caçar. Já brincamos demais. Chega de aprender em alvos de mentira. Já é tempo de levarmos a coisa a sério.

- Então, amanhã - concordou Ayla.

Pegaram as lanças e se puseram a caminhar de volta.

- Você conhece esses terrenos por aqui, Ayla. Onde poderíamos ir?

- Acho melhor as estepes do lado leste, mas seria bom se eu desse uma olhada antes. Posso ir com Huiin -

ela levantou os olhos querendo ver a posição do sol. - Ainda é cedo.

- Boa idéia. Você e o cavalo valem mais do que um bando de espias.

- Será que você pode segurar Campeão aqui? Eu me sinto melhor quando ele não nos segue.

- E amanhã quando sairmos para caçar? Como vai ser?

- Vamos ter de levá-lo conosco, não há outro remédio. Precisamos de Huiin para trazer a comida. Ela sempre fica meio indócil com a caça morta, mas já está acostumada. Para onde eu quiser. Agora, se o potro ficar excita do e correr, ele pode ser apanhado pelo estouro da manada... e aí, não sei não...

- Não se preocupe com isto agora. Tentarei pensar em alguma coisa.

O assovio agudo de Ayla trouxe a égua e o potro para junto deles. Enquanto Jondalar, com o braço passado ao redor do pescoço do potro, conversava com ele, acariciando-o em seus lugares prediletos, Ayla montou e saiu em disparada. Depois de já estar bem longe com Huiin, Jondalar pegou as lanças e os dois atiradores.

- Bom, Campeão, vamos para a caverna esperar lá? Ele deixou as lanças do lado de fora no patamar e entrou. Sentia-se inquieto e não sabia o que fazer consigo mesmo. Avivou o fogo, amontoou os carvões na fogueira, trouxe mais lenha, tomou a sair e ficou olhando para o vale. O focinho do potro procurou-lhe a mão e ele distraidamente pôs-se a afagá-lo, enfiando os dedos por entre os pêlos fortes e grossos. O seu pensa mento estava no inverno.

Procurou pensar em alguma outra coisa. Os dias quentes de verão tinham uma continuidade que os faziam tão iguais um ao outro que o tempo parecia manter-se em suspenso. Às decisões facilmente eram

adiadas. Ainda estava muito cedo para pensar na chegada do frio e... na sua partida. Reparou, então, na tanga que vestia.

- Não vou ter um “casaco” como esse seu no inverno, meu amigo - falou ele se dirigindo ao potrinho. - Breve terei de fazer qualquer coisa para usar. Dei aquele furador de costura para Ayla e ainda não fiz outro para mim. Talvez o que eu tenha de fazer neste momento seja mais algumas ferramentas. E preciso também pensar numa maneira de não deixar que você se machuque amanhã.

Ele entrou na caverna e lançou um olhar desejoso para o lugar de Ayla, enquanto passava por cima de suas peles para ir à área do depósito. Lá, pro curando por uma correia ou um cordão grosso, encontrou um estoque de peles guardadas em rolos. “Sem dúvida, essa mulher sabe como curtir um couro”, pensou, enquanto sentia na mão a maciez veludosa da textura. “Talvez ela me deixe pegar alguns desses... Detesto ter de ficar pedindo.”

“Se os atiradores derem certo, vou conseguir couro em quantidade para fazer alguma coisa que possa vestir. Acho que vou colocar uma escultura neles para trazer sorte. Mal não faz. Ah, cá estão as correias. Quem sabe se não ser vem para fazer alguma coisa para Campeão? Que corredor! E nem ainda acabou de crescer... Será que um garanhão deixa alguém montar em seu lombo? Vou conseguir fazê-lo ir para onde eu quiser? Você nunca saberá. Já não estará mais aqui quando ele for um garanhão. Lembre-se que está de partida.”

Ele pegou as correias e foi buscar a trouxa com as suas ferramentas. Desceu, então, à praia. O rio estava convidativo. Sentia-se suado e o calor era forte. Tirou a tanga, entrou na água, começando a nadar contra a correnteza. Em geral, ia só até a estreita garganta e voltava. Desta vez resolveu avançar um pouco mais longe. Passou pela primeira corredeira e contornou a

curva. Diante dele se achava uma rumorejante muralha de águas cristalinas. Voltou então.

Saiu do banho revigorado. A sensação de haver feito uma descoberta animava-o a empreender qualquer coisa de diferente. Botou os cabelos para trás e os torceu. Depois foi a vez da barba. “Você tem usado isto durante quase todo o verão, Jondalar, e ele já está praticamente no fim. Não acha que já é tempo?”

“Primeiro, vou me barbear, depois arrumar um jeito de pôr Campeão a salvo amanhã. Não quero passar simplesmente uma corda pelo seu pescoço... Preciso também fazer o furador e mais uns dois buris para esculpir as figuras nos atiradores de lança. A comida, essa noite, posso preparar. Um homem se esquece dessas coisas quando tem uma Ayla por perto. Posso não fazer igual a ela, mas sempre será urna comida, Só a Mãe sabe o quanto eu cozinhei nesta viagem.”

“Que figuras devo colocar nos atiradores? A que daria mais sorte seria uma donii, mas fui dar a minha para Noria. Será que ela teve um filho de olhos azuis? Que estranha essa idéia de Ayla imaginar que sejam os homens que fazem os bebês. No entanto, era exatamente isto que a velha Haduma desejava. Ritos de passagem... Ayla nunca passou por eles. Ela tem sofrido tanto... Mas com aquela sua funda é simplesmente maravilhosa. E, também, não vai nada mal com a lança. Acho que na dela vou pôr a figura de um bisão. Será que esses atiradores vão funcionar mesmo? Que pena eu não ter uma donii. Talvez eu possa fazer uma...”

Quando começou a escurecer, Jondalar foi esperar por Ayla no patamar. Depois que o vale se transformou num enorme buraco negro sem fundo, ele armou uma fogueira no patamar para orientá-la e se deixou ficar lá imaginando escutar os passos de Huiin subindo o caminho. Finalmente acabou fazendo uma tocha e descendo. Seguiu pela margem do rio e contornou a

ponta do penhasco. Teria ido mais longe se não tivesse ouvido o barulho de cascos aproximando-se.

- Ayla, por que demorou tanto?

Ela se surpreendeu com o tom incisivo da voz.

- Estava seguindo as trilhas das manadas. Você sabe disso.

- Mas nesta escuridão?

- É. Quando comecei o caminho de volta já estava quase noite. Acho que encontrei o lugar. Uma manada de bisões está no rumo sudeste e...

- Quase de noite e você atrás de bisões? Como vai enxergar um bisão no escuro?

Ayla não entendia o motivo daquela exaltação e de todas aquelas perguntas.

- Eu não estava olhando para um bisão no escuro... mas por que você quer ficar aqui de pé conversando?

Nisso, o potrinho, soltando um relincho agudo, surgiu no círculo de luz que vinha da tocha e se pôs a dar cabeçadas em sua mãe. Huiin respondeu-lhe com outro relincho e, antes que Ayla tivesse tempo de desmontar, ele já estava fuçando entre as patas traseiras da égua. Foi, então, que ocorreu a Jondalar que ele agia como se tivesse direito de questionar Ayla. Vermelho, afastou a tocha para o lado, dando graças por estar escuro e ela não poder enxergar o seu rosto. Seguiu atrás de Ayla, tão embaraçado que não reparou no cansaço dela, caminhando lenta e penosamente.

Na caverna, ela enrolou-se numa das peles de dormir e foi ficar agacha da perto da fogueira.

- Devia ter levado uma roupa mais quente, mas não imaginava que fosse tão longe.

Jondalar viu que ela tremia e ainda ficou com mais pena.

- Você está com frio. Vou lhe dar uma coisa quente para beber - disse, despejando um pouco de caldo numa cuia.

Ayla até aquele momento não lhe havia prestado atenção. Tudo que queria era estar na beirada do fogo. Ela levantou os olhos para pegar a cuia e por pouco não a deixou cair.

- O que aconteceu com o seu rosto? - quis saber. A sua expressão era tanto de surpresa como de preocupação.

- O que quer dizer? - perguntou, por sua vez ele, já aflito.

- A sua barba... sumiu.

A expressão de surpresa que refletia a dela imediatamente desapareceu, substituída por um sorriso.

- Eu fiz a barba.

- Fez a barba?

- É, cortei... bem rente à pele. Sempre faço isso no verão. Quando estou com calor e suando, coça muito.

Ayla não conseguiu resistir. Tocou-lhe no rosto, sentindo a maciez de sua face escanhoada. Depois, passando os dedos no sentido contrário ao do nascimento dos pêlos, pareceu que era ligeiramente áspera, ralando como a língua de um leão. Lembrou-se de que, quando o encontrara, ele não tinha barba, mas depois essa havia crescido e ela se esquecera. Parecia tão jovem sem a barba, com um jeito simpático de criança e não de homem. Ela não estava acostumada a ver homens adultos com a cara escanhoada. Correu com os dedos pelas mandíbulas, sentindo o pequeno furo em seu queixo forte e viril.

Enquanto Ayla o tocava, ele se mantinha imóvel, sem conseguir arredar-se do lugar. Sentia com cada um de seus nervos a ponta dos dedos que leve mente iam correndo pelo contorno de seu rosto. Embora não houvesse qualquer intenção erótica, apenas uma acariciante curiosidade, a resposta nele veio de uma fonte mais profunda. O latejar forte e insistente em suas

virilhas foi tão imediato, tão intenso, que o apanhou completamente desprevenido.

O modo como os seus olhos a olhavam levantou uma onda de desejos que o identificava como homem apesar da aparência quase infantil. Ele ia segurar-lhe a mão, prendê-la contra o seu rosto, mas ela, num ato de vontade, se afastou, pegou a cuia e se pôs a tomar o caldo sem lhe sentir o gosto. A cena dos dois sentados frente a frente, juntos da fogueira e daquela expressão odiosa no rosto dele, de repente passou vivamente pela sua lembrança. E agora ela lhe havia tocado. Estava com medo de olhá-lo, medo de ver outra vez o terrível olhar de desprezo. Mas as pontas dos dedos ainda formigavam com a sensação da pele que conseguia ser suave e áspera ao mesmo tempo.

Jondalar se sentia angustiado com aquela reação instantânea, quase violenta ao toque dela, doce e delicado. Não conseguia tirar os olhos de cima de Ayla, embora ela estivesse evitando olhar para ele. Assim, de cabeça baixa, parecia tão tímida, tão frágil… No entanto, ele conhecia a força que ia em seu interior. Costumava compará-la a uma bela lâmina de sílex, perfeita quando saía da pedra bruta, de finas e delicadas bordas translúcidas, mas tão resistente e afiada que cortava, de um só golpe, o mais duro dos couros.

“Oh, Mãe, como é linda! Oh, Donii, Grande Mãe da Terra, eu quero essa mulher! Quero-a tanto…”

De repente saltou sobre os pés. Não agüentava ficar ali parado, olhando para ela. Lembrou-se da comida que preparara. “Ora veja”, pensou, “a pobre coitada aí, com frio e cansada, e eu aqui sentado.” Ele foi buscar a travessa de Ayla, que era um osso saído da anca de um mamute.

Ayla percebeu-o levantar-se. O movimento fora tão brusco que estava convencida de que ele outra vez tivera um de seus ataques de repulsa e nojo. Tremendo,

ela comprimia os dentes, tentando controlar-se. Não agüentaria enfrentar tudo aquilo de novo. Tinha vontade de pedir-lhe que fosse embora. Não queria ver os seus olhos dizendo que ela era uma... aberração. Ele se pôs de pé à sua frente e ela fechou os olhos, prendendo a respiração.

- Ayla? - Jondalar a via tremendo, apesar de estar enrolada numa pele e junto ao fogo. - Achei que você fosse chegar tarde e para ir adiantando as coisas preparei alguma comida para nós. Quer agora? Não está muito cansada?

Teria ela ouvido direito? Aos poucos foi abrindo os olhos. Ele segurava uma travessa. Colocou-a na frente dela e puxou uma esteira para se sentar ao seu lado. Havia uma lebre assada no espeto, algumas raízes cozidas no caldo da carne seca que tinha lhe dado antes, e uvas-do-monte.

Você cozinhou isso... para mim? - perguntou Ayla, incrédula.

- Sei que não está tão bom como o que você faz, mas espero que sirva. Como achei que poderia dar azar se usasse o atirador hoje, cacei a lebre, mas só com a lança. É uma técnica diferente e estava com medo de que, com todos esses treinos, tivesse perdido a minha pontaria. Mas acho que isso é uma coisa que não se esquece.

Os homens dos clãs não cozinhavam. Não podiam. Era um tipo de trabalho que não se achava armazenado em suas memórias. Ayla sabia ser Jondalar mais versátil, mas nunca lhe ocorreu que ele chegasse ao ponto de cozinhar, principalmente existindo uma mulher por perto. Mais espantoso dele poder e fazer, era ter tido a idéia disso. Quando vivia no clã, mesmo depois de lhe darem permissão para caçar, esperava-se que ela cumprisse com as suas obrigações habituais. Aquilo era tão inesperado, uma consideração tão grande com ela.

Os seus medos não tinham o menor fundamento. Não sabia o que dizer. Pegou uma perna que ele cortara e deu uma mordida.

- Está bom? - perguntou Jondalar, um tanto ansioso.

- Maravilhoso - respondeu com a boca cheia.

Realmente estava bom, mas mesmo que a lebre estivesse estorricada e horrível, não tinha importância. Para ela seria deliciosa. A impressão que tinha era a de que ia chorar. Jondalar pegou uma colherada cheia de umas raízes finas e compridas. Ayla deu uma mordida numa.

- Isso não é raiz de trevo? Está ótima.

- É - respondeu ele, satisfeito consigo mesmo. - Mas ficam melhores quando há azeite para mergulhá-las dentro. É um dos pratos que as mulheres fazem para os homens em ocasiões especiais, pois é sempre muito apreciado. Vi os trevos numa área, mais para cima no rio, e achei que você iria gostar. “Foi uma boa idéia essa a de preparar a comida”, pensou Jondalar, feliz com a expressão de surpresa dela.

- Dá muito trabalho retirá-las da terra. Há pouca coisa para comer nelas, mas são muito gostosas. Eu só usava trevo para fazer remédios. As suas raízes entram na composição de um tônico preparado na primavera.

- Normalmente comemos trevo também na primavera. É dos primeiros alimentos frescos que aparecem.

Eles ouviram batidas de cascos nas pedras do patamar e se voltaram para ver Huiin entrando na caverna com Campeão. Ayla se levantou para acomodar os animais. Todas as noites era o mesmo ritual. Primeiro, as saudações com muitos afagos e paparicos. Depois feno, cereais, água e, quando houvesse alguma cavalgada mais longa, uma esfregadela com um couro absorvente, seguida de uma boa limpeza com escova de

cardo. Ayla reparou que o feno, os cereais e a água já haviam sido providenciados.

- Você se lembrou dos cavalos também - disse, depois que se sentou para acabar de comer as suas uvas-do-monte - Mesmo que não tivesse com fome, as teria comido assim mesmo.

- Bom - sorriu ele - eu estava sem o que fazer. Ah, quero mostrar para você uma coisa - ele se levantou e voltou com os dois atiradores. - Espero que não se importe. É para dar sorte.

- Jondalar! - Ayla estava quase com medo de tocar nas armas. - Você fez isso? - a voz era cheia de admiração. Ela havia ficado surpresa quando ele desenhou a forma de um animal no alvo, mas aquilo era muito mais impressionante. - É... como se você tivesse pegado o totem, o espírito do bisão, e o colocado aí.

Jondalar era todo sorrisos. Ayla fazia com que as surpresas ficassem muito mais saborosas. Estava maravilhada com o gigantesco veado de chifres palmados esculpido no dele.

- A intenção é a de capturar o espírito do animal para que ele seja atraído para a ponta da lança. Na verdade, não sou um bom entalhador. Você precisava conhecer os trabalhos de alguns. E também o que fazem escultores e gravadores. Sobretudo os artistas que pintam os murais sagrados.

- Tenho certeza de que você botou neles uma poderosa mágica. Só que não vi veados e sim uma manada de bis Acho que está começando a época de se juntarem. Será que um bisão pode ser atraído para uma arma que tem nela um veado? Amanhã posso sair novamente e procurar por veados.

- Isso serve para o bisão também. Mas o seu terá mais sorte. Estou satisfeito de ter posto esse animal no seu atirador.

Ayla não sabia o que dizer. Jondalar era homem e se sentia satisfeito por ela ter mais sorte na caçada do que ele.

- Estava fazendo também uma donii para nos dar sorte, mas não tive tempo de acabá-la.

- Jondalar, eu não entendo direito. Afinal o que é uma donii? É a sua Mãe Terra, não é?

- A Grande Mãe Terra é Doni, mas as outras formas que ela toma são chamadas donii. Uma donii é o espírito da Grande Mãe quando ela vem, por exemplo, cavalgando no vento, quando se dá a conhecer nos sonhos e de outras maneiras mais. Os homens quase sempre sonham com ela como uma linda mulher. Uma donii é também a escultura de uma figura feminina. - - normalmente representada grávida, porque são as mulheres as filhas abençoadas. A Mãe fez a mulher à sua imagem para que ela procriasse, tal como ela mesma. A nossa Grande Mãe cria todas as formas de vida na terra. A imagem que melhor assenta com Doni é a de uma mulher esperando filho. Uma donii é sempre enviada para conduzir o homem ao espírito dela no outro mundo. Dizem que as mulheres não precisam de guias, pois elas conhecem o caminho. E há mulheres que podem, quando o desejam, transformar-se numa donii. - nem sempre para fazer bem ao homem. Os sharamudoi que vivem a oeste daqui dizem que a Mãe pode tomar a forma de um pássaro.

Ayla confirmou com a cabeça.

- Nos clãs, em tempos muito longínquos, existiram espíritos femininos.

- E os seus totens, como são eles?

- Os espíritos dos totens protetores são todos masculinos, seja o do homem ou o da mulher. Apenas no caso da mulher, o seu totem é sempre um animal pequeno. Ursus, o Grande Urso da Caverna, é o maior protetor dos diversos clãs e totem de todo mundo. Mas

de Creb era totem pessoal. Ele foi escolhido, tal como o Leão da Caverna me escolheu. Aqui está a minha marca - falou mostrando quatro riscas paralelas na sua coxa esquerda, onde ela, aos cinco anos, havia sido apanhada pelas garras de um leão.

- Não imaginava que os ca... os clãs tivessem alguma idéia do mundo espiritual. Ainda é difícil acreditar... bom, eu acredito em você, Ayla, mas para mim ainda é quase inacreditável que o povo de que você fala seja o mesmo que eu me acostumei a chamar cabeças-chatas.

Ayla abaixou a cabeça, depois levantou os olhos. Ela tinha a expressão séria e preocupada.

- Acho que você também foi escolhido pelo Leão da Caverna, Jondalar. Imagino que ele seja agora o seu totem. Creb dizia que a vida não é fácil para aqueles que têm totens fortes. Ele próprio, quando foi posto à prova, perdeu um olho, mas em troca ganhou um grande poder. Depois de Ursus, o Leão da Caverna é o mais forte dos totens e, para mim, a vida não tem sido fácil. As provas que ele impõe são bem duras, mas uma vez que compreendi a razão delas, não me arrependo do sofrimento passado. Achei que você devia saber disso, no caso do Leão da Caverna ser o seu totem - ela abaixou os olhos, temendo estar falando muito.

- Esse povo significa muito para você, não é?

- Eu queria ser uma mulher dos clãs, mas não pude. Não consegui fazer de mim uma clânica. Não sou como eles. Pertenço aos Outros. Creb sabia disso e Iza me disse para partir e procurar a minha própria gente. Eu não queria, mas fui obrigada e não posso mais voltar. Tenho a maldição de morte. Estou morta.

Jondalar não sabia direito do que Ayla falava, mas, ouvindo-a, sentiu os seus pêlos se arrepiarem. Ela respirou fundo, antes de prosseguir.

- Nem da minha mãe verdadeira, nem da vida que levei antes de ir parar no clã eu me lembrava. Tentava, mas não conseguia imaginar um homem dos Outros, um homem que se parecesse comigo. Agora, quando tento imaginar alguém, só consigo ver a sua figura Jondalar. Você é a primeira pessoa de minha espécie que vejo. Aconteça o que acontecer, jamais vou esquecê-lo - ela se interrompeu, sentindo que falara demais. Então, levantou-se. - Se vamos caçar amanhã, acho que devemos dormir um pouco.

Jondalar sabia que Ayla havia sido criada por cabeças-chatas e que vivera sozinha no vale, depois de os haver deixado, mas só quando a ouviu falando é que realmente atinou com o fato de ser ele o primeiro homem que Ayla via. Era perturbador saber que representava todo o seu povo e não estava muito orgulhoso da maneira como o vinha fazendo. No entanto, sabia como as pessoas se sentiam a respeito dos cabeças-chatas. Se ele tivesse simplesmente contado a Ayla, teria a impressão dela sido a mesma? Será que poderia compreender o que a esperava?

Ele foi para cama sentindo-se tomado de sensações contraditórias e inquietantes. Ficou deitado, com os olhos parados no fogo, pensando. Subitamente a sua percepção começou a mostrar-se distorcida como se acometido por uma vertigem. Via uma mulher refletida num lago, por instante agitado pela pedra atirada em suas águas. A imagem tremeluzia com as pequeninas ondas que se espalhavam em círculos cada vez maiores. Ele não queria se ver esquecido pela mulher. Era importante ser lembrado por ela.

A sua sensação era a de um desvio, de uma bifurcação no caminho, de uma escolha, e ele não tinha ninguém para orientá-lo. Uma corrente de ar morno passou arrepiando-lhe a penugem no pescoço. Sabia que a mulher estava deixando-o. Nunca sentira

conscientemente a presença da Mãe. Mas soube quando ela partiu deixando atrás de si um vazio angustiante. Era o começo de um fim: o fim do gelo, o fim de uma idade, o fim de uma época em que a Mãe provia com o sustento. A Mãe Terra ia partir deixando que os seus filhos encontrassem os próprios caminhos, que forjassem eles mesmos as suas vidas e que enfrentassem as conseqüências de seus atos. Estavam adultos. Não seria em vida dele, muitas gerações ainda iriam transcorrer, mas o primeiro e inexorável passo fora dado. Ela lhes entregara a sua derradeira dádiva, a dádiva da sabedoria.

Pareceu a Jondalar ouvir um lamento, um pranto lúgubre e soturno que vinha do além. A Mãe chorava.

Como uma tira de couro muito esticada que depois se solta bruscamente, a realidade começou a voltar à forma. Mas fora estirada em demasia e já não se ajustava mais à dimensão original. Ele sentia que qualquer coisa estava fora do lugar. Olhou para Ayla, do outro lado da fogueira. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces.

- Há alguma coisa errada, Ayla?

- Não sei.

- Você tem certeza de que Huiin vai poder levar nós dois?

- Certeza não tenho - respondeu Ayla, conduzindo a égua carregada com as cestas. Campeão ia atrás, puxado por uma espécie de cabresto feito com correias. Era passado ao redor do pescoço, mas não muito apertado, sufocando-o. Ele tinha liberdade para mexer a cabeça e pastar. No princípio pareceu incomodado, mas acabou acostumando-se.

- Se nós dois fôssemos montados, a viagem iria mais rápida. Se Huiin não gostar, ela me deixa saber. Depois, poderemos montar cada um de uma vez, ou vamos os dois caminhando.

Quando chegaram ao bloco de pedra plantado no meio do vale, Ayla montou e chegou com o corpo, pouquinho à frente, mantendo Huiin no lugar enquanto Jondalar montava. Huiin levantou as orelhas. Havia sentido o peso extra, mas era uma égua parruda e forte. Ao primeiro sinal de comando, se pôs a andar. Ayla a conduzia num passo firme e regular, mas estava atenta à andadura do animal que lhe avisava quando era tempo de descansar.

Na segunda vez que tornaram a montar, Jondalar já se sentia mais relaxado. Depois, lamentou a falta de seu nervosismo. Tranqüilo e despreocupa do, ele passou a ter consciência de Ayla, montada na frente dele. Sentia-lhe as costas fazendo pressão contra o seu corpo e as coxas de um tocando nas do outro. Ayla, por sua vez, já não estava atenta só à égua. Percebia o volume duro e quente que se formara atrás dela, sob o qual Jondalar não tinha controle. A cada movimento da égua eram sacudidos e jogados um contra o outro. Ela desejava que aquele volume desaparecesse e ao mesmo tempo não.

Jondalar começava a sentir uma dor que jamais havia experimentado. Nunca se vira obrigado a reprimir por tanto tempo a satisfação de seu desejo. Desde os seus primeiros dias de rapazola, sempre encontrara meio de aliviar se. Lá, no entanto, só havia Ayla. Recusava-se a resolver mais uma vez sozinho o seu caso e procurava simplesmente agüentar.

- Ayla - falou com voz angustiada - eu acho... que já é tempo de descansarmos outra vez.

Ela parou o cavalo e apeou imediatamente.

- Não estamos longe - disse ela. - Podemos fazer a pé o resto do caminho.

- Isso é bom. Dará um descanso a Huiin.

Ayla não discutiu, apesar de saber que não era essa a razão por que ela estava caminhando. Puseram-se a marchar no mesmo passo, com a égua entre os dois.

Quando conversavam era olhando-se por cima do lombo de Huiin. Ainda assim, a cabeça de Ayla não tinha muitas condições de prestar atenção aos marcos e à direção em que iam. Jondalar caminhava com as virilhas doloridas, mas agradecido por ter a cobertura da égua.

A vista de uma manada de bisões e a expectativa de ver o atirador funcionando numa verdadeira caçada serenaram o ardor contido, embora tivessem o cuidado de manterem-se à distância, quase sempre com os cavalos entre eles.

Os bisões começavam a agrupar-se na beirada de um riacho. A manada era maior do que Ayla pensava ter visto. No intervalo de um dia e outro, grupos menores se haviam juntado a ela e alguns mais ainda estavam para chegar. No final, haveria uma massa compacta formada por dezenas de milhares de animais cabeludos, de cor marrom-escura, que avançariam por muitos hectares de colinas onduladas e vales de águas cristalinas. Um tapete móvel trovejante e mugente, uma massa tifo colossal que qualquer animal visto individualmente não tinha importância. A estratégia da sobrevivência estava na quantidade.

Mesmo o grupo menos numeroso que se juntara nas proximidades do riacho havia subjugado as suas individualidades entrechocantes ao instinto da manada. Mais tarde, durante as magras estações, a sobrevivência exigiria que voltassem a dividir-se em pequenas manadas que dispersariam em busca de comida.

Ayla levou Huiin para a beirada do rio, junto a um teimoso pinheiro que, mesmo dobrado pelo vento, insistia em lá permanecer. Na língua silenciosa dos clãs, ela disse à égua que ficasse por ali. Em seguida, vendo que Huiin mantinha Campeão ao seu lado, percebeu que fora desnecessária a preocupação com o potro. A mãe era perfeitamente capaz de livrá-lo dos perigos. Enquanto isso, Jondalar se via às voltas com um

problema que ela tinha previsto. Ficou curiosa por saber como ele estava se saindo.

Os dois se dirigiram a pé na direção da manada, cada um carregando o seu atirador e um feixe de lanças. Os cascos pesadões haviam partido a crosta seca das estepes, levantando uma nuvem de poeira que se depositara sobre os couros cabeludos, quase negros. O movimento da manada era assinalado pela poeira sufocante, tal como a fumaça de um incêndio nos campos que indicava o curso das chamas e, como este, também deixando em seu rastro a terra arrasada.

Jondalar e Ayla, olhando de esguelha e já escolhendo as suas presas, caminhavam em círculo para se porem contra o vento. A poeira fina vinha diretamente para os seus rostos e eles respiravam o bafo quente e ácido da atmosfera carregada do cheiro dos bisões. Os bezerrinhos novos mugiam atrás de suas mães, enquanto os irmãos de um ano testavam com as suas marradas a paciência dos machos de grandes corcovas.

Um velho touro, que se rolava na terra solta, se pôs pesadamente de pé. A sua enorme cabeça pendurava-se como se ele não agüentasse o peso de seus enormes cornos negros. Jondalar, com o seu metro e noventa, alteava-se pouca coisa acima da corcova do animal. Os quartos dianteiros, massudos e cobertos por uma grossa pelagem, adelgaçavam-se formando a traseira mais baixa e magra. Para o que eles queriam, provavelmente o gigantesco bisão já estava velho demais, com a carne dura e fibrosa. No entanto, quando o animal parou e se pôs a olhar desconfiado na direção deles, os dois não duvidaram do perigo que estavam correndo. Esperaram até que o bicho começasse a andar.

À medida que se aproximavam da manada, aumentava o barulho troante e indistinto que se separava numa infinidade de mugidos e roncos. Jondalar apontou para uma fêmea ainda jovem. A novilha era

quase adulta, em idade já de dar cria e gorda das pastagens de verão. Ayla balançou a cabeça concordando. Os dois armaram os seus atiradores e Jondalar fez sinal para ela, dando a entender que ia cercar o animal pelo outro lado.

Talvez por instinto ou por ter visto o homem se movimentando, a novilha percebeu que fora marcada. Nervosa, se acercou da massa da manada. Outros bisões começaram a se movimentar ao seu redor, desviando a atenção de Jondalar. Ayla já dava a novilha como perdida. Não podia fazer sinal para Jondalar que estava de costas para ela. O animal marcado afastava-se, pondo-se fora de alcance. Ainda que Jondalar pudesse escutar, ela não podia gritar, pois iria atrair a atenção do velho bisão.

Resolveu por ela mesma fazer pontaria. Jondalar olhou para trás. Ayla estava pronta para atirar. Num instante ele compreendeu e aprontou também o seu atirador. Os movimentos rápidos da novilha e os deles agitavam os outros animais. Os dois haviam pensado que a nuvem de poeira fosse uma cobertura suficiente, mas os bisões estavam acostumados com isso. A novilha, com outros animais, estava quase conseguindo pôr-se a salvo, junto do bolo da ma nada.

Jondalar partiu na direção do animal e disparou a lança. A de Ayla seguiu um instante depois, cravando-se no pescoço, já encontrando a dele enterrada nas carnes macias da barriga. Ainda embalada pela carreira, a novilha conseguiu chegar um pouco mais adiante, mas as patas começaram a fraquejar. Vacilante, tremendo, caiu de joelhos, partindo a lança de Jondalar, quando tombou de vez. A manada sentiu o cheiro de sangue. Mugindo inquietos, uns poucos pararam para cheirar o animal morto. Alguns outros, em meio aos atropelos e correrias desencontradas, acompanhavam-lhes os mugidos fúnebres, enchendo a atmosfera de tensão.

Saindo de pontos opostos, Jondalar e Ayla correram para ver a novilha morta. Subitamente ele parou agitando os braços para ela. Ayla abanava a cabeça sem entender os gestos.

As brincadeiras de marradas de um dos bezerros haviam, por fim, conseguido irritar o velho patriarca da manada. Para fugir-lhe, o tourinho desandou a correr. Logo à frente topou com uma vaca nervosa. Indeciso e agitado, quis retroceder, mas atrás se achava o velho macho. Estava sem saber que direção tomar quando teve a atenção voltada para a estranha figura caminhando ereta sobre os seus pés. Incontinenti, abaixou a cabeça e partiu ao ataque.

- Ayla! Cuidado! - gritou Jondalar, correndo para ela, com a lança na mão, já apontando.

Ayla se virou, vendo o bezerro indo ao seu encontro. O primeiro pensa mento, numa reação quase instintiva, foi para a funda, a sua arma de defesa de muitos anos e sempre pronta para entrar em ação. Mas logo descartou a idéia e colocou uma lança no atirador.

Jondalar arremessou a sua lança com a mão um momento antes de Ayla disparar a dela, mas a velocidade do atirador era maior. A lança de Jondalar pegou num dos flancos, fazendo com que o bisão se virasse por um instante. Quando ele olhou, a lança de Ayla estava tremendo, cravada no olho do animal, morto antes mesmo de cair no chão.

A correria dos dois, a gritaria e mais uma fonte de sangue levaram os animais - que andavam às tontas - a tomar uma direção que os pusesse longe daquele centro de estranhos e perturbadores acontecimentos. Os últimos retardatários corriam desviando-se dos companheiros caídos para se juntarem à manada se debandando num estouro de tremer a terra. A poeira já se havia assentado e ainda se ouvia o trovejar do tropel distante.

Por alguns momentos Jondalar e Ayla permaneceram mudos de espanto, olhando para os bisões mortos na planície deserta.

- Bom, está terminado. Foi simples - falou Ayla ainda atordoada.

- Por que você não correu? - gritou-lhe Jondalar, entregando-se, agora que tudo acabara, ao medo que sentira por ela. Ele caminhou na sua direção. - Você podia ter morrido!

- Eu não podia dar as costas para um touro que estava me atacando - respondeu Ayla. - Seria certamente chifrada - ela olhou outra vez para o bi são. - Não... acho que não. A sua lança teria acertado nele primeiro, mas eu não sabia disso. Nunca havia caçado junto de outra pessoa. Sempre tive de cuidar de mim sozinha. Se eu não fizesse assim, não haveria ninguém para fazer por mim.

As palavras dela eram a peça que faltava para completar o quebra-cabeça. Subitamente, o quadro do que fora a vida de Ayla estava completo. Ele a via sob novo ângulo. “Essa mulher”, pensou essa mulher encantadora, delicada, atenciosa, conseguira sobreviver, de uma forma como jamais alguém acre ditaria. Não. Ela não podia fugir. Jamais fugirá de alguma coisa, nem mesmo de você, Jondalar, ela fugirá. As outras pessoas sempre abaixaram a cabeça diante de seus ataques e explosões, mas, com ela, você mostrou o que tinha de pior, e ela não se arredou do lugar.

- Ayla linda mulher selvagem, veja o que você caçou! - disse sorrindo.- Dois bisões num só dia. Agora, como vamos levar isto para a caverna?

Quando ela atinou com a importância do acontecimento, sorriu. Um sorriso de alegria, satisfação e triunfo. “Era um sorriso raro”, pensou Jondalar. “Ficava linda quando sorria, iluminando-se como se tivesse uma fogueira acesa em seu interior.” Uma risada

franca e contagiosa inesperadamente brotou dos lábios dele. Ayla acompanhou-o. Impossível resistir. Era o grito deles de vitória, de triunfo.

- Veja só o que você caçou, Jondalar - falou ela.

- Não fui eu e sim os atiradores de lanças. Eles mudaram tudo. Nós nos metemos dentro dessa manada e antes que os bichos soubessem o que estava acontecendo, dois deles já estavam caídos. Já imaginou o que isso significa?

Sim, ela sabia o que significava. Com a nova arma, poderia caçar sozinha. Verão... inverno. Nada mais de cavar no chão armadilhas. Tudo que tinha de fazer seria sair em busca da caça. O atirador possuía todas as vantagens da funda e algumas outras mais.

- Sim, eu sei, Jondalar. Você disse que iria ensinar para mim uma maneira melhor e mais fácil de caçar e ensinou muito mais do que eu poderia esperar. Nem sei o que dizer. Eu estou tão...

Ela só conhecia uma maneira de expressar a sua gratidão. Era à maneira dos clãs. Sentou-se aos pés dele, de cabeça baixa. Talvez Jondalar não lhe batesse no ombro, dando permissão para que falasse na forma devida, mas tinha pelo menos de tentar.

- O que você está fazendo? - perguntou Jondalar, segurando-a para obrigá-la a levantar-se. - Não fique aí sentada desse jeito, Ayla.

- Quando uma mulher deseja dizer alguma coisa importante a um homem, é assim que ela solicita a sua atenção - falou, levantando os olhos. - É importante dizer o quanto isso significa para mim e o quanto me sinto agradecida pela arma... e também por me ensinar a falar e por tudo mais que tem feito.

- Por favor, Ayla, levante-se - disse Jondalar, suspendendo-a. - Foi você quem me deu a arma e não eu a você. Se não tivesse visto o modo de você usar a funda,

nunca teria pensado nessa arma. Eu sou-lhe grato, Ayla. - e por muito mais coisas do que essa arma.

Ele segurava-a pelos braços, sentindo-lhe a proximidade do corpo. Ayla olhava-o dentro dos olhos, sem conseguir - e nem o queria - desviar os seus. Ele se inclinou e pousou os seus lábios nos dela.

Os olhos de Ayla arregalaram-se surpresos. Era inteiramente inesperado. Não só o gesto dele como a reação dela, igual a um choque se irradiando por todo o seu corpo. Ela não soube como responder.

Ele acabou compreendendo. Não iria forçá-la. Não passaria daquele sim ples e delicado beijo... não por enquanto.

- Essa boca na boca, o que é?

- Um beijo, Ayla. Ë o seu primeiro beijo, não é? Vivo me esquecendo, mas é muito difícil olhar para você e... Ayla, às vezes eu sou um perfeito idiota.

- Por que diz isso? Você não é idiota.

- Sou sim. Não dá para acreditar o quanto tenho sido idiota - ele a soltou. - Bom, mas acho melhor arrumarmos um jeito de levar esses bisões para a caverna, porque se eu ficar aqui junto de você, não vou conseguir fazer as coisas direito... como deverão ser feitas na sua primeira vez.

- Ser feitas? Como assim? - perguntou, desejando que ele não se afastasse.

- Nos seus primeiros ritos, Ayla. Se você me permitir.

Capítulo 28

- Acho que Huiin não teria conseguido puxar os bisões ata a caverna se nós não tivéssemos deixado para trás as cabeças dos bichos – disse Ayla. – Foi uma boa idéia – ela e Jondalar se achavam no patamar, retirando o bezerro do jorrão. – HHHá tanta carne! Vai levar muito tempo para cortá-la, O melhor será começar a fazer isto logo.

- A carne pode esperar, Ayla - o riso e o olhar dele comunicavam calo rosas emoções. - Acho que os seus primeiros ritos são mais importantes. Primeiro vou ajudá-la a tirar os arreios de Huiin, depois vou tomar um banho no rio. Estou suado e sujo de sangue.

- Jondalar... - ela hesitava. Sentia-se excitada, mas tímida. - Esses primeiros ritos são como uma cerimônia?

- Sim, são como uma cerimônia.

- Iza ensinou como eu me devo preparar para cerimônias. Há alguma preparação especial para esta?

- Em geral as mulheres mais velhas ajudam as moças a se prepararem. Eu não sei o que elas dizem ou o que fazem. Acho que você deve fazer aquilo que melhor lhe convenha.

- Então vou pegar raízes de saboeiro e me purificar da maneira como lia ensinou. Vou esperar que você primeiro termine o seu banho. Devo ficar sozinha enquanto estou me preparando - falou, enrubescendo e abaixando os olhos.

“Parece uma criança tímida”, pensou ele. “Igual a qualquer mocinha antes de seus primeiros ritos.” Ele estava excitado, ao mesmo tempo que era invadido por uma onda de ternura. Até os preparativos dela eram corretos. Levantou-lhe o queixo e tomou a beijá-la. Depois, com ar decidido, afastou-se.

- Eu também gostaria de ter algumas raízes de saboeiro.

- Vou arrumar para você - falou Ayla. Um sorriso se desenhava no seu rosto enquanto ele caminhava atrás dela, beirando o rio. Depois que Ayla apanhou as raízes de saboeiro e voltou para a caverna, ele caiu dentro da água, sentindo-se bem consigo mesmo, de uma maneira como há muito não lhe acontecia. Esmigalhou as raízes, formando uma espuma farta de sabão, e esfregou o corpo. Então retirou a tira de couro que prendia os cabelos e lavou a cabeça. Areia também servia, mas raízes de saboeiro funcionavam melhor.

Mergulhou na água e nadou subindo o rio até chegar perto das cataratas. De volta à praia, vestiu a tanga e subiu correndo para a caverna. Um pedaço de carne assando na fogueira cheirava deliciosamente. Estava tão relaxado e feliz que nem conseguia acreditar.

- Que bom você estar de volta. Para me purificar direito, preciso de algum tempo e não queria que ficasse muito tarde - ela pegou a gamela onde havia fervido cavalinhas, usadas para lavar os cabelos, e um couro novo para vestir.

- Leve o tempo que quiser - disse Jondalar, beijando-a de leve. Ela já ia começar a descer, mas parou e se voltou na direção dele.

- Eu gosto dessa coisa de boca na boca... beijo.

- Espero que vá gostar também das outras coisas - falou ele, depois de Ayla já ter saído.

Ele andava pela caverna, vendo-a com novos olhos. Examinou o pernil do bisão assando e virou o espeto. Em seguida, reparando numas raízes enroladas com folhas, colocou-as junto das brasas. Perto da fogueira encontrou o chá que ela lhe havia preparado. “Ayla deve ter apanhado essas raízes enquanto eu nadava”, disse para si mesmo.

Ele franziu a testa, olhando para as suas peles do outro lado da fogueira. Subitamente, deliciado, se levantou e as trouxe de volta para o vazio do lado de Ayla. Depois de esticá-las, foi buscar a trouxa que continha as suas ferra mentas e se lembrou da donii que tinha começado a esculpir. Sentou-se sobre a esteira que forrava o chão para as suas peles de dormir e abriu a trouxa de pele de veado.

Resolveu terminar a figura de mulher que começara a esculpir num pedaço de marfim de mamute. Talvez não fosse um grande escultor, mas não lhe parecia direito celebrar uma das mais importantes cerimônias da Mãe sem a presença de uma donii. Saiu da caverna trazendo alguns buris e a peça de mar fim.

Sentou-se no patamar, burlando, talhando, esculpindo, mas via que o marfim não estava adquirindo a forma bojuda e maternal pretendida. O que estava saindo era a figura de uma moça. Os cabelos que havia pensado em reproduzir ao estilo das velhas imagens de donii, tal como o da estatueta que dera de presente - representados por uma série de ranhuras cobrindo o rosto e parte das costas - sugeriam antes tranças. Trai muito apertadas que cobriam toda a cabeça, menos o rosto, deixado à mostra, mas sem feições defini das. Jamais um rosto fora esculpido numa donii. Ninguém suportaria a visão do rosto da Mãe. Ninguém o conhecia. A Mãe era ao mesmo tempo todas e nenhuma mulher.

Ele parou de trabalhar e olhou o rio nas duas direções, esperando vê-la, embora ela tivesse dito que queria estar sozinha. Será que ele lhe poderia dar prazer? Nunca duvidara de si quando o convidavam para atuar nos primeiros ritos nas reuniões de verão, mas as mocinhas lá conheciam os costumes e sabiam o que as aguardava, além de que contavam com as mulheres mais velhas para lhes explicar.

“Será que eu deveria explicar alguma coisa? Não. Você não saberia o que dizer, Jondalar. Mostre simplesmente a ela. Se Ayla não gostar de alguma coisa, logo ela dará a entender. A franqueza é um de seus traços mais encantadores. Nada de dissimulações. É alentador.

“Como será mostrar a dádiva do prazer para uma mulher sem fingimentos? Que não irá reprimir-se e nem fingirá gozos mentirosos?

“Por que seria Ayla diferente de uma outra mulher nos primeiros ritos? Porque, na verdade, ela não se parece com qualquer outra mulher em seus primeiros ritos. Ela já foi aberta com grande sofrimento. E se você, Jondalar, não conseguir superar o trauma dessa terrível iniciação? E se ela não puder usufruir dos prazeres? Se não for capaz de fazê-la sentir? Tinha de encontrar uma maneira que apagasse tudo de sua memória... Se eu pudesse atrair Ayla para mim, se conseguisse vencer a sua resistência e capturar o seu espírito.

“Capturar o seu espírito?”

Ele olhou para a estatueta em sua mão. De repente, a sua cabeça pôs-se a trabalhar rapidamente. Qual a razão de se colocar a figura de um animal nu ma arma ou pintá-lo nos muros sagrados? Não era para estar perto do espírito da Mãe? Para vencer a sua resistência e capturar a sua essência?

“Não seja ridículo, Jondalar. Você não pode capturar o espírito de Ayla dessa maneira. Não seria direito. Nunca alguém pôs um rosto numa donii. A figura humana jamais foi reproduzida... a imagem seria para capturar a essência do espírito. Mas de quem ficaria ele cativo? Ninguém deve manter o espírito de outra pessoa prisioneiro. E se você der a donii para Ayla? Ela teria o seu espírito de volta, não é? Se você o conservasse só por algum tempo e de pois lhe devolvesse... mais tarde, quando...

“Mas se você puser o rosto dela na estatueta, isso não vai transformá-la numa donii? Você já chega quase a acreditar que ela seja uma, com esse seu poder de encantar animais e curar pessoas. Se Ayla for uma donii, talvez ela queira capturar o seu espírito. E isso seria tão mal assim?

“Na verdade, você quer ficar com uma parte do espírito dela, Jondalar. A parte que sempre fica nas mãos daquele que faz a obra. E você quer essa parte, não é?

“Oh, Mãe! Seria isso algo tão terrível? Pôr o rosto dela numa donii?”

Ele se pôs a olhar a figura de marfim que estava esculpindo. Então, resolveu. Apanhou o buril e começou a dar forma a um rosto, um rosto conhecido seu.

Ao terminar, suspendeu a estatueta e vagarosamente girou-a na mão. Um escultor de verdade teria feito melhor, mas não estava mal. Parecia com Ayla. Não propriamente com a sua aparência real, seria antes como era percebida, ou melhor, como ele a percebia. Voltou para a caverna e tentou achar um lugar para colocá-la. A donii devia ficar por perto, mas não queria que Ayla a visse por enquanto. Decidiu enfiá-la numa dobra da trouxa de couro que viu junto da parede próxima à cama de Ayla.

Tornou a sair e foi olhar a vista da ponta do patamar. Por que estaria demorando tanto? Os seus olhos bateram nos dois bisões que se achavam lado a lado no chão do patamar. “Eles podem esperar”, pensou. As lanças e os atiradores estavam encostados contra a parede, perto da entrada. Resolveu levá-los para dentro. Nisso, ouviu o barulho de pedregulhos caindo no chão. Ele se voltou.

Ayla apertou o cinto sobre a sua roupa nova, pendurou o amuleto no pescoço e puxou os cabelos para trás da orelha. Apenas os escovara, pois ainda não se

achavam bem secos. Pegou, então, a roupa suja e começou a subir o caminho para a caverna.

Mais ou menos tinha alguma noção do que Jondalar queria dizer com primeiros ritos. Estava comovida por ele ter vontade de fazer e compartilhar de alguma coisa com ela. Não achava que a cerimônia seria de todo mim. Mesmo Broud, depois das primeiras vezes, já não machucava mais. Se o sinal dos homens era para as mulheres que gostavam, será que isso significava que Jondalar começava a interessar-se por ela?

Ao chegar no patamar, ela foi interrompida em seus pensamentos por qualquer coisa fulva passando rapidamente diante de seus olhos.

- Para trás, Ayla - gritou Jondalar. - Para trás! É um leão da caverna!

Jondalar, na boca da entrada, segurava uma lança, pronto para atirar no imenso leão que estava agachado, em posição de saltar, e com rosnados baixos de garganta.

- Não! - Não, Jondalar! - gritou Ayla, correndo e se colocando entre os dois.

- Ayla, por favor! Oh, Mãe, não permita isso! - berrou Jondalar, quando ela se pôs na frente dele, barrando o ataque do leão.

Ayla fez um gesto incisivo de comando e gritou na língua gutural dos clãs:

- Pare!

A fera colossal desviou o seu salto e veio aterrissar nos pés de Ayla, pondo-se, em seguida, a esfregar a sua fantástica cabeçorra na perna dela. Jondalar estava completamente paralisado.

- Neném! Oh, Neném! Você voltou - dizia Ayla por gestos. Então, sem mostrar qualquer hesitação, sem a menor sombra de medo, passou os braços ao redor do gigantesco pescoço.

Neném a jogou no chão, da maneira mais delicada que pôde. Jondalar observava, de boca aberta, o maior leão que já vira, rodear a mulher com as suas patas dianteiras, no que ele imaginava fosse um abraço leonino. Com a sua língua áspera, a fera pôs-se a lamber as lágrimas salgadas do rosto de Ayla, começando já a ficar esfolado.

- Chega, Neném, ou eu vou acabar sem cara - ela se sentou e procurou pelos lugares atrás das orelhas e ao redor do pescoço, escondido pela juba, onde ele adorava ser coçado. Depois se virou de costas e, soltando grunhidos de satisfação, ofereceu a garganta às carícias de Ayla. - Acho que nunca mais vou voltar a vê-lo, Neném - falou ela, quando o leão outra vez virou de barriga para baixo. Ayla não se lembrava dele tão grande. Parecia um pouquinho mais magro, mas saudável. Também estava com cicatrizes novas. Devia estar lutando pelo seu território e, certamente, vencendo. Neném a enchia de orgulho.

O leão, novamente voltando a reparar na figura de Jondalar, rosnou.

- Não rosne para ele! Esse é o homem que você trouxe para mim. Você tem a sua companheira... a essas alturas já deve ter até várias.

Neném se levantou, deu as costas para Jondalar e se encaminhou para onde estavam os bisões.

- Você se importa se eu der um para ele? - perguntou ela, dirigindo-se a Jondalar. - Temos carne demais.

Jondalar continuava ainda atônito, com a lança na mão e de pé na entrada da caverna. Quando foi responder, a sua voz saiu como um guincho, antes de voltar ao normal.

- Importar? Está perguntando se eu me importo? Dê os dois. Dê tudo que ele quiser.

- Neném não precisa dos dois - ela dizia o nome numa língua que Jondalar não conhecia, mas imaginava que fosse o nome do leão. - Não, Neném! A novilha não! - ordenou Ayla por gestos e sons que deixaram Jondalar em dúvida se realmente aquilo se tratava de uma língua. De repente ele soltou uma exclamação. Ayla estava tirando um dos bisões da boca do leão e empurrando-o na direção do outro. Neném segurou, com as suas imensas garras, o bezerro pelo pescoço sem cabeça e saiu arrastando-o pelo patamar. Aferrado à presa, começou a descer pelo seu muito conhecido caminho.

- Agora mesmo eu volto, Jondalar - disse Ayla. - Huiin e Campeão podem estar lá embaixo e não quero que Neném assuste o potro.

Jondalar ficou observando Ayla seguindo o leão, até que ela sumisse de sua vista na curva do penhasco. Depois reapareceu no vale, caminhando despreocupadamente ao lado do leão que arrastava o bisão sob o seu corpo.

Ao chegarem no bloco de pedra, Ayla parou e tomou a abraçar o animal. Neném soltou o bisão. Do alto do patamar, Jondalar, abanando a cabeça, sem acreditar nos seus olhos, viu Ayla montar no lombo da fera descomunal, estender os braços e segurar a juba dourada. Então, colada ao corpo do animal e com a cabeleira esvoaçando para trás, disparou num galope desenfreado pelo vale. Depois Neném foi diminuindo os passos e voltou ao ponto de partida. Ali, pegou outra vez o bisão e foi embora com ele arrastado por entre as per nas. Ayla ficou parada, seguindo-o com os olhos. Bem ao longe, no meio da campina, o leão mais uma vez largou o bisão e começou a fazer uma série de grunhidos - bem conhecidos de Ayla - que foram crescendo e transformando-se em estrondosos rugidos, tão fortes que os ossos de Jondalar chegavam a estremecer.

Depois que o leão se foi, ele respirou fundo e, com as pernas bambas, procurou uma parede para se encostar. Estava assombrado e um pouco temeroso também. Que mulher era aquela? Que espécie de mágicas eram as suas? Pássaros ainda vá lá. Até cavalos ainda passava. Mas um leão da caverna? O maior que ele já vira em toda a sua vida.

Será que ela era... uma donii? Quem, a não ser a Mãe, poderia dobrar os animais à sua vontade? E o que dizer dos seus poderes de curar? Ou de sua capacidade extraordinária para aprender a falar? Tinha, é verdade, um sotaque diferente, mas já havia aprendido quase tudo quanto ele sabia de mamutoi e também algumas palavras em sharamudoi. Seria a própria Mãe que estava ali na forma de Ayla?

Ele lhe ouviu os passos subindo pelo caminho e teve um estremecimento de medo. Se Ayla chegasse lá naquele momento e declarasse ser uma encarnação da Mãe, ele teria acreditado piamente. No entanto o que viu foi uma mulher descabelada e com lágrimas escorrendo pelo rosto.

- O que aconteceu? - perguntou. Os seus medos fantasiosos logo sumiram, cedendo lugar à ternura.

- Por que tenho de perder todos os meus filhinhos? - falou Ayla, chorando.

- Os seus filhinhos? - disse Jondalar, empalidecendo. - Aquele leão era seu filho? - muito assustado, lembrou-se de quando lhe parecera ter escutado o choro da Mãe, a Mãe de todos os seres da Terra.

- Sim- Primeiro foi Durc, e agora Neném.

- É esse o nome do leão?

- É. Significa bebezinho - respondeu, procurando se fazer entender.

- Bebezinho?! Esse leão descomunal, o maior leão que já vi na minha vida.

- Eu sei - um sorriso de orgulho maternal brilhou em meio às lágrimas. - Sempre me preocupei para que houvesse bastante comida para ele. Neném não foi criado no meio de outros leões. Quando eu o achei, ele era pequenininho, por isso eu comecei a chamá-lo de Neném e assim foi ficando porque eu não tive tempo de pensar num outro nome para lhe dar.

- Você achou o leão? - perguntou Jondalar ainda hesitante.

- Os outros leões abandonaram o pobrezinho para morrer. Acho que foi pisado por um veado num dia em que eu estava espantando uma manada na direção de minha armadilha. Brun, às vezes, me deixava levar bichos para dentro da caverna quando eles estavam feridos e precisando ser tratados. Mas os carnívoros ele nunca permitiu. Eu não pretendia trazer o leão, Só fiz isso quando vi que as hienas estavam querendo apanhá-lo. Então peguei a minha funda, espantando as desgraçadas, e trouxe Neném para cá.

Com um olhar distante e sorrindo ligeiramente, ela prosseguiu:

- Neném era tão engraçado quando pequeno... sempre estava me fazendo rir. Mas eu gastava um tempo enorme caçando para ele. Foi só no segundo inverno que começamos a caçar juntos. Nós três: eu, ele e Huiin. Eu não via Neném desde... - subitamente ela se lembrou do dia em que o vira pela última vez. - Oh, Jondalar, eu sinto muito. Neném é o leão que matou o seu irmão. Mas se tivesse sido um outro, eu nunca teria conseguido tirá-lo de lá.

- Você é a donii! - exclamou Jondalar. - Foi você quem apareceu no meu sonho! Bem que achava ter visto uma donii chegando para me conduzir ao outro mundo e afastando de mim um leão.

- Você deve ter recobrado um pouquinho os sentidos neste momento, Jondalar. Mas depois, quando eu fui

removê-lo, você desmaiou, provavelmente de dor. Eu tinha de tirá-lo de lá o mais depressa possível. Neném, às vezes, é um pouco burro, mas não faz por mal. E uma coisa que não pode evitar. Ele não iria machucar-me, mas a leoa podia aparecer a qualquer momento.

Jondalar abanava a cabeça, assombrado e incrédulo.

- Você realmente caçava com um leão?

- Era o único jeito que eu tinha para arrumar comida para ele. No princípio, Neném não conseguia matar sozinho os animais. Ele só os derrubava e eu chegava montada em Huiin para matar a caça com a minha lança. Não sabia que se podia atirar uma lança. Depois que Neném ficou maior, passou a matar os animais. Quando eu queria guardar o couro ou ficar com parte da carne, antes que ele começasse a comer, eu pegava para mim.

- Como fez agora com o bisão. Você não sabe que é perigoso tirar carne da boca de uma fera? Já vi leões matando as suas próprias crias por causa disto!

- Eu também. Mas Neném é diferente, Jondalar. Ele não foi criado junto de outros leões. Cresceu aqui comigo e Huiin. Nós caçávamos juntos... ele foi acostumado a dividir tudo comigo. Mas estou feliz por ter encontrado uma leoa, e assim poderá levar a vida de um verdadeiro leão. Huiin passou algum tempo vivendo com outros cavalos, mas ela não estava feliz e voltou.

Ayla abanou a cabeça e abaixou os olhos.

- Isso não é verdade. Eu é que gostaria de acreditar que fosse. Acho que Huiin estava feliz com a sua manada e com o seu garanhão, mas eu me sentia triste. Fico tão feliz por ela ter querido voltar depois que o seu garanhão morreu.

Ayla pegou a sua roupa suja e se encaminhou para a caverna. Jondalar, reparando que ainda empunhava a lança, encostou-a na parede e foi atrás dela. Ayla estava

pensativa. A volta de Neném havia despertado muitas lembranças. Ela olhou para o pernil do bisão assando, girou o espeto e atiçou as brasas. Em seguida, apanhou o odre, feito do estômago de um onagro, que estava pendurado num poste, despejou água numa cesta de cozinhar e botou algumas pedras para esquentar na fogueira.

Jondalar, ainda atordoado com a visita de Neném, observava-a. Havia si do assustador ver aquele imenso leão saltando para o patamar, mas muito mais ainda a maneira como Ayla dominou a gigantesca fera. Se ele contasse, ninguém lhe acreditaria.

Olhando-a, percebia que havia qualquer coisa diferente nela. Eram os cabelos soltos. Lembrou-se da primeira vez que a vira assim, com a cabeleira dourada brilhando ao sol. Ela vinha da praia e ele a viu por inteiro, em toda a sua nudez, com os cabelos soltos e na magnificência de seu corpo.

- ...foi bom ter encontrado Neném outra vez. Esses bisões deviam estar em seu território. Ele certamente sentiu o cheiro do sangue e pegou o rastro deles. Neném ficou surpreso de vê-lo aqui. Não sei se ele ainda se lembrava de você. Como foi apanhado naquela garganta sem saída?

- Han? Desculpe, o que você estava dizendo?

- Estava perguntando como você e o seu irmão foram apanhados naquela garganta com Neném? - falou olhando para ele. Ela ficou vermelha ao dar com os luminosos olhos cor de violeta que a fitavam atentamente.

Com esforço, Jondalar prestou atenção ao que Ayla lhe perguntava.

- Nós estávamos à espreita de um veado que uma leoa também estava de olho. Quando Thonolan conseguiu matá-lo, ela pegou a caça e Thonolan foi atrás. Eu lhe disse que deixasse a leoa ficar com o

veado, mas ele não me quis ouvir. Nós vimos quando ela entrou e saiu da garganta. Thonolan achou que podia recuperar a lança e um bocado da carne antes que a leoa voltasse. Mas o leão que estava lá não pensava a mesma coisa.

Jondalar fechou os olhos por um instante.

- Não posso culpá-lo. Era estúpido ir atrás daquela leoa, mas eu não consegui impedi-lo. Thonolan sempre foi imprudente, mas depois da morte de Jetamio já não era só imprudência. Ele queria morrer. Hoje já nem sei se deveria ter ido atrás dele.

Vendo que Jondalar ainda sentia a morte do irmão, mudou de assunto.

- Não vi Huiin no vale. Ela deve estar com Campeão nas estepes. Nos últimos tempos tem ido sempre para lá. A maneira como você ajeitou as correias ao redor de Campeão funcionou muito bem, mas talvez nem fosse preciso mantê-lo atado a Huiin.

- A corda estava muito comprida. Achei que pudesse ficar presa em alguma planta, mas serviu para segurar os dois. Isso pode ser feito novamente nas outras vezes que você quiser que eles fiquem só num lugar. Pelo menos com Campeão, porque Huiin sempre fica onde você quer, não é?

- Acho que sim. Mas é porque também ela quer. Huiin conhece os meus desejos. Já com Neném, eu vou para onde me quiser levar... mas com ele, eu vou voando - os seus olhos brilhavam com a lembrança do último passeio. Cavalgar um leão era sempre emocionante.

Jondalar lembrou-se da figura dela, agarrada ao lombo do animal e com os cabelos esvoaçando, mais dourados que a juba fulva do lego. Chegara a ter medo dela, mas um medo excitante como ela: selvagem, bela e livre.

- Você é uma mulher excitante, Ayla - falou ele. Os olhos lhe confirmavam as palavras.

- Excitante? Excitante é... o atirador de lanças e montar em Huiin ou em Neném, não é isso? - disse, corando.

- É. E assim é você para mim, Ayla. Excitante e linda.

- Jondalar, você está brincando. O que é lindo é uma flor ou o céu quando o sol começa a cair sobre a borda da terra. Eu não sou linda.

- Uma mulher não pode ser linda?

Ela virou o rosto, fugindo da intensidade do seu olhar.

- Eu... eu não sei. Mas não sou linda. Sou... grande e feia.

Jondalar levantou-se, e a puxou pela mão para que se levantasse também.

- Agora me diga. Quem é maior?

Tão junto dela, ele estava irresistível. Novamente havia feito a barba. Só de muito perto se via os pêlos cortados rentes à pele. Ela tinha vontade de tocar naquele rosto que conseguia ser sedoso e áspero ao mesmo tempo. Os olhos dele pareciam enxergá-la por dentro.

- Você - sussurrou.

- Então, não é tão grande assim, é? E você também não é feia, Ayla - disse com um sorriso que apenas os olhos revelavam. - Chega a ser engraça do: a mulher mais linda que já vi na vida pensa que é feia.

Estava tão perdida naqueles olhos que a mantinham prisioneira e tão entregue às emoções de seu corpo, que ela ouvia as palavras, mas não as entendia.

Jondalar inclinou-se para beijá-la e a envolveu nos braços, apertando-a contra o seu corpo.

- Jondalar - falou, suspirando - eu gosto disso... de boca na boca.

- Beijo, Ayla. Acho que chegou o momento - resolveu, tomando-lhe a mão e a conduzindo na direção

das peles de dormir.

- Momento?

- Primeiros ritos.

Os dois se sentaram sobre as peles.

- Que espécie de cerimônia é esta?

- É a cerimônia que toma a moça numa mulher. Não lhe posso dizer muita coisa sobre isso. Em geral, as mulheres mais velhas contam para as mocinhas o que vai acontecer com elas. Falam, por exemplo, que os primeiros ritos são sempre dolorosos, mas que é uma coisa necessária para abrir a passagem que fará dela uma mulher. Um homem é escolhido para essa ocasião. Os homens gostam de ser escolhidos, mas alguns ficam com medo.

- Medo de quê?

- Medo de que possam machucar a mulher, medo de que sejam desastrados, medo de que não sejam capazes e medo de que a sua virilidade não se levante.

- É assim que você chama o órgão do homem? Há tantos nomes para isso.

- É verdade, há muitos nomes - falou ele, pensando numa série, alguns vulgares, outros pitorescos.

- Qual o verdadeiro nome?

- Virilidade, acho eu. Fazedor de mulher é um outro - disse, depois de pensar um momento.

- O que acontece se a virilidade não se levanta?

- O homem será substituído por um outro.. . é muito embaraçoso. Mas quase todos desejam ser escolhidos para a primeira vez de uma mulher.

- Você gosta de ser escolhido?

- Gosto.

- Porquê?

Jondalar sorriu, sem saber se todas aquelas perguntas eram por simples curiosidade ou se porque ela estava nervosa.

- Acho que é porque gosto disso. A primeira vez de uma mulher é algo muito especial para mim.

- Jondalar, como podemos ter uma cerimônia de primeiros ritos, se essa não é a minha primeira vez e eu já estou aberta?

- Eu sei. Mas os primeiros ritos não se limitam apenas a abrir a mulher.

- Não entendo. O que mais pode haver?

Ele sorriu e chegou para mais perto, pondo a boca sobre a dela. Ayla inclinou o corpo para junto do dele, mas assustou-se. Jondalar tinha a boca aberta, procurando introduzir a língua dele na sua boca. Ela recuou.

- O que está fazendo?

- Você não gosta? - ele tinha a testa franzida, preocupado.

- Não sei.

- Quer tentar outra vez para ver? “Vá com calma”, disse Jondalar para si mesmo. “Não se apresse.” Por que você não se deita e relaxa?

Ele, delicadamente, puxou-a para as peles e se esticou ao seu lado, apoiado sobre o cotovelo. Por alguns instantes, ficou olhando-a, depois voltou a pôr a boca sobre a dela. Esperava que a tensão desaparecesse. Então começou a acariciar-lhe os lábios com a língua, num roçar leve e tremeluzente. Ao suspender a cabeça, viu-a sorrindo de olhos fechados. Ela esticou o pescoço que rendo alcançá-lo. Ele a beijou com mais pressão, de boca aberta. Quando a sua língua procurou penetrar, lhe encontrou a boca aberta, pronta para recebê-la

- Sim, acho que eu gosto.

Jondalar sorriu. Ayla analisava, provava, experimentava. Ele se sentia feliz por ver que estava passando pela prova.

- E agora? - perguntou ela.

- Mais da mesma coisa?

- Sim.

Ele tomou a beijá-la, docemente explorando os lábios, o céu da boca e por baixo da língua. Em seguida, percorreu o contorno do rosto, encontrando a orelha, bafejando-a com o seu hálito quente e mordiscando-lhe o lóbulo. Depois de explorar-lhe a garganta com a língua e cobri-la de beijos, voltou novamente à boca.

- O que é isso que me faz tremer, como se eu estivesse com febre? Não de doença, é como... um arrepio delicioso.

- Neste momento, você não tem de ser uma curandeira. Não é doença. - ele fez uma pausa. - Se está com calor, por que não abre a roupa, Ayla?

- Não é preciso. Não estou com tanto calor assim.

- Você se importaria se eu abrisse para você?

- Por quê?

- Porque eu gostaria - ele voltou a beijá-la, enquanto procurava desfazer o nó da correia que fechava a roupa dela. Não teve sucesso. Estava certo de que este detalhe iria render muita conversa.

- Eu abro - murmurou ela, quando parou de beijá-la. Rápido, Ayla desatou o nó e arqueou o corpo para se desvencilhar da correia. A roupa caiu para os lados. Jondalar perdeu a respiração.

- Oh, mulher! - era uma voz rouca, impregnada de desejos. Ele sentiu que a sua virilidade se estirava. - Ayla... oh, Doni, que mulher! - Com fúria, beijou-lhe a boca entreaberta, enterrando, em seguida, o rosto no seu pescoço e lhe chupando ardorosamente a pele. Ofegante, afastou-se, vendo a marca vermelha que fizera. Então respirou fundo, procurando controlar-se.

- Alguma coisa errada? - perguntou Ayla, com a cara franzida.

- Não. Apenas o meu desejo por você é muito grande e eu quem fazer as coisas direito, mas não sei se vou conseguir. Você é... tão bonita, tão mulher.

O rosto de Ayla se abriu num sorriso.

- Tudo que você fizer será direito, Jondalar.

Ele beijou-a com calma, desejando mais do que nunca lhe dar prazer. Acariciou-lhe o lado do corpo, sentindo o seio rígido e farto, a cava da cintura, o quadril fazendo uma suave curva e a coxa forte com a musculatura retesada. Ela tremia sob os toques acariciantes. A mão dele subiu, penteando os anéis dourados do púbis, roçando pelo estômago e encontrando o seio intumescido. O mamilo endureceu sob a sua palma. Depois de beijar a minúscula cicatriz na base da garganta, trouxe a boca para o outro seio e lhe sugou o bico.

- É diferente quando um bebê faz isso - falou ela.

O clima fora rompido. Ele se sentou, achando graça.

- Não se espera que você analise tudo isso, Ayla.

- Bom, é que quando um bebê suga, a sensação é diferente e eu não entendo por quê - disse como quem se põe um pouco na defensiva.

- Você não gosta? Não farei se não quiser.

- Eu não disse que não gosto. Quando um bebê chupa é bom e também é bom quando é você quem faz, só que não é a mesma coisa. Com uni bebê não acontecem as sensações que você provoca dentro de mim.

- Aí está porque o homem gosta de fazer isso. Para dar à mulher, e a ele também, essas sensações. Por isso quero acariciá-la, para dar prazer a você e a mim. Essa é a dádiva do prazer que a Mãe concede aos seus filhos. Ela nos criou para conhecermos os prazeres. Quando aceitamos a sua dádiva, estamos lhe prestando uma homenagem. Você permite que eu lhe dê prazer, Ayla?

Ele olhava para ela. Os cabelos dourados espalhavam-se sobre as peles, emoldurando-lhe o rosto. Os olhos dilatados, escuros, aveludados, brilhando com as chamas acesas em seu interior, transbordavam mil

desejos. Os lábios tremiam. Ela os entreabriu para responder, mas fez apenas um gesto com a cabeça, condescendendo.

Ele beijou um e depois o outro olho. Havia unia lágrima. Com a ponta da língua provou-lhe o gosto salgado. Ela abriu os olhos e sorriu. Ele pousou um beijo na ponta do nariz, na boca, e um em cada seio. Então levantou-se.

Ayla o viu caminhar para a fogueira, tirar o espeto do fogo e afastar das brasas as raízes enroladas em folhas. Ela esperava. Não pensava em nada, apenas se via na expectativa. De quê? Não o sabia. Ele lhe dera algo que jamais imaginou o seu corpo ser capaz de sentir. No entanto, havia também desperta do o desejo de qualquer coisa indizível.

Jondalar encheu uma cuia com água e trouxe para perto das peles.

- Eu não quero que nada nos interrompa. Imaginei que talvez você quisesse um pouco de água.

Ela recusou com a cabeça. Ele tomou um gole, botou a cuia de lado, desatou o cordão que lhe prendia a tanga e ficou olhando-a com a sua prodigiosa virilidade em plena ereção. Nos olhos dela havia apenas desejo. Nenhuma desconfiança, nada do medo que muitas vezes o tamanho de seu órgão inspirava às mocinhas - e também a outras não tão mocinhas quando o viam pela primeira vez.

Ele se deitou do seu lado, arregalando os olhos com a visão dela. A cabeleira sedosa, farta, exuberante. Os olhos desejosos e expectantes. O corpo magnífico, toda ela linda, esperando pelas suas carícias, esperando que ele despertasse as sensações que sabia estar lá. Queria que demorasse, que fosse lento esse primeiro despertar da consciência. Nunca o desabrochar de uma mocinha em seus primeiros ritos o havia deixado tão excitado como agora. Ayla não sabia pelo que esperava. Jamais

alguém lhe falara com detalhes o que estava por acontecer. Até então, não passava de uma mulher de quem se tinha abusado.

"Oh, Doni, ajude-me a fazer a coisa certa", pensou. Por um momento sentia-se como se tivesse diante de si uma terrível empreitada e não as deliciosas alegrias do prazer.

Ayla deitava-se imóvel, sem mexer um músculo, mas tremente. Era como se esperasse há séculos por uma coisa que não sabia como designar, mas que Jondalar lhe podia dar. Bastava o olhar dele para se sentir tocada por dentro. Ela não sabia explicar que efeitos eram aqueles de pulsações, latejamentos que as mãos e língua de Jondalar provocavam, mas ansiava por tê-los, com uma exigência cada vez maior. Sentia-se incompleta, ainda por ser terminada. Somente depois que ele a fizera provar, soube de sua fome e, uma vez despertada, tinha de ser satisfeita.

Depois dos olhos estarem bem saciados da figura de Ayla, ele os fechou, pondo-se novamente a beijá-la. Ela tinha a boca entreaberta, aguardando. Atraiu para o seu interior a língua irrequieta dele e, hesitante, testou a sua. Jondalar ficou quieto, e sorriu encorajando-a. Levou aos lábios uma madeixa grossa e lustrosa e, em seguida, esfregou o seu rosto contra a cabeleira espessa e macia. Beijou-a na testa, nas faces, nos olhos, querendo conhecê-la por inteiro.

Achou-lhe a orelha, e o seu hálito quente mais uma vez fez-lhe percorrer pelo corpo os arrepios prazerosos. Mordiscou o lóbulo e o chupou. Achou-lhe os sensíveis nervos do pescoço e da garganta, através deles excitando as partes internas ainda não tocadas. Suas mãos grandes, sensíveis e expressivas, exploravam sentindo a textura dos cabelos, empalmando o rosto, percorrendo os contornos do ombro e do braço. Quando lhe tocou a mão, ele a trouxe à boca. Beijou a palma,

acariciou cada dedo e explorou a parte de dentro do braço.

Os olhos de Ayla estavam fechados, estremencendo-se ao ritmo de suas sensações. Mais uma vez os beijos calorosos dele encontraram a cicatriz na garganta, para depois descerem pelo rego entre os selos e se dirigirem à parte inferior de um deles. Com a língua, ele se pôs a rodeá-lo com círculos cada vez menores, até que lhe sentiu a pele eriçar quando a aréola foi tocada. Ao sorver-lhe o mamilo, Ayla arfou pesadamente e ele sentiu um jato quente nas suas virilhas palpitantes.

O movimento da língua se rivalizava com o da mão que acariciava o outro seio, com o mamilo duro e ereto sob os seus dedos. Ele chupava mansamente, mas vendo-a arquear-se para vir ao seu encontro, passou a sugá-la mais intensamente. Ela estava ofegante, gemendo baixinho. O ritmo dele se fazia em sintonia com as exigências dela. Ele não estava muito certo se conseguiria agüentar-se. Parou e olhou-a. Os olhos estavam fechados e a boca aberta.

Teve vontade de possuí-la toda, naquele instante mesmo. Beijou-lhe a boca, trazendo a sua língua para junto da dele. Ao soltá-la, ela, seguindo-lhe o exemplo, fez o mesmo, sentindo o calor de seu hálito. Ele procurou novamente pela garganta e riscou o outro seio com círculos úmidos até alcançar o mamilo. Ela levantou o corpo pedindo e estremeceu ao se sentir arrebatadamente sorvida.

A sua mão acariciou a barriga, os quadris, a perna, depois procurou pela parte de dentro da coxa. Os músculos encresparam-se tensos, mas logo ela se parou as pernas. Ao empalmar o púbis de caracóis fulvos, ele sentiu uma súbita umidade morna. A resposta se fez sentir numa contração da virilha que o pegou de surpresa. Ele ficou imóvel, lutando para controlar-se, já

quase sem agüentar-se, quando sentiu um novo jato de umidade.

Sua boca desprendeu-se do mamilo para vir circular ao redor da barriga, do umbigo. Antes de descer para o púbis, ele olhou-a. Ayla arfava, gemendo baixinho, com as costas arqueadas e os músculos distendidos, aguardando ansiosamente. Ela estava pronta. Ele beijou a parte de cima do púbis, sentindo-lhe a penugem crespa e, lentamente, foi abaixando. Ayla tremia. De repente soltou um grito e pulou, sentindo a língua dele no alto da estreita fenda de seu púbis. Depois, geme a deitar-se.

A sua virilidade latejava, ansiosa, impaciente, quando ele mudou de posição para se pôr entre as pernas dela. Abriu-lhe as dobras e a provou num longo e amoroso beijo. Ayla não podia se escutar, perdida num mar de sensações deliciosas que lhe percorriam o corpo, enquanto Jondalar explorava cada uma de suas reentrâncias e saliências.

Ele se concentrava nela para manter sob controle as suas imperiosas exigências. O nódulo lá estava: pequenino, ereto. O centro dos prazeres. Ele o excitou com movimentos firmes e rápidos. Temia ter chegado aos limites de sua capacidade para controlar-se, quando a viu, em meio a arfadas e contorções, atingir o êxtase nunca experimentado. Então penetrou-a com dois dedos, fazendo pressão no interior da passagem úmida e quente.

Subitamente Ayla arqueou o corpo e gritou. Novamente ele lhe provou o gosto. As mãos dela abriam e fechavam convulsivamente, acenando em movimentos inconscientes que acompanhavam o ritmo da respiração ofegante.

- Jondalar... Oh, Jondalar, eu preciso... preciso de você.. . preciso de uma coisa.

Ele estava de joelhos, com os dentes cerrados, procurando conter-se e penetrar cuidadosamente.

- Estou tentando... não machucá-la - falou ele penosamente.

Mas... você não me machuca.

Era verdade! Aquela, de fato, não era a primeira vez de Ayla. Quando ela levantou o corpo para recebê-lo, ele se permitiu entrar. Nenhuma barreira. Penetrou mais um pouco, esperando achar algum empecilho, mas contrariamente se sentiu atraído para o interior, para as profundezas úmidas e regurgitantes que se iam abrindo e envolvendo-o até que, para sua surpresa, viu que ela o absorvia integralmente. Ele se afastou e tomou a mergulhar. Ela abraçava-o com as pernas, puxando-o. Quando ele retirou-se para penetrar de novo, percebeu que a passagem deliciosamente palpitante acariciava o seu membro em toda a sua extensão. Era fantástico demais. Com total abandono, ele bombeava seguidamente, por uma vez na vida, entregando-se à satisfação integral de seus desejos.

- Ayla. - Ayla! Ayla! - gritava.

A tensão caminhava para o paroxismo. Ela a sentia em suas virilhas. Mais uma vez retirou-se. Ayla, com todos os seus nervos e músculos retesados, alçou o corpo para absorvê-lo. Ele se lançou a ela, entregando-se à volúpia deter a virilidade completamente enterrada nas cálidas e anelantes profundidades do corpo dela. Os dois se deram juntos. Ayla gritou-lhe o nome e Jondalar a satisfez até esgotar a última gota da essência de seu prazer.

Durante um instante eterno, no auge do indizível prazer que sacudia- lhes os corpos, os gritos baixos e cavos dele se puseram em harmonia com o seu nome soluçado em meio à respiração arquejante. Ele, então, perfeitamente relaxado, deixou-se desfalecer por cinta dela.

Por longo momento, apenas a respiração dos dois era ouvida. Não podiam mover-se. Haviam se dado

integralmente, num ato de amor que envolvera cada fibra de seus seres. Passado algum tempo, ainda não queriam sair de seus lugares, n queriam terminar, embora soubessem que estava acabado. Fora o despertar de Ayla. Ela nunca havia conhecido os prazeres que um homem tinha para oferecer-lhe. E acordá-la para o amor seria o prazer de Jondalar, mas Ayla lhe havia reservado uma inesperada surpresa: urna excitação muito maior do que ele imaginara.

Poucas mulheres possuíam profundidade para absorvê-lo por inteiro. Ele tinha aprendido a controlar a penetração, adequando-a à mulher, e o fazia com perícia e sensibilidade. Nunca mais se repetiria a mesma coisa: gozar as emoções dos primeiros ritos e ao mesmo tempo ter a rara e gloriosa satisfação de uma completa penetração. Era inacreditável.

Ele sempre punha grande empenho na celebração dos primeiros ritos. Qualquer coisa nesta cerimônia fazia despertar nele os seus mais belos senti mentos. Os cuidados que tomava e as preocupações que tinha eram sinceros. Os seus esforços se faziam no sentido de agradar à mulher e o seu prazer estava tanto no contentamento dela como no dele. Com Ayla, entretanto, havia tido prazer, uma satisfação que ia além de suas mais loucas fantasias. Nunca se sentira tão perfeitamente realizado. Por um momento pareceu que os dois se tornaram numa só pessoa.

- Devo estar pesando sobre você - falou ele, afastando-se um pouco para se apoiar sobre o cotovelo.

- Não - disse ela em voz baixa - você não está nem uni pouco pesado. Acho que gostaria que nunca mais se levantasse daqui.

Ele se curvou para lhe fazer uma carícia na orelha e beija-la no pescoço.

- Nem eu gostaria de me levantar, mas acho que vou precisar - sem pressa, ele desvencilhou o seu corpo do

dela, para ficar deitado ao seu lado, abraçando-a.

Ayla se via numa felicidade de sonho, completamente relaxada e com os sentidos todos voltados para Jondalar: o braço que a rodeava, os dedos levemente acariciantes, a musculatura do peito que se movia junto à sua face, as batidas do coração - que talvez fossem até as dela - e o odor quente e almiscarado da pele dele, misturando-se ao cheiro de seus prazeres. Nunca se vira tão mimada e acarinhada.

- Jondalar - falou, depois de algum tempo - como você sabe o que deve fazer? Nunca soube que houvesse estas sensações dentro de mim. Como conseguiu fazer isto?

- Foi uma pessoa que me ensinou. Ela me mostrou como se deve fazer para dar a uma mulher aquilo que ela precisa.

- Quem?

Ayla percebeu os seus músculos retesarem e uma mudança no tom da voz.

- Normalmente são mulheres mais velhas e experientes que ensinam estas coisas aos rapazes.

- Nos primeiros ritos deles?

- Não exatamente. Ë mais informal. Quando um rapazinho começa a ficar nervoso e indócil, em geral há uma mulher por perto que percebe e se dispõe ajudá-lo. Mas não é uma cerimônia.

- Nos clãs, quando um menino mata o seu primeiro animal grande, nu ma caçada de verdade, ele se toma homem e os seus ritos de passagem são então celebrados.

- Caçar para nós é importante, mas há homens que nunca caçaram em suas vidas. Eles têm outras ocupações. Eu, por exemplo, só caço porque gosto. Poderia fabricar ferramentas e negociá-las em troca de carne e couro. Mas a maioria dos homens caçam e o

primeiro animal que o garoto mata é sempre um acontecimento especial.

Jondalar passou a ter um tom evocativo em sua voz.

- Não existe propriamente uma cerimônia, mas o animal que o rapazinho matou é distribuído por todos os membros da Caverna. Ele mesmo não come nada, mas quando passa, as pessoas comentam umas com as outras, de modo que ele possa ouvir: que esplêndido animal, que carne mais macia e deliciosa! Os homens então começam a convidá-lo para se juntar às suas conversas e brincadeiras, e as mulheres a tratá-lo como homem e não mais como criança. Elas lhe dizem piadas simpáticas e, se for da vontade dele e se já estiver suficientemente desenvolvido, a maioria das mulheres se põe à sua disposição. Na verdade, esse primeiro animal faz com que o garoto comece a se sentir mais homem.

- Mas não há nenhuma cerimônia da passagem?

- Todas as vezes que um homem faz uma mulher, quando ele abre a sua passagem e deixa fluir dentro dela a força vital, ele está reafirmando a sua condição de homem. Por isso o seu instrumento, a virilidade, é chamada faze dor de mulher.

- Talvez ele não esteja só fazendo uma mulher, mas também um bebê.

- Ayla, é a Grande Mãe Terra quem abençoa a mulher com filhos. E ela quem põe a criança na casa de um homem. Doni criou os homens para que eles ajudem e sustentem as mulheres. Elas precisam disso quando estão pesadas com os seus filhos na barriga e também depois quando vão ter de dar de mamar e cuidar deles, também forma criou os homens para transformar as moças em mulheres. Eu não sei lhe explicar direito. Zelandonii talvez pudesse.

“É possível que Jondalar tenha razão”, pensou ela, aconchegando-se a ele. “Mas se não tiver, talvez um bebê esteja, neste momento, se formando dentro de

mim.” Ela sorriu. “Um bebê como Durc para eu ninar, cuidar, dar de mamar... um bebê que teria uma parte de Jondalar.”

“Mas, quando ele for embora, quem me irá ajudar?”, perguntou-se, com uma pontada de angústia. Lembrou-se de sua gravidez anterior, do mal que passou e de sua luta contra a morte durante o parto. “Se não fosse Iza, não estaria viva. E mesmo que eu desse jeito de ter um bebê sozinha, como iria conseguir caçar e tomar conta dele ao mesmo tempo? Se eu me ferisse.., ou até morresse, quem iria cuidar do meu bebê? Ele morreria sozinho.”

“Não. Não posso ter outro bebê agora! E se ele já tiver sido começado? O que vou fazer? O remédio de Iza! Há um que é feito de tanásia e outro de visco. Não, visco não serve, Só cresce nos pés de carvalho e aqui não há pés de carvalho. Mas há muitas outras plantas que servem. Vou ter de pensar nisso. Pode ser perigoso, mas é melhor perder um bebê agora do que perda-lo para uma hiena mais tarde.”

- O que está acontecendo, Ayla? - perguntou Jondalar, empalmando um dos seios dela. O tamanho de sua mão lhe permitia fazer isso e ele gostava.

- Nada está acontecendo - ela se inclinou na direção dele, lembrando- se de suas carícias.

Jondalar sorriu, pensando na sua satisfação e já se sentindo outra vez excitado. “Daqui a pouco”, falou para si mesmo. “Acho que ela tem o toque de Haduma.

Ayla percebeu-lhe os olhos desejosos e acariciantes. “Talvez ele queira gozar dos prazeres novamente comigo”, pensou, devolvendo-lhe o sorriso. Súbito, a alegria sumiu de seu rosto. “Se o bebê ainda não foi formado, talvez ele se forme quando gozarmos novamente dos prazeres. Acho que vou ter de tomar do remédio secreto, o que Iza avisou para nunca ser mencionado.”

Ela se lembrou da ocasião em que Iza lhe falou da poção feita de raízes de sálvia e dama-entre-verdes. Duas plantas de mágica poderosíssima que davam força aos totens das mulheres para que elas expulsassem as essências impregnadas dos homens. Ela, então, estava no começo de sua gravidez. Iza nunca lhe havia falado antes deste remédio, pois ninguém imaginava que ela gerasse um bebê. Bom, com totem forte e tudo ela dera à luz uma criança, e era bem possível que tivesse outra. Pouco importava se fosse homem ou espírito que fizesse os bebês, o melhor era se prevenir e tomar o remédio que tão bem funcionou para iza. Antes isto do que ter de, mais tarde, tomar um outro para perder a criança.

"Gostaria de não precisar fazer isto. Queria poder conservar o bebê. Seria tão bom ter um rilho de Jondalar." O sorriso que ela deu foi tão temo e convidativo que ele a segurou, colocando-a por cima dele, O amuleto pendurado no seu pescoço bateu-lhe no nariz.

- Oh, desculpe, Jondalar. Machucou?

- O que você guarda dentro dessa coisa? Parece cheio de pedras! - dis se ele, sentando-se e esfregando o nariz. - O que é isso?

- É... para que o espírito de meu totem possa encontrar-me. Nesse saquinho está guardada a parte de meu espírito que ele conhece. Também estão guardados os avisos que me mandou. Todas as pessoas dos clãs têm um saquinho igual a este. Creb dizia que se eu o perdesse, morreria.

- É um amuleto ou talismã - falou Jondalar. - Essa gente de seus clãs entende dos mistérios do outro mundo. Quanto mais sei sobre este povo, mais fico convencido de que se trata realmente de gente, embora diferente de todo mundo que conheço - havia uma expressão de arrependimento em seus olhos. - Ayla, foi a minha ignorância que me fez comportar daquela

maneira quando soube o que você queria dizer com clãs. Foi uma vergonha e estou arrependido.

- Que foi uma vergonha foi. Mas eu já não estou mais zangada, nem aborrecida. Você me fez sentir... Eu queria também fazer uma cortesia. Jondalar, por tudo que aconteceu hoje, pelos primeiros ritos, eu queria lhe dizer... obrigada.

Ele sorriu.

- Acho que esta é a primeira vez que alguém me agradece por isso - em seu rosto havia um vestígio de sorriso, mas os olhos estavam sérios. - Se há alguém que deve agradecer, Ayla, sou eu. Obrigado. Você não pode imaginar o que me proporcionou. Só me realizei desta maneira com... - ele se interrompeu. Sua testa enrugava-se numa expressão de dor - Zolena.

- Quem é Zolena?

- Zolena já não existe. Era uma mulher que conheci nos meus tempos de rapaz - ele se deitou e se pôs a olhar para o teto da caverna em silêncio. Havia deixado passar tanto tempo que Ayla já pensava que não fosse mais falar. No entanto prosseguiu no tom de voz como se falando mais para si do que para ela. - Zolena era linda. Todos os homens só falavam dela e os meninos pensavam, mas nenhum tanto quanto eu, mesmo antes da minha doni ter me aparecido em sonho. Ela surgiu na forma de Zolena. Quando eu acordei, as peles de dormir estavam molhadas com a minha essência e a cabeça cheia da figura de Zolena.

“Eu me lembro que ficava seguindo.a ou, então, parado em algum lugar onde pudesse estar à sua espera, de vigia. Implorava para que a Mãe me desse Zolena. Quase não acreditei quando ela me procurou. Podia ter sido qualquer outra mulher, mas a única que eu queria era Zolena. Oh, como eu desejei esta mulher... e ela veio ao meu encontro.

“No princípio eu tratava apenas de gozar o meu prazer com ela. Já naquela época, era grande para a minha idade... sob muitos aspectos. Ela ensinou como poderia controlar-me, como poderia usar a minha virilidade e também o que é necessário para que a mulher tenha o seu prazer. Aprendi que podia gozar, mesmo que a mulher não tivesse muita profundidade. Era uma questão de me controlar e me manter o máximo possível do lado de fora, até que ela estivesse preparada. Desta forma, eu não precisaria de muita profundidade e a mulher poderia sentir mais.

“Com Zolena não precisava preocupar-me. Mas ela sabia também como fazer felizes os homens que tinham uma virilidade pequena. Para estes, possuía outros métodos. Não havia um homem que não desejasse Zolena e eu fui o escolhido. Depois de algum tempo, a sua escolha sempre recaía em mim, apesar de que eu fosse quase um menino ainda.

“Mas havia um homem na Caverna que vivia atrás dela. Ele sabia que não era desejado. Isso me deixava furioso. Quando nos encontrava juntos, perguntava a Zolena por que ela não arrumava um homem para variar. Ele era mais moço do que Zolena, mas velho do que eu e menor também.

Jondalar fechou os olhos e continuou falando:

- Foi tão estúpido! Nunca deveria ter feito aquilo. Só serviu para chamar mais atenção sobre nós. Mas o homem não a deixava em paz e sabia como botar o meu sangue fervendo. Um dia comecei a bater nele e não consegui parar.

“Dizem que não é bom que um rapaz fique só com uma mulher. Com muitas, há menos probabilidade dele se afeiçoar. Espera-se que a companheira de um rapaz seja uma mulher jovem. Às mais velhas compete apenas ensinar. Sempre se põe a culpa na mulher quando um rapazola se afeiçoa muito por ela. Mas no caso de Zolena

não poderiam culpá-la. Eu não queria nenhuma outra. Só ela me interessava.

“As outras mulheres me pareciam tão cruéis e insensíveis. Sempre provocando e ridicularizando os homens, principalmente os rapazinhos. Talvez eu me mostrasse insensível também. Costumava mandá-las embora, dizendo-lhes os piores nomes.

“São elas que escolhem os homens para os primeiros ritos. Todos querem ser escolhidos. Esse é o assunto preferido de qualquer roda de homens. Ë uma honra e é excitante, mas todos ficam preocupados. Têm medo de ser rudes demais ou então apressados, ou até coisa pior ainda. Para que serve um infeliz que não consegue nem abrir uma mulher? Todas as vezes que um homem passa por um grupo de mulheres tagarelando, o pobre coitado é alvo de suas troças.

- Ele fez uma voz de falsete, remedando:

- Olhe só que belezoca. Você não quer aprender umas coisinhas? Esse aí eu consegui ensinar, ninguém mais se candidata?

Então, com a sua voz normal, prosseguiu:

- A maioria dos homens aprendeu a responder e gostar de fazer piadas, tanto quanto elas, mas para um rapazinho a situação é difícil. Quando há um grupo delas rindo, nunca se sabe se é você que está sendo o motivo de suas chacotas. Zolena não era assim. As mulheres não gostavam muito dela. Talvez porque os homens gostassem demais. Em qualquer festa da Mãe ou festival, ela era sempre a primeira a ser escolhida.

“O homem em que eu bati perdeu diversos dentes. É horrível um rapaz muito moço ser obrigado a viver sem os seus dentes. O pobre coitado não podia mastigar e as mulheres não queriam saber dele. Depois eu me arrependi muito. Fui tão estúpido! A minha mãe o indenizou e ele acabou se mudando para uma outra

Caverna. Mas, nas reuniões de verão, eu sempre me encolho quando ele passa, para não ter de encontrá-lo.

“Zolena falava em servir à Mãe, e eu pensei, nesta ocasião, em me tornar também um servidor. Iria servi-Ia na qualidade de entalhador. Isso foi quando Marthona resolveu que talvez eu desse para ferramenteiro e mandou um recado para Dalanar. Pouco tempo depois, Zolena partiu para fazer o seu aprendizado e Willomar me levou para viver com os Lanzadonii. Marthona fez o melhor que tinha a fazer. Quando voltei, depois de três anos, Zolena já não existia mais.

- O que aconteceu com ela? - indagou Ayla, receosa.

- Os servidores da Mãe perdem a sua identidade e assumem as das pessoas por quem intercedem. Como retribuição, a Mãe lhes concede certas dádivas que são desconhecidas para o comum dos seus filhos. São dádivas como a da magia, do talento, da sabedoria... e da força. Muitos daqueles que vão servi-la não conseguem ultrapassar a condição de acólitos. Dentre aqueles que recebem o seu chamado, poucos são verdadeiramente talentosos, mas estes sobem rápido na hierarquia dos servidores.

“Pouco antes de minha partida, Zolena foi consagrada como Alta Sacerdotisa dos Zelandonii, que é a posição mais importante na hierarquia dos servis.

Inesperadamente, Jondalar se levantou e viu através das fendas na pare de as fulgurações vermelhas e douradas do céu.

- Ainda é dia. Estou com vontade de nadar um pouco - disse, andando apressado para fora da caverna. Ayla pegou a sua roupa junto com uma comprida correia e o seguiu. Quando chegou à praia, ele já estava na água. Ela tirou o amuleto, caminhou para dentro do rio e começou a nadar. Jondalar se achava longe, subindo o rio. Os dois se encontraram quando ele voltava.

- Até onde você foi?

- Até as cataratas - respondeu ele. - Ayla, eu quero que você saiba que nunca falei com ninguém sobre Zolena.

- Você nunca tornou a vê-la?

Jondalar soltou uma gargalhada sarcástica.

- Zolena não, mas a Zelandoni sim. Somos hoje bons amigos. Gozei dos prazeres com a Zelandoni. Porém eu já não sou mais o único a ser escolhido - ele se pôs a nadar com braçadas vigorosas, descendo o rio rapidamente.

Ayla franziu o rosto, abanando a cabeça sem entender. Depois, seguiu-o para a praia. Tornou a pendurar o amuleto e foi enrolando-se em sua roupa enquanto subia atrás dele. Ao entrar, Jondalar estava de pé perto da fogueira, olhando para as brasas quase apagadas. Ela acabou de ajeitar a roupa no corpo e foi buscar mais lenha para alimentar o fogo. Vendo que ele ainda se achava molhado e tremendo, trouxe-lhe uma pele de dormir.

- O tempo começa a mudar. As noites já estão bem frias. Tome, você pode pegar um resfriado.

Jondalar jogou desajeitadamente a pele por cima dos ombros. “Ele não sabe como arrumar uma pele no corpo”, pensou Ayla. “Bom, se vai mesmo partir, devia fazer isto antes do fim da estação.” Ela se dirigiu para o seu lugar de dormir e apanhou uma trouxa que se encontrava perto da parede.

- Jondalar...?

Ele sacudiu a cabeça, querendo se situar novamente no presente. Deu um sorriso, mas os olhos continuavam sérios. No que Ayla começou a desfazer a trouxa, um objeto caiu. Ela o pegou do chão:

- O que é isto? - perguntou, medrosa e espantada. - Como veio parar aqui?

- É uma donii - respondeu, vendo a estatueta de marfim.

- Uma donii?

- Eu fiz para você... para os seus primeiros ritos. Sempre se deve ter uma donii por perto, na ocasião da passagem de uma moça.

A abaixou a cabeça, escondendo as lágrimas inesperadas em seus olhos.

- Eu não sei o que dizer. Nunca vi nada igual a isto. É linda. Parece real... como uma pessoa. Poderia até parecer comigo.

Ele lhe levantou o queixo.

- A minha intenção era a de que se parecesse com você, Ayla. Um verdadeiro escultor teria feito melhor... Não. Um verdadeiro escultor não faria uma donii como essa. E eu não tenho muita certeza se deveria ter feito uma escultura assim. Normalmente não se põe um rosto numa donii. O rosto da Mãe é desconhecido. Essa donii com o seu rosto talvez faça o seu espírito prisioneiro dela. Por isso, a imagem é sua. Deve ficar em seu poder. É o meu presente para você, Ayla.

- Não posso saber por que guardou o seu presente aqui - disse ela, quando acabou de desatar a trouxa. - Eu fiz isto para você, Jondalar.

Ele sacudiu o couro. Os seus olhos brilharam ao ver a vestimenta.

- Ayla! Não sabia que você era capaz de costurar ou de bordar com contas - falou examinando a roupa.

- Eu não fiz o bordado. Fiz apenas algumas partes novas para a camisa e desmanchei as outras peças para saber qual era o tamanho e como foram cortadas. Vendo, então, como elas se juntavam, eu pude copiar. Usei o furador que você me deu. Não sei se fiz direito, mas acho que servem.

- Está perfeito - disse ele, suspendendo a camisa junto ao corpo. Experimentou, primeiro, as calças, depois a camisa. - Estava mesmo pensando em fazer

uma roupa que fosse mais apropriada para a viagem. Uma tanga é muito bom, mas só para aqui.

Havia sido dito. Dito em voz alta, tal como os espíritos malignos de Creb, cujo poder vinha quando se lhes reconhecia a existência dizendo os seus nomes em voz alta. A partida de Jondalar tomara-se, a partir daquele momento, uma realidade. Deixara de ser um pensamento vago que algum dia talvez se concretizasse. Tão concentrados ficaram na idéia que lhes parecia haver na caverna uma opressiva presença física.

Jondalar tirou as roupas e as dobrou.

- Obrigado, Ayla. Não tenho palavras para dizer o quanto isso significa para mim. Quando ficar mais frio estarão perfeitas, mas por enquanto não preciso delas - e vestiu a tanga.

Ayla fez que sim com a cabeça, sem confiança nela para falar. Sentia uma pressão nos olhos que lhe turvava a visão da figurinha em sua mão. Apertou-a contra o peito. Adorava a estatueta. Fora feita pelas mãos dele. Mãos habilidosas, capazes de fazer uma imagem que lhe provocava o mesmo sentimento de ternura sentido quando ele a fizera saber o que era ser mulher.

- Obrigada - falou ela, lembrando-se também de ser cortês.

Ele franziu a testa.

- Não perca isso. Como ela tem o seu rosto e talvez também o seu espírito, pode não ser seguro se cair em poder de outra pessoa.

- O meu amuleto já guarda uma parte do meu espírito e uma parte do espírito de meu totem. Agora essa donii está guardando mais uma parte de meu espírito e do espírito da Mãe Terra. Isso não quer dizer que a donii seja também um amuleto?

Jondalar não pensara nisso. Seria agora Ayla uma parte da Mãe? Um dos Filhos da Terra? Talvez não fosse

da sua conta se meter com forças que estavam além de sua compreensão. Ou seria ele um agente dessas forças?

- Não sei, Ayla. Mas, em todo o caso, não perca a imagem.

- Jondalar, se você achava que era perigoso, por que colocou o meu rosto na donii?

Ele segurou-lhe nas mãos.

- Porque eu queria capturar o seu espírito, Ayla. Não para ficar com ele. A minha intenção era devolvê-lo. Queria lhe dar prazer e não sabia se iria conseguir. Você não foi educada com o conhecimento da Mãe e eu estava em dúvida se seria capaz de compreender. Assim, achei que se pusesse o seu rosto na donii, estaria atraindo o seu espírito para mim.

- Você não precisava ter posto o meu rosto numa donii para isso, Jondalar. Eu já me daria por feliz se quisesse simplesmente aliviar as suas necessidades comigo... mesmo antes de conhecer os prazeres.

Ele a envolveu nos braços com donii e tudo o mais que pudesse haver entre o céu e a terra.

- Não, Ayla, você podia já estar pronta, mas eu precisava fazer como se fosse a sua primeira vez para que saísse certo.

Novamente perdida em seus olhos, com os braços dele a estreitá-la, foi abandonando-se, até que nada sentia, senão os braços que a rodeavam, a boca faminta que a beijava, o calor do corpo que se colava ao seu e uma estonteante e imperiosa exigência. Não soube quando ele a tomou no colo e a retirou de junto da fogueira.

Viu apenas que as peles da cama se alteavam para recebê-la e ele atrapalhado com o nó da correia, depois desistindo e simplesmente lhe levantando a roupa. Ansiosa, abriu-se para ele, sentindo a virilidade rígida que procurava e logo encontrava.

Com fúria, desespero, Jondalar cravou a sua lança bem no fundo, domo se quisesse convencer-se de que Ayla se achava lá e que ele não precisava conter-se. Ela levantou o corpo para encontrá-lo absorvendo-o com a mesma intensidade de desejo.

Ele se afastou e mergulhou novamente. A tensão aumentava. Excitado pelas emoções do amplexo e pelo prazer despreocupado de entregar-se inteira mente a força da paixão, ele cavalgava a onda crescente, com furiosa alegria. Ela o encontrava em cada crista, acompanhando-lhe um por um dos impulsos e se arqueando para guiar a pressão de seus movimentos.

Mas as sensações que sentia ultrapassavam os incontroláveis vaivéns dentro de sua úmida caverna. Cada vez que ele preenchia todo o seu espaço, ela estava consciente apenas dele: nervos, músculos, tendões estavam tomados por ele. Jondalar sentia as contrações em suas virilhas formando-se, aumentando, insurgindo até um insustentável crescendo que rompeu a pressão com uma descarga estremecedora no momento em que ele penetrou mais uma vez. Ela se suspendeu para encontrar o último e frenético impulso e a explosão que se difundia pelo seu corpo em voluptuosa libertação.

Capítulo 29

Ayla se revirava na cama, não perfeitamente acordada, mas consciente de alguma coisa incomodando-a, O volume debaixo dela só desapareceu quando, por fim, acordou para pega-lo. Suspendeu-o contra a fraca luz da fogueira, já quase extinta, e viu a silhueta da donii. Subitamente lembrou-se. O dia da véspera surgiu-lhe em seus mínimos detalhes, conscientizando-a do corpo quente de Jondalar, deitado ao seu lado.

“Com certeza, dormimos depois de havermos gozado dos prazeres”, pensou. Feliz, aconchegou-se nele e fechou os olhos. Mas o sono não veio. Diante dela passava fragmentos de cenas que iam esboçando-se e ganhando formas. A caçada, a volta de Neném, os primeiros ritos e, sobrepondo-se a tu do, a figura de Jondalar. Nenhuma palavra que conhecia era capaz de descrever os seus sentimentos por ele e a indizível alegria que estes lhe despertavam. Pensou em Jondalar até não se agüentar mais. Silenciosamente deslizou para fora da cama, carregando consigo a estatueta de marfim.

Enquanto se dirigia para a entrada, viu Huiin e Campeão aconchega dos um ao outro. A égua soltou um relincho baixinho, marcando a sua presença, Ayla se encaminhou para onde estavam os cavalos.

- Para você foi também assim, Huiin? - falou Ayla com doçura. O seu garanhão também lhe deu prazer? Oh, Huiin, eu não sabia que isso pode ria ser tão maravilhoso. Como pode ter sido uma coisa tão horrível com Broud e tão fantástica com Jondalar?

O cavalinho fuçou-a, também querendo atenção. Ela o coçou, acariciando-o, e depois o abraçou.

- Não importa o que Jondalar diz, Huiin. Acho que foi o garanhão que deu Campeão a você. Ele tem até a mesma cor e não há muitos cavalos marrons por aqui. Poderia ter sido o espírito do garanhão, mas acho difícil.

“Eu queria ter um filhinho. Um bebê de Jondalar, mas não posso. Como faria quando Jondalar fosse embora? - ela ficou branca, quase em pânico.- Ir embora! Oh, Huiin, Jondalar está indo embora - dizendo isto, saiu em disparada da caverna, descendo o caminho, mais pelo tato do que propriamente vendo por onde ia passando. As lágrimas deixavam-na quase cega. Correu pela praia, até o paredão lhe barrar o caminho. Ali agachou-se junto ao penhasco, entregando-se ao choro. “Jondalar está indo embora. O que vou fazer? Como vou agüentar isso? O que posso fazer para que ele fique? Nada!”

Ela se abraçava, acocorada junto da muralha de pedra, como se tentando escapar de um golpe fulminante. Depois que Jondalar partisse estaria sozinha. Pior d que sozinha. “O que farei sem ele? Talvez devesse partir também, encontrar algumas pessoas dos Outros e ficar com elas. Não. Não posso fazer isso. Iriam me perguntar de onde venho e os Outros têm ódio dos clãs. Para eles eu sou uma aberração, a não ser que diga palavras que não correspondam à verdade.”

“Isso eu não posso. Não posso envergonhar Creb e Iza. Eles me amaram e cuidaram de mim quando eu precisei. Uba é minha irmã. Está agora criando o meu filho. O clã é a minha família. Quando não tinha ninguém, o clã tomou conta de mim e os Outros não me querem.

“Mas Jondalar está de partida. Vou ter de viver aqui sozinha o resto de minha vida. Antes estivesse morta. Broud me amaldiçoou, e no fim ele acabou vencendo. Como posso viver sem Jondalar?”

Ayla chorou até não ter mais lágrimas e restar um triste e desolado vazio dentro dela. Ao enxugar os olhos com as costas da mão, reparou que continuava segurando a donii. Ela rodou a estatueta na mão, maravilhando-se tanto com a idéia de se reproduzir num pedaço de marfim a pequena figura de uma mulher, como com o lavor da obra. Ao luar, a figura ficava ainda mais parecida com ela. Os cabelos esculpidos como tranças, o traçado dos olhos, o formato do nariz e das faces, tudo lembrava o rosto que, uma vez, vira refletido nas águas paradas de um lago.

Por que teria Jondalar posto o seu rosto nesta imagem da Mãe Terra, tão venerada pelos Outros? Teria realmente o espírito dela ficado prisioneiro e ligado àquela que ele chamava Doni? Creb lhe havia dito que pelo seu amuleto estava ligada ao Leão da Caverna e a Ursus, o Grande Urso da Caverna, totem de todos os elas. Além do mais, quando ela fora feita curandeira, havia recebido uma parte do espírito de todos os membros dos elas e esses não foram devolvidos aos seus donos, após a sua maldição de morte.

Os clãs e os Outros, os totens e a Mãe tinham todos direito a uma porção desta parte invisível dela, chamada espírito. “O meu espírito deve estar confuso”, pensou ela. “Eu sei, porque também estou.”

Um vento frio a fez querer voltar para a caverna. Lá, pôs de lado a carne fria que estava no espeto e acendeu uma pequena fogueira, procurando não perturbar Jondalar. Em seguida, colocou água para esquentar, pensando em fazer um chá que a relaxasse. Ainda estava difícil de dormir. Enquanto esperava, ficou olhando as chamas e lembrando-se das vezes em que ficara parada com os olhos fixos no fogo para ver algo com aparência de vida. As labaredas dançavam sobre as toras, saboreando-as num crepitar de vaivéns saltitantes para, por fim, acabar devorando-as.

- Doni! É você? - gritou Jondalar em sonho.

Ayla deu um pulo e correu para vê-lo. Ele estava agitado, remexendo-se, sem dúvida sonhando. Ela não sabia se deveria ou não acordá-lo. Subitamente os olhos dele se arregalaram, olhando espantado.

- Você está bem, Jondalar? - perguntou ela.

- Ayla? Ayla! É você?

- Sim, sou eu.

Ele voltou a fechar os olhos, murmurando qualquer coisa incompreensível. Não havia chegado a acordar. Era um meio torpor que também fazia parte de seu sonho, mas já estava mais calmo. Ela ficou observando, até vê-lo relaxado. Depois voltou para junto da fogueira. Enquanto tomava o chá, as chamas se apagaram. O sono acabou chegando. Tirou a roupa, arrastou-se para junto de Jondalar, e puxou as peles, se cobrindo. O calor dele ao seu lado a fez pensar no frio que iria sentir depois que ele se fosse e, do fundo de seu imenso reservatório, brotou um novo jorrar de lágrimas. Por fim dormiu, em balada pelo próprio choro.

Jondalar, ofegando, corria já quase sem fôlego, tentando chegar à entrada da caverna que via adiante dele. Ao olhar para cima deu com um imenso leão, acaçapado, pronto para saltar. “Não, Mãe! Thonolan! Thonolan!” No que o leão saltou, surgiu a Mãe. A uma ordem sua a fera deu as costas e foi embora.

- Doni! É você! É você!

A Mãe voltou-se, e ele pôde ver seu rosto, O rosto era a doni esculpida à semelhança de Ayla. Ele a chamou:

- Ayla! Ayla! É você?

O rosto esculpido ganhou vida. Os cabelos formavam um halo de ouro circundado por um brilho vermelho.

- Sim, sou eu.

A donii com o rosto de Ayla se diluiu, substituída pela antiqüíssima imagem que ele dera de presente, a que estivera por muitas gerações em sua família. Uma figura volumosa, de ventre grande, começou a expandir-se até ficar do tamanho de uma montanha. Foi, então, que a Mãe começou a parir. Os primeiros a saírem das profundezas de sua caverna foram os seres do mar, expelidos em meio a formidáveis jatos de águas germinativas. Em seguida vieram os insetos e pássaros. Depois foi a vez dos animais terrestres: coelhos, veados, bisões, mamutes, leões da caverna e, muito ao longe, Jondalar viu através de um véu de neblina as formas indistintas do ser humano.

Enquanto a neblina se dissipava, as formas ganhavam definição, aproximando-se dele. Mas quê?! Cabeças-chatas! Eles o viram e se afastaram cor rendo. Uma mulher voltou-se para olhá-lo. O rosto era o de Ayla. Jondalar correu para ela, mas a neblina envolveu-o, fechando-se ao redor da figura dela.

Tateando, querendo alcançá-la, ouvia à distância um rumorejar semelhante ao de uma catarata. Tomava-se mais alto, aproximando-se ameaçadoramente. Ele se viu engolido por uma torrente humana que emergia do colossal útero da Mãe Terra, representada na forma de uma montanha com o rosto de Ayla.

Jondalar forçava o seu caminho através da multidão, lutando para chegar a ela. Finalmente conseguiu alcançar a grande caverna. Ele entrou. A sua virilidade palpitava, enquanto as dobras quentes e úmidas o rodeavam e iam encerrando-o em suas profundezas prazerosas. Ele bombeava furiosamente, tomado de um gozo infinito. Foi, então, que lhe viu o rosto banhado de lágrimas. O corpo dela sacudia-se com os soluços. Ele quis consolá-la, dizer-lhe para não chorar, mas não podia. Então sentiu que estava sendo expulso.

Novamente se viu no meio da imensa massa humana expelida do útero da Mãe. Todas as pessoas usavam camisas bordadas com contas. Ele tentava abrir caminho querendo voltar, mas a multidão o arrastava, tal com um tronco aprisionado no caudal das águas germinativas... um tronco que descia pelo Grande Rio Mãe, levando uma camisa ensangüentada presa a ele.

Com o pescoço esticado, olhando para trás, ele viu Ayla, de pé, na boca de entrada da caverna. Os soluços dela ecoavam em seus ouvidos. Nisso, com estrondo ensurdecedor, a caverna se desmorona numa monumental chuva de pedras. Ele estava sozinho e chorava.

Jondalar abriu os olhos. A escuridão o cercava. A pequena fogueira de Ayla havia consumido toda a lenha. O negrume era total, e ele não tinha muita certeza se estava ou não acordado. As paredes da caverna mostravam-se indefinidas, sem nenhum ponto de referência que o ajudasse a situar-se. Por tudo que via, ele bem poderia estar suspenso por cima de um abismo sem fundo. As formas surgidas em seu sonho eram mais substanciais. Pequenos fragmentos do sonho cruzavam-lhe pela mente, reforçando as suas dimensões no pensamento consciente.

Enquanto a escuridão se atenuava e os contornos das pedras e aberturas na parede ganhavam maior definição, Jondalar elaborava as imagens sonhadas, atribuindo-lhes significados. Não era sempre que se lembrava de seus sonhos, mas este fora tão real, tão palpável, que deveria conter alguma mensagem da Mãe. O que estada ela tentando comunicar-lhe? Ele desejava ter ali um Zelandoni que o ajudasse na interpretação.

Quando as primeiras luzes do dia começaram a penetrar na caverna, ele reparou na massa de cabelos louros emoldurando o rosto de Ayla adormecida e no

calor que vinha de seu corpo. Ficou observando-a, enquanto as sombras aos poucos se iam desfazendo, O seu desejo era lhe dar um beijo, mas não queria acordá-la. Levou aos lábios uma das compridas tranças douradas e, em seguida, levantou-se em silêncio. Ainda encontrou um pouco de chá momo, despejou numa cuia para tomá-lo, e se dirigiu à entrada.

Vestido só com uma tanga, sentia frio, mas ele resolveu ignorar, embora o pensamento das roupas que Ayla lhe fizera passasse constantemente pela cabeça. Ficou vendo o céu clareando do lado do ocidente e as formas no vale aos poucos se desenhando. Continuava ainda às voltas com o seu sonho, pro curando por um fio que o levasse a desenredar o mistério.

Por que teria Doni lhe mostrado que toda vida vem dela? Ele sabia disso. Esse era um fato aceito. Por que teria ela aparecido em seu sonho parindo todos os peixes, pássaros, animais, e...

Cabeças-chatas! Claro! A mãe estava lhe revelando que o povo dos das também era filho dela. Por que até agora nunca alguém deixara isto claro? Jamais puseram em dúvida que toda a vida procedia dela. Então por que seria esse um povo tão vilipendiado? Era uma gente chamada de animal, como se animal fosse qualquer coisa ruim. Por que eram os cabeças-chatas considera do um mal na terra?

Porque não eram animais e sim seres humanos, de uma outra espécie, mas humanos. Isso era o que Ayla vinha dizendo durante todo esse tempo. Seria este o motivo de um deles ter o seu rosto?

Ele podia compreender a razão por que o rosto de Ayla estava na donii que esculpira... a que dominara o leão em seu sonho... ninguém acredita ria que Ayla realmente tivesse feito isto. Chegava a ser mais inverossímil do que o próprio sonho... Mas por que estaria o rosto dela na donii que fora de sua família? E

por que a própria Grande Mãe Terra se parecia com Ayla?

Ele sabia que jamais iria entender inteiramente o seu sonho. No entanto, havia algo importante que lhe escapava. Vendo e revendo as cenas, se lembrou de Ayla junto à caverna prestes e desmoronar. Quase chegou a lhe gritar para que fugisse.

Com os olhos fixos no horizonte e os pensamentos todos voltados para dentro de si, sentia o mesmo desamparo e tristeza que o havia possuído quando, em seu sonho, se vira sozinho sem Ayla. Lágrimas surgiram nos olhos, molhando-lhe o rosto. Porque sentia tamanho desespero? O que não estaria conseguindo perceber?

Lembrou-se das pessoas que saíam da Caverna, todas vestidas com camisas bordadas de contas. Ayla havia consertado a sua. Fez roupas para ele e nunca tinha costurado em sua vida. As suas roupas de viagem, aquelas que iria usar quando fosse embora.

Ir embora? Abandonar Ayla? Raios de fogo se elevavam do horizonte. Ele fechou os olhos vendo um brilho dourado e ardente.

“Oh, Mãe! Que grande imbecil você é, Jondalar! Deixar Ayla? Como pôde pensar numa coisa desta? Você ama Ayla! Por que tem sido tão cego? Por que foi preciso um sonho com a Mãe para poder compreender uma coisa tão simples, que até mesmo uma criança enxergaria?

“Era como se um enorme peso tivesse sido tirado de seus ombros. Sentia-se leve, com uma sensação de radiosa liberdade. “Eu amo Ayla? Finalmente aconteceu para mim. Eu amo? Nunca pensei que isso fosse possível, mas estou amando. Amo Ayla!”

Em sua alegria, estava pronto para proclamar o seu amor ao mundo, pronto para atirar-se a Ayla e lhe contar. “Nunca disse a uma mulher que eu a amava”,

pensou enquanto corria para o interior da caverna. Ayla, entre tanto, dormia.

Ele tomou a sair e trouxe um pouco de lenha. Com um pedaço de sílex e a pedra-de-fogo - uma coisa que ainda o deixava maravilhado - num instante estava com a fogueira acesa. Ao menos uma vez conseguira acordar antes de Ayla e, para variar, queria surpreendê-la com o chá já preparado. Achou onde estavam as folhas de hortelã e fez o chá. Ayla, no entanto, continuava dormindo.

Ele ficou olhando-a, observando a sua respiração, os seus movimentos. Adorava vê-la assim, com os seus longos cabelos soltos. Teve vontade de acordá-la... mas não. Ela devia estar cansada. Já era dia e ainda continuava dormindo.

Ele foi para a praia, pegou um graveto para limpar os dentes e resolveu nadar um pouco. Saiu da água, refrescado, cheio de energia e faminto. Eles não tinham tido tempo de comer na véspera. Lembrando-se do motivo, sorriu. O pensamento lhe trouxe uma ereção.

“Você obrigou o pobre coitado a fazer abstinência durante todo este verão”, pensou, rindo. “O seu fazedor de mulher não tem culpa de estar tão faminto, principalmente agora que sabe o que andou perdendo. Mas não puxe muito por ela. Ayla deve estar precisando descansar... não está acostumada com isso.” Ele subiu às pressas pelo caminho e entrou na caverna silenciosamente. Os cavalos já haviam descido para pastar. Deviam ter saído enquanto ele nadava e Ayla ainda não acordara. “Será que ela está bem? Tal vez fosse melhor despertá-la.” Ayla se virou, deixando à mostra um seio. Ele se viu reforçado em seus ímpetos anteriores.

Achou melhor se conter e foi até a fogueira se servir de um pouco de chá para esperar. Reparou, então, que

Ayla fazia alguns movimentos inconscientes, apalpando como se procurasse por alguma coisa.

- Jondalar! Jondalar! Onde está você? - gritou ela, assustada.

- Estou aqui - respondeu ele, correndo para tomá-la nos braços. Ficou abraçando-a até que se acalmasse. - Está bem agora? Vou lhe trazer uma cuia de chá - ele foi buscar uma cuia para Ayla.

Ela bebericou um pouquinho, depois tomou um grande gole.

- Quem fez isso?

- Eu. Queria fazer uma surpresa para você. Mas o chá já não está mui to quente.

- Você fez o chá? Para mim?

- Claro que para você. Ayla, você é a primeira mulher para quem vou dizer isto: eu a amo, Ayla.

- Amo? O que é isto? - perguntou, querendo ter certeza de uma coisa que mal ousava acreditar ser possível. - O que quer dizer amo?

- O que quer dizer... ?! Jondalar, seu idiota, pretensioso! - ele se pôs de pé. - Ora veja, o grande Jondalar, o querido das mulheres! Até você acre ditava nisso. Tão cuidadoso em não dizer a palavra que imaginava que todas estivessem morrendo por ouvir. Tão orgulhoso de nunca havê-la pronunciado... Finalmente está apaixonado e não tem coragem de confessar nem para você mesmo. Foi preciso que Doni tivesse de lhe aparecer em sonho para que resolvesse admitir o seu amor por uma mulher. Estava crente que ela fosse desmaiar de tanta felicidade e, quando acaba, a pobre nem sabe o significado da palavra.

Ayla, atônita, observava-o naquele estranho palavrório, andando de lá para cá, investindo furiosamente contra si mesmo, por causa de uma coisa que chamava amor. Ela precisava saber o que era isso.

- Jondalar, o que quer dizer amor? - ela estava séria e a voz indicava uma certa preocupação.

Ele se ajoelhou na frente dela.

- É uma palavra que há muito tempo já lhe devia ter ensinado. Amor é o sentimento que uma pessoa tem por outra de quem ela gosta muito. É o que as mães sentem pelos filhos ou o que um homem sente pelo irmão. Quando é entre um homem e uma mulher significa que eles se gostam tanto que têm necessidade de viverem juntos, que não conseguem ficar separados um do outro.

Enquanto o escutava, ela tinha os olhos fechados e os seus lábios tremiam ligeiramente. “Será que estava ouvindo direito? Estaria realmente entendendo?”

- Jondalar, eu não conhecia a palavra, mas sabia o que ela queria dizer. Desde que você chegou que eu sei, e quanto mais o tempo passa, mais sentido essa palavra tem para mim. Quantas vezes desejei ter uma palavra que exprimisse os meus sentimentos! - ela fechou os olhos, mas as lágrimas teimavam em sair. Lágrimas de alegria e alívio. - Jondalar... eu também o amo.

Ele a puxou para junto de seu corpo e a beijou ternamente, abraçando-a como um tesouro que acabara de encontrar e com medo de quebrá-lo ou perdê-lo. Ayla passou o braço ao redor dele, querendo ter certeza de que Jondalar não era um sonho que desapareceria no momento em que o soltas se. Ele beijou-lhe a boca e o rosto salgado pelas lágrimas. Ela encostou a cabeça no seu peito e ele, com o rosto enterrado na cabeleira loura, enxugava nela os seus olhos também molhados.

Não conseguia falar. Ficou abraçado a ela, pensando na sorte inacreditável que teve em achá-la. Foi preciso que viajasse ao fim da terra para encontrar a mulher que poderia amar e, agora, nada no mundo o faria deixá-la.

- Por que simplesmente não ficamos aqui? Esse vale tem tudo. Agora somos dois, será mais fácil. Temos os

atirado e Huiin é uma ajuda. Campeão com o tempo também será - falou Ayla.

Eles caminhavam pela campina, apenas para passear e conversar. Já haviam colhido todo o cereal de que precisavam, estavam com uma boa pro visão de carne seca que duraria todo o inverno e outra de frutas, raízes e plantas diversas, tanto alimentícias como medicinais. Os materiais para os trabalhos de artesanato que pretendiam fazer durante o inverno também já estavam arrumados. Ayla iria tentar fazer roupas bordadas de contas e Jondalar pensava em esculpir peças para um jogo que tinha intenção de ensinar a ela. Mas a maior alegria de Ayla era se saber amada por Jondalar. J não estaria mais sozinha.

- É um vale bonito - disse Jondalar.

“Por que não permanecer com ela aqui? Thonolan quis ficar ao lado de Jetamio”, pensou ele. “Mas lá, os dois não estavam sozinhos. Até quando suportaria ficar sem ter mais gente por perto? Por três anos Ayla havia vivido só. Eles no futuro não estariam sozinhos. Veja Dalanar. . quando começou com a sua Caverna, ele só tinha ele mesmo, Jerika, e o companheiro da mãe dela, Hochaman. Aos poucos, foram chegando mais pessoas e nascendo as crianças. Já estavam, inclusive, projetando dar partida para uma segunda Caverna de Lanzadonii. Por que não poderia ele também fundar uma Caverna, igual a Dalanar? Talvez possa, Jondalar, mas seja lá o que você fizer, será sempre junto com Ayla.”

- Você precisa conhecer outras pessoas, Ayla, e eu quero levá-la para casa comigo. Sei que será uma viagem longa, mas acho que podemos fazê-la em um ano. Você vai gostar de minha mãe e tenho certeza de que Marthona também gostará de você. Do mesmo jeito o meu irmão Joharran e a minha irmã Folara, que a estas alturas deve estar uma moça. E também Dalanar.

Ayla abaixou a cabeça, depois olhou para cima.

- Não sei se vão gostar muito de mim, depois de descobrirem de onde eu venho. Será que vão me aceitar quando souberem que tenho um filho que nasceu quando eu vivia com esse povo tão odiado? Um filho que para eles não passa de uma aberração da natureza?

- Você não vai podei passar escondida o resto de sua vida. Essa mulher Iza não lhe disse para procurar a sua gente? Ela estava certa e você sabe disso. Não será fácil... não vou enganá-la. A maioria das pessoas não sabe que os clãs são formados por seres humanos. Mas você me fez compreender isso e há muita gente que tem sérias dúvidas a respeito. As pessoas, de uma certa forma, são razoáveis, Ayla. Uma vez que passarem a conhecê-la, gostarão de você. Além disso, estarei ao seu lado.

- Eu não sei. Não podemos pensar um pouco mais?

- Caro.

"De qualquer jeito", pensou Jondalar, "até a primavera não vamos poder empreender nenhuma grande viagem. Enquanto isto, ela terá tempo para pensar. Mas poderíamos chegar até os sharamudoi, antes que o inverno comece. Ou senão passá-lo aqui mesmo."

Ayla deu um sorriso, sentindo-se verdadeiramente aliviada e apressou o passo. Ela vinha num caminhai arrastado, demorando-se em seus pensamentos. Sabia que Jondalar sentia falta de sua família e de seu povo. E sabia também que se ele resolvesse viajar, o acompanharia para qualquer lugar que fosse. Mas tinha esperança que, depois de estarem instalados lá para o inverno, ele se decidisse a ficar e construir com ela a sua Caverna no vale.

Estavam bem distanciados do rio, quase chegando à colina que ia dar nas estepes. Ayla, então, se abaixou para pegar qualquer coisa.

- Veja o meu chifre de auroque! - falou, limpando a sujeira do objeto e reparando no seu interior chamuscado. - Era nele que eu carregava fogo. Encontrei o chifre enquanto estava viajando, depois de ter largado o clã – as lembranças acudiram-lhe ao pensamento. - Foi nele que eu levei a brasa que acendeu as tochas para espantar os cavalos. Essa foi a primeira vez que cavei uma armadilha no chão. Quem caiu no buraco foi a mãe de Huiin. Quando as hienas quiseram apanhar a potranquinha, eu espantei esses bichos horrorosos e trouxe Huiin para a caverna. Quanta coisa então já aconteceu depois disso...

- Quase todo mundo carrega fogo nas viagens, mas com as nossas pedras de fazer fogo não precisamos nos preocupar - subitamente ele tinha a testa enrugada. Ayla já sabia que o seu pensamento estava concentrado em alguma coisa. - Nós temos um bom estoque de pedras, não é? E não estamos precisando de mais nada.

- É verdade, já estamos com tudo pronto.

- Então por que não fazemos uma viagem? Uma pequena viagem - acrescentou, vendo a expressão aflita de Ayla. - Você ainda não explorou os terrenos do lado oeste. Por que não pegamos alguma comida, as barracas, peles de dormir, e vamos dar uma olhada por lá? Não precisamos ir muito longe.

- E o que será de Huiin e Campeão?

- Podemos levar os dois conosco. Huiin, inclusive, pode nos carregar um pouco e ajudar a levar os mantimentos. Seria divertido... só nós dois, Ayla.

Viajar só por distração era algo novo para ela e difícil de aceitar. Por outro lado, não via também por que não fazê-lo.

- É... acho que podemos. Só nós dois... é, por que não? “Talvez não seja uma má idéia examinar os terrenos daquele lado”, pensou.

- A camada de terra não é muita aqui atrás, mas é o melhor lugar para um esconderijo - falou Ayla. - E podemos usar algumas das pedras sol tas no chão.

Jondalar suspendeu a tocha para espalhar mais a luz.

- O que você acha se, ao invés de um, fizermos uma porção de esconderijos? Assim, se algum bicho descobrir, não perdemos tudo. Que tal? Não acha uma boa idéia?

Jondalar dirigiu o facho de luz para iluminar as gretas entre as pedras caídas no fundo da caverna.

- Uma vez eu dei uma olhada aqui atrás e tive a impressão de ter visto sinais de algum leão da caverna.

- Esse era o lugar de Neném. Quando eu vim para cá, também vi sinais de leões, mas já bem antigos. Achei que era um aviso que o meu totem estava me mandando para não continuar a viagem e resolvi passar o inverno aqui. Nunca pensei que fosse viver tanto tempo neste lugar. Agora imagino que o aviso era para que eu ficasse aqui à sua espera. Você deve ter sido guia do para cá pelo espírito do Leão da Caverna. Você foi escolhido, Jondalar, e hoje tem um totem tão forte quanto o meu.

- Sempre achei que Doni fosse o meu guia espiritual.

- Talvez ela seja o seu guia, mas o Leão da Caverna o escolheu.

- Pode ser que você tenha razão. Os espíritos de todas as criaturas pertencem a Doni e o Leão da Caverna também é um espírito dela. Os caminhos da Mãe são misteriosos.

- É muito dura a vida com um totem como o Leão da Caverna, Jondalar. As suas provas têm sido muito difíceis. Quantas vezes achei que não fosse agüentar viver, mas então obtinha as suas graças, que compensavam todo o sofrimento. De todas as graças que

recebi, acho que a maior delas foi você - falou, acrescentando em voz baixa.

Jondalar fincou a tocha numa fenda e a tomou nos braços. Ela era tão sincera, tão espontânea. O beijo que lhe deu foi correspondido com tanto ar dor que ele quase se deixou levar pelo seu desejo.

- Vamos parar por aqui - falou ele, passando o braço ao redor dos ombros dela e deixando um espaço entre os dois - ou do contrário nunca conseguiremos nos arrumar para essa viagem. Acho que você tem o toque de Haduma.

- O que é o toque de Haduma?

- Haduma foi uma velha que encontramos. Ela era mãe de seis gerações e muito reverenciada pelos seus descendentes. Tinha muitos poderes da Mãe. Os homens acreditavam que quando a virilidade deles era tocada por Haduma, eles tinham tantas ereções quanto o desejassem e podiam satisfazer qualquer mulher, ou até muitas de uma só vez. A maioria dos homens deseja isso. Há mulheres que usam de truques para excitar um homem. Mas no seu caso, tu do que tem a fazer é chegar perto de mim, Ayla. Hoje de manhã, na noite passada... quantas vezes fizemos ontem? E anteontem? Nunca tive capacidade para tanto e nunca desejei tanto. Mas se não pararmos agora, nunca vamos deixar esses depósitos em ordem.

Eles retiraram pedras, removeram outras maiores com alavanca e prepararam os lugares de seus esconderijos. À medida que o dia passava, Jondalar começou a achar Ayla arredia e mais silenciosa do que normalmente. Ele não sabia se seria por alguma coisa que teria feito ou dito. Talvez ele não devesse mostrar-se tão voraz. Não era possível achar que ela estivesse sempre disponível para ele a qualquer instante que a desejasse.

Ele havia conhecido muitas mulheres que gostavam de se mostrar difíceis e de fazer o homem penar pelos seus prazeres, embora os prazeres fossem delas também. Isso poucas vezes se constituiu em problema para ele, mas tinha aprendido a não parecer muito ávido. Se o homem se mostrasse reservado, ele passava a ser um desafio para a mulher.

Quando começaram a remover a comida para o fundo da caverna, Ayla parecia ainda mais distante. Constantemente estava abaixando a cabeça e se deixava ficar imóvel, ajoelhada, antes de apanhar os fardos de carne seca ou as cestas com raízes.

Depois, quando tiveram de descer à praia para pegar mais pedras e levá-las à caverna para empilhá-las ao redor dos seus estoques de inverno, Ayla estava visivelmente aborrecida. Jondalar tinha certeza de que era ele a causa, mas não sabia o que fizera de errado. No final da tarde viu-a, furiosa, tentando levantar um bloco de pedra muito mais pesado do que poderia agüentar.

- Nós não vamos precisar dessa pedra, Ayla. Acho que devíamos, agora, descansar. Trabalhamos o dia todo. Que tal nadar um pouco?

Ela largou a pedra, afastou os cabelos dos olhos, desfez o nó da correia, deixando a roupa cair, e retirou o amuleto. Jondalar sentiu as suas conhecidas contrações na virilha. Sempre lhe sobrevinham quando via o corpo dela. “Ayla parece uma leoa andando”, pensou, admirando a graça sinuosa de seus movimentos esquivos. Ele retirou a tanga e foi atrás correndo.

As braçadas dela subindo o rio eram tão vigorosas que ele resolveu esperar pela sua volta, na descida, deixando que o exercício desgastasse um pouco a irritação. Encontrou-a mansamente boiando, trazida pela correnteza. Estava mais relaxada. Quando virou o corpo para nadar, ele correu a mão pelas suas costas, fazendo-

a deslizar pelas reentrâncias da cintura e pela suave curvatura das nádegas.

Ela passou-lhe à frente, nadando, e saiu da água. Ele foi encontrá-la já com o amuleto pendurado no pescoço e apanhando a roupa para vestir.

- Ayla, o que eu fiz de errado? - perguntou, de pé na frente dela, com água pingando de seu corpo.

- Você, nada. Quem fez fui eu.

- Mas você não está fazendo nada de errado.

- Não? Pois estou sim. Passei o dia inteiro querendo provocá-lo, mas parece que você não entende os gestos dos clãs.

Quando Ayla se tornara mulher, Iza, além de lhe explicar como ela de via se cuidar nos períodos de sangramento e como se limpar após ter estado com um homem, lhe falou também dos gestos e posturas de que a mulher se vale para que o homem tenha vontade de lhe fazer o sinal. Se bem que no caso de Ayla, Iza achasse que essas seriam informações desnecessárias. Por mais que Ayla fizesse gestos, era bem pouco provável que algum homem do clã fosse corresponder-lhe.

- Eu sei que quando você me toca de determinada maneira, ou põe os seus lábios sobre os meus, está fazendo um sinal para mim. Mas eu não conheço um sinal seu, Jondalar. Não sei como excitá-lo.

- Ayla, para você me excitar basta que fique perto de mim.

- Não é isto que eu quero falar. Não sei como lhe dizer que estou que rendo que você goze dos prazeres comigo. Eu não sei... bem, você disse que algumas mulheres sabem de coisas que excitam um homem e...

- Oh, Ayla, é por isso que está zangada? Você quer saber como me ex citar?

Ela confirmou, abaixando a cabeça, sentindo-se envergonhada. As mulheres dos das jamais se

mostravam tão oferecidas. Elas davam a entender o seu desejo a um homem com excessivo pudor, como se mal agüentassem a vista do macho em toda a sua glória e poder. Contudo, ainda assim, conseguiam que ele ficasse sabendo que o estavam achando absolutamente irresistível.

- Olhe como você consegue me excitar, mulher - falou Jondalar, consciente de estar tendo uma ereção enquanto conversava com ela. Ele não conseguia evitá-lo, nem esconder. O seu desejo estava tão visível que Ayla não conseguiu reprimir um sorriso. - Oh, Ayla, Ayla! - disse, arrebatando-a no ar. - Será que não sabe que basta estar viva para me excitar?

Carregando-a nos braços, se pôs a caminhar pela praia e depois começou a fazer a subida da caverna.

- Será que não sabe que só de olhá-la eu fico excitado? Eu a desejei no momento em que pus os olhos em você - prosseguiu, enquanto fazia a subida, com Ayla no colo, olhando-o extremamente surpresa. - Você é tão mulher que não precisa usar de nenhum truque para excitar um homem. Você não necessita aprender nada. Tudo que faz só me leva a querê-la cada vez mais - eles chegaram na entrada. - Quando me quiser, basta que diga ou que faça isso - falou, beijando-a em seguida.

Ele a carregou e a colocou sobre a cama de peles. Novamente a beijou com a boca aberta, provando-lhe docemente a língua. Ela sentia entre os dois a virilidade dura e quente. Ele se sentou. No seu rosto havia um sorriso meio de troça.

- Você disse que passou o dia inteiro tentando me excitar. O que acha que estava fazendo de tão provocante? - perguntou, fazendo um gesto inteiramente inesperado para Ayla.

Os olhos dela se esbugalharam, surpresos.

- Jondalar! É isso! Esse é o sinal!

- Se você pretende fazer esses gestos dos clãs para mim, é bom que eu saiba entendê-los.

- Mas... eu - ela podia não saber o que dizer, mas sabia o que fazer. Levantou-se e ajoelhou-se de costas para ele, com as pernas afastadas, oferecendo-se.

Ele havia feito o sinal apenas como piada, não esperava ver-se estimulado tão rapidamente. À vista dos traseiros roliços e firmes, pondo à mostra a fenda de uma rosa tão convidativo, era irresistível. Antes que se desse conta, estava de joelhos atrás dela penetrando em suas profundezas quentes e palpitantes.

No momento em que ela se colocou na posição, a lembrança de Broud tomou-lhe o pensamento. Pela primeira vez, se pudesse, teria recusado Jondalar. No entanto, por mais repulsivas que fossem as associações, o condiciona mento para obedecer àquele sinal era mais forte.

Ele montou e mergulhou. Sentindo-se preenchida, ela soltou um grito com o inesperado prazer. A posição lhe permitia sentir pressões em novas zonas e as carícias e fricções excitavam diferentemente. Ela empinou-se para ir ao seu encontro quando ele tornou a mergulhar. Subitamente, com ele bombeando e forcejando, Ayla se lembrou de Huiin com o garanhão baio. O pensamento lhe trouxe uma onda de deliciosos ardores, sentidos em meio às vibrações dos estiramentos latejantes. Novamente afastou-se, empinando-se para ele, seguindo-lhe o ritmo com gemidos e gritos.

A tensão aumentava rapidamente. Os movimentos dela e a ansiedade dele impunham certa pressa.

- Ayla! Oh mulher linda e selvagem! - dizia ofegando, enquanto bombeava seguidamente. Então, segurando-lhe os quadris, puxou-a para si e a encheu. Ayla mais uma vez se empinou ao seu encontro e ele se lançou, estremecendo-se prazerosamente.

Por um momento, trementes, ficaram onde estavam. A cabeça de Ayla pendurava-se molemente. Ele a abraçou e fez com que ela girasse o corpo junto com o seu, ficando deitados de lado. Ela, com as costas aninhadas no corpo dele, ainda prendendo-lhe a virilidade. Ele se enroscou nela e esticou o braço para alcançar o seu seio.

- Sou obrigado a concordar - falou Jondalar, passado algum tempo - que esse sinal não é de todo mau - ele lhe beijou a nuca e depois a orelha.

- No princípio, fiquei com um pouco de medo, mas com você, Jondalar, tudo dá certo. Tudo é prazer - disse Ayla, aconchegando-se mais a ele.

- Jondalar, o que você está procurando? - indagou Ayla, do patamar.

- Estou tentando ver se encontro mais algumas pedras-de-fogo.

- Não é necessário. A primeira das pedras que comecei a usar está inteira, só tem algumas riscas. Ainda vai durar muito. Não precisamos de mais.

- Eu sei, mas é que vi algumas e estava querendo saber quantas mais poderia encontrar. Você está pronta?

- Estou. Acho que não me esqueci de nada. Também não vamos poder ficar fora muito tempo... quando menos se espera o clima começa a mudar. Às vezes pela manhã faz calor e de tarde já está nevando - falou Ayla, enquanto descia para a praia.

Jondalar guardou as pedras, deu mais uma olhada à sua volta e, distraidamente, levantou os olhos na direção de Ayla. Então a ornou com atenção.

- Ayla, o que é isso que você está usando?

- Você não gosta?

- Claro que gosto. Mas onde arrumou esta roupa?

- Enquanto eu fazia a sua, fiz uma para mim também. Apenas copiei. Não sei se serve para uma mulher usar. Talvez seja uma roupa só para homens. A

camisa, eu não soube bordá-la. Você acha que estou bem?

- Acho que sim. Na verdade, não me lembro se as roupas de mulheres eram muito diferentes das dos homens. Talvez a camisa tivesse de ser um pouco mais comprida e os enfeites postos de outra maneira. Essa é uma roupa mamutoi. Eu perdi a minha quando chegamos na foz do Grande Rio Mãe. Fica muito bem em você, Ayla, e acho que também vai gostar mais de andar com ela quando chegar o frio. Você vai ver como esquenta e é confortável.

- Que bom que gostou. Queria vestir... a sua moda...

- A minha moda... nem sei se ainda tenho uma moda. Olhe só para nós! Um homem, uma mulher, dois cavalos e um deles carregado de mantimentos. Parece tão estranho viajar levando nas mãos só lanças e atiradores. E imagine, o que eu mais carrego dentro de minha sacola são pedras. Acho que, se nos vissem, as pessoas iriam ficar bem espantadas. Mas eu mesmo me espanto comigo. Desde que você me encontrou que já não sou o mesmo homem. Você me transformou, mulher, e eu a amo por isso.

- Eu também estou mudada e o amo, Jondalar.

- Bom, para que lado vamos?

Enquanto faziam a travessia do vale, seguidos pela égua e o seu potro, Ayla sentia-se como se estivesse perdendo alguma coisa. Ao atingirem a curva no fim da campina, ela olhou para trás.

- Jondalar, veja! Os cavalos voltaram para o vale. Desde que cheguei aqui, eles nunca mais apareceram. Foram embora depois que matei a mãe de Huiin. Fico feliz que tenham voltado. Sempre achei que esse vale era deles.

- É a mesma manada?

- Não sei. O garanhão era amarelo, como Huiin. Não estou vendo nenhum garanhão, só a égua madrinha. Já

faz tanto tempo.

Também Huiin havia visto os cavalos. Ela relinchou alto cumprimentando-os. Eles a responderam. As orelhas de Campeão ergueram-se atentas na direção da manada. Mas então Huiin foi atrás da mulher, com o potro acompanhando-a.

Ayla seguiu o rio na direção sul e o cruzou ao ver a alta colina do outro lado. Quando chegaram em cima do morro, fizeram uma parada, e ela e Jondalar montaram na égua. Guiando-se pelos pontos na paisagem que lhe serviam de referência, ela tomou o rumo sudoeste. O terreno se tomava mais acidentado, cheio de reentrâncias e pregas, com gargantas pedrogosas e escarpadas colinas que formavam as bases de vários altiplanos. Ao se aproximarem de urna passagem ladeada por Íngremes paredões de rocha, ela apeou e examinou o chão à sua volta. Não havia nenhum indício de excremento fresco. Ela se dirigiu para uma garganta sem saída e subiu por uma pedra caída do paredão, encaminhando-se com Jondalar para a parte do fundo da garganta.

- É este o lugar, Jondalar - falou, enquanto tirava uma sacola do interior da túnica e a entregava a ele.

Jondalar reconheceu a área.

- O que é isso? - perguntou, suspendendo a sacola na direção dela.

- Terra vermelha... para ser posta na sepultura dele.

Ele fez sim com a cabeça, emocionado demais para falar. Sentindo a pressão das lágrimas em seus olhos, esforçava-se por contê-las. Então, despejou em sua mão um pouco do ocre e esparramou sobre as pedras e a sepultura. Depois pegou mais um punhado e tomou a esparramar. Ayla esperava, enquanto Jondalar com os olhos úmidos mirava fixamente o monte de pedras. Quando ele se voltou para ir embora, Ayla fez um gesto sobre a sepultura de Thonolan.

Eles cavalgaram durante um certo tempo em silêncio, até que Sonda- lar voltasse a falar.

- Ele foi uru dos filhos diletos da Mãe. Ela quis levá-lo de volta.

Depois de andarem mais um pouco, perguntou:

- Que gesto era aquele que você fez?

- Estava pedindo ao Grande Urso da Caverna que o protegesse e que ele fosse feliz. Significa “vá com Ursus”.

- Ayla, eu não a agradeci quando você me contou, mas agora o faço. Sou-lhe grato por havê-lo enterrado e por pedir aos totens dos clãs que o ajudassem. Acho que, por sua causa, o meu irmão poderá encontrar o seu caminho para o mundo dos espíritos.

- Você disse que ele era corajoso. Acho que aqueles que são corajosos não precisam de ajuda para encontrar o seu caminho. Para eles essa é uma emocionante aventura.

- Ele era corajoso e gostava de aventuras. Pobre Thonolan, tão cheio de vida... Parecia que procurava viver tudo de uma só vez. Eu nunca teria feito essa viagem se não fosse por ele - Jondalar tinha Ayla cingida em seus braços e a apertou mais contra o seu corpo. - E também nunca a teria encontrado. Foi isto que o shamud quis dizer quando me falou sobre o meu destino “...É ele quem o conduz para onde você tem de ir, para lugares onde por si mesmo jamais iria...” Foram essas as suas palavras. Thonolan me conduziu a você e depois seguiu para o outro mundo, acompanhando o amor dele. Eu não queria que ele se fosse, mas agora posso entendê-lo.

Eles rumavam na direção oeste e, à medida que avançavam, o terreno se tomava menos acidentado, cedendo novamente lugar às planícies abertas, atravessadas pelos rios e riachos que brotavam nas geleiras ao norte. Vez por outra os cursos de água passavam por entre altos penhascos para, em seguida,

serpentear por vales quase planos. As poucas árvores que ornavam as estepes eram amesquinhadas em sua luta pela sobrevivência e até mesmo aquelas, crescendo nas proximidades das águas que lhes alimentavam as raízes, tinham as suas formas desfiguradas, como se houvessem sido congeladas no ato de se curvarem às impiedosas rajadas dos ventos.

Jondalar e Ayla sempre que lhes era possível faziam as suas paradas nos vales, tanto pelo abrigo contra as ventanias como pela lenha que lá encontravam. Somente neles crescia com vigor os pés de salgueiro, lanços, pinheiros e vidoeiros. O mesmo já não se dava com os animais. As estepes se constituíam numa reserva colossal da vida selvagem. Agora, com a nova arma, os dois tinham, sempre que o desejassem, carne fresca. Os restos de suas matanças deixavam aos outros predadores e carnívoros.

A viagem já durava uma metade do ciclo das fases da lua, quando mais um dia amanheceu, quente e com a atmosfera inusitadamente parada. Depois de passarem caminhando a maior parte da manhã, eles montaram ao ver à distância uma elevação sombreada de verde. Excitado com o calor do corpo de Ayla junto ao seu, Jondalar enfiou a mão por baixo da túnica para acariciá-la. Eles chegaram no topo da colina e viram embaixo um belo vale regado por um grande rio. O sol ia alto no céu quando chegaram à margem.

- Devemos ir para o norte ou para o sul, Jondalar?

- Nem uma coisa, nem outra. Vamos acampar aqui.

Ela protestou. Suas objeções se deviam apenas ao fato de não estar acostumada a parar tão cedo. Quando Jondalar lhe mordiscou a nuca e lhe apertou o seio, compreendeu que não havia motivo nenhum que o levasse a prosseguir e muitos para que ficassem.

- Tudo bem, vamos então acampar - falou ela, passando uma perna por cima do lombo de Huiin e

apeando.

Jondalar também apeou e a ajudou a retirar as cestas para que a égua pudesse descansar e pastar. Ele tomou Ayla nos braços e enquanto a beijava enfiou outra vez a mão por baixo da sua túnica.

-Por que você não me deixa tirar a roupa? - disse ela.

Ele sorria, vendo-a tirar a túnica pela cabeça e desamarrar o nó na cintura que prendia o resto da roupa. Enquanto retirava a dele, passando-a também pela cabeça, ouviu a risadinha de Ayla. Ao olhar, ela não estava lá. A sua risada vinha, agora, da direção do rio. Ela estava saltando para dentro da água.

- Resolvi nadar um pouco - gritou Ayla.

Jondalar deu um largo sorriso, retirou as calças e foi atrás. O rio era pro fundo, com uma correnteza forte e a água estava fria. Ayla nadava rápido na contracorrente e ele tinha dificuldade de alcançá-la. Por fim, quando conseguiu, agarrou-a e lhe deu um beijo. Mas ela se desvencilhou do abraço e rindo correu para a praia.

Ele foi atrás. Quando chegou à praia, Ayla já estava correndo pelo vale. Novamente tomou a agarrá-la e ela mais uma vez conseguiu escapar. Ele saiu em perseguição, pondo todas as forças em suas penas. Finalmente pegou-a pela cintura.

- Desta vez você não me escapa, mulher - disse, apertando-a. - Essa perseguição vai acabar me cansando e depois não vou conseguir lhe dar os prazeres - ele estava deliciado com a brincadeira.

- Eu não quero que você me dê os prazeres - falou Ayla.

O queixo dele caiu e as rugas imediatamente surgiram em sua testa.

- Você não quer que eu...? - perguntou, soltando-a.

- Os prazeres desta vez serão dados por mim.

O coração de Jondalar voltou a bater.

- Mas você me dá sempre prazer, Ayla - ele voltou a tomá-la nos braços.

- Eu sei que você gosta de me fazer sentir os prazeres, mas não é isto que quero dizer - os olhos dela estavam sérios. - Eu quero aprender a lhe dar prazer, Jondalar.

Ele não conseguia resistir-lhe. Quando a puxou para mais perto e a beijou avidamente como se a quisesse sorvê-la por inteiro, a virilidade estava dura entre os dois. Ela lhe devolveu o beijo na mesma medida. Então se beijaram demoradamente, saboreando-se, se tocando e se explorando mutuamente.

- Eu vou lhe mostrar como você pode me dar prazer, Ayla - falou, pegando-a pela mão e indo para uma área, perto do rio, coberta de relva verde. Quando se sentaram, ele voltou a beijá-la, procurando, em seguida, pela orelha e nuca, ao mesmo tempo que, delicadamente, a forçava a reclinar-se. Estava com uma das mãos no seio e a língua prestes a tocá-lo, quando ela se sentou.

- Eu quero lhe dar prazer.

- Ayla, me agrada tanto fazê-la sentir prazer, que não sei como poderia me dar mais do que já sinto.

- Você gostaria menos?

Jondalar jogou a cabeça para trás, riu e a abraçou. Ela sorriu, sem saber ao certo o que o estava divertindo.

- Não existe nada que você faça que eu vá gostar menos - ele a fitava com os seus vibrantes olhos azuis. - Oh, mulher, eu a amo!

- E eu também o amo, Jondalar. Quando você sorri dessa maneira, quando olha desse jeito e principalmente quando dá as suas risadas, eu me sinto tão cheia de amor... Nos clãs, ninguém ria e as pessoas não gostavam quando me viam rindo. Nunca mais quero voltar a viver com pessoas que não me deixam rir.

- E você deve rir, Ayla, e sorrir também. Você tem um lindo sorriso.

Ela não pôde evitar o sorriso que veio aos seus lábios, ouvindo-lhe as palavras.

- Oh, Ayla... Ayla - falou ele, enterrando o rosto em seu pescoço e acariciando-a.

- Jondalar, adoro quando você me toca e me beija no pescoço, mas eu queria saber do que você gosta.

Ele sorriu com o canto dos lábios.

- Eu já não consigo conter-me. Você me excita demais. De que você gostaria, Ayla? Faça comigo aquilo que você gostar.

- E você gostaria?

- Experimente.

Ela o forçou a deitar-se e se curvou para beijá-lo com a boca aberta e usando a língua. Ele correspondia, mas mantendo-se imóvel Ayla começou por beijar-lhe o pescoço, tremulando com a língua ligeiramente. Sentindo-o estremecer, olhou-o, querendo conferir.

- Você gosta?

- Sim, eu gosto, Ayla.

E gostava. Manter-se controlado, enquanto ela fazia os seus avanços exploratórios, excitava-o de um modo como nem em sonhos imaginava. O seu corpo se incendiava com aquele leve roçar da língua. Ela estava insegura de si, tão inexperiente quanto uma menina que tivesse chegado à puberdade e que ainda não houvesse passado pelos primeiros ritos. No entanto, nunca uma mulher foi tão desejada. Por serem proibidos, aqueles beijos eram mais excitantes do que as mais ardentes e sensuais carícias de uma mulher experiente.

A maioria das mulheres, de uma certa maneira, era disponível. Ayla não. Até então, fora intocável. Nos cantos escuros das cavernas, os homens - fossem rapazes ou velhos - iam à loucura com as carícias secretas de mocinhas inexperientes. O maior medo das

mães era o de que as filhas se tornas sem moças logo depois das reuniões de verão, quando tinham de enfrentar um longo inverno, antes da próxima reunião. Carícias e beijos não eram coisas novas para a maioria das meninas, e para algumas, Jondalar sabia, os primeiros ri tos não eram exatamente os primeiros, mas ele jamais iria desgraçá-las revelando-lhes o segredo.

Conhecia esse tipo de atração que as mocinhas exerciam sobre os homens, pois isso fazia parte das alegrias numa cerimônia de passagem e era justamente a atração que estava sentindo por Ayla. Ela beijou-lhe o pescoço. Ele estremeceu e fechou os olhos, entregando-se às carícias.

Desenhando círculos úmidos em seu corpo e sentindo a sua própria excitação crescer, ela foi abaixando. Para ele, era quase uma tortura, uma deliciosa tortura feita de cócegas e estímulos abrasadores. Quando chegou ao umbigo, não conseguiu resistir, e delicadamente forçou a cabeça dela um pouco mais para baixo, permitindo que sentisse no rosto a sua lança vigorosa e quente. Ela ofegava pesadamente com as vibrações interiores de seu corpo. Os tremeliques de língua eram mais do que ele podia suportar. Conduziu-lhe a cabeça na direção de seu órgão rígido e ereto. Ela levantou os olhos.

- Você quer que eu...
- Só se você quiser, Ayla.
- Você gosta?
- Gosto, Ayla.
- Eu quero.

Uma cálida umidade envolveu a ponta de seu órgão latejante e, depois, mais do que a ponta. Ele gemeu. A língua dela explorava a cabeça roliça e macia, conhecendo a pequena fissura e descobrindo a textura da pele. Ficou mais confiante quando as suas ações começaram a provocar expressões de prazer. Ela vibrava

com as próprias palpitações internas. A língua girava ao redor, circunscrevendo-lhe a forma. Ele chamava-a pelo nome, enquanto ela atuava com a língua mais ativamente e a umidade invadia-lhe o interior das coxas.

Ele se sentia chupado em meio às sensações úmidas e quentes dos movi mentos se fazendo para cima e para baixo.

- Oh Doni! Oh mulher! Ayla, Ayla! Onde você aprendeu isto?

Ela procurava saber o quanto dele era capaz de absorver, abocanhando-o até quase engasgar-se. Os gritos e gemidos a animavam a prosseguir cada vez mais, até que ele começou a alçar para vir ao seu encontro.

Então, percebendo a necessidade que ele sentia de suas profundezas - e a sua própria necessidade - ela se levantou e montou, fazendo-se penetrar pelo membro dilatado em toda a sua avantajada plenitude. Ao curvar-se, gozou o prazer de ser alcançada em suas profundidades.

Ele levantou os olhos, arregalando-se com a magnífica visão dela. Iluminando por trás os seus cabelos, o sol transformava-os num halo dourado. Ela tinha os olhos cerrados, a boca aberta e o rosto transfigurado em êxtase. Ao jogar o corpo para trás, os seios esculturais projetaram-se, com os mamilos levemente mais rosados retesando-se. O seu corpo sinuoso brilhava ao sol. Dentro dele, profundamente entranhada, a virilidade de Jondalar estava prestes a explodir em seu arrebatamento.

Ela se ergueu ao longo do órgão e baixou quando ele, com a respiração presa, subiu ao seu encontro. Mesmo que tentasse controlá-la, já não poderia conter a força que rompia dentro dele. Berrou quando ela tomou a erguer-se. Ayla apertou-se contra ele, sentindo jorrar os prazeres de seu corpo estremecendo.

Ele buscou-a e, ao atraí-la para si, tocou-lhe com a boca os mamilos. Passados os instantes em que o prazer se foi esvaindo, ela rolou para o lado, liberta. Jondalar levantou-se, inclinando-se para beijá-la, depois buscou-lhe os seios para focinhar entre eles. Chupou um, chupou outro, e tomou a beijá-la. Por fim recostou-se ao seu lado, aninhando-lhe a cabeça.

- Eu gosto de lhe dar prazer, Jondalar.

- Nunca ninguém me deu tanto quanto você, Ayla.

- Mas gosta mais quando é você quem dá os prazeres.

- Não é exatamente que eu goste mais... Diga-me uma coisa: você me conhece tão bem assim?

- É porque você se orgulha daquilo que aprendeu. Esse é um talento seu como o de fazer ferramentas - ela riu. - Jondalar tem dois talentos. É m fazedor de ferramenta e um fazedor de mulher - disse ela, com arzinho satisfeito.

Ele deu uma gargalhada.

- Bela piada - não estava longe da verdade e era uma troça que já tinha sido feita antes com ele. - Mas você tem razão. Gosto de lhe dar prazer. Gosto de seu corpo, gosto de você inteira.

- Eu gosto quando você me dá prazer também. Enche as medidas do amor dentro de mim. Você pode me dar todo o prazer que quiser, só que de vez em quando quero ser eu a dar os prazeres.

Ele tomou a rir.

- Estou de acordo. Já que você tem tanta vontade de aprender, posso ensinar-lhe mais. Um pode dar prazer ao outro, você bem sabe. Gostaria que tivesse sido minha vez de “encher as medidas do amor” em você. Mas foi tão boa que nem o toque de Haduma conseguiria me levantar outra vez.

Ayla calou-se por um momento.

- Não teria importância, Jondalar.

- O que não teria importância?

- Mesmo que a sua virilidade nunca mais tomasse a levantar-se, ainda assim você encheria as minhas medidas.

- Não diga uma coisa dessas! - ele riu, mas teve um ligeiro arrepio.

- A sua virilidade tomará a levantar-se - disse ela com grande solenidade. Depois deu uma risadinha.

- Onde você arrumou tanta malícia, mulher? Há coisas com que não se brinca - disse ele, fingindo-se ofendido. E riu. Estava surpreendido e satisfeito com o tom brincalhão dela e com a descoberta que começava a fazer do senso de humor.

- Gosto de fazê-lo rir. Rir com você é quase tão bom como fazer amor. Quero que você sempre ria comigo. Porque, então, acho que você nunca dei xará de gostar de mim.

- Deixar de gostar de você? - perguntou ele, aprumando o corpo e olhando para ela. - Ayla, procurei por você toda a minha vida, sem saber que estava procurando. Você é tudo o que eu sempre quis. Tudo aquilo que sempre sonhei numa mulher, e mais ainda. Você é um enigma fascinante, um paradoxo. Você é totalmente sincera, aberta, não esconde nada; no entanto, a mulher mais misteriosa que já conheci.

“Você é forte, autoconfiante, inteiramente capaz de cuidar de si mesma e de mim; apesar disso, você não se incomodaria de prostrar-se aos meus pés, se eu deixasse, tão naturalmente como eu me curvaria diante de Doni. Você é destemida, corajosa, salvou a minha vida, tratou de mim até eu ficar bom; caçou a minha comida, providenciou o meu bem estar. Você não precisa de mim. Mas me faz ter vontade de protegê-la, cuidá-la, não deixar que nada de mau lhe aconteça.

“Poderia viver com você toda a minha vida, sem chegar jamais a conhecê-la realmente; há em você

profundidades que muitas existências não bastariam para explorar, sendo sábia e ancestral como a Mãe e tão fresca e jovem quanto uma mocinha nos seus primeiros ritos. E você é a mulher mais linda que eu já vi. Nem consigo acreditar que tive tamanha sorte. Não pensava que fosse capaz de amar alguém. Agora sei que estava apenas esperando por você. Achava que o amor para mim fosse impossível, Ayla. Amo-a mais do que a própria vida.

Ayla tinha lágrimas nos olhos. Ele beijou-lhe as pálpebras e a abraçou bem apertado como se tivesse medo de perdê-la.

Quando despertaram na manhã seguinte, havia uma fina camada de neve no chão. Soltaram a abertura da barraca e se meteram outra vez sob as peles, mas os dois se sentiam tristes.

- Já é tempo de voltar, Jondalar.

- Acho que sim - falou ele, olhando para a sua respiração saindo numa baforada de vapor. - A estação ainda está no princípio. Não há perigo de enfrentar tempestades.

- Nunca se sabe. O tempo às vezes surpreende.

Eles, por fim, se levantaram e desmontaram o acampamento. A funda de Ayla derrubou um grande jerbo que surgiu de sua toca subterrânea com os seus rápidos pulinhos sobre os dois pés. Ela o apanhou pelo rabo que tinha o dobro do comprimento de seu corpo e o suspendeu às costas pelas patas traseiras, providas de garras duras como cascos. No acampamento, rapidamente pelou-o e colocou-o para assar no espeto.

- Estou triste de voltar - falou Ayla, enquanto Jondalar armava a fogueira. - Foi... divertido. Viajar por viajar, parando onde desse vontade, sem termos de nos preocupar com cargas d fardos. Acampar durante o dia só por que dava vontade de nadar ou fazer amor. Que bom você ter tido essa idéia.

- Também estou triste por ter terminado, Ayla. Foi uma boa viagem.

Ele se levantou para ir buscar mais lenha, encaminhando-se na direção do rio. Ayla ajudou. Contornaram uma curva e encontraram uma pilha de galhos tombados, apodrecendo no chão. De repente Ayla ouviu um barulho. Ela levantou a cabeça e procurou por Jondalar.

- Ei! Você aí! - chamou uma voz.

Um pequeno grupo de pessoas se encaminhava na direção deles, acenando-lhes. Ayla agarrou-se a Jondalar, e o braço dele cercou-a protetoramente, tranqüilizando-a.

- Não se preocupe, Ayla. Eles são mamutoi. É aquela gente que eu lhe falei que se orgulha de caçar mamutes. Eles acham que somos mamutoi também.

Quando as pessoas se aproximaram, Ayla, com surpresa e assombro, virou-se para Jondalar.

- Olhe, Jondalar, estão sorrindo - disse ela. - Estão sorrindo para mim.

Fim